



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

JUSTINA TELLECHEA

**ESTRATÉGIA COLABORATIVA PARA APOIO AO PROCESSO DE PESQUISA E
PUBLICAÇÃO: UMA PROPOSTA DE ESTRUTURA INFORMACIONAL POR
ÁREAS TEMÁTICAS NO CAMPO DA GESTÃO**

Salvador
2023

JUSTINA TELLECHEA

**ESTRATÉGIA COLABORATIVA PARA APOIO AO PROCESSO DE PESQUISA E
PUBLICAÇÃO: UMA PROPOSTA DE ESTRUTURA INFORMACIONAL POR
ÁREAS TEMÁTICAS NO CAMPO DA GESTÃO**

Tese apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Administração da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia - UFBA, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Administração.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizabeth Matos Ribeiro

Coorientador: Prof.^o Dr. Horacio Nelson Hastenreiter Filho

Salvador
2023

**ESTRATÉGIA COLABORATIVA PARA APOIO AO PROCESSO DE PESQUISA E
PUBLICAÇÃO: UMA PROPOSTA DE ESTRUTURA INFORMACIONAL POR
ÁREAS TEMÁTICAS NO CAMPO DA GESTÃO**

Escola de Administração - UFBA

T273 Tellechea, Justina.

Estratégia colaborativa para apoio do processo de pesquisa e publicação: uma proposta de estrutura informacional por áreas temáticas no campo da gestão / Justina Tellechea. – 2023.
452 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Matos Ribeiro.

Coorientador: Prof. Dr. Horácio Nelson Hastenreiter Filho.

Tese (doutorado): Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração, Salvador, 2023.

1. Gestão do conhecimento. 2. Comunidades de prática.
3. Aprendizagem organizacional. 4. Disseminação seletiva da informação. 5. Recursos de informação – Pesquisa. I. Universidade Federal da Bahia. Escola de Administração. II. Título.

CDD – 658.4038

JUSTINA TELLECHEA
ESTRATÉGIA COLABORATIVA PARA APOIO AO PROCESSO DE PESQUISA E
PUBLICAÇÃO: UMA PROPOSTA DE ESTRUTURA INFORMACIONAL POR
ÁREAS TEMÁTICAS NO CAMPO DA GESTÃO

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Administração pela Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 27 de julho de 2023

Banca Examinadora

Prof.^a Dra.^a Elizabeth Matos Ribeiro – Orientadora _____
Doutora em Ciências Políticas e da Administração pela Universidade de Santiago
de Compostela, Espanha
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof.^o Dr.^o Horacio Nelson Hastenreiter Filho – Coorientador _____
Doutor em Administração pela Universidade Federal da Bahia – UFBA,
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof.^o Dr.^o Gillian Leandro De Queiroga Lima _____
Doutor em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia – UFBA
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof.^o Dr.^o José Gileá De Souza UNEB _____
Doutor em Desenvolvimento Regional e Urbano pela UNIFACS
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Prof.^a Dra.^a Núbia Moura Ribeiro _____
Doutora em Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Instituto Federal da Bahia – IFBA

Prof.^o Dr.^o Rodrigo Muller _____
Doutor em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná –
UTFPR
Universidade Federal da Bahia – UFBA

AGRADECIMENTOS

Aos meus avós que já se foram, mas que sempre cultivaram em mim o poder da educação.

Ao meu amor Márcio que é meu companheiro de vida e não mede esforços para me ver feliz.

Ao meu filho Théo que está crescendo em mim e me motivou a concluir esse projeto.

Ao meu amor de quatro patas Toph que foi a minha melhor companhia durante todo o processo de escrita.

A minha família e amigos que de perto ou de longe sempre me apoiaram e me incentivaram a seguir caminhando.

Ao meu amigo e orientador, Prof.^o Dr. Horacio Nelson Hastenreiter, pelos mais de 12 anos de orientação (desde a graduação até o doutorado), amizade, compreensão e parceria.

A minha querida orientadora, Prof.^a Dra. Elizabeth Matos, por me acolher nesse processo de doutoramento.

A Prof.^a Dra. Gabriela Tebet por ter me acolhido tão bem no meu doutorado sanduíche na Faculdade de Educação da UNICAMP.

A Prof.^a Dra. Nubia Moura Ribeiro e ao Prof.^o Dr. Gillian Leandro de Queiroga Lima pelas valiosas contribuições em minha banca de qualificação.

A Universidade Federal da Bahia, especialmente a Escola de Administração da UFBA e ao Núcleo de Pós-graduação em Administração, ambos representados por seus coordenadores, professores, técnico-administrativos e discentes.

A Prof.^a Dra. Andrea Ventura por apoiar e fortalecer as ações do Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicação – NAPP.

A Anaélia que sempre esteve a postos para nos ajudar nas questões burocráticas/administrativas que surgiam ao longo do processo da pós-graduação.

Aos colegas das turmas do mestrado de 2013 e do doutorado de 2018 que sempre me apoiam nas pesquisas.

A toda a comunidade de professores, discentes, egressos e técnicos envolvidos nesse projeto de Gestão do Conhecimento do NAPP. A colaboração de cada um de vocês foi e continua sendo fundamental para fortalecer os processos de pesquisa e publicação.

TELLECHEA, Justina. **Estratégia colaborativa para apoio do processo de pesquisa e publicação: uma proposta de estrutura informacional por áreas temáticas no campo da gestão.** Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Matos Ribeiro. Coorientador: Prof. Dr. Horácio Nelson Hastenreiter Filho. 2023. 452 f.: il. Tese (Doutorado em Administração): Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração, Salvador, 2023.

RESUMO

Partindo da premissa de que a mobilização organizacional é um dos requisitos essenciais para a introdução da gestão do conhecimento nas organizações, o presente trabalho teve por objetivo modelar, implementar e avaliar uma estratégia colaborativa de Gestão do Conhecimento para as atividades de pesquisa e publicação no programa de pós-graduação da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia - EAUFBA, com base em informações e conhecimentos necessários para a qualificação dessas atividades. Para tal, foi concebida uma base informacional para estruturação de referências para as diferentes áreas da gestão, além de informações que subsidiam a atividade de publicação, como relação de revistas e eventos por área temática. Fundamentado nas teorias e práticas de Gestão do Conhecimento (GC) e utilizando a metodologia de Comunidade de Prática (CoP), o trabalho relatou e explorou, crítica e propositivamente, cada fase de desenvolvimento da estratégia selecionada. Frente às limitações encontradas, ao longo do processo colaborativo, foi possível identificar, a partir da percepção dos respondentes, o grau de importância atribuído ao uso desse instrumento colaborativo de GC. Os resultados da pesquisa evidenciaram que o trabalho de estruturação de materiais e informações na página oficial da instituição selecionada se mostrou extremamente relevante para os usuários, especialmente para os estudantes recém ingressos nos cursos de graduação e pós-graduação. Foi possível observar, ainda, que a relevância deste estudo revelou a importância do processo colaborativo que contou com a participação ativa de mais de 30 membros da CoP criada para esse fim (entre docentes, discentes e egressos). Merece ser ressaltado outro impacto relevante que resultou na criação de uma página web, alimentada com conteúdos de 12 áreas temáticas atinentes ao campo da administração/gestão que incluiu os seguintes aspectos: principais abordagens, referências seminais e contemporâneas, possibilidades de estudos com base em questões de pesquisa, links de interesse, lista das principais revistas e periódicos e glossários com os principais verbetes da área. Adicionalmente, foi possível organizar e disponibilizar para a comunidade acadêmica selecionada um conjunto de informações sobre ferramentas de pesquisa (referentes a análises quanti-quali) que privilegiou o uso de base de dados, normas e eventos acadêmicos.

Palavras-chave: Gestão do Conhecimento; Comunidade de Prática (CoP); Construção coletiva

TELLECHEA, Justina. **Collaborative strategy to support the research and publication process: a proposal for an informational structure for thematic areas in the field of management.** Thesis advisor Elizabeth Matos Ribeiro and Horácio Nelson Hastenreiter Filho. 2023. 452 f.: il. Doctoral Thesis – School of Management, Federal University of Bahia, Salvador, 2023.

ABSTRACT

Based on the premise that organizational mobilization is one of the essential requirements for the introduction of knowledge management in organizations, this work aimed to model, implement and evaluate a collaborative Knowledge Management (KM) strategy to support research activities and publication in a Postgraduate Program at the School of Administration of the Federal University of Bahia. To this end, an informational base was conceived for structuring references for the different areas of management, complemented with information that subsidizes the publication activity, such as a list of magazines and events by thematic area. Based on Knowledge Management (KM) theories and practices and using the Community of Practice (CoP) methodology, the work reported and explored, critically and positively, each development phase of the selected strategy. Faced with the limitations found throughout the collaborative process, it was possible to identify, based on the respondents' perception, the degree of importance attributed to the use of this collaborative KM tool. The results of the research showed that the work of structuring materials and information on the official page of the selected institution proved to be extremely relevant for users, especially for students who have just entered undergraduate and graduate courses. It was also possible to observe that the relevance of this study revealed the importance of the collaborative process that had the active participation of more than 30 members of the CoP created for this purpose (including professors/students and graduates). It is worth highlighting another relevant impact that resulted in the creation of a web page, fed with contents from 12 thematic areas related to the field of administration/management, which included the following aspects: main approaches, seminal and contemporary references, possibilities for studies based on questions search terms, links of interest, list of the main magazines and periodicals and glossaries with the main entries in the area. Additionally, it was possible to organize and make available to the selected academic community a set of information on research tools (referring to quanti-quali analyses) that favored the use of databases, standards and academic events.

Keywords: Knowledge Management; Community of Practice (CoP); collective construction

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – As 5 formas de se gerar conhecimento de Davenport e Prusak, 1998.....	25
Quadro 2 – Estágios do modelo de maturidade de GC de Lee e Kim.....	28
Quadro 3 – Fases do modelo de GC de Cajueiro.....	29
Quadro 4 – Desafios da GC para a administração pública nos eixos temáticos para o desenvolvimento.....	31
Quadro 5 – Definições de Aprendizagem Organizacional.....	34
Quadro 6 – Modelo de Análise da Pesquisa.....	41
Quadro 7 – Conceitos de CoP.....	44
Quadro 8 – Bases de dados da pesquisa.....	47
Quadro 9 – Lista inicial das áreas temáticas e seus responsáveis.....	57
Quadro 10 – Planilha de acompanhamento das produções.....	64

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa conceitual sobre Gestão do Conhecimento.....	19
Figura 2 - Processo SECI.....	23
Figura 3 - Modelo Americano de Distribuição de Conhecimento.....	24
Figura 4 - Comparação modelos Japonês e Americano de GC.....	24
Figura 5 - Modelo de Maturidade de Terra.....	26
Figura 6 - Modelo de GC para IES proposto por Cajueiro (2008)	30
Figura 7 - Modelo de GC para a Administração Pública de Batista (2012)	32
Figura 8 - Linha do Tempo do Núcleo de Pós-graduação em Administração da EAUFBA.....	37
Figura 9 - Foto da reunião do NAPP de agosto de 2020.....	51
Figura 10 - Áreas Temáticas da Gestão.....	52
Figura 11 - Fluxograma de Pesquisa e Publicação e das Informações Demandadas.....	53
Figura 12 - Proposta inicial para a página do NAPP.....	54
Figura 13 - Atribuições dos discentes.....	54
Figura 14 - Atribuições dos Docentes.....	55
Figura 15 - Foto do início da reunião do NAPP de novembro de 2020.....	56
Figura 16 - Foto do final da reunião do NAPP de novembro de 2020.....	56
Figura 17 - Orientações sobre os tópicos a serem preenchidos por área/abordagem.....	59
Figura 18 - Card apresentação NAPP no Congresso UFBA 2021.....	62
Figura 19 - Participação do NAPP no Congresso UFBA em fevereiro de 2021.....	62
Figura 20 - Prazos iniciais para as entregas das produções.....	63
Figura 21 - Estrutura final da página do NAPP.....	66
Figura 22 - Site do NPGA.....	67
Figura 23 - Página do NAPP.....	67
Figura 24 - Disposição das informações na página do NAPP.....	68

Figura 25 - Exemplo de visualização dos materiais das áreas temáticas.....	68
Figura 26 - Ferramentas de pesquisa.....	69
Figura 27 - Normas de pesquisa.....	72
Figura 28 - Bases de pesquisa nacionais.....	72
Figura 29 - Bases de pesquisa internacionais.....	73
Figura 30 - leitura e aceite aos termos da pesquisa.....	76
Figura 31 - Perfil dos respondentes.....	77
Figura 32 - Tempo de atuação como docente.....	78
Figura 33 - Percepção dos docentes do nível de contribuição dos materiais das 12 áreas temáticas da gestão.....	78
Figura 34 - Tabela de dados da questão sobre a contribuição das 12 áreas temáticas.....	79
Figura 35 - Indicação dos docentes/pesquisadores de outras ferramentas de pesquisa além das listadas na página do NAPP.....	80
Figura 36 - O quanto a disponibilização dos links dos principais eventos acadêmicos da área de gestão pode contribuir para os docentes/pesquisadores.....	81
Figura 37 - Tabelas de dados da questão sobre a contribuição dos links de eventos.....	81
Figura 38 - Proposição dos docentes/pesquisadores para a periodicidade para revisão dos materiais.....	82
Figura 39 - Atribuição de relevância pelos docentes/pesquisadores para o conjunto de materiais e informações disponibilizadas na página do NAPP no que se refere a contribuição para as atividades de pesquisa e publicação.....	83
Figura 40 - Percepção dos discentes/pesquisadores do nível de contribuição dos materiais das 12 áreas temáticas da gestão.....	85
Figura 41 - Indicação dos discentes/pesquisadores de outras ferramentas de pesquisa além das listadas na página do NAPP.....	86
Figura 42 - O quanto a disponibilização dos links dos principais eventos acadêmicos da área de gestão pode contribuir para os discentes/pesquisadores.....	87
Figura 43 - Proposição dos discentes/pesquisadores para a periodicidade para revisão dos materiais.....	88
Figura 44 - Atribuição de relevância pelos discentes/pesquisadores para o conjunto de materiais e informações disponibilizadas na página do NAPP no que se refere a contribuição para as atividades de pesquisa e publicação.....	88
Figura 45 - Estatísticas da avaliação geral da página do NAPP.....	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AO	Aprendizagem Organizacional
CoP	Comunidade de Prática
EAUFBA	Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia
GC	Gestão do Conhecimento
GT	Grupo de Trabalho
IES	Instituição de Ensino Superior
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
KM	<i>Knowledge Management</i>
NAPP	Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicação
NAPTec	Núcleo de Apoio a Produção Tecnológica e Técnica
NPGA	Núcleo de Pós-graduação em Administração
P&D	Pesquisa & Desenvolvimento
TI	Tecnologia da Informação
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA.....	18
2.1. Gestão do Conhecimento	18
2.2. Modelos de Gestão do Conhecimento.....	22
2.2.1. Modelo Japonês de Nonaka e Takeuchi (1995; 2000)	22
2.2.2. Modelo Americano de Davenport e Prusak (1998)	23
2.2.3. Modelo de Maturidade de Terra (2000).....	26
2.2.4. Modelo de Maturidade de Lee e Kim (2001)	28
2.2.5. Modelo de Cajueiro (2008)	28
2.2.6. Modelo de Batista (2012)	31
2.3. Aprendizagem Organizacional e Criação do Conhecimento.....	33
3. O NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – NPGA E O NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA E PUBLICAÇÃO – NAPP.....	36
3.1. O Núcleo de Pós-Graduação em Administração – NPGA da UFBA	36
3.2. O Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicação – NAPP	39
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	41
4.1. Abordagem Metodológica.....	41
4.1.1. Modelo de Análise	42
4.2. Método - Comunidade de Prática - CoP	42
4.3. Procedimentos técnicos para a coleta de dados	47
4.3.1. Revisão Integrativa da Literatura	47
4.3.2. Levantamento Survey	48
5. RESULTADOS DA PESQUISA	51
5.1. Relato do processo de desenvolvimento da estratégia colaborativa	51
5.1.1. Apresentação da proposta	51
5.2. A página do NAPP.....	66
5.3. Resultados da avaliação da página do NAPP pelos potenciais usuários	75
6. ANÁLISE CRÍTICA DO PROCESSO E DE SEUS RESULTADOS	91
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
APÊNDICE I – PLANILHA DE REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA.....	104
APÊNDICE II – LEVANTAMENTO SURVEY	124
ANEXOS DO I AO XII.....	129

1. INTRODUÇÃO

Em ambientes fluidos de constantes mudanças, a habilidade de aprender, se adaptar e transformar de maneira célere segue sendo uma vantagem competitiva importante para as organizações, especialmente, na era da sociedade da informação e do conhecimento. Nesse contexto de contínuas transformações e da necessidade de gerenciamento de grandes volumes de informações, a discussão sobre conhecimento a partir de uma perspectiva organizacional tem ganhado destaque na literatura contemporânea.

A Gestão do Conhecimento – GC (Knowledge Management – KM) como fator competitivo, suas estratégias, modelos e teorias começaram a ser trabalhadas entre as décadas de 1980 e 1990. Passadas quatro décadas, segue sendo um campo do conhecimento de volumosa relevância, especialmente em tempos de incertezas, escassez, crescente pressão por resultados e necessidades de rápidas mudanças em contextos econômicos políticos e sociais, nos quais, segundo Castells (2007), informação e conhecimento se reafirmam como subsídios preponderantes na vida pessoal e organizacional.

Os estudos sobre a Gestão do Conhecimento vêm ganhando notoriedade no campo das ciências sociais aplicadas, especialmente na área da Administração. Entre as razões que podem ser associadas a esse fenômeno, destaca-se a disseminação da GC como estratégia competitiva de organizações que atuam tanto no setor público quanto no setor privado, em acordo com uma estrutura societária baseada no conhecimento. Santos (2017) corrobora que na contemporaneidade são necessárias, cada vez mais, investigações no âmbito epistemológico e empírico da GC para que sejam desenvolvidos modelos, estratégias e processos que auxiliem as organizações, sejam elas públicas ou privadas, a utilizar o conhecimento nelas existentes. Segundo Oliveira (2011), para as instituições públicas, tal motivação está pautada na capacidade de cumprir sua missão, o que se traduz em oferecer e prestar com mais qualidade os serviços de interesse da sociedade. Nessa perspectiva, Terra (2005) indica que para que a Gestão do Conhecimento ocorra é necessário que a organização assimile as características e demandas do ambiente competitivo e, adicionalmente, busque entender as necessidades individuais e coletivas associadas aos processos de criação e aprendizado.

O que se percebe nos estudos sobre o tema é que a maioria das organizações reconhece a importância das práticas de GC, todavia, raras conseguem implementá-las. Há barreiras como a resistência à mudança, resistência à adoção de processos colaborativos, mas

fundamentalmente, há a apresentação de frameworks e propostas complexas, focadas essencialmente na adoção de métodos prescritos da GC, quando o aspecto mais relevante e o foco da mudança devem estar associados aos processos organizacionais e suas relações com o conhecimento em si. Além disso, como a adoção dos processos de GC exigem um considerável esforço organizacional, os colaboradores percebem facilmente o ônus, mas têm dificuldade de enxergar o bônus. O ônus é imediato e o bônus pode vir no futuro, mas se apresenta, na maioria das instituições, pouco tangível.

Na literatura é possível identificar múltiplos modelos que tratam sobre os processos e fluxos de GC, mas é de difícil identificação autores que apresentem e discutam como fazer de fato que as organizações assumam a GC como uma ação estratégica. Os modelos são carentes ao demonstrar como despertar o interesse em colaborar, produzir e gerir o conhecimento de forma coletiva. Assumindo a GC como estratégica e central nos processos organizacionais, o que a bibliografia traz pouco dá conta de discutir sobre como sensibilizar e trazer as pessoas para colaborar com as práticas de GC.

Segundo Martins (2010), os processos principais de GC são identificação, captura, seleção e validação, organização e armazenagem, compartilhamento, aplicação e criação do conhecimento. O processo identificação tido como o inicial é baseado na identificação das competências essenciais para as atividades da organização. No entanto, essas competências essenciais só se tornarão evidentes a partir do momento em que as atividades da organização possam ser observadas e compreendidas de forma semelhante pelos membros de uma organização. Desse modo, a atividade de identificação antes de focar nas competências, deve focar nas atividades e na forma de gerar uma compreensão comum da sua execução e do que é necessário para o seu melhor exercício. Será, portanto, a partir do estabelecimento de uma visão compartilhada das atividades organizacionais e das informações e conhecimentos necessários para o seu bom exercício que será possível estabelecer as competências essenciais de uma organização.

Em termos de administração pública, de acordo com estudos realizados, especialmente por Batista (2012) e Halou (2015), a gestão eficaz do conhecimento ajuda as organizações a enfrentarem novos desafios, a implementar práticas de gestão inovadoras e melhorar a qualidade de produtos, processos, e serviços públicos em benefício das comunidades locais e da sociedade como um todo. Entretanto, ainda que na gestão pública possam ser observadas algumas experiências bem-sucedidas na implementação da GC, a maioria delas tem um viés

administrativo. Se o estudo for direcionado ao contexto público da educação e a educação superior for um subcampo, essas experiências tendem a ser embrionárias.

Em seu trabalho sobre memória organizacional em uma instituição pública de ensino superior, Pedreira, Ferreira e Ribeiro (2019) discutem que, dentre as distintas perspectivas da GC, para que o compartilhamento do conhecimento ocorra, é necessária motivação da equipe, além de mecanismos de facilitação para que esse conhecimento gerado seja difundido, gere frutos e navegue entre as possíveis partes interessadas.

No tripé ensino, pesquisa e extensão que sustenta a atividade universitária, a pesquisa dialoga de uma forma especial com a criação e a necessidade de estruturação do conhecimento, sendo esse conhecimento gerado, insumo importante para as atividades de ensino e extensão. Percebe-se, no entanto, que apesar da geração natural de conhecimento, o processo de pesquisa é igualmente demandante de acesso aos mais diversos conhecimentos, principalmente quando se considera as atividades de difusão do conhecimento gerado, geralmente a partir das publicações. Nesse contexto, é essencial que as instituições de ensino dominem sua produção e gerenciamento do conhecimento. No âmbito de Instituições de Ensino Superior – IES, a ausência de adoções de estratégias de GC pode prejudicar a performance de suas funções sociais.

É com essa perspectiva voltada para o olhar acadêmico (meta-olhar) que se volta a presente proposta de abordagem para a Gestão do Conhecimento, pois o universo a ser explorado ainda é muito vasto, uma vez que se somam singulares os estudos que abordam os desafios da implementação de estratégias de GC em ambientes públicos do ensino superior. Quando se trata de estudos que discutam e apontem caminhos efetivos para iniciar o processo de gestão do conhecimento, sobretudo em como mobilizar pessoas para uma agenda de Gestão do Conhecimento, os achados são ainda mais parcos. Frequentemente, o tema é abordado como uma decisão organizacional e não na forma de uma construção organizacional, a qual pretende ser valorizada e instada a ocupar um lugar de destaque no presente trabalho. A relevância deste estudo se justifica ainda pelo caráter científico prático/empírico, uma vez que busca modelar, aplicar e avaliar uma estratégia de gestão do conhecimento colaborativa voltada para a disponibilização do conhecimento relevante na área de pesquisa e publicação (agenciamento de informações).

É a partir dessas reflexões e com o intuito de imprimir organicidade ao processo de produzir e estruturar o conhecimento associado ao processo de pesquisa e publicação que se

estabelece o problema de pesquisa para esse trabalho: *Como modelar uma estratégia de Gestão do Conhecimento colaborativa que envolva as atividades de pesquisa e publicação em um programa de pós-graduação de uma Instituição de Ensino Superior - IES com base em uma estrutura informacional?*

Corroborando com o problema de pesquisa, o pressuposto assumido neste estudo foi o seguinte: a partir do compartilhamento de uma visão comum sobre o processo que envolve as atividades de pesquisa e publicação e da compreensão das informações e conhecimentos necessários para a qualificação dessas atividades é possível modelar uma estratégia colaborativa envolvendo as partes interessadas que resulte na gestão do conhecimento relevante para o seu bom desempenho.

A abordagem metodológica adotada na presente pesquisa foi predominantemente qualitativa, atribuindo significado aos dados coletados, de modo a gerar, aplicar e avaliar uma proposição de estratégia colaborativa de GC. De modo complementar, também foram realizadas algumas análises quantitativas, por meio de estatísticas descritivas, a fim de consubstanciar os resultados da pesquisa.

Dentre os distintos métodos passíveis de serem aplicados no contexto da pesquisa qualitativa, o processo acabou ao longo da trajetória do estudo por se enquadrar na denominada Comunidade de Prática (CoP), que vem a ser um método reflexivo, com caráter formativo, resultando em um processo de aprendizado coletivo. Neste método, no qual o pesquisador foi sujeito participante do processo, se buscou aprender de forma coletiva, desenvolvendo e estruturando conteúdos de grande interesse no cenário acadêmico da gestão, de modo a viabilizar o compartilhamento do conhecimento e, portanto, facilitar o surgimento de novas ideias. Dentre as diferentes técnicas, ao longo da pesquisa foram utilizadas a análise de dados secundários e o levantamento de *survey*.

Quanto à viabilidade do estudo, demonstrou exequibilidade, uma vez que contou não somente com a anuência, mas, fundamentalmente, com a participação ativa de professores/pesquisadores, alunos matriculados e egressos ligados ao programa de pós-graduação em administração da Universidade Federal da Bahia (NPGA/UFBA). Ao selecionar esse lócus da pesquisa, compreendeu-se que estes perfis supracitados são os atores centrais nos processos de Gestão do Conhecimento (GC) de uma IES pública.

Como principal objetivo, o estudo pretende: *Modelar, implementar e avaliar uma estratégia colaborativa de Gestão do Conhecimento para as atividades de pesquisa e publicação em um programa de pós-graduação de uma universidade federal, com base em informações e conhecimentos necessários para a qualificação dessas atividades.* Complementarmente, para atingir o objetivo geral, a pesquisa adotou os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar o conjunto de conhecimentos e informações relevantes para otimização das atividades de pesquisa e publicação na área de gestão/administração;
2. Desenvolver uma estratégia colaborativa para apoiar em termos de informações e conhecimento as atividades de pesquisa e publicação;
3. Implementar a estratégia colaborativa desenhada;
4. Monitorar os objetivos da estratégia, avaliando a percepção e o grau de importância atribuído pelas partes interessadas de acordo com o grau de maturidade acadêmica.

Cabe ressaltar que o presente estudo não teve a intenção de medir o nível de maturidade dos processos de GC da IES analisada, uma vez que outros pesquisadores a exemplo de Matos Junior (2017) já se debruçaram sobre o tema, nem tão pouco prescrever um modelo de GC estruturado, todavia compreende a importância de se explorar a literatura clássica sobre modelos de GC.

A tese apresenta sete capítulos incluindo esta introdução. No próximo capítulo é apresentada a revisão integrativa da literatura na qual se aprofundam os conceitos, teorias e abordagens que são mais aderentes à área de gestão do conhecimento. Logo depois, para situar o leitor sobre o ambiente de realização da pesquisa (lócus), se descreve o histórico do NPGA e do NAPP. Em seguida, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados ao longo do trabalho. Posteriormente, discorre-se sobre os resultados do processo e suas respectivas análises que incluem o relato do processo de desenvolvimento da estratégia colaborativa, o resultado da página do NAPP, a avaliação da plataforma pelos potenciais usuários. Logo, faz-se a análise crítica dos resultados (análise geral dos resultados do processo). E, por fim, são apresentadas as considerações finais, que incluem o apontamento das limitações e recomendações da pesquisa.

2. REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

A revisão integrativa da literatura desta tese tem como foco fornecer uma compreensão mais abrangente e historiográfica dos principais modelos de Gestão do Conhecimento propostos para organizações. Dessa maneira, o capítulo apresenta uma visão geral sobre as discussões de GC, logo se caracterizam, por ordem temporal, os modelos de GC mais difundidos na literatura e por fim, de modo complementar, se apresenta uma discussão sobre aprendizagem organizacional e criação do conhecimento.

2.1. Gestão do Conhecimento

Conhecimento é uma mistura fluída de experiência condensada, valores, informação contextual e insight experimentado, a qual proporciona uma estrutura para avaliação e incorporação de novas experiências e informações (DAVENPORT E PRUSAK, 1999, p.68).

Etimologicamente, o termo Gestão (do latim *gestio onis*) significa “ato de gerir”, “gerência” e” ato de administrar”. Já o termo Conhecimento (do latim *cognoscere*) significa o ato ou efeito de conhecer. Conhecimento e Gestão são, portanto, expressões que seguramente já subsistem há muito tempo, todavia a união dos termos “Gestão do Conhecimento” é uma discussão relativamente contemporânea na literatura (dada das últimas quatro décadas). Desde que se começou a cunhar o termo Gestão do Conhecimento, distintos *frameworks* (modelos) que ajudam a descomplexificar e explicitar a teoria foram apresentados por estudiosos da área.

Geograficamente, a GC teve origem em três diferentes lugares: Japão/Ásia onde se discutia a relação entre a criação do conhecimento e a inovação; Suécia/Europa onde se buscou construir estratégias baseadas em competências e; Estados Unidos/América do Norte onde se buscava apresentar relações entre informação e inteligência artificial (FUKUNAGA, 2017).

A imperatividade de se gerir o fluxo do conhecimento organizacional conduziu pesquisadores a realizarem pesquisas sobre os processos e procedimentos adotados nos mais distintos tipos de empresas e a desenvolver modelos/estratégias de gestão que variam conforme o olhar de cada um desses autores acerca desse fluxo (MARTINS, 2010).

De acordo com Hoffmann (2012), a GC como modelo de gestão organizacional, seja na esfera pública e/ou privada, pode assumir diferentes abordagens, tais como: Aprendizagem Organizacional, Gestão do Capital Intelectual, Gestão por Competências, Inteligência Organizacional ou Competitiva.

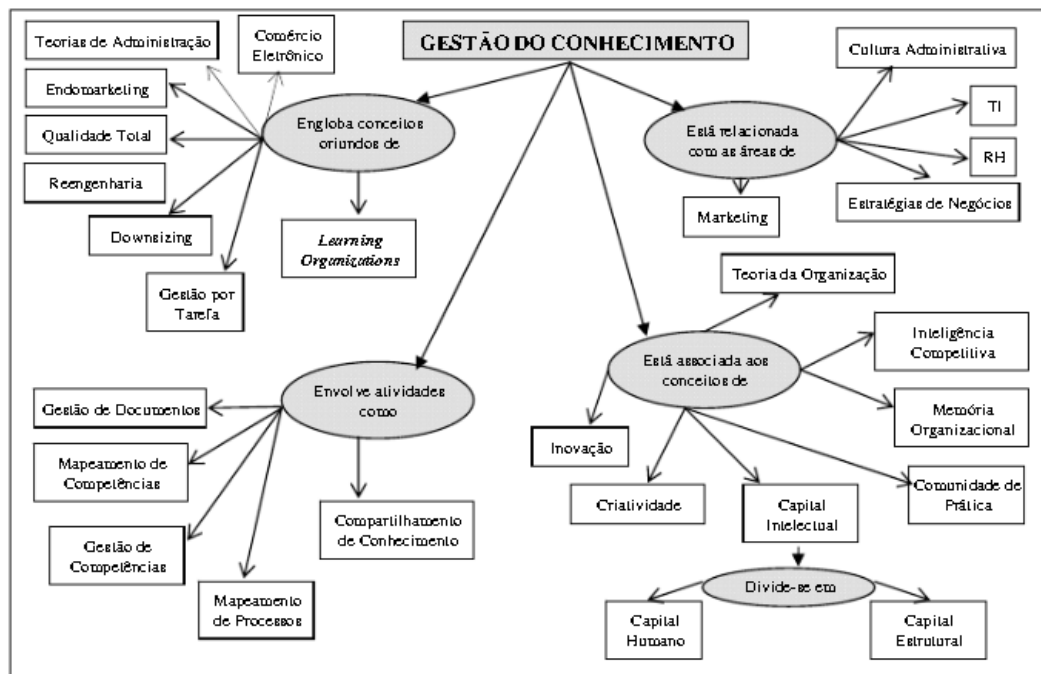
Para Nonaka e Takeuchi (1995), a GC é a aptidão que uma instituição tem para criar conhecimento (no nível do indivíduo), disseminá-lo e incorporá-lo a produtos, serviços e sistemas, levando em consideração que o conhecimento é um processo de criação que está dividido entre conhecimentos tácito e explícito.

Davenport e Prusak (2003) incorporam nessa discussão a variável do compartilhamento, definindo a GC como um conjunto interligado de atividades que tem como finalidade identificar, capturar, gerenciar e compartilhar todo o ativo de informações de uma organização.

Já Choo (2003), parte da premissa de que o conhecimento organizacional é gerado partindo da conexão de processos correlatos ao uso da informação. Para o autor existem três processos que são fundamentais quando se trata de GC: criação de significado, construção do conhecimento e tomada de decisão.

Outros pesquisadores como Carvalho, Souza e Loureiro (2002) definem a gestão do conhecimento como um novo conceito complexo e amplo da área de gerenciamento do conhecimento que envolve distintas variáveis, conforme a Figura 1:

Figura 1 - Mapa conceitual sobre Gestão do Conhecimento



Fonte: Carvalho, Souza e Loureiro (2002, n.p) Anais SBGC

Nos estudos desenvolvidos por Batista (2005), no contexto do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea, se defende fortemente que o propósito da GC em organizações públicas deve ser compreendido de forma mais abrangente que em empresas do setor privado.

Autores como Ichijo e Nonaka (2007) indicam alguns pontos que dificultam o desenvolvimento de programas de GC nas organizações. Destacam que, além das áreas/disciplinas tradicionais da gestão como estratégia, recursos humanos, finanças e marketing, as práticas de GC deveriam ser reconsideradas de modo a fomentar a competitividade por meio da criatividade e inovação. Nesse sentido pode-se inferir que os programas de GC, quando focados apenas nas áreas tradicionais, não conseguem dar conta das especificidades dos processos humanos e acabam por permanecer vagos, perdendo sua força e apoio.

Valentim assume que a GC é um conjunto de estratégias que permitem a criação, a absorção, o compartilhamento e a utilização de ativos de conhecimento, bem como o mapeamento de fluxos informais (redes), *“a fim de transformar o conhecimento gerado pelos indivíduos (tácito) em informações (explícito) necessárias no tempo e formato adequados, auxiliando na geração de ideias, solução de problemas e tomada de decisão”* (VALENTIM, 2008, p. 4).

Segundo Fresneda, et al. (2009) a GC pode ser compreendida como uma sistemática, explícita e deliberada, de construção, renovação e aplicação do conhecimento para potencializar a efetividade da organização e o retorno de seus ativos de conhecimento. Corroborando com os autores, entende-se que nesse processo, contínuo e sistemático, é realizada a transferência e a criação de conhecimentos entre indivíduos e equipes e desses para a organização, sendo este último acompanhado de uma destacada complexidade gerencial.

Alguns autores como Heisig (2009) e Kuriakose (2010) apresentam algumas atividades, elementos e critérios que devem ser levados em consideração ao propor ou analisar um modelo de GC. Quanto às dimensões, podem ser diversas, todavia, existem seis propostas por Kuriakose (2010) que buscam traduzir os modelos de GC, são elas: contexto; aplicabilidade; estágios; avaliação; validação e áreas-chaves. Sobre as atividades desenvolvidas dentro do contexto de modelos de GC, Heisig (2009) sugere as seguintes: identificar, criar, armazenar, compartilhar e aplicar o conhecimento. O referido autor, em concordância com Gonçalves (2017), ressalta, ainda, como fatores críticos de sucesso os seguintes: fatores humanos

(cultura, pessoas e liderança); aspectos organizacionais (estrutura e processos); tecnologia da informação e gerenciamento de processos (estratégia e controle) (GONÇALVES, 2017).

Rautenberg et al. (2012) apresentam que a GC é um campo multidisciplinar e jovem, com contribuições de diversos autores/escolas, gerando diferentes abordagens, sendo que consideram que as duas principais são a japonesa e a americana. Para Argote (2005), estas abordagens são mais apropriadamente identificadas como abordagens orgânicas (japonesa) e computacionais (americana) da GC.

Na literatura específica sobre GC na administração pública, a exemplo dos estudos desenvolvidos por Helou (2015) e Batista (2012), se discute como pode auxiliar as instituições a enfrentarem desafios atuais, considerando o grande fluxo de informações, assim como, inovar nas práticas e estratégias de gestão e aprimorar a qualidade dos seus processos e serviços públicos beneficiando a comunidade local e da sociedade em geral.

Ao recorrer a Ribeiro e Izquierdo (2017), observa-se que, com o surgimento de novas técnicas de acompanhamento e mensuração no contexto do Conhecimento Organizacional ou Corporativo, as instituições tendem a ser mais conscientes do valor estratégico da informação e do conhecimento que dispõem. Consequentemente, ressaltam que não se restringem a empregá-lo unicamente como meio de produção, mas como um ativo em si mesmo provido de um elevado valor estratégico.

Ao pensar em organizações voltadas para o conhecimento, como é o caso das universidades, a abordagem da GC tende a ser voltada ao processo de tornar o conhecimento disponível, substantivo e ampliado por e para os indivíduos, assim como conectá-los por meio de um sistema de conhecimento da organização. Essa linha de pensamento da GC se entrelaça (caminha lado a lado) com a discussão de Aprendizagem Organizacional – AO. Segundo Lee e Kim (2001), as organizações aprendem por meio dos indivíduos que as compõem, observando que a aprendizagem organizacional são as estratégias utilizadas por uma determinada organização para promover o compartilhamento das aprendizagens individuais e grupais, através da disponibilização das condições necessárias no ambiente organizacional.

Para Azevedo (2004), as práticas de ensino e aprendizagem podem ser fortalecidas pela GC, uma vez que permite o auxílio no desenvolvimento de ambientes favoráveis com vistas à estimulação das práticas pedagógicas voltadas ao ensino, pesquisa, extensão, gestão de riscos e o levantamento das competências humanas (*hard e soft skills*) na organização. Corroborando

com essa análise, Leite (2006) define a gestão do conhecimento científico como a ação de planejar e monitorar ações que controlem o fluxo de conhecimento científico nos aspectos implícitos e explícitos, com base no processo de comunicação científica.

Desde que o termo GC começou a ser utilizado, diferentes *frameworks* que ajudam a explicar, medir a maturidade e especificar a teoria foram apresentados por pesquisadores desse campo do conhecimento. Na próxima seção se busca apresentar os principais modelos de Gestão do Conhecimento.

2.2. Modelos de Gestão do Conhecimento

A escolha dos modelos abaixo discutidos teve como objetivo fornecer uma visão mais ampla, complementar e temporal sobre os modelos de Gestão do Conhecimento que prevalecem nas revisões bibliográficas do tema, os quais incluem autores como Nonaka e Takeuchi (1995; 2000), Davenport e Prusak (1998), Terra (2000), Lee e Kim (2001), Cajueiro (2008) e Batista (2012).

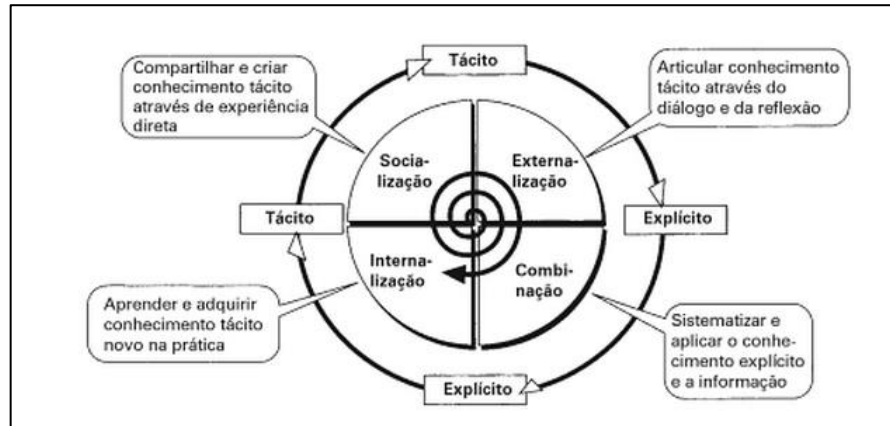
2.2.1. Modelo Japonês de Nonaka e Takeuchi (1995; 2000)

O modelo de Gestão do Conhecimento proposto pelos autores japoneses Nonaka e Takeuchi em 1995 e complementado pelos mesmos nos anos 2000, se configura como um dos modelos mais expressivos da literatura internacional e mais aplicado e disseminado nas organizações, em nível mundial. Todavia, apesar de ser o modelo de GC mais citado, ele se configura mais como um modelo de compartilhamento de conhecimento e não propriamente de gestão. Este modelo é apresentado graficamente em um espiral que se divide em quadrantes que explicitam seu conteúdo, partindo da premissa de que uma organização não cria conhecimento, mas os indivíduos nela compreendidos sim. Sendo assim, é valioso que a organização, que se apresenta como um meio propício para a geração de conhecimento pelos indivíduos, apoie e estimule atividades ou contextos geradores de conhecimento.

Os autores defendem que o conhecimento é um processo de criação e está dividido entre conhecimentos tácito e explícito (SANTOS, 2017). No modelo são apresentadas quatro etapas de conversão do conhecimento: (1) *socialização*: de tácito para tácito; (2) *externalização*: de tácito para explícito; (3) *combinação*: de explícito para explícito; (4) *internalização*: de

explícito para tácito. Na literatura este ciclo ficou conhecido como espiral, modelo ou processo SECI conforme figura abaixo.

Figura 2 - Processo SECI



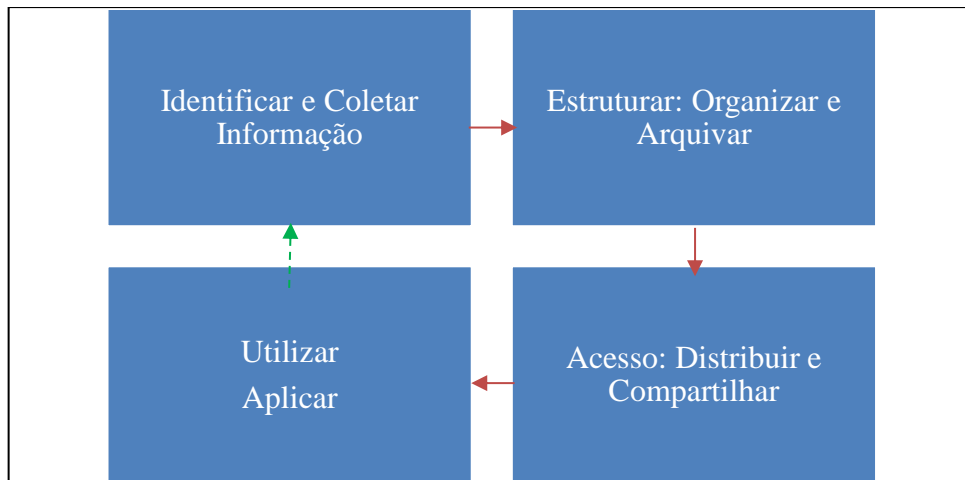
Fonte: Takeuchi, H; Nonaka, I (2008)

Quanto às interpretações sobre as tipologias de conhecimento, para Nonaka e Takeuchi (2008), o conhecimento tácito é aquele de difícil codificação, ou seja, expresso por palavras, fruto da empiria. Já o conhecimento explícito é objetivo e de mais simples codificação, ou seja, formalizado com palavras, números e fórmulas, para ser transmitido rapidamente e em grande escala.

Segundo Pinheiro (2017), neste modelo japonês, a interação entre conhecimento tácito e explícito é dinâmica e contínua, ou seja, a espiral do conhecimento se configura dinamicamente, portanto, tem-se interações cada vez maiores, à medida em que sobem os níveis ontológicos da espiral. Todavia, é importante considerar que neste modelo é difícil explicar e/ou destacar como a organização trabalha a variável “motivação” no nível individual para estimular a participação e colaboração em processos de gestão do conhecimento.

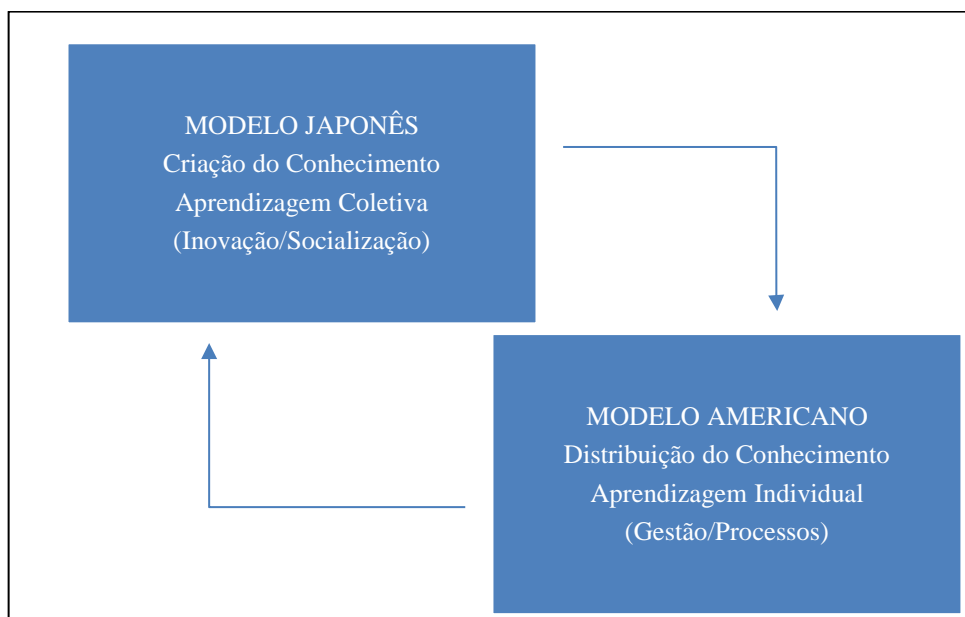
2.2.2. Modelo Americano de Davenport e Prusak (1998)

O modelo americano de Davenport e Prusak (1998) foi desenvolvido tomando como base as experiências dos autores com consultorias em diversas empresas americanas e apresenta como premissa que o aprendizado coletivo, a forma com a qual a empresa usa e como busca e aproveita novos conhecimentos, é a vantagem sustentável mais importante de uma organização. O direcionamento desse modelo é voltado para gestão de processos, resultados operacionais e tem foco nas Tecnologias da Informação e da Comunicação- TICs. A figura 3 ilustra bem esse modelo americano:

Figura 3 - Modelo Americano de Distribuição de Conhecimento

Fonte: Adaptado de Davenport e Prusak (1998)

Ao comparar o modelo proposto por Davenport e Prusak com o modelo de Nonaka e Takeuchi, é possível verificar que o americano se preocupa mais com a distribuição do conhecimento, pensando, sobretudo, na gestão, nos processos e nas TICs. Já a concepção japonesa tem foco na criação do conhecimento, valorizando, especialmente, a socialização e a inovação. Mas é possível reconhecer que ambos compreendem as pessoas como fundamentais nos processos de GC.

Figura 4 – Comparação modelos Japonês e Americano de GC

Fonte: Elaboração própria adaptado de Davenport e Prusak, 1998; Takeuchi, H; Nonaka, I (2008)

Os autores trabalham seu modelo com base em cinco formas de geração do conhecimento, conforme mostra o Quadro 1:

Quadro 1 – As 5 formas de se gerar conhecimento de Davenport e Prusak, 1998

FORMAS	DESCRIÇÃO
AQUISIÇÃO	Contratação/aquisição de conhecimentos por meio de consultorias e/ou assessorias. Trata-se da contratação ou prestação de serviços de profissionais com conhecimentos específicos, como a maneira mais direta e geralmente mais diligente para a organização. Os autores compreendem que a forma de “aquisição” pode ser temporária, todavia defendem que parte dos conhecimentos destes profissionais tendem a ficar na empresa.
RECURSOS DIRIGIDOS	Direcionamento de recursos para criação de centros de pesquisa e desenvolvimento (P&D) ou setores específicos para produzir novos conhecimentos.
FUSÃO	Compreende a fusão de diferentes saberes, ou seja, a valorização da multidisciplinaridade para desenvolverem projetos. Os autores defendem que é nesse tipo de ambiente, que se valorizam os diferentes olhares para encontrar uma solução em comum, que surgem as inovações.
ADAPTAÇÃO	Poder de adaptação de forma célere em situações de crise. Nesses contextos de crise que podem surgir novos conhecimentos que fazem as organizações se destacarem.
REDES DO CONHECIMENTO OU COMUNIDADES DE PRÁTICA	Partilha/geração do conhecimento por meio de redes informais, a exemplo das comunidades de prática que podem surgir por meio de pessoas com interesses em comum. Os autores destacam que também podem ser reconhecidas como redes de conhecimento as redes sociais, grupos de e-mails, os fóruns de discussão, entre outras práticas coletivas que busquem formal ou informalmente solucionar problemas de forma coletiva.

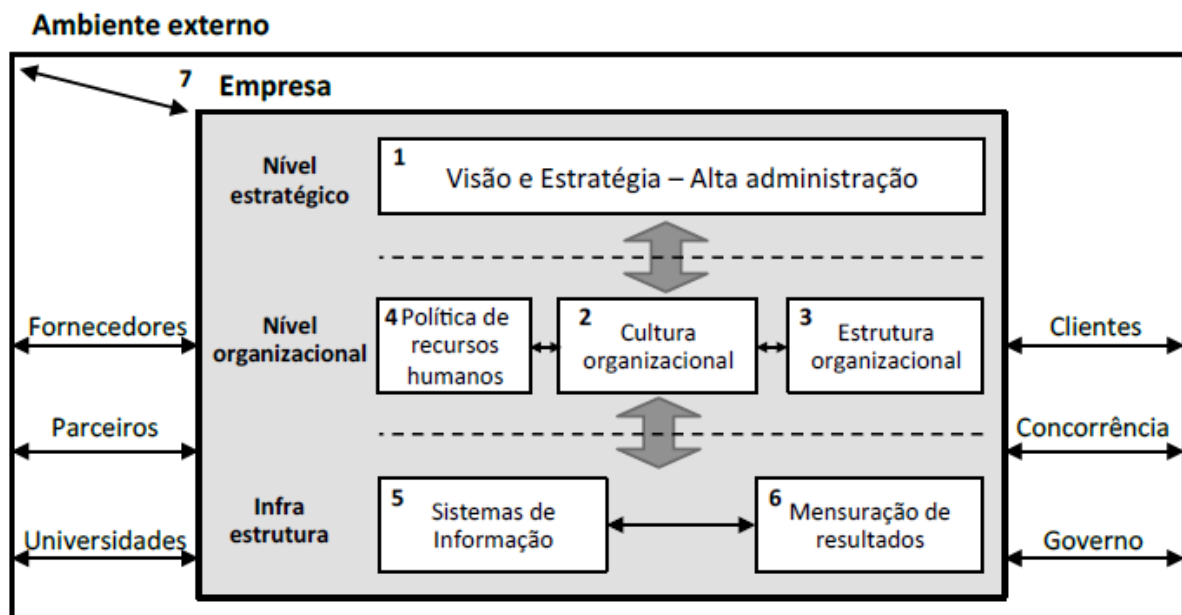
Fonte: Elaboração própria adaptado de SANTOS (2017)

O modelo de Davenport e Prusak dialoga com este trabalho, especialmente do ponto de vista das redes de conhecimento e comunidades de práticas, uma vez que demonstra que um grupo de professores, alunos e egressos com interesses comuns se uniram voluntariamente para produzir e partilhar conhecimento na área da gestão.

2.2.3. Modelo de Maturidade de Terra (2000)

Diferentemente dos modelos apresentados anteriormente, o modelo de maturidade proposto por Terra, busca categorizar as empresas em três distintos grupos: as que aprendem, as tradicionais e as atrasadas. A criação destes três grupos partiu de uma investigação empírica realizada com aproximadamente 600 dirigentes de empresas brasileiras utilizando como base as sete dimensões destacadas na Figura 5.

Figura 5 - Modelo de Maturidade de Terra



Fonte: Terra (2000)

Em seu modelo, o citado autor indica que a interação entre as sete dimensões ocorre de forma espontânea e contínua levando em consideração os ambientes internos e externos. Motta (2011) aponta que esse modelo lembra um apanhado de valores que devem ser avaliados durante todo o processo de incorporação das práticas de GC. Contudo, para que seja efetivo é necessário que a organização pré-estabeleça algumas ações que preparem o ambiente institucional para cada dimensão:

1. **Alta administração** – pensa estrategicamente na área de GC e no planejamento das metas e valores organizacionais;
2. **Cultura organizacional** – foca, de forma sistêmica e integrada, em experimentação, aprendizagem e inovação contínua com visão de longo prazo, buscando sempre novos desafios;

3. **Estrutura organizacional** – avalia a autonomia dos colaboradores e como eles se preparam para gerar novos conhecimentos;
4. **Recursos humanos** – atrai e retém os colaboradores com as competências e habilidades necessárias para as atividades da organização, estimulando o aprendizado nas esferas individuais e coletivas e estruturando políticas de gestão de pessoas que favoreçam esses processos;
5. **Sistemas de informação** – suporta os processos de geração, difusão e armazenamento de conhecimento;
6. **Práticas de mensuração e divulgação de resultados** – avalia os resultados após o estabelecimento das práticas de GC na organização.
7. **Processos de aprendizado por meio de alianças com outras empresas** – analisa as redes de relacionamentos e parcerias com outras organizações e clientes.

Quanto à distinção entre os grupos de organizações, Terra (Ibidem) aponta que as empresas que aprendem (primeiro grupo) são em sua maioria de grande porte, estrangeiras e incorporam ao seu cotidiano de trabalho as práticas de GC, apresentando assim uma melhor performance de mercado. Afirma que as empresas tradicionais (segundo grupo) possuem investimentos majoritariamente nacionais e apesar de disporem das práticas de GC, não as incorporam aos seus processos diários de trabalho, usando esse recurso pontualmente em situações específicas. O que segundo o autor, as leva a apresentar um desempenho mais baixo quando comparado com o primeiro grupo. Já o terceiro grupo, que reflete as empresas consideradas atrasadas é composto por pequenos empreendimentos com baixa participação no mercado, capital nacional e com poucas práticas de GC.

Com base nos resultados do estudo, o autor afirma que como esse modelo tem seu direcionamento para o mercado privado, foca predominantemente nos fatores ambientais que contribuem para o sucesso da organização, apresentando as universidades como um desses agentes ambientais externos que podem ajudar a mitigar problemas e encontrar soluções estratégicas para as práticas de GC.

2.2.4. Modelo de Maturidade de Lee e Kim (2001)

Lee e Kim (2001) expressam que a implementação da GC em uma organização é um processo evolutivo composto por etapas que se precedem. O modelo de maturidade proposto por eles é composto pelos estágios descritos no quadro 2:

Quadro 2 – Estágios do modelo de maturidade de GC de Lee e Kim

ESTÁGIO	DESCRIÇÃO
INICIAÇÃO	Fase de preparação e sensibilização para a adoção da GC o que envolve a definição de objetivos, pensar no tipo de comunicação, preparar a equipe, dispor de um orçamento e desenvolver um projeto piloto.
PROPAGAÇÃO	Fase de investimentos em infraestrutura e início efetivo das atividades de GC, o que envolve investimento em tecnologia, acompanhamento das fases do processo, medição, aplicação de um sistema de recompensas, realização de treinamentos e flexibilidade na estrutura organizacional.
INTEGRAÇÃO	Fase de verificação dos processos e efetivamente contribuições da GC para os resultados organizacionais. Envolve atenção às redes de trabalho, conhecimento crítico e foco nas fases de disseminação e medição do projeto.
PARTICIPAÇÃO	Fase que tem foco nas parcerias externas, na criação de alianças e nas redes de trabalho com vistas a troca de conhecimento interno e externo a empresa.

Fonte: Elaboração própria adaptado de Lee e Kim (2001)

Lin (2007) indica que os modelos de maturidade buscam analisar e aferir determinados aspectos relacionados à GC no decorrer do tempo, preocupando-se, além da fase de implementação, com as fases de evolução e maturidade. Corroborando com Lin, Santos (2017) aborda que os modelos de maturidade em GC permitem que as instituições estabeleçam metas de evolução. Entretanto, Oliveira et al. (2011) e Santos (2017) refletem que o modelo de maturidade proposto por Lee e Kim (2001) não apresenta elementos suficientes para que seja aplicado pois aborda apenas alguns objetivos de forma conceitual.

2.2.5. Modelo de Cajueiro (2008)

Diferente dos outros modelos apresentados que tem um foco maior no mercado, o modelo trabalhado por Cajueiro (2008) propõe uma estrutura de GC para Instituições Privadas

de Ensino Superior (IES). Quanto aos objetivos, busca apoiar a geração de oportunidades que levem a vantagens competitivas, amparar os procedimentos de tomada de decisão e proporcionar avanços nas atividades rotineiras das IES.

Corroborando com outros modelos que não foram necessariamente desenvolvidos para instituições de aprendizagem, o modelo proposto pela referida autora leva em consideração os seguintes elementos:

1. Ambiente Externo;
2. Ambiente Interno;
3. Estratégia Organizacional;
4. Estrutura;
5. Processos;
6. Pessoas.

Esses elementos ajudam a compor a arquitetura do modelo proposto por Cajueiro (2008) que contempla três fases:

Quadro 3 – Fases do modelo de GC de Cajueiro

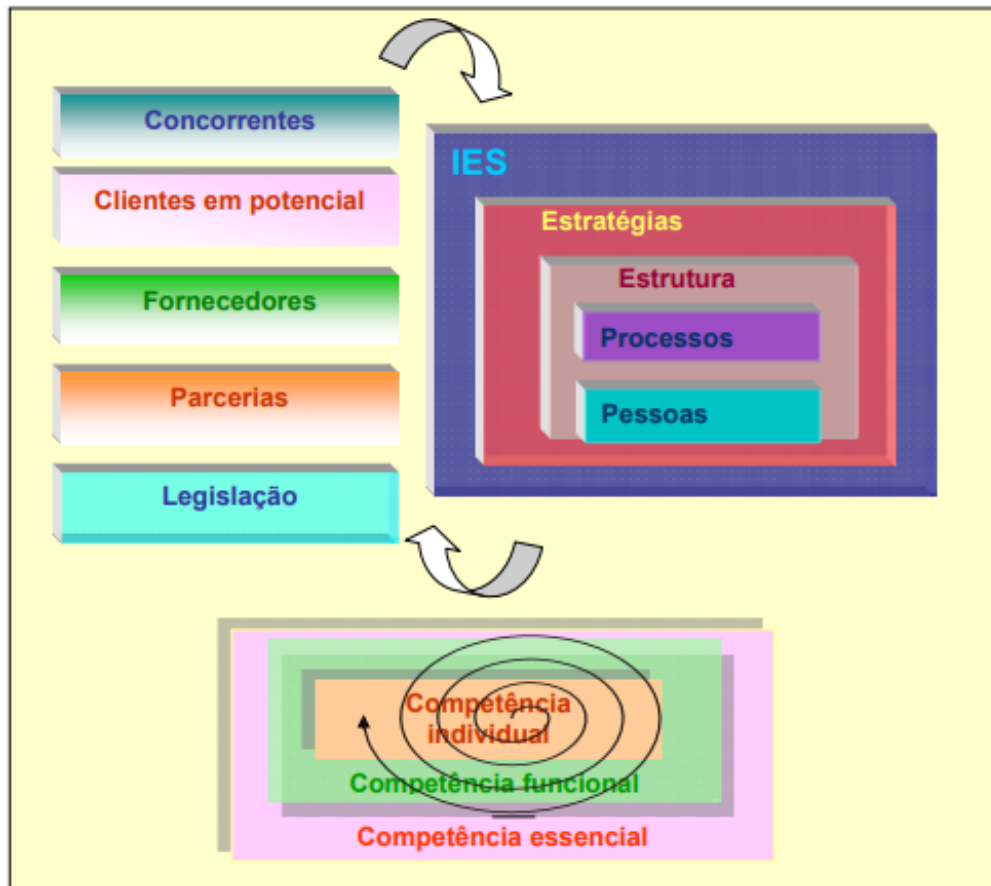
FASE	DESCRIÇÃO
Preparação da IES para a GC	<p>Estágio de sensibilização da instituição para a GC, mapeamento dos conhecimentos necessários para as atividades da instituição e o desenvolvimento de estratégias necessárias para a implementação da GC.</p> <p>→ Plano de Implantação da GC na instituição.</p>
Implementação de ações voltadas para GC	<p>Estágio relacionado ao desenvolvimento das competências individuais e organizacionais nos ambientes internos e externos à instituição.</p> <p>→ Treinamentos, implementação de sistemas de informação e criação do repositório de conhecimento.</p>
Avaliação de desempenho	<p>Estágio de medição, do ponto de vista quali-quantitativo, dos resultados alcançados após a adoção das práticas de GC. Essa fase inclui análises que permitem receber feedbacks, de maneira a corrigir os erros encontrados.</p> <p>→ Avaliação por meio de indicadores de desempenho.</p>

Feedbacks

Fonte: Elaboração própria adaptado de Cajueiro (2008)

É possível notar que as fases indicadas no modelo de Cajueiro (2008) dialogam diretamente com os estágios propostos no modelo de Lee e Kim (2001), contemplando etapas semelhantes, todavia aplicados a contextos distintos. A Figura 6 ilustra a arquitetura geral do modelo proposto por Cajueiro.

Figura 6 – Modelo de GC para IES proposto por Cajueiro (2008)



Fonte: Cajueiro (2008)

Ao apresentar a arquitetura de GC para as IES, Cajueiro (op. cit.) reforça que cada uma das três fases deve ser aplicada de maneira consecutiva e que o retorno (feedback) pode ser dado a cada etapa, permitindo que correções e adequações sejam feitas em cada estágio de modo a que o ciclo seja reiniciado tão logo os ajustes necessários sejam feitos. Considerando as três fases definidas pelo referido modelo, considera-se que poderia ser incorporado ao processo de construção coletiva do conhecimento do qual discorre o presente trabalho, especialmente no que tange à sensibilização, mapeamento dos conhecimentos, criação de repositórios de conhecimento e processo de avaliação das ações de GC.

Além de Cajueiro (2008), outros autores como Felix (2003) e Leite (2006) também buscaram compreender o contexto de GC no âmbito de IES. O estudo realizado por Felix

avaliou como o alinhamento estratégico de uma IES pode interferir nos processos de GC e para confirmar esse pressuposto mapeou os processos relacionados a GC antes e depois da implementação do alinhamento estratégico de uma instituição. Já Leite, analisou os princípios da GC sob a perspectiva dos processos de comunicação científica.

2.2.6. Modelo de Batista (2012)

Proposto por Fábio Ferreira Batista, pesquisador do IPEA por 30 anos, o modelo de CG conhecido como Modelo de Batista privilegiou aplicar esse método para analisar a realidade da Administração Pública Brasileira. Diferentemente dos demais modelos discutidos neste trabalho, a abordagem desse autor caracteriza-se como híbrida, visto que, além de ser descritiva também é prescritiva pois busca orientar a organização como implementar a GC. Em sua publicação sobre o tema apresenta uma série de discussões e achados na área de GC, inclusive a identificação dos principais desafios de GC que as organizações públicas enfrentam para elaborar, implementar e avaliar as políticas públicas, conforme demonstra o Quadro 4.

Quadro 4 - Desafios da GC para a administração pública nos eixos temáticos para o desenvolvimento

EIXO TEMÁTICO	DESAFIOS DA GC
1. Inserção internacional soberana	Mobilizar os conhecimentos essenciais para elaborar, implementar e avaliar políticas públicas internas e políticas que envolvem o relacionamento com outros países e povos coerentes com o objetivo de conquistar uma inserção internacional soberana.
2. Macroeconomia para o desenvolvimento	Mobilizar os conhecimentos essenciais para manejar políticas públicas de forma a articular os diversos atores sociais em torno de um projeto de desenvolvimento nacional sustentável e incluyente
3. Fortalecimento do Estado, das instituições e da democracia	Mobilizar os conhecimentos essenciais para definir arranjos institucionais mais adequados para conjugar Estado, mercado e sociedade em torno de um modelo de desenvolvimento sustentável e incluyente.
4. Estrutura tecnoprodutiva e regionalmente	Mobilizar conhecimentos essenciais, isto é criar, compartilhar e aplicar conhecimentos, para elaborar, implementar e avaliar políticas públicas referentes aos temas de ciência e tecnologia, inovação e competitividade, organização produtiva e economia regional.
5. Infraestrutura econômica, social e urbana	Mobilizar conhecimentos essenciais para atualizar a matriz energética brasileira e para expandir adequadamente a infraestrutura econômica e social do país (transportes, fontes energéticas e telecomunicações e as interconexões existentes entre tais dimensões).
6. Proteção social, garantia de direitos e geração de oportunidades	Mobilizar conhecimentos essenciais para – por meio de políticas públicas – garantir direitos, promover a proteção social e gerar oportunidades de inclusão qualificada (condição necessária a qualquer projeto nacional de desenvolvimento).
7. Sustentabilidade ambiental	Mobilizar conhecimentos essenciais para: i) proteger biomas de alta relevância; ii) implementar iniciativas estratégicas; iii) assegurar o acesso a água potável e a condições sanitárias adequadas (ativos

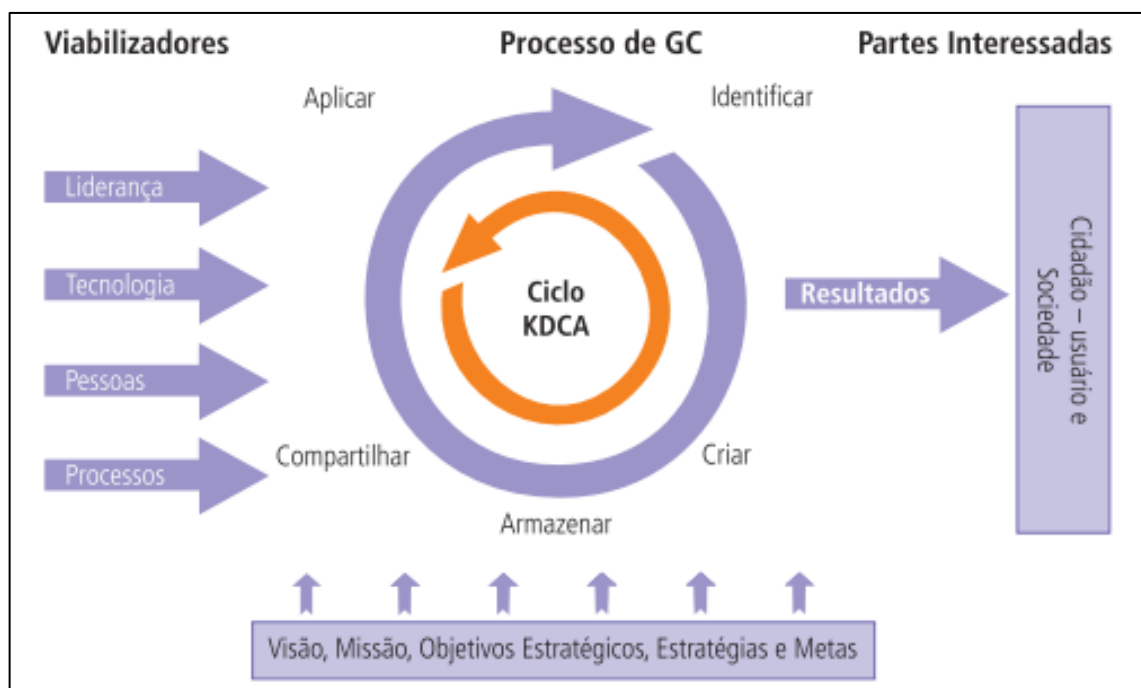
	fundamentais na concepção de desenvolvimento); e iv) gerenciar a biodiversidade e a biotecnologia
--	---

Fonte: Elaboração própria adaptado de Batista (2012)

Em sua análise, o autor avalia que “a capacidade da administração pública em gerenciar de maneira efetiva o conhecimento é fator crítico de sucesso em cada eixo temático na promoção do desenvolvimento brasileiro.” (BATISTA, 2012, p. 48).

Ao se debruçar sobre os modelos de GC disponíveis na literatura, Batista concluiu que os desenvolvidos para as organizações privadas, não se aplicam de forma adequada à realidade das instituições públicas, sobretudo à realidade brasileira. Em vista disso, buscou desenhar um modelo de GC genérico, amplo e híbrido, levando em consideração as especificidades da administração pública brasileira. O modelo é apresentado na Figura 7 abaixo disposta.

Figura 7 – Modelo de GC para a Administração Pública de Batista (2012)



Fonte: Batista (2012. P. 52)

Adaptando o ciclo do PDCA, método de gestão de processos e melhoria contínua da gestão, para o KDCA (*Knowledge* – elaboração de um plano de GC), Batista (Ibidem) propõe um modelo que leva em consideração seis grandes fatores: (i) Direcionadores estratégicos da organização (visão de futuro, missão, objetivos estratégicos, estratégias e metas); (ii) Viabilizadores da GC (liderança, tecnologia, pessoas e processos); (iii) Processos de GC (identificar, criar, armazenar, compartilhar e aplicar); (iv) Ciclo KDCA (planejar a GC, executar, verificar e atuar corretivamente); (v) Resultados da GC que podem ser separados em

resultados imediatos e finais (aumentar a eficiência; melhorar a qualidade e a efetividade social; contribuir para a legalidade, impessoalidade, moralidade e publicidade na administração pública e para o desenvolvimento brasileiro) e por fim (vi) Partes Interessadas (o cidadão-usuário e a sociedade).

O autor argumenta que o direcionamento da GC nas organizações públicas deve se voltar para o refinamento dos serviços prestados e, por conseguinte, o aprimoramento no atendimento à população, tendo em vista que essas organizações “trabalham para o povo”. A “responsabilidade pública, a inclusão social, a interação e a gestão do impacto da atuação da organização sobre a sociedade” também são apresentadas como ações a serem promovidas por meio da GC. (SANTOS, 2017, p. 82). Seguindo essa lógica reforça que é preciso que o modelo de GC para as organizações públicas atrele os procedimentos de GC com a aprendizagem e a inovação de forma a considerar o contexto da administração pública.

2.3. Aprendizagem Organizacional e Criação do Conhecimento

Explorando a literatura sobre Aprendizagem Organizacional, percebe-se que ainda existem muitas indagações a respeito desse fenômeno. “O que significa?”, “Quem aprende?”, “O que é aprendido?” “Quando ocorre?”, entre outros vários questionamentos.

Embora os autores referenciados na seção anterior apresentem desafios conceituais, teóricos e operacionais ao discutir GC e sua relação com a Aprendizagem Organizacional (AO), se faz necessário apresentar alguns conceitos-chaves sobre essa abordagem.

Falar em AO pode ser considerado uma licenciosidade já que a aprendizagem é um “ato” psicológico que ocorre no nível dos indivíduos. Segundo Pantoja, Lima e Borges-Andrade (1999), quem aprende são os indivíduos e não as organizações, ressaltando que é possível apenas compreender como ocorre a transferência de aprendizagem do nível individual para o nível organizacional.

Indo por esta mesma linha de pensamento, Kim (1993) afirma que as organizações aprendem por meio dos indivíduos que as compõem, observando, desse modo, que a AO refere-se às estratégias utilizadas por uma determinada organização para promover o compartilhamento dos conhecimentos individuais e grupais, através da disponibilização das condições necessárias no ambiente organizacional.

Fleury & Fleury (2001, p. 193), reforçam essa visão ao destacarem que as organizações que dispõem de condições necessárias para a promoção do compartilhamento das aprendizagens têm a capacidade de se moldar, mais rapidamente, às mudanças que ocorrem no mundo. Entretanto, assinalam que o processo de adaptabilidade constitui apenas o primeiro passo no processo de aprendizagem. Afirmando que o desejo de aprender vai além dessa fronteira: é criativo e produtivo.

Como complemento a essa discussão, Molina-Morales e Hoffmann (2002) afirmam que a intensidade das relações e a existência de relações informais produzem informação refinada e transferência de conhecimento tácito.

No quadro a seguir são apresentadas as sínteses das principais definições sobre aprendizagem organizacional.

Quadro 5 - Definições de Aprendizagem Organizacional

DEFINIÇÃO	NÍVEL DE ANÁLISE	NATUREZA DO PRODUTO/PROCESSO	AUTORES REPRESENTATIVOS
"[...] crescimento de insights e estruturas bem-sucedidas de problemas organizacionais, provenientes de indivíduos que exercem papéis decisivos na estrutura e nos resultados."	Individual	Estrutural e de desempenho	Simon (1970, p. 125)
"[...] aquisição, sustentação e mudança de significados intersubjetivos através da expressão e transmissão de ações coletivas de grupo."	Grupal	Cultural	Cook e Yanow (1996, p.384).
"[...] processos pelo qual a base do conhecimento organizacional é construída e desenvolvida (...)."	Organizacional	Cognitivo	Shrivastava (1983, p. 15)
"[...] codificação de inferências oriundas da história da organização que se manifestam por meio de rotinas que guiam o comportamento."	Organizacional	Cognitivo/Comportamental	Levitt e March (1988, p. 320, apud TSANG, 1997, p. 76).
"[...] A capacidade, conjunto de processos internos que mantêm ou melhoram o desempenho baseado na experiência, cuja operacionalização envolve a aquisição, a disseminação e a utilização do conhecimento."	Organizacional	Cognitivo/Comportamental	DiBella, Nevis e Gould (1996, p. 365).

Fonte: Elaboração própria adaptado de Bastos, Gondim e Loiola (2004, p.223).

Segundo Bastos, Gondim e Loiola (2004), a análise destes conceitos permite inferir sobre a complexidade da ampla diversidade de definições, quase tão grande quanto o número de autores que estudam o assunto. Parte da variabilidade conceitual observada no referenciado quadro decorre da ênfase dada por cada autor em um dos níveis de análise do fenômeno – individual, grupal ou organizacional. Em suma, pode-se concluir que é por meio dos processos de aprendizagem que as organizações desenvolvem as competências essenciais à realização de suas estratégias. Todavia, seja por meio da abordagem da AO ou da GC, são grandes os desafios que se apresentam no contexto organizacional para a sua efetiva adoção e aplicação, sobretudo, em instituições que trabalham com a produção do conhecimento, mas que não costumam adotar em suas rotinas ações e estratégias de gestão do conhecimento.

3. O NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – NPGA E O NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA E PUBLICAÇÃO – NAPP

Para situar o leitor sobre o ambiente de realização da pesquisa (lócus), optou-se por descrever brevemente o histórico do Núcleo de Pós-Graduação em Administração – NPGA e do Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicação – NAPP desde suas criações até os dias atuais com base em informações fornecidas pelas coordenações dos Núcleos, além dos dados secundários dispostos no site institucional do NPGA.

3.1. O Núcleo de Pós-Graduação em Administração – NPGA da UFBA

As atividades de pós-graduação da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia – EAUFBA surgiram em 1983 com a criação do curso de Mestrado Acadêmico. Dez anos depois, em 1993 foi criado o **Núcleo de Pós-Graduação em Administração – NPGA**¹, o qual surgiu com a competência de gerir, articular e dar suporte para as atividades da pós-graduação da EAUFBA. No mesmo ano de criação desse Núcleo, foram criados o curso de Doutorado em Administração Pública e o Programa de Capacitação Avançada – CPA (dedicado a oferta de cursos de especialização *lato sensu*). A criação do Programa de Mestrado Profissional em Administração (MPA), em 1998, ampliou o quadro de cursos ofertados pelo NPGA.

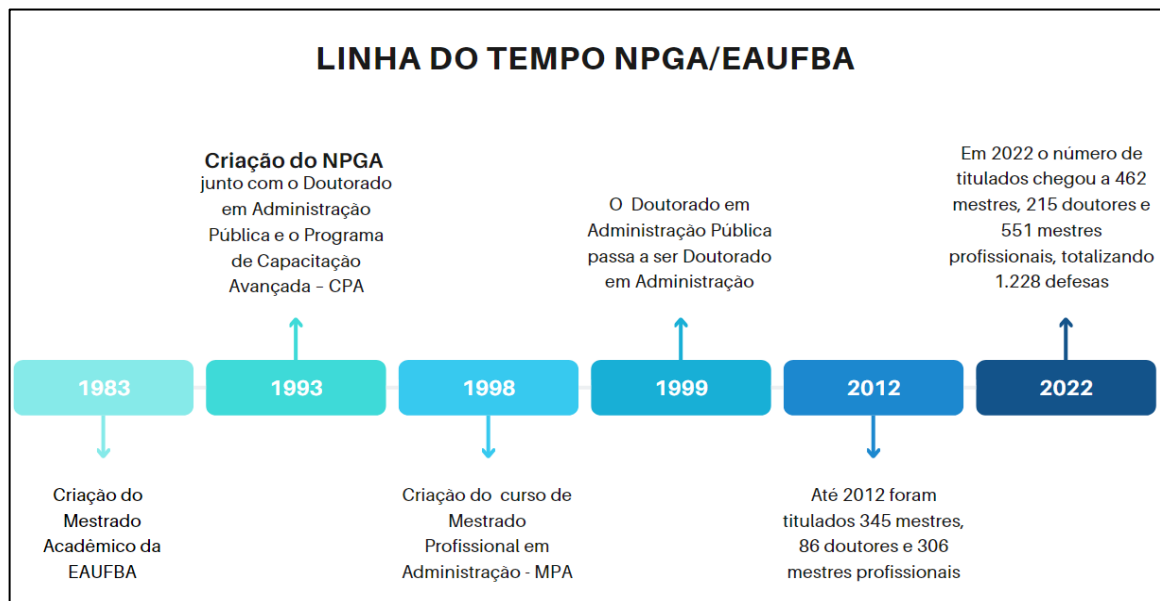
Conforme descrito em seu sitio institucional e reforçado por suas habituais atividades de ensino, pesquisa e extensão que focam na ampliação dos níveis de excelência, o NPGA busca formar recursos humanos no campo da Administração para atuarem como pesquisadores, docentes ou profissionais qualificados. O núcleo assume também uma função social de destaque no cenário local, regional, nacional e internacional na área de administração, de modo a garantir uma produção acadêmico-científica e tecnológica de qualidade, contribuindo para que a UFBA possa cumprir seu papel como instituição de educação superior pública, inclusiva e que produza impactos relevantes para transformar as organizações e a sociedade.

Para melhorar sua performance junto à sociedade, o NPGA tem estabelecido, desde 1998, parcerias com diversas organizações públicas, privadas e sociais, por meio da oferta de turmas corporativas do CPA e do MPA, contribuindo, assim, para modernizar a qualidade da gestão do estado da Bahia e do Brasil. Nesse sentido, pode-se destacar que o NPGA tem

¹ Texto baseado no conteúdo disponível no site do NPGA/EAUFBA - <https://npga.ufba.br/>

conseguido cumprir como louvor sua função como instância articuladora das diversas ações educativas e acadêmico-científicas que competem à Pós-Graduação desenvolver, especialmente as Instituições Públicas. Os números destacados até dezembro de 2022 confirmam essa análise positiva e qualificada do Núcleo que computou 1.228 (mil, duzentos e vinte e oito) defesas, divididas entre as seguintes titulações: 462 mestres, 215 doutores e 568 mestres profissionais.

Figura 8 – Linha do Tempo do Núcleo de Pós-graduação em Administração da EAUFBA



Fonte: Elaborada pela autora

Na tabela abaixo é possível visualizar os quantitativos de defesas por ano e por tipo de curso do NPGA/EAUFBA:

Tabela 1 – Quantitativo de defesas do NPGA por curso e ano.

Ano	Mestrado Acadêmico em Administração	Doutorado Acadêmico em Administração	Mestrado Profissional
1987	4	-	-
1988	5	-	-
1989	5	-	-
1990	2	-	-
1991	6	-	-
1992	9	-	-
1993	8	-	-
1994	13	-	-
1995	13	-	-
1996	13	-	-
1997	13	3	-
1998	13	-	-

1999	14	-	-
2000	18	7	27
2001	39	4	24
2002	22	1	21
2003	21	5	27
2004	29	4	28
2005	24	5	14
2006	17	4	42
2007	15	12	34
2008	19	6	45
2009	11	6	11
2010	7	1	16
2011	13	13	7
2012	12	20	14
2013	12	10	7
2014	11	12	36
2015	9	12	21
2016	9	11	15
2017	8	12	33
2018	7	16	44
2019	11	14	20
2020	6	13	15
2021	11	11	37
2022	13	13	13
Total	462	215	551
Total Geral		1228	

Fonte: NPGA (2023)

Considerando os variados acordos, convênios e parcerias firmadas com redes científicas, institucionais e sociais, cabe ressaltar que o NPGA “[...] conta com o apoio de órgãos de fomento à pesquisa e pós-graduação, como a CAPES, CNPq, FAPESB, de órgãos públicos e empresas de grande porte como a PETROBRAS, Ministério da Saúde, FIOCRUZ, Ministério da Justiça, entre outras.” (NPGA, 2023). Essa multiplicidade de relações institucionais indica, portanto, uma alicerçada atuação do NPGA e evidencia a qualificada reputação institucional que conquistou, desde a criação do mestrado acadêmico, em 1983.

Como um centro de formação, desenvolvimento de pesquisas e difusão de conhecimentos para toda a sociedade brasileira, o NPGA abriga hoje mais de 20 coletivos de pesquisas, contando com um corpo docente com formações diversificadas caracterizando o perfil multidisciplinar dessa área de conhecimento. Nesse sentido, tem legitimado uma atuação ampla como mostram as quatro linhas de pesquisa que conformam os Projetos Pedagógicos que envolvem os Programas Acadêmico e Profissional:

- Administração Pública e Sociedade;

- Educação, Aprendizagem e Gestão;
- Estudos Organizacionais;
- Tecnologia, Competitividade e Mercados.

Além de contar com a estrutura de grupos de estudos que alimentam a produção das referenciadas linhas de pesquisa, o NPGA abriga, ainda, o Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicação (NAPP) para oferecer suporte aos estudantes, docentes e egressos na produção e difusão do conhecimento produzido no âmbito do Núcleo, conforme será apresentado no próximo subcapítulo.

3.2. O Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicação – NAPP

O Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicações - NAPP foi criado em 2006 com a finalidade de apoiar o desenvolvimento de pesquisas e elaboração de teses e dissertações dos estudantes do Núcleo de Pós-Graduação em Administração (NPGA/ EAUFBA). Em 2013, o NAPP teve sua atuação redimensionada pelo Colegiado adicionando ao seu propósito inicial o objetivo de fomentar a pesquisa, a produção e a publicação acadêmica produzida no âmbito do NPGA. Em 2019, as atividades do núcleo foram retomadas por um grupo de discentes e docentes, reforçando o propósito de fomentar a pesquisa e ampliar a publicação da EAUFBA, além da formação de oito Grupos de Trabalhos (GTs) com temas que corroboravam com o propósito do NAPP, e inspiraram o desenho de desenvolvimento dessa tese, a saber:

1. EVENTOS → Planejar, executar, divulgar e acompanhar a organização de eventos relacionados ao NAPP;
2. PRÊMIO NPGA/ EAUFBA → Reconhecer os discentes e docentes responsáveis pelas melhores teses, dissertações e publicações na Escola;
3. LEVANTAMENTO HISTÓRICO → Conhecimento de principais ações já realizadas e desafios encontrados;
4. RELAÇÕES COM A SOCIEDADE → Fomentar a produção de pesquisas de impacto, que atendam demandas reais e locais da sociedade e que tenham potencial de transformar positivamente a realidade;
5. REPOSITÓRIO ELETRÔNICO → Realizar a gestão do armazenamento dos conteúdos de oficinas, cursos, eventos e publicações de forma que permita acesso desses dados e informações à comunidade acadêmica e social;
6. MANUALIZAÇÃO → Produzir e localizar manuais que sistematizem informações importantes para o corpo discente e docente;

7. ÁREAS TEMÁTICAS → Produção de “guias” para iniciar pesquisa na área;
8. PUBLICAÇÕES → Criar um manual para publicação com dicas básicas e acessíveis.

Nesse mesmo ano, se redefiniu o objetivo geral do NAPP o reforço às ações do NPGA voltadas a seus professores e alunado para a elaboração de pesquisas, teses e dissertações, e publicações de trabalhos acadêmicos. Esse objetivo geral, desdobrou-se, nos seguintes objetivos específicos:

- Mudança da visão sobre o que se espera do discente e sua integração com a NPGA;
- Maior aproximação entre pesquisadores (discentes e docentes);
- Fomentar a ampliação de publicações acadêmicas, a partir de maior protagonismo do alunado;
- Integração com o Núcleo de Apoio a Produção Tecnológica e Técnica (NAPTec);
- Ampliar a interação entre a graduação e a pós-graduação da EAUFBA;
- Atuar como “braço de apoio” das coordenações da EAUFBA.

Quanto à organização e operacionalização dos cursos ofertados pelo NAPP, se buscou, ao longo das gestões do referido núcleo, que estas ações fossem coordenadas e ministrados por professores/pesquisadores vinculados às instituições nacionais e internacionais, com expertise nos temas privilegiados. Essa oferta de cursos atendia o objetivo de aperfeiçoar e formar pesquisadores em métodos e técnicas de pesquisa, nos níveis de mestrado e doutorado, bem como inserir os alunos de iniciação científica vinculados aos grupos de pesquisa do NPGA.

Em 2020, com o ingresso de um novo coordenador, o NAPP ainda com o objetivo de dar suporte ao fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual dos professores, pesquisadores e alunos vinculados ao NPGA, retomou a discussão sobre a importância de trabalhar uma proposta de Gestão do Conhecimento baseada em áreas temáticas. Essa proposta também englobava ações ligadas ao repositório eletrônico, à manualização e às publicações. Por meio dessa iniciativa de GC, a qual é objeto de estudo desta tese e contou com a coliderança da presente pesquisadora, novos colaboradores foram sendo agregados ao NAPP e se iniciaram por meio de uma Comunidade de Prática os trabalhos para desenvolvimento da **estratégia colaborativa para apoio ao processo de pesquisa e publicação baseada em uma proposta de estrutura informacional por áreas temáticas no campo da gestão.**

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo busca apresentar e discutir os procedimentos metodológicos adotados para operacionalização da pesquisa. Dentre os itens discutidos estão a escolha da abordagem metodológica, a definição e discussão sobre o método (Comunidades de Prática – CoP) e a identificação e discussão sobre os procedimentos técnicos adotados para a coleta de dados: revisão integrativa da literatura e levantamento *survey*.

4.1. Abordagem Metodológica

A abordagem metodológica adotada na presente pesquisa é predominantemente qualitativa, uma vez que se busca interpretar fenômenos do contexto estudado (atividades de pesquisa e publicação em um programa de pós-graduação de uma universidade pública federal), atribuindo significado aos dados coletados de modo a gerar, aplicar e avaliar uma proposição de estratégia de GC. Todavia, ainda que a pesquisa tenha um viés mais qualitativo, foram utilizadas algumas análises quantitativas, por meio da aplicação de recursos e técnicas de estatística descritiva, objetivando traduzir em números os conhecimentos gerados por parte da pesquisa. Para desenvolvimento desta tese, a pesquisadora assumiu um itinerário epistemológico no qual as duas abordagens são complementares e não excludentes, ainda que se observe na vasta literatura sobre esse tema discussões sobre as polaridades entre estas duas correntes teórico-metodológicas: Positivismo versus Fenomenologia.

Seguindo a lógica não dicotômica, publicações de Santos (2014) assumem que os estudos quantitativos não carecem de oposição aos qualitativos e defende que os dois necessitam cooperativamente afluir na complementação recíproca.

É indiscutível que, em função dos distintos direcionamentos da investigação científica, os processos de análise e interpretação dos dados coletados pelo pesquisador podem variar significativamente. Contudo, independentemente da maneira que o pesquisador opte para tratar seus dados, é aceitável, de acordo com a literatura, tratar os dados recolhidos quantitativa e qualitativamente ao mesmo tempo, isto é, de forma quali-quantitativa (SANTOS, 2014).

No que se refere ao percurso metodológico adotado, ao modelo de análise e aos resultados provenientes deste trabalho, o presente estudo assume um caráter predominantemente empírico, podendo ser considerado inovador quando comparado aos processos convencionais de pesquisa científica, ainda que tenha seguido com rigor os procedimentos e fundamentos teóricos exigidos pela academia.

4.1.1. Modelo de Análise

Quadro 6 – Modelo de Análise da Pesquisa

PERGUNTA DE INVESTIGAÇÃO		
Como modelar uma estratégia de Gestão do Conhecimento colaborativa que envolva as atividades de pesquisa e publicação em um programa de pós-graduação de uma Instituição de Ensino Superior - IES com base em uma estrutura informacional?		
CONCEITOS	DIMENSÕES	INDICADORES
Gestão do Conhecimento	Estratégica Colaborativa Pesquisa e Publicação Informações e conhecimentos	Percepção das partes interessadas sobre a contribuição da estratégia de GC nas atividades de Pesquisa e Publicação
PRESSUPOSTO		
A partir do compartilhamento de uma visão comum sobre o processo que envolve as atividades de pesquisa e publicação e da compreensão das informações e conhecimentos necessários para a qualificação dessas atividades é possível desenvolver uma estratégia colaborativa envolvendo as partes interessadas que resulte na gestão do conhecimento relevante para o seu bom desempenho.		
MÉTODO	TÉCNICAS	
Comunidade de Prática - CoP	Revisão Integrativa da Literatura e Levantamento Survey	

Fonte: Elaboração própria

4.2. Método - Comunidade de Prática - CoP

Dentre as distintas possibilidades de métodos a serem adotados ao longo de pesquisas científicas e em busca de uma trilha que conduzisse para uma investigação ativa, colaborativa, que fosse contínua, sistemática, reflexiva e empiricamente fundamentada para aprimorar a prática, optou-se pela escolha do método de *Comunidade de Prática - CoP*. Essa configuração se deu, uma vez que um grupo de docentes, discentes e egressos se uniram voluntariamente para trocar, desenvolver e estruturar conhecimentos de forma coletiva na área de gestão, tendo como objetivo apoiar as atividades de pesquisa e publicação de um núcleo de pós-graduação em administração.

O conceito de Comunidade de Prática (*Community of Practice – CoP*) surgiu a partir de um estudo realizado por Etienne Wenger e Jean Lave (1991) sobre modelos de aprendizagem. Os autores destacam que a Comunidade de Prática pode se estruturar de forma presencial, virtual ou híbrida e no caso específico descrito neste trabalho a CoP se deu integralmente de modo virtual.

Ao trabalhar com estratégias de Gestão do Conhecimento distintas técnicas podem ser adotadas para suportar o processo, a exemplo de: Boas Práticas, Gestão da Inovação, *BrainStorming*, Comunidades de Prática, entre outras. Por sua vez, essas técnicas podem contar com diversas ferramentas para sua operacionalização, a saber: Redes Sociais, Grupos de WhatsApp, Sites Institucionais, Podcast, Chats, Fóruns de discussão, Intranet, Videoconferência, Blogs, entre outras.

Conforme pesquisas realizadas pela American Productivity & Quality Center - APQC (APQC, 2008) e reafirmadas pela Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento – SBGC, as Comunidades de Práticas estão cada vez mais ganhando destaque nos processos de GC das instituições. Isso se dá, pois as CoP perpassam barreiras existentes nos processos burocráticos, hierárquicos, geográficos e temporais.

De acordo com Wenger (1998), o que mantém uma Comunidade de Prática ativa e sustentável são os seguintes elementos:

- **Domínio:** Os participantes possuem domínio do campo no qual a CoP está inserida;
- **Atuação em Comunidade:** Para atender aos interesses da CoP, se cria uma rede de pessoas que interagem e estão dispostas a intercambiar conhecimentos e práticas sobre a área específica estudada, trocando saberes e aprendendo uns com os outros. Essa rede não precisa necessariamente ser presencial;
- **Prática:** o fazer, os membros da comunidade têm que estar envolvidos com a prática em si, não apenas apresentar interesse sobre o tema, mas ter domínio sobre a prática.

Ainda segundo Wenger (1998), a participação dos membros envolvidos nas CoPs está dividida em distintos graus de contribuições, a saber:

- **Grupo principal:** composto por aproximadamente 10% a 15% de pessoas → liderança;
- **Grupo ativo:** composto por aproximadamente 15% a 20% dos integrantes → participantes ativos, porém menos que a liderança;
- **Grupo periférico:** composto por aproximadamente 65% a 75% dos participantes → pouco participam, ficam mais na função de receptores das informações.

Conforme disposto no Quadro 7, na literatura é possível identificar distintos autores que conceituam o que são as CoP:

Quadro 7 – Conceitos de CoP

AUTOR(ES)	CONCEITO DE COMUNIDADE DE PRÁTICA - CoP
LESSER; STORCK, 2001.	“As CoPs são grupos cujos membros se engajam frequentemente para o compartilhamento e a aprendizagem, baseados em seus interesses comuns.”
WENGER; McDERMOTT; SNYDER, 2002.	“Comunidades de Prática são grupos de pessoas que compartilham um interesse, um problema em comum ou uma paixão sobre determinado assunto e que aprofundam seu conhecimento e expertise nesta área através da interação contínua numa mesma base.” (...) “ <u>Podem criar ferramentas, padrões, desenhos genéricos, manuais e outros documentos</u> – ou podem simplesmente desenvolver uma tácita compreensão do que é compartilhado. Porém elas acumulam conhecimento.”
PICCHIAI; OLIVEIRA; LOPES, 2007	“As CoPs estão imbricadas pelo conhecimento especializado e comum que as pessoas possuem, possibilitando interações compartilhadas que estimulem a troca contínua de informações, de experiências e de vivência entre estas pessoas dentro das organizações, ideias poderão ser advindas de integrantes externos à organização.”
RIBEIRO; KIMBLE; CAIRNS, 2010.	“A CoP se define como um grupo de pessoas que compartilham interesses comuns sobre determinado assunto, este grupo se reúne física ou virtualmente, de maneira voluntária, para compartilhar informações e buscar soluções criativas aos problemas existentes.”
TAKIMOTO, 2012	“As CoPs se formam por indivíduos que possuem um interesse comum no aprendizado e na aplicação do que foi aprendido, podendo estes serem internos ou externos a organização.”

Fonte: Elaboração própria adaptado de SANTOS (2017)

Em diferentes recortes temporais e de distintas nacionalidades, todos os autores convergem que as CoPs, que também podem ser identificadas como comunidades de conhecimento ou de aprendizagem, são formadas por um conjunto multi e interdisciplinar de pessoas, que se reúnem dentro ou fora da uma instituição, vinculando-se para partilhar conhecimentos e práticas, criar e/ou reutilizar modelos e lições aprendidas com vista a solucionar problemas de forma coletiva.

Isso posto, esta tese corroborou e aplicou os conceitos de Comunidades de Prática apresentados no quadro 7, pois, ao longo do desenvolvimento da estratégia colaborativa,

conseguiu reunir de forma voluntária e periódica, por mais de três anos (entre 2020 a 2023), acadêmicos da área da gestão/administração para discutir e criar coletivamente uma solução baseada em uma estrutura informacional que possibilitasse aos leitores/pesquisadores (desde os novos entrantes até os mais experientes) consultar em um único local uma coletânea de informações que pudesse servir como guia e lhes oferecer suporte para o fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual.

Levando em consideração os elementos da CoP e suas especificidades, a seguir será destacado como cada um desses elementos foi incorporado/identificado na pesquisa para atingir os objetivos geral e específicos:

- 1. Identificar o conjunto de conhecimentos e informações relevantes para otimização das atividades de pesquisa e publicação na área de gestão/administração (Objetivo específico 1)** → Nessa fase começou a se constituir a comunidade de prática, uma vez que para identificar os conhecimentos e informações relevantes, se reuniram acadêmicos da área de gestão/administração que tinham o interesse em comum de pensar, discutir e definir coletivamente quais áreas, temas, abordagens, referências e estratégias seriam mais relevantes para essa atividade. Todos os envolvidos detinham **domínio** sobre os temas trabalhados, ainda que uns tivessem mais maturidade acadêmica que outros (docentes, discentes e egressos do NPGA/UFBA). A liderança do processo ficou à frente da Coordenação do NAPP junto com a doutoranda/pesquisadora responsável pela presente investigação;
- 2. Desenvolver uma estratégia colaborativa para apoiar em termos de informações e conhecimento as atividades de pesquisa e publicação (Objetivo específico 2)** → Com um grupo inicial já constituído, se apresentou e discutiu o esboço da proposta para desenvolvimento da estratégia colaborativa na área da pesquisa e publicação. Os membros, que já eram pesquisadores do campo, se debruçaram sobre a proposta que incluía a criação de uma plataforma/repositório virtual e após algumas reuniões, definiram colaborativamente (**atuação em comunidade**) a estrutura informacional baseada em 12 áreas da gestão/administração. Nessa fase também se organizou e se iniciou todo processo de produção dos materiais (**prática**), definindo coordenadores e colaboradores para cada uma das 12 áreas, os procedimentos a serem adotados para realização das pesquisas e os prazos. Nas reuniões periódicas iam sendo compartilhadas, entre todos, as dificuldades,

dúvidas e *insights* que iam surgindo ao longo do processo. Ao longo do tempo, alguns membros (professores e/ou alunos) foram se distanciando da comunidade em função da disponibilidade de tempo e assim a autora foi assumindo a responsabilidade por áreas além das quais já estava envolvida inicialmente, incorporando outras que necessitavam de especial atenção para serem concluídas. Em virtude das dificuldades relacionadas à revisão e curadoria/coordenação de alguns materiais, o processo se estendeu mais do que o esperado, ainda que continuasse com a participação ativa de um número significativo de membros da CoP.

3. **Implementar a estratégia colaborativa desenhada (Objetivo específico 3)** → Passados três anos da CoP ativa em função do interesse em comum de acadêmicos (**atuação em comunidade**) em produzir e disponibilizar os materiais que pudessem oferecer suporte para o fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual, enfim, após as revisões e formatações finais de todos os conteúdos que foram produzidos a várias mãos (**prática**), se começou a “dar vida” à plataforma e disponibilizar os materiais para a comunidade acadêmica e todos os demais que tenham interesse pela área (conteúdos de livre acesso). Após a implementação na íntegra da estratégia, chegou o momento de avaliar a percepção das partes interessadas.
4. **Monitorar os resultados da implementação da estratégia, avaliando a percepção e o grau de importância atribuído pelas partes interessadas de acordo com o grau de maturidade acadêmica (Objetivo específico 4)** → Com a plataforma ativa, disponível e após o período de divulgação, se estruturou e se aplicou um questionário virtual para compreender a percepção da comunidade acadêmica sobre o conjunto de materiais e conteúdos disponibilizados. Por meio desse questionário, foi possível aferir as distintas percepções e grau de importância atribuídos de acordo com a maturidade acadêmica, que neste trabalho foi associada ao nível de titulação e atuação em docência.

A singularidade da CoP e as técnicas aplicadas permitiram que os participantes da comunidade (professores/pesquisadores, alunos e egressos), incluindo a pesquisadora responsável pelo presente trabalho, montassem uma agenda de pesquisa colaborativa com foco em desenvolver uma estratégia de GC duradoura, respeitando a dinamicidade e especificidade dos processos de pesquisa de um Núcleo de Pós-graduação em Administração. Em seguida, serão apresentadas as técnicas utilizadas ao longo do desenvolvimento da tese para realizar a coleta de dados.

4.3. Procedimentos técnicos para a coleta de dados

Este subitem discorre sobre as técnicas e instrumentos adotados durante a execução da pesquisa para realizar a coleta de dados. Para a coleta de dados secundários foi utilizada a técnica de revisão integrativa da literatura e para a coleta dos dados primários se realizou um levantamento survey.

4.3.1. Revisão Integrativa da Literatura

Uma revisão integrativa de literatura é um procedimento que permite sintetizar o passado da literatura empírica ou teórica visando fornecer um entendimento mais amplo de um fenômeno particular (BROOME, 2006). Esse procedimento de pesquisa objetiva traçar uma análise sobre o conhecimento já construído em pesquisas anteriores sobre um determinado tema (BOTELHO; DE ALMEIDA CUNHA; MACEDO, 2011).

Com o intuito de conhecer o estado da arte acerca das discussões sobre Gestão do Conhecimento, suas técnicas e ferramentas, foi realizado um mapeamento nas principais bases de dados nacionais e internacionais, buscando identificar as lacunas teóricas/empíricas, bem como os resultados e contribuições das pesquisas realizadas nos últimos anos. No quadro abaixo é possível evidenciar as bases pesquisadas:

Quadro 8 – Bases de dados da pesquisa

BASES	LINKS
Elsevier	https://www.sciencedirect.com/
Emerald	https://www.emeraldinsight.com/action/showPublications?
SAGE Journals	https://journals.sagepub.com/
Springer	encurtador.com.br/Flmx4
Taylor & Francis	https://www.tandfonline.com/
Wiley	https://www.wiley.com/en-us
Portal de Periódicos CAPES	http://www.periodicos.capes.gov.br/
Spell	http://www.spell.org.br/
Scielo	https://www.scielo.org/
Scopus	https://www.scopus.com/
Google Acadêmico	https://scholar.google.com.br/

Fonte: Elaborado pela autora, 2019

Com base nesse levantamento preliminar, foi realizada uma pesquisa mais ampla com os termos “Gestão do Conhecimento”, “Gestión del conocimiento” e “Knowledge management” e logo foram associadas a estes termos as palavras “Universidade/Universidad/University”, “Instituições Públicas/Institutos Públicos/Public Institutions”. Após uma triagem inicial foram localizados 71 artigos, sendo 32 de

Revista/Periódico/Eventos internacionais e 39 Nacionais. A tabela disponível no APÊNDICE I expressa os seguintes tópicos de cada artigo: Tema; Nacionalidade; Revista/Periódico/Evento; Ano de Publicação; Autores; Título; Horizonte temporal; Metodologia; Resultados; Conclusões.

Por meio da análise dos artigos, foi possível chegar aos autores seminais e contemporâneos da área de GC, conforme apresentado no capítulo do referencial teórico, conhecer os principais conceitos, técnicas e ferramentas associadas à GC, a exemplo das Comunidades de Prática.

4.3.2. Levantamento Survey

O Levantamento Survey é um tipo de técnica frequentemente aplicada quando se busca conhecer o comportamento de uma população por meio da aplicação de um questionário. Via de regra, se seleciona uma amostra significativa (parcela representativa) do universo (total) e se solicita informações a esse grupo de pessoas acerca do problema estudado (PRODANOV; DE FREITAS, 2013).

Para compreender a percepção das partes interessadas (docentes, discentes e egressos) sobre os conteúdos disponíveis na plataforma, se buscou, por meio de um *survey* (APÊNDICE II), conhecer, dentre outros aspectos, o grau de importância atribuído aos materiais das 12 áreas temáticas da gestão/administração de acordo com a maturidade acadêmica dos respondentes (objetivo específico 4).

Este levantamento Survey foi instrumentalizado com o auxílio da ferramenta *on-line* Survey Monkey, contando com um texto introdutório, uma questão de múltipla escolha para consentimento aos termos da pesquisa (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e dois blocos de questões divididos entre os perfis de docentes e discentes (incluindo egressos). Esses blocos contaram com questões de múltipla escolha, escala de avaliação e questões dissertativas, divididas da seguinte forma:

- **Perfil do respondente:** Docente, Discente ou Egresso (Múltipla escolha). Após essa questão, foi aplicada a lógica de ramificação para que os respondentes fossem direcionados apenas para seu bloco de questões, de acordo com o perfil indicado;
- **Bloco de perguntas para os DOCENTES:**
 - Tempo de Atuação (Múltipla escolha);

- Percepção de contribuição dos materiais das 12 áreas temáticas para as atividades de pesquisa e docência do ponto de vista dos seguintes itens: Planejamento de disciplinas / indicação de leituras / referências / possibilidades de estudos e questões de pesquisa / conhecimento dos principais periódicos da área (Escala de avaliação de 1 a 5, sendo 1 o menor grau de contribuição e 5 o maior grau);
 - Indicação de ferramentas de pesquisa (Múltipla escolha);
 - Percepção sobre os links dos principais eventos acadêmicos (Escala de avaliação de 1 a 5, sendo 1 o menor grau de contribuição e 5 o maior grau);
 - Indicação/recomendação de periodicidade para revisão dos materiais disponibilizados (Múltipla Escolha com alternativas de um até três anos);
 - Nível de relevância geral do conjunto de conteúdos disponibilizados (Escala de avaliação de 5 pontos que vai de (1) sem relevância até (5) extremamente relevante);
 - Observações/contribuições adicionais ou indicações de novos conteúdos para serem disponibilizados (Dissertativa).
- **Bloco de perguntas para os DISCENTES (incluindo egressos):**
 - Curso (Dissertativa);
 - Período (Dissertativa);
 - Percepção de contribuição dos materiais das 12 áreas temáticas do ponto de vista dos seguintes itens: Aprofundamento sobre as diversas áreas da gestão / Aprofundamento sobre os (as) principais autores (as) da área / Elaboração do projeto de pesquisa / Auxílio na elaboração da questão de pesquisa / Elaboração de trabalhos acadêmicos em geral, incluindo artigos científicos / Enriquecimento do referencial teórico / Leituras direcionadas / Filtro dos principais periódicos da área / Conhecimento de conceitos/verbetes da área (Escala de avaliação de 1 a 5, sendo 1 o menor grau de contribuição e 5 o maior grau);
 - Indicação de ferramentas de pesquisa disponibilizadas (Múltipla escolha);
 - Percepção sobre os *links* dos principais eventos acadêmicos do ponto de vista dos seguintes itens: Conhecimento dos eventos / Planejamento da produção de trabalhos (artigos, resumos, *banners* ...) / Planejamento para participação nos eventos acadêmicos / Divulgação para colegas (Escala de avaliação de 1 a 5, sendo 1 o menor grau de contribuição e 5 o maior grau);

- Indicação/recomendação de periodicidade para revisão dos materiais disponibilizados (Múltipla Escolha com alternativas de 1 até 3 anos);
- Nível de relevância geral do conjunto de conteúdos disponibilizados (Escala de avaliação de cinco pontos que vai de (1) sem relevância até (5) extremamente relevante);
- Observações/contribuições adicionais ou indicações de novos conteúdos para serem disponibilizados (Dissertativa).

Antes da aplicação, o questionário passou por revisão de dois especialistas, os quais indicaram que a investigação apresentava riscos mínimos para os participantes, o que conforme Ofício Circular N° 17/2022/CONEP/SECNS/MS, de 05 de julho de 2022, por se tratar de uma pesquisa de opinião pública com participação não identificada, não exige sua aprovação pela Plataforma Brasil. O instrumento garantiu a total sigilosidade da identidade dos respondentes, inclusive, permitindo, a qualquer momento, que o respondente solicitasse o encerramento dos registros e/ou desistisse de participar da coleta caso se sentisse desconfortável. Em seu texto introdutório, também se destacou o caráter voluntário da participação na pesquisa, o que implicou na não obrigação de fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas.

A divulgação se deu por meio do compartilhamento do *link* do questionário através de grupos em redes sociais, a exemplo de WhatsApp e também por *e-mail*.

Os dados e suas respectivas análises que serão discutidos na próxima seção, serviram como base (pesquisa exploratória) para avaliar a estratégia de GC implementada.

5. RESULTADOS DA PESQUISA

O capítulo de resultados da pesquisa se divide entre: (i) o relato do processo de desenvolvimento da estratégia colaborativa; (ii) a apresentação da página do NAPP e seus conteúdos e; (iii) a apresentação dos resultados do questionário aplicado com os potenciais usuários para avaliar a página do NAPP.

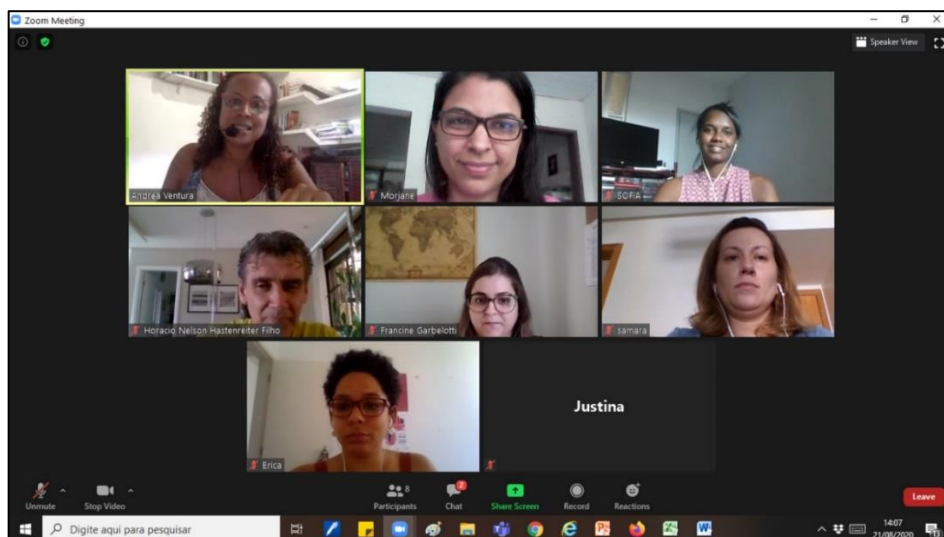
5.1. Relato do processo de desenvolvimento da estratégia colaborativa

Entre 2020 a 2023, um grupo de professores, alunos e egressos do Núcleo de Pós-graduação da Escola de Administração da UFBA participou de um processo de construção coletiva do conhecimento, desenvolvendo e estruturando uma estratégia colaborativa para apoio ao processo de pesquisa e publicação baseado em uma proposta de estrutura informacional por áreas temáticas no campo da gestão/administração.

5.1.1. Apresentação da proposta

Em agosto de 2020, a coordenação do **Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicação - NAPP** se reuniu virtualmente com alguns docentes, discentes (ativos e egressos) do NPGA e uma técnica administrativa da EAUFBA para apresentar o novo Coordenador. Nessa reunião se discutiu o andamento das atividades do NAPP e se apresentou, de forma ainda embrionária, a proposta da estratégia colaborativa com o intuito de mobilizar os docentes e discentes para contribuir com a iniciativa e para que os mesmos pudessem convidar outros docentes, discentes e egressos para se agregar a essa iniciativa.

Figura 9 – Foto da reunião do NAPP de agosto de 2020



Fonte: NAPP, 2020

Nessa primeira reunião, se debateu o objetivo e a importância da adoção de práticas de gestão do conhecimento para o NPGA por meio do NAPP, com especial destaque para a adoção de estratégias colaborativas na produção de conhecimento com foco no apoio ao processo de pesquisa e publicação.

Na sequência, as pessoas presentes indicaram a necessidade de preparação de uma apresentação padrão para que alguns professores pudessem exibir a proposta em sala de aula e mobilizar os alunos para participar. Também ficou definido que os professores iriam convidar outros docentes para as próximas reuniões.

Descrição do processo de definição das áreas e abordagens

Nas reuniões seguintes que ocorreram entre outubro e novembro de 2020, para as quais todos os professores do NPGA foram convidados, o Coordenador do NAPP, Prof.º Dr.º Horacio Nelson Hastenreiter Filho, apresentou a proposta da estratégia colaborativa para apoio as atividades de pesquisa e publicação baseada em 12 áreas temáticas da gestão/administração.

Figura 10 – Áreas Temáticas da Gestão

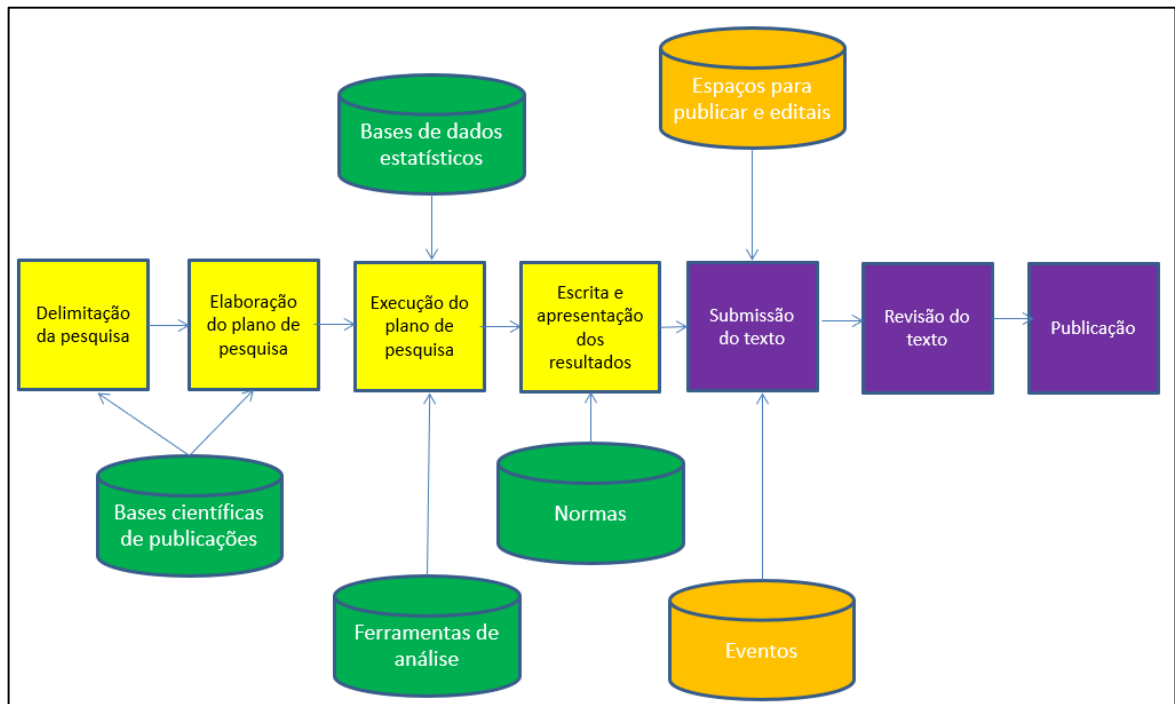


Fonte: NAPP, 2020

Essas 12 áreas foram definidas levando em consideração os temas trabalhados pelos professores da EAUFBA e as divisões/temas indicados pela Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração - ANPAD.

A estratégia focou na construção e permanente compartilhamento do conhecimento identificado como relevante para as atividades de pesquisa e publicação. A figura 11 abaixo, que foi discutida nessas reuniões, representa o fluxo padrão de Pesquisa e Publicação e as informações demandadas:

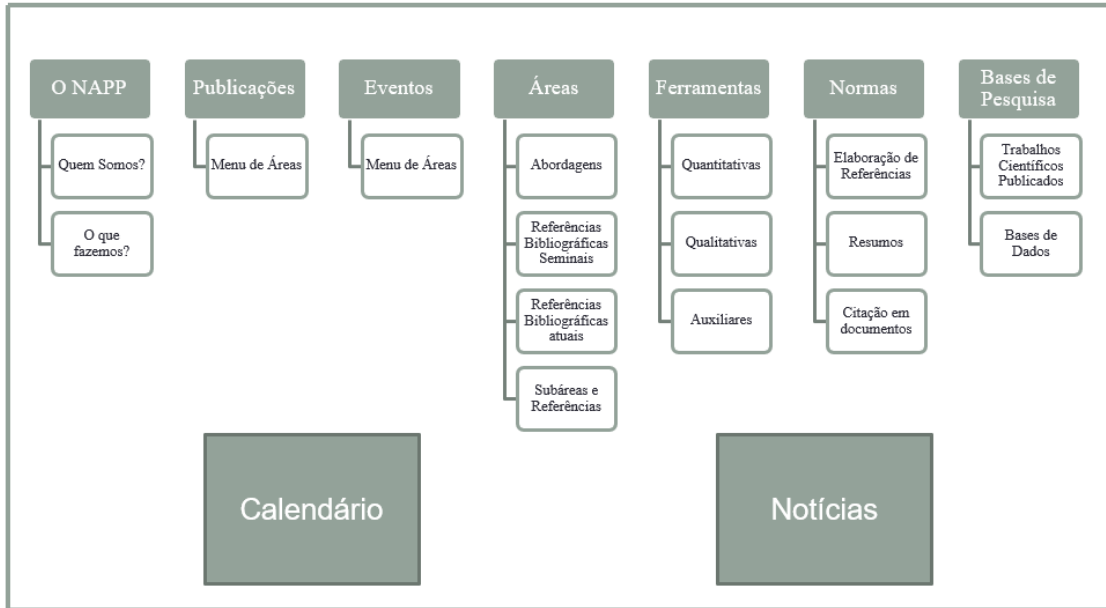
Figura 11 - Fluxograma de Pesquisa e Publicação e das Informações Demandadas



Fonte: NAPP, 2020

A proposta incluiu também a formulação de uma página web do NAPP (Figura 12), para reunir e disponibilizar as informações relevantes para cada área de gestão, além de ferramentas, bases de dados, eventos, entre outras informações relevantes para os pesquisadores.

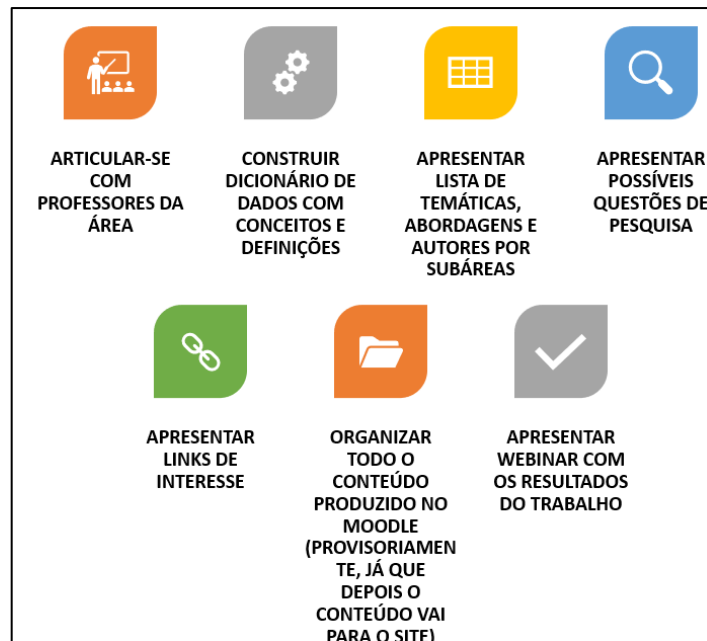
Figura 12 – Proposta inicial para a página do NAPP



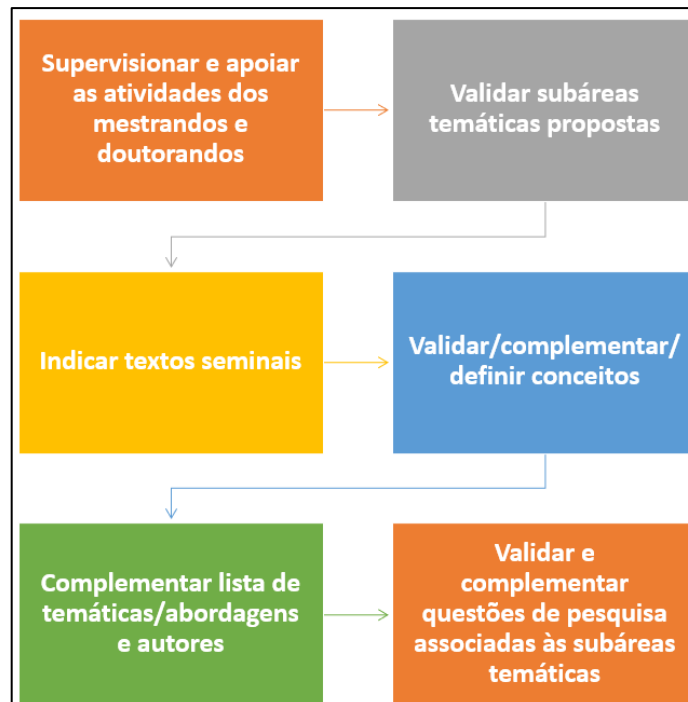
Fonte: NAPP, 2020

Nessa apresentação também se discutiu quais seriam as atividades propostas para os Mestrandos, Doutorandos e Egressos do NPGA e quais seriam as atividades propostas para os professores. Ao final das discussões, todos os presentes definiram as atribuições segundo as Figuras 13 e 14.

Figura 13 – Atribuições dos discentes



Fonte: NAPP, 2020

Figura 14 – Atribuições dos Docentes

Fonte: NAPP, 2020

Ao longo das reuniões, se definiu que o objetivo da organização destes materiais era apresentar aos leitores, por meio de um documento que poderia ser configurado como um guia de pesquisa, as principais abordagens, as referências bibliográficas clássicas e contemporâneas, as possibilidades de estudos, as revistas e periódicos relacionados às áreas, além de um glossário com verbetes, de forma a oferecer suporte para o fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual.

Também se discutiu a importância da página do NAPP incluir informações sobre ferramentas para pesquisa, normas, links para bases de dados, além de uma lista com os principais eventos acadêmicos da área.

Figura 15 – Foto do início da reunião do NAPP de novembro de 2020



Fonte: NAPP, 2020

Figura 16 – Foto do final da reunião do NAPP de novembro de 2020



Fonte: NAPP, 2020

Nesse momento, após poucos meses do início dos trabalhos, com a participação ativa e engajamento de vários docentes, discentes e egressos do NPGA/UFBA, foi possível notar que a proposta estava ganhando vida e se tornando substantiva para a comunidade do NPGA/EAUFBA.

Descrição do processo de definição/convites dos professores coordenadores das áreas e alunos que iriam participar

Após a apresentação das 12 áreas temáticas, foram discutidas as abordagens (neste processo se entendeu as abordagens como os temas/subáreas que compõe cada área) e, tão logo se fechou a lista inicial dessas áreas que serviriam como base para início das produções dos materiais, os docentes e discentes presentes nas reuniões indicaram as temáticas com as quais

gostariam de colaborar (cada um tomou como base sua área de pesquisa). Como não havia docentes presentes nas reuniões para coordenar as produções de cada uma das 12 áreas (um professor por temática), e seria difícil eles assumirem mais de uma coordenação, se discutiu a necessidade de convidar outros docentes para colaborar com o projeto. Assim, se organizou uma lista inicial de possíveis professores da EAUFBFA por área e se encaminhou os convites apresentando a proposta e os convidando para as próximas reuniões.

Quadro 9 – Lista inicial das áreas temáticas e seus responsáveis

ÁREA	DOCENTES	DISCENTES
Adm. da Informação: Sist. de Informação, GC e Democracia Digital	Sílvia Araújo (coordenador), Maria Carolina, Ernani Marques	Cristiane Leite e Francine Garbelotti
Administração Pública	Renata Rossi, Luíza Teixeira, Edgilson, Beth Matos (coordenadora) e Antônio Sérgio	Agnes Bezerra e Jamili Palmeira
Ensino e Pesquisa em Administração	Tânia Fischer, Roberto Brasileiro, Beth Loiola e Eduardo Davel (coordenador)	Cristiane Leite, Clara Valente, Diego Pugliesi
Gestão Social	Tânia Fischer, Genauto França, Ariadne e Claudiani (coordenadora)	Jamile Palmeira e Érica Ribeiro de Andrade
Gestão Ambiental	Andréa Ventura (coordenadora), Bete Santos e José Célio	Thaíze e Cristiane Jamile do Nascimento
Comunicação e Marketing	Rodrigo Ladeira, Sérgio Góes, Fábio Ferreira (coordenador), Ernani Coelho, Guilherme Marback, Luciana Rodas e Andréa Ventura	Francine Garbelotti
Estudos Organizacionais	Genauto (coordenador), Ariadne, Eduardo Davel e Mônica McAllister	Érica Ribeiro de Andrade
Estratégia em Organizações	Sérgio Góes (coordenador), Horacio Nelson Filho, Antônio Francisco	Justina Tellechea
Finanças	Adriano Bruni (coordenador), Antônio Francisco, Ana Rita, Sônia Gomes e Felipe Tumenas	
Inovação e Empreendedorismo	Paulo Figueiredo, Rodrigo Muller, Isabel Sartori, Fábio Ferreira, Horacio Nelson Filho (coordenador), Sílvia Araújo, Beth Loiola e Ernani Marques	Justina Tellechea e Cristiane Jamile do Nascimento
Gestão da Produção e Logística	Felipe Tumenas (coordenador), Fernando, Antônio Francisco e Paulo Figueiredo	Cristiane Leite

Gestão de Pessoas	Tânia Benevides (coordenadora), Daniela Bahia, Luciana Veras e Diva	Clara Valente, Diego Pugliesi
--------------------------	---	-------------------------------

Fonte: NAPP, 2020





Essa lista foi uma proposta inicial de nomes de professores que poderiam coordenar as produções de cada material e de alunos que poderiam participar das produções. Mas, ao longo do processo, alguns coordenadores foram redefinidos, de acordo com interesse e disponibilidade e alguns alunos (ativos e egressos) foram incluídos e outros foram se distanciando do processo.

Definidas as áreas temáticas, suas abordagens e as pessoas que iriam participar de cada grupo de trabalho, se entendeu que era necessário organizar e padronizar coletivamente os procedimentos de pesquisa para que os materiais seguissem uma linha uniforme de apresentação dos conteúdos.

Descrição do processo de definição coletiva dos procedimentos, fluxos da pesquisa e modelo padrão do documento a ser preenchido

Ao pensar na criação de um modelo de documento padronizado para que os Grupos de Trabalho - GTs iniciassem as pesquisas, a comunidade envolvida no projeto entendeu que era necessário definir de forma coletiva quais seriam os procedimentos e fluxos para pesquisar as referências, dados e informações sobre cada uma das áreas. Essa decisão tinha por objetivo criar uma lógica padrão entre todas as produções dos materiais (bases de pesquisa, estudos bibliométricos, palavras-chave, expressões booleanas, entre outros). Para cada tema que compõe as 12 áreas temáticas, os grupos receberam as orientações de preencher os seguintes tópicos:

Figura 17 – Orientações sobre os tópicos a serem preenchidos por área/abordagem

01	PRINCIPAIS ABORDAGENS Descrição das principais abordagens/temas relacionadas a área.	
02	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS SEMINAIS / CLÁSSICAS Indicar autores clássicos e suas principais produções que tiveram importância na estruturação dessa área do conhecimento.	
03	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ATUAIS / CONTEMPORÂNEAS Indicar autores e suas produções atuais (últimos 5 anos) que tiveram importância nas discussões mais recentes sobre essa área do conhecimento.	
04	PRINCIPAIS REVISTAS E PERIÓDICOS Indicar as principais revistas e periódicos nacionais e internacionais para publicação nessa área do conhecimento.	
05	LINKS DE INTERESSE Indicar links que tenham relação com a área do conhecimento, a exemplo de bases de dados, sites de instituições de referência na área, sites de conteúdos etc.	
06	POSSIBILIDADES DE ESTUDOS/QUESTÕES DE PESQUISA Observar as questões de pesquisa dos artigos contemporâneos mais relevantes, buscando nas considerações finais as questões de pesquisas complementares sugeridas.	
07	OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES Informações adicionais que o grupo julgar relevante sobre a área do conhecimento e que não foram contempladas nos tópicos anteriores.	
	Para cada uma das 12 áreas temáticas deve-se criar um glossário com conceitos-chave.	

Fonte: NAPP, 2020

Nos debates iniciais, alguns professores defenderam que os materiais deveriam focar apenas nas produções provenientes dos docentes do NPGA/EAUFBA, todavia, outros

professores e alunos discordaram, uma vez que não, necessariamente, seria possível encontrar produções seminais e contemporâneas para cada área e suas respectivas abordagens caso fosse restringida a organização dos materiais apenas com base nas produções internas dos professores/pesquisadores do NPGA.

Nesse sentido, se decidiu coletivamente que os grupos de trabalho deveriam seguir as orientações gerais descritas abaixo:

1. Principais fontes de pesquisa para identificação de produção seminal e relevante na área e subáreas

- ✈ Entre as fontes de pesquisa sugeridas, destacam-se: Periódicos Capes, ACM Digital Library, Scielo, ANPAD, Repositório UFBA, Google Acadêmico, ResearchGate, Scopus e web of Science (mapeamento das publicações mais visualizadas no mundo);
- ✈ Cada grupo deverá incluir fontes próprias de pesquisa, específicas da sua área.

2. Procedimento de consulta às fontes

- ✈ Antes de realizar a consulta, levantar conjunto de palavras-chaves relevantes, utilizando as expressões booleanas: *and*, *or*, *not*;
- ✈ Vídeo → *Como fazer busca no Portal de Periódicos CAPES utilizando operadores booleanos e outros recursos*: <https://bityli.com/oxAwo>
- ✈ Treinamento CAPES: <https://bityli.com/HvoGC>;
- ✈ Tutorial CAPES: <https://bityli.com/SoQyZ>;
- ✈ Guia de “Como utilizar o JCR no Portal de Periódicos da CAPES”:
<https://bityli.com/t0NJI>;
- ✈ Sugere-se aos participantes de todos os grupos que assistam aos vídeos:
 - <https://www.youtube.com/watch?v=Nu9MBnuzIL0>
 - <https://www.youtube.com/watch?v=2Kn8VAqRxOM>

3. Seleção e identificação de publicações de alunos, professores e egressos da EAUFBA

- ✈ Identificar os professores que podem ter publicação na área;
- ✈ Buscar as publicações no Lattes dos professores (devem ser em torno de três a dez professores por área).

4. Apresentação de conceitos-chave associados às áreas e subáreas do conhecimento

- ✈ A orientação é para criar um glossário único para cada uma das 12 áreas temáticas, que contemplem os principais conceitos abordados nas subáreas;
- ✈ Na apresentação do conceito, a depender da complexidade, pode haver a definição dos autores seminais e a definição mais aceita atualmente;

- ✈ Foi indicado que, sempre que possível, deve-se referenciar a origem do termo, e então traçar uma linha do tempo em relação à evolução do conceito.

5. Definição das questões de pesquisa mais relevantes atualmente em cada subárea

- ✈ Observar as questões de pesquisa dos artigos contemporâneos mais relevantes;
- ✈ Pesquisar, nas considerações finais dos artigos mais relevantes as questões de pesquisas complementares sugeridas.

Para facilitar as comunicações, encaminhar as convocações para as reuniões e organizar os materiais produzidos. Também foram criados um grupo no Google (Google Groups), um grupo no WhatsApp com os contatos de todos os envolvidos e um Google Drive (armazenamento na nuvem).

Com as orientações já organizadas e pactuadas entre todos e com o modelo de documento a ser preenchido em mãos, cada GT (professor coordenador e alunos) se organizou da melhor forma para iniciar as pesquisas da sua área temática. À medida que iam surgindo dúvidas, dificuldades e/ou *insights*, cada grupo os compartilhava nas reuniões com a comunidade participante do projeto.

Apresentação da proposta no Congresso UFBA 2021

No começo de 2021, a coordenação do NAPP junto com um grupo de alunas e uma técnica administrativa que estavam participando de alguns GTs, entendeu que seria rico compartilhar o processo com a comunidade acadêmica da UFBA. Assim, se submeteu e foi aprovada uma mesa no Congresso Virtual UFBA de 2021 para apresentar a proposta do Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicação e discutir a ação integrada e cooperativa para apoiar a pesquisa e a publicação em um programa de pós-graduação. Na figura 18 abaixo é possível conferir o *card* de divulgação:

Figura 18 – Card apresentação NAPP no Congresso UFBA 2021



Fonte: NAPP, 2021

Além de apresentar o desenvolvimento da ação integrada e cooperativa do NAPP, os integrantes da mesa buscaram relatar, do ponto de vista dos discentes, as principais dificuldades dos pós-graduandos, a exemplo de como identificar temas inovadores para trabalhos acadêmicos, como identificar o “estado da arte” do tema de pesquisa, como acessar bases de dados, como identificar periódicos de alto impacto, como se planejar para participar e publicar em eventos nacionais e internacionais, entre outros temas de interesse acadêmico. Após a apresentação, alguns novos alunos e egressos integraram os grupos de trabalho do NAPP.

Figura 19 – Participação do NAPP no Congresso UFBA em fevereiro de 2021



Fonte: NAPP, 2021

Link para visualização da gravação da mesa:

<https://www.youtube.com/live/tOzfEM1jgeU?feature=share>

Descrição do processo de produção, acompanhamento das entregas e formatação final dos materiais

Na reunião que ocorreu em março de 2021, foram pactuados coletivamente os prazos para as entregas parciais e finais e foram criadas e compartilhadas pastas no drive para as postagens dos materiais.

Figura 20 – Prazos iniciais para as entregas das produções



Fonte: NAPP, 2021

À medida que os prazos foram findando, foram sendo renegociados de acordo com as necessidades e dificuldades que foram surgindo ao longo do processo de pesquisa.

Durante uma reunião que ocorreu em 28 de abril de 2021, que teve como tema central o acompanhamento dos trabalhos das áreas temáticas, alguns GTs compartilharam os seus avanços e exibiram para a comunidade os materiais já desenvolvidos. Faltando apenas dois dias para a primeira entrega parcial, alguns grupos de trabalho tinham avançado muito pouco e alguns ainda estavam sem um professor coordenador para realizar o acompanhamento das produções junto aos alunos. Diante dessas dificuldades e especificidades, foi definido um novo prazo para a primeira entrega (15 de maio de 2021), sem alterar as demais entregas tendo em vista que se tinha como objetivo disponibilizar todo o material na página do NAPP no início do segundo semestre de 2021.

Para organizar e facilitar o acompanhamento das produções, foi criada uma planilha no drive onde cada grupo deveria atualizar o status da sua área para que todos pudessem acompanhar de acordo com os seguintes indicadores:

- Incipiente - material pouco desenvolvido;
- Pendências - material desenvolvido, porém com algumas pendências de revisão;
- Concluído - material concluído pelos alunos, mas sem a revisão/aprovação do(a) professor(a) coord.;
- Concluído e aprovado - material revisado e aprovado pelo(a) professor(a) coord.

A planilha foi compartilhada com todos os GTs, conforme padrão ilustrado abaixo:

Quadro 10 – Planilha de acompanhamento das produções

ÁREA	DOCENTES	DISCENTES	STATUS
Administração da Informação	Maria Carolina (coordenadora) , Sílvio Araújo e Ernani Marques	Cristiane Leite e Justina Tellechea	<input type="text" value=""/> <ul style="list-style-type: none"> Incipiente Pendências Concluído Concluído aprovado
Administração Pública	Beth Matos, Renata Rossi, Luíza Teixeira, Edgilson e Antônio Sérgio	Jamili Palmeira e Jefferson Reis	
Ensino e Pesquisa em Administração	Eduardo Davel (coordenador) , Tânia Fischer, Roberto Brasileiro, Beth Loiola	Clara Valente	
Gestão Social	Claudiani (coordenadora) , Tânia Fischer, Genauto França e Ariadne	Grayceane Bomfim Santos de Jesus Valéria Gonçalves	
Gestão Ambiental	Andréa Ventura (coordenadora) , Bete Santos e José Célio	Thaize Santos Oliveira	
Comunicação e Marketing	Luciana Vera (coordenadora) , Rodrigo Ladeira, Sérgio Góes, Fábio Ferreira, Ernani Coelho, Guilherme Marback e Andréa Ventura	Manuela Vidal e Fábio Bergamo (Egresso)	
Estudos Organizacionais	Genauto, Ariadne, Eduardo Davel e Mônica McAllister	Erica Ribeiro de Andrade Ludmila Meira	

Estratégia em Organizações	Tânia Benevides (coordenadora) , Sérgio Góes, Horacio Nelson Filho, Antônio Francisco	Justina Tellechea e Monique Silva (Egressa)	
Finanças	Antônio Francisco (coordenador) , Adriano Leal Bruni, Roberto Brasileiro	--	
Inovação e Empreendedorismo	Horacio Nelson Filho (coordenador) , Paulo Figueiredo, Rodrigo Muller, Isabel Sartori, Fábio Ferreira, Sílvio Araújo, Beth Loiola e Ernani Marques	Justina Tellechea, Cristiane Jamile do Nascimento e Silvana Coelho	
Gestão da Produção e Logística	Felipe Tumenas (coordenador) , Fernando, Antônio Francisco e Paulo Figueiredo	Cristiane Leite e Morjane Armstrong	
Gestão de Pessoas	Daniela Moscon (coordenadora) , Diva, Tânia Benevides	Clara Valente e Daniel Lima	

Fonte: NAPP, 2021

Entre 2021 e 2022, parte dos materiais foi finalizada. Entretanto, os GTs de algumas áreas foram se dispersando, seja por falta de alunos para produzir e/ou de professores que pudessem assumir a coordenação/curadoria do material. Nesse meio tempo, parte dos discentes da comunidade de prática que já havia realizado suas entregas, se disponibilizou para colaborar nessas outras áreas que estavam pendentes. Assim, em um ritmo mais desacelerado, aos poucos, os materiais foram sendo concluídos.

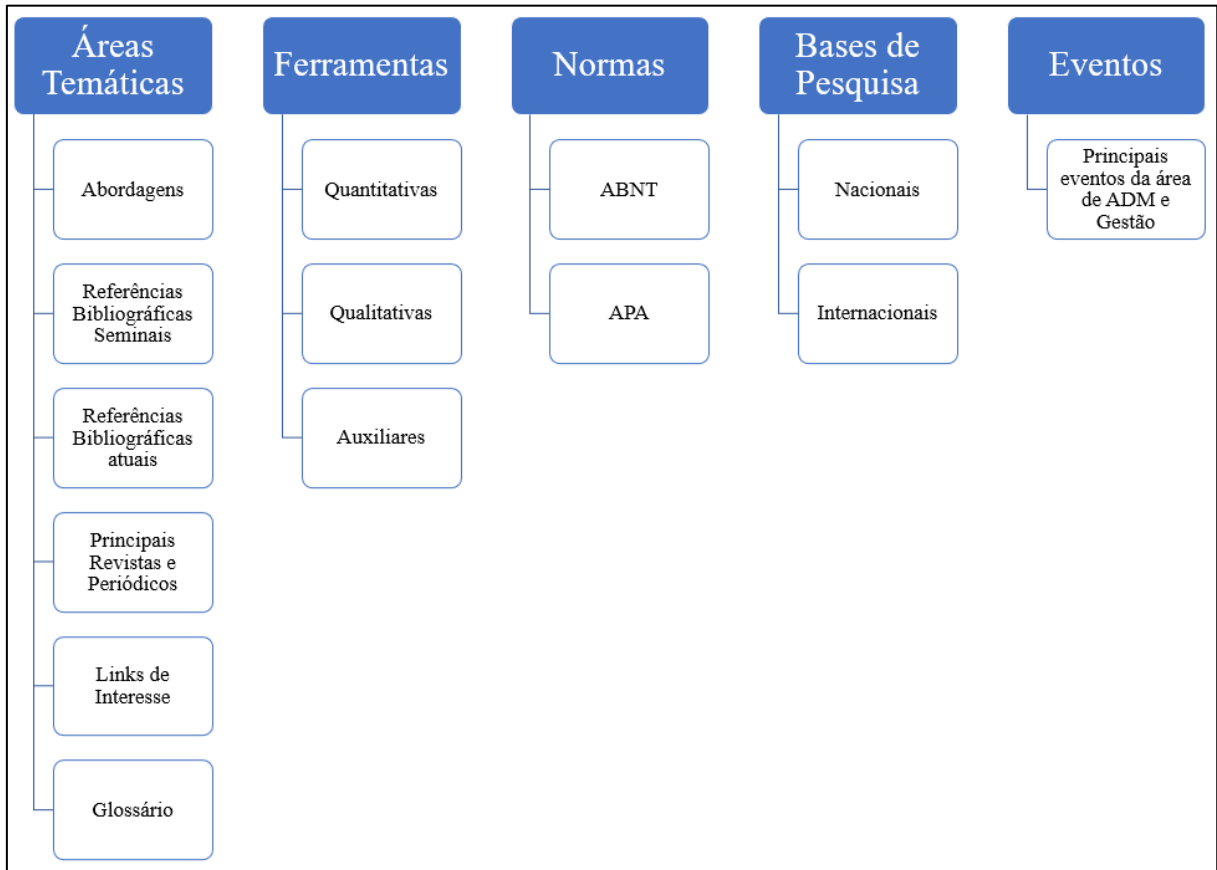
No final de 2022, das 12 áreas, sete (58,3%) haviam sido entregues com todos os itens finalizados, duas (16,6%) haviam sido entregues faltando apenas uma complementação do glossário, duas (16,6%) ainda careciam de muito trabalho e pesquisa e uma (8,3%) não tinha iniciado o desenvolvimento.

No início do ano de 2023, como já haviam se passado mais de dois anos do começo das atividades e os GTs já estavam sem folego de trabalho, ainda que continuassem as comunicações e trocas ativas entre os membros da CoP, a pesquisadora responsável por esta tese, se comprometeu com as finalizações dos materiais pendentes, o que incluiu novas pesquisas e novas trocas com os coordenadores das áreas.

No final de abril de 2023, após a revisão final de todos os documentos das 12 áreas temáticas (formatação, normas ABNT, revisão gramatical e ortográfica, layout, entre outros) e

a produção e organização dos demais conteúdos como ferramentas para pesquisa, normas, links para bases de dados e links dos principais eventos acadêmicos da área, se passou para o setor de Tecnologia da Informação – TI da EAUFBA a estrutura final da página do NAPP e após a arquitetura ser consolidada se começou a subir os materiais.

Figura 21 – Estrutura final da página do NAPP

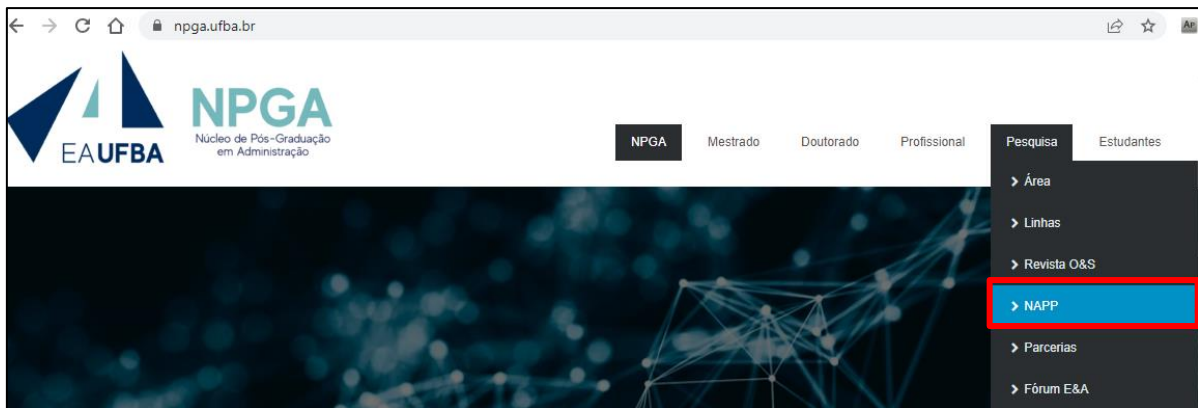


Fonte: NAPP, 2023

5.2. A página do NAPP

Por decisão institucional da EAUFBA, a página do NAPP ficou abrigada dentro do site do NPGA (<https://npga.ufba.br/>), ainda que inicialmente a proposta fosse criar um site próprio do NAPP ligado ao domínio ufba.br. Na estrutura de abas e menus, a página do NAPP ficou alocada dentro do índice de seleção de “Pesquisa” (<https://npga.ufba.br/pesquisa/napp/>), conforme identificado na figura 22.

Figura 22 – Site do NPGA



Fonte: NPGA, 2023

O formato de disponibilização dos conteúdos e informações também seguiu o padrão já utilizado pelo site do NPGA.

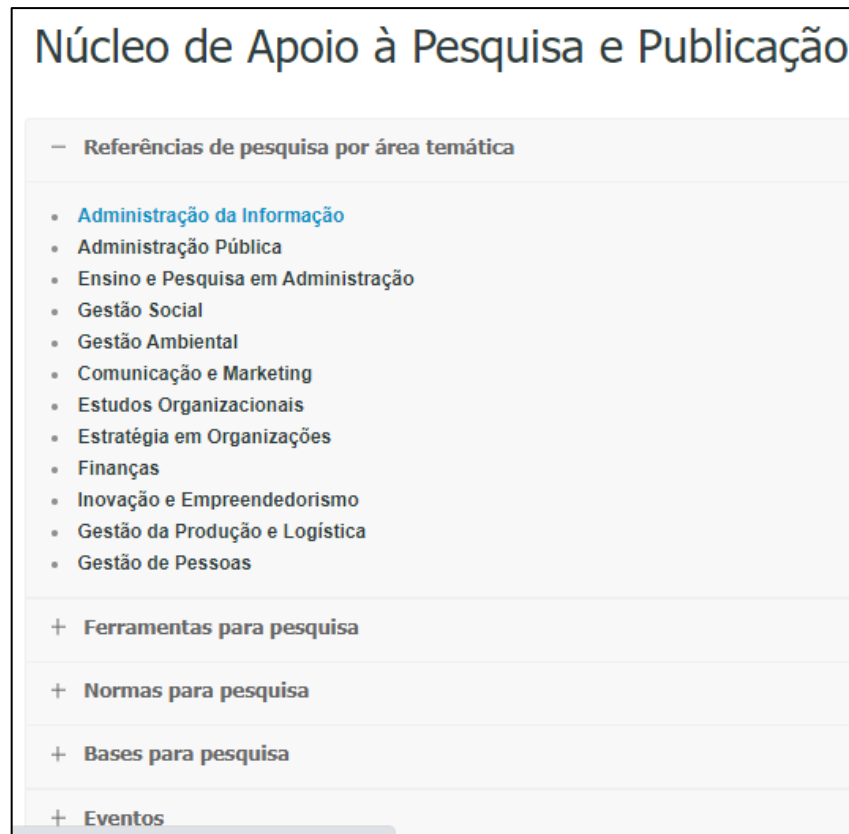
Figura 23 – Página do NAPP



Fonte: NAPP, 2023

Ao entrar na página, o menu de informações e conteúdos está disposto no formato vertical/suspenso, devendo o usuário clicar em cada opção para visualizar as informações.

Figura 24 – Disposição das informações na página do NAPP



Fonte: NAPP, 2023

Ao clicar na opção de “Referências de pesquisa por área temática”, aparece a lista com os nomes das 12 áreas.² Ao selecionar a área de interesse, é aberto o documento específico para visualização e download, de acordo com o exemplo abaixo:

Figura 25 – Exemplo de visualização dos materiais das áreas temáticas

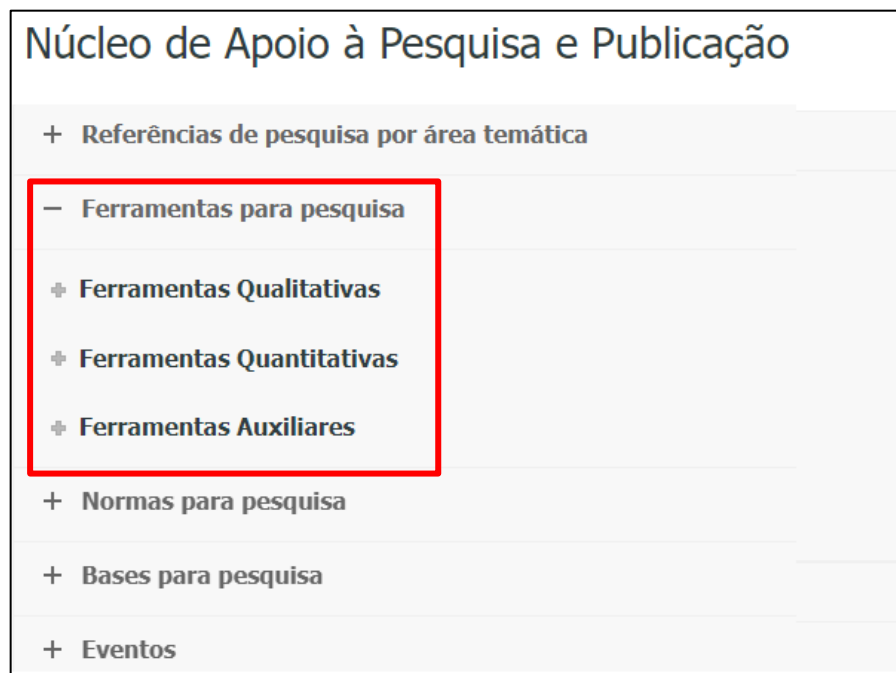


Fonte: NAPP, 2023

² Os materiais de cada uma das 12 áreas encontram-se nos Anexos de I ao XII

Quanto às ferramentas de pesquisa, optou-se por subdividi-las nas categorias de Qualitativas, Quantitativas e Auxiliares, podendo o usuário selecionar uma dessas opções e conhecer a definição da ferramenta, a versão para *download* gratuita (quando houver) e o site das mesmas.

Figura 26 – Ferramentas de pesquisa



Fonte: NAPP, 2023

As informações das ferramentas de pesquisa disponibilizadas na página do NAPP são apresentadas abaixo com uma breve definição e com os *links* associados para *download* (quando for o caso) e sites.

SOFTWARES PARA ANÁLISES QUALITATIVAS:

ATLAS TI:

- Definição: É um software utilizado em todo o mundo pelas principais instituições e pesquisadores para a análise qualitativa dos dados, ele identifica os principais padrões facilitando assim a análise profissional de texto e dos dados multimídia.
- Versão para *download* gratuita – não expira: <https://atlasti.com/free-trial-version/>
- Site do software: <https://atlasti.com/pt-pt/>

MAXQDA:

- Definição: É um software para análise de dados qualitativos e métodos mistos de pesquisa, ele poderá auxiliá-lo na análise de todos os tipos de dados não estruturados, tais como análise de conteúdo, entrevistas, discursos, grupos focais, arquivos de áudio/vídeo/imagem, dados do Twitter entre muitas outras possibilidades.
- Versão para download – gratuito por 30 dias: <https://www.maxqda.com/brasil/baixar>
- Site do software: <https://www.maxqda.com/brasil>

NVivo:

- Definição: É um software para a organização e busca de sua informação para facilitar e otimizar o trabalho de análise em pesquisas qualitativas ou mistas.
- Versão para download –gratuito por 14 dias: https://portal.mynvivo.com/shop/trial?plt=7.7.1.2.0&_ga=2.49331302.1973797562.1597757437-1087922926.1597757437
- Site do software: <https://www.qsrinternational.com/nvivo-qualitative-data-analysis-software/home>

QDA Miner:

- Definição: É um software que pode ser usado para analisar documentos legais, artigos de jornal, discursos, livros inteiros, bem como, desenhos, fotografias, pinturas e outros tipos de documentos visuais.
- Versão para download: <https://provalisresearch.com/products/qualitative-data-analysis-software/freeware/>
- Site do software: <https://provalisresearch.com/products/qualitative-data-analysis-software/>

SOFTWARES PARA ANÁLISES QUANTITATIVAS:**IBM SPSS:**

- Definição: O SPSS (Statistical Package for the Social Science) é um pacote estatístico com diferentes módulos, desenvolvido pela IBM para a utilização de profissionais de ciências humanas e exatas.
- Versão para estudantes e docentes: <https://www.ibm.com/products/spss-statistics/gradpack>

- Site do software: <https://www.ibm.com/br-pt/analytics/spss-statistics-software>

R:

- Definição: R é um pacote que oferece várias funções estatísticas. O Software R possui uma linguagem de programação especializada em manipulação de dados e suas principais características são o seu caráter gratuito e sua disponibilidade para uma grande variedade de operações.
- Versão para download: <https://cran.r-project.org/mirrors.html>
- Site do software: <https://www.r-project.org/>

STATA:

- Definição: Stata é um programa de estatística, usado geralmente para análise econométrica, utilizando dados cross-section, dados em painel e estimação de séries temporais. Também tem recursos potentes de tabulação de variáveis e comandos para cálculo das medidas de associação usadas em epidemiologia, como razão de incidências, risco relativo, razão de chances e risco atribuível.
- Versão com desconto para estudantes: <https://www.stata-uk.com/>
- Site do software: <https://www.stata-brasil.com/software/stata.html/>

FERRAMENTAS AUXILIARES

Planejamento:

Trello – <https://trello.com/pt-BR>

Elaboração e aplicação de pesquisas (questionários):

SurveyMonkey – <https://pt.surveymonkey.com/>

Formulários Google – <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>

Apresentações dinâmicas:

Prezi – <https://prezi.com/pt/>

Formatação de referências bibliográficas:

<https://referenciabibliografica.net/a/pt-br/ref/abnt>

Em relação às normas de pesquisa, o usuário tem acesso aos manuais atualizados das normas ABNT e APA.

Figura 27 – Normas de pesquisa

Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicação

- + Referências de pesquisa por área temática
- + Ferramentas para pesquisa
- Normas para pesquisa
 - **ABNT**
 - **Manual de estilo acadêmico – Normas ABNT:**
LUBISCO, Nidia Maria Lienert; VIEIRA, Sônia Chagas. Manual de estilo acadêmico: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. 2019.
Link: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29414>
 - **APA**
 - **Manual APA: Regras Gerais de Estilo e Formatação de Trabalhos Acadêmicos**
Manual APA: Regras gerais de estilo e formatação de trabalhos acadêmicos / Centro Universitário Álvares Penteado-FECAP, Biblioteca FECAP – Paulo Ernesto Tolle. – 2.ed., rev. e atual. São Paulo: Biblioteca FECAP Paulo Ernesto Tolle, 2019
Link: https://www.fecap.br/wp-content/uploads/2021/12/Manual-APA-2.ed_3.pdf

Fonte: NAPP, 2023

As bases de dados foram subdivididas em nacionais e internacionais e disponibilizadas com seus respectivos links de acesso.

Figura 28 – Bases de pesquisa nacionais

– **Bases para pesquisa**

- **Base de Dados Bibliográficos Nacionais**
 - IBICT http://bdt2.ibict.br/?option=com_wrapper&Itemid=39
 - Portal Periodicos CAPES <http://www.periodicos.capes.gov.br/>
 - Catalogo de dissertações e teses CAPES <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>
 - Biblioteca Nacional <https://www.bn.gov.br/>
 - Spell <http://www.spell.org.br/>
 - Scielo www.scielo.org
 - USP http://dedalus.usp.br/F/RIDHPP5BEXYCPD8FP9EC2CYCU5MFB2LQGERAMD9XP876YE2JGL-10217?RN=75594979&pds_handle=GUEST
 - UFRGS http://www.lume.ufrgs.br/http://www.ea.ufrgs.br/teses_e_dissertacoes/
 - UFRJ http://www2.coppead.ufrj.br/port/index.php?option=com_docman&task=search_form&Itemid=204
 - UFMG http://www.cepead.face.ufmg.br/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=209
 - UnB <http://repositorio.bce.unb.br/>
 - UFSC http://aspro02.npd.ufsc.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1&tipo_pesquisa=
 - Unicamp <http://cutter.unicamp.br/>
 - UFPE http://www.ufpe.br/sib/index.php?option=com_content&view=article&id=197%3Abtdpage&catid=1&Itemid=227
 - UFPR <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/index.jsp>
 - UFBA <https://repositorio.ufba.br/ri/>
 - UEL <http://roar.eprints.org/cgi/search/advanced>
 - UFMS <http://bibweb.si.ufms.br/>

Fonte: NAPP, 2023

Figura 29 – Bases de pesquisa internacionais

<p>– Bases para pesquisa</p> <p>– Base de Dados Bibliográficos Internacionais</p> <p>Web of Science https://clarivate.com/products/web-of-science/ (Pode ser acessado através do portal CAPES)</p> <p>Scopus https://www.scopus.com/home.uri (Pode ser acessado através do portal CAPES)</p> <p>REDALYC http://www.redalyc.org/home.oa</p> <p>LATINDEX http://www.latindex.org/latindex/inicio</p> <p>PhdData http://www.phddata.org/</p> <p>Science Direct https://www.sciencedirect.com/</p> <p>ProQuest http://www.proquest.com/LATAM-PT/</p> <p>DOAJ https://doaj.org/</p> <p>Research Gate https://www.researchgate.net/</p>
--

Fonte: NAPP, 2023

Por fim, a página apresenta uma lista dos principais eventos da área de administração/gestão e seus links discriminados por ordem alfabética.

ALTEC – Asociacion Latinoamericana de Gestion Tecnológica

<https://www.altecasociacion.org/altec2023>

AoM – Annual Meeting of the Academy of Management

<https://aom.org/events/annual-meeting/future-annual-meetings/2023-putting-the-worker-front-and-center>

AIB Annual Meeting

<https://www.aib.world/events/>

Annual AIB-LAT Conference

<https://www.aib-lat.org/>

Asamblea Anual CLADEA

<https://cladea.org/congreso-anual-cladea/>

Association for Consumer Research North American Conference

<https://www.acrwebsite.org/web/acr-conference/welcome>

CASI – Congresso de Administração, Sociedade e Inovação

<https://congressocasi.com.br/>

CIGU – Colóquio Internacional de Gestão Universitária

<http://www.coloquio.ufsc.br/>

CLAV – Congresso Latino-Americano de Varejo

<https://clav.fgv.br/en>

CONAD – Congresso Nacional de Administração

<https://conad.adm.br/portal/>

Congresso ADMINISTRAR

<https://doity.com.br/congresso-administrar-2021-on-line>

Congresso Internacional de Administração

<https://admpg.com.br/2023/>

Congresso do IFBAE – Instituto Franco Brasileiro de Administração de Empresas

<http://eventos.unifacef.com.br/ifbae/2023/>

EBAP – Encontro Brasileiro de Administração Pública

<https://sbap.org.br/encontro-brasileiro-de-administracao-publica/>

EBA – Encontro Brasileiros dos Administradores e acadêmicos de Administração

<http://ebaevou.com.br/>

EGOS Colloquium

<https://www.egos.org/>

EIBA – European International Business Academy

https://webicei.github.io/WEB_EIBA_47/

EMA – Encontro de Marketing da ANPAD

<https://anpad.org.br/sobre-eventos/>

Enangrad – Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração

<https://doity.com.br/33-enangrad>

3Es (Encontro de Estudos em Estratégia da ANPAD)

http://anpad.com.br/pt_br/event/details/122

EnADI – Encontro de Administração da Informação da ANPAD

http://anpad.com.br/pt_br/event/details/124

ENANPAD – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação

http://anpad.com.br/pt_br/event/details/125

ENGEMA – Encontro Internacional sobre Gestão Ambiental e Meio Ambiente

<https://www.engema.org.br/24/>

EnGPR – Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho da ANPAD

http://anpad.com.br/pt_br/event/details/123

ENAPEGS – Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social

<https://www.even3.com.br/xii-enapegs/>

ENECULT

<http://www.enecult.ufba.br/>

EnEO – Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD

http://anpad.com.br/pt_br/event/details/117

EurOMA Conference

<http://www.euroma-online.org/>

European Academy of Management (EURAM) Annual Conference

<https://euram.academy/>

IAMBOG – Conference of the IberoAmerican Academy of Management

<https://www.iberoacademy.org/conferences/>

SemeAD – Seminários em Administração

<https://semead.com.br/25/>

SIMPOI – Simpósio de Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais

http://anpad.com.br/pt_br/event/details/118

A proposição é que os materiais e informações disponibilizadas na página do NAPP sejam revisados, periodicamente, pelos pesquisadores envolvidos nas atividades do núcleo. A documentação do processo neste trabalho facilita a manutenibilidade do conteúdo. No entanto, as dificuldades enfrentadas para a conclusão do trabalho antecipam o esforço de governança necessário para que o conteúdo se mantenha permanentemente atualizado.

Após a divulgação da página, se aplicou um questionário para que a comunidade acadêmica pudesse avaliar seus conteúdos.

5.3. Resultados da avaliação da página do NAPP pelos potenciais usuários

A pesquisa de avaliação da página do NAPP, que abriga a estrutura informacional fruto da estratégia colaborativa para apoio ao processo de pesquisa e publicação, teve como objetivo avaliar os conteúdos disponibilizados para fins de futuras revisões e para a compreensão dos distintos sentidos que esses materiais podem ter a depender do perfil do respondente.

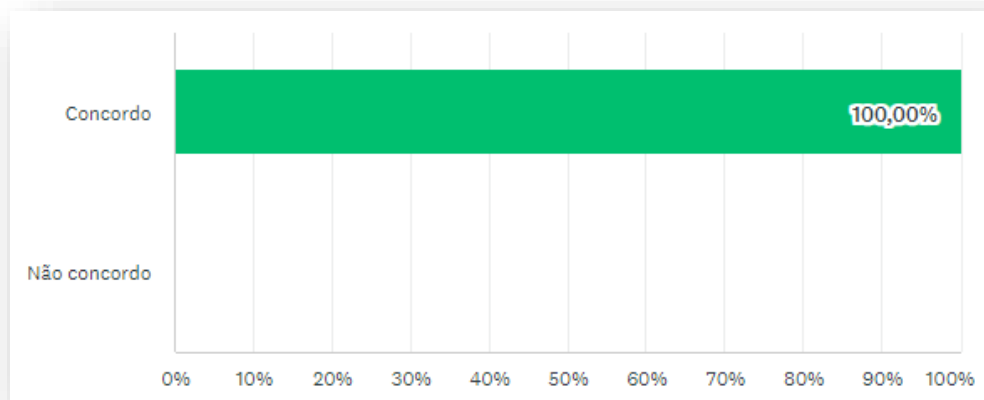
O questionário que foi encaminhado por WhatsApp e e-mail para docentes, discentes e egressos da EAUFBA, ficou aberto para coleta de informações por 19 dias, entre 29 de maio e 16 de junho de 2023. Ainda que tenha havido uma ampla divulgação, ao final da coleta,

obteve-se 73 respostas, sendo que destas, apenas 36 foram completas. Para fins de análise, optou-se por filtrar apenas as respostas completas.

A apresentação dos gráficos, suas tabelas de dados e as análises referentes ao levantamento *survey* está dividida em três blocos. O primeiro refere-se às questões iniciais de aceite dos termos da pesquisa e identificação de perfil, o segundo bloco com as respostas dos docentes e o terceiro dos discentes e egressos. As respostas do Bloco I estão apresentadas nas Figuras 30 e 31.

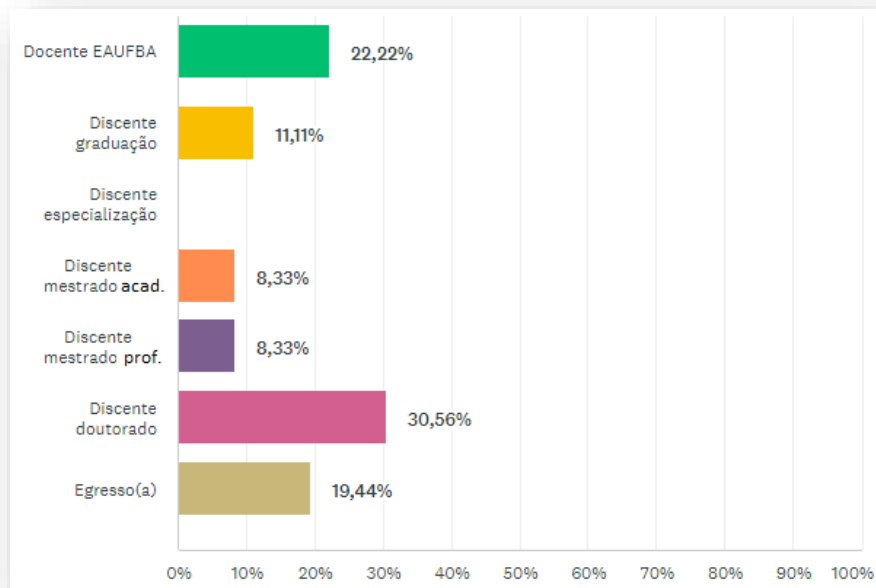
BLOCO I – Aceite aos termos da pesquisa e identificação de perfil

Figura 30 – leitura e aceite aos termos da pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

100% dos respondentes indicaram que leram os termos do questionário e concordaram voluntariamente prosseguir com a pesquisa.

Figura 31 – Perfil dos respondentes

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

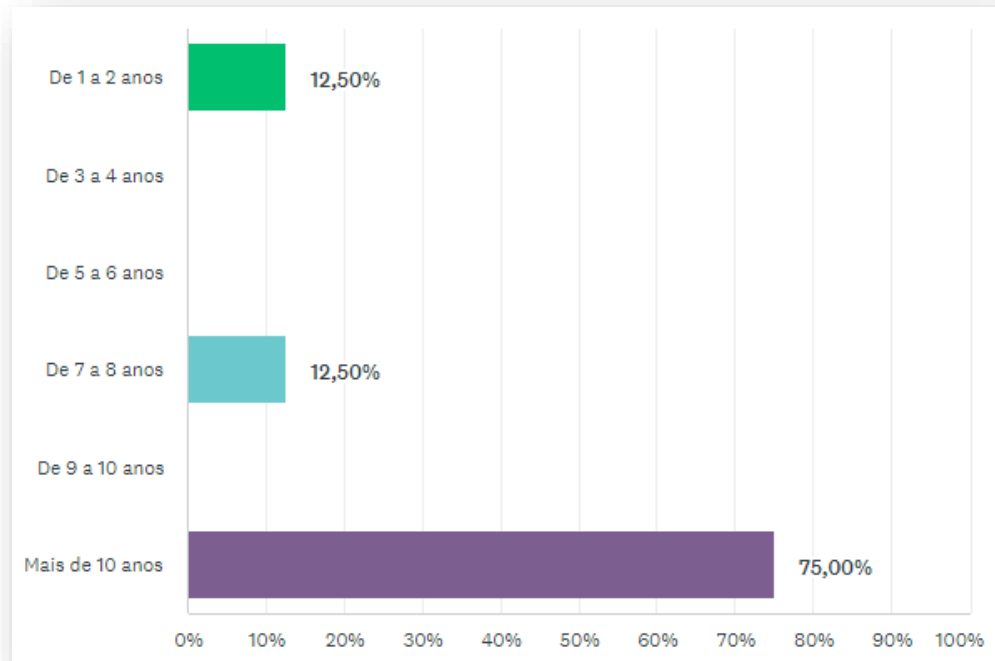
A partir da questão acima, referente ao perfil acadêmico dos respondentes, se aplicou a lógica de ramificação para que os docentes e discentes/egressos pudessem ser direcionados para seus blocos específicos de questões.

As 36 respostas dividiram-se entre oito (22%) de docentes e 28 (77%) de discentes e egressos. Entre o grupo de discentes, o maior engajamento de respostas veio dos doutorandos - 11 (30,56%), seguidos dos egressos - 7 (19,44%), os quais, em sua maioria, eram oriundos do doutorado. O único perfil para o qual não se obteve respostas foi o de discentes de especialização. Os perfis de docentes e doutorandos juntos concentraram mais de 50% das respostas desta pesquisa.

As respostas do bloco II, que concentrou o perfil de docente, vão da Figura 32 a Figura 39.

BLOCO II – Docentes

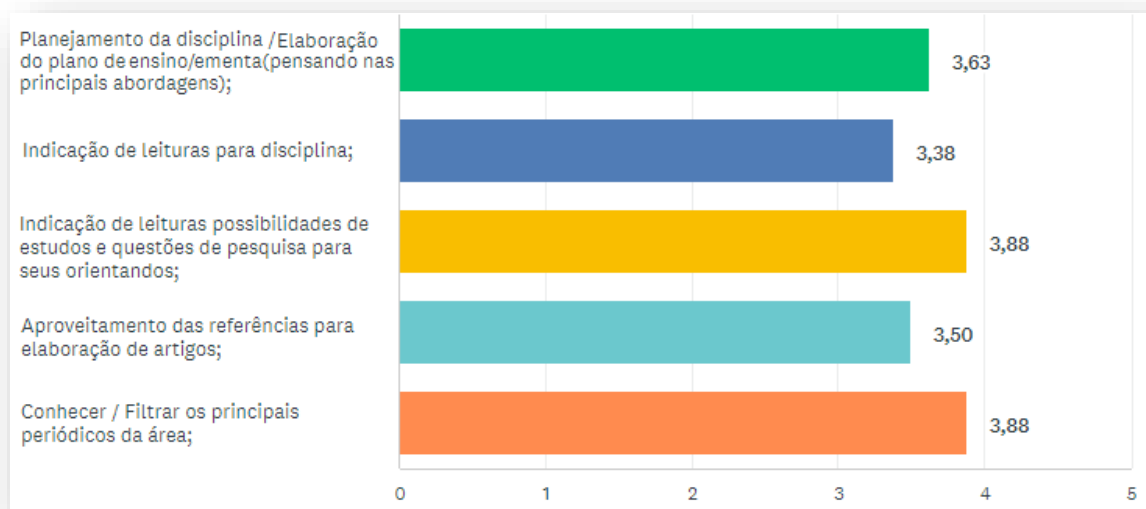
Figura 32 - Tempo de atuação como docente



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Dentre os professores da EAUFBA que participaram da pesquisa, 75% atuam a mais de 10 anos na docência. O quantitativo de respostas desse perfil é inferior ao quantitativo de professores que participaram do processo de elaboração dos materiais para a página do NAPP.

Figura 33 - Percepção dos docentes do nível de contribuição dos materiais das 12 áreas temáticas da gestão (Escala de 1 a 5)



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

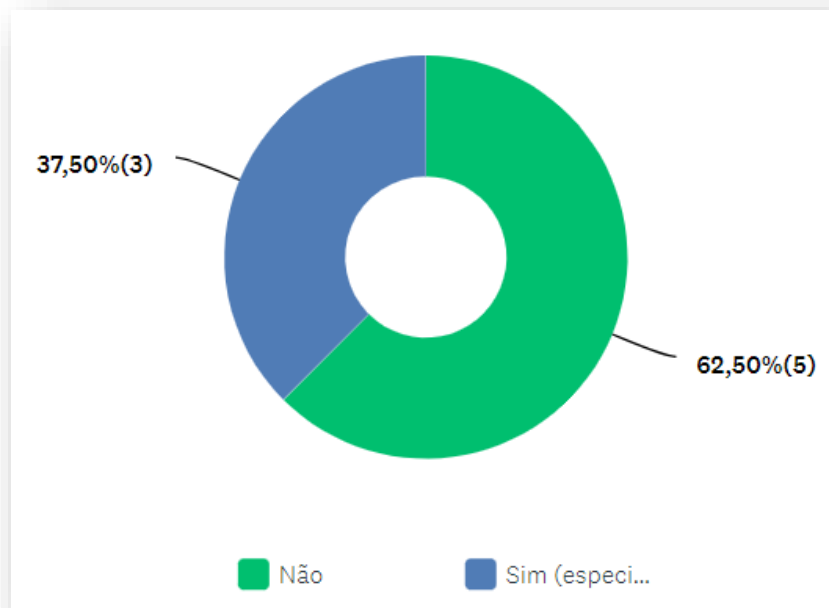
Figura 34 – Tabela de dados da questão sobre a contribuição das 12 áreas temáticas

	1 (1)	2 (2)	3 (3)	4 (4)	5 (5)	TOTAL	MÉDIA PONDERADA
▼ Planejamento da disciplina / Elaboração do plano de ensino/ementa(pensando nas principais abordagens);	0,00% 0	25,00% 2	12,50% 1	37,50% 3	25,00% 2	8	3,63
▼ Indicação de leituras para disciplina;	12,50% 1	25,00% 2	12,50% 1	12,50% 1	37,50% 3	8	3,38
▼ Indicação de leituras possibilidades de estudos e questões de pesquisa para seus orientandos;	0,00% 0	25,00% 2	12,50% 1	12,50% 1	50,00% 4	8	3,88
▼ Aproveitamento das referências para elaboração de artigos;	0,00% 0	37,50% 3	12,50% 1	12,50% 1	37,50% 3	8	3,50
▼ Conhecer / Filtrar os principais periódicos da área;	0,00% 0	25,00% 2	12,50% 1	12,50% 1	50,00% 4	8	3,88

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Ao serem questionados sobre a sua percepção acerca do nível de contribuição dos materiais das 12 áreas temáticas para suas atividades como docentes/pesquisadores, em uma escala de 1 a 5, sendo 1 o menor grau de contribuição e 5 o maior, o conjunto de assertivas ficou com a média aritmética acima de 3,65, ou seja, todos os itens avaliados apresentaram um grau significativo de contribuição para a atividade docente. Segundo as respostas, dentre as possibilidades que os materiais das 12 áreas temáticas proporcionam, o menor aproveitamento seria para a indicação de leituras para as disciplinas e o maior respectivamente para: Indicação de leituras possibilidades de estudos e questões de pesquisa para seus orientandos e Conhecer / Filtrar os principais periódicos da área, ambas com média de 3,88, além do Planejamento da disciplina / Elaboração do plano de ensino/ementa(pensando nas principais abordagens) com média de 3,63.

Figura 35 - Indicação dos docentes/pesquisadores de outras ferramentas de pesquisa além das listadas na página do NAPP



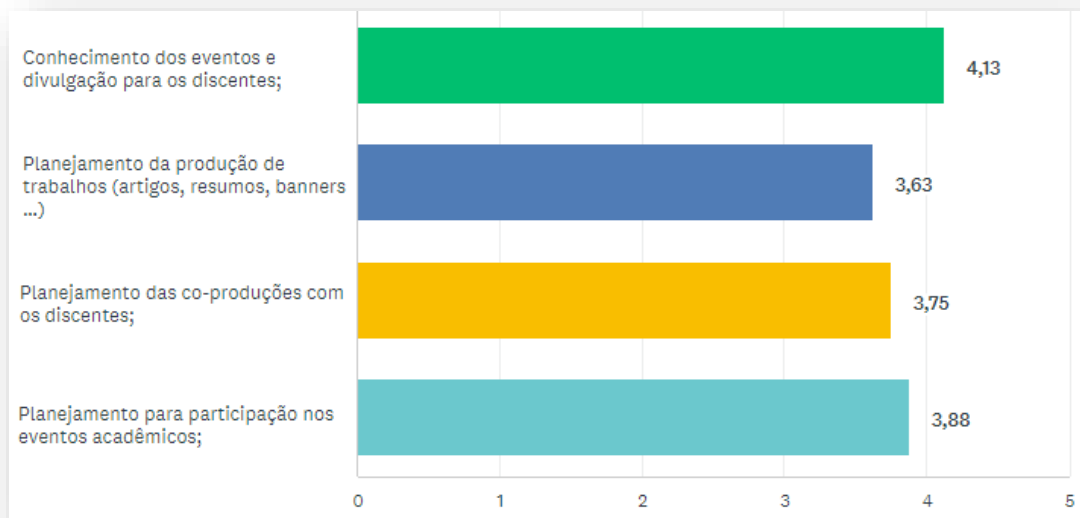
Fonte: Elaborada pela autora, 2023

A maioria (62,50%) dos docentes respondeu que não teria a indicação de outras ferramentas de pesquisa além das já dispostas na página do NAPP. Dos que responderam positivamente, as ferramentas recomendadas foram:

- **Recomendação 1:** *“No item ferramentas auxiliares, poderia haver alguma sobre transcrições.”*
- **Recomendação 2:** *“Ferramentas de IA, de pré-registro, pré-print, anti-plágio, organizadores, repositórios online, ferramentas colaborativas.”*
- **Recomendação 3:** *“IBM SPSS AMOS (é um adendo), JASP (completo e gratuito), vensim (modelagem dinâmica sistemas), PROMODEL (modelagem discreta), sites que fazem testes estatísticos online gratuitos.”*

As sugestões são pertinentes. Acredita-se que o ciclo PDCA deva ser rodado permanentemente para dar conta de novas ferramentas que serão criadas e ganharão relevância. Para a próxima revisão da página do NAPP, essas indicações serão discutidas com o grupo e levadas em consideração para divulgação/disponibilização.

Figura 36 - O quanto a disponibilização dos links dos principais eventos acadêmicos da área de gestão pode contribuir para os docentes/pesquisadores (Escala de avaliação de 1 a 5)



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

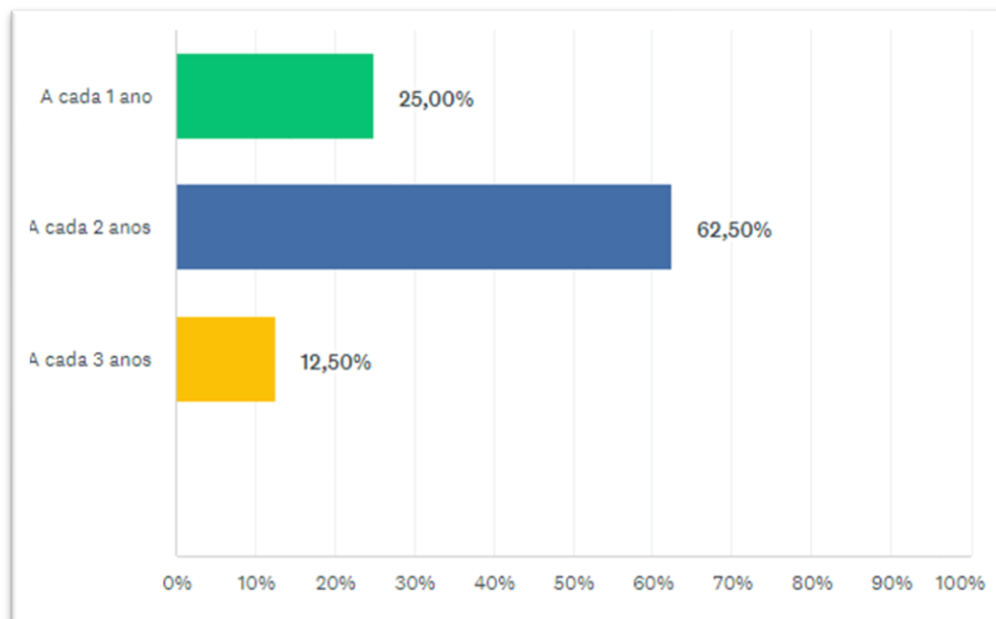
Figura 37 – Tabelas de dados da questão sobre a contribuição dos links de eventos

	1 (1)	2 (2)	3 (3)	4 (4)	5 (5)	TOTAL	MÉDIA PONDERADA
Conhecimento dos eventos e divulgação para os discentes;	0,00% 0	12,50% 1	12,50% 1	25,00% 2	50,00% 4	8	4,13
Planejamento da produção de trabalhos (artigos, resumos, banners ...)	12,50% 1	12,50% 1	12,50% 1	25,00% 2	37,50% 3	8	3,63
Planejamento das co-produções com os discentes;	0,00% 0	25,00% 2	12,50% 1	25,00% 2	37,50% 3	8	3,75
Planejamento para participação nos eventos acadêmicos;	0,00% 0	25,00% 2	12,50% 1	12,50% 1	50,00% 4	8	3,88

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

As figuras 36 e 37, apresentadas acima, trazem o retorno dos docentes/pesquisadores sobre a disponibilização da lista dos principais eventos da área de administração/gestão e seus respectivos links. Eles avaliaram, em uma escala de 1 a 5, o conjunto de assertivas com a média aritmética de 3,84 (sendo a maior média de 4,13 e a menor de 3,63). Segundo as respostas, dentre as possibilidades que essa lista de eventos pode proporcionar aos docentes, o maior aproveitamento seria para “Conhecimento dos eventos e divulgação para os discentes”, com uma média de 4,13, mediana de 4,5 e desvio padrão de 1,05.

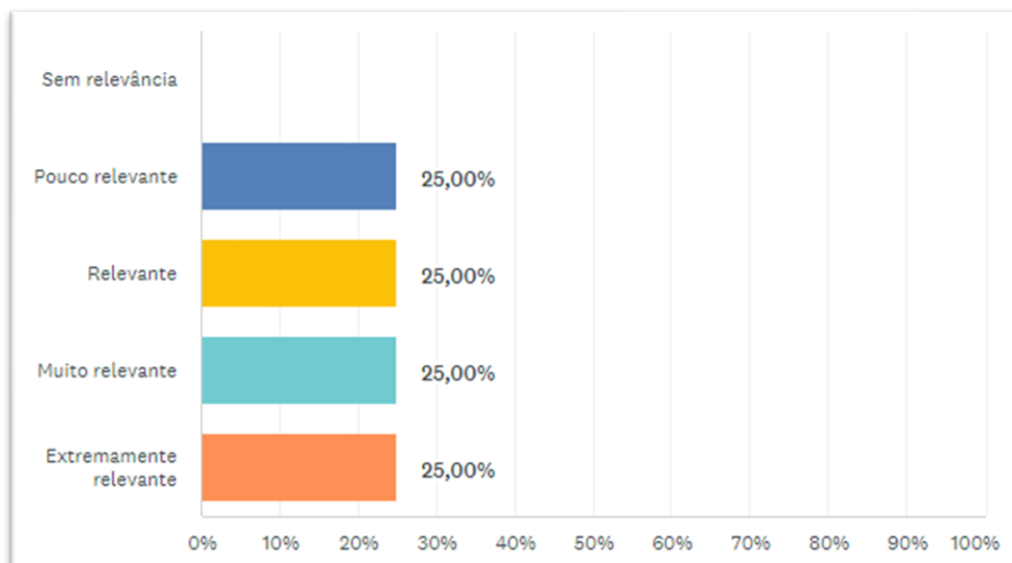
Figura 38 – Proposição dos docentes/pesquisadores para a periodicidade de revisão dos materiais



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

A maioria dos docentes (62,50%) recomendou que os materiais da página do NAPP sejam revisados a cada dois anos. Aqui, cabe destacar que esse processo de revisão deve ser incorporado como uma das ações permanentes e estratégicas do NAPP e que alguns dos autores iniciais (coordenador e discentes/egressos) de cada área temática deveria, numa condição ideal, estar envolvido nesse processo de revisão além dos novos colaboradores. Esse processo requer dos docentes envolvidos um esforço para atualização permanente das referências clássicas e contemporâneas sobre cada abordagem trabalhada.

Figura 39 – Atribuição de relevância pelos docentes/pesquisadores para o conjunto de materiais e informações disponibilizadas na página do NAPP no que se refere a contribuição para as atividades de pesquisa e publicação



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

No balanço geral sobre o quanto os materiais e informações constantes na página do NAPP são relevantes para as atividades de pesquisa e publicação, 75% dos professores avaliou entre relevante e extremamente relevante. Não houve respostas que apontassem a não relevância dos materiais, ainda que 25% tenham indicado a pouca relevância desses conteúdos. Ainda que o conjunto de materiais tenha apresentado uma boa avaliação entre os docentes, aqui cabe salientar que o quantitativo de respondentes foi baixo, quando comparado ao universo de professores do NPGA, e que, possivelmente, ao entrar no site para avaliar os conteúdos, os professores foram mais atentos ao material da sua área de atuação, uma vez que o conjunto de materiais é muito vasto para ser observado em sua completude. Também é importante ponderar que houve uma assimetria na qualidade das entregas dos materiais, uma vez que algumas áreas não contaram com a curadoria de professores especialistas para o estabelecimento de subáreas e outras atividades.

A seguir, são apresentados comentários e destaques das observações/contribuições adicionais e/ou indicações de conteúdos dos docentes para serem disponibilizados na página do NAPP:

- **Observação 1:** *“Parabéns pelo trabalho!”*
- **Observação 2:** *“Parabéns pelo material. Eu sugiro que propostas futuras tenham ponto de partida nas pesquisas que se fazem na Escola. Se a proposta foi mapear temas de gestão de forma geral, a curadoria de materiais ficou bem frágil. Os materiais seminais deveriam ser escolhidos por critérios de impacto. Alguns desses materiais claramente não são seminais.”*
- **Observação 3:** *“Deixo aqui um questionamento: todos os professores do NPGA foram consultados para elaborar a bibliografia de cada área temática? Se não foram, deveriam ter sido.”*
- **Observação 4:** *“Não fui consultado, acho que deveria ter havido participação de mais pessoas no projeto, na fase de elaboração.”*

No que diz respeito à curadoria dos materiais das áreas temáticas, conforme apresentado em capítulos anteriores, foram estabelecidos alguns critérios para as pesquisas das referências clássicas e contemporâneas, inclusive levando em consideração alguns fatores de impacto. Apesar das orientações comuns a todos os grupos, nesse processo houve assimetria quanto à qualidade das entregas, o que ocorreu em função dos diferentes níveis de dedicação dos professores/coordenadores frente às orientações e informações prestadas para cada GT, bem como dos discentes que apoiaram o processo. A estratégia traçada era a de sempre buscar apresentar algumas referências seminais e algumas atuais para cada área e subárea abordada.

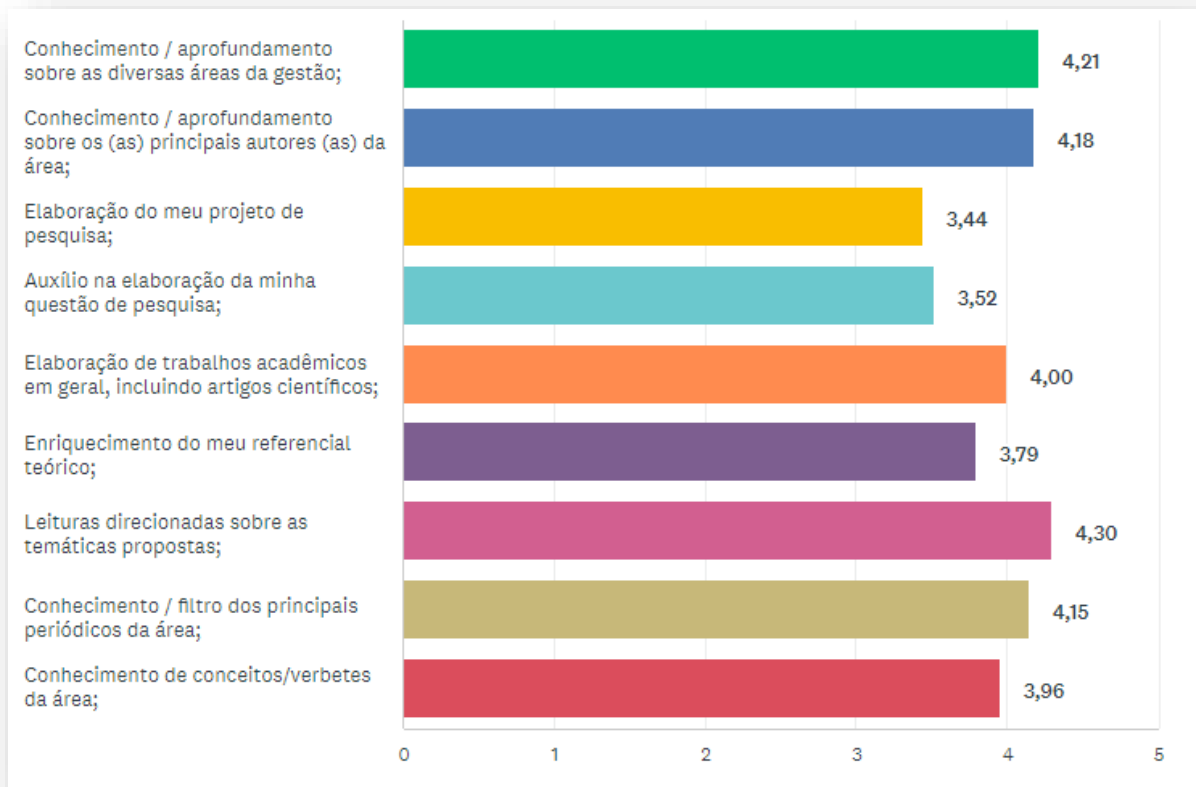
Sobre tomar como “ponto de partida” as produções da EAUFBA, como já mencionado em outros capítulos, alguns professores haviam feito essa sugestão, no entanto, a maioria não havia concordado, uma vez que não haveria, necessariamente, produções seminais da EAUFBA para todas as 12 áreas abarcadas pelo estudo.

Sobre os convites e/ou consultas, no início dos trabalhos da CoP, ainda na fase de elaboração da proposta, quando se discutia as áreas, abordagens e fluxos da pesquisa, todos os professores do NPGA foram convidados para participar das reuniões, inclusive sendo divulgado os convites em grupos do WhatsApp e lista de e-mails do NPGA. Vários dos professores cogitados para participar de áreas específicas foram pessoalmente contatados, mostrando-se indisponíveis para participar do processo naquela ocasião.

As respostas do bloco III, que concentrou os perfis de discentes/egressos, estão reunidas nas figuras de 40 a 45.

BLOCO III – Discentes e Egressos

Figura 40 – Percepção dos discentes/pesquisadores do nível de contribuição dos materiais das 12 áreas temáticas da gestão (Escala de 1 a 5)



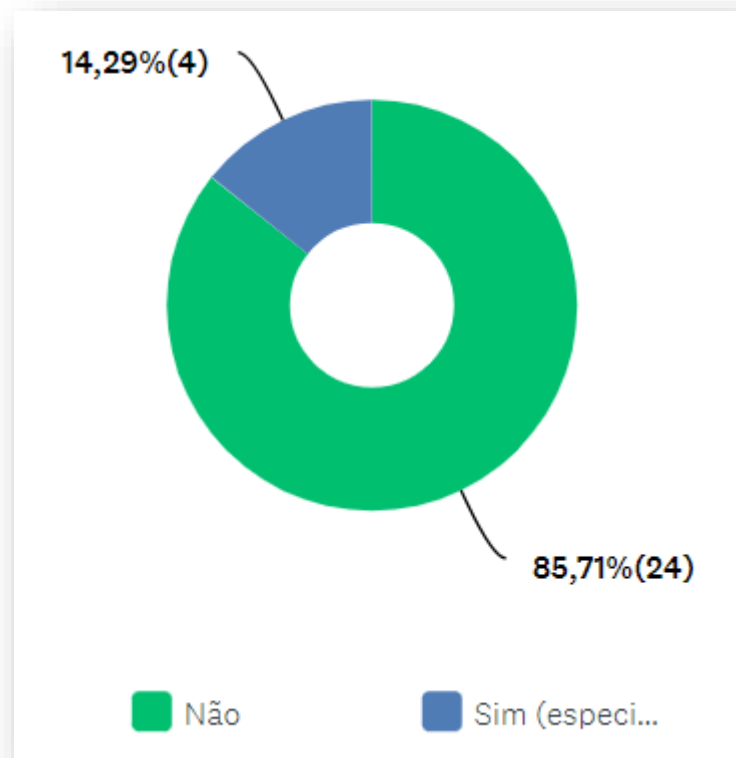
Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Sobre os materiais das 12 áreas temáticas, todos os itens apresentaram um grau significativo de contribuição para as atividades dos discentes/pesquisadores. A média de avaliação geral desta questão foi de 3,95 e a menor avaliação foi 3,44. Segundo as respostas, dentre as possibilidades que os materiais das 12 áreas temáticas proporcionam, as de maior aproveitamento para os alunos seriam respectivamente: 1º Leituras direcionadas sobre as temáticas propostas (média de 4,30 / desvio padrão de 0,94); 2º Conhecimento / aprofundamento sobre as diversas áreas da gestão (média de 4,21 / desvio padrão de 0,77); 3º Conhecimento / aprofundamento sobre os (as) principais autores (as) da área (média de 4,18 / desvio padrão de 0,93) e 4º Conhecimento / filtro dos principais periódicos da área (média de 4,15 / desvio padrão de 0,72).

Ainda sobre essa mesma questão, quando comparados os dados por maturidade acadêmica, ou seja, dentre os distintos graus de titulação dos discentes respondentes, é possível

verificar que as maiores médias de avaliação dos itens propostos se concentram no perfil dos alunos do mestrado profissional e do mestrado acadêmico, seguidos dos alunos de graduação. De forma geral, ainda que com médias de avaliação positivas, os alunos de doutorado são os que atribuem menor importância aos materiais produzidos para as 12 áreas temáticas. Isso leva a uma inferência de que esses materiais são tão mais relevantes quanto mais no início estiverem as carreiras dos pesquisadores que os acessam.

Figura 41 – Indicação dos discentes/pesquisadores de outras ferramentas de pesquisa além das listadas na página do NAPP



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

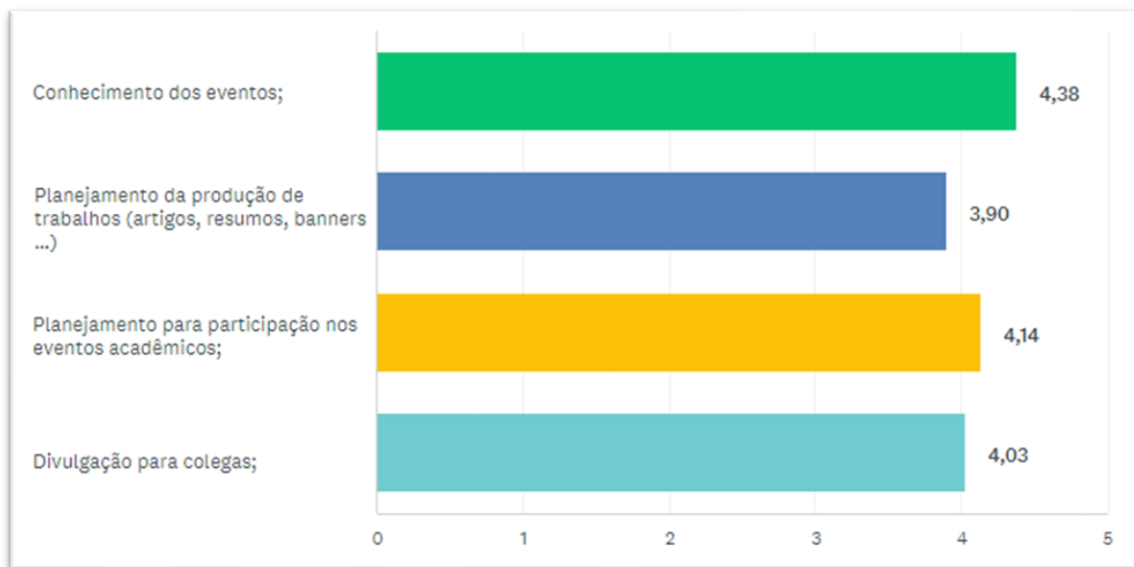
A maioria (85,71%) dos discentes/pesquisadores respondeu que não teria a indicação de outras ferramentas de pesquisa além das já dispostas na página do NAPP. Dos que responderam positivamente (Doutorando e Egressos), as ferramentas recomendadas foram:

- **Recomendação 1:** *Bibliometrix (roda em R)*
- **Recomendação 2:** *Zotero, Mendeley, Obsidian*
- **Recomendação 3:** *Iramuteq - pesquisa quali, Qualtrics, pesquisa quanti*
- **Recomendação 4:** *Survio (Plataforma para Coleta de Dados), Para análise fatorial (Factor, MPlus)*

Essas recomendações refletem o interesse dos discentes/egressos em aprender e compartilhar conhecimentos sobre ferramentas que auxiliem/facilitem o processo de pesquisa, seja ela de teor qualitativo ou quantitativo. Também desperta para a necessidade/possibilidade do NAPP ofertar mais cursos sobre essas ferramentas.

Para a próxima revisão da página do NAPP, assim como as outras recomendações feitas pelos docentes, estas indicações serão discutidas com o grupo e levadas em consideração para divulgação/disponibilização.

Figura 42 – O quanto a disponibilização dos links dos principais eventos acadêmicos da área de gestão pode contribuir para os discentes/pesquisadores (Escala de avaliação de 1 a 5)

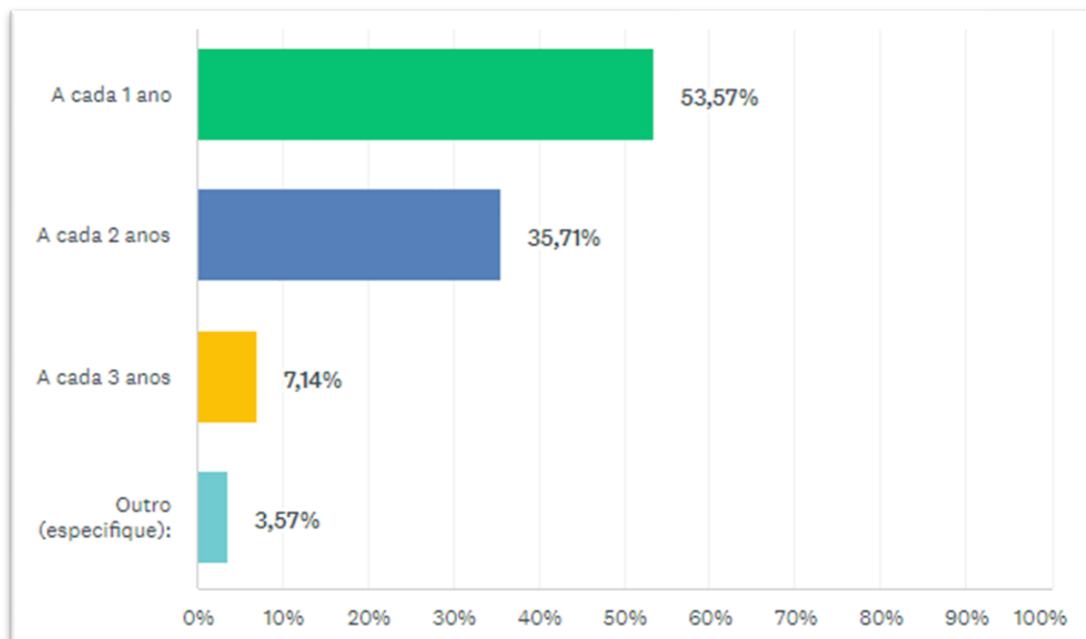


Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Sobre a disponibilização da lista dos principais eventos da área de administração/gestão e seus respectivos *links*, os discentes/pesquisadores avaliaram, em uma escala de 1 a 5, o conjunto de assertivas com a média aritmética de 4,16, sendo a menor média igual a 3,90. Ou seja, todos os itens avaliados apresentaram um alto grau de contribuição para as atividades dos discentes.

Ao compararmos os dados dessa questão dentre os distintos graus de titulação dos discentes respondentes, verifica-se que as maiores médias de avaliação dos itens propostos se concentram no perfil dos alunos do mestrado acadêmico.

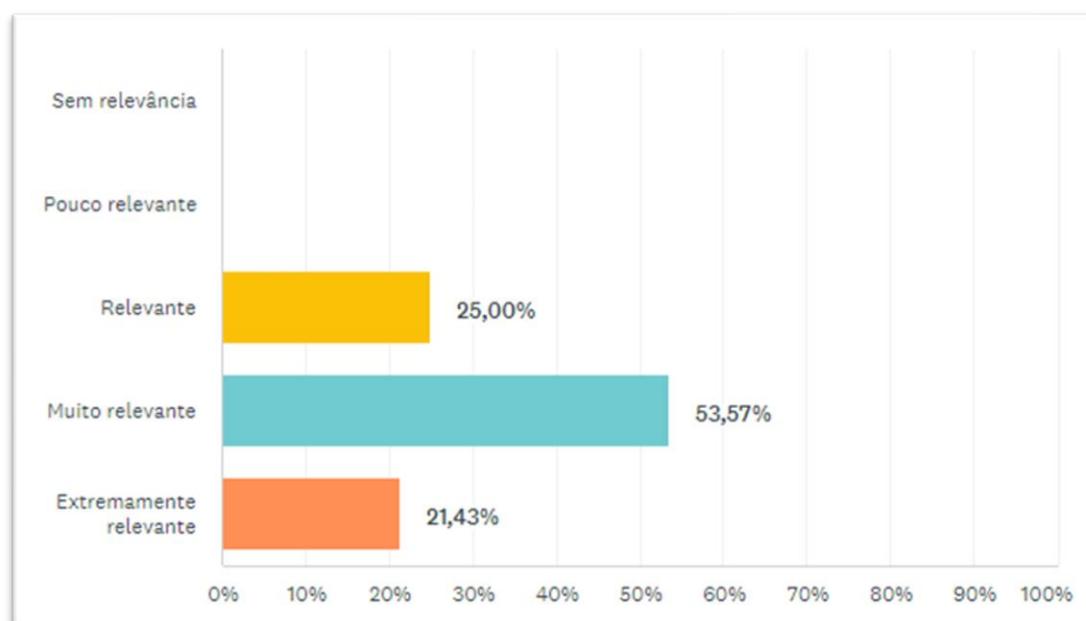
Figura 43 – Proposição dos discentes/pesquisadores para a periodicidade para revisão dos materiais



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Diferente da proposição feita pelos professores, a maioria dos discentes (53,57%) acredita que os materiais da página do NAPP devem ser revisados a cada ano e não a cada dois anos.

Figura 44 – Atribuição de relevância pelos discentes/pesquisadores para o conjunto de materiais e informações disponibilizadas na página do NAPP no que se refere a contribuição para as atividades de pesquisa e publicação



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Na avaliação geral sobre as contribuições do conjunto de materiais e informações constantes na página do NAPP para as atividades de pesquisa e publicação, 100% dos alunos e egressos avaliaram entre relevante e extremamente relevante, sendo que a maioria (53,57%) avaliou como muito relevante. Não houve respostas para as assertivas pouco e sem relevância.

Aqui, mais uma vez, fazendo uma análise comparativa de acordo com a maturidade acadêmica, pôde-se observar que a maior média de avaliação (4,33) e um dos menores graus de dispersão (0,47), foram dos alunos do mestrado acadêmico, seguidos dos alunos de graduação, dos do mestrado profissional e logo dos egressos. A menor média geral foi dos alunos de doutorado.

Figura 45 – Estatísticas da avaliação geral da página do NAPP

	MÍNIMO	MÁXIMO	MEDIANA	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
Q2: Discente graduação	4,00	4,00	4,00	4,00	0,00
Q2: Discente mestrado acadêmico	4,00	5,00	4,00	4,33	0,47
Q2: Discente mestrado profissional	3,00	5,00	4,00	4,00	0,82
Q2: Discente doutorado	3,00	5,00	4,00	3,82	0,72
Q2: Egresso(a)	3,00	5,00	4,00	4,00	0,76

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Registros das observações/contribuições adicionais e/ou indicações de conteúdos dos discentes/pesquisadores para serem disponibilizados na página do NAPP:

- **Observação 1:** *“Teletrabalho é tema com muitos estudos nos últimos anos, e só vi referência a ele na gestão por competências.”*
- **Observação 2:** *“Sugiro incluir neste questionário perguntas sobre a importância desta página do NAPP para a atuação profissional dos discentes e dos egressos. Sou egresso e docente de Administração em outra instituição, e essa página me ajudará muito em meu ofício, seja para as tarefas que lhe são inerentes, seja para indicação para minhas turmas. Na atuação profissional como administrador, as informações disponibilizadas também serão úteis para planejamento, avaliação, monitoramento, diagnóstico organizacional, análise de indicadores etc.”*
- **Observação 3:** *“No tocante ao material de E.O., minha linha/área de pesquisa, considerei-o um pouco defasado. Acredito, por exemplo, que as referências de história/memória não são adequadas. O campo conceitual da identidade*

organizacional é ignorado no material, que acredito ser uma introdução generalista e genérica para os pesquisador@s iniciantes. se esse for o público-alvo, está a contento.”

- **Observação 4:** *“Acredito que em cada linha tenham mais discentes envolvidos que não foram contemplados. Na referência de marketing e sociedade o Trabalho de Costa (2014) já é um livro, publicado em 2015 pela editora da UFBA, acredito que é mais fácil para o leitor achar um livro do que um texto de aula. Senti falta de informar ao leitor dentro de cada linha quais são os grupos de pesquisas existentes;”*
- **Observação 5:** *“Eventos internacionais: Scos - scos.org <https://www.scos.org> SCOS – Standing Conference on Organizational Symbolism Euram- European Academy of Management Entrepreneurship as Practice conference (EaP) Bam - British Academy of Management.”*

Quanto às sugestões dos discentes/egressos, pode-se notar que algumas são mais pontuais, a exemplo da necessidade de incluir nos materiais alguma publicação/autor específico ou algum evento, mas também é possível absorver observações mais gerais, como o destaque da importância desses materiais para docentes de outras instituições.

Todos os resultados da pesquisa, assim como as observações/recomendações vão ser compartilhadas com os membros da CoP e vão ser consideradas para a próxima revisão da página do NAPP.

6. ANÁLISE CRÍTICA DO PROCESSO E DE SEUS RESULTADOS

Engajar pessoas a colaborarem voluntariamente com um projeto não é uma tarefa simples. Quando se trata de colaboração/cooperação no ambiente acadêmico, essa tarefa se torna ainda mais complexa por considerar as rotinas aceleradas dos professores e as relações efêmeras estabelecidas com os alunos.

As premissas básicas para o desenvolvimento do projeto de gestão do conhecimento, que é objeto de estudo deste trabalho, foram o engajamento e a cooperação da comunidade acadêmica. Apesar do rico produto gerado, o processo foi mais longo do que o planejado e passou por diferentes picos/intensidades de colaboração/produção. O fluxo para manter a comunidade ativa, com o interesse em comum de desenvolver materiais para a Página do NAPP não foi linear nem tão pouco uniforme.

Corroborando com Wenger (1998), que categoriza as participações nas CoPs em três distintos grupos (Grupo principal ou central; Grupo ativo e Grupo periférico), nesse processo, assim como em outros ambientes de trabalho, os grupos precisavam de lideranças e mediadores ativos, para que as contribuições e as tarefas fossem desenvolvidas dentro do planejado. Assim sendo, como os 12 grupos de trabalho para desenvolvimento dos materiais das áreas temáticas tiveram coordenações de distintos professores, as entregas refletiram os níveis de dedicação, orientações e entrosamento dos líderes com os discentes que estavam produzindo os conteúdos.

Já no final do processo, conforme mencionado anteriormente, como ainda existiam algumas poucas áreas que sequer haviam iniciado as pesquisas e outras que precisavam de complementações, a pesquisadora responsável pelo desenvolvimento desta tese, se comprometeu com essas produções, ainda que os temas não estivessem entre as suas áreas de estudo.

A despeito da curadoria de algumas áreas não ter sido tão bem feita, na medida que não tiveram a coordenação de professores especialistas, o processo de identificação de alguns artigos seminais e contemporâneos não se deu, necessariamente, com o rigor das orientações recomendadas pela CoP.

Os professores que estavam assumindo cargos de coordenação em setores da EAUFBA estiveram sob forte demanda ao longo do período e apesar de haverem inicialmente se

envolvido com o projeto, pouco ou quase nada conseguiram se dedicar à orientação/revisão dos materiais.

Já os grupos que tiveram professores mais ativos e em maior comunicação com os alunos, não só cumpriram com os prazos, como tiveram um maior rigor e propriedade nas entregas, revisando e fazendo o aceite do material produzido. A assimetria na participação e envolvimento, certamente, se propagou para assimetria na qualidade do material produzido para as respectivas áreas temáticas.

O fato de o projeto ter se estendido mais do que o planejado, afetou diretamente o engajamento dos discentes, uma vez que a dedicação dos mesmos era influenciada de acordo com as atividades acadêmicas de cada semestre (a exemplo dos períodos de provas ou trabalhos de final de semestre). Como o projeto durou mais de dois anos, houve alunos que nesse período tiveram que priorizar a dedicação a suas dissertações e/ou teses. Também ocorreu de alguns alunos participarem de algumas reuniões, se inscreverem para colaborar com algumas áreas, mas não conseguirem se dedicar à produção por concorrer o tempo com outras atividades pessoais. Outro fator é que a divulgação do projeto foi muito concentrada durante os semestres de 2020.2 e 2021.1, fazendo com que os alunos que ingressaram na EAUFBA depois desse período pouco ou quase nada se engajassem por desconhecer a iniciativa do NAPP, devido à baixa divulgação.

Quanto à participação dos egressos, foi possível evidenciar que as adesões se deram, especialmente, em função das relações de amizade com outros alunos que estavam colaborando com as produções. Todos os egressos colaboraram nas áreas que já haviam desenvolvido pesquisas.

Quanto às formas de interação e comunicação com os membros da CoP, as videoconferências assumiram um papel fundamental para a manutenção das atividades do grupo, particularmente por se tratar de um período pandêmico onde as interações se concentraram compulsoriamente em ambientes virtuais. O grupo de WhatsApp funcionou não só para a troca de informações sobre o projeto, mas também para a divulgação de outras ações e trocas acadêmicas. O grupo segue ativo até hoje e serviu inclusive para propagação da pesquisa de avaliação da página do NAPP. Já o grupo de *e-mails* do Google foi mais usado para envio de convites das reuniões e trocas no período inicial das produções dos materiais.

As motivações dos participantes da CoP para cooperar com a iniciativa foram das mais variadas e, dentre as relatadas ao longo do processo, destacam-se: interesse em intercambiar conhecimentos e fortalecer os laços entre alunos e professores para além do ambiente de sala de aula; estar envolvido em possíveis publicações derivadas desses trabalhos e enriquecer o Lattes; contribuir com as iniciativas do NAPP e do NPGA; poder auxiliar os alunos/pesquisadores que estão iniciando suas atividades no universo da pesquisa; estreitar laços entre orientador e orientando; ter trabalhos em parceria com professores e colegas da pós graduação, entre outras.

Com respeito à estruturação da página do NAPP, conforme já citado, a ideia inicial era criar um site próprio dentro do domínio ufba.br, contudo, ao longo do processo, por decisão institucional a página foi alocada dentro do site do NPGA. Essa decisão apresenta aspectos positivos do ponto de vista de concentração de informações sobre pesquisas no site do NPGA. Entretanto, para o grupo de trabalho essa decisão também traz alguns aspectos negativos no que diz respeito à visibilidade e funcionalidades da página do NAPP, uma vez que para se chegar nela, são necessários alguns cliques e que alguns conteúdos que tinham a previsão de interatividade com o leitor/usuário, tiveram que ser agrupados e/ou suprimidos para se adequar aos padrões/arquitetura do site do NPGA. Este é um dos aspectos que deve ser discutido no próximo ciclo.

A despeito das diversas limitações do processo, no tocante à percepção e o grau de importância atribuído pelas partes interessadas de acordo com o grau de maturidade acadêmica, os resultados do levantamento survey evidenciaram que o trabalho de estruturação de materiais e informações na página do NAPP se mostrou extremamente importante/relevante para os discentes com graus iniciais e intermediários de maturidade acadêmica, a exemplo dos discentes de graduação, mestrado acadêmico e mestrado profissional. Se todas as 12 áreas tivessem seguido o mesmo fluxo recomendado para as pesquisas e o mesmo rigor em termos de curadoria e validação do trabalho desenvolvido, certamente que se detectaria uma maior percepção de relevância.

Antes de passar para as considerações finais deste trabalho, é de suma relevância o registro de recomendações para o processo para a manutenibilidade dos conteúdos da página do NAPP:

- Definir a periodicidade de revisão dos materiais: a cada um ou dois anos, de acordo com as sugestões de discentes e docentes, respectivamente;

- Acordar junto à coordenação do NAPP os responsáveis pelo processo de revisão em cada área, cabendo ao coordenador a supervisão geral das atividades desenvolvidas
- Atualizar as informações da ficha técnica, mantendo os autores iniciais e o ano de publicação da primeira edição e logo registrar os novos autores responsáveis pela revisão e ano de edição;
- Seguir, na medida do possível, o mesmo fluxo e parâmetros de revisão para todas as 12 áreas, contando com a coordenação de professores/pesquisadores da área;
- Criar estratégias que permitam envolver o maior número de discentes no processo de revisão/elaboração de materiais e conteúdo para a página do NAPP, a exemplo de incluir isso como uma atividade ligada ao estágio docente (tirocínio) dos alunos de mestrado e doutorado da EAUFBA.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos estudos sobre Gestão do Conhecimento, coexistem variados modelos de maturidade e prescrições de como criar, socializar, distribuir e gerir o conhecimento nas organizações, além de como avaliar a influência dos fatores internos e externos nesses processos, conforme apresentado na revisão integrativa da literatura deste trabalho, que incluiu autores como Nonaka e Takeuchi (1995; 2000), Davenport e Prusak (1998), Terra (2000), Lee e Kim (2001), Cajueiro (2008) e Batista (2012). Contudo, mesmo após algumas décadas de estudos sobre o tema, os modelos seguem muito focados em organizações privadas, sendo poucas as referências que apresentam elementos suficientes de como essas estratégias e *frameworks* podem ser aplicados a contextos institucionais diversificados, a exemplo de Instituições de Ensino Superior.

Davenport e Prusak (2003) indicam que as estratégias e prática de GC são compostas por um conjunto interligado de atividades que tem como finalidade identificar, capturar, gerenciar e compartilhar todo o ativo de informações de uma organização. Nas discussões levantadas por Cajueiro (2008), se aponta que em IES, as estratégias de GC aplicadas costumam focar em práticas e na utilização de instrumentos, como portais institucionais, para facilitar o uso das informações destas instituições de ensino.

Partindo dessas ponderações e com o escopo de proporcionar organicidade aos processos de produzir e estruturar o conhecimento associado às atividades de pesquisa e publicação, o presente estudo teve como objetivo desenvolver, implementar e avaliar uma estratégia colaborativa de Gestão do Conhecimento para as atividades de pesquisa e publicação em um programa de pós-graduação de uma universidade federal, com base em informações e conhecimentos necessários para a qualificação dessas atividades.

Para chegar a esse objetivo, foram delineados os seguintes passos: (i) Identificar o conjunto de conhecimentos e informações relevantes para otimização das atividades de pesquisa e publicação na área de gestão/administração; (ii) Desenvolver uma estratégia colaborativa para apoiar em termos de informações e conhecimento as atividades de pesquisa e publicação; (iii) Implementar a estratégia colaborativa desenhada; (iv) Monitorar os resultados da implementação da estratégia, avaliando a percepção e o grau de importância atribuído pelas partes interessadas de acordo com o grau de maturidade acadêmica.

Com vistas à operacionalização desses passos, se assumiu uma abordagem metodológica quanti-quali, adotando o modelo de Comunidade de Prática - CoP que é

conceituado por Wenger, McDermott e Snyder, 2002 como um grupo de pessoas que partilham um interesse comum, uma dificuldade coletiva ou uma atração sobre algum tema e que interagem voluntariamente de forma contínua de maneira a aprofundar seus conhecimentos. Essas comunidades acumulam conhecimento e têm potencial para desenvolver instrumentos, modelos, guias e outros materiais. Complementarmente, foram aplicadas algumas análises quantitativas, por meio de estatísticas descritivas a fim de avaliar o produto desenvolvido pela CoP.

Assim sendo, ressalta-se que o objetivo geral foi atingido pela somatização dos objetivos específicos propostos. Inicialmente, de forma colaborativa, professores, alunos e egressos, identificaram o conjunto de conhecimentos e informações com base nas divisões/temas da ANPAD e também nas linhas de pesquisa dos docentes da EAUFBA, chegando à definição de 12 áreas temáticas da gestão/administração. Logo na sequência, ao longo de dois anos e contando com a colaboração de quase 30 pessoas distribuídas em grupos de trabalho, se desenvolveu uma estratégia colaborativa, que focou em uma estrutura informacional, que permitisse criar uma página web do NAPP, para reunir e disponibilizar as informações relevantes para cada área de gestão, além de ferramentas, bases de dados, eventos, entre outras informações relevantes para os pesquisadores. O desenvolvimento da estratégia foi alicerçado na construção e permanente compartilhamento do conhecimento identificado como relevante para as atividades de pesquisa e publicação. Após todo o processo de produção e curadoria coletiva dos materiais, a página do NAPP foi criada e alimentada de modo a apoiar as atividades de pesquisa e publicação do NPGA. Com a página ativa, se buscou por meio da aplicação de um *survey*, direcionado para as partes interessadas, avaliar a percepção e o grau de importância atribuído aos conteúdos e informações disponíveis. Nessa avaliação foi possível constatar que o trabalho de estruturação de materiais e informações na página do NAPP se mostrou excepcionalmente importante/relevante para os discentes com graus iniciais e intermediários de maturidade acadêmica, a exemplo dos discentes de graduação, mestrado acadêmico e mestrado profissional.

Em resposta à pergunta de pesquisa deste trabalho e confirmando a hipótese levantada, observa-se que, partindo do compartilhamento de um interesse e visão em comum sobre o processo que envolve as atividades de pesquisa e publicação e da compreensão das informações e conhecimentos necessários para a qualificação dessas atividades é possível desenvolver uma estratégia colaborativa, por meio de uma CoP, envolvendo ativamente as partes interessadas que resulte na gestão do conhecimento relevante.

Insta ainda salientar que, diferentemente do padrão de outros trabalhos acadêmicos, a autora se dedicou não só à escrita da tese, mas se envolveu ativamente em todo o conjunto das ações necessárias para desenvolvimento, implementação e avaliação da estratégia, liderando junto à coordenação do NAPP a produção e revisão de mais de 350 páginas de conteúdos das áreas temáticas da gestão, além da organização do conjunto de informações sobre as ferramentas de pesquisa, base de dados, normas e eventos acadêmicos.

Quanto às limitações da pesquisa, ainda que esta tese tenha logrado os objetivos estabelecidos em seu projeto, alguns pontos que servem para a reflexão são:

- O envolvimento direto da pesquisadora na cocriação da estratégia colaborativa pode, em parte, ter limitado a análise crítica e “distanciada” do processo;
- A estruturação do questionário de avaliação da plataforma contou com escalas de avaliação longas (muitas assertivas) o que possivelmente influenciou na quantidade de respostas completas e incompletas do levantamento, o que limitou a análise, sobretudo pelos números reduzidos nos subgrupos (discentes, docentes, mestrandos, doutorandos etc.);
- Ainda sobre a pesquisa de avaliação, entende-se que o curto tempo em que o *survey* ficou aberto para coleta de respostas (em média três semanas) e que o período de aplicação (final de semestre) podem ter influenciado no quantitativo de respostas;
- A qualidade do material foi afetada pela enorme assimetria de participação nos envolvidos em cada grupo;
- Uma vez que o material ficou pronto em um prazo muito próximo à data de defesa da tese não houve tempo suficiente para uso espontâneo do conteúdo o que permitiria uma melhor avaliação do interesse despertado e uso das informações disponíveis.

Entre os estudos futuros, que podem derivar ou complementar a presente pesquisa, encontram-se:

- Realizar uma pesquisa específica com os membros da CoP, autores dos materiais, para compreender os fatores motivacionais para engajamento no projeto;
- Replicar e avaliar essa experiência da estrutura de informacional com base em áreas temáticas em outros programas de pós-graduação de distintas áreas do conhecimento;
- Após dois anos da plataforma ativa, re replicar o questionário junto à comunidade da EAUFBA para avaliar a percepção quanto ao grau de contribuição dos conteúdos e informações disponíveis para as atividades de pesquisa e publicação;

- Avaliar como os materiais das áreas temáticas desenvolvidos pelo NAPP podem contribuir com as atividades de docência em outras IES.

Por fim, entende-se que a importância do trabalho não se limitou ao desenvolvimento, implementação e avaliação da estratégia, mas também se relaciona com a riqueza do processo colaborativo que extrapolou os objetivos da presente pesquisa. Se a premissa estipulada para este trabalho estiver correta, compreende-se que os bons resultados alcançados possam servir de demonstrativo para que novos interessados venham a dar continuidade ao processo, garantindo a manutenibilidade do conteúdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGOTE, L. Reflections on two views of managing learning and knowledge in organizations. **Journal of Management Inquiry**, v. 14, n. 1, p. 43-48, 2005.
- APQC American Productivity & Quality Center. Communities of Practice: Overview. APQC. 2008.
- AZEVEDO, M. L. J. A Educação como política pública. Campinas, SP: Autores Associados, 2004; v. 5. (**Coleção Polêmicas do Nosso Tempo**).
- BASTOS, A.V.; GONDIM, S.M.; LOIOLA, E.; Aprendizagem Organizacional Versus Organizações que Aprendem: Características e Desafios que Cercam essas duas Abordagens de Pesquisa. **R. Adm.**, São Paulo, v.39, n.3 p.220-230. Jul./ago./set. 2004.
- BATISTA, Fábio Ferreira. Modelo de gestão do conhecimento para a administração pública brasileira: como implementar a gestão do conhecimento para produzir resultados em benefício do cidadão. 2012, p. 13-118.
- BATISTA, Fábio Ferreira et al. Gestão do conhecimento na administração pública. 2005.
- BOTELHO, Louise Lira Roedel; DE ALMEIDA CUNHA, Cristiano Castro; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.
- BROOME, M. E. Integrative literature reviews for the development of concepts. In: RODGERS, B. L.; CASTRO, A. A. Revisão sistemática e meta-análise. 2006.
- CAJUEIRO, Joyce Lene Gomes. Modelo de gestão do conhecimento para instituições de ensino superior. 2008.
- CARVALHO, Rodrigo Baroni; SOUZA, Renato Rocha; LOUREIRO, Rogério. Como implantar gestão do conhecimento. In: **Congresso Anual da Sociedade Brasileira de gestão do Conhecimento**, 2, 2002, São Paulo. SBGC, 2002.
- CASTELLS, Manuel; ESPANHA, Rita. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas, 2007.
- CASTELLS, M. Network theory| A network theory of power. **International journal of communication**, 5, 15, 2011.
- CHOO, C. W. A organização do conhecimento: Como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: SENAC, 2003.
- COHEN, W. M.; LEVINTHAL, D. A. Innovation and learning: the two faces of R&D. **The Economic Journal**, n. 99, p. 569-596, Sep. 1989.

DAVENPORT, T.; PRUSAK, L. Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

DAVENPORT, T.; PRUSAK, L. Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

DEVLIN, K. Infosense: Turning Information into Knowledge. New York: W.H.Freeman and Co, 1999.

FÉLIX, Patrícia do Prado et al. Análise situacional da gestão do conhecimento em uma Instituição de Ensino Superior por Mmeio da Espiral do Conhecimento. 2003.

FERREIRA, André Luiz Leite; RIBEIRO, Núbia Moura; SILVA, Ronaldo Pedreira. A GESTÃO DA INOVAÇÃO COMO ELEMENTO PARA A MEMÓRIA ORGANIZACIONAL NO IFBA. **Gestão do Conhecimento nas Organizações: Inovação, Gestão, Educação e Tecnologia**, 2019.

FLEURY, A. C. C.; FLEURY, M. T. L. Construindo o Conceito de Competência. **RAC**, Edição Especial 2001, p. 193.

FRESNEDA, Paulo Sérgio Vilches et al. Diagnóstico da gestão do conhecimento nas organizações públicas utilizando o método organizacional Knowledge Assessment (OKA). 2009.

FUKUNAGA, F. Estórias Curiosas sobre a História da Gestão do Conhecimento (2017).

GALLUCCI, Laura et al. Gestão do conhecimento em instituições privadas de ensino superior: bases para a construção de um modelo de compartilhamento de conhecimento entre os membros do corpo docente. 2007.

GONÇALVES, Juliana Pinheiro. Gestão do conhecimento em empresa construtora. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2017.

GRITTEM, Luciana; MEIER, Marineli Joaquim; ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. Pesquisa-ação: uma alternativa metodológica para pesquisa em enfermagem. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 17, p. 765-770, 2008.

HEINZEN, Daiane Aparecida de Melo; DIAS, Almerinda Tereza Bianca Bez Batti. Criação e Gestão do Conhecimento em uma Instituição de Ensino Superior em Santa Catarina na perspectiva de Lustrri, Miura e Takahachi. **Revista Principia - Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB**, [S.l.], n. 41, p. 67-74, jun. 2018. ISSN 2447-9187. Disponível em: <http://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/2027>. Acesso em: 09 Jun. 2019.

ICHIJO, K.; NONAKA, I. **Knowledge Creation and Management: New Challenges for Managers**. [S.I.]: Oxford University Press, 2007.

IPEA. Eixos temáticos do Ipea. 2011 Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/code2011/code-nacional/eixos>>. Acesso em: 04 de Abr. 2022.

HELOU, Angela Regina Heinzen Amin et al. Avaliação da maturidade da gestão do conhecimento na administração pública. 2015.

KIM, Daniel H. "The Link between Individual and Organizational Learning". *Sloan Management Review* 35 (1): 37–50, 1993.

LAVE, J.; WENGER, E. Situated learning: legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LEE, J-H.; KIM, Y-G. A stage model of organizational knowledge management: a latent content analysis. *Expert Systems with Applications*, Oxford, v. 20, n. 4, maio. 2001, p. 299-311.

LEITE, F. C. L. Gestão do conhecimento científico no contexto acadêmico proposta de um modelo conceitual. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação). Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil, 2006.

LESSER, Eric L.; STORCK, John. Communities of practice and organizational performance. *IBM Systems Journal*, v. 40, n. 4, p. 831-841, 2001.

LIN, H.-F. Knowledge sharing and firm innovation capability: an empirical study. *International Journal of Manpower*, v. 28, n. 3-4, p. 315–332. 2007.

MARTINS, José Moleiro. Gestão do conhecimento. **Lisboa: Edições Sílabo**, 2010.

MATOS JUNIOR, Urbano Cerqueira. Identificação do nível de maturidade em gestão do conhecimento das instituições de ensino superior: uma avaliação da escola de administração da UFBA. 2017.

MOLINA-MORALES, Francisco X.; HOFFMANN, Valmir E. Aprendizagem através de Redes Sociais O efeito da proximidade geográfica. *Revista Inteligência Empresarial*, Número 12, pág 6 , Julho de 2002.

NAPP. Núcleo de apoio à Pesquisa e Publicação da Escola de Administração da UFBA. Site. 2023. Disponível em: <https://npga.ufba.br/pesquisa/napp/>. Acesso em: mai. 2023

NAPP. Núcleo de apoio à Pesquisa e Publicação da Escola de Administração da UFBA. 2021.

NAPP. Núcleo de apoio à Pesquisa e Publicação da Escola de Administração da UFBA. 2020.

NONAKA, I. y TAKEUCHI, H. The Knowledge –Creating Company: How Japanese Companies Create the Dynamics of Innovation. New York: **Oxford University Press**, 1995.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. Criação do conhecimento na empresa. São Paulo: ELSEVIER, 1997.

NONAKA, Ikujiro; VON, Krogh, Georg (2009). "Conhecimento tácito e conversão do conhecimento: Controvérsia e avanço na teoria organizacional de criação do conhecimento". **Organization Science** 20. (3): 635-652 doi: 10.1287/orsc.1080.0412.

NPGA. Núcleo de Pós-graduação em Administração da Escola de Administração da UFBA. Site. 2023. Disponível em: <https://npga.ufba.br/>. Acesso em: abr. de 2023

OLIVEIRA, JA de. Gestão do Conhecimento: um estudo de caso em um hospital universitário e de ensino. 2011. Dissertação de Mestrado Profissional em Administração, Universidade Potiguar, Natal, RN, Brasil.

PANTOJA, M. J., LIMA, S. M. V., & BORGES-Andrade, J. E. Avaliação de impacto de treinamento na área de reabilitação: preditores individuais e situacionais [Texto completo]. In Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Administração (Org.), 23º **Encontro Nacional da ANPAD**. (Texto em CD-ROM, pp. 1-14). Foz do Iguaçu: Autor, 1999.

PEREIRA, Adriano J., DATHEIN, Ricardo. Processo de aprendizado, acumulação de conhecimento e sistemas de inovação: a “co-evolução das tecnologias físicas e sociais” como fonte de desenvolvimento econômico. **Revista Brasileira de Inovação**, Campina, v. 11, n. 1, p.137-166, jan./jun. 2012.

PICCHIAI, D.; OLIVEIRA, P. S. G.; LOPES, M. S. Gestão do conhecimento e as comunidades de prática. *Gestão e Regionalidade*, São Caetano do Sul, v. 23, n. 68, n. 23, p. 45 55. 2007.

POLANYI, Michael. The tacit dimension. **University of Chicago press**, 2009.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

RAUTENBERG, Sandro et al. Modelo de conhecimento para mapeamento de instrumentos da gestão do conhecimento e de agentes computacionais da engenharia do conhecimento baseado em ontologias. 2012.

RIBEIRO, Elizabeth Matos; IZQUIERDO, Oscar Chassagnes. Gestão do conhecimento e governança no setor público. 2017.

RIBEIRO, R.; KIMBLE, C.; CAIRNS, P. Quantum phenomena in communities of practice. *International Journal of Information Management*, v.30, p. 21 27. 2010.

SANTOS, Cintia Almeida da Silva. Modelo de gestão do conhecimento para organizações de educação profissional e tecnológica: a comunidade de prática na implementação de um repositório digital institucional. 2017.

SOUSA, Letícia Lima de; BARROS, Thiago Henrique Bragato; GOMES, Nilzete Ferreira. Gestão do Conhecimento em Bibliotecas Universitárias: estudo bibliométrico na base de dados Web of Science. RICI: **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**. Brasília: UnB. Vol. 13, n. 3 (set./dez. 2020), p. 1001-1018, 2020.

TAKIMOTO, T. Afinal, o que é uma comunidade de prática? Blog SBGC. 2012.

TAKEUCHI, H. & NONAKA, I. Gestão do Conhecimento. Porto Alegre: Bookman, 2008.

TERRA, José Cláudio Cyrineu. Gestão do conhecimento: o grande desafio empresarial. 2005.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento em ambientes organizacionais. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 4, 2008.

WENGER, E. Communities of practice: learning, meaning and identity. New York: Cambridge University Press, 1998.

WENGER, E., MCDERMOTT, R. A.; SNYDER, W. M. Cultivating communities of practice: a guide to managing knowledge. Boston: Harvard Business School Press, 2002.

APÊNDICE I – PLANILHA DE REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Tema	Nacion.	Revista/Periódico/ Evento	Ano	Autores	Título	Horizonte temporal	Metodologia	Resultados	Conclusões
knowledge management systems	Estrangeira	MIS Quarterly	2001	Alavi, Maryam; Leidner, Dorothy.	REVIEW: KNOWLEDGE MANAGEMENT AND KNOWLEDGE MANAGEMENT SYSTEMS: CONCEPTUAL FOUNDATIONS AND RESEARCH ISSUES	1988-2000	Processo detalhado sobre visão da gestão do conhecimento organizacional com foco no papel potencial da informação tecnologia neste processo. Baseando-se no revisão de literatura e análise de processos de gestão de conhecimento, discutimos vários questões de pesquisa que envolvem os processos de gestão do conhecimento eo papel da TI no apoio esses processos.	Em ambientes hipercompetitivos, a tecnologia da informação será entrelaçada com estratégias e processos de gestão do conhecimento organizacional. Isso baseia-se na observação de que, nessas empresas, os processos de GC abrangem o tempo e a distância geográfica	Neste artigo, apresentamos uma discussão sobre conhecimentos, gestão do conhecimento e sistemas de gestão do conhecimento com base numa revisão, interpretação e síntese de uma ampla gama de literatura relevante. Várias conclusões gerais pode ser tirado do nosso trabalho.
Gestão do conhecimento científico	Nacional	Consórcios de bibliotecas no Brasil: um desafio à democratização do conhecimento	2007	Fernando César Lima Leite; Sely Maria de Souza Costa	Repositórios institucionais como ferramentas de gestão do conhecimento científico no ambiente acadêmico	1974-2006	É possível, a partir da análise dessas questões, visualizar uma grande quantidade de mudanças advindas das transformações paradigmáticas em curso, causadas pela introdução de inovações tecnológicas no processo de comunicação científica	Especificamente no contexto das universidades, o sistema de comunicação científica constitui uma camada indispensável e crucial para a implementação de ações de GCC.	Conclui-se que os repositórios institucionais podem ser vistos como ferramentas adequadas para a gestão do conhecimento científico, pois, ao mesmo tempo em que agilizam os processos de comunicação científica, potencializam também a condução de processos que maximizam a criação, o compartilhamento, a disseminação e o uso do conhecimento científico
Gestión del conocimiento y gestión de la calidad	Estrangeira	Investigaciones Europeas de Dirección y Economía de la Empresa	2009	Tarí Guilló, J.J; García Fernández, M.	DIMENSIONES DE LA GESTIÓN DEL CONOCIMIENTO Y DE LA GESTIÓN DE LA CALIDAD: UNA REVISIÓN DE LA LITERATURA	1993-2007	Identificar as dimensões da gestão do conhecimento e gestão da qualidade para ajudar os pesquisadores a medir em estudos futuros tanto conceitos e facilitar a análise de suas relações e sua possível influência nos resultados.	As dimensões propostas para medir a gestão da qualidade são: liderança, planejamento, gestão de pessoas, gerenciamento de processos, informações e análises, foco no cliente, gerenciamento de fornecedores e design de produto.	Este estudo realizou uma revisão da literatura sobre gestão do conhecimento e gerenciamento de qualidade para identificar as dimensões para medir os dois conceitos.

Gestión del conocimiento	Estrangeira	Investigaciones Europeas de Dirección y Economía de la Empresa	2009	Martínez Caro, E	LA GESTIÓN DEL CONOCIMIENTO A TRAVÉS DEL E-LEARNING. UN ENFOQUE BASADO EN ESCENARIOS	1990-2006	Neste trabalho, o método de cenário será usado para considerar e desenvolver abordagens alternativas para a integração do e-learning como uma ferramenta para a gestão de conhecimento de organizações que fornecem uma visão estratégica sobre integração facilitando a tomada de decisões para as organizações.	Neste trabalho, mostramos uma estrutura que define como integrar um sistema de e-learning na gestão do conhecimento de uma organização, especificando como usar cada uma de suas ferramentas para facilitar e melhorar o processo de criação de conhecimento que, por sua vez, leva à captura e distribuição do mesmo.	Em resumo, se as organizações integram o e-learning dentro de sua estratégia de gestão do conhecimento fazendo uso de todo o seu potencial, o e-learning servirá como uma ferramenta valiosa que ajuda a alcançar o objetivo final da gestão do conhecimento: alcançar e manter uma posição competitiva.
Gestão do Conhecimento e universitária	Nacional	Banco de Teses e Dissertações do EGC	2009	IRINEU MANOEL DE SOUZA	GESTÃO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS: uma abordagem fundamentada na gestão do conhecimento.	1977-2009	Efetuada entrevistas semi-estruturadas com os reitores, ex-reitores, pró-reitores, diretores de centros/faculdades ou equivalentes, chefes de departamentos, coordenadores de cursos, bem como com os docentes, técnicos e estudantes integrantes do Conselho Universitário das IFES pesquisadas.	Os resultados da pesquisa indicam que as práticas de gestão do conhecimento são pouco adotadas nas universidades federais. Constatou-se a ocorrência, ainda de forma parcial, das seguintes práticas: sistemas de informações, novas formas organizacionais, estratégia organizacional, avaliação organizacional, comunicação institucional, avaliação de competência individual, planos de reconhecimento e recompensa, estímulo a criatividade e inovação, relacionamento com a sociedade, relacionamento com outras instituições e responsabilidade social.	Concluindo este estudo, constatou-se que os macroconstrutos e as categorias de análise utilizados nas pesquisas, expandiram a possibilidade da análise situacional nas IFES quanto à ocorrência de gestão do conhecimento.
Gestão e espiral do conhecimento	Nacional	Perspectivas em Ciência da Informação	2010	Miriam Oliveira; Grace Vieira Becker; Cristiane Drebes Pedron; Felipe Dall Igna	Espiral do conhecimento em frameworks de gestão do conhecimento: o caso de duas organizações em Portugal	1997-2007	Nesta pesquisa, foram selecionadas duas organizações operando em Portugal, na área de tecnologia da informação, considerando como principal critério de escolha a existência de GC. Por questões de sigilo, as organizações serão chamadas de A e B.	O nível de detalhamento dos frameworks de implementação de GC é variável, sendo os frameworks propostos por Holsapple e Joshi (2002) e Jarrar (2002) os que tratam de um maior número de aspectos.	Concluiu-se que uma organização possui maior foco na externalização e outra organização possui um equilíbrio entre os modos de conversão.
Gestão do Conhecimento e inovação	Nacional	RAI – Revista de Administração e Inovação	2012	Paulo Henrique de Oliveira; Carlos Alberto Gonçalves; Edmar Aderson Mendes De Paula; Karine Aparecida Santos	GESTÃO DO CONHECIMENTO ORIENTADA PARA A ESTRATÉGIA DE INOVAÇÃO DE PRODUTOS TECNOLÓGICOS: O CASO DA INVENT VISION	1989-2006	A estratégia de pesquisa utilizada foi o estudo de caso descritivo, sendo os dados coletados por meio da realização de uma entrevista semi-estruturada com o responsável pelo departamento de produção do respectivo empreendimento.	Os resultados demonstraram que a Invent Vision, por meio do seu departamento de produção, valoriza o conhecimento relevante dos seus profissionais e estimula o compartilhamento e aplicação dos mesmos em benefício dos seus clientes, especialmente pela disponibilização de produtos com qualidade diferenciada e inovadores.	Por meio da técnica da análise de conteúdo, verificou-se se as práticas gerenciais desenvolvidas no respectivo departamento estão em sintonia com os pressupostos teóricos e epistemológicos da gestão do conhecimento, conforme a ideia dos principais teóricos que pesquisam sobre o tema em questão.

Conhecimento e ferramenta de gestão	Nacional	Revista Gestão Premium/Cursos de Administração e Ciências Contábeis	2012	Luana Tressoldi Rodrigues;Thais de Lima Silveira; Fabiana Pereira Rosa	Gestão do conhecimento: uma ferramenta de gestão	2001-2013	ensaio teórico está estruturado de forma que a fundamentação teórica sobre conhecimento, gestão do conhecimento e prós e contras da gestão do conhecimento, está estruturada no segundo capítulo. Posteriormente, o terceiro capítulo traz as considerações finais do estudo.	Nos processos sugeridos pela gestão do conhecimento, acreditamos que a retenção e o armazenamento do conhecimento sejam de suma importância, já que cada vez mais são comuns aos colaboradores que buscarem melhores condições de trabalho e melhores salários.	Podem-se encontrar dificuldades na busca pelo uso da gestão do conhecimento, como colaboradores desmotivados a transmitir o que sabem custos elevados, ou a resistência dos trabalhadores ao novo, mas é preciso que as empresas invistam em conhecimento para que possam evoluir e aumentar a produtividade, para assim buscar um caminho de sucesso inseridas no mercado.
Responsabilidade social	Estrangeira	Estudios Gerenciales	2013	Juan Guillermo Saldarriaga Ríos	Responsabilidad social y gestión del conocimiento como estrategias de gestión humana	1979-2009	O artigo é produto de 2 pesquisas que visam analisar tendências e estratégias de gestão humana utilizadas tanto no nível nacional e internacional, e no qual é utilizado um desenho metodológico flexível.	Com base na pesquisa realizada e nas análises em relação ao uso da responsabilidade social e gestão do conhecimento nas organizações, pode-se afirmar que ambas as tendências são amplamente utilizadas pelas empresas estudadas em seus processos de administração e gestão, mas em muitos deles eles não são articulados na estratégia de gestão humana.	O uso e implementação em empresas colombianas de tendências atuais em gestão humana, incluindo responsabilidade social e do conhecimento, evidência de crescente interesse encontrar alternativas que lhes permitam ser mais produtivos e competitivos, usando estratégias cada vez mais utilizadas na arena internacional.
Administração Pública e cultura organizacional	Nacional	RAI – Revista de Administração e Inovação	2013	Cristiano Trindade De Angelis	UMA PROPOSTA DE UM MODELO DE INOVAÇÃO E INTELIGÊNCIA GOVERNAMENTAL	1991-2013	Este artigo, utiliza a revisão dos conceitos e práticas de GC e IO e da críticas aos modelos de governança e do sistema de inteligência do país.	A implicação teórica mais importante foi o desenvolvimento do modelo MISP, que mostra como a cultura organizacional e a GC influenciam a IO. A implicação prática mais importante é que os líderes precisam ver a mudança cultural como um primeiro passo para então aplicar um plano de GC e IO na Administração Pública.	Este estudo apresentou um novo paradigma para a teoria existente e identificou implicações teóricas e práticas.
Gestão da inovação e comportamento organizacional	Nacional	RAI – Revista de Administração e Inovação	2014	Élisson Telles Moreira; André Ricardo Stramar	Modelo holístico da gestão da inovação com ênfase na cooperação, flexibilidade e adaptação	1989-2014	A metodologia utilizada é a construção de teoria a partir de estudo de caso de Eisenhardt (1989). A contribuição do artigo está na formalização de um modelo para a análise da gestão da inovação.	Os resultados demonstram que a cooperação, a diversidade e a comunicação são elementos fundamentais para a resolução dos conflitos provenientes das interações sociais dentro da organização.	Este artigo tratou-se de uma contribuição original para a literatura organizacional ao dar ênfase ao estudo da gestão da inovação por meio do pensamento complexo aplicado ao contexto humano das organizações.

Gestão de ideias e inovação	Nacional	RAI – Revista de Administração e Inovação	2014	Carlos Olavo Quandt; Helena de Fátima Nunes Silva; Alex Antonio Ferraresi; José Roberto Frega	PROGRAMAS DE GESTÃO DE IDEIAS E INOVAÇÃO: AS PRÁTICAS DAS GRANDES EMPRESAS NA REGIÃO SUL DO BRASIL	1981-2011	A população da pesquisa foi de 85 empresas, com 41 respostas válidas. Os dados identificaram o perfil das empresas, as práticas de gestão de ideias, benefícios e obstáculos, e fatores determinantes da adoção de iniciativas.	Os resultados indicam que 70% das empresas pesquisadas possuem programas estruturados para solicitar, estimular, avaliar, implementar e recompensar ideias oferecidas pelos funcionários. Os benefícios percebidos foram: capacidade maior de gerar ideias e transformá-las em projetos, o incremento da participação e trabalho em equipe, e o aumento da motivação entre os funcionários	Percebe-se a necessidade de estudos mais profundos sobre o papel da cultura, comportamentos, práticas gerenciais e processos associados à gestão do conhecimento e da inovação, e seus impactos na capacidade de inovar.
Gestión del conocimiento	Estrangeira	Educ Med Super	2014	María Josefina Vidal Ledo; Ana Bárbara Araña Pérez	Gestión de la información y el conocimiento	1999-2014	Os resultados para a data da pesquisa, segundo a proposta de "gestão da informação e conhecimento", ultrapassaram 1.350.000 no Google e 14.800 no Altavista. Dada a natureza acadêmica da pesquisa, o mecanismo de busca do Google Scholar foi aplicado, chegando a 715 referências das quais tiramos uma amostra para o presente trabalho.	Dessa forma, novas formas de comunicação social são promovidas e, portanto, métodos e estilos de trabalho e de vida são atualizados e reformulados, onde a Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento adquirem maior relevância social, ao trocar e compartilhar em rede, constitui o paradigma da nova Sociedade da Informação	Conclui que o desafio está nas mãos de profissionais da informação que devem garantir um gerenciamento adequado de documentos e informações que apoiem e apóiem a missão, objetivos e metas da organização, com o gerenciamento adequado de informações para a tomada de decisões.
Gestão do conhecimento; transferência de tecnologia	Nacional	LATIN AMERICAN JOURNAL OF BUSINESS MANAGEMENT	2014	Luan Carlos Santos Silva; João Luiz Kovaleski; Silvia Gaia; Eloiza Aparecida Silva Ávila de Matos; Antonio Carlos Francisco	Criação e gestão do conhecimento organizacional na estruturação dos nits no estado da Bahia: os desafios enfrentados pelas universidades estaduais	1997-2013	A metodologia de pesquisa foi qualitativa e assumiu natureza descritiva. O método utilizado na pesquisa é o estudo de múltiplos casos em NITs das universidades públicas estaduais da Bahia.	A ausência de um quadro efetivo nos NITs é a principal barreira que os gestores enfrentam para planejar e executar as atividades no núcleo, que têm contado, basicamente, com a contratação de bolsistas por meio de editais ofertados. P	Para encarar estes desafios, os NITs devem ininterruptamente inovar seus processos e adquirir sempre novos conhecimentos organizacionais para terem uma postura empreendedora e inovadora junto ao setor produtivo.
Knowledge Culture and Structure	Estrangeira	VIKALPA	2015	Sangeeta Shah Bharadwaj, Sumedha Chauhan, and Aparna Raman	Impact of Knowledge Management Capabilities on Knowledge Management Effectiveness in Indian Organizations	1990-2009	Os dados coletados de 156 organizações foram submetidos à modelagem de equações estruturais. o resultados estabelecidos que tanto os recursos de infra-estrutura quanto os recursos de processo papel importante	Foi observado que cultura de uma organização é muito profundamente enraizada e para trazer mudanças estruturais dentro de uma organização não é tão fácil, pois requer mudanças no nível da política. No entanto, grandes organizações são centradas em processos e implementar processos é mais fácil	Este é o primeiro estudo para grandes organizações indianas e está de acordo com os outros estudos realizados em outro lugar. Grandes organizações indianas começaram percebendo a importância da gestão do conhecimento como um ativo estratégico. No entanto, a abordagem para KM varia. Algumas organizações confiam mais em criar uma cultura de conhecimento em uma organização enq quanto outros enfatizam a necessidade de uma abordagem de processo para gerir o conhecimento tácito e explícito dentro a organização

Gestão de conhecimento organizacional	Estrangeira	Atas da Conferência da Associação Portuguesa de Sistemas de Informação	2016	Filomena Lopes; Paula Morais	A prática da Gestão de Conhecimento em Portugal	1995-1998	No início do ano 2000, foram enviados trezentos e noventa inquéritos a empresas de âmbito nacional. Foi feita uma selecção aleatória dentro das mil maiores empresas portuguesas publicadas no Diário de Notícias (DN 1999), bem como de uma lista de associados da ANJE – Associação Nacional de Jovens Empresários do Porto. V	Foram também identificados os benefícios e dificuldades na GC. Para tal, foram apresentadas duas listas, uma de benefícios e outra de dificuldades, construídas com base na revisão de literatura.	Constatou-se que as organizações que fazem gestão de conhecimento são as grandes empresas, mais de um milhão e meio de contos de volume de negócio, o que poderá ser influenciado pelo facto do maior número de respostas ser deste tipo de organizações. Esta situação alerta para a hipótese de alheamento das pequenas e médias empresas para este assunto.
Capital intelectual. Métricas de qualidade.	Nacional	Revista GUAL	2015	Neimar Sousa; Cleber Augusto Pereira; Telma Maria Chaves Ferreira da Silva; José Maria Paixão Filho; Renato Pereira Monteiro; Edson José Borges	MAPEAMENTO CONCEITUAL DA INTER-RELAÇÃO ENTRE GESTÃO DO CONHECIMENTO, CAPITAL INTELLECTUAL E MÉTRICAS DE QUALIDADE NAS UNIVERSIDADES	1999-2013	A contribuição principal deste trabalho residiu na elaboração de proposta de mapeamento integrativo dos conceitos, utilizando-se um mapa conceitual construído colaborativamente entre os autores, e, na elaboração do modelo conceitual do trabalho derivado deste mapeamento.	Estes modelos permitiram identificar, de forma visual, a ocorrência de inter-relacionamentos entre os conceitos, que não seriam de fácil evidênciação num contexto meramente textual.	Este trabalho apresentou uma revisão de literatura com o objetivo de compreender e identificar a existência de uma inter-relação entre a gestão do conhecimento, mensuração do capital intelectual e as diversas métricas de qualidade no ensino superior.
Gestão do conhecimento e ferramenta de diagnóstico	Nacional	Revista Eletrônica Gestão & Saúde	2015	Aline Cristina de Fátima; Edmilsson Nastasi Junior; Francisco Rodrigues Lima Junior	UMA FERRAMENTA PARA AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE MATURIDADE DA GESTÃO DO CONHECIMENTO ORGANIZACIONAL	1998-2014	A ferramenta foi desenvolvida com base em dois modelos teóricos da literatura relacionada: espiral do conhecimento e o modelo das sete dimensões. Uma aplicação piloto foi realizada em uma empresa do setor têxtil por meio de uma pesquisa de levantamento (survey).	Os resultados obtidos demonstram a capacidade da ferramenta de diagnóstico de auxiliar os gestores das empresas a identificar e analisar a efetividade dos processos de geração, conversão, armazenamento e compartilhamento do conhecimento organizacional.	Para o caso de aplicação apresentado, conclui-se que há vários pontos a serem melhorados em relação ao gerenciamento do conhecimento na empresa.
Aprendizaje inverso y aprendizaje audiovisual	Estrangeira	III Congreso Internacional sobre Aprendizaje, Innovación y Competitividad	2015	María Luisa Sein-Echaluce Lacleta; Ángel Fidalgo Blanco; Francisco García Peñalvo	Metodología de enseñanza inversa apoyada en b-learning y gestión del conocimiento	2000-2016	Para realizar a investigação deste trabalho, três sessões, a primeira de uma forma tradicional e para o dois grupos A segunda e a terceira sessões foram realizadas através do método MFT para o grupo experimental e como tradicional para o grupo de controle.	os resultados, na maioria das obras, são realizadas na percepção da utilidade da aplicação do ensino da Flip. Neste trabalho é medido o impacto sobre a aprendizagem e a retenção do mesmo	O modelo MFT foi aplicado em duas sessões de aprendendo com uma carga teórica forte e não foi necessário fazer mudanças estruturais no assunto.

Gestão do conhecimento. Aprendizagem organizacional	Nacional	Production xx	2015	Rodrigo Valio Dominguez Gonzaleza; Manoel Fernando Martins	Gestão do conhecimento: uma análise baseada em fatores contextuais da organização	1978-2013	Foi utilizado um método de pesquisa quantitativo, baseado em uma pesquisa survey.	Os resultados obtidos apontam para a existência de oito fatores contextuais que sustentam o processo de GC. Esses fatores são relacionados essencialmente ao ser humano, responsável pela retenção e transformação do conhecimento primário, e ao desenvolvimento de um contexto organizacional que estimule o processo de aprendizagem.	Este artigo cumpre seu objetivo de identificar os fatores contextuais que sustentam a prática da GC no âmbito organizacional. Conforme referências supracitadas, quando uma organização introduz um processo para GC sem que haja uma preparação prévia os resultados acabam sendo frustrantes
Gestão da Informação	Nacional	REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNBNAL DA UNB	2016	Fernando César Lima Leite; Sely Maria de Souza Costa	Modelo genérico de gestão da informação científica para instituições de pesquisa na perspectiva da comunicação científica e do acesso aberto	1980-2010	Os dados foram coletados por meio da aplicação de questionários, realização de entrevistas e lista de verificação e, em seguida, submetidos à análise estatística e de texto.	Como principal resultado da investigação apresenta-se modelo genérico de gestão da informação científica para institutos de pesquisa, tendo por base a comunicação científica e o acesso aberto, em sua versão gráfica e textual	discutido ao longo deste trabalho, as funções da comunicação científica já não são alcançadas em razão de inúmeros desafios que são colocados no cenário informacional em que se inserem os institutos de pesquisa.
Critical success factors	Estrangeira	International Journal of Sustainable Construction Engineering & Technology	2016	Adnan Enshassi; Islam I. Falouji; Suhair AlKilani ³ , and Matthias Sundermeieri	Knowledge Management Critical Success Factors in Construction Projects	1993-2012	Os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado distribuído aleatoriamente para 300 profissionais do projeto na indústria da construção palestina sobre a gestão do conhecimento experiências. 277 questionários foram recebidos, dando uma taxa de resposta de 92%. Os dados foram analisados usando índice de Importância Relativa (RII) e Análise Fatorial Exploratória (EFA).	erificou-se que o trabalho em equipe e comunicação frente a frente são considerados os fatores críticos de sucesso mais significativos no conhecimento. Além disso, três grupos de fatores críticos de sucesso para o gerenciamento de conhecimento foram categorizados pela EFA. Eles estão relacionados à cultura, ao processo de compartilhamento de conhecimento e à estrutura organizacional.	As descobertas de este estudo é significativo na compreensão dos fatores críticos de sucesso da gestão do conhecimento projeto de construção. Este conhecimento pode contribuir para uma melhor tomada de decisão e melhoria do desempenho de projetos de construção.
Knowledge management in university libraries	Estrangeira	Library Management	2016	Roberta Moraes de Bem; Christianne Coelho de Souza Reinisch Coelho; Gertrudes Aparecida Dandolini	Knowledge management framework to the university libraries	1979-2015	Este trabalho foi estruturado por uma revisão de literatura e baseado em modelos, metodologias e trabalhos existentes, sendo posteriormente avaliado através de grupos focais compostos por gestores de bibliotecas universitárias, resultando em uma versão aprimorada.	Após a avaliação, o trabalho do quadro GC @ BU mostrou ser fácil de aplicar no contexto para o qual foi criado. Vale ressaltar que, além da aplicação do gerenciamento do conhecimento, o GC @ BU reforça a importância da preocupação com a qualidade e os serviços, uma vez que utiliza como parâmetro os padrões da ACRL.	Esta ferramenta fornece a implementação da gestão do conhecimento em bibliotecas universitárias, e o conhecimento é considerado a partir de diferentes abordagens (do usuário, do colaborador, da coleção da biblioteca). Além disso, a ferramenta é organizada de forma a permitir, em módulos e critérios de verificação, que o gestor administre a biblioteca como um todo, do ponto de vista da gestão do conhecimento.

Práticas de gestão do conhecimento, ferramentas de tecnologia da informação.	Nacional	Banco de Teses e Dissertações do EGC	2016	Marcos Antonio Gaspar; Silvio Aparecido dos Santos; Denis Donaire; Marcio Shoiti Kuniyoshi; Leandro Campi Prearo	GESTÃO DO CONHECIMENTO EM EMPRESAS ATUANTES NA INDÚSTRIA DE SOFTWARE NO BRASIL: um estudo das práticas e ferramentas utilizadas	1999-2012	delineado um estudo descritivo de natureza quantitativa que teve como método de pesquisa o levantamento de informações junto a essas empresas. Assim, foram aplicados questionários a 319 funcionários de quinze empresas de software de grande e médio porte atuantes no Brasil.	Além da observação das ferramentas isoladamente, também foi possível apurar o desempenho das diferentes dimensões de ferramentas de tecnologia da informação e comunicação voltadas à gestão do conhecimento. Assim, a categoria de ferramentas que demonstrou maior influência foi a dimensão inteligência artificial.	considerações acima dispostas, sugere-se que as práticas e ferramentas com melhores resultados individuais, bem como as dimensões com melhores performances coletivas, possam ser consideradas como as mais largamente empregadas pelos funcionários das empresas pesquisadas em processos de gestão do conhecimento. Derivado a esse fato, pode-se inclusive apresentá-las como parâmetros a serem seguidos por outras organizações interessadas em melhorar seus processos internos de gestão do conhecimento, além de tais indicativos encontrados também subsidiarem novos estudos extensivos ou complementares.
Educação superior	Nacional	Revista GUAL	2016	Egeslaine de Nez	OS DILEMAS DA GESTÃO DE UNIVERSIDADES MULTICAMPI NO BRASIL	1979-2009	Num primeiro momento, o procedimento metodológico foi o levantamento bibliográfico que consistiu num estado de conhecimento/estado da arte sobre a terminologia multicampi. Posteriormente realizou-se uma pesquisa de campo com entrevistas aplicadas a cinco ex-pró-reitores de pesquisa e pós-graduação da Unemat, além de vinte e um líderes de grupos de pesquisa, constituindo um estudo de caso.	O resultado obtido, constatou-se que a proposta multicampi se expande em unidades menores tentando não comprometer a identidade institucional	Pode-se, considerar finalmente, que existem vantagens na multicampia, entretanto, a dispersão geográfica cria dificuldades de natureza administrativa.
Gestión del conocimiento y cultura organizacional	Estrangeira	Revista Información Tecnológica	2016	Carlos Marulanda; Marcelo López; Fernando López	La Cultura Organizacional y las Competencias para la Gestión del Conocimiento en las Pequeñas y Medianas Empresas (PYMES) de Colombia	1992-2016	O estudo começa com a aplicação de um modelo de avaliação da gestão do conhecimento, para 321 empresas. Para tanto, foram utilizados métodos de análise e síntese e um tipo de estudo descritivo, exploratório e correlacional.	Os resultados obtidos mostram que os estímulos para GC estão diretamente relacionados competências para o GC. A interpretação dos resultados sugere a existência das seguintes razões que ajudam a explicar esta relação, por um lado a cultura organizacional dos estímulos são tentando melhorar GC e por outro lado as pessoas estão se sentindo se sentindo comprometidas com o desenvolvimento de suas tarefas diárias e, nesse sentido, estão gerando habilidades adequadas para fazer e para melhoria contínua do GC.	Conclui-se que a cultura moderada de forma positiva e significativa a competências para a gestão do conhecimento. Espera-se que este estudo contribua para o desenvolvimento de pequenas e médias empresas do país para formular ações para impulsionar seu crescimento

Gestão do conhecimento em projetos.	Nacional	Iberoamerican Journal of Strategic Management	2016	Maria Terezinha Angeloni, Rafael Zimmermann Homma, Luiz Afonso Pereira Athayde Filho, Aldo Cosentino	Gestão da Informação e do Conhecimento em Projetos de Pesquisa e Desenvolvimento – Um Estudo de Caso	1977-2009	Metodologicamente caracteriza-se como uma pesquisa de desenvolvimento experimental, intraprojeto e interorganizacional.	Os resultados ainda não são efetivos em razão do pouco tempo de implantação do projeto, contudo pode-se inferir que a sistematização das informações e conhecimentos em um único ambiente, além de dar suporte ao desenvolvimento das atividades das equipes do projeto, apoiará os processos de gestão da informação e do conhecimento e, essencialmente, a transferência das informações e dos conhecimentos da empresa executora para a empresa patrocinadora / cliente.	Ao finalizar este estudo pode-se entender, com base em Shinoda (2012), a importância do interrelacionamento da área de Gestão do Conhecimento com a de Gestão de Projetos. A Gestão do Conhecimento contribui para a Gestão de Projetos por meio da sistematização da informação e do conhecimento em um único espaço, apoiando a criação e o compartilhamento do conhecimento e, por meio da criação da memória do projeto, facilitando a transferência do conhecimento.
Tecnologias de informação e comunicação	Nacional	XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação	2016	Noadya Tamillys de Oliveira Duarte; Alzira Karla Araújo da Silva	O compartilhamento na perspectiva da gestão da informação e do conhecimento	1998-2016	trata de um estudo de caráter exploratório e natureza qualitativa, realizado por meio de levantamento bibliográfico, pautado na literatura científica da Ciência da Informação, sobretudo nas reflexões dos autores da área da gestão da informação e do conhecimento.	Os resultados parciais indicam que o compartilhamento, quando associado à informação, é caracterizado como um comportamento informacional que colabora com a sinergia dos fluxos formais da organização	O compartilhamento do conhecimento, por sua vez, é uma socialização de experiências vividas pelos indivíduos, tendo em vista a criação e o aprimoramento do conhecimento organizacional. Tais resultados permitem a constatação quanto à importância da organização criar mecanismos e estratégias adequadas para cada tipo de compartilhamento.
Big Data; Gestão do Conhecimento	Nacional	Revista Alcance	2016	Freitas Junior, José Carlos da Silva Macada, Antonio Carlos Gastaud Oliveira, Mirian Brinkhues, Rafael Alfonso	Big data e gestão do conhecimento : definições e direcionamentos de pesquisa	1978-2014	foi realizada uma revisão sistemática de literatura, considerando artigos publicados em periódicos e congressos científicos nas bases de dados EBSCOhost e Web of Science. Foram identificados 85 artigos.	Os resultados são apresentados em duas partes, a primeira em que se faz uma síntese dos dados da pesquisa, destacando as principais palavras-chaves, o número de publicações por fontes dos dados, dentre outras, e a segunda parte é relativa à análise do conteúdo.	Essa análise trouxe contribuições destacando a necessidade de treinamento/capacitação de pessoas para analisar BD e gerar conhecimento, de desenvolvimento de ferramentas de GC para os ativos de Big Data.

Sociologia e gestão curricular contextualizada	Nacional	Associação Portuguesa de Sociologia	2016	Sílvia de ALMEIDA	MODOS DE APROPRIAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCATIVAS PARA UMA GESTÃO CURRICULAR CONTEXTUALIZADA	1991-2016	Privilegiamos uma metodologia de investigação de cariz qualitativo com características da investigação-ação. Como técnicas de recolha de dados, recorremos à análise de conteúdo dos projetos curriculares, a entrevistas semiestruturadas a aplicar às lideranças intermédias dos agrupamentos/escolas para aferir as suas perceções e práticas de gestão curricular.	os resultados preliminares da análise de conteúdo temática dos projetos curriculares com base num sistema de categorias misto, de natureza dedutiva e indutiva, definido com base no conhecimento teórico produzido sobre a problemática em questão e a partir de uma leitura flutuante do corpus em estudo.	A leitura dos relatórios internacionais centrados na problemática do currículo, a literatura teórica e prescrita sobre a elaboração de projetos curriculares, especialmente o livro, Gestão Curricular. Fundamentos e Práticas, permitiu identificar um conjunto de níveis de decisão/dimensões e de conceitos utilizados no âmbito da gestão curricular que guiou a construção do sistema de categorias.
Gestão do conhecimento, Informação e Inovação	Nacional	Perspectivas em Ciência da Informação	2016	Celeste Sirotheau Corrêa Jannuzzi; Orandi Mina Falsarella; Cibele Roberta Sugahara	Gestão do conhecimento: um estudo de modelos e sua relação com a inovação nas organizações	1995-2015	A partir de um levantamento bibliográfico sobre modelos de gestão do conhecimento, realiza-se uma leitura analítica de sua estrutura com base e no conhecimento, identificando suas características para a realização efetiva da gestão.	As modificações observadas em uma inovação semirradical, embora possam resultar da obtenção de conhecimento explícito por parte da organização, elas trazem o conhecimento tácito como sua principal fonte de sustentação	Qualquer que seja a discussão sobre o modelo de gestão do conhecimento é possível observar que, na literatura, há um consenso em se estabelecer uma relação muito próxima entre a gestão do conhecimento e a inovação.
Gestión de ciencia, tecnología y innovación en salud	Estrangeira	Educación Médica	2017	Olga Gloria Barbón Pérez; Jorge Washington Fernández Pino	Rol de la gestión educativa estratégica en la gestión del conocimiento, la ciencia, la tecnología y la innovación en la educación superior	1998-2013	importância de abordar o estudo de instituições de ensino superior de uma perspectiva organização, focada na análise da inter-relação entre que ocorre entre os diferentes componentes organizacionais, a fim de alcançar os objetivos institucional	Na busca de uma sociedade do conhecimento, a inter-relação entre gestão do conhecimento, ciência, tecnologia e inovação desempenha um papel central na planeamento estratégico de qualquer organização educacional, em geral, e do nível superior, em particular.	A harmonização das práticas de gestão educação estratégica na integração da gestão do conhecimento, ciência, tecnologia inovação, protegidos pelas atuais exigências internacionais que surgem de as diretrizes da UNESCO, com uma influência marcante no ensino superior, exigem resolução de problemas que ainda persistem e que se tornam estranhos ao desenvolvimento de uma cultura estratégico.
Knowledge management processes innovation	Estrangeira	Journal of Business Research	2017	Muhammad Shujahata; Maria José Sousab; Saddam Hussaina; Faisal Nawaza; Minhong Wangc; Muhammad Umer	Translating the impact of knowledge management processes into knowledge-based innovation: The neglected and mediating role of knowledge-worker productivity	1994-2017	Os dados foram coletados dos 369 trabalhadores do conhecimento no setor de TI do Paquistão e analisado usando o SmartPLS 3 versão 26.	Os resultados indicam que a produtividade do conhecimento é mediadora entre dois processos de gestão do conhecimento e inovação. No entanto, surpreendentemente, não medeia entre o compartilhamento de conhecimento e inovação.	O objetivo deste estudo foi testar o modelo no modelo negligenciado e papel fundamental de mediação da produtividade do trabalhador do conhecimento nas relações entre três processos de gestão do conhecimento e inovação pela primeira vez.

Conhecimento organizacional e inovação	Nacional	REGE - Revista de Gestão	2017	Wiliam Gatti Junior; Abraham Yu	As transformações do conhecimento no processo de inovação: um estudo multicase no desenvolvimento da tecnologia flex fuel no Brasil	1990-2010	investiga o desenvolvimento da tecnologia flex fuel no contexto brasileiro de três fornecedores de sistemas (sistemistas) para a indústria automobilística. Metodologicamente este artigo se apoiou em entrevistas feitas para os três estudos de caso: Bosch, Magneti Marelli e Delphi	Destacam-se a necessidade de prover de modo integrado a infraestrutura e tecnologia para apoiar o fluxo de conhecimento, a criação de uma cultura voltada para a inovação e a formação e a manutenção de mão de obra qualificada para atender aos desafios impostos pelos requisitos de projeto	A inovação em parceria com outras empresas poderia inverter a ordem da construção do conhecimento em suas dimensões ontológicas, com destaque, talvez, para o conhecimento interorganizacional, que começaria a ser formado logo nas fases iniciais do projeto. A influência dos diferentes estilos de liderança no sucesso de projetos forma um corpo de estudos muito popular na área de gestão de projetos. Assim, algumas pesquisas poderiam relacionar a liderança e a construção do conhecimento nesse contexto
Knowledge conversion process	Estrangeira	Journal of Workplace Learning	2017	Khadra Dahou; Ishaq Hacini; John Burgoyne	Knowledge management as a critical success factor in developing international companies' organizational learning capability	1997-2017	Esta pesquisa dedutiva de estudo de caso descritiva examina o impacto da GC, usando o processo de conversão de conhecimento (KCP) sobre o desenvolvimento de OLC. Ao todo, 70 expatriados foram direcionados para responder a questionários, enquanto apenas 47 eram válidos para análise	Em suma, GC tem um impacto no desenvolvimento de OLC em hotéis internacionais da Argélia. Exibindo a forte interdependência entre GC e OL, expatriados enfatizam a GC como o aprendizado facilitador.	Os hotéis internacionais interessados em realizar CG como processo importante para construir o OLC. Socialização e a internalização reforça a aprendizagem, fornecendo informações primordiais conhecimento tácito sofisticado. Externalização gera especialização e conhecimento estratégico.
Cientometria e Produtividade Institucional	Nacional	Perspectivas em Ciência da Informação	2017	Sandro Rautenberg; Sandro Kaue Motyl; Alessandra Cassiana Burda; Anderson Silvério; Fabrício Marom de Moura	Dados abertos conectados e gestão do conhecimento: estudos de caso cientométricos em uma universidade brasileira	1997-2017	Para subsidiar a realização de estudos de caso no âmbito da Gestão do Conhecimento de universidades brasileiras com dados cientométricos, esta seção aborda: i) o processo metodológico utilizado para publicação dos Dados Abertos Conectados; ii) os conjuntos de dados abertos considerados no domínio da Cientometria; iii) as ontologias e os vocabulários utilizados para representar os dados abertos na web; iv) as ferramentas tecnológicas utilizadas para publicar os Dados Abertos Conectados; e v) a consulta basilar para consumir os Dados Abertos conectados nos estudos de caso.	Neste sentido, considera-se os esforços despendidos como um exemplo profícuo da utilização de Dados Abertos Conectados no subsídio da Gestão do Conhecimento de uma organização. Pontualmente, o trabalho corrobora um projeto maior que é o desenvolvimento de um "Modelo Tecnológico ao Compartilhamento de Dados para Estudos Cientométricos baseado em Linked Open Data"	Este artigo apresenta um estudo interdisciplinar, envolvendo alguns elementos da Cientometria e dos Dados Abertos Conectados para promover a Gestão do Conhecimento em uma universidade pública brasileira.

Práticas de gestão do conhecimento	Nacional	Revista GUAL	2017	Costa D avila, Jones; Sommer Bilessimo, Simone Meister; Leite Esteves, Paulo Cesar; Friderichs Barros, Alberto Felipe; Machado Vargas, Cristiane	PRÁTICAS DE GESTÃO DE CONHECIMENTO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO FEDERAL	1989-2015	Foi realizada uma pesquisa exploratória onde, por meio de um questionário, contendo dezoito práticas de gestão do conhecimento, identificaram-se quais as existentes na organização sob o ponto de vista de seus gestores	Com os resultados foi possível concluir que a instituição faz uso de todas as práticas apontadas, mesmo que de maneira informal, com destaque para Gestão de Marcas e Patentes. Isso evidencia a preocupação do campus com o gerenciamento do seu conhecimento, cujo potencial agrega valor a seus serviços	O presente artigo teve como principal objetivo identificar as práticas de Gestão de Conhecimento existentes no IFSC campus Araranguá.
Inovação em modelo de gestão	Nacional	Revista do Serviço Público	2017	Janissek, J., Aguiar, C. V. N., Mello, T. A. B., Ferreira, R. S., & Campos, M. S	Práticas inovadoras de gestão no contexto das universidades públicas brasileiras: validação da escala para medir seu grau de importância e adoção	1979-2016	A coleta de dados para a validação da medida envolveu uma amostra de 332 gestores que responderam ao questionário online, enviado por e-mail. Os participantes da pesquisa foram ocupantes de cargos de gestão das áreas administrativas e acadêmicas de quatro universidades públicas	Embora os resultados obtidos não possam ser considerados elevados, eles cumpriram o necessário para serem considerados satisfatórios. Vale registrar, ainda, que a exclusão de nenhum dos itens contribuiria de forma significativa para a elevação desses indicadores	Uma vez concluída a etapa de análise das evidências de validade da medida, é possível afirmar que se trata de uma escala com boa qualidade psicométrica. É importante ressaltar, contudo, que estudos futuros podem e devem investir em aprimoramentos que visem a um aumento dos indicadores psicométricos, em especial no que diz respeito aos índices de confiabilidade
Gestión del conocimiento y capacidad de aprendizaje	Estrangeira	Informes Psicológicos	2017	Rosalba Angulo Rincón	Gestión del conocimiento y aprendizaje organizacional: una visión íntegra	1997-2006	Revisão teórica dos diferentes aspectos da gestão de conhecimento nas organizações de uma perspectiva holística, destacando as principais definições, tipologias de modelos para sua criação e gestão, suas relações com a aprendizagem, competências organizacionais, bem como o reconhecimento da sinergia entre os diferentes componentes do capital intelectual na realização de metas organizacionais.	eles são temas que todos os dias eles adquirem um interesse maior por parte das organizações que devem fazer esforços permanente para alcançar sua direção, em busca de vantagens competitivas e valor agregado o que eles representam para o seu desenvolvimento. Entretanto, revisando a literatura frequentemente analisa estes dois construtos isoladamente, sem evidenciar a articulação adequada entre ambos os sistemas organizacionais.	procura gerar processos que facilitem a aprendizagem organização através de práticas dinâmicas que privilegiam o desenvolvimento humano, relacionais, que atuam de maneira sinérgica para a configuração de organizações inteligentes que garantir sua sustentabilidade.

Integrated approach; Lean manufacturing	Nacional	Perspectivas em Ciência da Informação	2017	Rafael de Carvalho Mendes; Max Cirino de MATTOS	Knowledge Management and World Class Manufacturing: an initial approach based on a literature review	2000-2006	A investigação inicial de natureza teórico-conceitual visa desenvolver uma visão abrangente e atual sobre a GC, o WCM, e como (ou “se”) esses construtos se relacionam. As fontes primárias usadas na revisão de literatura foram as bases Web Of Science, Scopus, Emerald, Ebsco, SciELO e Spell, consultadas para o período de 2000 a 2016.	A análise dos trabalhos selecionados mostrou que, apesar de o modelo inicial do WCM ter evoluído para um “novo WCM” na década de 2000, ainda existe na literatura um foco muito direcionado aos aspectos conceituais amplos e em métodos e ferramentas de base, como Total Quality Process, Total Productive Maintenance e Just-in-Time, originados do Sistema Toyota de Produção, o que deixa transparecer a necessidade de estudos mais voltados ao ambiente atual das empresas ligadas ao “novo WCM” e aos seus Métodos e Ferramentas.	Apenas um artigo abordando de forma explícita a interação das teorias da GC com o WCM foi encontrado nas bases pesquisadas, reforçando a carência da aproximação teórica destes construtos.
Terceirização da gestão do conhecimento	Nacional	Cadernos EBAPE.BR	2017	Pedro Jácome de Moura Jr	Terceirização como estratégia de gestão do conhecimento	1991-2017	Este artigo lança mão da literatura sobre gestão do conhecimento e outsourcing (ou terceirização), procurando destacar pontos de intersecção entre as disciplinas e propõe um modelo conceitual de pesquisa que sintetiza a rationale adotada.	Entre os achados, observa-se, principalmente, homogeneidade dos respondentes quanto à disposição ao risco da gestão do conhecimento terceirizado, restrita pelo receio da perda de habilidades e competências, bem como pela inadequação do provedor em se manter atualizado.	Do ponto de vista teórico, observou-se no relacionamento entre gestão do conhecimento e outsourcing uma extrapolação de conceitos sedimentados, o que pode gerar provocações sobre a assunção de que a terceirização é apropriada apenas para áreas ou funções que possam ser suficientemente roteirizadas, descritas e compartmentadas em um escopo pré-definido (em geral descritas como áreas meio). Como contribuição à prática, constatou-se entre os gestores entrevistados o reconhecimento do tema “gestão do conhecimento” como relevante processo a incorporar à rotina de gestão.
Processo de gestão do conhecimento	Nacional	Gestão & Produção	2017	Rodrigo Valio Dominguez Gonzalez; Manoel Fernando Martins	Knowledge Management Process: a theoretical-conceptual research	1990-2015	pesquisa teórico-conceitual, na qual foram estudados 71 artigos	Os resultados desta pesquisa apontam que o processo de GC é constituído de quatro etapas: aquisição, armazenamento, distribuição e utilização do conhecimento. Na fase de aquisição, as temáticas estudadas são aprendizagem organizacional, absorção de conhecimento, processo criativo e transformação do conhecimento.	Na fase de armazenamento, as contribuições tratam do indivíduo, organização e tecnologia da informação, enquanto na fase de distribuição os estudos concentram-se nas temáticas contato social, comunidade de prática e compartilhamento via tecnologia de informação. E, por fim, na fase de utilização, são abordados os temas forma de utilização, capacidade dinâmica e recuperação e transformação do conhecimento.

Comunicação Organizacional. Gestão do Conhecimento	Nacional	XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação	2017	LEMOS, Ariane Barbosa; BARBOSA, Ricardo Rodrigues	Comunicação organizacional e gestão do conhecimento: um estudo de revisão sistemática	2010-2015	A revisão sistemática considerou dois objetivos: (1) oferecer resposta ao questionamento sobre as dimensões teóricas da Comunicação Organizacional; e (2) identificar se há diálogo ou alinhamento entre as temáticas desta área com a Gestão do Conhecimento	Os resultados do estudo demonstram que a Comunicação Organizacional atua na divulgação de mensagens para stakeholders, além disso, suas ferramentas são aplicadas para estimular fluxos de informação e a troca de conhecimento	o trabalho confirma o diálogo entre a CO e a GC, afirmando a existência de um alinhamento entre as temáticas. A adoção de práticas da CO pode estabelecer redes de diálogo no ambiente organizacional, entrelaçando pessoas, setores e grupos de interesse.
Análise fatorial; Fatores contextuais;	Nacional	Transinformação	2017	Rodrigo Valio Dominguez Gonzalez; Manoel Fernando Martins; Tatiana Massaroli Melo	Gestão do conhecimento: tipologia a partir dos fatores contextuais da organização	1997-2017	O estudo considera cinco constructos organizacionais relacionados à gestão do conhecimento: recursos humanos, trabalho em equipe, cultura organizacional, estrutura organizacional e desenvolvimento e absorção de conhecimento. A pesquisa é desenvolvida a partir de um survey em 78 empresas do setor automobilístico.	Os resultados apontam a existência de quatro agrupamentos distintos quanto à prática da gestão do conhecimento, denominados de “Empresas Inovadoras”, “Empresas Exploradoras”, “Empresas Explotoras” e “Empresas Retardatárias”.	A gestão do conhecimento como prática capaz de trazer vantagem competitiva e inovação às firmas é um consenso entre os pesquisadores. A gestão do conhecimento é alicerçada por fatores contextuais, desenvolvidos de forma distinta pelas organizações.
Gestión, conocimiento y organizaciones	Estrangeira	Contribuciones a la Economía	2018	José Fernando López Aguirre; José Luis López Salazar; Luis Xavier Falconi Tello; Juan Carlos Pomaquero Yuquilem	GESTIÓN DEL CONOCIMIENTO EN LAS ORGANIZACIONES: FUNDAMENTOS, METODOLOGÍAS Y PRAXIS.	1995-2018	Uma ampla base de conhecimento e troca de aprendizado deve ser estabelecida, que contribua com todos os níveis e ajude a preparar o caminho para o fluxo de melhores idéias e talentos na organização.	O resultado final no processo de gestão do conhecimento é capturar o conhecimento e o processo intangível ou tácito e documentá-lo de uma forma que possa ser usada para aumentar os benefícios tangíveis para a organização.	Em resumo, a gestão do conhecimento é um paradigma emergente, essencial para o desenvolvimento de competências e proativo na avaliação das necessidades do negócio e na tomada de decisão correta.
Cultura organizacional, transferencia y gestion de conocimiento	Estrangeira	Información Tecnológica	2018	Carlos Marulanda; Luis López; Gabriel Cruz	La Cultura Organizacional, Factor Clave para la Transferencia de Conocimiento en los Centros de Investigación del Triángulo del Café de Colombia	2010-2018	Resultados de um estudo sobre cultura organizacional são apresentados como um fator chave para a transferência de conhecimento nos centros de pesquisa e institutos dos departamentos que a região do triângulo de café da Colômbia. Para tanto, foram coletadas informações de campo em 24 centros e institutos de pesquisa.	Os resultados mostram que há uma alta valorização em termos de patentes, licenciamento e empreendedorismo, produto de uma cultura organizacional para a transferência de conhecimento	Fortalecer a cultura organizacional como fator-chave para desenvolver processos de transferência de conhecimento de alto nível. Recomenda-se que seja dado maior apoio universidades e empresas para tirar mais proveito do que tem sido feito neste campo de transferência de conhecimento.

Gestión del conocimiento y creatividad organizacional	Estrangeira	Información Tecnológica	2018	Andrea Echeverri; Nelson Lozada; José E. Arias	Incidencia de las Prácticas de Gestión del Conocimiento sobre la Creatividad Organizacional	1991-2017	as equações estruturais foram utilizadas pelo método dos mínimos quadrados análise parcial e bootstrap-percentil para provar a existência de mediação em uma amostra de 160 empresas.	Reconhece-se que a implementação de práticas de gestão do conhecimento promove o meio ambiente organização, fornece recursose desenvolve processos que promovem a criatividade organizacional e facilitar o processo de inovação.	O artigo reconhece a capacidade das organizações de criar, armazenar, transferir e aplicar O conhecimento é essencial para esse propósito. Daí a importância de avaliar e entender a posição do conhecimento nas organizações.
Gestión, conocimiento y Información	Estrangeira	Revista Estrategia y Gestión Universitaria	2018	Kirenia Cervantes Madrigal; Niria Castillo Arzola; Emérita Delgado Guevara	Sistema de gestión de la información y el conocimiento para la Filial Universitaria Municipal Florencia Information and knowledge management system for the Florence Municipal UniversityBranch	1995-2006	foi desenvolvido um sistema que inclui uma biblioteca virtual, um reservatório digital, a historicidade do FUM, Relatórios, Resoluções, uma pasta de pós-graduação e graduação. Gestão da Informação e Conhecimento (CG) como sistema, permite a FUM coletar, organizar, processar, analisar e distribuir informações dentro da instituição,garantindo as funções do mesmo.	O sistema fornece aos profissionais as informações e consultas necessárias para sua preparação, favorecendo também a realização de teses e trabalhos de pesquisa, e estar na graduação ou pós-graduação do FUM.	Com a conclusão da pesquisa, a sistematização do fundamentos teóricos do estudo da gestão do conhecimento, que se torna um necessidade histórico-metodológica
Gestão da Comunicação Universitária	Nacional	XVIII Colóquio Internacional de Gestão Universitária	2018	Sergio dos Santos Clemente Júnior	FATOS COMUNICÁVEIS PARA A GESTÃO DA COMUNICAÇÃO EM UNIVERSIDADES: MODELO UTILIZADO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRA	2013-2018	Uma pesquisa qualitativa exploratória de observação sistemática, que buscou a definiçãoe a delimitação do objeto de estudo a ser pesquisado bem como a sua documentação	Após a realização destas análises diagnósticas para a Faculdade Nossa Cidade foi possível observar que importantes elementos que caracterizam o negócio de uma universidade ficaram de fora, sobretudo, informações de caráter pedagógico levantadas e amplamente descritas, por exemplo, nas avaliações do MEC – Ministério da Educação e Cultura do Brasil, quando de suas avaliações presenciais na IES para autorização e ou reconhecimento dos cursos oferecidos pela Escola	A construção de Fatos Comunicáveis que devem ser a base de sustentação da Comunicação de uma Universidade devam ser criadas não somente a partir das ferramentas tradicionais de diagnóstico mercadológico, mas também e sobretudo a partir das informações que dão forma à Dimensão Pedagógica da IES
Gestão do conhecimento e orientação acadêmica.	Nacional	Informação & Informação	2018	Rosilene Moreira Coelho de Sá; Cláudio Paixão Anastácio de Paula	GESTÃO DO CONHECIMENTO E ORIENTAÇÃO ACADÊMICA: INTER-RELAÇÕES	1996-2017	Apresenta os elementos essenciais de uma revisão de literatura do tipo narrativa desenvolvida com base no trabalho de fundamentação teórica da pesquisa que culminou com a elaboração da dissertação	Destaca o quão pouco a gestão do conhecimento é discutida para o uso no meio acadêmico e científico.	Destaca que a gestão do conhecimento aplicada à orientação destina-se a promover a disseminação das melhores práticas da orientação acadêmica e propiciar o desenvolvimento de habilidades dos orientadores em ajudar seus orientandos a criar novos conhecimentos a partir do compartilhamento e uso do aprendizado nas orientações

Esporte e políticas públicas	Nacional	Revista Brasileira de CIÊNCIAS DO ESPORTE	2018	Cristina Carvalho de Melo; Tatiana Lima Boletini; Ana Cláudia Porfirio Couto	Práticas de gestão do conhecimento no Programa Esporte e Lazer da Cidade e Vida Saudável	1988-2014	Os dados foram coletados por meio de questionários, respondidos por 15 formadores e articuladores do PELC/VS. Para os dados qualitativos fez-se análise de conteúdo. As práticas de GC identificadas foram: Formação modular, Observação da comunidade local, Registro de licções aprendidas, Reuniões, Diálogo informal, Produções científicas e EAD.	As falas trazem à reflexão a necessidade de manutenção dos conhecimentos e das práticas da organização, essa manutenção visa a reduzir o retrabalho e a perda de conhecimentos inerentes às habilidades e às experiências dos indivíduos que compõem a organização.	De maneira geral, este estudo buscou trazer à reflexão a importância de se desenvolver a GC dentro das PPs de lazer, teve como objeto de análise o PELC/VS, sem, todavia, ter a pretensão de esgotar o tema. Este estudo de caso possibilitou iniciar uma discussão a respeito da temática, portanto sugere-se que novos estudos sejam feitos, em outras PPs de lazer e com um número mais expressivo de respondentes, se possível, e fazer uma comparação entre elas
Information science and bibliometric analysis	Estrangeira	Emerald Publishing Limited	2018	Khurshid Ahmad; Zheng JianMing; Muhammad Rafi	Assessing the literature of knowledge management (KM) in the field of library and information science	1900-2017	O conjunto de dados do estudo consiste em 6.088 documentos publicados que os autores obtiveram do ISI Web de Banco de dados da ciência durante 1900 e 2017. Os documentos incluídos neste estudo incluem documentos de pesquisa, documentos de conferências, revisões, resenhas de livros e editoriais.	O estudo constatou que os EUA lideram o mundo em relação ao número de publicações de pesquisa na área de KM no campo da biblioteca e Ciência da Informação. Considerando o período de publicação, 2007, 2012 e 2016-2017 são os anos mais produtivos em relação às publicações neste campo específico; o número de citações vem aumentando ao longo dos anos	A análise da produtividade da pesquisa é essencial em todos os disciplinas. Neste estudo, a literatura de GC no campo da biblioteca e ciência da informação foi estatisticamente analisada para revelar o tendências e identificar o progresso da pesquisa.
Knowledge transfer in higher education institutions	Estrangeira	International Journal of Educational Management	2018	Poonam Veer Ramjeawon; Jennifer Rowley	Knowledge management in higher education institutions in Mauritius	1987-2017	Entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com funcionários seniores nas principais IES públicas e privadas nas Maurícias. Questões centradas na estratégia e nos processos de GC. As entrevistas foram gravadas e transcritas antes da análise temática.	O conhecimento é compartilhado entre os pares durante as reuniões departamentais e curriculares, por meio de seminários anuais de pesquisa e durante conferências e publicações em periódicos. O KT com a indústria através de consultorias é restrito a algumas IES públicas. Nas restantes IESs, o KT limita-se aos seus alunos que se juntam à força de trabalho e à organização de cursos e programas de formação personalizados para instituições públicas e privadas. O estudo também fornece evidências de que alguns processos e atividades contribuem para mais de um dos KC, compartilhamento e transferência	Este estudo contribui para o corpo muito limitado de pesquisas sobre processos de GC em países com desenvolvimento de setores de ensino superior. Além disso, esta pesquisa desagrega os processos associados ao KC, compartilhamento e transferência, ao mesmo tempo em que examina a relação entre eles.

Knowledge management and organizational performance	Estrangeira	Journal of Knowledge Management	2018	Vito Manfredi Latilla; Federico Frattini; Antonio Messeni Petruzzelli; Martina Berner	Knowledge management, knowledge transfer and organizational performance in the arts and crafts industry: a literature review	1997-2017	A revisão segue uma abordagem de cinco fases, de modo a ser sistemática, transparente e replicável. Contribuições acadêmicas publicadas ao longo de dois períodos são levadas em consideração. O primeiro período abrange os anos 1990-2000, quando os conceitos de indústria criativa e economia baseada no conhecimento foram desenvolvidos. O segundo período abrange os anos 2000-2016, quando os estudiosos começaram a investigar como efetivamente transferir conhecimento	Três questões principais surgiram: como as organizações de artes e ofícios gerenciam e transferem conhecimento internamente; os efeitos dessas atividades no desempenho organizacional; e o papel proeminente dos artesãos. A revisão de literatura mostra como nas organizações de artes e ofícios existe um vínculo considerável entre os conceitos de “desempenho” e “conhecimento tácito”, ainda que abordar essa ligação seja algo difícil de perceber, por várias razões discutidas no artigo.	O desempenho nas organizações de artes e ofícios tornou-se uma área de investigação acadêmica somente quando o papel da gestão do conhecimento e da transferência e o papel dos trabalhadores do conhecimento (isto é, artesãos) se tornaram evidentes para obter uma vantagem competitiva.
Knowledge workers in a public sector organizations	Estrangeira	Business Process Management Journal	2018	Shahid Razaq; Muhammad Shujahat; Saddam Hussain, Faisal Nawaz; Minhong Wang; Murad Ali; Shehnaz Tehseen	Knowledge management, organizational commitment and knowledge-worker performance: The neglected role of knowledge management in the public sector	1997-2017	Os dados foram coletados de 341 trabalhadores do conhecimento de o departamento de saúde do setor público da província de Punjab, Paquistão, onde a iniciativa da unidade de gestão do conhecimento foram tomadas. Foi então analisado usando a estrutura modelagem de equações.	Este estudo amplia a literatura sobre conhecimento gestão no setor público que é o desenvolvimento tema na disciplina de gestão do conhecimento ao adicionar gestão do conhecimento como um kit de ferramentas para melhorar conhecimento-trabalhadores, comprometimento organizacional e desempenho do conhecimento-trabalho.	Compromisso organizacional parcialmente media a relação entre práticas de gestão do conhecimento e desempenho do trabalho do conhecimento. Os decisores políticos do sector público são fortemente aconselhados a implementar unidades e práticas de gestão do conhecimento a fim de melhorar o desempenho do conhecimento-trabalho, bem compromisso organizacional.
Knowledge management	Estrangeira	Journal of Knowledge Management	2018	Ing-Long Wu; Ya-Ping Hu	Open innovation based knowledge management implementation: a mediating role of knowledge management design	1997-2017	Alcançar o sucesso da GC baseada em OI implementação. Um modelo é proposto para conectar OI como motorista para um projeto de GC e, por sua vez, GC implementação. A pesquisa é realizada para coletar dados. Quadrados mínimos parciais são usados para análise.	As descobertas fornecem ricos evidência no argumento de que a GC baseada em OI implementação através do mediador da concepção de GC processo é importante para uma GC bem-sucedida nas organizações	Enquanto OI é um fenômeno que se tornou cada vez mais fundamental para o negócio contemporâneo, o design de GC mecanismo precisa ser adaptado da escolha da OI processo para garantir o sucesso da GC implementação.
Knowledge worker productivity	Estrangeira	Baltic Journal of Management,	2018	Aino Kianto; Muhammad Shujahat; Saddam Hussain, Faisal Nawaz; Murad Ali	The impact of knowledge management on knowledge worker productivity	2006-2018	Um quadro de investigação sobre os efeitos do conhecimento processos de gestão na produtividade do trabalhador do conhecimento é estabelecido e testado empiricamente com dados de 336 trabalhadores do conhecimento em cinco operadora de rede móvel empresas em Paquistão	Os resultados indicam que a criação de conhecimento e a utilização do conhecimento impacta a produtividade do trabalhador do conhecimento de forma positiva e estatisticamente significativa.	O compartilhamento de conhecimento não tem estatisticamente impacto significativo na produtividade do trabalhador do conhecimento. Fatores demográficos (gênero, posição gerencial e nível de educação formal) não moderam a relação entre a gestão do conhecimento e o trabalhador do conhecimento produtividade estatisticamente significativa.

Gestão do Conhecimento e da Inovação.	Nacional	Revista Estudo & Debate	2018	Pedro Miguel Alves Ribeiro Correia; Ireneu de Oliveira Mendes; Nádia Souza; Lucas Marques	Gestão do Conhecimento e da Inovação. Determinantes da Competitividade Organizacional – Um Estudo de Caso de uma Empresa de Consultoria Tecnológica	1987-2017	Foi aplicado um questionário composto por uma amostra de 29 colaboradores de uma empresa de tecnologia da cidade de Coimbra, no sentido de “fotografar” a realidade da Gestão de Conhecimento e da Inovação, das suas práticas e resultados, pelos olhos dos colaboradores e assim analisar os seus reais efeitos na organização.	Os resultados alcançados permitem concluir que é seguida a chamada estratégia de crescimento inteligente pela empresa	Em conclusão o presente estudo apresenta um contributo empírico distinto na medida em que potencializa a compreensão sobre a importância e a influência dos elementos e práticas da gestão do conhecimento na inovação no contexto organizacional.
Gestão de projetos e gestão do conhecimento	Nacional	Gestão & Produção	2018	Henrique Takashi Adati Tomomitsu; Marly Monteiro de Carvalho; Renato de Oliveira Moraes	A evolução da relação entre a gestão de projetos e a gestão do conhecimento: um estudo bibliométrico	2004-2015	Para compreender a intersecção entre esses dois campos de pesquisa, a abordagem metodológica selecionada foi a de revisão sistemática da literatura. A abordagem multiestágios foi adotada, iniciando-se por análises bibliométricas, com análise estatística descritiva da população de artigos estudados, seguida de uma análise de cocitação e, por fim, por uma análise de conteúdo, buscando-se identificar tendências e lacunas de pesquisa.	Os resultados apontam que a gestão de projetos e a gestão do conhecimento estão relacionadas com questões que envolvem as competências de gestores de projetos e da organização, a governança do conhecimento entre projetos por meio da área de Project Management Office, e com aspectos relacionados a fatores críticos de sucesso e sucesso de um projeto	Foi possível notar que esses construtos são essenciais para o desempenho organizacional e que, juntos, possuem uma sinergia que pode contribuir para que as empresas possam se diferenciar de seus concorrentes e alcançar vantagem competitiva.
espacio de educación urbana	Estrangeira	Revista de Arquitectura	2018	Fabián Andrés Llano	La gestión urbana: enseñanza a partir de sus proyecciones como campo de conocimiento y diálogo interdisciplinar	1995-2015	Por meio de um estudo de caso, evidenciam-se a gestão urbana como um saber que se encontra em transição disciplinar e suas potencialidades interdisciplinares quanto à distribuição de diferentes linguagens, representações, metodologias e problemas para o ensino público da cidade.	Foi discutido que fazer compreensível e atraente os conteúdos relacionados à gestão urbana requerem o envolvimento de múltiplas tensões que, se bem se reúnem na sala de aula, na verdade fazem parte de um quadro de relações sociais que condicionam as ações do professor no instituição universitária.	O ensino da gestão urbana não somente deve ser entendido no âmbito pedagógico e nos processos desenvolvidos no interior da sala de aula. Ele requer envolver as diferentes representações transformadas no desenvolvimento teórico e metodológico das distintas disciplinas das ciências sociais que contribuem para a compreensão da cidade a partir do econômico, do social, do cultural e do ambiental.
Knowledge management process in university extension	Estrangeira	International Congress of Knowledge and Innovation - Ciki	2018	André Felipe de Almeida Batista; Ricardo André Cavalcante de Souza	APPLICATION OF KNOWLEDGE MANAGEMENT TO IMPROVE THE PROCESS OF ELABORATION OF UNIVERSITY EXTENSION PROPOSALS	1997-2018	Abordagem desenvolvida por meio do processo de gestão do conhecimento, denominado Ciclo GC.	Entre os resultados estão: projeto e implementação de uma Comunidade de Prática (CoP) para permitir a comunicação mais efetiva entre os atores envolvidos no contexto tratado; e proposição e avaliação de uma sistemática de gestão do conhecimento que possa ser reutilizada na resolução de problemas relacionados	As chamadas para propostas de extensão são feitas por meio de avisos públicos que descrevem as diretrizes e regras gerais do processo. A comunicação entre os atores envolvidos durante a preparação e apresentação dessas propostas é centralizada e implementada através de canais tradicionais, como e-mail, telefone e atendimento presencial.

Gestão do Conhecimento; Estratégia	Nacional	Ciência e Informação	2018	Caissa Veloso e Sousa; Fabrício Silva Prata; Jefferson Rodrigues Pereira	Gestão do conhecimento como fonte de vantagem competitiva em uma paraestatal mineira	2004-2015	desenvolvida uma pesquisa descritiva, à luz de uma abordagem quantitativa, baseada em um estudo de caso, cuja amostra foi composta por 1.413 funcionários da instituição objeto de estudo. Em um ambiente de análise foi desenvolvido um modelo fatorial composto pelos construtos 'estratégia e comunicação', 'políticas e práticas de gestão de pessoas' e 'processos de trabalho', cuja explicação total do fenômeno em questão foi de 70,344%	Dentre os principais resultados alcançados destaca-se a importância da gestão do conhecimento no processo de planejamento estratégico organizacional. Nesse mesmo sentido, faz-se importante compreender a relação que se estrutura entre estratégia organizacional, políticas e práticas de gestão de pessoas e processos de trabalho como uma variável relevante para uma gestão do conhecimento eficiente, eficaz e efetiva	Em termos agregados, a compreensão, aplicabilidade e gestão da tríade aqui discutida permitem que a empresa se torne mais competitiva e adaptável frente às constantes mudanças do mercado em que atua.
Knowledge management and highereducation	Estrangeira	Studies in Higher Education	2019	Poonam Veer-Ramjeawon; Jennifer Rowley	Embedding knowledge management in highereducation institutions (HEIs): a comparisonbetween two countries	1997-2018	Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas com informantes-chave de treze IES de Maurício e da África do Sul.	Este artigo constrói um perfil das semelhanças e diferenças entre os dois países e desenvolve modelos de processos de GC. Essa comparação serve de base para recomendações para melhorar as práticas de pesquisa nas IES e como base para a inovação no país menos desenvolvido.	Este estudo demonstrou que a lente teórica da gestão do conhecimento fornece insights interessantes sobre os processos nas universidades que apoiam suas principais missões em pesquisa, ensino e transferência de conhecimento.
Competencias tecnológicas digitales	Estrangeira	Revista Educación	2019	Cruz Rodríguez, Eglis Del Carmen	Importancia del Manejo de Competencias Tecnológicas en las Prácticas Docentes de la Universidad Nacional Experimental de la Seguridad (UNES)	1997-2017	A pesquisa realizada é qualitativa com base em um estudo de caso, o sujeito em estudo foi observado e uma série de fases foram desenvolvidas	Os resultados permitiram corroborar que um setor dos professores não possui o conhecimento básicas e a maioria mostra fortes fraquezas no desenvolvimento apropriado das competências digitais, um índice da população em estudo mostra um nível de rejeição no uso da tecnologia como estratégias pedagógicas e em linhas gerais, uma população representativa não alcança as competências técnicas digitais, manifestada em 37,3% que não participou de oficinas de alfabetização tecnológica.	Entre as recomendações propõem um plano de treinamento para o corpo docente no uso de ferramentas digitais, design de software educativo, entre outros, com o objetivo de atualizar o uso de estratégias pedagógicas que permitam o uso efetivo da em ambientes educacionais.

TIC y enseñanza aprendizaje en las universidades	Estrangeira	Revista Educación	2019	Wladimir Paredes-Parada	Brecha en el uso de tecnologías de la información y comunicación (TIC) básicas y modernas entre estudiantes y docentes en universidades ecuatorianas	1992-2016	Realizamos una pesquisa quantitativa de tipo descritivo, interpretativo e analítico ex-post-facto e apresentamos dados obtidos por meio da aplicação de um questionário; baseado em investigações anteriores que abrangem as áreas de gestão de equipamentos, desktop tão aware e internet especializada em educação e pesquisa	Recomenda-se canalizar o uso apropriado de tecnologias de ponta que os estudantes fazem para ser para fins acadêmicos e não de lazer; a partir de políticas tecnológicas corretas que os professores devem incorporar no processo de ensino e aprendizagem e isso só pode ser feito uma vez que a lacuna tecnológica entre professores e alunos foi reduzida.	Podemos concluir que no uso da tecnologia a diferença é pequena nesses dois grupos, uma vez que os professores estão constantemente sendo treinados em tecnologia, principalmente porque as IES buscam melhoria contínua em sua qualidade educacional, além disso, existem políticas e leis do Estado equatoriano que permitir a constante avaliação das Universidades em busca da qualidade acadêmica e melhoria do processo de geração de conhecimento.
knowledge management infrastructure	Estrangeira	Interdisciplinary Journal of Information Knowledge, and Management	2019	Ra'ed Masa'deh; Dmaithan Abdelkarim Almajali; Ala'aldin Alrowwad; Bader Obeidat	The Role of Knowledge Management Infrastructure in Enhancing Job Satisfaction: A Developing Country Perspective	1970-2017	Um total de 168 respostas a uma pesquisa por questionário foram coletadas do corpo docente da Universidade de Zarqa, na Jordânia. Análise de regressão múltipla foi realizada para testar as hipóteses de pesquisa.	Os resultados do presente estudo revelaram que existem de infraestruturas tecnológicas e culturais de GC na satisfação profissional, a infraestrutura estrutural de KM não tem um impacto significativo na satisfação no trabalho.	Este estudo oferece uma compreensão mais profunda sobre o papel que a infraestrutura de gerenciamento de conhecimento desempenha na melhoria da satisfação no trabalho, do ponto de vista de um país em desenvolvimento. O modelo proposto é testado pela primeira vez na Jordânia.
Knowledge management and organization-based projects	Estrangeira	International Journal of Educational Management	2019	Parijat Upadhyay, Manas Paul	The linkage between knowledge management practices and organization based projects for better learning outcome: A conceptual framework	1987-2017	O artigo examina pesquisas realizadas na área de gestão do conhecimento (GC) e propõe uma abordagem conceitual estrutura que pode ser usada por instituições acadêmicas para envolver os alunos e prepará-los para as necessidades da indústria que eles são melhores graduados prontos para o setor. Um estudo de caso. esta abordagem baseada em dados foi adotada neste estudo.	Em consonância com a análise baseada em literatura, uma estrutura para melhores estudantes prontos para a indústria foram propostos, ilustrando a ligação entre GC, aprendendo com projetos baseados na organização, feedback da indústria e insumos de organismos internacionais de acreditação em Educação.	Este documento forneceu uma estrutura abrangente que contribui para a compreensão e aperfeiçoamento do processos acadêmicos em um ambiente de escola de negócios com o ajuda de aprender com o processo acadêmico de GC. Tal trabalho de quadro não foi previamente desenvolvido pelo anterior pesquisadores.
Desempenho organizacional; Empresas de base tecnológica	Nacional	Perspectivas em Ciência da Informação	2019	Fabricio Ziviani; Erik Paixão Amarante; Renata de Souza França; Paulo Isnard; Eric de Paula Ferreira	O impacto das práticas de gestão do conhecimento no desempenho organizacional: um estudo em empresas de base tecnológica	1999-2012	A pesquisa utilizou o modelo empírico de Wu e Chen, para a validação das hipóteses definidas no estudo e a técnica de modelagem de equações estruturais foi aplicada.	Os resultados obtidos possibilitam confirmar as relações existentes entre as cinco dimensões analisadas ativos do conhecimento, aprendizagem organizacional, capacidade do processo de conhecimento, capacidade do processo de negócio e desempenho organizacional-, além de identificar que dentre os construtos analisados, o processo de negócio foi o que apresentou maior influência sobre o desempenho organizacional.	O estudo proposto se limitou a pesquisar apenas empresas de base tecnológica brasileiras. Além disso, pela forma de coleta de dados não é possível identificar o universo da pesquisa.

Conhecimento tácito. Disseminação de conhecimento	Nacional	Navus revista de Gestão e Tecnologia	2019	Marcio Shoiti Kuniyoshi, Renata de Almeida Vianna Gava, Marcos Antonio Gaspar, Ruggero Ruggieri	Gestão do conhecimento tácito no desenvolvimento de produtos estudo de casos em empresas do setor automobilístico	1998-2015	Foi desenvolvida uma pesquisa descritiva qualitativa executada por meio de estudos de caso A pesquisa foi realizada em duas empresas automobilísticas de grande porte atuantes na Região do ABC (SP), nas quais gestores de funcionários da área de desenvolvimento de produtos responderam ao roteiro de entrevista semiestruturada delineado.	As principais práticas verificadas nas duas empresas para a criação e disseminação do conhecimento tácito foram bastante similares, possivelmente em razão de ambas atuarem no setor automobilístico, embora a operacionalização destas tenha assumido características distintas em cada uma delas.	As práticas de criação e disseminação de conhecimento tácito verificadas foram o incentivo a cursos regulares e de especialização, socialização de indivíduos por meio de reuniões periódicas, grupos de estudo, brainstorming, lições aprendidas, knowledge cafés e conversas informais constantes entre os colaboradores.
Gestão de ideias e inovação	Nacional	Ciência e Informação	2019	Marta Araujo Tavares Ferreira, Vinícius Vieira Sales, Ricardo Viana Carvalho de Paiva, Fabricio Ziviani	A gestão de ideias no âmbito da gestão do conhecimento: catalisando a inovação nas organizações	1995-2018	estudo de caso de empresa do setor elétrico, tendo sido utilizada como estratégia de pesquisa a pesquisa-ação Segundo essa metodologia, as etapas são (i) seleção de modelos de referência à gestão, (ii) análise do grau de complementaridade entre eles (metamodelo de gestão), (iii) inserção de práticas da empresa e (iv) criação da solução real de gestão ou modelo de gestão da organização.	Por meio de respostas a campanhas e ou desafios com prazos bem definidos (dead lines), a empresa pode direcionar sua captação de ideias utilizando focos temáticos como, por exemplo: redução de custos, sustentabilidade, segurança do trabalho, novos negócios, otimização de processos, dentre outros.	apresentar um caminho a ser percorrido por empresas que desejam alavancar seus projetos de inovação tanto incrementais, quanto radicais. Por meio da gestão de ideias sistematizada, é possível não apenas fomentar a sua geração, mas também coletá-las de forma adequada, proporcionando melhor direcionamento para cada uma delas.
Gestão ágil do conhecimento	Nacional	Ciência e Informação	2019	João Paulo Carneiro Aramuni / Luiz Cláudio Gomes Maia / Cristiana Fernandes de Muyllder	Filosofia ágil aplicada à gestão do conhecimento: um mapeamento sistemático da literatura	1999-2017	Um mapeamento sistemático de literatura foi conduzido a fim de colaborar com uma visão geral da área. Inicialmente, 1.283 estudos que investigam a ponte teórica entre os métodos ágeis e a gestão do conhecimento foram analisados. Dentre eles, 122 estavam relacionando implicitamente o método ágil à gestão do conhecimento, e apenas 14 atendiam aos critérios de inclusão e exclusão de artigos determinados pelos autores deste estudo. Os 14 artigos foram selecionados e classificados de acordo com sua contribuição.	Como resultado, um mapa das pesquisas na área foi desenvolvido e os tópicos mais e menos investigados foram identificados, apontando que a maioria dos estudos se concentra em investigar como as práticas, ferramentas e técnicas das chamadas metodologias ágeis podem ser usadas para aprimorar e alavancar a gestão do conhecimento organizacional	De acordo com os resultados, a maioria dos estudos foram publicados em periódicos e têm se concentrado sobre o uso de práticas do desenvolvimento ágil de software para aprimorar a gestão do conhecimento organizacional.

APÊNDICE II – LEVANTAMENTO SURVEY

(Questionário – avaliação da página do NAPP)



Questionário - Página do Núcleo de Apoio a Pesquisa e Publicação - NAPP

Entre 2020 a 2023 um grupo de professores, alunos e egressos do Núcleo de Pós-graduação da Escola de Administração da UFBA participou de um processo de construção coletiva do conhecimento, desenvolvendo e estruturando materiais para disponibilizar na página do Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicações - NAPP

O objetivo da organização destes materiais das 12 áreas temáticas da gestão é apresentar aos leitores as principais abordagens, as referências bibliográficas clássicas e contemporâneas, as possibilidades de estudos, as revistas e periódicos relacionados às áreas, além de um glossário com verbetes, de forma a oferecer suporte para o fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual. Na página do NAPP também estão disponíveis indicações de ferramentas para pesquisa, normas, links para bases de dados, além de uma lista com os principais eventos acadêmicos da área.

Nesse momento os materiais finalizados já se encontram disponíveis na página do NAPP (<https://npga.ufba.br/pesquisa/napp/>) e gostaríamos de receber sua opinião sobre os conteúdos disponibilizados para fins de futuras revisões e para compreensão dos distintos sentidos que esses materiais podem ter a depender do perfil do respondente.

O questionário leva em média 08 minutos para ser concluído. Agradecemos, mais uma vez, a colaboração de vocês!

Observações Complementares:

Informamos que esta investigação apresenta riscos mínimos para os participantes, o que conforme Ofício Circular Nº 17/2022/CONEP/SECNS/MS, de 05 de julho de 2022, por se tratar de uma pesquisa de opinião pública com participação não identificada, não exige sua aprovação pela Plataforma Brasil.

Garantimos a total sigilosidade da identidade dos respondentes. Entretanto, se você, em algum momento, se sentir desconfortável poderá solicitar o encerramento dos registros e/ou desistir de participar da coleta.

Esclarecemos que sua participação na pesquisa é voluntária o que implica que não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas.

* 1. Li e concordo com os termos desta pesquisa:

- Concordo
 Não concordo

* 2. Identificação/perfil do respondente:

- Docente EAUFBA
 Docente de outras IES
 Discente graduação
 Discente especialização
 Discente mestrado acadêmico |
 Discente mestrado profissional
 Discente doutorado
 Egresso(a)

Bloco – Docentes

3. Tempo de atuação como docente:

- De 1 a 2 anos
 De 3 a 4 anos
 De 5 a 6 anos
 De 7 a 8 anos
 De 9 a 10 anos
 Mais de 10 anos

4. Considerando suas atividades como docente/pesquisador quanto os materiais das 12 áreas temáticas da gestão podem contribuir para:

(Escala de avaliação de 1 a 5, sendo 1 o menor grau de contribuição e 5 o maior grau)

	1	2	3	4	5
Planejamento da disciplina / Elaboração do plano de ensino/ementa(pensando nas principais abordagens);	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Indicação de leituras para disciplina;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Indicação de leituras possibilidades de estudos e questões de pesquisa para seus orientandos;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aproveitamento das referências para elaboração de artigos;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conhecer / Filtrar os principais periódicos da área;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Outros (especifique):

5. Além das ferramentas de pesquisa (quanti ou quali) já listadas na página do NAPP, gostaria de indicar outras?

- Não
- Sim (especifique)

6. Considerando suas atividades como professor/pesquisador o quanto a disponibilização dos links dos principais eventos acadêmicos da área de gestão podem contribuir para:

(Escala de avaliação de 1 a 5, sendo 1 o menor grau de contribuição e 5 o maior grau)

	1	2	3	4	5
Conhecimento dos eventos e divulgação para os discentes;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Planejamento da produção de trabalhos (artigos, resumos, banners ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Planejamento das co-produções com os discentes;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Planejamento para participação nos eventos acadêmicos;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Outros (especifique):

7. Em média qual a periodicidade que você propõe para revisão destes materiais?

- A cada 1 ano
- A cada 2 anos
- A cada 3 anos
- Outro (especifique):

8. De forma geral, qual o nível de relevância que você atribui para os materiais disponibilizados na página do NAPP no que se refere a contribuição para as atividades de pesquisa e publicação?

- Sem relevância
- Pouco relevante
- Relevante
- Muito relevante
- Extremamente relevante

Comentários:

9. Caso tenha alguma observação/contribuição adicional ou indicação de conteúdo para ser disponibilizado na página do NAPP registre aqui:

Agradecemos sua participação!



Questionário - Página do Núcleo de Apoio a Pesquisa e Publicação - NAPP

BLOCO – DICENTES E EGRESSOS

10. Curso:

11. Em qual período do curso você se encontra?

12. Considerando suas atividades como discente/pesquisador, quanto os materiais das 12 áreas temáticas da gestão podem contribuir para:

(Escala de avaliação de 1 a 5, sendo 1 o menor grau de contribuição e 5 o maior grau)

	1	2	3	4	5
Conhecimento / aprofundamento sobre as diversas áreas da gestão;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conhecimento / aprofundamento sobre os (as) principais autores (as) da área;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Elaboração do meu projeto de pesquisa;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Auxílio na elaboração da minha questão de pesquisa;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Elaboração de trabalhos acadêmicos em geral, incluindo artigos científicos;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Enriquecimento do meu referencial teórico;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Leituras direcionadas sobre as temáticas propostas;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conhecimento / filtro dos principais periódicos da área;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conhecimento de conceitos/verbetes da área;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Outros (especifique):

13. Além das ferramentas de pesquisa (quanti ou quali) já listadas na página do NAPP, gostaria de indicar outras?

- Não
- Sim (especifique)

14. Considerando suas atividades como discente/pesquisador o quanto a disponibilização dos links dos principais eventos acadêmicos da área de gestão podem contribuir para:

(Escala de avaliação de 1 a 5, sendo 1 o menor grau de contribuição e 5 o maior grau)

	1	2	3	4	5
Conhecimento dos eventos;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Planejamento da produção de trabalhos (artigos, resumos, banners ...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Planejamento para participação nos eventos acadêmicos;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Divulgação para colegas;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	

Outros (especifique):

15. Em média qual a periodicidade que você propõe para revisão destes materiais?

- A cada 1 ano
- A cada 2 anos
- A cada 3 anos
- Outro (especifique):

16. De forma geral, qual o nível de relevância que você atribui para os materiais disponibilizados na página do NAPP no que se refere a contribuição para as atividades de pesquisa e publicação do NPGA?

- Sem relevância
- Pouco relevante
- Relevante
- Muito relevante
- Extremamente relevante

Comentários:

17. Caso tenha alguma observação/contribuição adicional ou indicação de conteúdo para ser disponibilizado na página do NAPP registre aqui:

Agradecemos sua participação!

ANEXOS DO I AO XII**I – Administração da Informação****II - Administração Pública****III - Comunicação e Marketing****IV - Ensino e Pesquisa em Administração****V - Estratégia em Organizações****VI - Estudos Organizacionais****VII - Finanças****VIII - Gestão Ambiental****IX - Gestão da Produção e Logística****X – Gestão de Pessoas****XI – Gestão Social****XII - Inovação e Empreendedorismo**

ÁREAS TEMÁTICAS NAPP



ADMINISTRAÇÃO DA INFORMAÇÃO



FICHA TÉCNICA

Universidade Federal da Bahia
Reitor

Paulo César Miguez de Oliveira

Vice-reitor

Penildon Silva Filho

Escola de Administração

Diretor

João Martins Tude

Vice-diretor

André Luis Nascimento dos Santos

Núcleo de Pós-graduação da Escola de Administração da UFBA

Coordenador

Genauto Carvalho França Filho

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Acadêmico

Coordenadora

Andréa Cardoso Ventura

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Profissional

Coordenadora

Elisabeth Matos Ribeiro

Núcleo de Apoio a Pesquisa e Publicação – NAPP

Coordenador

Horacio Nelson Hastenreiter Filho

Coordenadora de Conteúdos

Justina Tellechea

Design Instrucional

Tairine Nunes

Autores

Cristiane Leite

Justina Tellechea

Maria Carolina de Souza

Silvana Coelho

Ano de Publicação (2023)

Edição (2023)

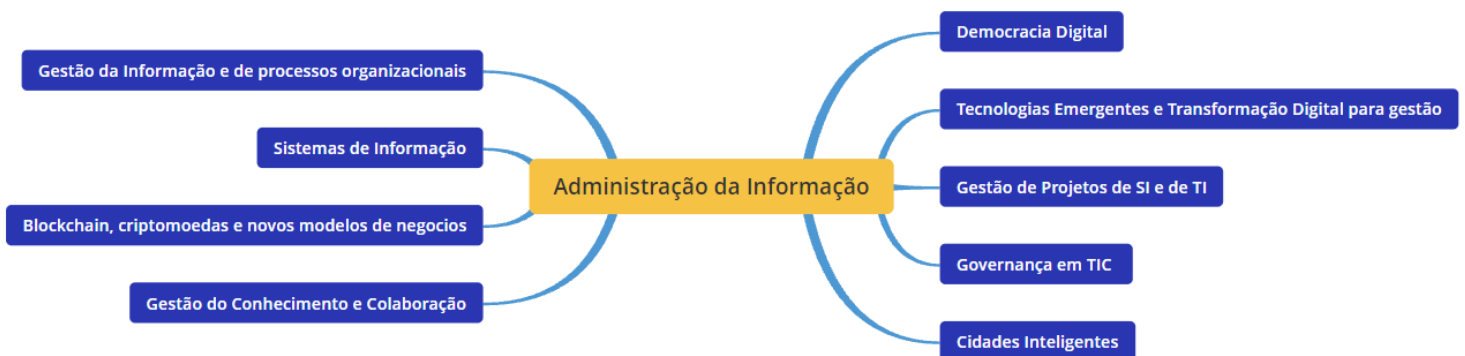


ADMINISTRAÇÃO DA INFORMAÇÃO:

Professores: Maria Carolina de Souza (coordenadora), Sílvio Araújo e Ernani Marques

Aluna(o)s: Cristiane Leite, Justina Tellechea e Silvana Coelho

Subareas Temáticas:



O Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicações - NAPP oferece suporte para o fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual dos professores, pesquisadores, egressos e alunos vinculados ao Núcleo de Pós-Graduação em Administração da UFBA.

Por meio das divisões acadêmicas e temas de interesse propostos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - ANPAD, este material busca explorar as áreas e subáreas temáticas da gestão, apresentando aos leitores as principais abordagens, as referências bibliográficas clássicas e contemporâneas, as possibilidades de estudos, as revistas e periódicos e um glossário com verbetes da área de estudo.



Gestão da informação e de processos na organização

Principais Abordagens

- Informação: conceitos e fontes. Organização, armazenamento e recuperação de informações. Gestão do conhecimento. Capital intelectual. Inteligência competitiva. Ferramentas aplicadas à gestão da informação;
- Modelos de negócio;
- Desempenho e competitividade;
- Eficiência e eficácia;
- Mudança ou transformação organizacional;
- Recursos e capacidades organizacionais;
- Integração entre áreas funcionais, unidades de negócio e organizações;
- Fatores condicionantes da TIC nas organizações;
- Aspectos Éticos e Sociais em TIC;
- Planejamento Estratégico de TIC;
- Alinhamento TI-negócio (Business-IT alignment);
- Gestão de processos de negócio (Business Process Management - BPM);
- Orientação a processos de negócio (Business Process Orientation - BPO);
- Inteligência Computacional para Organizações;
- Flexibilidade e agilidade;
- Comunicação e coordenação;
- Estruturas sociais e processos de estruturação;
- Política e poder no contexto organizacional;
- Cultura organizacional;
- Arquitetura empresarial e de TI;
- Geração de valor para o negócio com TI;
- Avaliação de investimentos em TI;
- Segurança no contexto de Sistemas de Informação;
- Organização, armazenamento e recuperação de informações;
- Capacidades de Informação, Digitais e de TI / SI;
- Planejamento, Gestão e Alinhamento Estratégico de TI;
- Capacidades de Informação e TI;



- Antecedentes e efeitos de TI / SI nas organizações;
- Competitividade, desempenho, valor e produtividade através do uso de TI;
- Antecedentes e decisões de TI / SI.

Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

MIRANDA, Morjane Armstrong Santos de. Gestão da informação para o processo de inovação: estudo de casos sob a ótica da abordagem integrativa em micro e pequenas empresas (MPES) de serviços de tecnologia. 2018.

MOREIRA, Tennessy Mnemosyne Sena et al. Aspectos teórico-político-informacionais da emergência da gestão do conhecimento na sociedade da informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 2, n. 1, 2007.

NASSIF, Mônica Erichsen; PAULA, Claudio Paixão Anastácio de; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi. Estudos sobre "Gestão da Informação e do Conhecimento" e "Trabalho" no PPGCI: origens, trajetória e perspectivas futuras. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 24, p. 102-129, 2019.

OTTONICAR, Selma Leticia Capinzaiki; SANTOS, Beatriz Rosa Pinheiro dos; MORAES, Isabela Santana de. Aplicabilidade da Competência em Informação e da Organização do Conhecimento no processo de Gestão da Informação. **RDBC: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 15, n. 3, p. 629, 2017.

SILVA, Valfredo Lima da. Uso das redes sociais como forma de disseminação da informação: um estudo de caso nas bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). 2017.

STAIR, Ralph M.; REYNOLDS, George W.; DA SILVA, Flávio Soares Corrêa. **Princípios de sistemas de informação: uma abordagem gerencial**. 1998.

Possibilidades de Estudos

- Como utilizar a gestão de dados e a digitalização de diferentes processos para obter ganhos / melhoria em resultados?
- Estudos que envolvam a Inovação em Produtos, Processos, Serviços e Gestão, pela Adoção e Uso de TIC e também novos Modelos de Negócio permitidos/possibilitados pela TIC (redes sociais, aplicativos móveis, internet das coisas, Big Data, etc);
- Estudos que envolvam aplicações para: Big data; Business Analytics (BA); Inteligência Artificial; Machine Learning; People Analytics; Web Analytics; Redes Neurais;
- Influência dos aspectos afetivos e emocionais dos decisores das organizações, no que se refere à busca e uso de informação.



Sistemas de Informação

✈ Principais Abordagens

- Visão sistêmica e dinâmica das organizações, estruturas organizacionais e sistemas de informação;
- Relação entre os SI, os processos de negócios e o desempenho organizacional;
- Sistemas de Informação Gerencial - SIG no contexto do planejamento estratégico das organizações;
- Sistemas de informação automatizados: Planejamento, Aquisição, Desenvolvimento, Implantação, gerenciamento de riscos, Segurança, Controle e Gerência;
- Usos, impactos e repercussões da tecnologia da informação e sistemas de informação (TI/SI) analisados e entendidos em nível das organizações em geral;
- Usos, impactos, aplicações e implementações de tecnologia da informação e sistemas de informação (TI/SI) em nível da sociedade, na gestão pública e nas ONGs, bem como na prática democrática, na participação do indivíduo e na transparência da gestão;
- Tecnologia da informação e sistemas de informação (TI/SI) utilizados para a prestação de serviços ao cidadão;
- A tecnologia da informação e os sistemas de informação (TI/SI) como instrumentos para a gestão, inclusive a modernização, e suas repercussões nas políticas públicas;
- Implicações sociais do uso governamental de tecnologias da informação e sistemas de informação (TI/SI);
- Aspectos socioambientais e impactos do advento da tecnologia da informação e sistemas de informação (TI/SI);
- Aspectos de tecnologia da informação e sistemas de informação (TI/SI) e seus usos por cidadãos, grupos e organizações sob a ótica da inclusão digital, bem como a emancipação de gênero, minorias, dentre outros;
- Uso da tecnologia da informação e sistemas de informação (TI/SI) para o desenvolvimento;
- Mídias sociais virtuais e suas repercussões na atuação do cidadão, da sociedade e do governo;
- Gerenciamento de TI, como desenvolvimento e uso de aplicativos, infraestrutura, sistemas, hospedagem e comunicações em nuvem;
- Técnicas e sistemas para tomada de decisão;
- Modelagem e modelos conceituais em decisão;
- Sistemas e técnicas para apoio à tomada de decisão;



- Desenvolvimento e avaliação de Sistemas de Administração da Informação;
- Modelagem de processos com modelos matemáticos, simulação, otimização, modelos de redes, processos estocásticos, programação linear, filas;
- Métodos multicritério e SAD;
- Sistemas especialistas e de inteligência artificial, redes neurais artificiais, neuro-IS, lógica fuzzy, e machine learning;
- Data Analytics e tomada de decisão;
- Licenciamento, Regulação, Cooperativismo e Plataformas;
- Sistemas Ubíquos e Sensíveis ao Contexto.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

ALMEIDA, A. T.; ALCOFORADO, M. M. D. G. Apoio a decisão no planejamento e administração de sistemas de informação. **ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**, v. 20, 1996.

ALMEIDA, F. C. Aplicação de redes neurais no apoio à decisão: um estudo aplicado à identificação de risco de falência. **XVI ENCONTRO ANUAL DA ANPAD (1992: Canela). Anais... Porto Alegre: ANPAD**, 1992.

EHRlich, Pierre Jacques. Modelos quantitativos de apoio às decisões-I. **Revista de Administração de Empresas**, v. 36, p. 33-41, 1996.

EHRlich, Pierre Jacques. Modelos quantitativos de apoio as decisões: II. **Revista de Administração de Empresas**, v. 36, p. 44-52, 1996.

Laudon, K. **Sistemas de informação Gerenciais**. 7.ed. Pearson Prentice Hall, 2007.

O'BRIEN, James A. **Sistemas de informação**. São Paulo: Saraiva, p. 18, 2004.

SIMON, Herbert A. **Administrative behavior**. Simon and Schuster, 2013.

TURBAN, Efraim et al. **Tecnologia da Informação para Gestão: Transformando os Negócios na Economia Digital**. Bookman, 2010.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

DA CUNHA, Diego de Oliveira et al. Sistemas de Informação como Elementos Viabilizadores do Desenvolvimento Sustentável no Contexto Empresarial. **PesquisAgro**, v. 4, n. 1, p. 22-34, 2021. Pereira, Fábio Miguel Azevedo. "Configurador de Produtos e Serviços-Desafios à Integração de Sistemas de Informação Legacy." (2021).



SCOBLE, Robert; ISRAEL, Shel. **Age of context: Mobile, sensors, data and the future of privacy**. Patrick Brewster Press, 2014.

YOSHIKUNI, Adilson Carlos et al. The influences of strategic information systems on the relationship between innovation and organizational performance. **BBR. Brazilian Business Review**, v. 15, p. 444-459, 2018.

Possibilidades de Estudos

- Adoção, uso e impactos organizacionais de: Sistemas Empresariais – Sistemas ERP (Enterprise Resource Planning), CRM (Customer Relationship Management), SCM (Supply Chain Management), BI (Business Intelligence);
- Sistemas interorganizacionais para cadeias colaborativas;
- Computação móvel; Negócios eletrônicos; Internet banking; ou que abordem a automatização e redesenho de processos administrativos, de negócios e industriais;
- Estudos que aprimorem a compreensão sobre como a TI é utilizada por indivíduos, ou grupos de usuários, e que englobem fatores antecedentes, ou consequências da adoção da TI;
- Modelos de predição de atitudes, intenção e comportamentos estão contidos nesse tema;
- Pesquisas que englobem os processos de tomada de decisão organizacional, seja esses mediados por tecnologias, algoritmos, inteligência artificial, machine learning, ou pela governança organizacional.



Trabalho e Subjetividade

Principais Abordagens

- Trabalho e suas articulações com a dinâmica micro (sujeito) e macro (social);
- A interação entre a fonte aberta e a tecnologia blockchain;
- Analytics e Big Data em Contabilidade, Auditoria e Finanças;
- Aplicações da Internet das Coisas de blockchain;
- Aplicações de Inteligência Artificial;
- Máquina em Contabilidade;
- Blockchain e tecnologia de contabilidade distribuída;
- Casos de uso e aplicação de blockchain em setores específicos: por exemplo, finanças, logística, mercados de energia, saúde, governo e outros;
- Comunidades de desenvolvedores de Blockchain;
- Conhecimento baseado em blockchain e gerenciamento de inovação;
- Contratos Inteligentes e seus impactos nas organizações;



- Criptomoedas, dinheiro digital e sistemas de pagamento baseados em Blockchain;
- Delegação de Algoritmos no Processo Contábil-Financeiro e de Auditoria;
- Desafios políticos: normas, privacidade, seguros e tributação, proteção do trabalho, sustentabilidade ambiental;
- E-commerce e e-business;
- Gerenciamento de ativos físicos com Blockchain;
- Gestão da Segurança da Informação e Cybersecurity;
- Lógica inteligente de processos de negócios baseada em contratos;
- Novas abordagens para o desenvolvimento de aplicativos blockchain;
- Novas aplicações Fintech;
- Novos modelos de negócios habilitados para Blockchain;
- Novos relacionamentos de negócios baseados em Blockchain;
- O impacto do BCT na eficiência dos negócios;
- Organização, coordenação e governança distribuída e descentralizada;
- Organizações Autônomas Descentralizadas (DAOs);
- Oportunidades, limitações e desafios para o desenvolvimento de atividades e negócios na era digital. Plano de negócios digitais;
- Problemas de gerenciamento de dados e governança de dados relacionados ao blockchain;
- Questões legais com contratos inteligentes e plataformas blockchain;
- Sistemas financeiros e Blockchain;
- Tecnologias aplicadas a Controles Internos e à detecção de fraude;
- Transparência, Accountability e Novas Tecnologias.

 **Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas**

DE MIRANDA, Júlio César; ZUCHI, Jederson Donizete. TECNOLOGIA BLOCKCHAIN: a disrupção na indústria financeira. **Revista Interface Tecnológica**, v. 15, n. 2, p. 457-469, 2018.

HABER, S.; STOMETTA, W. S. How to Time-Stamp a Digital Document. 437–455. **UK: Springer**, 1990.

NAKAMOTO, Satoshi. Bitcoin: A peer-to-peer electronic cash system. **Decentralized business review**, p. 21260, 2008.

JOÃO, Belmiro N. Blockchain e o Potencial de Novos Modelos de Negócios:: Um Mapeamento Sistemático. **Gestão e Projetos: GeP**, v. 9, n. 3, p. 33-48, 2018.



MOUGAYAR, William. **Blockchain para negócios: promessa, prática e aplicação da nova tecnologia da internet**. Alta Books Editora, 2018.

SILVEIRA, Gabryella Melo et al. Aplicações e Possibilidades do Blockchain: Uma Revisão Sistemática da Produção Científica Brasileira. 2021.

VIANNA, Fernando Ressetti Pinheiro Marques; DA SILVA, Petterson CRISTIAN GREDEL; PEINADO, Jurandir. O Blockchain e suas aplicações para além das criptomoedas: Uma revisão sistemática de literatura. **Revista de Tecnologia Aplicada**, v. 9, n. 1, p. 67-81, 2020.

Possibilidades de Estudos

- Em quais organizações o blockchain está realmente afetando os negócios?
- Como o uso da blockchain pode afetar os modelos de negócios tradicionais?
- Como o blockchain pode transformar a estratégia organizacional?
- Segurança e confiança do uso de blockchain;
- Aplicações empíricas do uso de blockchain;
- Vantagens e Desafios no Uso de blockchain.



Gestão do Conhecimento e Colaboração

Principais Abordagens

- Mecanismos para compartilhamento do conhecimento;
- Equilíbrio entre compartilhar e proteger conhecimento;
- Questões sociais e comportamentais da gestão do conhecimento;
- Capacidade absorptiva e Capacidades dinâmicas;
- Retenção e acúmulo de conhecimento;
- Engenharia do Conhecimento: gestão e representação;
- Gestão do conhecimento e tecnologia da informação;
- Gestão do conhecimento e mídias sociais;
- Gestão do conhecimento e gestão de projetos;
- Resultados da gestão do conhecimento;
- Gestão do conhecimento em micro, pequenas, médias e grandes empresas;
- Avaliação e indicadores de gestão do conhecimento;
- Capital social e a gestão do conhecimento;
- Qualidade do conhecimento;



- Criação do conhecimento;
- Gestão do conhecimento e inovação;
- Aprendizagem organizacional e Inter organizacional;
- Colaboração Cognitiva;
- Gestão do conhecimento e ciência de dados;
- Motivações para gestão do conhecimento;
- Mecanismos para a gestão do conhecimento;
- Tecnologias para Colaboração;
- WEB 2.0 como espaço colaborativo;
- Cooperação e Colaboração;
- Redes e Comunidades;
- Teorias e Modelos de Colaboração;
- Sistemas Crowdsourcing;
- Sistemas Ciberfísicos.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

BATISTA, Fábio Ferreira et al. *Gestão do conhecimento na administração pública*. 2005.

BERGERON, Bryan. **Essentials of knowledge management**. John Wiley & Sons, 2003.

CASTELLS, Manuel et al. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 2007.

CHOO, C. W. *A organização do conhecimento I: teoria e processo*. **CHOO, CW A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões**. São Paulo: Senac, p. 10-28, 2003.

DAVENPORT, Thomas H. **Conhecimento empresarial**. Elsevier Brasil, 1998.

KLEIN, David A. **A gestão estratégica do capital intelectual: recursos para a economia baseada em conhecimento**. Qualitymark Editora Ltda, 1998.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. *Criação do Conhecimento na Empresa*. II Rio de Janeiro: Campus, 1997. **Campus Sede-Paraná-Brasil**, 1997.

NORTH, Klaus. *Gestão do conhecimento: um guia prático rumo à empresa inteligente*. **Rio de Janeiro: Qualitymark**, p. 4, 2010.



PIMENTEL, Mariano; FUKS, Hugo (Ed.). **Sistemas colaborativos**. Elsevier, 2012.

VON KROGH, Georg; ICHIJO, Kazuo; NONAKA, Ikujiro. **Facilitando a Criação de Conhecimento: reiventando a empresa com o poder da inovação contínua**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

COLICCHIO, Thais Andrade; ZAMBON, Antônio Carlos. Modelo de colaboração sistêmica: potencializando o compartilhamento do conhecimento no ecossistema das organizações. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, v. 10, n. 3, p. 1-7, 2021.

DE MENEZES, Katia Costa et al. Gestão do conhecimento nas organizações: uma aprendizagem em rede colaborativa. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 7, p. 145-159, 2017.

MAURO, Maria Helena et al. Contribuição do Sistema de gestão de aprendizagem (LMS) para a gestão do conhecimento corporativo. **Revista iberoamericana de educación**, 2017.

Possibilidades de Estudos

- Avaliação da capacidade de aprendizagem dos colaboradores;
- Geração de conhecimento possibilitando a inovação de produtos e serviços;
- Análise da aplicação de modelos de colaboração.



Democracia Digital

Principais Abordagens

- Cidadania;
- Democracia Digital;
- E-Democracia;
- E-Participação;
- Informação;
- Tecnologia.



 **Referências bibliográficas seminais/clássicas**

HACKER, Kenneth L.; VAN DIJK, Jan (Ed.). **Digital democracy: Issues of theory and practice**. Sage, 2000.

HAGEN, Martin. Digital democracy and political systems. **Digital democracy: Issues of theory and practice**, p. 54-69, 2000.

GOMES, Wilson. Democracia digital: que democracia. **II Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Comunicação e Política. UFMG, Belo Horizonte**, v. 5, 2007.

SAMPAIO, Rafael Cardoso. Democracia digital no Brasil: uma prospecção das iniciativas relevantes. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 4, n. 1-2, 2013.

POGREBINSCHI, Thamy. **Judicialização ou representação?: política, direito e democracia no Brasil**. Elsevier Brasil, 2012.

POGREBINSCHI, Thamy. El giro pragmático de la democracia en América Latina. 2013.

 **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas**

FREITAS, Christiana Soares de. Implicações da e-participação para a democracia na América Latina e Caribe. 2020.

FREITAS, Christiana et al. Análise da rede de produção de conhecimento sobre a iniciativa e-democracia. **Revista e-Legis, Brasília**, v. 13, p. 182-203, 2020.

PINHO, Jose Antonio Gomes et al. Democracia Digital na área de administração: um levantamento da construção do campo no Brasil. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, v. 24, n. 78, 2019.

SAMPAIO, Rafael Cardoso et al. Estado da arte da democracia digital no Brasil: oferta e sobrevivência das iniciativas (1999-2016). 2019.

SAMPAIO, Rafael Cardoso et al. Livro de Códigos-Estado da Arte da Democracia Digital no Brasil. 2021.

POGREBINSCHI, Thamy; ROSS, Melisa. Inovações Democráticas na América Latina. **Revista Debates**, v. 15, n. 1, p. 33-63, 2021.



Possibilidades de Estudos

- Estudos que busquem entender as Influências das transformações socioeconômicas, demográficas, culturais, territoriais e individuais sobre as carreiras em diferentes grupos sociais;
- O que acontece quando a opinião antiestatal ou antigovernamental é combinada com políticas liberais de expansão do voto e do acesso individual ao sistema político?
- Isso resulta em uma ênfase na democracia direta em oposição à representação?
- Será que um sistema de democracia direta com o uso de TIC pode ser pensado e ser feito para trabalhar de qualquer maneira?
- A formação da comunidade política é qualificada para a criação da democracia?
- Todos os tipos de comunicação política com o CMC devem ser considerados democrático?
- Como a busca de interesses comerciais afeta as tentativas de ampliar democracia em vários sistemas políticos?
- De que maneira as políticas de supervias de informação do governo influenciam perspectivas futuras da democracia?
- Como a democracia, que muitas vezes se supõe ser construída de baixo com a orientação do topo, envolver mais pessoas no processo de construção?
- E se eles não estiverem interessados ou motivados neste momento?
- As pessoas se tornam mais ou menos ativas na vida política à medida que se tornam mais ativo na comunicação virtual sobre política?
- Como o conceito de interatividade política pode ser refinado e relacionado à tecnologia?
- Os cidadãos podem ter confiança na privacidade, legitimidade da contagem e outros aspectos dos sistemas de democracia digital?
- Como equilibramos os benefícios positivos, como trazer indivíduos não envolvidos antes com os fatores negativos como baixa participação geral e estratificação da comunicação?
- Como nos movemos da esfera discursiva do digital para a esfera de tomada de decisão que chamamos de governo representativo?



Tecnologias Emergentes e Transformação Digital (Analytics, Ciência de Dados, IoT, Computação em Nuvens e Big Data) para gestão.

✦ Principais Abordagens

- Capacidades digitais e modelos de negócio;
- Criação de valor em ambiente de transformação digital;
- Inovação do modelo de negócio por meio de tecnologias da indústria 4.0;
- Desenvolvimento, avaliação e contribuição de valor das capacidades de TI e novos modelos de negócio na era das tecnologias da Indústria 4.0: Internet of Things (IoT), Cloud Computing, Data Mining, Big Data, Analytics, Machine Learning, Realidade Aumentada, Mobile Computing, Veículos Autônomos (incluindo drones), Sistemas ou Robôs Autônomos.

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas

KRUMM, John (Ed.). **Ubiquitous computing fundamentals**. CRC Press, 2018.

Resource Based View, Teoria Ator-Rede, Teoria Institucional, mas não limitadas a elas, aceitamos outras teorias coerentes com o tema pesquisado.

TAN, Pang-Ning; STEINBACH, Michael; KUMAR, Vipin. **Introdução ao datamining: mineração de dados**. Ciência Moderna, 2009.

SINCLAIR, Bruce. **IoT: como usar a "internet das coisas" para alavancar seus negócios**. Autêntica Business, 2018.

✦ Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:

AMARAL, Fernando. **Introdução à ciência de dados: mineração de dados e big data**. Alta Books Editora, 2016.

GUPTA, Sunil. **Implantando estratégia digital**. M. Books, 2020.

PROVOST, Foster; FAWCETT, Tom. **Data Science para negócios**. Alta Books, 2016.

SCHÖNBERGER-MAYER, Viktor; CUKIER, Kenneth. Tradução Paulo Palzonoff Junior. **Big data: como extrair volume, variedade, velocidade e valor da avalanche de informação cotidiana**. 2013.



Possibilidades de Estudos

- Quais são as capacidades necessárias para a transformação digital?
- Como as organizações desenvolvem capacidades para se valer da transformação digital e obter vantagem competitiva?
- Como os modelos de negócios são concebidos, transformados e geridos na era digital?
- Como propor valor por meio do uso de tecnologias da indústria 4.0?
- Como gerir recursos organizacionais na era digital?



Gestão de Projetos de SI e de TI

Principais Abordagens

- Antigas e atuais possibilidades;
- Abordagens de gestão de projetos de TI/SI, como o método Ágil, PMI, IPMA, Design Thinking, metodologias híbridas (combinação de abordagens);
- Gestão de projetos ágeis na área de TI/SI: Fundamentos do Agile (lacuna de conhecimento, teoria da restrição, etc.), Processo, projeto e programa Agile, Princípios de liderança ágil, Metodologias ágeis (Scrum, etc.), Equipes Agile (Organização, etc.), Contratos de projeto de SI / TI (tipos, riscos, etc.);
- Aspectos sociotécnicos do desenvolvimento de SI e gestão de projetos;
- Atuação de escritórios de projetos (PMO);
- Competências individuais e organizacionais na gestão de projetos de TI/SI;
- Equipes de projetos de TI/SI distribuídas, globais, virtuais e de alta performance;
- Gestão da Comunicação em projetos de TI/SI;
- Gestão da Qualidade em projetos de TI/SI;
- Gestão de Aquisições em projetos de TI/SI;
- Gestão de programas e de portfólio de TI/SI;
- Gestão de projetos de TI/SI em organizações públicas;
- Gestão de projetos inovadores de TI/SI;
- Gestão de Riscos em projetos de TI/SI;
- Gestão de Stakeholders em projetos de TI/SI;
- Gestão do conhecimento e aprendizagem em projetos de TI/SI;



- Governança, gestão de riscos e aspectos de conformidade em projetos de TI/SI;
- Interfaces entre metodologias de gestão de projetos de TI/SI e metodologias de gestão da inovação;
- Novas técnicas e ferramentas na gestão de projetos de TI/SI;
- Novas tecnologias e mídias em projetos de TI/SI;
- Outsourcing e terceirização em projetos de TI/SI;
- Sucesso de projetos de TI/SI.

Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

BOUER, Ruy; CARVALHO, Marly Monteiro de. Metodologia singular de gestão de projetos: condição suficiente para a maturidade em gestão de projetos?. **Production**, v. 15, p. 347-361, 2005.

BROWN, Tim. **Design Thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias**. Tradução Cristina Yamagami. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.1.

DE ALMEIDA FERREIRA, Bilmar Angelis et al. Gestão de Riscos em Projetos: Uma Análise Comparativa da Norma ISO 31000 e o Guia PMBOK®, 2012. **Revista de Gestão e Projetos**, v. 4, n. 3, p. 46-72, 2013.

FERNANDES, Aguinaldo Aragon; DE ABREU, Vladimir Ferraz. **Implantando a Governança de TI-: Da estratégia à Gestão de Processos e Serviços**. Brasport, 2014.

KAKABADSE, Andrew; KAKABADSE, Nada. Outsourcing: current and future trends. **Thunderbird international business review**, v. 47, n. 2, p. 183-204, 2005.

KERZNER, Harold. **Gestão de Projetos-: As Melhores Práticas**. Bookman editora, 2006.

VINDO, Seja Bem. Gestão de projetos. 2007.

Possibilidades de Estudos

- Evolução e tendência dos métodos, técnicas e ferramentas de gestão de projetos;
- Casos de sucesso em projetos na gestão de organizações;
- Usos, aplicações e implicações da utilização de métodos ágeis: produtividade em projetos ágeis, métodos ágeis em projetos complexos e /ou globais,



aplicação de métodos ágeis em produtos não-software, ágil escalado, times ágeis;

- Alinhamento dos métodos tradicionais, ágeis e híbridos;
- Adoção e uso de Data Analytics em projetos;
- Transformação e/ou transição de ambientes tradicionais para ambientes ágeis;
- Ambidestria organizacional e gestão de projetos.



Governança de TI

✦ Principais Abordagens

- Governança de TI, Auditoria de Sistemas, Frameworks, Modelos e Normas relacionados à Governança de TI, Arquitetura e Infraestrutura em TI;
- Gestão de Riscos e Segurança em TI;
- Cibersegurança;
- Virtualização e compartilhamento dos controles de gestão;
- TI e Supplychain. TIC, estratégia e competitividade;
- Metodologias de governança;
- Aquisição. Terceirização de TI. Auditoria de TIC;
- Gestão de Risco;
- Segurança da Informação;
- Organizações Digitais.

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

ALMEIDA, Rafael; PEREIRA, Rúben; MIRA DA SILVA, Miguel. IT governance mechanisms: a literature review. In: **Exploring Services Science: 4th International Conference, IESS 2013, Porto, Portugal, February 7-8, 2013. Proceedings 4**. Springer Berlin Heidelberg, 2013. p. 186-199.

BIANCHI, Isaias Scalabrin; SOUSA, Rui Dinis. IT Governance mechanisms in higher education. **Procedia Computer Science**, v. 100, p. 941-946, 2016.

FERNANDES, Aguinaldo Aragon; DE ABREU, Vladimir Ferraz. **Implantando a Governança de TI-: Da estratégia à Gestão de Processos e Serviços**. Brasport, 2014.



KORAC-KAKABADSE, Nada; KAKABADSE, Andrew. IS/IT governance: Need for an integrated model. **Corporate Governance: The international journal of business in society**, v. 1, n. 4, p. 9-11, 2001.

LUNARDI, Guilherme Lerch. Um estudo empírico e analítico do impacto da governança de TI no desempenho organizacional. 2008.

LUNARDI, Guilherme Lerch; BECKER, João Luiz; MAÇADA, Antônio Carlos Gastaud. Um estudo empírico do impacto da governança de TI no desempenho organizacional. **Production**, v. 22, p. 612-624, 2012.

MANSUR, Ricardo. **Governança de TI: metodologias, frameworks e melhores práticas**. Brasport, 2007.

SYMONS, Craig. IT governance framework. **Forrester research**, 2005.

VAN GREMBERGEN, Wim (Ed.). **Strategies for information technology governance**. Igi Global, 2004.

WEILL, Peter; ROSS, Jeanne W. **Governança de TI-tecnologia da informação**. M. Books, 2020.

Possibilidades de Estudos

- Governança de tecnologias emergentes, como IA, Blockchain, IOT, Big Data e Machine Learning;
- Investimentos em tecnologias tradicionais e emergentes como AI, Blockchain, IOT, Big Data e Machine Learning;
- Estratégia de TI em todos os tipos de organizações relacionadas a tecnologias tradicionais e emergentes, como IA, Blockchain, IOT, Big Data e Machine Learning;
- Militância digital, Governo eletrônico (e-gov) e seus impactos na qualidade dos serviços públicos;
- Oportunidades, limitações e desafios para o desenvolvimento de atividades e negócios na era digital;
- Adoção e uso da TI pela sociedade, organizações e indivíduos no âmbito do setor público, e suas contribuições para a prática democrática, a participação e a transparência;
- Uso de TI na prestação de serviços ao cidadão, bem como no suporte da gestão e das políticas públicas, e suas implicações;
- Relações entre uso de TI e desenvolvimento: TI verde, lixo eletrônico, inclusão/exclusão digital;
- Usos da TI na educação, na saúde, e na inovação.



Cidades Inteligentes

Principais Abordagens

- Governança inteligente como base para a criação de espaços urbanos e regionais inteligentes (elementos, requisitos prévios e princípios de governança inteligente);
- Governo inteligente (áreas focais, práticas atuais, casos e potenciais riscos);
- Inovação e parcerias (tripla/quádrupla hélice, parcerias público-privado e participação cidadã) em iniciativas inteligentes;
- Sustentabilidade em Cidades Inteligentes;
- Cidades e regiões inteligentes (casos, rankings, comparações e fatores críticos de sucesso);
- Inteligência coletiva para cidades e comunidades inteligentes;
- Internet das Coisas em comunidades inteligentes (infraestrutura, transporte, educação, governança, meio ambiente, cuidados médicos, segurança, proteção e energia);
- Participação e transparência nas relações de interação cidade-cidadãos-governo;
- Inclusão x Gentrificação em cidades inteligentes;
- Estudos sobre cidades inteligentes utilizando-se a lente teórica do colonialismo;
- Redes elétricas inteligentes;
- Meio ambiente e transporte inteligente (mobilidade individual e pública, limpa e sem carbono) - mobilidade urbana sustentável;
- Dispositivos inteligentes e seu uso inovativo em cidades e/ou gestão pública.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

BATTY, Michael et al. Smart cities of the future. **The European Physical Journal Special Topics**, v. 214, p. 481-518, 2012.

CARAGLIU, Andrea; DEL BO, Chiara; NIJKAMP, Peter. Smart cities in Europe. **Journal of urban technology**, v. 18, n. 2, p. 65-82, 2011.

GIL-GARCIA, J. Ramon; PARDO, Theresa A.; NAM, Taewoo. What makes a city smart? Identifying core components and proposing an integrative and comprehensive conceptualization. **Information Polity**, v. 20, n. 1, p. 61-87, 2015.

KITCHIN, Rob. Making sense of smart cities: addressing present shortcomings. **Cambridge journal of regions, economy and society**, v. 8, n. 1, p. 131-136, 2015.



KITCHIN, Rob. The ethics of smart cities and urban science. **Philosophical transactions of the royal society A: Mathematical, physical and engineering sciences**, v. 374, n. 2083, p. 20160115, 2016.

NAM, Taewoo; PARDO, Theresa A. Conceptualizing smart city with dimensions of technology, people, and institutions. In: **Proceedings of the 12th annual international digital government research conference: digital government innovation in challenging times**. 2011. p. 282-291.

ZANELLA, Andrea et al. Internet of things for smart cities. **IEEE Internet of Things journal**, v. 1, n. 1, p. 22-32, 2014.

Referências atuais/contemporâneas

ANTHOPOULOS, Leonidas G. et al. **Understanding smart cities: A tool for smart government or an industrial trick?**. Cham, Switzerland: Springer International Publishing, 2017.

CHIARIOTTI, Federico et al. SymbioCity: Smart cities for smarter networks. **Transactions on Emerging Telecommunications Technologies**, v. 29, n. 1, p. e3206, 2018.

CUNHA, Maria Alexandra et al. Smart cities: transformação digital de cidades. 2016.

KITCHIN, Rob et al. Creating smart cities. In: **Creating smart cities**. Routledge, 2018. p. 1-18.

KITCHIN, Rob. Reframing, reimagining and remaking smart cities. In: **Creating smart cities**. Routledge, 2018. p. 219-230.

Possibilidades de Estudos

- Práticas inteligentes em cidades (facilitadas pela tecnologia), tais como sistemas de pagamento e sistemas de identificação;
- Novos riscos e vulnerabilidades de cibersegurança em cidades e comunidades inteligentes;
- Universidade e educação inteligentes;
- Problemas de qualidade de vida em cidades e comunidades inteligentes;
- Brechas urbano-rural em comunidades inteligentes;
- Cidades inteligentes, gênero e diversidade;
- Programas de formação em cidades inteligentes e sustentáveis;
- Aspectos teóricos e metodológicos em cidades inteligentes;
- Modelos avaliativos de cidades inteligentes (modelos, métricas, rankings e indicadores);



- Cidades Inteligentes no contexto de pós-pandemia.

Referências bibliográficas seminais/clássicas da grande Área

ALBERTIN, A. L. Administração da informática e a organização. **Revista de Administração de Empresas**, v. 34, n. 6, 1994.

ALBERTIN, A. L. Aumentando as chances de sucesso no desenvolvimento e implementação de sistemas de informações. **Revista de Administração de Empresas**, v. 36, n. 3, 1996.

BARKI, H. et al. An information systems classification scheme : an update. **MIS Quarterly**, p. 209- 226, June 1993.

BEUREN, I. M. **Gerenciamento estratégico da informação: um recurso estratégico no processo de gestão empresarial**. São Paulo: Atlas, 1998.

BIO, S.R. **Sistemas de Informação**. São Paulo: Atlas, 2002

DAVENPORT, T. H. **Ecologia da informação: porque só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação**. São Paulo: Futura, 1998.

FIDELIS, J. R. F. ; BORGES, M. E. N. **Conceitos Básicos para a gestão da informação: uma abordagem didática**. Doxa, Coronel Fabriciano, v. 1, p. 29-38, 2002.

LAUDON, C.K., LAUDON, J.P. **Sistemas de Informação**. São Paulo: LTC, 2000

M.; REYNOLDS, G. W. **Sistemas de sistemas de informação: uma abordagem gerencial**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2002.

MANAS, A.V. **Administração de Sistemas de Informação**. São Paulo: Erica, 1999

MARKS, Sikberto Renaldo. **Administração da informação**. 2009.

MCGEE, J. V.; PRUSAK, L. **Gerenciamento estratégico da informação: aumente a competitividade e a eficiência de sua empresa utilizando a informação como uma ferramenta estratégica**. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

O´BRIEN, J. A. **Sistemas de Informação e as Decisões Gerenciais**. S. Paulo: Saraiva, 2002

OLIVEIRA, D.P.R. **Planejamento Estratégico**. São Paulo: Atlas, 20ª Ed, 2004



REZENDE, D. A. **Tecnologia da informação integrada à inteligência empresarial: Alinhamento estratégico e análise da prática nas organizações.** São Paulo: Atlas, 2002. 160p.

REZENDE, D.A. **Planejamento de Sistemas de Informação e Informática.** São Paulo: Atlas, 2ª Ed, 2007

VAITSMAN, H. S. **Inteligência empresarial: atacando e defendendo.** Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas da grande Área

DE SORDI, José Osvaldo. **ADMINISTRAÇÃO DA INFORMAÇÃO- Fundamentos e práticas para uma nova gestão do conhecimento.** Saraiva Educação SA, 2017.

CÔRTES, Pedro Luiz. **Administração de sistemas de informação.** Saraiva Educação SA, 2017.

GUPTA, Sunil. **Implantando Estratégia Digital: Guia Para Reinventar Sua Empresa.** São Paulo: M. Books, 2018. 296 p.

Principais Revistas e Periódicos da grande Área

ISSN	Revista	Ranking ABS
1537-260X	Academy of Management, Learning and Education	4
0141-1926	British Educational Research Journal	3
1350-5076	Management Learning	3
0307-5079	Studies in Higher Education	3
1047-7047	Information Systems Research	4
0276-7783	MIS Quarterly	4
0742-1222	Journal of Management Information Systems	4
1536-9323	Journal of the Association of Information Systems	4
0960-085X	European Journal of Information Systems	3
0268-3962	Journal of Information Technology	3
1532-2882	Journal of the American Society for Information Science and Technology (JASIST)	3



GLOSSÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Arquivamento

"Arquivar é o processo de selecionar, preservar e tornar acessíveis registros de valor duradouro." (BEARMAN, 1993).

Blockchain

É uma tecnologia descentralizada de gerenciamento de transações e dados, desenvolvida pela primeira vez para a moeda digital bitcoin. Blockchain, criptomoedas e modelos de negócios distribuídos referem-se à construção de novos sistemas criados pela modelagem de ambientes sociais, físicos e tecnológicos por meio de um design orientado a TI. O Blockchain e suas tecnologias relacionadas foram gradualmente incorporadas ao discurso organizacional, mas sua adoção levanta uma série de novas questões para as organizações.(ANPAD). Praticamente qualquer item de valor pode ser controlado e comercializado em uma rede de blockchain, o que reduz os riscos e os custos de todas as partes envolvidas (IBM).

Criptomoedas

As criptomoedas são moedas virtuais, conversíveis e descentralizadas, e que se caracterizam, adicionalmente, por serem protegidas por criptografia (FOLLADOR, 2017).

Dados

"Dados são os fatos ou observações básicas que são registrados, analisados e interpretados por uma organização. Eles são a matéria-prima para a criação de informações e conhecimento e, como tal, são críticos para o sucesso de qualquer organização." (DATE, 1976).

Engenharia da Informação

"O uso de tecnologia e metodologia para melhorar o fluxo de informações dentro de uma organização, melhorando assim sua capacidade de competir e operar com mais eficiência". (MARTIM, 1989).

Inteligência Estratégica (IE)

A Inteligência Estratégica (IE) está associada ao processo de análise de informações para construção de cenários macroambientais que impactam, de modo amplo, na gestão estratégica das organizações. Embora seja um conceito menos difundido que o de Inteligência Competitiva (IC), a IE mostra-se mais adequada a apoiar modelos de



gestão no ensino superior, visto que a IC está mais direcionada às análises de informações de caráter mercadológico (FULD, 2007).

Governança Eletrônica

A governança eletrônica é o uso das tecnologias de informação e comunicação mais inovadoras, como a internet, para oferecer a todos os cidadãos melhores serviços, informações confiáveis e maior conhecimento para facilitar o acesso ao processo e incentivar a participação do cidadão. É um compromisso inequívoco (...) fortalecer a parceria entre o cidadão privado e o setor público (UN, 2002, p. 54, tradução SANTOS, 2021).

Gestão de Conteúdo

"(...) é o processo de coleta, gerenciamento e publicação de informações que são criadas e compartilhadas dentro de uma organização. Envolve organizar, categorizar e armazenar conteúdo, além de garantir que seja atualizado, preciso e facilmente acessível a quem precisa." (BOIKO, 2002).

Metadados

"Metadados são dados que descrevem outros dados. Eles fornecem informações sobre as características de um recurso digital, como seu formato, autor, título e data de criação, que são usados para dar suporte à descoberta, gerenciamento e preservação do recurso." (WEIBEL, 2004).

Registro

"Um registro é uma coleção de elementos de dados relacionados que são armazenados juntos e tratados como uma unidade." (KROENKE, 1995).

Segurança da Informação

"A proteção da informação e dos sistemas de informação contra acesso, uso, divulgação, interrupção, modificação ou destruição não autorizados." (SCHNEIER, 1999).

ÁREAS TEMÁTICAS NAPP



ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA



FICHA TÉCNICA

Universidade Federal da Bahia
Reitor

Paulo César Miguez de Oliveira

Vice-reitor

Penildon Silva Filho

Escola de Administração

Diretor

João Martins Tude

Vice-diretor

André Luis Nascimento dos Santos

Núcleo de Pós-graduação da Escola de Administração da UFBA

Coordenador

Genauto Carvalho França Filho

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Acadêmico

Coordenadora

Andréa Cardoso Ventura

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Profissional

Coordenadora

Elisabeth Matos Ribeiro

Núcleo de Apoio a Pesquisa e Publicação – NAPP

Coordenador

Horacio Nelson Hastenreiter Filho

Coordenadora de Conteúdos

Justina Tellechea

Design Instrucional

Tairine Nunes

Autores

Jamili Palmeira

Jefferson Reis

Ano de Publicação (2023)

Edição (2023)



ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA:

Professores: Elizabeth Matos, Renata Rossi, Luíza Teixeira, Edgilson e Antônio Sérgio

Aluna(o)s: Jamili Palmeira e Jefferson Reis

Subareas Temáticas:



O Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicações - NAPP oferece suporte para o fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual dos professores, pesquisadores, egressos e alunos vinculados ao Núcleo de Pós-Graduação em Administração da UFBA.

Por meio das divisões acadêmicas e temas de interesse propostos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - ANPAD, este material busca explorar as áreas e subáreas temáticas da gestão, apresentando aos leitores as principais abordagens, as referências bibliográficas clássicas e contemporâneas, as possibilidades de estudos, as revistas e periódicos e um glossário com verbetes da área de estudo.



Estado e Governo

✈ Principais Abordagens:

- ACCOUNTABILITY E CONTROLE SOCIAL NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: Nesta abordagem discute-se a responsabilidade do agente público no exercício do poder que lhe é concedido pela sociedade, seja através de processos de accountability e/ou por meio de controle social. Por accountability entende-se o processo de prestação de contas através da fiscalização e controle da administração pública, tanto de burocratas como de governantes, por meio de mecanismos formais e institucionalizados. Abordase os diferentes modelos e tipologias de accountability (vertical e horizontal, intra-estatais e eleitorais) (O'DONNELL 1998, 1999 e 2003) e estuda-se a intersecção entre accountability e desempenho de políticas e programas governamentais. Por controle social entende-se a atuação do cidadão no processo de controle e fiscalização das ações públicas. Nesta temática, os estudos sobre controle social também fazem intersecção com outras discussões importantes como fortalecimento da democracia e críticas ao modelo representativo (AKUTSU; PINHO, 2002).
- ARRANJOS INSTITUCIONAIS E CAPACIDADES ESTATAIS: Nesta abordagem discute-se as formas de coordenação de políticas em que se envolvem diferentes atores, público e privado, e diferentes etapas do ciclo de políticas públicas, denominados arranjos institucionais. Esses arranjos definem “quem está habilitado a participar de um determinado processo, o objeto e os objetivos, e as formas de relação entre os atores” (Pires e Gomide, 2014, p. 8). Esses arranjos institucionais tem como objetivo promover “coordenação horizontal (entre os setores de políticas), vertical (entre entes federativos). ou com outras organizações ou sociedade para alcançar a efetividade das políticas públicas” (LOTTA; VAZ, 2015). Quanto ao conceito de capacidades estatais, este se refere às capacidades que os Estados – que já superaram seus estágios iniciais de construção – possuem (ou não) para atingir, de forma efetiva, os objetivos que pretendem por meio de suas políticas públicas, como a provisão de bens e serviços públicos (PIRES;GOMIDE, 2016). Nesse sentido, os estudos que enfatizam essa abordagem também discutem problemas relacionados à descentralização e ao modelo federalista brasileiro.
- CULTURA ORGANIZACIONAL E CULTURA POLÍTICA: Nesta abordagem discute-se os conceitos e características das organizações públicas no Brasil. Entre essas características Pires e Macêdo (2006) citam: a burocracia, o autoritarismo centralizado, o paternalismo, a descontinuidade e a ingerência política. Nesse sentido, os estudos também discutem a influência da cultura organizacional e política das instituições públicas no modus Operandi dos trabalhadores e seus resultados (SARAIVA, 2002).
- DEMOCRACIA: Nesta abordagem discute-se a democracia enquanto uma forma de governo sob a qual o poder político é exercido, caracterizando-a enquanto elemento dentro de um sistema conceitual, em suas diversas tipologias, distinções, interpretações e realizações históricas (BOBBIO, 2014).



Essa abordagem também trata a relação dialética entre democracia e poder político, partidos políticos, organizações burocráticas e corporações de poder corporativo (HELD, 1991). Enquanto uma forma de governo, essa abordagem também estuda os conflitos entre autonomia e controle, inerentes às formas democráticas de governo em que as diversas representações da sociedade influenciam o processo decisório.

- **ESTADO E REGULAÇÃO:** Nesta abordagem estuda-se as formas de atuação administrativa do estado enquanto agente regulador. Segundo Trindade (2019) o objetivo da regulação é a “correção e ajustes de mercado” (p.3). Nesse sentido, os estudos abordam o uso dos instrumentos regulatórios e seu objetivo-fim, pressupondo que tais instrumentos devem ser utilizados para corrigir as falhas de mercado em favor do interesse coletivo. Nesta abordagem também estão os estudos que exploram as dinâmicas de mercado, as particularidades setoriais e as relações dos stakeholders no ambiente regulado. Além disso também se estuda as diferentes escolas da teoria da regulação.
- **FORMAS DE ESTADO:** Nesta abordagem discute-se as formas de estado a partir da relação entre organização política e sociedade e as finalidades que o poder político organizado persegue. O desenvolvimento dessas formas de estado, segundo Bobbio (2014), podem ser compreendidas a partir de dois critérios principais: a perspectiva histórica e aquela relativa a sua maior ou menor expansão em detrimento da sociedade. Neste segundo, prevalecem os debates sobre o estado máximo e o estado mínimo, tanto em perspectiva religiosa quanto econômica, tendo no welfare-state um exemplo de representação do estado intervencionista e no neoliberalismo a mais larga expressão da liberdade e rejeição a limitação dos mecanismos de mercado por parte do estado. Nesta perspectiva também se discute os processos de reforma, pela qual passaram as formas de estado.
- **GOVERNANÇA DAS ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS:** Nesta abordagem estuda-se a governança a partir das decisões políticas e administrativas que influenciam o desempenho da administração pública. Os estudos focam os diferentes níveis de operacionalização da governança (macro, meso e micro), a ação das partes interessadas e as estratégias utilizadas para reunir as diferentes expectativas. A atuação dos gestores na promoção da governança e a sua relação com os mecanismos de accountability e transparência também são explorados pelos estudos que seguem essa abordagem (OLIVEIRA; JUNIOR, 2020).
- **NOVOS DESAFIOS PARA A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA:** Nesta abordagem discute-se os desafios, limitações e potencialidades para a administração pública brasileira. A exemplo, Bueno, Brélaz e Salinas (2016) ressaltam a importância de se discutir na administração pública brasileira, questões voltadas para o debate sobre Governo Aberto, combate a corrupção, redesenho institucional de parceria entre estados e organizações privadas, e o compartilhamento de serviços administrativos e de apoio como forma de reduzir custos. Para Gaetani (2014) a administração pública brasileira ainda enfrenta problemas quanto a implementação imperfeita do modelo burocrático de Weber e as influências dos novos elementos da administração pública. O mesmo autor ainda afirma que o principal desafio da administração pública



brasileira é criar uma identidade única de estado e mecanismos capazes de articular interesses público e privado.

- **REFORMAS NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA:** Nesta abordagem discute-se as transformações que ocorreram nas estruturas administrativas e institucionais que organizam a administração pública brasileira, com o objetivo de superar as dificuldades organizacionais e gerenciais no setor público (CAVALCANTE, 2020). Segundo Secchi (2009), esses modelos organizacionais e relacionais que inspiraram reformas na administração pública brasileira são: a burocracia, a administração pública gerencial, o governo empreendedor e a governança pública. Os estudos nessa abordagem também tendem a tratar os objetivos que os governos têm perseguido durante as reformas. Segundo Gomes e Lisboa (2020) as reformas administrativas no Brasil possuem três objetivos: tornar a máquina burocrática mais racional, aumentar a participação popular e modernizar o governo com o uso da tecnologia da informação.

 **Referências bibliográficas seminais/clássicas:**

CHANG, Ha-Joon. **Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica.** Unesp, 2004.

BOBBIO, N. **Estado, Governo e Sociedade: para uma teoria geral da política.** 14 ed. Paz e Terra, 2007. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/bobbio-n-estado-governo-sociedade-para-uma-teoria-geral-da-polc3adtica.pdf>

BRESSER-PEREIRA, L.C. A Reforma do Estado dos anos 90: lógica e mecanismos de controle. **Cadernos MARE da Reforma do Estado.** Brasília: Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado, 1997.

DAHL, Robert A. **Poliarquia – participação e oposição.** Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Edusp, 1997.

DAHL, Robert A. **Sobre a democracia.** Tradução de Beatriz Sidou. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

DENHARDT, R. **Public Administration Theory: The State of the discipline.** Compilado por Naomi Lynn e Aaron Wildavsky. Chatham: Chatham House Publishers Inc., 1990.

EVANS, P. (1998). Análise do estado no mundo neoliberal: uma abordagem institucional comparativa. **Revista de Economia Contemporânea**, 4 (julho-dezembro), 51-85.

HOOD, C. The “New Public Management” in the 1980s: Variations on a Theme. **Accounting, Organizations and Society**, v.20, n.3, p. 93-109, 1995.

O'DONNELL, Guillermo. Accountability horizontal e novas poliarquias. **Lua Nova** (online), n. 44, p. 27-54, 1998. ISSN 0102-6445.



O'DONNELL, Guillermo. Teoria democrática e política comparada. **Dados**. Rio de Janeiro, v. 42, n. 4, 1999.

PRZEWORSKI, A. Sobre o desenho do Estado: uma perspectiva agente x principal. In: BRESSER-PEREIRA, L. C. (org). **Reforma do Estado e Administração Pública Gerencial**. 5ª ed., FGV, 2003.

POULANTZAS, Nicos. The capitalist state: A reply to Miliband and Laclau. **New Left Review**, v. 95, n. 1, p. 63-83, 1976.

POULANTZAS, N. (2000). **O Estado, o poder, o socialismo** (4a ed.). São Paulo: Paz e Terra. (Obra original publicada em 1978).

WILLIAMSON, J. (1993). Democracy and the "Washington Consensus". **World Development**, 21 (8), 1329-1336.

 **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

ABRUCIO, Fernando Luiz; DURAND, Maria Rita Garcia Loureiro. Finanças públicas, democracia e accountability: o debate teórico e o caso brasileiro. In: **Plataforma democrática**. Disponível em: . Acesso em: 10 jun. 2013

AKUTSU, Luiz; PINHO, José Antonio Gomes de. Sociedade da informação, accountability e democracia delegativa: investigação em portais de governo no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 36, n. 5, p. 723-746, 2002.

ALMEIDA, D.R. Civil society representation and digital accountability in Brazilian institutions. **Journal of Chinese Governance**, v. 6, n. 1, p. 81-109, 2021. Disponível em: [https://apps-
webofknowledge.ez10.periodicos.capes.gov.br/full_record.do?product=WOS&
search_mode=GeneralSearch&qid=8&SID=6EJ6ijEhClaX6UnOzsu&page=1&
doc=3](https://apps-
webofknowledge.ez10.periodicos.capes.gov.br/full_record.do?product=WOS&
search_mode=GeneralSearch&qid=8&SID=6EJ6ijEhClaX6UnOzsu&page=1&
doc=3)

BATISTA, M.; ROCHA, V.; SANTOS, J.L.A. Transparência, corrupção e má-gestão. Uma análise dos municípios brasileiros. **Revista Administração Pública**, v. 54, n.5, set-oct, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-
76122020000501382&script=sci_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-
76122020000501382&script=sci_arttext)

BUENO, R.L.P; BRÉLAZ, G.; SALINAS, N.S.C. Administração Pública Brasileira no século 21: seis grandes desafios. **Revista Serviço Público**, v. 67, especial, p. 7-28, 2016. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/22828_arquivo.pdf

CAVALCANTE, P.L.C. Trends in Public Administration in the post-NPM Era: Innovations in the Brazilian federal government. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 22, n.6, nov-dez, 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-
65552018000600885&script=sci_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-
65552018000600885&script=sci_arttext)



GOMES, R.C; LISBOA, E.F. Public Management reform in Brazil (2002-2019). **Public Management Review**, v. 23, n. 2, p. 159-167, 2020. Disponível em: https://apps-webofknowledge.ez10.periodicos.capes.gov.br/full_record.do?product=WOS&search_mode=GeneralSearch&qid=2&SID=6EJ6ijEhClaX6UnOzsu&page=1&doc=3

GOMIDE, Alexandre de Ávila; PIRES, Roberto. **Capacidades estatais e democracia: a abordagem dos arranjos institucionais para análise de políticas públicas**. Ipea, 2014.

KOGA, N.A; FILGUEIRAS, F; BAIA, M.I.N. Policy capacity and governance conditions for implementing sustainable development goals in Brazil. **Revista do Serviço Público**, v. 28, n.1, p. 50-65, 2020. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/4059/2779>

LOTTA, G.S; VAZ, J.C. **Arranjos institucionais de políticas públicas: aprendizados a partir de casos do Brasil**, v.66, n. 2, 2015. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/409>

RIOS, S.O; CENTURIÓN, W.C; LANDIM, E.L.A.S. Democracia no Brasil: Limites e possibilidades sob a perspectiva da administração política (**ENANPAD**, 2017). Disponível em: http://www.anpad.org.br/eventos.php?cod_evento=1&cod_evento_edicao=89&cod_edicao_subsecao=1453&cod_edicao_trabalho=22996

ROCHA, D.G; ZUCCOLOTTO, R; TEIXEIRA, M.A.C. Insulated and undemocratic: the impossibility of social accountability in Brazilian courts of accounts. **Revista de Administração Pública**, v. 54, n.2, p. 201-219, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rap/v54n2/en_1982-3134-rap-54-02-201.pdf

SARAIVA, Luiz Alex Silva. Cultura Organizacional em Ambiente Burocrático. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 6, n. 1, p. 187-207, Jan./Abr. 2002.

SCHLEIFER, P. Private regulation and global economic change: The drivers of sustainable agriculture in Brazil. **Governance-an international journal of policy administration and institutions**, v. 30, n. 4, p. 687-703, Out, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary-wiley.ez10.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1111/gove.12267>

SECCHI, Leonardo. Modelos organizacionais e reformas da administração pública. **Revista Administração Pública [online]**. 2009, vol.43, n.2, pp.347-369. ISSN 1982-3134. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122009000200004>.



ORTEGA, F; ORSINI, M. Governing COVID-19 without government in Brazil: Ignorance, neoliberal authoritarianism, and the collapse of public health leadership. **Global Public health**, v. 15, n. 9, p. 1257-1277, 2020. Disponível em: [https://www-tandfonline.ez10.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1080/17441692.2020.1795223?needAccess=true](https://www.tandfonline.ez10.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1080/17441692.2020.1795223?needAccess=true)

OSBORNE, S. P., Radnor, Z., & Nasi, G. (2013). A New Theory for Public Service Management? Toward a (Public) Service-Dominant Approach. **The American Review of Public Administration**, 43(2), 135–158. <http://doi.org/10.1177/0275074012466935>

PECI, Alketa. Controle Social no Contexto da Reforma Regulatória. In: **IX Congresso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública**, 2004, Madri. Anais... Madri: CLAD, nov.2004. 19p. CD Rom

TRINDADE, A.D.C. A teoria da regulação econômica aplicada ao setor mineral brasileiro. **Revista de Direito Setorial e Regulatório**, v.5, n. 2, p. 53-78, Outubro, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rdsr/article/view/27103/23533>

X ENCONTRO NACIONAL DE ESCOLAS DE GOVERNO, 2014, BRASÍLIA. **Relatoria da palestra de Francisco Gaetani. Os desafios da Administração Pública no Brasil e a capacitação dos servidores públicos**. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/1449/8/Os%20desafios%20da%20administra%C3%A7%C3%A3o%20p%C3%ABblica%20no%20Brasil%20e%20a%20capacita%C3%A7%C3%A3o%20dos%20servidores%20p%C3%ABlicos.pdf>

Possibilidades de Estudos:

- Como diferentes tipos de temas ligados às políticas públicas podem influenciar as possibilidades de interação do público e consequentemente a accountability digital?
- Como as novas tendências em gestão pública são implementadas no Brasil e qual o seu nível de relevância para a inovação no setor público?
- Como são avaliadas as normas regulatórias no Brasil?



Administração Pública e Sociedade

Principais Abordagens:

- **CONTROLE E PARTICIPAÇÃO SOCIAL:** Por controle e participação social entende-se o envolvimento da sociedade civil nas iniciativas do governo. Nesse sentido, os estudos a partir dessa abordagem, pesquisam as diferentes formas em que esse controle e participação acontecem, ou seja, considerando a



relação administração pública e sociedade como uma relação dialética, quais instrumentos são utilizados para fomentar a participação popular, como os atores reagem a esses estímulos e quais os impactos dessa relação para a consolidação dos sistemas democráticos (PINHO; SACRAMENTO, 2016).

- TRANSPARÊNCIA PÚBLICA E ACESSO À INFORMAÇÃO: Segundo Siqueira e Bernejo (2017) o debate sobre transparência pública se divide em duas correntes: a política e a administrativa. Na primeira, discute-se como e quando a transparência pública contribui para o melhor desempenho dos sistemas de governo democráticos, na segunda, como e quando a transparência pública contribui para uma melhor performance executiva. Ainda segundo os autores, em uma revisão integrativa sobre o tema, os estudos sobre transparência pública ganhou popularidade a partir de um viés normativo, principalmente relacionado a debates como: “abusos do governo, ao fortalecimento da democracia e ao surgimento de novas tecnologias, tornando-se um conceito unânime.”

Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

AKUTSU, L; PINHO, J.A. Sociedade da informação, accountability e democracia delegativa: investigação em portais de governo no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 36, n.5, p. 723-745, 2002.

Berliner, D. (2014). The political origins of transparency. **The Journal of Politics**, 76(2), 479-491.

FILGUEIRAS, F. Transparência e prestação de contas: princípios e regras para a construção da publicidade. **Revista de assuntos públicos**, v. 16, p. 192-202, 2016. Disponível em: <https://www-webofscience.ez10.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/full-record/WOS:000375857900009>

GREGORY, M. Avaliação do impacto das políticas de transparência. **Public Administration Review**, v. 79, p.136-139. Disponível em: <https://www-webofscience.ez10.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/full-record/WOS:000454413700013>

Heald, D. (2006). Varieties of transparency. In C. Hood, & D. Heald (Org.), *Transparency: the key to better governance?*(pp. 25-43). Oxford, UK: Oxford University Press.

LEÃO, L.M.V; LUNKES, R.J; CASTELLO, E.T.T. Trinta anos de estudo sobre transparência, responsabilidade e corrupção no setor público: o estado da arte e oportunidades de pesquisas futuras. *Integridade Pública*, v. 20, p. 513-533, 2018. Disponível em: <https://www-webofscience.ez10.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/full-record/WOS:000442294900007>



Loureiro, M. R., Teixeira, M. A. C., & Prado, O. (2008). Construção de instituições democráticas no Brasil contemporâneo: transparência das contas públicas. **Organizações & Sociedade**, 15(47), 107-119.

MARINO, Pedro de Barros Leal Pinheiro et al. Transparência pública no contexto brasileiro: uma revisão integrativa. In: **Sistemas de Informação: 14ª Conferência Europeia, Mediterrânica e do Médio Oriente, EMCIS 2017, Coimbra, Portugal, 7-8 de setembro de 2017, Actas 14**. Springer International Publishing, 2017. p. 261-274.

RAUPP, Fabiano Maury; PINHO, José Antonio Gomes de. Revisão da transparência passiva nas câmaras municipais brasileiras. **Revista de Administração (São Paulo)**, v. 51, p. 288-298, 2016.

ABDALA, Paulo Ricardo Zilio et al. A Transparência como Espetáculo: uma análise dos portais de transparência de estados brasileiros. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 8, n. 3, p. 147-158, 2016. Disponível em: <https://www-webofscience.ez10.periodicos.capes.gov.br/wos/wosccc/full-record/WOS:000385816000003>

Possibilidades de Estudos:

- Qual o nível de aderência por parte dos órgãos investigados às práticas e princípios da governança pública?
- Qual o nível de efetividade de implementação das práticas da governança pública?

Observações Complementares:

Os sites dos tribunais de contas estaduais e municipais podem ser uma fonte de dados rica para se estudar transparência pública.



Federalismo

Principais Abordagens:

- **FEDERALISMO E DESCENTRALIZAÇÃO:** Por federalismo entende-se um sistema de governo em que o poder é dividido entre o governo central e os governos regionais. Nesta abordagem discute-se a atuação dos entes federativos na promoção e gestão de políticas públicas, seja por iniciativa própria ou por adesão, assim como as estratégias de incentivo à adesão das políticas nacionais, por parte desses entes. Os estudos também abordam as limitações do federalismo brasileiro, uma vez que estados e municípios possuem diferentes estruturas administrativa, política e fiscal que os colocam em posições distintas quanto à promoção e implementação de políticas públicas e ações governamentais (ARRETCHE, 2001).



- FEDERALISMO E RELAÇÕES INTERGOVERNAMENTAIS: Segundo Cunha (2004, p. 6), “as relações intergovernamentais são características comuns que se manifestam cotidianamente nas federações”. Nesse sentido, os estudos que seguem essa abordagem, estudam as negociações e interlocuções federativas, tanto os conflitos quanto as formas de coordenação e cooperação.
- FEDERALISMO E POLÍTICA FISCAL: Nesta abordagem estão os estudos sobre capacidade fiscal dos entes subnacionais, com foco na heterogeneidade dos estados e municípios brasileiros, desequilíbrios fiscais horizontais e o caráter distributivo das transferências de recursos da união. Alguns estudos também direcionam essas discussões para a tendência dos entes subnacionais assumirem cada vez mais responsabilidades quanto à implementação de políticas públicas (PORTO; ROSALES, 2019).
- TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO FEDERALISMO BRASILEIRO: Nesta abordagem se concentram os estudos sobre os regimes políticos e sua relação com o desenvolvimento do federalismo brasileiro, e comparações com modelos e experiências internacionais (BIELA; KAISER; HENN, 2013).

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas

DAHL, Robert A. (1986), "Federalism and the Democratic Process", *in Democracy, Identity and Equality* Oslo, Norwegian University Press, pp. 114-126.

LIMONGI, Fernando de Magalhães Papaterra. Federalista: remédios republicanos para males republicanos. **Classicos da Política: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau, o Federalista**, 1995.

REZENDE, F. 1976. Finanças públicas e transferências intergovernamentais. *In: _____*. (org.). **Política fiscal e programação dos gastos do governo**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicada

SOUZA, C. 2001b. Federalismo e descentralização na Constituição de 1988: processo decisório, conflitos e alianças. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 513-560

STEPAN, A. Para uma nova análise comparativa do federalismo e da democracia: federações que restringem ou ampliam o poder do demos. **Dados**, v. 42, n. 2, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/kzrq459v6W6YsfFBVZj8NBL/?lang=pt#>

✦ Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:

ABRUCIO, F.L; GRIN, E.J; FRANZESE, C.; SEGATTO, C.I; COUTO, C.G. Combating COVID-19 under Bolsonaro 's federalism: a case of intergovernmental incoordination. **Revista Administração Pública**, v. 54, n. 4, jul-ago, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/bpdbc9zSGCKZK55L3ChjVqJ/?lang=en>



ABRUCIO, F.L. Os Barões da Federação. **Lua Nova**, n.33, 1994. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ln/a/KW8TCLTZW86HPNLZVGdrztD/?lang=pt&format=pdf>

COUTO, C.G; ABSHER-BELLON, G.L. Imitation or Coercion: state constitutions and federative centralization in Brazil. **Revista de Administração Pública**, v.52, n. 2, p. 321-344, 2018. Disponível em: [scielo.br/pdf/rap/v52n2/en_1982-3134-rap-52-02-321.pdf](https://www.scielo.br/pdf/rap/v52n2/en_1982-3134-rap-52-02-321.pdf)

EMPINOTTI, V.L; GONTIJO, W.C.JR; OLIVEIRA, V.E. Federalism, Water, and (des) centralization in Brazil: the case of the so Francisco river water diversion. **Regional Environmental Change**, v. 18, n.6, p. 1655-1666, 2018. Disponível em:

[https://link-springer-com.ez10.periodicos.capes.gov.br/article/10.1007/s10113-018-1371-1](https://link.springer.com.ez10.periodicos.capes.gov.br/article/10.1007/s10113-018-1371-1)

GIBSON, E. 2004. Federalism and Democracy: Theoretical Connections and Cautionary Insights. *In*: _____. (ed.). **Federalism and Democracy in Latin America** Baltimore: Johns Hopkins University.

GRIN, E.J. O verso e o reverso da cooperação federativa e da difusão vertical de políticas para promover capacidade estatal nos municípios brasileiros. **Administração Pública e Gestão Social**, v.13, n.2, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufv.br/apgs/article/view/9686>

SOUZA, C. Brazil: The prospects of a Center-Constraining Federation in a Fragmented Polity. **Publius**, v. 32, n.2, p.23-48, 2002. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/3330944?seq=1>

SOUZA, C. Federalismo, desenho constitucional e instituições federativas no Brasil pós-1988. **Revista Sociologia Política**, v. 24, 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/w75TqBF3yvjv4JHqyV65vcjb/?lang=pt>

RICH, J.A.J; GÓMEZ, E.J. Centralizing Decentralized Governance in Brazil. **Publius: The journal of Federalism**, v.42, n. 4, p. 636-661, 2012. Disponível em:

<https://academic.oup.com/publius/article-abstract/42/4/636/1863920>

SEGATTO, C.I; BELAND, D. Federalism and decision making in health care: the influence of subnational governments in Brazil. **Policy Studies**, v.42, n.3, p.308-326, 2021. Disponível em:

[https://www-tandfonline.ez10.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1080/01442872.2019.1634187](https://www.tandfonline.ez10.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1080/01442872.2019.1634187)

SEGATTO, Catarina. Policy diffusion in subnational governments: State–local relationships in the Brazilian education policy. **Regional & Federal Studies**, v. 28, n. 1, p. 79-100, 2018. Disponível em:

<https://www->

tandfonline.ez10.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1080/13597566.2017.1409732

SERRA, J.; AFONSO, J.R.R. Fiscal federalism in Brazil: an overview. **Cepal Review**, 91, 2007.

PACHECO, M.J.J; ABRANTES, L.A; ZUCCOLOTTO, R.; LUQUINI, R.A.; VIEIRA, M.A. A autonomia financeira dos municípios diante dos novos contornos do federalismo fiscal decorrentes da alteração da constituição federal. (ENANPAD, 2016). Disponível em: http://www.anpad.org.br/eventos.php?cod_evento=1&cod_evento_edicao=83&cod_edicao_subsecao=1302&cod_edicao_trabalho=20993

✦ Possibilidades de Estudos:

- Qual a importância do federalismo cooperativo em tempos de crise?
- Qual a capacidade de desenvolvimento das capacidades estatais municipais no Brasil?



Políticas Públicas

✦ Principais Abordagens:

- Ciclo de políticas públicas: Segundo Souza (2006) esse conceito vê a política pública como um ciclo deliberativo, ou seja, como um processo em estágios, que envolve: definição de agenda, identificação de alternativas, avaliação das opções, seleção das opções, implementação e avaliação. Em geral, cada etapa desse ciclo é um objeto de estudo. Essa é uma agenda de pesquisa ampla, em que diferentes abordagens teóricas e modelos de análise podem ser aplicados. Entre eles: a abordagem racional-positivista, racionalidade limitada, incrementalismo e teoria do ótimo normativo, garbage-can, as três versões do neo-institucionalismo e as abordagens cognitivas e a ênfase nas ideias (FARAH, 2018).

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas

Baumgartner, Frank.; Jones, Bryan D.; Mortensen; Peter B. Punctuated equilibrium theory: explaining stability and change. In: Sabatier, Paul; Weible, Christopher m. (Eds.). **The policy process**. 3. ed. Westview: Westvies Press, 1999. p. 59-104.

Cohen, M.; March, J.; Olsen, J. A garbage can model of organizational choice. **Administrative Science quarterly**, 17, n. 1, p.1-25, 1972.



HAM, C.; HILL, M. **O processo de elaboração de políticas no estado capitalista moderno**. Tradução: Renato Amorim e Renato Dagnino. Adaptação e revisão: Renato Dagnino. Campinas: DPCT-UNICAMP, 1993.

Fischer, Frank; Miller, Gerald J.; Sidney, Mara (Eds.). **Handbook of public policy analysis: theory, politics, and methods**. Boca Raton: CRC Press, Taylor and Francis, 2007.

Hall, Peter A. Policy paradigms, social learning, and the State: the case of economic policymaking in Britain. **Comparative Politics**, v. 25, n. 3, p. 275-296, 1993

HAM, C.; HILL, M. **O processo de elaboração de políticas no estado capitalista moderno**. Tradução: Renato Amorim e Renato Dagnino. Adaptação e revisão: Renato Dagnino. Campinas: DPCT-UNICAMP, 1993.

HILL, H. C. Understanding implementation: street-level bureaucrats' resources for reform. **Journal of Public Administration Research and Theory**, v. 13, n. 3, p. 265-282, 2003.

Kingdon, John W. Agenda setting. In: Theodoulou, Stella Z.; CAHN, Matthew A. **Public policy: the essential readings**. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 1995. p. 105-112.

Laswell, Harold D. The emerging conception of the Policy Sciences. **Policy Sciences**, v. 1, p. 3-14, 1970.

Lindblom, Charles E. The science of muddling through. **Public Administration Review**, v. 19, n. 2, p. 79-88, 1959.

PRESSMAN, Jeffrey L.; WILDAVSKY, Aaron. **Implementation: How great expectations in Washington are dashed in Oakland; Or, why it's amazing that federal programs work at all, this being a saga of the Economic Development Administration as told by two sympathetic observers who seek to build morals on a foundation**. Univ of California Press, 1984.

Sabatier, Paul A. An advocacy coalition framework of policy change and the role of policy-oriented learning therein. **Policy Sciences**, v. 21, p. 129-168, 1988.

 **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

Arretche, Marta. Dossiê agenda de pesquisa em políticas públicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 51. p. 7-9, 2003.

CAPANO, G; HOWLET, M. Lógicas causais e mecanismos no desenho de políticas: como e porque adotar uma perspectiva mecanicista pode melhorar o desenho de políticas. **Public policy and administration**, v.36, p.141-162,



2021. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1TVCdegOGiJ6T0jE-6A-r7weHJ9MXCIR-/edit>

DAVIDOVITZ, M; COHEN, N. Envolvimento de políticos na implementação de políticas nas ruas: implicação para a igualdade social. Public policy and administration, 2021. Disponível em: <https://www-webofscience.ez10.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/full-record/WOS:000665256200001>

Farah, Marta F. S. Análise de políticas públicas no Brasil: de uma prática não nomeada à institucionalização do “campo de públicas”. **Revista de Administração Pública**, v. 50, n. 6, p. 959-979, 2016.

Faria, Carlos Aurélio Pimenta de. Ideias, conhecimento e políticas públicas: um inventário sucinto das principais vertentes analíticas recentes. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 51, p. 21-29, 2003.

Faria, Carlos Aurélio Pimenta de. Implementação de políticas públicas: teoria e prática. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2012b.

Lotta, Gabriela S.; Pavez, Thais R. Agentes de implementação: mediação, dinâmicas e estruturas relacionais. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, v. 15, n. 56, p. 109-125, 2010.

MINTRON, M; LUETJENS, J. Criando valor público: estreitando as conexões entre o desenho de políticas e a gestão pública. **Policy Studies Journal**, v.45, p.170-190, 2017. Disponível em: <https://www-webofscience.ez10.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/full-record/WOS:000394952100008>

Souza, Celina. Políticas públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, n. 16, p. 20-45, jul./dez. 2006.

STRASSHEIM, H. Mecanismos comportamentais e desenho de políticas públicas: prevenindo falhas nas políticas públicas comportamentais. **Public Policy and administration**, v.36, p. 187-204, 2021. Disponível em: <https://www-webofscience.ez10.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/full-record/WOS:000637067900003>

DA FONTOURA, Fernando Batista Bandeira; TENÓRIO, Fernando Guilherme. Desenvolvimento Organizacional Multidimensional: uma perspectiva crítica para os estudos organizacionais. **Redes. Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 25, n. 2, p. 590-609, 2020.

Possibilidades de Estudos:

- Inovação tecnológica como insumo para as políticas públicas.
- Os impactos sociais e econômicos da pandemia na produção e condução de políticas públicas.



Gestão Pública

✦ Principais Abordagens:

- PLANEJAMENTO GOVERNAMENTAL: Segundo Bachiller (2020, p.3) “A história do planejamento governamental no Brasil antecede a implantação das técnicas de gestão pública tendo sua origem nos planos de desenvolvimento econômico da década de 1940 e 1950”. Ainda segundo o autor, o planejamento em seu sentido estrito, somente passou a ser implantado como elemento da gestão pública a partir do plano plurianual (PPA) do governo federal para o período de 2000 a 2003. Nesse sentido, os estudos dentro dessa abordagem buscam compreender a dinâmica do planejamento dentro do ciclo de gestão pública, a aplicabilidade das ferramentas de gestão e o seu desenvolvimento dentro das organizações públicas, a incorporação dos modelos de gestão privada ao desenvolvimento do planejamento público e a factibilidade do planejamento para além das obrigatoriedades constitucionais.
- FINANÇAS PÚBLICAS: Musgrave (1959) afirma que os governos possuem a função de fornecer a estrutura legal necessária à regulamentação dos agentes econômicos. Sendo assim, essa abordagem compreende análises e diagnósticos do gasto público por grande área de política pública e por programas de governo. As estratégias de interferência na economia, as funções do orçamento público (estabilizadora, alocativa e distributiva), mecanismos de sustentabilidade do gasto público e análise da relação entre finanças públicas e desenvolvimento.
- GESTÃO PÚBLICA E DESENVOLVIMENTO: A administração pública exerce a função de induzir o desenvolvimento, seja em nível regional ou nacional. Nesse sentido, os estudos buscam explorar de que forma e através de quais instrumentos a gestão emprega os diferentes mecanismos de desenvolvimento aliado aos diversos interesses presentes na sociedade (FILIPPIM, ROSSETTO, ROSSETTO, 2010).

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

BACHILLER, J.V; Planos Plurianuais estaduais (2016-2019). Uma proposta de avaliação de sua adequação ao planejamento estratégico. **Revista do Serviço Público**, v.71, n.4, p. 833-858. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/3925/2880>

BAIAO, A.L; CUNHA, A.S.M; SOUZA, F.S.R.N. O papel das transferências intergovernamentais na equalização fiscal dos municípios brasileiros. **Revista do Serviço Público**, v.68, p. 583-609. Disponível em: <https://www-webofscience.ez10.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/full-record/WOS:000416566500005>

CAMARGO, A. B. A atualidade do federalismo: tendências internacionais e a experiência brasileira. *In*: VEGARA, S. C.; CORRÊA, V. L. A. (Org). **Propostas**



para uma gestão pública municipal efetiva. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CARDOSO, J. C. **A reinvenção do planejamento governamental no Brasil: diálogos para o desenvolvimento Brasília: Ipea, 2011.** Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_dialogos_desenvol04.pdf

Centro Latinoamericano de Administración para el Desarrollo (Clad Modelo abierto de gestión para resultados en el sector público. **Revista del CLAD Reforma y Democracia**, v. 39, p.149-210, 2007.

COELHO, V. S. P; FAVARETO, A. Dilemas da participação e desenvolvimento territorial. *In*: DAGNINO, E.; TATAGIBA, L. (Orgs.) **Democracia, sociedade civil e participação.** Chapecó: Argos, 2007.

CRUZ, C.F; AFONSO, L.E. Gestão Fecal e Pilares da Lei de responsabilidade fiscal no Brasil: evidências em grandes municípios. **Revista de Administração Pública**, v.52, p. 126-148. Disponível em: <https://www-webofscience.ez10.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/full-record/WOS:000561878300007>

FILIPPIM, E.S; ROSSETTO, A.M; ROSSETTO, C.R. Abordagens da Administração Pública e sua relação com o desenvolvimento em um contexto regional: o caso do meio oeste catarinense. **Cadernos EBAPE**, v.8, n.4, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/RNSQ4K6ZLRfRJsZ3nxWZVvB/?lang=pt>

GOBETTI, Sérgio; GOUVÊA, Raphael; SCHETTINI, Bernardo. **Resultado fiscal estrutural: um passo para a institucionalização de políticas anticíclicas no Brasil.** Texto para Discussão do Ipea, n. 1.515, 2010.

GRIN, E.J; NASCIMENTO, A.B; ABRUCIO, F.L. Sobre desconexões e lacunas: uma análise da capacidade do estado e das finanças públicas nos municípios brasileiros. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, v.23, p. 312-336. Disponível em: <https://www-webofscience.ez10.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/full-record/WOS:000453857300002>

GRUBER, Jonathan. **Public finance and public policy.** Macmillan, 2005.

HYMAN, David. *Public finance: a contemporary application of the theory to policy.* 7th ed. Mason, Ohio: South Western, 2002.

LEITE, G.A; FIALHO, T.M.M. Relação entre indicadores de Gestão Pública e o desenvolvimento dos municípios brasileiros. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, v. 20, p. 277-295, 2015. Disponível em: <https://www-webofscience.ez10.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/full-record/WOS:000216113400006>



MACIEL, P.J. Finanças Públicas no Brasil: uma abordagem orientada para políticas públicas. **Revista de Administração Pública**, v. 47, n. 5, p. 1213-1241. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rap/a/gRsvHf8WRRfydJnwhCxwC5Q/?lang=pt>

MUSGRAVE, Richard. **The theory of public finance: a study in public economy**. Nova York, NY: McGraw-Hill, 1959.

OLIVEIRA, J.A.P; JING, Y.J; COLLINS, P. Administração Pública para o desenvolvimento. **Administração Pública e desenvolvimento**, v. 35, p.65-72. Disponível em:

<https://www-webofscience.ez10.periodicos.capes.gov.br/wos/woscc/full-record/WOS:000356975200001>

Pares, A; Valle, B. A retomada do planejamento governamental no Brasil e seus desafios. In: Giacomoni, J; Pagnussat, J. L. Planejamento e orçamento governamental: volume 1 Brasília: Enap, 2006.

Possibilidades de Estudos:

- Aplicação do gerenciamento remoto como ferramenta de controle gerencial.
- Desenvolvimento de sistemas de governo eletrônico.



Administração Política

Principais Abordagens:

- MÉTODOS QUE MELHORAM OS RESULTADOS DOS NEGÓCIOS E DA VIDA PESSOAL: Segundo Santos, Ribeiro, Ribeiro e Pinto (2017) a administração política é “ o campo teórico e epistemológico responsável pela concepção e execução de um dado padrão de gestão das relações sociais de produção, realização e distribuição - incluindo desde os projetos individuais até o *projeto de nação* ou *projeto de sociedade* - os autores defendem que esse novo campo científico integra, de modo indissociado, as dimensões de reflexão e ação administrativas, responsáveis por definir e aplicar métodos e técnicas que contribuam para melhorar os resultados dos negócios e da vida social...”. (p. 951).

Referências bibliográficas seminais/clássicas

GUERREIRO RAMOS, A. **A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1989.

GOODNOW, F. J. **Politics and administration: a study in government**. 3. ed. New Brunswick, NJ: Transaction, 2003.



SANTOS, R. S.; RIBEIRO, E. M. A administração política brasileira. **Revista de Administração Pública**, v. 27, n. 4, p. 102-135, 1993.

 **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

FILIPPIN, M. **A natureza política da administração**. 153 f. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

RIBEIRO, J. U. **Administração e política**. *Organizações & Sociedade*, v. 13, n. 38, p. 162-194, 2006.

SANTOS, E. L. O campo científico da administração: uma análise a partir do círculo das matrizes teóricas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 2, p. 209-228, 2017

SANTOS, R. S. **A administração política como campo do conhecimento**. São Paulo/Salvador: Hucitec/Mandacaru, 2004.

SANTOS, R. S. et al. A crise, o Estado e os equívocos da administração política do capitalismo contemporâneo. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 14, n. 4, p. 1011-1034, 2016.

SANTOS, R. S. et al. **O expediente: a dimensão esquecida da administração política**. *Organizações & Sociedade*, v. 16, n. 49, p. 373-387, 2009.

SANTOS, R. S.; RIBEIRO, E. M.; CHAGAS, T. Bases teórico-metodológicas da administração política. **Revista de Administração Pública**, v. 43, n. 4, p. 919-941, 2009.

WILSON, W. O estudo da administração. **Revista do Serviço Público**, v. 56, n. 3, p. 349-366, 2005.

 **Possibilidades de Estudos:**

- Como os governos podem administrar melhor os recursos públicos e prevenir a corrupção no setor público?
- Qual é o papel da burocracia na administração política e como ela pode ser melhorada para atender melhor o público?
- Como os governos podem regulamentar efetivamente as indústrias para proteger a saúde e a segurança pública e, ao mesmo tempo, promover o crescimento econômico?
- Qual é o futuro da administração política em um mundo em rápida mudança e como os governos podem se adaptar aos novos desafios e tecnologias?



Burocracia

✦ Principais Abordagens:

- BUROCRACIA E FORMAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA: Nesta abordagem discute-se a burocracia como um fenômeno que engendrou mudanças sociais. Retoma-se brevemente as contribuições seminais de Max Weber e como a burocracia se transformou em um novo marco político-administrativo. Aplicando a burocracia à Administração Pública brasileira, os estudos abordam a trajetória das reformas administrativas que tiveram a burocracia como base e o estabelecimento de uma nova relação entre estado, funcionamento da máquina pública e sociedade (PIRES, LOTTA, OLIVEIRA, 2018).
- PROFISSIONALIZAÇÃO DA BUROCRACIA: Nesta abordagem discute-se os avanços e dilemas da burocracia enquanto organização político-administrativa. Os estudos avaliam as dimensões dessa profissionalização, a exemplo da configuração da força de trabalho na máquina pública, principalmente após a redemocratização, as políticas de incentivo salarial, as avaliações de desempenho, a formação e capacitação e a relação entre servidores de carreira e cargos de livre nomeação e exoneração, entre outros a serem explorados (CAVALCANTE; CARVALHO, 2015).
- BUROCRACIA E IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS: Esta abordagem estuda principalmente a atuação dos burocratas de alto e médio escalão e os burocratas em nível de rua e a relação com a implementação de políticas públicas. Nessa perspectiva, também estão os estudos que avaliam as capacidades burocráticas dos entes subnacionais e sua influência sobre o resultado das políticas públicas (LOTTA; OLIVEIRA 2015).

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas

ALEXANDER, D.; LEWIS, J. M.; CONSIDINE, M. How politicians and bureaucrats network: a comparison across governments. **Public Administration**, v. 89, n. 4, p. 1274-1292, 2011.

BARRETT, S. M. Implementation studies: time for a revival? Personal reflections on 20 years of implementation studies. **Public Administration**, v. 82, n. 2, p. 249-262, 2004.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Crise econômica e reforma do Estado no Brasil**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

EVANS, Peter; RAUCH, James E. Bureaucracy, and growth: a cross-national analysis of the effects of “Weberian” state structures on economic growth. **American Sociological Review**, v. 64, p. 748-65, 1999.



GRAHAM, Lawrence. **Civil service reform in Brazil: principles versus practice**. Austin: University of Texas, 1968.

HILL, H. C. Understanding implementation: street level bureaucrats' resources for reform. **Journal of Public Administration Research and Theory**, v. 13, n. 3, p. 265-282, 2003.

LIPSKY, Michael. Street-Level Bureaucracy (New York: Russell Sage). **MOVING TOWARD MIXED SERVICE DELIVERY**, v. 31, 1980.

NISKANEN, William A. Bureaucracy and Representative Governments (Chicago: Aldine and Atherton). **Niskanen Bureaucracy and Representative Government**, 1971.

PEREIRA, L. C. B.; MOTTA, F. C. P. Introdução à organização burocrática. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WILSON, J. Q. The bureaucracy problem. *The Public Interest*, n. 6, p. 3-9, 1967. Disponível em: https://www.nationalaffairs.com/public_interest/detail/the-bureaucracy-problem. Acesso em: 27 Mai. 2021.

✎ Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

CAVALCANTE, P.; CARVALHO, P. Profissionalização da Burocracia federal brasileira (1995-2014): avanços e dilemas. **Revista de Administração Pública**, v.51, n.1, p.1-26, jan-fev, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rap/v51n1/0034-7612-rap-51-01-00001.pdf>. Acesso em: 26 Mai. 2021

CAVALCANTE, Pedro; LOTTA, Gabriela. Burocracia de médio escalão: perfil, trajetória e atuação. Brasília: Enap, 2015.

COÊLHO, D. B.; FERNANDES, A. S. A. Rules matter: determinants of bureaucratic control in the Bolsa Família Program. **RAP – Brazilian Journal of Public Administration**, v. 51, n. 5, p. 689-707, 2017.

FERNANDES, C.C.C.; PALOTTI, P.L.M. Profissionalizando a burocracia e construindo capacidades: avanços desiguais na administração pública brasileira? **Revista de Administração Pública**, v. 53,n.4,jul-ago, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/BwTcVGnrXvXZYN9TJWwwK8M/?lang=pt>

LOTTA, G. S. Burocracia, redes sociais e interação: uma análise da implementação de políticas públicas. **Revista de Sociologia e Política**, v. 26, n. 66, p. 143-173, 2018.

MAY, P. J.; WINTER, S. C. Politicians, managers, and street-level bureaucrats: Influences on policy implementation. **Journal of Public Administration Research and Theory**, v. 19, n. 3, p. 453-476, 2007.



PINHO, J.A.G. SACRAMENTO, A.R.S. Brasil: entre a burocracia moderna de Weber e o patrimonialismo resiliente. **Management research - The Journal of the iberoamerican academy of management**, v.13, n.2, p.140-159, 2015. Disponível em: <https://www-emerald.ez10.periodicos.capes.gov.br/insight/content/doi/10.1108/MRJIAM-04-2014-0548/full/html>. Acesso em: 26 Mai. 2021.

PIRES, R.; LOTTA, G.; OLIVEIRA, V.E. (Org). Burocracia e Políticas Públicas no Brasil. Brasília: IPEA, ENAP, 2018.

PINTO, J.F.; SANTOS, L.T. Administração Pública Brasileira no século XXI: caminhamos para alguma reforma? **Administração Pública e Gestão Social**, v.9, n.3, jul-set, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/apgs/article/view/5141>. Acesso em: 25 Mai. 2021.

WISE, L. R. Bureaucratic Posture: On the Need for a Composite Theory of Bureaucratic Behavior. **Public Administration Review**, v. 64, n. 6, p. 669-680, 2004.

Possibilidades de Estudos:

- Quais as diferenças entre os modelos de administração empregados no Brasil?
- Em que grau de aderência, a burocracia continua a ser o principal modelo da administração pública brasileira?



História e Memória da Administração Pública

Principais Abordagens:

- A RELAÇÃO ENTRE ADMINISTRAÇÃO E POLÍTICA: Esta abordagem se volta aos estudos clássicos em administração pública que resgatam a dicotomia administração e política, e tem como trabalhos clássicos, os escritos de Woodrow Wilson (1887) e Frank Goodnow (1900).
- HISTÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA: Segundo Costa (2018) a “Administração Pública brasileira, enquanto instituição e representação, é uma invenção coletiva forjada ao longo do tempo por reconstruções históricas realizadas a partir de fragmentos da realidade e por interpretações (de acontecimentos e processos) dominantes que selecionam atos, fatos e narrativas a serem repertoriadas” (p.33). Nessa abordagem, os estudos pesquisam a evolução dos modelos adotados no Brasil (patrimonialista, burocrático e gerencialista) e questionam se de fato esses modelos representam algum tipo de evolução na história da administração pública brasileira. Ao se estudar a história da administração pública brasileira, Costa (2018) afirma que o objetivo é “reconstruir o processo sócio histórico e resgatar as representações sobre o mundo social e político, como formas de encontrar elementos para a



compreensão das influências das matrizes políticas, econômicas, sociais, culturais e jurídicas sobre as nossas atuais instituições e práticas administrativas” (p.33).

✈ Referências bibliográficas seminais/clássicas

GOODNOW, F.J. Politics and administration. **The Macmillan Company**.1900. disponível em: <https://ia800901.us.archive.org/32/items/politicsadminist00goodrich/politicsadminist00goodrich.pdf>. Acesso em: 27 Mai. 2021.

WILSON, W. O estudo da administração. **Revista do Serviço Público**,v.53, n.3, p.349-366, jul-set, 2005. Disponível em: https://perguntasapo.files.wordpress.com/2012/05/wilson-w_1887_o-estudo-da-administrac3a7c3a3o.pdf. Acesso em: 27 Mai. 2021.

✈ Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:

COSTA, F.L. História, narrativa e representações da administração pública Brasileira. **Revista Serviço Público**, v.69, p.31-52, 2018. Disponível em: https://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/781191/mod_resource/content/1/COSTA%20%282018%29.pdf. Acesso em: 27 Mai. 2021.

GUIMARÃES, L.M.P. **Breves apontamentos para a história da administração pública**. In: Lustosa da Costa, Frederico; Zamot, Fuad (Orgs.). Brasil: 200 anos de Estado, 200 anos de administração pública. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

LEE, M. Revitalizing: historiography in public administration. **Public Performance & Management Review**. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15309576.2019.1677256?journalCode=mpmr20>. Acesso em: 27 Mar. 2021.

COSTA, Frederico L. Prefácio a uma história da administração pública brasileira. **ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXXII**, Rio de Janeiro, 2008.

SAGER, Fritz et al. **A transatlantic history of public administration: Analyzing the USA, Germany and France**. Edward Elgar Publishing, 2018.

✈ Possibilidades de Estudos:

- Como os legados institucionais e culturais do colonialismo influenciaram a administração pública nas sociedades pós-coloniais?



- Que lições podemos aprender com exemplos históricos de reformas bem-sucedidas e malsucedidas da administração pública e como essas lições podem ser aplicadas aos desafios atuais?
- Como diferentes ideologias políticas moldaram a evolução da administração pública e quais são as implicações desses legados para a governança contemporânea?
- Qual é o papel da memória na formação das percepções públicas do passado e do presente, e como essas narrativas podem ser equilibradas com evidências empíricas?
- Como as compreensões históricas da relação entre os setores público e privado influenciaram os debates contemporâneos sobre privatizações e parcerias público-privadas?



Governança global e organizações supranacionais

Principais Abordagens:

- **MODELOS DE GOVERNANÇA GLOBAL E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL:** Segundo Heim e Oliveira (2020) a governança global é um conjunto de instituições, processos e interações em que vários atores globais buscam resolver problemas globais usando normas e costumes com repercussão transnacional. Nesse sentido, os estudos buscam explicar os processos de aplicação dessa governança em diferentes contextos nacionais, como os elementos e características nacionais são articulados em resoluções de conflito e como influenciam os processos de negociação. Além disso, estudos a partir dessa abordagem também tentam explicar a diversidade de representação de atores globais e locais.

Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

COLLINS, JIM; COLLINS, James Charles. **Empresas feitas para vencer: porque apenas algumas empresas brilham.** Gulf Professional Publishing, 2001.

CRISTALDO, R.C. Neoliberalism and the changes on the management of International Cooperation for Development. (ENANPAD, 2020). Disponível em: http://www.anpad.org.br/eventos.php?cod_evento=1&cod_evento_edicao=106&cod_edicao_subsecao=1726&cod_edicao_trabalho=28961

DAVIES, S.E; WENHAM, C. Why the COVID-19 responses need international relations. *International Affairs*, 96, n.5, set, 2020.

GÜVEN, Ali Burak. Para onde vai o Consenso pós-Washington? Instituições financeiras internacionais e política de desenvolvimento antes e depois da



crise. **Resenha de Economia Política Internacional**, v. 25, n. 3, pág. 392-417, 2018.

HAFNER-BURTON, E.M.; SCHNEIDER, C.J. The Dark Side of Cooperation: International Organizations and Member Corruption. **International Studies Quarterly**, v.63, n.4, p. 1108-1121, dez, 2019. Disponível em: <https://academic-oup-com.ez10.periodicos.capes.gov.br/isq/article-abstract/63/4/1108/5551548?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 28 Mai. 2021.

HERZOG, L.; INGOLD K. Threats to common-pool resources and the importance of Forums: on the emergence of cooperation in CPR problems setting. **Policy Studies Journal**, v.47, n.1, p. 77-113, Fev, 2019. Disponível em: <https://onlinelibrary-wiley.ez10.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1111/psj.12308>. Acesso em: 28 Mai. 2021.

KRANKE, M. IMF-World Bank Cooperation before and after the Global Financial Crisis. **Global Policy**, v.11, n.1, p. 15-25, fev, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary-wiley.ez10.periodicos.capes.gov.br/doi/pdfdirect/10.1111/1758-5899.12743>. Acesso em: 28 Mai. 2021.

PASQUARELLI, B.V.L. Política externa como política pública: um estudo comparativo da formulação da política externa no Brasil e no Uruguai. (ENANPAD, 2020). Disponível em: http://www.anpad.org.br/eventos.php?cod_evento=1&cod_evento_edicao=106&cod_edicao_subsecao=1726&cod_edicao_trabalho=28962

REINSBERG, B.; WESTERWINTER, O. The global governance of international development: documenting the rise of multi-stakeholder partnerships and identifying underlying ex theoretical explanations. **Review of international organizations**, v16, n.1, p.59-94, jan, 2021. Disponível em: <https://link-springer-com.ez10.periodicos.capes.gov.br/article/10.1007/s11558-019-09362-0>. Acesso em: 28 Mai. 2021.

STONE, D.; OLIVEIRA, O.P.; LES, P. Transnational policy transfer: the circulation of ideias, power and development models. **Policy and Society**, v.39, n.1, p.1-18, Jan, 2020. Disponível em: <https://www-tandfonline.ez10.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1080/14494035.2019.1619325?needAccess=true>. Acesso em: 28 Mai. 2021.

TALBERG, J.; ZUERN, M. The legitimacy legitimation of international organizations: introduction and framework. **Policy and Society**, v14, n.4, p. 581-606, Dez, 2019. Disponível em: <https://link-springer-com.ez10.periodicos.capes.gov.br/content/pdf/10.1007/s11558-018-9330-7.pdf>. Acesso em: 28 Mai. 2021.



 **Possibilidades de Estudos:**

- Qual é o futuro da governança global e que papel as organizações supranacionais desempenharão em moldá-la?
- Quais são as implicações da ascensão de atores não estatais, como corporações multinacionais e organizações da sociedade civil, para a autoridade e eficácia das organizações supranacionais?
- Qual é a relação entre organizações supranacionais e governos nacionais e como essa relação pode ser melhorada para aprimorar a governança global?
- Como as organizações supranacionais podem efetivamente abordar questões de desigualdade e promover o desenvolvimento sustentável, particularmente nos países em desenvolvimento?

Revistas e Periódicos da Grande Área

Periódicos

Links de acesso

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/issue/view/4991>

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO CONTEMPORÂNEA

<https://sumarios.org/revista/rac-revista-de-administra%C3%A7%C3%A3o-contempor%C3%A2nea>

CADERNOS GESTÃO PÚBLICA E CIDADANIA

<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cgpc>

REVISTA O&S

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes>

REVISTA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E GESTÃO SOCIAL

<https://periodicos.ufv.br/apgs/index>

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO

<https://www.revistas.usp.br/rausp>

REVISTA CONTROLE: DOCTRINAS E ARTIGOS - TCE-CE

<https://revistacontrole.tce.ce.gov.br/index.php/RCDA>



**PUBLIUS - THE JOURNAL
OF FEDERALISM**

<https://academic.oup.com/publius>

**REGIONAL & FEDERAL
STUDIES**

[https://www.tandfonline.com/toc/frfs20/
current](https://www.tandfonline.com/toc/frfs20/current)

**PUBLIC ADMINISTRATION
REVIEW**

[https://onlinelibrary.wiley.com/journal/1
5406210](https://onlinelibrary.wiley.com/journal/15406210)

**REVISTA DE POLÍTICAS
PÚBLICAS**

[https://periodicoseletronicos.ufma.br/ind
ex.php/rppublica](https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica)

**REVISTA GESTÃO
E POLÍTICAS PÚBLICAS**

<https://www.revistas.usp.br/rgpp>

**PUBLIC POLICY AND
ADMINISTRATION**

<https://journals.sagepub.com/home/ppa>

**REVISTA BRASILEIRA DE
POLÍTICAS
PÚBLICAS E INTERNACIONAIS**

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rppi>

**JOURNAL OF PUBLIC
ADMINISTRATION
RESEARCH AND THEORY**

<https://academic.oup.com/jpart>

POLICY SCIENCES

<https://www.springer.com/journal/11077>

POLICY STUDIES JOURNAL

[https://onlinelibrary.wiley.com/journal/15
410072](https://onlinelibrary.wiley.com/journal/15410072)

MANAGEMENT JOURNAL

[https://www.sapientiae.com.br/index.php
/managementjournal](https://www.sapientiae.com.br/index.php/managementjournal)



GESTÃO PÚBLICA: PRÁTICAS E DESAFIOS

https://periodicos.ufpe.br/revistas/gestao_publica

REVISTA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO POLÍTICA

https://periodicos.ufba.br/index.php/reba_p

PUBLIC POLICY AND ADMINISTRATION

<https://ojs.mruni.eu/ojs/public-policy-and-administration>

BRAZILIAN JOURNAL OF PUBLIC ADMINISTRATION

<https://www.scielo.br/j/rap/a/vNmrvND7TvjthPNWN5xpWh/?lang=en>

REVIEW OF INTERNATIONAL ORGANIZATIONS

<https://www.springer.com/journal/11558>

POLICY AND SOCIETY

<https://academic.oup.com/jpart>

Links de Interesse

Sites

NAÇÕES UNIDAS BRASIL

<https://brasil.un.org/pt-br>

BETTER POLICIES FOR BETTER LIVES

<https://www.oecd.org>

THE WORLD BANK

<https://www.worldbank.org/en/home>

INSTITUTO NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO

<https://www.ina.pt/index.php/sobre-nos/o-ina>

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA

<https://www.ipea.gov.br/portal/>

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO

<https://portal.tcu.gov.br/governanca/governancapublica/governanca-no-setor-publico>



CONTROLADORIA GERAL DA UNIÃO	https://www.gov.br/cgu/pt-br
SECRETARIA DE GOVERNO	https://www.gov.br/secretariadegoverno/pt-br
SENADO FEDERAL	https://www12.senado.leg.br/hpsenado
CÂMARA DOS DEPUTADOS	https://www.camara.leg.br/
PORTAL DA TRANSPARÊNCIA DA UNIÃO	http://www.portaltransparencia.gov.br/
TESOURO NACIONAL	https://www.gov.br/tesouronacional/pt-br
DATASUS	http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php
ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO	https://www.enap.gov.br/pt/
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO	https://anpad.org.br/



GLOSSÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Burocracia

"O mecanismo burocrático plenamente desenvolvido compara-se com outras organizações exatamente como a máquina com os modos de produção não mecânicos. Precisão, velocidade, clareza, conhecimento dos arquivos, continuidade, discrição, unidade, subordinação estrita, redução de atrito e de material e custos pessoais - estes são elevados ao ponto ótimo na administração estritamente burocrática." (WEBER, 1909).



Descentralização

"(...) é um processo que envolve uma transferência de poder do governo central para as autoridades regionais ou locais, ou para organizações não-governamentais e o setor privado. Tem demonstrado benefícios significativos em termos de promoção da participação local, melhorando a qualidade de tomada de decisão e melhorando a eficiência da prestação de serviços." (OSTROM, 1990).

Eficiência

"(...) é fazer as coisas da melhor maneira possível com o menor desperdício possível de tempo e esforço." (TAYLOR, 1911).

Equidade

"(...) é a distribuição justa de benefícios e encargos entre os membros da sociedade, levando em consideração as diferenças em suas necessidades, talentos e outras características relevantes." (RAWLS, 1971).

Governança:

"(...) é o processo de criação, implementação e aplicação de normas, regras e leis que regulam o comportamento de indivíduos e organizações e que moldam as relações entre eles de forma a promover objetivos e valores comuns." (BEVIR, 2010).

Liderança:

"(...) é a capacidade de traduzir a visão em realidade." (BENNIS, 1985).

Política pública:

"(...) é o estudo da alocação de valores em um sistema político." (LASSWELL, 1936).

Recursos humanos:

"(...) referem-se às pessoas que uma organização emprega, treina e desenvolve para ajudar a atingir seus objetivos." (DESSLER, 1986).

Regulamentação:

"(...) é o uso de instrumentos legais e técnicas organizacionais pelo Estado para afetar o comportamento social ou econômico." (BALDWIN, 1990).

Responsabilidade:

"(...) é a capacidade de prestar contas ou responder pelas próprias ações, de reconhecer o impacto dessas ações sobre os outros e de aceitar as consequências dessas ações." (FRENCH, 1984).

Serviço público:

"(...) é um sistema de administração em que as nomeações para cargos importantes são feitas com base no mérito, apurado por meio de concursos." (WEBER, 1922).

Setor público:

"(...) consiste em instituições e atividades que se preocupam com o fornecimento de bens e serviços públicos, financiados principalmente por meio de impostos e outras



receitas do governo, e que estão sob o controle das autoridades públicas.” (HOOD, 1998).

 **Transparência:**

“(…) é a ideia de que instituições e funcionários públicos devem ser abertos, visíveis e compreensíveis para as pessoas que afetam.” (FUNG, 2007).

 **Valores:**

“(…) são crenças que são duradouras, transcendem situações específicas e orientam a seleção ou avaliação de comportamento, pessoas e eventos (SCHWARTZ, 2006).”

ÁREAS TEMÁTICAS NAPP



COMUNICAÇÃO E MARKETING



FICHA TÉCNICA

Universidade Federal da Bahia
Reitor

Paulo César Miguez de Oliveira

Vice-reitor

Penildon Silva Filho

Escola de Administração

Diretor

João Martins Tude

Vice-diretor

André Luis Nascimento dos Santos

Núcleo de Pós-graduação da Escola de Administração da UFBA

Coordenador

Genauto Carvalho França Filho

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Acadêmico

Coordenadora

Andréa Cardoso Ventura

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Profissional

Coordenadora

Elisabeth Matos Ribeiro

Núcleo de Apoio a Pesquisa e Publicação – NAPP

Coordenador

Horacio Nelson Hastenreiter Filho

Coordenadora de Conteúdos

Justina Tellechea

Design Instrucional

Tairine Nunes

Autores

Luciana Alves Rodas Vera

Manuela Vidal

Ano de Publicação (2023)

Edição (2023)



COMUNICAÇÃO E MARKETING:

Professores: Luciana Alves Rodas Vera (coordenadora), Rodrigo Ladeira, Sérgio Góes, Ernani Coelho, Fábio Ferreira, Andréa Ventura e Guilherme Marback

Aluna(o)s: Manuela Vidal

Subareas Temáticas:



O Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicações - NAPP oferece suporte para o fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual dos professores, pesquisadores, egressos e alunos vinculados ao Núcleo de Pós-Graduação em Administração da UFBA.

Por meio das divisões acadêmicas e temas de interesse propostos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - ANPAD, este material busca explorar as áreas e subáreas temáticas da gestão, apresentando aos leitores as principais abordagens, as referências bibliográficas clássicas e contemporâneas, as possibilidades de estudos, as revistas e periódicos e um glossário com verbetes da área de estudo.



Comportamento do consumidor

✦ Principais Abordagens:

- Antecedentes de consumo (fatores que interferem no processo decisório de compra);
- Constructos pós-compra, como satisfação, lealdade, comunicação boca a boca etc.;
- Implicações do comportamento do consumidor na formulação da estratégia da empresa e de políticas públicas;
- Pesquisa do consumidor (abordagens interpretativistas);
- Comportamento do consumidor final;
- Comportamento do comprador organizacional;
- Julgamento e decisão do consumidor: motivação, personalidade, percepção, busca de informações, processo de decisão de compra, jornada do consumidor, emoções, aspectos socioculturais e mudança de atitudes.

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas:

AJZEN, I.; FISHBEIN, M. The Influence of Attitudes on Behavior. In: The Handbook of Attitudes, Erlbaum, 2005.

AJZEN, I; FISHBEIN, M. The Theory of Planned Behavior. Organizational Behavior and Human Decision Processes. 1991.

BLACKWELL, R. D.; MINIARD, P. W.; ENGEL, J. F. Comportamento do consumidor (norteamericana Trad.). **São Paulo: Cengage Learning.(Obra original publicada em 2001), 2008.**

FISHBEIN, Martin; AJZEN, Icek. **Belief, attitude, intention and behaviour: An introduction to theory and research.** Addison-Wesley, 1975.

GIGLIO, E. M. O Comportamento do Consumidor. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

HAWKINS, Del I.; MOTHERSBAUGH, David L. **Comportamento do consumidor: construindo a estratégia de marketing.** Elsevier Brasil, 2018.

MOWEN, John C.; MINOR, Michael S. Comportamento do consumidor. São Paulo: Prentice Hall, 2008.

SCHIFFMAN, L. G.; KANUK, L. L. Comportamento do consumidor. 9ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2009.



 **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

BELK, Russell. You are what you can access: Sharing and collaborative consumption online. **Journal of business research**, v. 67, n. 8, p. 1595-1600, 2014.

GERALDO, Graciela Cristina; MAINARDES, Emerson Wagner. Estudo sobre os fatores que afetam a intenção de compras online. **REGE-Revista de gestão**, v. 24, n. 2, p. 181-194, 2017.

KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan; KOTLER, Philip. **Marketing 5.0: Technology for humanity**. John Wiley & Sons, 2021.

KOTLER, Philip. Marketing 4.0 do tradicional ao digital. 2021.

VERA, Luciana Alves Rodas; DE SEVILHA GOSLING, Marlua. Comportamento do consumidor na economia compartilhada no turismo: um estudo sobre o CouchSurfing e o AirBnb. **Revista Turismo em Análise**, v. 29, n. 3, p. 447-467, 2018.

 **Possibilidades de Estudos:**

- Comportamento do consumidor no ambiente virtual;
- Estudos sobre experiência do usuário em plataformas digitais;
- Implicações da inteligência artificial e dos algoritmos no comportamento do consumidor;
- Comportamento do consumidor e economia do compartilhamento.



Cultura e Consumo

 **Principais Abordagens:**

- Desenvolvimentos de novas práticas sociais;
- Perspectiva teórica da Consumer Culture Theory (CCT): explorar a distribuição heterogênea de significados e a sobreposição de diferentes grupos culturais coexistentes em sociedades complexas;
- Investigação das condições sociais em que o consumo e os recursos de mercado mediam as relações sociais, as experiências dos indivíduos, a construção simbólica e material dos arranjos sociais;
- Significados, sócio materialidade, influências e práticas do consumo (abordagem multidisciplinar com Antropologia, Sociologia, História, Linguística e Comunicação Social);
- Consumo e as questões relativas a gênero, estética, regionalidades, construção e manutenção de identidade social, diferenças culturais e sociais,



tribos urbanas, diferentes coletividades de consumidores, redes, anticonsumo e resistência.

✦ **Referências bibliográficas seminais/clássicas**

ARNOULD, Eric J. Consumer culture theory: retrospect and prospect. **European Advances in Consumer Research**, v. 7, n. 1, p. 605-607, 2006.

ARNOULD, Eric J.; PRICE, Linda L. River magic: Extraordinary experience and the extended service encounter. **Journal of consumer Research**, v. 20, n. 1, p. 24-45, 1993.

ARNOULD, Eric J.; THOMPSON, Craig J. Introduction: consumer culture theory: ten years gone (and beyond). In: **Consumer culture theory**. Emerald Group Publishing Limited, 2015. p. 1-21.

ARNOULD, Eric J.; THOMPSON, Craig J. Consumer culture theory (CCT): Twenty years of research. **Journal of consumer research**, v. 31, n. 4, p. 868-882, 2005.

ASKEGAARD, Søren; LINNET, Jeppe Trolle. Towards an epistemology of consumer culture theory: Phenomenology and the context of context. **Marketing Theory**, v. 11, n. 4, p. 381-404, 2011.

BELK, R. W. The labors of the Odysseans and the legacy of the Odyssey. **Journal of Historical Research in Marketing**, v. 6, n. 3, p. 379-404, 2014.

COSKUNER-BALLI, Gokcen. Market practices of legitimization: Insights from consumer culture theory. **Marketing Theory**, v. 13, n. 2, p. 193-211, 2013.

HOLBROOK, Morris B.; HIRSCHMAN, Elizabeth C. The experiential aspects of consumption: Consumer fantasies, feelings, and fun. **Journal of consumer research**, v. 9, n. 2, p. 132-140, 1982.

✦ **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas**

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. **Cultura, consumo e identidade**. FGV Editora, 2006.

BELK, Russell W. Extended self in a digital world. **Journal of consumer research**, v. 40, n. 3, p. 477-500, 2013.

COVA, Bernard; COVA, Veronique. CCT applied research and the limits of consumers' heroicisation. **Journal of Marketing Management**, v. 30, n. 11-12, p. 1086-1100, 2014.

GAIÃO, Brunno Fernandes da Silva; SOUZA, Ildembergue Leite de; LEÃO, André Luiz M. Consumer Culture Theory (CCT) já é uma escola de pensamento em marketing?. **Revista de Administração de Empresas**, v. 52, p. 330-344, 2012.



MCCRACKEN, Grant. Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo. **Revista de administração de empresas**, v. 47, p. 99-115, 2007.

VERA, Luciana Alves Rodas; DE SEVILHA GOSLING, Marlua; SHIGAKI, Helena Belintani. Teoria da Cultura do Consumo: possibilidades, limitações e caminhos em estudos de marketing no Brasil. **Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa**, v. 18, n. 1, p. 15-32, 2019.

TASCHNER, Gisela B. Lazer, cultura e consumo. **Revista de Administração de Empresas**, v. 40, p. 38-47, 2000.

Possibilidades de Estudos:

- Estudos sobre identidades social e comunidades de consumo;
- Estudos sobre apropriação de significados em diferentes contextos da sociedade atual;
- Cultura e consumo no contexto do marketing digital;
- Cultura e consumo no contexto da economia do compartilhamento.



Métodos de Pesquisa em Marketing

Principais Abordagens:

- Novas técnicas qualitativas e quantitativas de análise de dados, novos métodos de coleta de dados e apresentação de resultados de pesquisa;
- Ciência e Técnica em Marketing;
- Estudos críticos em Marketing;
- Modelagem e previsões (modelagem econométrica, construção de novos modelos teóricos e modelos de previsão e simulação);
- Medidas em Marketing (mensuração, validação, escalas).

Referências bibliográficas seminais/clássicas

BELK, Russel W. Qualitative versus quantitative research in marketing. **Revista de Negócios**, v. 18, n. 1, p. 5-9, 2013.

HAIR, Joseph F. et al. **Análise multivariada de dados**. Bookman editora, 2009.

MALHOTRA, Naresh K. Pesquisa de Marketing: uma organização aplicada. 2011.

MATTAR, Fauze Najib. Pesquisa de marketing: execução, análise. 1998.



 **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

AYROSA, Eduardo André Teixeira; CERCHIARO, Isabel Balloussier. Pesquisa quantitativa e qualitativa em marketing: compreendendo diferenças, produzindo confluências. **Revista ADM. MADE**, v. 18, n. 3, p. 1-18, 2015.

SAUERBRONN, João Felipe Rammelt; CERCHIARO, Isabel Balloussier; AYROSA, Eduardo André Teixeira. Uma discussão sobre métodos alternativos em pesquisa acadêmica em marketing. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 12, p. 254-269, 2011.

SHIGAKI, Helena Belintani; GONCALVES, Carlos Alberto; VILAR DOS SANTOS, Carolina Pantuza. Consumer neuroscience and neuromarketing: Theoretical adoption potential with the application of methods and techniques in neuroscience. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 16, n. 4, p. 439-453, 2017.

VELOSO, Caissa et al. ESTADO DA ARTE DA PUBLICAÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL SOBRE NEUROMARKETING E EUROECONOMIA. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 15, n. 1, p. 28-41, 2016.

 **Possibilidades de Estudos:**

- Estudos pré-experimentais, experimentais verdadeiros e quase-experimentais em marketing, comportamento do consumidor e/ou comprador organizacional;
- Estudos que empreguem técnicas de pesquisa de neuromarketing.



Marketing Digital e Inovação

 **Principais Abordagens:**

- Comportamento do consumidor no ambiente digital;
- Redes sociais digitais, influenciadores digitais, blog marketing;
- E-commerce, mobile commerce, electronic marketplaces, plataformas digitais;
- Propaganda digital;
- Boca-a-boca eletrônico – eWOM;
- Marketing via dispositivos móveis;
- Realidade aumentada, realidade virtual, mundos virtuais 3D, games;
- Marketing via ferramentas de busca;
- Métricas, dados digitais e big data;
- E-mail marketing;
- Inovações e novas tecnologias;
- Modelos de aceitação e uso de tecnologia (exemplo: UTAUT 2, TAM, etc).



✈ **Referências bibliográficas seminais/clássicas**

ADOLPHO, Conrado. **Os 8 P's do Marketing Digital**. Leya, 2019.

CHARLESWORTH, Alan. **Digital marketing: A practical approach**. Routledge, 2014.

GABRIEL, Martha. **Marketing na era digital: conceitos, plataformas e estratégias**. Novatec Editora, 2010.

KOTLER, Philip. **Marketing 4.0 do tradicional ao digital**. 2021.

PEÇANHA, Vitor. **Obrigado pelo marketing**. Saraiva Educação SA, 2017.

REZ, Rafael. **Marketing de conteúdo: a moeda do século XXI**. DVS Editora, 2017.

TELLES, André. **A revolução das mídias sociais**. São Paulo: M. Books, p. 9, 2010.

TORRES, Claudio. **A bíblia do marketing digital: tudo o que você queria saber sobre marketing e publicidade na internet e não tinha a quem perguntar**. Novatec Editora, 2018.

✈ **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

KINGSNORTH, Simon. **Digital marketing strategy: an integrated approach to online marketing**. Kogan Page Publishers, 2022..

RYAN, Damian. **Understanding digital marketing: marketing strategies for engaging the digital generation**. Kogan Page Publishers, 2016..

SILVA, José Paulo Pereira. **Marketing de Performance: Aprenda as estratégias digitais que tornam qualquer negócio lucrativo na internet**. Ideal Books, 2022.

✈ **Possibilidades de Estudos:**

- Estudos sobre redes sociais mediadas, a exemplo do Facebook, Instagram, LinkedIn, Tik Tok, entre outras, comportamento de consumo e impactos mercadológicos;
- Teorias advindas de estudos sobre a cibercultura e suas relações com marketing e comportamento de consumo;
- Análise de como a inteligência artificial vem sendo aplicada no marketing e os possíveis impactos nos consumidores e empresas. Internet das coisas, estratégias de marketing e novos formatos comunicacionais;
- Estudos sobre ubiquidade, pervasividade e/ou tecnologias comunicacionais móveis como smartphones e tablets.



Avanços nas Ciências dos Serviços

✈ Principais Abordagens:

- Lógica Dominante do Serviço;
- Inovação em serviços;
- Cocriação e codestruição de valor;
- Ecossistemas de serviços;
- Serviços digitais;
- Pesquisas sobre mensuração da qualidade dos serviços (exemplo: SERVPERF, SERVQUAL).

✈ Referências bibliográficas seminais/clássicas

CRONIN JR, J. Joseph; TAYLOR, Steven A. Measuring service quality: a reexamination and extension. **Journal of marketing**, v. 56, n. 3, p. 55-68, 1992.

LOVELOGK, Christopher. Marketing de serviços: pessoas, tecnologia e estratégia. 2011.

LUSCH, Robert F.; VARGO, Stephen L. **Service-dominant logic: Premises, perspectives, possibilities**. Cambridge University Press, 2014.

PARASURAMAN, Anantharanthan; ZEITHAML, Valarie A.; BERRY, Leonard L. A conceptual model of service quality and its implications for future research. **Journal of marketing**, v. 49, n. 4, p. 41-50, 1985.

VARGO, Stephen L.; LUSCH, Robert F. Evolving to a new dominant logic for marketing. **Journal of marketing**, v. 68, n. 1, p. 1-17, 2004.

✈ Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

CAVALCANTI, Hellen Taynan; RODAS VERA, Luciana Alves. ENSAIO TEÓRICO SOBRE A LÓGICA DOMINANTE DO SERVIÇO (LDS). **Gestão & Planejamento-G&P**, v. 21, 2020.

KOETZ, Clara Isabel; KOETZ, Carin Maribel. A lógica dominante do serviço em marketing—um novo paradigma. **Revista Estudos do CEPE**, v. 36, p. 147-169, 2012.

SANTOS, Barbara Andreize; RODAS VERA, Luciana Alves. Avaliação da Qualidade dos Serviços do Restaurante Universitário da Universidade Federal da Bahia na Percepção dos Usuários. **Marketing & Tourism Review**, v. 5, n. 2, p. 1-30, 2020.



 **Possibilidades de Estudos:**

- Estudos sobre marketing de serviços e as suas interconexões com as áreas de operações e/ou de gestão de pessoas, bem como suas interfaces com as novas tecnologias e serviços transformadores;
- Estudos sobre gestão da experiência do cliente;
- Estudos sobre marketing experiencial, marketing sensorial e em ambiente de novas tecnologias e novos modelos de negócio.



Gestão de Marcas e do Relacionamento Consumidor – Marca

 **Principais Abordagens:**

- Consumer-Brand Relationships – CBR;
- Valor das marcas e sua agregação a produtos e serviços;
- Marcas ligadas à tecnologia e big techs;
- Marcas e gestão de marcas;
- Brand equity baseado no cliente e programas de Marketing voltados à brand equity;
- Identidade, Posicionamento e valores de marca;
- Estratégias de branding e arquiteturas de marcas;
- Responsabilidade social das marcas e ativismo de marca;
- Perspectivas de estudo do relacionamento consumidor marca;
- Relacionamentos com a marca;
- Modelos e variáveis utilizadas na explicação e previsão dos relacionamentos consumidor-marca.

 **Referências bibliográficas seminais/clássicas**

AAKER, David A. **Marcas: brand equity: gerenciando o valor da marca**. Gulf Professional Publishing, 1998.

KELLER, Kevin Lane; LEHMANN, Donald R. Brands and branding: Research findings and future priorities. **Marketing science**, v. 25, n. 6, p. 740-759, 2006.

KOTLER, Philip. Marketing 4.0 do tradicional ao digital. 2021.



 **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

JAHANVI, Jahanvi; SHARMA, Meenakshi. Brand respect: Conceptualization, scale development and validation. **Journal of Business Research**, v. 132, p. 115-123, 2021.

MOLINILLO, Sebastian; JAPUTRA, Arnold; EKINCI, Yuksel. Building brand credibility: The role of involvement, identification, reputation and attachment. **Journal of Retailing and Consumer Services**, v. 64, p. 102819, 2022.

 **Possibilidades de Estudos:**

- Estudos: longitudinais, transversais, descritivos simples, multivariados, estudos de caso baseados em ciências sociais como etnologia, antropologia e sociologia, que tenham como tema central a marca, com técnicas de análise de qualitativas e quantitativas;
- Discussões sobre marcas no contexto do turismo e imagem do destino turístico;
- Discussões sobre marcas no ambiente virtual.



Estratégias de Marketing

 **Principais Abordagens:**

- Desenvolvimento e execução de estratégias de Marketing, interações competitivas, desenvolvimento de recursos e competências em Marketing, Marketing e a estratégia corporativa;
- Gestão de preços;
- Gestão de vendas, propaganda, promoções e demais atividades de comunicação de Marketing, no geral;
- Gestão de canais, logística e alocação de recursos;
- Estratégia de Marketing internacional.

 **Referências bibliográficas seminais/clássicas**

CARLOS, José; PINHO, Meneses. **Marketing Internacional-Negócios à Escala Global**. Leya, 2019.



KUHAR, Alan Jezovsek. **Gestão de trade marketing, canais e logística**. Editora Senac São Paulo, 2022.

SHIMP, Terence A. Advertising promotion. **Supplemental Aspects of Integrated**, v. 4, p. 245-273, 2000.

✦ **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas**

ELLRAM, Lisa M.; MURFIELD, Monique L. Ueltschy. Supply chain management in industrial marketing—Relationships matter. **Industrial Marketing Management**, v. 79, p. 36-45, 2019.

KATSIKEAS, Constantine; LEONIDOU, Leonidas; ZERITI, Athina. Revisiting international marketing strategy in a digital era: Opportunities, challenges, and research directions. **International Marketing Review**, v. 37, n. 3, p. 405-424, 2020.

MAKRIDES, Anna et al. Consumer cosmopolitanism in international marketing research: a systematic review and future research agenda. **International Marketing Review**, v. 39, n. 5, p. 1151-1181, 2022.

PAUL, Justin. Marketing in emerging markets: A review, theoretical synthesis and extension. **International Journal of Emerging Markets**, v. 15, n. 3, p. 446-468, 2019.

✦ **Possibilidades de Estudos:**

- Estudos sobre as estratégias de marketing e como estas são operacionalizadas tanto no âmbito nacional como Internacional;
- Estudos sobre segmentação de mercado e estratégias de padronização e adaptação do marketing mix, posicionamento de produto, decisões de preço, distribuição e comunicação;
- Estudos sobre a estrutura organizacional de marketing e estratégias funcionais e competitivas de marketing.



Marketing e Sociedade

✦ **Principais Abordagens:**

- Aspectos relacionados aos efeitos do marketing sobre a sociedade (aspectos positivos e disfunções);
- Ética em marketing;
- Consumo consciente e sustentabilidade em Marketing;
- Consumo colaborativo;



- Resistência ao consumo;
- Consumismo;
- Qualidade de vida e bem-estar pessoal;
- Marketing de organizações sem fins lucrativos;
- Transformative Consumer Research e Transformative Service Research.

 **Referências bibliográficas seminais/clássicas**

ANDREASEN, Alan R. Ética e marketing social. **São Paulo: Futura**, p. 293-303, 2002.

ANDREASEN, A. R. Marketing social change. San Francisco: Jossey-Bass, Inc., 1995.

ANDREASEN, Alan R. Marketing social marketing in the social change marketplace. **Journal of public policy & marketing**, v. 21, n. 1, p. 3-13, 2002.

BAGOZZI, Richard P. Marketing as an Organized Behavioral System of Exchange: A comprehensive and analytic structure for interpreting behavior in marketing relationships. **Journal of marketing**, v. 38, n. 4, p. 77-81, 1974.

BAGOZZI, Richard P. Marketing as exchange: a theory of transactions in the marketplace. **American Behavioral Scientist**, v. 21, n. 4, p. 535-556, 1978.

BAGOZZI, Richard P. Marketing as exchange. **Journal of marketing**, v. 39, n. 4, p. 32-39, 1975.

COSTA, F. J. Marketing e Sociedade [Texto da disciplina do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFPB]. **João Pessoa**, 2014.

HASTINGS, Gerard. **Social marketing: Why should the devil have all the best tunes?**. Elsevier, 2007.

KOTLER, Philip; LEE, Nancy. **Social marketing: Influencing behaviors for good**. Sage, 2008.

LAYTON, Roger A.; GROSSBART, Sanford. Macromarketing: Past, present, and possible future. **Journal of Macromarketing**, v. 26, n. 2, p. 193-213, 2006.

LEE, Dong-Jin et al. Developing a subjective measure of consumer well-being. **Journal of Macromarketing**, v. 22, n. 2, p. 158-169, 2002.

LEE, Dong-Jin; SIRGY, M. Joseph. Quality-of-life (QOL) marketing: Proposed antecedents and consequences. **Journal of Macromarketing**, v. 24, n. 1, p. 44-58, 2004.



PETERSON, Mark. Focusing the future of macromarketing. **Journal of Macromarketing**, v. 26, n. 2, p. 245-249, 2006.

SHAPIRO, Stanley J.; SHULTZ, Clifford J. Macromarketing, controversy and economic development: Just before and now during the global meltdown. **European Business Review**, v. 21, n. 4, p. 313-325, 2009.

WILKIE, William L.; MOORE, Elizabeth S. Expanding our understanding of marketing in society. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v. 40, p. 53-73, 2012.

WILKIE, William L.; MOORE, Elizabeth S. Marketing's contributions to society. **Journal of marketing**, v. 63, n. 4_suppl1, p. 198-218, 1999.

WILKIE, William L.; MOORE, Elizabeth S. Scholarly research in marketing: Exploring the “4 eras” of thought development. **Journal of public policy & Marketing**, v. 22, n. 2, p. 116-146, 2003.

ZALTMAN, Gerald; KOTLER, Philip; KAUFMAN, Ira. Creating social change. 1972.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:

KERÄNEN, Joonas; OLKKONEN, Laura. Opportunities for social activism in transformative service research: a research agenda. **Journal of Service Management**, n. ahead-of-print, 2022.

PETERSON, Mark. Using macromarketing to teach business sustainability. **Journal of Marketing Education**, v. 44, n. 3, p. 390-401, 2022.

SILVA, ROSANA OLIVEIRA DA et al. Uma discussão necessária sobre a vulnerabilidade do consumidor: avanços, lacunas e novas perspectivas. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 19, p. 83-95, 2021.

Possibilidades de Estudos:

- Discussões relacionadas ao debate existente entre marketing e sociedade, envolvendo tanto os aspectos positivos como os negativos presentes nessa relação;
- Discussões relacionadas à ética em marketing, consumo consciente, consumo sustentável, consumo colaborativo;
- Discussões sobre bem-estar do consumidor;
- Estudos sobre vulnerabilidade do consumidor.



Revistas e Periódicos da Grande Área

Periódicos

Links de acesso

JOURNAL OF MARKETING

<https://www.ama.org/journal-of-marketing/>

JOURNAL OF THE ACADEMY OF MARKETING SCIENCE

<https://www.springer.com/journal/11747>

JOURNAL OF CONSUMER RESEARCH

<https://academic.oup.com/jcr>

INDUSTRIAL MARKETING MANAGEMENT

https://www.sciencedirect.com/journal/industrial-marketing-management?start_rank=45101

REVISTA BRASILEIRA DE MARKETING

<https://periodicos.uninove.br/remark>

REVISTA MARKETING E TURISMO REVIEW

https://revistas.face.ufmg.br/index.php/mt_r

REVISTA INTERDISCIPLINAR DE MARKETING

<https://ojs.uem.br/ojs/index.php/rimar/about/submissions>

CONSUMER BEHAVIOR REVIEW

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/cbr>



Links de Interesse

Sites

Links de acesso:

**ASSOCIAÇÃO BAIANA DO
MERCADO PUBLICITÁRIO**

<http://abmp.com.br/abmp/>

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE STARTUPS**

<https://abstartups.com.br/>

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
AGÊNCIAS DE PROPAGANDA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
MARKETING & NEGÓCIOS**

<http://www.abap.com.br/>

<https://abmn.com.br/>

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS
AGÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO**

<https://www.abracom.org.br/>

**ASSOCIAÇÃO DE MARKETING
PROMOCIONAL**

<https://ampro.com.br/>

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
MARKETING RURAL &
AGRONEGÓCIOS**

<http://www.abmr.com.br/>

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PROPAGANDA**

<http://www.abp.com.br/>

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
EMISSORAS DE RÁDIO E
TELEVISÃO**

<https://www.abert.org.br/web/>

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
MARKETING DE DADOS**

<https://www.abert.org.br/web/>

**AMERICAN MARKETING
ASSOCIATION**

<https://www.ama.org/>

**CONSELHO NACIONAL DE
AUTORREGULAÇÃO
PUBLICITÁRIA**

<http://www.conar.org.br/>

**CONTEÚDO SOBRE
O MUNDO
DO MARKETING**

<https://www.mundodomarketing.com.br/>



IBOPE

<https://www.ibope.com.br/>

**GRUPO DE PESQUISA
CONSUMO &
CIBERCULTURA**

<https://www.enap.gov.br/pt/>



GLOSSÁRIO DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Algoritmo

“Um algoritmo é um conjunto finito de instruções que, se seguidas, realizam uma tarefa específica” (KNUTH, 1968).

Brand equity

"(...) é um conjunto de ativos e passivos de marca vinculados a um nome e símbolo de marca, que adicionam ou subtraem do valor fornecido por um produto ou serviço a uma empresa e/ou aos clientes dessa empresa” (AAKER, 1991).

Cibercultura

“(...) é a cultura que surgiu, ou está emergindo, do uso das redes de computadores para comunicação, entretenimento e negócios. Abrange uma ampla gama de fenômenos, incluindo comunidades virtuais, jogos online, mídias sociais e artes digitais” (LÉVY, 1997).

Consumer-Brand Relationships

"(...) são conceituados como os relacionamentos entre consumidores e marcas que existem no mercado. Eles são caracterizados por três dimensões principais: personalidade da marca, autoconceito e apego à marca. Essas dimensões refletem as maneiras pelas quais os consumidores veem as marcas como atores sociais que possuem qualidades humanas, como extensões de si mesmos e como objetos de apego afetivo e comportamental” (FOURNIER, 1998).

Economia Criativa

O conceito de Economia Criativa se define a partir das dinâmicas culturais, sociais e econômicas construídas a partir do ciclo de criação, produção, distribuição/circulação/difusão e consumo/ fruição de bens e serviços oriundos dos setores criativos, caracterizados pela prevalência de sua dimensão simbólica. A economia criativa é, portanto, a economia do intangível, do simbólico. Ela se alimenta dos talentos criativos, que se organizam individual ou coletivamente para produzir bens e serviços criativos. Por se caracterizar pela abundância e não pela escassez, a nova economia possui dinâmica própria e, por isso, desconcerta os modelos



econômicos tradicionais, pois seus novos modelos de negócio ainda se encontram em construção, carecendo de marcos legais e de bases conceituais consentâneas com os novos tempos. Fonte: BRASIL, MINC. Plano da Secretaria da Economia Criativa– Políticas, diretrizes e ações 2011 a 2014. Brasília: Ministério da Cultura, 2011, pág. 23 e 24. Disponível em: <https://garimpodesolucoes.com.br/wp-content/uploads/2014/09/Plano-da-Secretaria-da-Economia-Criativa.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2021.

 **Inteligência Artificial**

"(...) é o estudo de como fazer os computadores fazerem coisas nas quais, no momento, as pessoas são melhores" (RUSSELL; NORVIG, 1995).

 **Marketing Digital**

"(...) não é apenas um canal, mas um conjunto de canais que devem trabalhar juntos para atingir os objetivos de negócios. É uma forma de pensar e agir no mundo empresarial moderno e orientado para a tecnologia" (SCOTT, 2016).

 **Modelagem Econométrica**

"(...) é a arte de pegar a teoria e transformá-la em algo que pode ser medido" (VARIAN, 2014).

 **Neuromarketing**

"(...) é a aplicação da neurociência à pesquisa de marketing. Ele nos permite entender a resposta do consumidor aos estímulos de marketing em um nível mais profundo do que os métodos de pesquisa tradicionais" (RENVOISÉ; MORIN, 2007).

 **Transformative Consumer Research**

"(...) é uma subdisciplina da pesquisa do consumidor que busca usar os insights da pesquisa para promover a justiça social e o bem-estar do consumidor" (MICK; PETTIGREW; PECHMANN, 2012).

 **Transformative Service Research**

"(...) é uma pesquisa que aborda interações e encontros de serviços que têm o potencial de transformar a maneira como os indivíduos pensam, sentem ou agem. A TSR é caracterizada por uma profunda apreciação pelo papel que os serviços desempenham na formação do bem-estar, bem-estar social e o tecido social mais amplo. Esta pesquisa reconhece que os encontros de serviço podem ter consequências de longo alcance para indivíduos, famílias, organizações e sociedade como um todo" (BITNER; BROWN; WOLFINBARGER, 2008).

ÁREAS TEMÁTICAS NAPP



ENSINO E PESQUISA



FICHA TÉCNICA

Universidade Federal da Bahia
Reitor

Paulo César Miguez de Oliveira

Vice-reitor

Penildon Silva Filho

Escola de Administração

Diretor

João Martins Tude

Vice-diretor

André Luis Nascimento dos Santos

Núcleo de Pós-graduação da Escola de Administração da UFBA

Coordenador

Genauto Carvalho França Filho

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Acadêmico

Coordenadora

Andréa Cardoso Ventura

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Profissional

Coordenadora

Elisabeth Matos Ribeiro

Núcleo de Apoio a Pesquisa e Publicação – NAPP

Coordenador

Horacio Nelson Hastenreiter Filho

Coordenadora de Conteúdos

Justina Tellechea

Design Instrucional

Tairine Nunes

Autores

Clara Valente Serra

Eduardo Davel

Felipe Borges

Ano de Publicação (2023)

Edição (2023)

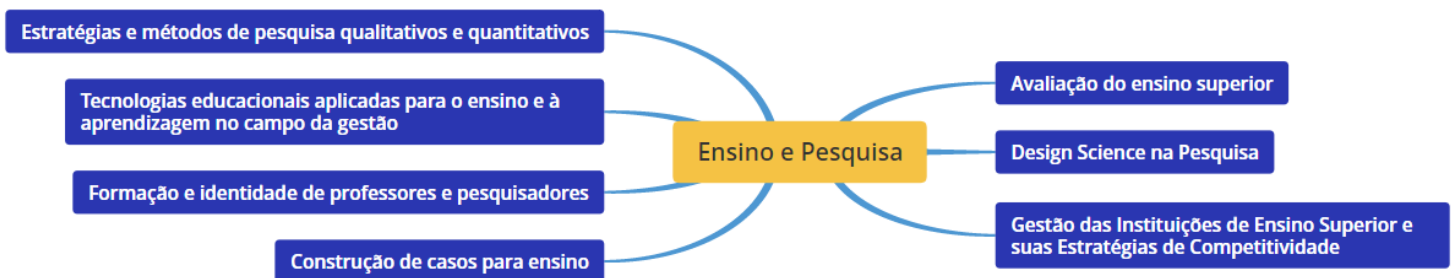


GESTÃO DE PESSOAS:

Professores: Eduardo Davel (coordenador), Tânia Fischer, Roberto Brasileiro, Beth Loiola

Aluna(o)s: Clara Valente Serra e Felipe Borges

Subareas Temáticas:



O Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicações - NAPP oferece suporte para o fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual dos professores, pesquisadores, egressos e alunos vinculados ao Núcleo de Pós-Graduação em Administração da UFBA.

Por meio das divisões acadêmicas e temas de interesse propostos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - ANPAD, este material busca explorar as áreas e subáreas temáticas da gestão, apresentando aos leitores as principais abordagens, as referências bibliográficas clássicas e contemporâneas, as possibilidades de estudos, as revistas e periódicos e um glossário com verbetes da área de estudo.



Estratégias e métodos de pesquisa qualitativos e quantitativos

Principais Abordagens

- Liderança e perspectivas críticas;
- Discussão dos usos dos métodos em diferentes perspectivas teóricas e os impactos da aplicação desses métodos no desenvolvimento do conhecimento em Administração e Contabilidade;
- Discussão das boas práticas, limites, benefícios, diferenças e semelhanças dos diferentes métodos de pesquisa;
- Planejamento da pesquisa científica: identificação de lacunas no conhecimento, modelo conceitual, prevenção de viés (e.g. common method bias) etc entre os diferentes métodos;
- Uso dos métodos para a construção e teste de teorias: história de vida, narrativas, estudo de caso, pesquisa ação, design science research, pesquisa aplicada, observação participante, fenomenologia, fenomenografia, teoria fundamentada nos dados, entre outras;
- Abordagens interdisciplinar, multidisciplinar, transdisciplinar, multiteórica e multiparadigmática de análise de dados;
- Construção de instrumentos e coleta de dados: observação, entrevista, documentos, etnografia, vídeos, imagens, base de dados, dados de relacionamentos (redes sociais online), levantamento (survey), experimento, simulação, desenvolvimento de escalas, validade, confiabilidade;
- Análise dos dados: análise estatística, econometria, psicometria, contabilometria, cientometria, bibliometria, informetria, webmetria, patentometria, altmetria, análise de redes sociais, análise de conteúdo, análise do discurso, análise fílmica e mineração de dados;
- Revisão literatura: revisão sistemática, revisão qualitativa, revisão integrativa, meta-análise e revisão metodológica;
- Rigor na apresentação e discussão dos resultados, reprodutibilidade da pesquisa e gestão dos dados;
- Questões éticas relacionadas a todas as etapas da pesquisa, desde o planejamento até a publicação;



- Estudos sobre epistemologia na área de Administração e Contabilidade (e.g. Burrell e Morgan, Kuhn, Popper, Feyerabend, Fleck, Lakatos);
- Ensino dos métodos de pesquisa: oportunidades e desafios na graduação e pós-graduação de Administração e Contabilidade.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

ANDERSON, Rolph E. et al. Análise multivariada de dados. **Porto Alegre: Bookman**, 2005.

BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisas de survey**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

COOPER, Donald R. SCHINDLER; PM Métodos de pesquisa em administração. **Trad.: Rocha, LO T ed. Porto Alegre: Bookman**, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

HAIR, Joseph et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Bookman Companhia Ed, 2005.

VERGARA, Sylvia Constant. Projetos e relatórios de pesquisa. **São Paulo: Atlas**, v. 34, p. 38, 2006.

SELLTIZ, Claire., WRIGHTSMAN, Lawrence S.; COOK, Stewart. Métodos de Pesquisas nas Relações Sociais. 4ª.ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária: 1987

YIN, Robert K. **Estudo de Caso-: Planejamento e métodos**. Bookman editora, 2015.

Referências atuais/contemporâneas

AKANJI, Babatunde et al. Exploring cultural values in conflict management: A qualitative study of university heads of departments. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, v. 16, n. 2, p. 350-369, 2021.

JUNIOR, Alvaro Augusto Ricardino; GONZALES, Alexandre; BIFI, Claudio Rafael. O Desempenho dos Estudantes de Ciências Contábeis nos dois Exames de Suficiência promovidos pelo CFC em 2017. **Redeca, Revista Eletrônica do Departamento de Ciências Contábeis & Departamento de Atuária e Métodos Quantitativos**, v. 6, n. 1, p. 106-127, 2019.



RAHMAN, Syahirah Abdul et al. Resilient research in the field: Insights and lessons from adapting qualitative research projects during the COVID-19 pandemic. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 20, p. 16094069211016106, 2021.

TOPPING, Megan; DOUGLAS, Jacinta; WINKLER, Dianne. General considerations for conducting online qualitative research and practice implications for interviewing people with acquired brain injury. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 20, p. 16094069211019615, 2021.

WINKLER, Ingo; KRISTENSEN, Mette Lund. Trapped in limbo—Academics' identity negotiation in conditions of perpetual liminality. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, 2021.

Possibilidades de Estudos

- Benefícios da adoção conjunta de métodos quantitativos e qualitativos;
- Pesquisas mais didáticas e metodológicas sobre o método quantitativo; pesquisas que ensinei a como executar os métodos quantitativos em estudos organizacionais;
- Estudos qualitativos nas áreas da contabilidade e paralelamente, estudos quantitativos nas áreas da administração;
- Quais as novas abordagens, métodos e técnicas que surgiram na pesquisas qualitativas em estudos organizacionais?

Principais Revistas e Periódicos

International Journal of Qualitative Methods

Qualitative Research in Organization and Management

A Qualitative Research in Financial Markets

Qualitative Research in Organizations and Management

Qualitative Research in Accounting & Management

Brazilian Journal of Quantitative Methods Applied to Accounting

Métodos E Pesquisa Em Administração

Link de Interesse

<https://www.sepq.org.br/>



Tecnologias educacionais aplicadas para o ensino e à aprendizagem no campo da gestão

Principais Abordagens

- Ambiente Virtual de Aprendizagem;
- E-learning e os processos de ensino-aprendizagem virtuais;
- Metodologias de ensino e de avaliação mediadas por computador;
- Uso de tecnologias da comunicação e da informação nos processos de ensino-aprendizagem;
- Aprendizado colaborativo em ambientes virtuais;
- Papéis que a tecnologia pode exercer na melhoria do processo ensino-aprendizagem;
- Aplicações inovadoras de TIC.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

ALMEIDA, M. E. B.; PRADO, MEBB. Design educacional contextualizado na formação continuada de educadores com suporte em ambientes virtuais. In: **CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO**. 2007.

ALVES, Antonia; DE CARLI, Andréa. Formação de Professores para o uso adequado das Tic's: uma reflexão em construção Relato de Experiência. 2011.

DE ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. Tecnologias na educação, formação de educadores e recursividade entre teoria e prática: trajetória do Programa de Pós-Graduação em Educação e Currículo. **Revista E-curriculum**, v. 1, n. 1, 2005.

MARTINS, Carlos Benedito. O ensino superior brasileiro nos anos 90. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, p. 41-60, 2000.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; KRAMER, Sonia. Contemporaneidade, educação e tecnologia. **Educação & Sociedade**, v. 28, p. 1037-1057, 2007.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de et al. Implementação da biblioteca digital da UFRGS. **RENTE-Revista Novas Tecnologias na Educação [recurso eletrônico]**. Porto Alegre, RS, 2003.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

COLOMO-PALACIOS, Ricardo et al. Is the Gender Gap Narrowing in Higher Education Computing Studies? The Case of Norway, Spain, and Tunisia. **IEEE**



Revista Iberoamericana de Tecnologias del Aprendizaje, v. 15, n. 4, p. 336-343, 2020.

DE ASSIS, Djanda Coelho et al. MODALIDADE DE ENSINO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: um estudo comparativo entre determinantes da escolha discente pelo ensino presencial versus EaD. **TICs & EaD em Foco**, v. 6, n. 2, p. 33-49, 2020.

ESTEVE-MON, Francesc M.; LLOPIS-NEBOT, María Ángeles; ADELL-SEGURA, Jordi. Digital teaching competence of university teachers: A systematic review of the literature. **IEEE Revista Iberoamericana de Tecnologías del Aprendizaje**, v. 15, n. 4, p. 399-406, 2020.

FALVO JR, Venilton et al. Tecnologias aplicadas ao ensino e aprendizagem com Línguas de Sinais: um Mapeamento Sistemático sob as perspectivas nacional e internacional. **RENOTE**, v. 18, n. 2, p. 191-203, 2020.

GARCÍA-MURILLO, Gabriel; NOVOA-HERNÁNDEZ, Pavel; RODRÍGUEZ, Rocío Serrano. Technological satisfaction about moodle in higher education—A meta-analysis. **IEEE Revista Iberoamericana de Tecnologias del Aprendizaje**, v. 15, n. 4, p. 281-290, 2020.

MELO, Caroline Oliveira; LUFT, Maria Conceição Melo Silva; ROCHA, Ronalty Oliveira. elementos influenciadores da adoção tecnológica: Estudo de caso sobre a gestão em uma instituição de ensino. 2021.

SILVA, Flaviana dos Santos; ALMEIDA, ACF; SILVA, KAG. Perspectivas sobre o pensamento computacional no ensino superior com o software Scratch em cenários da Educação Financeira e da Economia Doméstica. **Revista Tecnologias na Educação—Ano**, 2017.

SGARBI, Antonio Donizetti; DOS SANTOS, Leonardo Bis. TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO A SERVIÇO DA EMANCIPAÇÃO: o caso da Pesquisa sobre o Curso EaD “Dívida Pública em Debate”. **TICs & EaD em Foco**, v. 6, n. 2, p. 17-32, 2020.

VALLE, Pedro Henrique Dias; TODOROV, Maria do Carmo Assis. Gamificação Aplicada à Gestão do Conhecimento em Projetos: Um Mapeamento Sistemático. **RENOTE**, v. 18, n. 1, 2020.

Possibilidades de Estudos

- Pesquisar sobre a capacitação ou fomento das competências tecnológicas na profissionalização docente;
- Estudar sobre a inserção do cenário da indústria 4.0 nos métodos e técnicas didáticos da educação superior;



- Pesquisar sobre a ascensão do ambiente virtual de aprendizagem e os novos métodos didáticos decorrentes do ensino remoto;
- Avaliar sobre os benefícios e malefícios da adoção das Tics no processo de formação, nas percepções discentes e docentes.
- Análise crítica das práticas corporativas de diversidade e inclusão;
- Políticas públicas de promoção da diversidade e inclusão nas organizações públicas e privadas;
- Estudos decoloniais e possibilidades na pesquisa.

Principais Revistas e Periódicos

Revista Tecnologias na Educação

A Revista TICs & EaD em Foco

A Revista Novas Tecnologias na Educação

A Revista Edutec - Educação, Tecnologias Digitais e Formação Docente

IEEE Revista Iberoamericana de Tecnologias del Aprendizaje

A revista Educação, Formação & Tecnologias

Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental

Links de Interesse

portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades>



Formação e identidade de professores e pesquisadores

Principais Abordagens

- Estratégias de ensino e didática;
- Aprendizagem no contexto de Administração e Contabilidade;
- Avaliação do ensino e da aprendizagem;
- Formação e saberes para a atuação docente;
- Profissionalização e identidade docente;



- O contexto do ensino-aprendizagem em Administração e Contabilidade no Brasil: o sistema de educação;
- Planejamento e organização do trabalho docente;
- Novos desafios, perspectivas e reflexões sobre o ensino, a aprendizagem e a avaliação;
- Ambientes de aprendizagem em Administração e Contabilidade (virtual, físico, pedagógico, psicológico, social);
- Reflexões e práticas do ensino, aprendizagem e avaliação no contexto do ensino remoto emergencial;
- Formando novos docentes: estágio docente e orientação acadêmica;
- Reflexividade e formação: relatos de experiências sobre a prática docente;
- Competências docentes e discentes.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

D'ANGELO, Hamilton. A formação do administrador e a atuação docente. **Revista Administração em Diálogo-RAD**, v. 8, n. 1, 2006.

DA CUNHA, Paulo Roberto et al. Abrangência da contabilidade gerencial segundo os docentes de contabilidade de Santa Catarina-Brasil. **Revista del Instituto Internacional de Costos**, n. 5, p. 191-211, 2009.

FISCHER, Tânia; NICOLINI, Alexandre Mendes; SILVA, Manuela Ramos da. Aos mestres de administração. **Organizações & Sociedade**, v. 12, p. 109-111, 2005.

FRANCISCO, Thiago Henrique Almino et al. O desenvolvimento de competências pela prática do estágio curricular obrigatório do curso de administração da FACIERC. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**, n. 3, 2010.

MEDEIROS, Zulmira et al. Aprendizagem colaborativa em cursos semi-presenciais de formação em docência do ensino superior. **Revista Docência do Ensino Superior**, v. 2, p. 42-52, 2012.

NASSIF, Vânia Maria Jorge et al. Formação empreendedora: aspectos convergentes e divergentes sob a ótica de alunos, professores, pais e empreendedores. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 10, n. 2, p. 73-96, 2009.



NICOLINI, Alexandre. Qual será o futuro das fábricas de administradores?. **Revista de Administração de Empresas**, v. 43, p. 44-54, 2003.

SLOMSKI, Vilma Geni. Saberes e competências do professor universitário: contribuições para o estudo da prática pedagógica do professor de Ciências Contábeis do Brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 1, n. 1, p. 89-105, 2007.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

BESUTTI, Jussara; REDANTE, Roberta Cristina; FÁVERO, Altair Alberto. Formação e construção da identidade docente a partir da narrativa de histórias de vida. **Educação por Escrito**, v. 8, n. 2, p. 260-277, 2017.

FARIAS, Rafael Araújo Sousa et al. Dificuldades dos professores do curso de Ciências Contábeis: uma agenda de pesquisa. **Revista Docência do Ensino Superior**, v. 9, p. 1-20, 2019.

LORENZI FILHO, Luiz Alberto et al. Métodos de ensino e aprendizagem: efeitos na prática docente na perspectiva de professores egressos de um programa de pós-graduação stricto sensu. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**, n. 24, p. 47-61, 2020.

REINALDI, M. A. de A.; GIORDANI, A. T.; COELHO NETO, J. The administrator's training for teaching: systematic literature review. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 7, n. 7, p. e1177358, 2018.

RESENDE DE LIMA, João Paulo; PROCÓPIO DE ARAUJO, Adriana Maria. Tornando-se Professor: Análise do Processo de Construção da Identidade Docente dos Professores de Contabilidade. **Advances in Scientific & Applied Accounting**, v. 12, n. 2, 2019.

ROSSI, Emili; BITTENCOURT, Zoraia Aguiar; MARQUEZAN, Fernanda Figueira. As contribuições do professor universitário para o engagement acadêmico. **Educação & Formação**, v. 6, n. 3, 2021.

SOUZA, Fabiana Frigo et al. Quem me Ensina a Ensinar? Atividades para o Exercício da Docência. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 22, n. 1, 2021.

Possibilidades de Estudos

- Processos de Capacitação e formação na docência e na pesquisa;
- Desenvolvimento de competências e habilidades docentes e de pesquisador;



- Desafios na formação e prática da carreira de professor e/ou pesquisador;
- Práticas de ensino e Pesquisa;
- Ferramentas para o ensino e a pesquisa;
- Ética profissional e liderança;
- Relações raciais e diversidade na carreira do professor/pesquisador.

Principais Revistas e Periódicos

Revista Educação & Formação

Revista Do Centro De Pesquisa E Formação

Revista Docência Do Ensino Superior

Revista Electrónica De Investigación Y Docencia

Revista Formação (Online)

Revista Administração: Ensino E Pesquisa (Raep)

Revista Educação, Formação & Tecnologias

Revista Edutec - Educação, Tecnologias Digitais E Formação Docente

Link de Interesse

<http://portal.mec.gov.br/sesu-secretaria-de-educacao-superior/apresentacao>



Construção de casos para ensino

Principais Abordagens

- Características de um bom caso para ensino;
- Discussões sobre o formato de um caso para ensino;
- Mecanismos de análise do caso;
- Necessidade de posicionamento do caso para ensino.



 **Referências bibliográficas seminais/clássicas**

BÖCKER, Franz. Is case teaching more effective than lecture teaching in business administration? An exploratory analysis. **Interfaces**, v. 17, n. 5, p. 64-71, 1987.

BRENNAN, Ross; AHMAD, S. Jaseem. Using case studies in management education: the student perspective. **International journal of management education**, v. 4, n. 3, p. 21-30, 2005.

CHRISTENSEN, Clayton M.; CARLILE, Paul R. Course research: Using the case method to build and teach management theory. **Academy of Management Learning & Education**, v. 8, n. 2, p. 240-251, 2009.

ELLET, William. **The case study handbook: How to read, discuss, and write persuasively about cases**. Harvard Business Press, 2007.

EMMENDOERFER, Magnus Luiz. Casos para Ensino em Administração. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 5, p. NA-NA, 2011.

MAUFFETTE-LEENDERS, Louise A. et al. **Learning with cases**. London: Richard Ivey School of Business, The University of Western Ontario, 1997.

IKEDA, Ana Akemi; VELUDO-DE-OLIVEIRA, Tânia Modesto; CAMPOMAR, Marcos Cortez. A tipologia do método do caso em administração: usos e aplicações. **Organizações & sociedade**, v. 12, p. 141-159, 2005.

KRATHWOHL, David R. Taxonomia de objetivos educacionais: domínio cognitivo. **Porto Alegre: Globo**, 1979.

MACHADO, André Gustavo Carvalho; CALLADO, Antonio André Cunha. Precauções na adoção do método de estudo de caso para o ensino de administração em uma perspectiva epistemológica. **Cadernos EbAPE. br**, v. 6, p. 01-10, 2008.

MAUFFETTE-LEENDERS, Louise A. et al. **Learning with cases**. London: Richard Ivey School of Business, The University of Western Ontario, 1997.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. Notas sobre a construção de casos para ensino. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 11, p. 213-234, 2007.

ROESCH, Sylvia Maria AzevedoFernandes et al. Como escrever casos para o ensino de administração. In: **Como escrever casos para o ensino de administração**. 2007. p. 159-159.

 **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas**

ALBERTON, Anete; SILVA, Anielson Barbosa da. Como escrever um bom caso para ensino? Reflexões sobre o método. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 22, p. 745-761, 2018.

ARAÚJO, Mirelle da Silva Monteiro; SOUSA, Socorro Cláudia Tavares de. Casos para o ensino: Uma abordagem a partir da linguística de texto. **Métodos e Pesquisa em Administração**, v. 1, n. 2, p. 69-79, 2016.



BANGS, Joann et al. Experiential learning in an organizational leadership program. **Journal of College Teaching & Learning (TLC)**, v. 8, n. 10, p. 29-34, 2011.

FARIA, Marina; FIGUEIREDO, Klebler Fossati. Casos de ensino no Brasil: Análise bibliométrica e orientações para autores. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 17, p. 176-197, 2013.

SILVA, Anielson Barbosa da. Reflexões teórico-práticas de um sistema de aprendizagem-em-ação para a educação em administração. **Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (Anpad)**, v. 1, n. 38, p. 1-12, 2014.

Possibilidades de Estudos

- O que faz um caso de ensino eficiente?
- Discussão dos métodos didáticos dos casos de ensino versus modelos tradicionais;
- Quais as características que fazem um caso de ensino um caso de ensino? Tanto forma como conteúdo;
- Quais melhores formatos e escolhas metodológicas para casos de ensino bem-feitos;
- Quais desafios enfrentados para maior difusão da utilização de casos para ensino e suas implicações ideológicas.

Principais Revistas e Periódicos

GVCasos

Coleção de Casos Insper

Link de Interesse

<https://rac.anpad.org.br/index.php/rac/article/view/995>

- #### **Palavras-chave:** Casos para Ensino; Método do Caso; Aprendizagem Centrada no Participante; Aprendizagem Baseada em Caso; Aprendizagem Ativa.



Avaliação do ensino superior

Principais Abordagens

- A avaliação institucional e a qualidade nas IES brasileiras;



- Impacto dos Programas de Pós-graduação sobre o desenvolvimento local, regional e nacional;
- Participação em rankings e a credibilidade das instituições;
- Impactos da regulamentação sobre a legitimidade institucional;
- Pilares da avaliação institucional;
- Relação entre os meios e os fins da avaliação;
- Planejamento Estratégico x normas regulatórias;
- Política de internacionalização científica brasileira;
- O papel da avaliação na expansão acadêmico-científica;
- Profissionalização da gestão no ensino superior;
- Competição, cooperação e conformidade na gestão universitária;
- Paradoxo entre regionalidade e acesso aos recursos;
- Burocracia e efetividade organizacional;
- Órgãos de avaliação e controle como orientadores da governança institucional.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

ABBOTT, M.; DOUCOULIAGOS, C. The efficiency of Australian universities: a data envelopment analysis. **Economics of Education Review**, Cambridge, v. 22, n. 1, p. 89-97, Feb. 2003. [https://doi.org/10.1016/S0272-7757\(01\)00068-1](https://doi.org/10.1016/S0272-7757(01)00068-1)

AFONSO, Almerindo Janela. **Avaliação educacional: regulação e emancipação**. São Paulo: Cortez, 2000

BERNARDINO, P.; MARQUES, R. C. Academic rankings: an approach to rank portuguese universities. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 66, p. 29-48, jan. 2010. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362010000100003>.

BIGGS, J.; TANG, C. **Teaching for Quality Learning at University 3**. Ed. New York: McGraw Hill, 2007.

CHAUI, Marilena. A universidade pública sob a nova perspectiva. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26.*, 2003, Poços de Caldas. **Anais...** Poços de Caldas, 2003. Conferência na Sessão de Abertura.

CHAUI, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Edunesp, 2001.

CUNHA, Luiz Antônio. Nova reforma do ensino superior: a lógica reconstruída. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 101, p. 20-49, jul. 1997.

DOURADO, Luis Fernandes. Políticas e gestão da educação básica no Brasil: limites e perspectivas. *Educação e Sociedade*, Campinas SP, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 922-946, out.2007



FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006.

FIRDAUS, Abdullah. The development of Hedperf: a new measuring instrument f service quality for the higher education sector. **International Journal of Consumer Studies**, v.30, n.3, Nov. 2006. p. 569-581

HUNT, F. Dropping out from school: a cross country review of literature. United Kingdom: Centre for International Education, **School of Education, University of Sussex**, 2008. (Create Pathways to access Research Monograph, n. 16).

KATHARAKI, M.; KATHARAKIS, G. A comparative assessment of Greek universities' efficiency using quantitative analysis. **International Journal of Educational Research**, Amsterdam, v. 49 n. 4-5, p. 115-128, Nov. 2010.

MACHADO, M.P.; VERA-HERNANDEZ, M. Does Class Size Affect the Academic Performance of First Year College Students? Mimeo University College London, 2008.

MAINARDES, Emerson Wagner; LOURENÇO, Luis; TONTINI, Gerson. Percepções dos Conceitos de Qualidade e Gestão pela Qualidade Total: estudo de caso na universidade. **GESTÃO. Org-Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 8, n. 2, 2010

MARQUES, André; LOPES, Cláudia Valéria Pinto. **Ensino: Como encantar o aluno e vencer a concorrência**. 1ª edição. São Paulo, DISAL, 2007

NEIVA, C. **Avaliação institucional**. Brasília: Dois Pontos, 1987.

RISTOFF, Dilvo Ilvo. **Universidade em foco: reflexões sobre a educação superior**. Florianópolis, SC: Insular, 1999.

Souza, S. A., & Reinert, J. N. (2009). Avaliação de um curso de ensino superior através da satisfação/insatisfação discente. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, 15(1), 159-176.

VAN RAAN, Anthony. Fatal attraction: conceptual and methodological problems in the ranking of universities by bibliometric methods. **Scientometrics**, Budapest, v. 62, n. 1, p. 133-43, 2005.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

ANDRIOLA, Wagner Bandeira; ARAÚJO Adriana Castro. Uso de indicadores para diagnóstico situacional de Instituições de ensino superior. **Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 100, p. 645-663, 2018.

BAUREN, Ilse Maria; TEIXEIRA, Silvio Aparecido. Avaliação dos sistemas de controle gerencial em instituição de ensino superior com o performance management and control. Avaliação, **Journal of Information Systems and Technology Management**, Brasil, v. 11, n. 1, p. 169-192, 2014.



BARBOSA, F. V. et al. Fatores influenciadores da competitividade na educação superior privada brasileira. **Revista Global Manager**, v. 14, n. 1, p. 19-39, 2014.

BAYRAKTAROGLU, G.; ATREK, B. Testing the Superiority and Dimensionality of SERVQUAL vs. SERVPERF in Higher Education. **Quality Management Journal**, 17:1, p. 47-59, 2010.

BERBEGAL-MIRABENT, J.; SOLÉ, F. What are we measuring when evaluating universities efficiency? Regional and Sectoral Economic Studies, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 31-46, Jan. 2012.

BESE, Regina Macedo Boaventura. Um Breve Histórico da avaliação institucional no Brasil. **Revista Gestão Universitária**, São Paulo, n. 100, p. 138-496, 2007. Disponível em: <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/um-breve-historico-da-avaliacao-institucional-no-brasil>. Acesso em: 22 out. 2019.

BITITCI, Umit et al. PM: challenges for tomorrow. **International Journal of Management Review**, United Kingdom, v. 14, n. 3, p. 305–327, 2012.

BUSCÀ, Francesc; PINTOR, Patricia; MARTÍNEZ, Lurdes; PEIRE, Tomás. Sistemas y procedimientos de Evaluación Formativa en Entramado Vol. 17 No. 1, 2021 (Enero - Junio) 166 docencia universitaria: resultados de 34 casos aplicados durante el curso académico 2007-2008. En: **Estudios sobre educación**, 2010. vol. 18, p. 255-276. <https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/9829/2/>

CASTRO, Rosângela Nunes Almeida *et al.* Integração de processos avaliativos em uma instituição de ensino superior brasileira. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 23, n. 1, p. 58-74, 2018.

ÇERA, Gentjan et al. Gender differences in perception of the university education quality as applied to entrepreneurial intention. **Journal of International Studies**, 2018.

CHRISTOPHER, Joe. The adoption of internal audit as a governance control mechanism in Australian public universities—views from the CEOs. **Journal of Higher Education Policy and Management**, v. 34, n. 5, p. 529-541, 2012.

CORRÊA, Angela Cristina *et al.* Resistência à mudança na educação superior: design e operacionalização de um instrumento de medida para o MEES. **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 55-78, 2013.

DA COSTA GALVÃO, Laila Lidiane; SADOYAMA, Adriana dos Santos Prado. Avaliação da expectativa e percepção da qualidade dos serviços educacionais na perspectiva de gestores, professores e estudantes de um instituto federal do estado de Minas Gerais (MG). **Revista EDaPECI**, v. 17, n. 2, p. 131-143, 2017.



DA ROSA BORGES, Gustavo; CARVALHO DE SOUZA DOMINGUES, Maria José; DA SILVA CORDEIRO, Rita de Cássia. Student's trust in the university: Analyzing differences between public and private higher education institutions in Brazil. **International Review on Public and Nonprofit Marketing**, v. 13, p. 119-135, 2016.

DE WITTE, Kristof et al. A critical review of the literature on school dropout. **Educational Research Review**, v. 10, p. 13-28, 2013.

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. A Educação e a Covid-19. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 28, p. 545-554, 2020.

FELIX, Glades Tereza; BERTOLIN, Julio Godoy; POLIDORI, Marlis Morosini. Avaliação da educação superior: um comparativo dos instrumentos de regulação entre Brasil e Portugal. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 22, p. 35-54, 2017.

FRANCISCO, Thiago Henrique Almino et al. Análise epistemológica da avaliação institucional da educação superior brasileira: reflexões sobre a transposição de paradigmas. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 20, p. 531-562, 2015.

GUIRONNET, Jean-Pascal; PEYPOCH, Nicolas. The geographical efficiency of education and research: The ranking of US universities. **Socio-Economic Planning Sciences**, v. 62, p. 44-55, 2018.

HEIDERSCHEIDT, Francisca Goedert; FORCELLINI, Fernando Antônio. Histórico das avaliações institucionais e sua mudança na percepção de valor. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 26, p. 177-196, 2021.

HOFFMANN, Celina *et al.* O desempenho das universidades brasileiras na perspectiva do Índice Geral de Cursos (IGC). **Educação e Pesquisa**, Campinas, v. 40, n. 3, p. 651-666, 2014.

HOPER – EDUCAÇÃO. **Análise Setorial da Educação Superior Privada**, 11ª.Edição,2018.

IVENICKI, A. Multiculturalismo e formação de professores: dimensões, possibilidades e desafios na contemporaneidade. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 100, p. 1151-1167, jul./set. 2018.

MAINARDES, Emerson Wagner; LOURENÇO, Luis; TONTINI, Gerson. Percepções dos Conceitos de Qualidade e Gestão pela Qualidade Total: estudo



de caso na universidade. **GESTÃO. Org-Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 8, n. 2, 2010

Matuichuk, M., & Silva, M. C. da. (2013). Avaliação do docente pelo discente na melhoria do desempenho institucional: UTFPR/SIAVI. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, 21(79), 323–348.

MORTAGY, Yehia *et al.* An analytical investigation of the characteristics of the dropout students in higher education. **Informing Sci. Inform. Technol.**, USA, n. 15, 249–278, 2018. Disponível em: <https://www.informingscience.org/Publications/3999>. Acesso em: 15 ago. 2019.

POFFO, Gabriella Depine; MARINHO, Sidnei Vieira. Qualidade na percepção discente do curso de administração. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, v. 6, n. 2, p. 210-230, 2013.

PUCCIARELLI, Francesca; KAPLAN, Andreas. Competition and Strategy in Higher Education: Managing Complexity and Uncertainty. **Business Horizons**, Indiana, v. 59, n. 3, p. 311–320, 2016.

RIBEIRO, Jorge Luiz Lordêlo de Sales. SINAES: o que aprendemos acerca do modelo adotado para avaliação do ensino superior no Brasil. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 20, n. 1, p. 143-161, 2015.

STEINHARDT, Isabel *et al.* Mapping the quality assurance of teaching and learning in higher education: the emergence of a specialty? **Higher Education**, Netherlands, v. 74, n. 2, p. 221-237, 2016

WEBB, O. J.; COTTON, D. R. E. Deciphering the sophomore slump: changes to student perceptions during the undergraduate journey. **Higher Education**, v. 77, p. 173-190, 2019.

Possibilidades de Estudos

- Estudos comparativos entre métricas nacionais e internacionais de avaliação do ensino superior;
- Reflexões críticas sobre o papel da avaliação na expansão acadêmico-científica;
- Discussão sobre o uso de indicadores na avaliação institucional;
- Estudos sobre distintos modelos de avaliação para o ensino superior adotados no Brasil.



Principais Revistas e Periódicos

Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior

Higher Education

Economics of Education Review

Educação e Pesquisa

Educational Research Review

Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação

Estudios sobre educación

International Journal of Educational Research

International Review on Public and Nonprofit Marketing

Journal of Higher Education Policy and Management

Links de Interesse


<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>

https://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2017/metodologia_indicadores_trajetoria_curso.pdf

<https://www.oecd.org/education/education-at-a-glance/>

<https://www.semesp.org.br/pesquisas/mapa-do-ensino-superior-no-brasil-2019/>

<https://gazette.web.ox.ac.uk/report-of-the-national-committee-of-inquiry-into-higher-education-dearing-report-1-to-no-4449>

 **Palavras-chave:** Avaliação; Desempenho; Qualidade; Regulamentação; Legitimidade.



Design Science na Pesquisa

✦ Principais Abordagens:

- Discussão sobre o paradigma de Design Science;
- Métodos de pesquisa nesse paradigma (DSR e Technical Action Research – TAR, por exemplo);
- Critérios e processo de validação dos artefatos, interna e externamente;
- Métodos de coleta e análise utilizados ao longo da pesquisa em DS (entrevistas, grupo focal, estudo de caso, survey etc.);
- Discussões sobre definição de tipos de artefatos, de classe de problemas e generalização;
- Pesquisas resultantes da aplicação de Design Science. Design Science

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas

AKEN, Joan E. van. Management research based on the paradigm of the design sciences: the quest for field-tested and grounded technological rules. **Journal of management studies**, v. 41, n. 2, p. 219-246, 2004.

BALDWIN, C.; CLARK, K. Design Rules: The power of modularity. Caimbridge. 2000.

BASKERVILLE, Richard; PRIES-HEJE, Jan; VENABLE, John. Soft design science methodology. In: **Proceedings of the 4th international conference on design science research in information systems and technology**. 2009. p. 1-11.

BAYAZIT, Nigan. Investigating design: A review of forty years of design research. **Design issues**, v. 20, n. 1, p. 16-29, 2004.

COLLINS, Allan; JOSEPH, Diana; BIELACZYK, Katerine. Design research: Theoretical and methodological issues. **The Journal of the learning sciences**, v. 13, n. 1, p. 15-42, 2004.

DE SORDI, José Osvaldo; MEIRELES, Manuel; SANCHES, Cida. Design science: uma abordagem inexplorada por pesquisadores brasileiros em gestão de sistemas de informação. **XXXIV Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro**, 2010.

EDER, W. Ernst. Design modeling-a design science approach (and why does industry not use it?). **Journal of Engineering Design**, v. 9, n. 4, p. 355-371, 1998.



GLANZEL, Wolfgang; SCHUBERT, Andras. Analyzing scientific collaboration through co-authorship. In: **International Workshop on Webometrics, Informetrics and Scientometrics (2-5 March 2004, Roorkee)**. 2004. p. 99-109.

GREGOR, Shirley et al. The anatomy of a design theory.

HEVNER, Alan R. A three cycle view of design science research. **Scandinavian journal of information systems**, v. 19, n. 2, p. 4, 2007.

HEVNER, A. R. et al. Design science in information systems research. **MIS Q** 28 (1): 75–105. 2004.

HOLMSTRÖM, Jan; KETOKIVI, Mikko; HAMERI, Ari-Pekka. Bridging practice and theory: A design science approach. **Decision sciences**, v. 40, n. 1, p. 65-87, 2009.

IIVARI, Juhani. A paradigmatic analysis of information systems as a design science. **Scandinavian journal of information systems**, v. 19, n. 2, p. 5, 2007.

JÄRVINEN, Pertti. Action research is similar to design science. **Quality & quantity**, v. 41, p. 37-54, 2007.

KUECHLER, Bill; VAISHNAVI, Vijay. On theory development in design science research: anatomy of a research project. **European Journal of Information Systems**, v. 17, n. 5, p. 489-504, 2008.

MARCH, Salvatore T.; SMITH, Gerald F. Design and natural science research on information technology. **Decision support systems**, v. 15, n. 4, p. 251-266, 1995.

VAN AKEN, Joan Ernst; ROMME, Georges. Reinventing the future: adding design science to the repertoire of organization and management studies. **Organization Management Journal**, v. 6, n. 1, p. 5-12, 2009.

WINTER, Robert. Design science research in Europe. **European Journal of Information Systems**, v. 17, p. 470-475, 2008.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

CÂNDIDO, L. F.; LIMA, SHO; BARROS NETO, J. P. Análise da aplicação da abordagem Design Science em estudos na área de gestão e economia da construção. **ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO**, v. 38, 2014.

DE SORDI, José Osvaldo; MEIRELES, Manuel; SANCHES, Cida. Design Science aplicada às pesquisas em administração: Reflexões a partir do recente



histórico de publicações internacionais. **RAI Revista de Administração e Inovação**, v. 8, n. 1, p. 10-36, 2011.

DRESCH, Aline; LACERDA, Daniel Pacheco; JUNIOR, José Antonio Valle Antunes. **Design science research: método de pesquisa para avanço da ciência e tecnologia**. Bookman Editora, 2015.

GAB, Oliver et al. Anatomy of knowledge bases used in design science research: a literature review. In: **Design Science Research in Information Systems. Advances in Theory and Practice: 7th International Conference, DESRIST 2012, Las Vegas, NV, USA, May 14-15, 2012. Proceedings 7**. Springer Berlin Heidelberg, 2012. p. 328-344.

GREGOR, Shirley; HEVNER, Alan R. Positioning and presenting design science research for maximum impact. **MIS quarterly**, p. 337-355, 2013.

JÄRVINEN, Pertti. On boundaries between field experiment, action research and design research. 2012.

PAPAS, Nikolaos; O'KEEFE, Robert M.; SELTSIKAS, Philip. The action research vs design science debate: reflections from an intervention in eGovernment. **European Journal of Information Systems**, v. 21, n. 2, p. 147-159, 2012.

RUSSO, R., PEDRON, Cristiane, RAFAEL, Diego, MOUTINHO, José. Design Science em Administração: Estado da Arte do Paradigma. Enanpad 2020.

VAISHNAVI, Vijay K.; KUECHLER, William. **Design science research methods and patterns: innovating information and communication technology**. Crc Press, 2015.

Possibilidades de Estudos

- Como podemos garantir que a metodologia de pesquisa em design Science seja apropriada para o problema que está sendo estudado e que os artefatos ou modelos criados sejam eficazes e relevantes?
- Quais são as melhores práticas para projetar e implementar um projeto de pesquisa em design Science e como podemos garantir que seja conduzido com ética e rigor?
- Como podemos equilibrar a necessidade de inovação e criatividade na pesquisa em design Science com a necessidade de soluções práticas para problemas do mundo real?
- Como podemos garantir que os resultados da pesquisa em design Science sejam aplicáveis a uma ampla gama de contextos e não limitados ao problema ou domínio específico que está sendo estudado?



- Qual é a relação entre a pesquisa em design Science e outras metodologias de pesquisa, como abordagens positivistas e interpretativas, e como elas podem ser integradas ou usadas em conjunto umas com as outras?

Revistas e Periódicos

European Journal of Information Systems

Scandinavian Journal of Information Systems

Decision Support Systems

Journal of the Association for Information Systems

Revista de Administração e Inovação

Organization Management Journal


Design Issues

Journal of the Learning Sciences

Links Interesse

<https://www.scielo.br/j/jistm/a/kzhJNH7KfJCgDpPCLGzWX8H/?lang=pt>

http://anpad.com.br/pt_br/event/details/114#navsidebar-1792

-  **Palavras-chave:** Design Science; Design Science Research; Artefatos; Produção Tecnológica; Método em DSR



Gestão das Instituições de Ensino Superior e suas Estratégias de Competitividade

Principais Abordagens

- Estratégias de IES;
- Interação universidade-empresa;
- Tomada de decisão em IES;
- Desenvolvimento sustentável em IES;
- Responsabilidade socioambiental universitária;



- Gestão de pessoas e liderança em IES;
- Gestão acadêmica;
- Marketing educacional em IES;
- Inovação tecnológica em IES;
- Universidades empreendedoras;
- Universidades virtuais.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

AMARAL, Nelson Cardoso. O sistema federal de ensino superior brasileiro: organização e financiamento. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 2, n. 01, p. 25-40, 1997.

BERTUCCI, JL de O. Estratégia e Performance Organizacional em Instituições de Ensino Superior: as PUCs Brasileiras em Busca de Efetividade. Encontro da Anpad. **Anais do XXIV EnAnpad. Florianópolis: Anpad. CD-ROM**, 2000.

LAMARRA, Norberto Fernández. La universidad en America Latina y Argentina: problemas y desafios políticos y de gestión. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, v. 1, n. 1, p. 40-64, 2007.

MENEZES, Paulo Henrique Barroso. **Antecedentes da efetividade da gestão de instituições de ensino superior**. 2014. Tese de Doutorado. Mestrado em Administração.

ROMO, Sergio Martínez. Gestion, evaluacion y calidad en la diversificacion de la Educacion Superior en America Latina. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2007.

SOUZA, Fernando Menezes Campello de; SOUZA, Bruno Campello de. Parâmetros para análise e utilização de resultados estatísticos na avaliação institucional. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 2, n. 01, p. 49-52, 1997.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

ATVARS, Teresa Dib Zambon et al. Gestão estrategica em instituições universitárias: desafios da universidade pública/Strategic management in university institutions: public university challenges. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 1, p. 2535-2556, 2020.

CARDOSO VIEIRA, A. Aplicabilidade da Inteligência na Criação de uma Instituição de Ensino Superior. **Revista Gestão & Sustentabilidade**, v. 1, n. 1, p. 162 - 172, 17 jun. 2019.



DOS SANTOS, Elaine Garcia; MAEHLER, Alisson Eduardo; DE MELLO, Simone Portella Teixeira. A Orientação Empreendedora (OE) na universidade pública: um estudo de caso. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, p. 175-197, 2021.

GAMA, Maria Eliza Rosa; SANTOS, João Timóteo de los. Gestão na educação superior e as avaliações de suas práticas. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 25, p. 458-476, 2020.

GAROZZI, Eduardo Beeck; RAUPP, Fabiano Maury. Alinhamento entre custos, orçamento e planejamento estratégico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, p. 25-48, 2021.

MONTICELLI, Nelma Aparecida Magdalena et al. Avaliação institucional e gestão estratégica-vínculos necessários para o desenvolvimento institucional. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 26, p. 315-342, 2021.

Possibilidades de Estudos

- Produtividade antes e depois da pós-graduação e o pós-doutorado, incluindo a população de docentes pós-doutores como amostra;
- Pesquisas envolvendo programas de pós-graduação stricto sensu em administração com notas 3 e 4;
- Pesquisar sobre os modelos de coordenação dos programas de pós-graduação stricto sensu;
- Estudar sobre as estratégias adotadas pelos gestores para uma boa gestão universitária nos ambientes públicos e privados.

Principais Revistas e Periódicos

The Brazilian Journal of Development (BJD)

A Revista Gestão Universitária na América Latina – GUAL

A Revista Gestão e Sustentabilidade - RG&S

A Contextus - Revista Contemporânea de Economia e Gestão

Semesp - Revista Ensino Superior

Revista da Avaliação da Educação Superior



 **Link de Interesse**

<https://www.geduc2021.com.br/>

Revistas e Periódicos da Grande Área

Academy of Management Learning and Education

<http://amle.aom.org>

Entrepreneurship Education

<https://www.springer.com/journal/41959>

International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research

<https://www.emerald.com/insight/publication/issn/1355-2554>

Administração: Ensino e Pesquisa Revista - RAEP

<https://raep.emnuvens.com.br/raep>

Journal of Management Education

<https://journals.sagepub.com/home/jme>

International Journal of Management Education

<https://www.journals.elsevier.com/the-international-journal-of-management-education>

Management Teaching Review

<https://journals.sagepub.com/home/mtr>

Links de Interesse da Grande Área

Sage Publication Journals

<http://journals.sagepub.com/search/advanced>

Academy of Management

<http://aom.org><http://journals.aom.org/search>

SPELL

<http://www.spell.org.br>

Emerald

<http://www.emeraldinsight.com>

JSTOR

<https://www.jstor.org>



SCIELO

<http://www.scielo.org/php/index.php?lang=en>

EBSCO Routledge

<https://www.routledge.com/products/search>

Wiley Online Library

<https://onlinelibrary.wiley.com/action/showPublications?PubType=journal>

ScienceDirect

<https://www.sciencedirect.com/browse/journals-and-books>

Taylor & Francis Online Journals

<https://www.tandfonline.com/action/showPublications?pubType=journal>



GLOSSÁRIO DE ENSINO E PESQUISA

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

 **Artefatos**

Nos estudos envolvendo a design science, a noção de “design” pode assumir diversos significados, incluindo: resolução de problemas, produto, processo, propósito, planejamento, comunicação, valor, prática profissional e serviço (MCKAY; MARSHALL; HIRSCHHEIM, 2012). Design, como um verbo, refere-se ao ato de planejar ou criar algo para um propósito específico. Como substantivo, refere-se ao produto do processo de design (artefato). Ou seja, artefatos, nesse contexto, são produtos do processo de design. (SOUZA et al., 2016, p. 01).

 **Aprendizagem Ativa**

A educação do século XX é o resultado de uma evolução que passa por diversos pensadores – desde as ideias de aprendizagem pelo condicionamento de Montessori, a aprendizagem por experiência de Frenet, chegando a Piaget, Vygotsky e, no século XX, a aprendizagem significativa de David Ausubel, a crítica ao modelo de educação bancária de Paulo Freire e o construtivismo do francês Michael Foucault - que discutem os modelos de ensino e expressam a necessidade da autonomia do estudante. Tais mudanças e a ideia de autonomia do educando levaram ao desenvolvimento de metodologias ativas de ensino que têm o objetivo de formar profissionais independentes, críticos e formadores de opinião. Podemos descrever metodologias ativas como o processo em que os estudantes desenvolvem atividades que necessitam de reflexão de ideias e desenvolvimento da capacidade de usá-las. Dentre os elementos que compõem as metodologias ativas e a aprendizagem ativa



devem-se considerar, conceitualmente, dois atores: o professor, que deixa de ter a função de proferir ou de ensinar, restando-lhe a tarefa de facilitar o processo de aquisição do conhecimento; e o aluno, que passa a receber denominações que remetem ao contexto dinâmico, tais como estudante ou educando. Tudo isto para deixar claro o ambiente ativo, dinâmico e construtivo que pode influenciar positivamente a percepção de educadores e educandos. (FARIAS; MARTIN; CRISTO, 2015, p. 145). A aprendizagem ativa ou experiencial está no epicentro das reflexões sobre a produção e análise de casos porque se caracteriza como um processo pelo qual o conhecimento é criado por meio da transformação da experiência (D. Kolb, 1984), além de ser entendida como um conjunto de ferramentas e técnicas para estimular a vivência de experiências que promovam a aprendizagem (A. Y. Kolb & Kolb, 2005). Ela ocorre a partir da participação ativa e responsiva do aluno no processo de aprendizagem quando há o envolvimento cognitivo, afetivo e comportamental no desenvolvimento de competências (Bangs, 2011). (ALBERTON; SILVA, 2018, p. 751).

Competências para o ensino virtual

O desenvolvimento das competências virtuais é importante para o administrador, pois o conceito de competência proposto por Zarifian (2001) aborda a mobilização de recursos de forma holística. Sendo assim, o administrador pode valer-se das competências virtuais a fim de mobilizar e utilizar competências técnicas e comportamentais agregando valor a suas ações. E isto é importante para as organizações já que a virtualidade e o avanço das TICs têm se tornado cada vez mais evidente, e, tem transformado as relações intra e extraorganizacionais, Yonemoto (2004).

Contabilometria

Conforme Ludícibus (1982), a Contabilometria é uma nova área do conhecimento contábil que busca desenvolver o raciocínio matemático dos contadores através da aplicação de métodos quantitativos na solução de problemas contábeis. Sendo portanto, uma tentativa da Contabilidade de responder adequadamente a esses desafios, produzindo informações relevantes ao processo de gestão.

Design Science (DS)

DS tem sido bastante explorada nas pesquisas relacionadas a Sistemas de Informação (SI) e Inteligência Artificial (DE SORDI; MEIRELES; SANCHES, 2010). Por muito tempo, diversas nomenclaturas foram adotadas tornando difusa a compreensão do que de fato é Design Science. Vê-se na bibliografia pesquisada o uso de várias expressões, dentre as quais constam (i) Design Science, (ii) Design Science Research, (iii) Design Research, (iv) Design-based Research, (v) Constructive Research, (vi) Information System Research, (vii) Design Theory, (viii) Design-oriented Research, (ix) Information System Design Theory. Embora nem todas essas expressões sejam usadas com a mesma finalidade, as interseções de significados e a convergência quanto ao campo de aplicação terminam por gerar certa ambiguidade em seu uso e compreensão. Comuns a todas estas terminologias, há os seguintes aspectos: a preocupação com problemas práticos da vida real de uma dada organização, cuja solução é relevante para a realidade em questão, e se dá através da construção de artefatos que, inseridos no ambiente do problema, permitirão chegar a tais soluções e ampliar a base de conhecimento atual. (CÂNDIDO; LIMA; NETO,



2014, p.03). Enquanto as ciências tradicionais estão preocupadas em entender “como as coisas são”, a design science representa a ideia de “como as coisas deveriam ser”, buscando atingir objetivos através da resolução de problemas do cotidiano por meio do conhecimento sobre o que é útil (relevância) para o planejamento e para a formação de uma base científica (rigor) nos sistemas manipulados pelo homem (MARCH; SMITH, 1995; SIMON, 1996; VAN AKEN, 2004; 2005; DRESCH; LACERDA; ANTUNES JR, 2015). (SOUZA et al., 2016, p. 01).

Design Science Research (DSR)

Em síntese, a expressão Design Research pode também ser adotada quando um pesquisador estiver interessado em avaliar a importância de uma disposição adequada do ambiente físico (design de ambientes e interiores, por exemplo) para a produtividade de um grupo de trabalhadores; da mesma forma, quando outrem estiver a investigar a participação dos consumidores no processo de criação de artigos de moda (fashion design) e seus efeitos para a lealdade em relação à marca. Dadas as inúmeras áreas de aplicação do design, e para evitar possíveis ambiguidades, Kuechler e Vaishnavi (2011) utilizam a expressão Design Science Research, para referir-se ao processo de construção de conhecimento a partir da aplicação do Design como meio de construir e testar artefatos para buscar soluções de problemas reais, nos moldes ora discutidos. (LIMA et al., 2014, p.02). De acordo com Gregor e Hevner (2013) o DSR envolve a construção de uma ampla variedade de artefatos sociotécnicos, como sistemas de apoio à decisão, ferramentas de modelagem, estratégias de governança, métodos para a avaliação de sistemas de informação e intervenções de mudança de sistemas de informação. (SCHROEDER; FRANCISCO, 2020, p.02)

Epistemologia em administração

O desenvolvimento da epistemologia da administração tem se dado em várias direções. Analisa a produção geral do conhecimento no campo e adentra também em áreas específicas (finanças, marketing, estratégia, empreendedorismo, etc.), focalizando questões de método e de validade do que é produzido. Tal expansão do questionamento sistematizado pelos próprios atores da administração abre espaço para um maior diálogo entre os produtores de conhecimento, incluindo os gestores profissionais. Neste sentido, a epistemologia pode favorecer a tão desejada aproximação entre teoria e prática, entre pesquisadores e praticantes, numa ciência social aplicada. Quem sabe o desenvolvimento da epistemologia específica possa reduzir a tão discutida distância de interesses, de instrumentos e de procedimentos entre os pesquisadores, professores, consultores e gestores profissionais.

Planejamento estratégico em IES

O planejamento estratégico é uma das ferramentas de gestão estratégica e corresponde ao processo de formulação de estratégias (SOUZA et al., 2016). Ao ser implantado, a IES visa adequar seu desenvolvimento a parâmetros que podem ser controláveis, e assim, melhorar seu desenvolvimento nos aspectos gerenciais, administrativos e operacionais. Além disso, de reduzir as limitações identificadas após a conclusão do plano estratégico, que deve envolver elementos que identifiquem os obstáculos ao desenvolvimento empresarial e educacional, a elaboração de metas



realizáveis e um plano de trabalho que permeie toda a IES com a finalidade de concretizar os objetivos estabelecidos no planejamento estratégico (OLIVEIRA, 2001).

Profissionalização Docente

A profissionalização docente apresenta-se como um caminho promissor para uma formação que permita superar os desafios da educação superior. Lima e Riegel (2011) chamam a atenção para a pouca familiaridade de docentes da administração com autores, textos e temas da área da educação, criando-se uma expectativa quanto à formação docente que abarque disciplinas que possibilitem a aproximação com fundamentos epistemológicos da atividade docente por meio de reflexões críticas acerca de suas práticas enquanto docentes. Assim, defende-se a importância de iniciativas, no âmbito dos programas pós-graduação, que permitiriam a criação de espaços de discussão, reflexão e crítica sobre a prática docente.

ÁREAS TEMÁTICAS NAPP



ESTRATÉGIA EM ORGANIZAÇÕES



FICHA TÉCNICA

Universidade Federal da Bahia
Reitor

Paulo César Miguez de Oliveira

Vice-reitor

Penildon Silva Filho

Escola de Administração

Diretor

João Martins Tude

Vice-diretor

André Luis Nascimento dos Santos

Núcleo de Pós-graduação da Escola de Administração da UFBA

Coordenador

Genauto Carvalho França Filho

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Acadêmico

Coordenadora

Andréa Cardoso Ventura

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Profissional

Coordenadora

Elisabeth Matos Ribeiro

Núcleo de Apoio a Pesquisa e Publicação – NAPP

Coordenador

Horacio Nelson Hastenreiter Filho

Coordenadora de Conteúdos

Justina Tellechea

Design Instrucional

Tairine Nunes

Autores

Justina Tellechea

Monique Silva Costa

Tânia Benevides

Ano de Publicação (2023)

Edição (2023)



ESTRATÉGIA EM ORGANIZAÇÕES:

Professores: Tânia Benevides (coordenadora), Sérgio Góes, Horacio Nelson Filho e Antônio Francisco

Aluna(o)s: Justina Tellechea e Monique Silva Costa (Egressa)

Subareas Temáticas:

Eixos Estruturantes



Eixos Temáticos



O Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicações - NAPP oferece suporte para o fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual dos professores, pesquisadores, egressos e alunos vinculados ao Núcleo de Pós-Graduação em Administração da UFBA.

Por meio das divisões acadêmicas e temas de interesse propostos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - ANPAD, este material busca explorar as áreas e subáreas temáticas da gestão, apresentando aos leitores as principais abordagens, as referências bibliográficas clássicas e contemporâneas, as possibilidades de estudos, as revistas e periódicos e um glossário com verbetes da área de estudo.



Fundamentos Econômicos da Estratégia

✦ Principais Abordagens:

- Estratégias de crescimento e desenvolvimento;
- Padrões contemporâneos de industrialização;
- Política macroeconômica e estratégia de desenvolvimento;
- Globalização, estado e trajetórias nacionais;
- Fundamentos geopolíticos;
- Mecanismos de financiamento;
- Capacidade absorptiva;
- Estrutura organizacional;
- Custo de transação;
- Teoria da agência;
- Sustentabilidade.

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas:

CHANG, Ha-Joon. **Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica**. Unesp, 2004.

CHESNAIS, François. A globalização e o curso do capitalismo de fim-de-século. **Economia e sociedade**, v. 4, n. 2, p. 1-30, 1995.

FAJNZYLBER, Fernando. **Industrialización en América Latina: de la caja negra" al" casillero vacío": comparación de patrones contemporáneos de industrialización**". Cepal, 1990.

SALES, Adalene. GUERREIRO RAMOS, Alberto. A Nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1981. XXII, 21 Op.

✦ Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:

PENG, Mike W. **Estrategia global**. Cengage Learning, 2015.

SALAMA, Pierre. **El desafio de las desigualdades: America Latina-Asia. Una comparacion economica**. Siglo XXI, 2008.



✈ **Possibilidades de Estudos:**

- Estudos sobre diversificação das estratégias de desenvolvimento.
- Quais os principais desafios enfrentados pelas organizações frente aos padrões contemporâneos de industrialização?
- Como a intervenção fiscal do estado interfere nas estratégias de desenvolvimento?
- Influência da agenda “neoliberal” para a política comercial.



Competitividade

✈ **Principais Abordagens:**

- Capacidade da firma em promover o melhor trade-off entre o processo de exploitation (exploração) e exploration (exploração);
- Estratégias competitivas: Liderança de Custo; Diferenciação; Foco e Enfoque;
- Estratégia do Oceano Azul;
- Design organizacional;
- Adaptação organizacional;
- Aprendizagem organizacional;
- Sobrevivência organizacional.

✈ **Referências bibliográficas seminais/clássicas**

BARNEY, Jay; HESTERLY, W.S. **Administração estratégica e vantagem competitiva**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011. 432 p.

HAGUENAUER, Lia. Competitividade: conceitos e medidas: uma resenha da bibliografia recente com ênfase no caso brasileiro. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, ed. 1, p. 146-176, 2012.

MANDENG, Ousmène Jacques. Competitividad internacional y especialización. **Revista de la CEPAL**, Santiago, n. 45, 1991.

PORTER, Michael. **Estratégia Competitiva: Técnicas para análise de indústrias e da concorrência**. São Paulo: GEN Atlas, 2005. 448 p.

✈ **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

BRITO, Renata Peregrino de; BRITO, Luiz Artur Ledur. Vantagem competitiva e sua relação com o desempenho: uma abordagem baseada em valor. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 16, n. 3, p. 360-380, 2012.



KLEIN, Andrew. Organizational culture as a source of competitive advantage. E-Leader Bangkok, p. 1-10, 2008.

PEREIRA, Luis Carlos Bresser. **Globalização e competição: porque alguns países emergentes têm sucesso e outros não**. Rio de Janeiro: Alta Books Editora, 2018. 248 p.

✦ **Possibilidades de Estudos:**

- Incorporação da sustentabilidade nas práticas organizacionais: uma vantagem competitiva.
- Capacitação tecnológica endógena como ferramenta para conquistas de vantagens competitivas.
- Micro e pequenas empresas e a criação de vantagens competitivas no mundo pós-pandemia.



Cooperação e Formação em Redes

✦ **Principais Abordagens:**

- Antecedentes, dinâmicas e resultados da competição, cooperação, coopetição e conflito;
- Instituições e desempenho por meio de relações interorganizacionais e interpessoais;
- Criação e apropriação de valor por meio de estratégias de competição, cooperação e coopetição;
- Relações interpessoais em nível intraorganizacional, interorganizacional e inter-redes;
- Estratégias de relacionamento para co-marketing ou co-inovação;
- Lógica institucional das estratégias de relacionamento;
- Gerenciamento das tensões de competição, cooperação e coopetição;
- Teoria de Redes, Clusters e Ecosistemas de Negócios;
- Competitividade de Redes, Clusters e Ecosistemas de negócios;
- Desempenho de Redes, Clusters e Ecosistemas de negócios;
- Análise Comparada de Redes, Clusters e Ecosistemas de negócios;
- Identificação de mecanismos de governança e gestão relacionados à eficácia de grupo;
- Relação entre vínculo social e recursos para governança e gestão de redes, clusters e ecossistemas;



- Mecanismos culturais e institucionais para gestão de redes, clusters e ecossistemas;
- Interação dinâmica de estrutura e gestão para o alcance de objetivos coletivos;
- Função da gestão na orientação estratégica de Redes, Clusters e Ecossistemas de Negócio;
- Dinâmica de inovação em Redes, Clusters e Ecossistemas de Negócios;
- Redes, Clusters, Ecossistemas de Negócio e Desenvolvimento Regional;
- Categorias Sociais em Redes, Clusters e Ecossistemas de Negócio;
- Abordagens Sociométricas de Organizações em Rede;
- Gestão de clusters e ecossistemas de negócios como redes complexas.

✈ **Referências bibliográficas seminais/clássicas**

CASTELLS, M. A **Sociedade em Rede**. 8ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARCON, Christian; MOINET, Nicolas. **La stratégie-réseau. Essai de stratégie**. ZéroHeure, 2000.

POWELL W.W. Neither Market nor Hierarchy: Network Forms of Organization. In: STAW, B. M.; CUMMINGS, L. L. (Orgs). **Research in Organizational Behavior**, v. 12. Greenwich: JAI Press, 1990.

✈ **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

BALESTRIN, Alsones; VERSCHOORE, Jorge. **Redes de Cooperação Empresarial: Estratégias de Gestão na Nova Economia**. Bookman editora, 2016.

DE CARVALHO, Adriano Dias. **O cooperativismo sob a ótica da gestão estratégica global**. Editora Baraúna, 2018.

MACIEL, Cristiano de Oliveira; CHAVES, Carlos Eduardo Liparotti. Status informacional em redes intraorganizacionais: o papel do compartilhamento do conhecimento e das lacunas estruturais. **Revista de Administração (São Paulo)**, v. 52, n. 2, p. 189-198, 2017.

MUELLER, Elisabeth. How to manage networks? The role of network attributes and incentives in network governance. **International Journal of Entrepreneurship and Small Business** 9, v. 15, n. 1, p. 57-75, 2012.

✈ **Possibilidades de Estudos:**

- Redes de cooperação entre organizações periféricas.
- Estratégias de formação de redes de cooperação internacionais.
- Estratégias cooperativas e desenvolvimento sustentável.



Desenvolvimento Corporativo

✈ Principais Abordagens:

- Diferenças no processo de formulação estratégica quando consideramos o business usual e uma orientação à inovação ou crescimento;
- Teorias já estabelecidas em estratégia que podem fornecer insights às abordagens empregadas na literatura sobre empreendedorismo;
- Effectuation, causation e/ou bricolage e a influência de seus respectivos antecedentes (contextuais e individuais) na ação empreendedora;
- Tentativa e erro, experimentação e aprendizagem e possíveis impactos no sucesso do novo empreendimento;
- Processos cognitivos e modelos mentais durante a formulação estratégica;
- Fatores externos (crises sociais, econômicas e políticas, feedbacks negativos do mercado) e seu impacto no pensamento e na ação empreendedora (ex.: pivotagem, reformulação do modelo de negócio, improvisação com recursos, orquestração de recursos, turnaround);
- Metodologias que capturem o processo empreendedor em empresas nascentes ou já estabelecidas.

✈ Referências bibliográficas seminais/clássicas

BECKHARD, Richard. **Desenvolvimento organizacional: estratégias e modelos**. Edgard Blucher, 1972.

LANGLEY, Gerald J. et al. **The improvement guide: a practical approach to enhancing organizational performance**. John Wiley & Sons, 2009.

LOBOS, Júlio. Desenvolvimento organizacional: teoria e aplicações. **Revista de Administração de Empresas**, v. 15, p. 21-32, 1975.

✈ Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:

ARGOTE, Linda; MIRON-SPEKTOR, Ella. Organizational learning: From experience to knowledge. **Organization science**, v. 22, n. 5, p. 1123-1137, 2011.

CASTELLS, Manuel. **The rise of the network society**. John wiley & sons, 2011.

DA FONTOURA, Fernando Batista Bandeira; TENÓRIO, Fernando Guilherme. Desenvolvimento Organizacional Multidimensional: uma perspectiva crítica para os estudos organizacionais. **Redes. Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 25, n. 2, p. 590-609, 2020.



 **Possibilidades de Estudos:**

- Quais são os principais desafios e transformações nas estratégias de desenvolvimento corporativo pós-pandemia?
- Estudo sobre as estratégias de desenvolvimento em organizações latino-americanas e as barreiras da dependência tecnológica.
- Perspectiva multidimensional do desenvolvimento organizacional.



Estratégia de Internacionalização

 **Principais Abordagens:**

- Estratégias globais e estruturas nas empresas multinacionais;
- Competição global, multinacionais e subsidiárias;
- A produção internacional e a cadeia de valor global;
- Transferência de tecnologia e conhecimento e inovação internacional;
- Como o ambiente internacional (p.ex., cultural, econômico, legal, político) influencia as atividades, estratégias, estruturas e processos de tomada de decisão das multinacionais;
- A influência do ambiente político, legal e regulatório na internacionalização e suas disfunções;
- O ambiente institucional e os negócios internacionais;
- A influência do governo e conexões na internacionalização e nas estratégias das empresas globais;
- Decisões de localização internacional e subnacional;
- CEOs, top management team e tomada de decisão nas multinacionais.
- Estudos sobre os modos de entrada (exportação, alianças estratégicas, aquisições);
- Estudos comparativos em diferentes países e ambientes institucionais;
- A internacionalização envolvendo mercados emergentes, multinacionais emergentes e (des)vantagens internacionais;
- Como a transformação digital influencia as estratégias de internacionalização e os negócios das empresas;
- A digitalização e novos modelos de negócio na internacionalização.

 **Referências bibliográficas seminais/clássicas:**

BARTLETT, Christopher A.; GHOSHAL, Sumantra. Gerenciando empresas no exterior: a solução transnacional. 1992.



DUNNING, John H.; LUNDAN, Sarianna M. **Multinational enterprises and the global economy**. Edward Elgar Publishing, 2008.

JOHANSON, janeiro; VAHLNE, Jan-Erik. O mecanismo da internacionalização. **Revisão de marketing internacional**, v. 7, n. 4, 1990.

PENROSE, Edith Tilton. **A teoria do crescimento da firma**. Editora Unicamp, 2006.

✈ **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

CALDAS, Miguel P.; JUNIOR, Thomaz Wood. Por que as empresas brasileiras não são globalmente competitivas? **Revista Economia & Gestão**, v. 7, n. 14, p. 15-30, 2007.

FLEURY, Afonso; FLEURY, Maria Tereza Leme. Internacionalização de empresas brasileiras: em busca de uma abordagem teórica para os late movers. **Internacionalização e os países emergentes**, 2007.

SANTOS JUNIOR. R. DE O. INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS: um estudo bibliométrico sobre a produção científica no Brasil nos anos de 2000 a 2017. **Anais...** Seminário em Administração -SEMEAD, São Paulo, 2017.

✈ **Possibilidades de Estudos:**

- Estudos sobre a internacionalização de empresas no contexto do capitalismo tardio (*late movers*).
- Estudos sobre a capacitação tecnológica a partir da internacionalização de empresas.
- Estudos sobre investimento direto externo como estratégia de desenvolvimento: contribuições e contradições.



Governança

✈ **Principais Abordagens:**

- Governança corporativa e visão de longo prazo;
- Conselhos de administração de alta performance;
- Os 4 princípios das melhores práticas de governança corporativa: Equidade; Prestação de contas; Transparência e Responsabilidade corporativa;
- Melhores práticas da governança corporativa;
- Os 8 Ps da governança corporativa;



- Diversidade na governança corporativa;
- Importância do Mercado de capitais e o papel dos acionistas;
- Fiscalização, controles e crescimento;
- Tone at the top: ética e conduta;
- Governança, Auditoria e Controle interno;
- Governança e Accountability em Governos Locais;
- Teoria de Stakeholders.

 **Referências bibliográficas seminais/clássicas**

ANDRADE, Adriana; ROSSETTI, José Paschoal. **Governança corporativa: fundamentos, desenvolvimento e tendências**. São Paulo: Atlas, 2004.

LETHBRIDGE, Eric. Governança corporativa. 1997.

SHLEIFER, A.; VISHNY, R. A Survey of Corporate Governance, the journal of Finance, Vol. 1997.

WILLIAMSON, Oliver E. Strategy research: governance and competence perspectives. **Strategic management journal**, v. 20, n. 12, p. 1087-1108, 1999.

 **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

AKTOUF, Omar. Governança e pensamento estratégico: uma crítica a Michael Porter. **Revista de Administração de Empresas**, v. 42, p. 1-11, 2002

ÁLVARES, Elismar; GUSSO, Eduardo. **Governança corporativa: um modelo brasileiro**. Elsevier, 2008.

RIBEIRO, Henrique César Melo; COSTA, Benny Kramer; FERREIRA, Manuel Anibal Silva Portugal Vasconcelos. Produção acadêmica dos temas estratégia e governança corporativa. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 13, n. 3, p. 28-46, 2014.

 **Possibilidades de Estudos:**

- Estudos sobre governança corporativa pós-pandemia: desafios e transformações.
- Estudos sobre governança corporativa: uma análise sobre a interdisciplinaridade do tema.
- Estudos sobre governança corporativa nas redes de cooperação global pós-pandemia.



Risco

✦ Principais Abordagens:

- Modelos de Gestão de Riscos Corporativos;
- Gestão de Riscos Corporativos e Gestão Estratégica dos Negócios;
- Gestão de Riscos Corporativos e Desempenho Organizacional;
- Gestão de Riscos Corporativos e Governança Corporativa;
- Cultura da Gestão de Riscos Corporativos;
- Análise de Riscos na Cadeia de Valor;
- Gestão de Riscos Corporativos e Gestão da Inovação;
- Gestão de Riscos Corporativos e Gestão dos Negócios Digitais;
- Gestão de Riscos Corporativos e Gestão de Negócios Internacionais
- Gestão de Riscos Corporativos no Setor Público;
- Gestão de Riscos em Startups;
- Maturidade em Gestão de Riscos Corporativo.

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

ASSI, Marcos. **Governança, riscos e compliance: mudando a conduta nos negócios**. Saint Paul Editora, 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR ISO 31000:2009 - Gestão de Riscos: **Princípios e Diretrizes**. Rio de Janeiro, ABNT, 2009. Disponível em: <https://gestravp.files.wordpress.com/2013/06/iso31000-gestc3a3o-de-riscos.pdf>.

COMMITTEE OF SPONSORING ORGANIZATIONS OF THE TREADWAY COMMISSION et al. Enterprise risk management-integrated framework. **(No Title)**, 2004.

KAPLAN, Robert S.; NORTON, David P. **A estratégia em ação: balanced scorecard**. Gulf Professional Publishing, 1997.

KAPLAN, Robert S. et al. Managing risks: a new framework. **Harvard business review**, v. 90, n. 6, p. 48-60, 2012.

KAPLAN, Robert S. **Organização orientada para a estratégia: como as empresas que adotam o balanced scorecard prosperam no novo ambiente de negócios**. Gulf Professional Publishing, 2000.



Possibilidades de Estudos:

- Como a gestão de riscos pode favorecer as atividades inovativas?
- Aprofundamento sobre a integração de frameworks de gestão de riscos e gestão de projetos.
- Discussão sobre a gestão de riscos corporativos e sua relação com o desempenho organizacional.
- Relação entre monitoramento e controle dos riscos.
- Estudos sobre utilização de frameworks de gestão de riscos no setor público.



Modelos

Principais Abordagens:

- Business Model;
- Inovação em modelos de Negócios;
- Modelos de negócios digitais;
- Strategy blue ocean;
- Value Proposition Design;
- Design Thinking;
- Modelos de estratégia: ofensiva, defensiva, imitativa, dependente, tradicional e oportunista;
- Aprisionamento/fidelização;
- Modelos ótimos;
- Modelos multiníveis;
- Ambientes estáveis e dinâmicos;
- Capacidades (capacidade dinâmica; capacidade absorptiva; capacidade inovativa; capacidade adaptativa, capacidades digitais, dentre outras.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

CARATTOLI, Mariela. Capacidades dinâmicas: linhas promissórias e desafios de pesquisa. **Cuadernos de administración**, v. 26, n. 47, p. 165-204, 2013.

EISENHARDT, Kathleen M.; MARTIN, Jeffrey A. Dynamic capabilities: what are they?. **Strategic management journal**, v. 21, n. 10-11, p. 1105-1121, 2000.



OSTERWALDER, Alexander; PIGNEUR, Yves. **Business Model Generation: Ein Handbuch für Visionäre, Spielveränderer und Herausforderer**. Campus Verlag, 2011.

OSTERWALDER, Alexander et al. **Value proposition design: How to create products and services customers want**. John Wiley & Sons, 2015.

RAY, Gautam; BARNEY, Jay B.; MUHANNA, Waleed A. Capabilities, business processes, and competitive advantage: choosing the dependent variable in empirical tests of the resource-based view. **Strategic management journal**, v. 25, n. 1, p. 23-37, 2004.

SCHRIBER, Svante; LÖWSTEDT, Jan. Recursos tangíveis e o desenvolvimento de capacidades organizacionais. **Scandinavian Journal of Management**, v. 31, n. 1, pág. 54-68, 2015.

✦ **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

KIM, W. Chan; MAUBORGNE, Renée. **Blue ocean shift: Beyond competing-proven steps to inspire confidence and seize new growth**. Hachette Books, 2017.

OSTERWALDER, Alexander et al. **The invincible company: how to constantly reinvent your organization with inspiration from the world's best business models**. John Wiley & Sons, 2020.

✦ **Possibilidades de Estudos:**

- Como usar ferramentas de modelagem de negócios para pivotar negócios?
- Estudos sobre aplicação do Design Thinking em processos inovativos;
- Estudos sobre adoção e estratégias organizacionais inovativas em ambientes dinâmicos;
- Estudos sobre os crescimentos dos modelos multiníveis.
- Como os gestores, de posse de modelos próprios do campo da estratégia, se apropriam deles, interpretam, constroem e reconstróem para a realização da estratégia?



Planejamento

✦ **Principais Abordagens:**

- Planejamento estratégico situacional;
- Tomada de decisão;



- Planejamento estratégico setorial;
- Planejamento estratégico participativo;
- Planejamento e orçamento governamental;
- Plano de negócios;
- Administração de projetos e planejamento estratégico;
- Análise dos ambientes interno e externo;
- Desenvolvimento e aplicação de metas e indicadores;
- Tipos de planejamento: estratégico, tático e operacional;
- Diagnósticos;
- Monitoramento de resultados;
- Técnicas de planejamento emergentes;
- Prestação de contas;
- Accountability.

 **Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas**

COLLINS, JIM; COLLINS, James Charles. **Empresas feitas para vencer: por que apenas algumas empresas brilham**. Gulf Professional Publishing, 2001.

HAMEL, Gary; PRAHALAD, Coimbatore K. Competindo pelo futuro. **Rio de janeiro: Campus**, v. 301, 1995.

SENGE, Peter M. **La quinta disciplina en la práctica**. Ediciones Granica SA, 2005.

 **Possibilidades de Estudos:**

- Quais os principais desafios do planejamento público participativo?
- Estudos sobre metodologias emergentes de planejamento estratégico.
- Comparação entre ferramentas de planejamento estratégico e suas aplicabilidades.
- Planejamento estratégico na era das mídias sociais;
- Avaliação das melhores práticas de planejamento estratégico para e-commerce;
- Planejamento estratégico na era da economia compartilhada.



Ferramentas

- **Análise SWOT**
- **As 5 Forças de Porter**
- **Canvas: Modelagem de Negócio**
- **Ciclo PDCA**
- **Diagrama de Dispersão**
- **Diagrama de Ishikawa**
- **Diagrama de Pareto**
- **Diagrama de processos**
- **Histograma**
- **Kanban**
- **Matriz BCG**
- **Matriz GUT**
- **Plano de Negócios**
- **Six Sigma**
- **5S**
- **5W2H**

Autores Clássicos da Área:

ANSOFF, Igor. **A nova estratégia empresarial**. São Paulo. Atlas. 1991.

BESANKO, David et al. **A Economia da Estratégia-5**. Bookman Editora, 2018.

HAMEL, G.; PRAHALAD C. K. **Competindo pelo futuro: estratégias inovadoras para obter o controle do seu setor e criar os mercados de amanhã**. Rio de Janeiro. Campus. 1995

KAPLAN, Robert S.; NORTON, David P. **Alinhamento.: utilizando o Balanced Scorecard para criar sinergias corporativas**. Rio de Janeiro: Altabooks, 20017.

KAPLAN, Robert S.; NORTON, David P. **Organização orientada para a estratégia: como as empresas que adotam o balanced**



scorecard prosperam no novo ambiente de negócios. Gulf Professional Publishing, 2000.

KAPLAN, Robert S.; NORTON, David P. **Mapas estratégicos: Balanced Scorecard: convertendo ativos intangíveis.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

MINTZBERG. H.; AHLSTRAND, B.; LAMPEL, J. **Safári de Estratégia.** Porto Alegre: Bookman, 2010.

MINTZBERG, Henry; QUINN, James Brian. **O processo da estratégia.** 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

PORTER, Michael. **Vantagem Competitiva: criando e sustentando um desempenho superior.** 12. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

PORTER, Michael. **Estratégia Competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência.** 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1986.

PORTER, Michael. **Competição: estratégias competitivas essenciais.** 10. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

Revistas e Periódicos da Grande Área

Periódicos

Links de acesso

RIAE - REVISTA IBERO-AMERICANA DE ESTRATÉGIA

<http://revistaiberoamericana.org/ojs/index.php/ibero>

REVISTA ELETRÔNICA DE ESTRATÉGIA & NEGÓCIOS

<https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/EeN/index>

REBRAE - REVISTA BRASILEIRA DE ESTRATÉGIA

<http://www.spell.org.br/periodicos/ver/86/revista-brasileira-de-estrategia>

GLOBAL STRATEGY JOURNAL

<https://onlinelibrary.wiley.com/journal/20425805>

JOURNAL OF ECONOMICS & MANAGEMENT STRATEGY

<https://onlinelibrary.wiley.com/journal/15309134>



Links de Interesse

Sites

Links de acesso:

EXPERIMENTA - GRUPO DE PESQUISA EM DESEMPENHO DE MARKETING E ESTRATÉGIA

<https://experimenta.unb.br/>

LABORATÓRIO DE INOVAÇÃO E ESTRATÉGIA EM GOVERNO (LINEGOV)

<http://www.linegov.com.br/>

CONSCIENT - LABORATÓRIO DE ESTUDOS EM CONSUMO SUSTENTÁVEL

<http://conscient.unb.br/>

LINSELAB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE INOVAÇÃO E SERVIÇOS

<http://www.linselab.unb.br/>

IOR&N - INTER-ORGANIZATIONAL RELATIONSHIPS AND NETWORKS RESEARCH GROUP – GERIR

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6420803255329856>

GP2C2 - GRUPO DE PESQUISAS EM GESTÃO DE PESSOAS, CLIENTES E CIDADÃOS

<http://gpegpc.blogspot.com/>

ABEIN - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECONOMIA INDUSTRIAL E INOVAÇÃO

<http://www.abein.org/>

ABRH BRASIL -ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RECURSOS HUMANOS

<https://www.abrhbrasil.org.br/cms/>

CFA - CONSELHO FEDERAL DE ADMINISTRAÇÃO

<https://cfa.org.br/>

IBGC - INSTITUTO BRASILEIRO DE GOVERNANÇA CORPORATIVA

<https://www.ibgc.org.br/>



**INSTITUTO EMPREENDER
ENDEAVOR
BRASIL**

<https://endeavor.org.br/>

**IED - INSTITUTO DE ESTUDOS
DESENVOL. INDUSTRIAL**

<https://iedi.org.br/>

**HARVARD BUSINESS
REVIEW**

<https://hbr.org/>

CONF. NACIONAL DE INDUSTRIA

<http://www.portaldaindustria.com.br/cni/>

**CEPAL - COMISSÃO ECON. PARA
A AMÉRICA LATINA E O CARIBE**

<https://www.cepal.org/pt-br/topicos/desenvolvimento-produtivo-empresarial>

SEBRAE

<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>



GLOSSÁRIO DE ESTRATÉGIA EM ORGANIZAÇÕES

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Britolage

Segundo Zavatierl (2019), significa trabalhar com os recursos próprios, para isso, deve-se estudar e conhecer com profundidade as capacidades dinâmicas das empresas, especialmente daquelas com recursos limitados, o que pode delinear possibilidades não consideradas anteriormente e permitir pensar o negócio sob novas perspectivas. ¹

Co-marketing

“É uma estratégia que une duas ou mais marcas ou empresas para planejar e realizar ações de marketing. Com o mesmo público-alvo e interesses em comum, elas somam esforços para promover experiências diferenciadas e gerar um impacto que talvez não conseguissem sozinhas.” (PATEL, 2023).

Competitividade

“Uma característica estrutural, (...) como a capacidade de um país de produzir determinados bens igualando ou superando os níveis de eficiência observáveis em



outras economias. O crescimento das exportações seria uma provável consequência da competitividade, não sua expressão. (...)” (HAGUENAUER, 2012).

Coopetição

Consoante os autores Brandenburger e Nalebuff (2011), esse termo significa ser possível haver competição entre as empresas concomitantemente à cooperação, ou seja, é possível que as entidades sejam concorrentes sem que haja destruição de nenhuma delas, bem como que cooperem entre si sem prejuízo para as atividades individuais de cada uma. ²

Ecosistemas de negócios

“São estruturas que se originam a partir da colaboração entre empresas com startups, empreendedores, spin-offs e fabricantes. Eles são formados quando as companhias expandem suas atuações e receitas. Ou seja, geram novos formatos de modelos de negócios. Isso amplia a forma de entrada de recursos, de entregar valor e começa a agregar novos formatos de trabalho com novas tecnologias.” (MEDALHA, 2022).

Estratégia

“(...) Estratégia não é apenas a noção de como lidar com um inimigo ou um grupo de concorrentes ou um mercado, como é mencionado em grande parte da literatura e seu uso popular. Ela também nos leva a algumas questões mais fundamentais sobre organizações como instrumentos para percepção e ação coletiva.” (MINTZBERG, 2006, p.28-29).

Framework

“(...) é uma estrutura-base que contém um conjunto de funções e componentes pré-definidos, funções e componentes estes que se relacionam para disponibilizar funcionalidades específicas ao desenvolvimento de software. Estas funções e componentes genéricos pré-prontos agilizam o processo, poupam tempo e evitam retrabalho para o desenvolvedor. Podem ser criados ou pela própria comunidade ou por empresas mantenedoras de uma linguagem ou ambiente de desenvolvimento.” (GUEDES, 2020).

Internacionalização

“Fenômeno organizacional pelo qual as organizações envolvidas adquirem conhecimentos sobre os mercados externos, além de também investirem recursos para integrar estes novos mercados, de maneira gradual e incremental.” (JOHANSON; VAHLNE, 1990).

Governança Corporativa

“O crescimento econômico e a governança corporativa são temas correlatos e a boa governança caracteriza-se por regras que denotam maior credibilidade e criação de valor às empresas.” (ÁLVARES; GIACOMETTI; GUSSO, 2008).

Oceano azul

“(...) é o espaço de mercado desconhecido, não contaminado pela competição. Nos oceanos azuis, a demanda é criada em vez de disputada. Há ampla oportunidade de crescimento que é lucrativo e rápido. Nos oceanos azuis, a competição é irrelevante porque as regras do jogo estão esperando para serem definidas. Um oceano azul é



uma analogia para descrever o potencial mais amplo e profundo a ser encontrado em um espaço de mercado inexplorado. Um oceano azul é vasto, profundo e poderoso em termos de crescimento lucrativo.” (KIM; MAUBORGNE, 2005).

Pivotar

“(…) traduz a sobrevivência das empresas diante de um desafio ou crise. Significa também, mudar completamente a direção ou propósito de uma empresa para que o sucesso e sustentabilidade sejam alcançados, construindo uma empresa de sucesso.” (TORRES, 2022).

Redes de cooperação

“(…) este termo (redes) aliado a esta definição não é utilizado apenas na teoria organizacional, mas também em uma ampla gama de outras ciências, tais como pesquisa operacional, teoria da comunicação e teoria dos pequenos grupos. No caso presente definiremos redes como sendo o método organizacional de atividades econômicas inter-firmas.” (AMATO NETO, 2000, p. 46).

Sustentabilidade

“(…) é a capacidade de se auto-sustentar, de se auto-manter. Uma atividade sustentável qualquer é aquela que pode ser mantida por um longo período indeterminado de tempo, ou seja, para sempre, de forma a não se esgotar nunca, apesar dos imprevistos que podem vir a ocorrer durante este período.” (PHILIPPI, 2001).

Trade-off

“(…) é o reconhecimento de que os padrões de custos das várias atividades da empresa frequentemente revelam características que as colocam em conflito mútuo”. (BALLOU, 2001).

Turnaround

“Significa mudar substancialmente o desempenho de uma empresa (...) não raro tirando-a de uma rota de declínio para colocá-la, novamente, em crescimento. Trata-se de uma mudança de rumo, ou seja, um redirecionamento para a obtenção de resultados superiores aos da média do mercado ou diferentes dos alcançados anteriormente, de maneira sustentável.” (CASTRO, 2014).



NAPP

NÚCLEO DE APOIO À
PESQUISA E PUBLICAÇÃO

ÁREAS TEMÁTICAS NAPP



ESTUDOS ORGANIZACIONAIS



Escola de Administração
Universidade Federal da Bahia

EAUFBA



FICHA TÉCNICA

Universidade Federal da Bahia
Reitor

Paulo César Miguez de Oliveira

Vice-reitor

Penildon Silva Filho

Escola de Administração

Diretor

João Martins Tude

Vice-diretor

André Luis Nascimento dos Santos

Núcleo de Pós-graduação da Escola de Administração da UFBA

Coordenador

Genauto Carvalho França Filho

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Acadêmico

Coordenadora

Andréa Cardoso Ventura

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Profissional

Coordenadora

Elisabeth Matos Ribeiro

Núcleo de Apoio a Pesquisa e Publicação – NAPP

Coordenador

Horacio Nelson Hastenreiter Filho

Coordenadora de Conteúdos

Justina Tellechea

Design Instrucional

Tairine Nunes

Autores

Erica Ribeiro de Andrade

Ludmila Meira

Ano de Publicação (2023)

Edição (2023)



ESTUDOS ORGANIZACIONAIS:

Professores: Genauto (coordenador), Ariadne, Eduardo Davel e Mônica McAllister

Aluna(o)s: Erica Ribeiro de Andrade e Ludmila Meira

Subareas Temáticas:



O Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicações - NAPP oferece suporte para o fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual dos professores, pesquisadores, egressos e alunos vinculados ao Núcleo de Pós-Graduação em Administração da UFBA.

Por meio das divisões acadêmicas e temas de interesse propostos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - ANPAD, este material busca explorar as áreas e subáreas temáticas da gestão, apresentando aos leitores as principais abordagens, as referências bibliográficas clássicas e contemporâneas, as possibilidades de estudos, as revistas e periódicos e um glossário com verbetes da área de estudo.



Aprendizagem Organizacional

✦ Principais Abordagens:

- Aprendizagem e Conhecimento;
- Os processos de aprendizagem por meio do diálogo transdisciplinar de áreas do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Psicologia e Educação;
- Campliada sobre a aprendizagem nas organizações, seus atores, movimentos metodológicos, dimensão política, bem como saberes que se constituem pelos e nos processos organizativos;
- Os saberes em distintos contextos de exclusão e de desigualdades socioeconômicas;
- A natureza dos atores, os diferentes pertencimentos territoriais, as distintas urbanidades e ruralidades, as distintas bandeiras étnico-raciais e indígenas, de gênero e diversidade sexual, pertencimento religioso, cultural e de linguagens.

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas:

ARGYRIS, Ch; SCHÖN, Donald A. Aprendizagem organizacional: uma perspectiva da teoria da ação. **Reis**, não. 77/78, p. 345-348, 1997.

BROWN, John Seely; DUGUID, Paul. Organizational learning and communities-of-practice: Toward a unified view of working, learning, and innovation. **Organization science**, v. 2, n. 1, p. 40-57, 1991.

EASTERBY-SMITH, Mark; CROSSAN, Maria; NICOLINI, Davide. Aprendizagem organizacional: debates passado, presente e futuro. **Journal of Management Studies**, v. 37, n. 6, pág. 783-796, 2000.

LEVITT, Bárbara; MARCH, James G. Aprendizagem organizacional. **Revisão anual de sociologia**, v. 14, n. 1, pág. 319-338, 1988.

Motta, Fernando C. Prestes; Vasconcellos, Isabella F. Gouveia de. **A aprendizagem organizacional**. In. Teoria Geral da Administração. 3 ed. Ver. São Paulo: Thompson Learning, 2006. Cap. 11, p. 323 – 351.

✦ Possibilidades de Estudos:

- Como se constituem os saberes pelos e nos processos organizativos?
- Qual a implicação da dimensão política das práticas na construção de saberes?
- Como as novas formas organizacionais e os arranjos de emprego (trabalho temporário e contingente, intermediários, empresas baseadas em rede etc.) influenciam a distribuição de poder e as desigualdades nos mercados e local de trabalho?



- Como se estabelecem as relações (mutáveis) entre a participação social e a segregação? E como isto repercute nas dimensões trabalho, profissões e aprendizagem?
- Como os saberes da ciência, da política, da história natural e dos povos originários nos auxiliam a pensar e criar modos coletivos de resistência.
- Como as informações emergentes e tecnologias (plataformas on-line, algoritmos, aprendizado de máquina, análise preditiva etc.) moldam a triagem, a contratação, a alocação de tarefas e, conseqüentemente, a aprendizagem no local de trabalho?
- Como as novas tecnologias redefinem a natureza do trabalho criando novas identidades, profissões e comunidades? E neste contexto, quais e como são gerados novos discursos que limitam as profissões, o trabalho e a constituição de saberes?
- Quais são as conseqüências (não)pretendidas das práticas e das rotinas organizacionais antigas e novas, em particular porque elas beneficiam alguns indivíduos ou grupos enquanto restringem as oportunidades para outros dentro e fora das organizações de trabalho?
- Onde os métodos de pesquisa social estão sendo inventados? Quais são os possíveis espaços alternativos aos sistemas de conhecimento hegemônico de conhecimento?
- Qual é o potencial crítico e transformador dos métodos de pesquisa acerca do tema aprendizagem e conhecimento?
- Quais saberes e práticas envolvem a constituição do sujeito que reflete, transforma e codifica o trabalho científico e de pesquisa?



Diversidade e Desigualdades: Raças, Etnias, Gêneros, Sexualidades e Classes no Mundo do Trabalho

✦ Principais Abordagens:

- Grupos tidos como hegemônicos no mundo do trabalho e nas organizações;
- Diferenças no mundo do trabalho que se constituem em desigualdades, gerando mecanismos de exclusão, discriminação e privilégios;
- A construção de um ambiente de trabalho inclusivo;
- Relações e dinâmicas de poder, enfatizando a dimensão política das diferenças em termos ideológicos, sócio-históricos e culturais;
- Grupos historicamente constituídos como subalterno: mulheres, pessoas negras, indígenas, comunidade lgbtqi+ e pessoas com deficiência;
- Desigualdades no mercado de trabalho em nível nacional e/ou internacional;
- Práticas de gestão direcionadas ao enfrentamento das desigualdades sociais no trabalho, como debates decoloniais e afrocentrados.



Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

CALIL, Léa Elisa Silingowschi. **Direito do trabalho da mulher: a questão da igualdade jurídica ante a desigualdade fática**. Léa Elisa Silingowschi Calil, 2007.

DIAS, Felipe A. Como cor de pele, classe social e gênero se cruzam no mercado de trabalho: evidências de um experimento de campo. **Pesquisa em Estratificação e Mobilidade Social**, v. 65, p. 100477, 2020.

LOVELL, Peggy A. Gênero, raça e a luta por justiça social no Brasil. **Perspectivas latino-americanas**, v. 27, n. 6, pág. 85-102, 2000.

MORAIS, Karine H. O mercado de trabalho e a pessoa com Deficiência Intelectual: entraves e oportunidades. **Revista Espacios**, v. 38, n. 12, p. 1-10, 2017.

NEVES-SILVA, Priscila; PRAIS, Fabiana Gomes; SILVEIRA, Andréa Maria. Inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho em Belo Horizonte, Brasil: cenário e perspectiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 2549-2558, 2015.

SANTOS, Sales Augusto dos; SILVA, Nelson Olokafá Inocêncio da. Descaso brasileiro com a desigualdade racial no mercado de trabalho. **Perspectivas latino-americanas**, v. 33, n. 4, pág. 13-29, 2006.

Possibilidades de Estudos:

- Como as organizações podem lidar efetivamente com a discriminação interseccional que ocorre quando um funcionário experimenta várias formas de discriminação com base em gênero, raça, classe e sexualidade?
- Que papel as normas culturais e sociais desempenham na perpetuação da desigualdade no local de trabalho e como as organizações podem desafiar essas normas para criar ambientes mais igualitários?
- Como as organizações podem criar culturas mais inclusivas que permitam que funcionários de diversas origens se sintam valorizados e incluídos?
- Quais são as estratégias mais eficazes para lidar com disparidades salariais e outras formas de desigualdade econômica no local de trabalho e como elas podem ser implementadas na prática?
- Como as organizações podem garantir que funcionários de grupos marginalizados tenham acesso a cargos de liderança e outras oportunidades de promoção?
- Como podemos criar mais consciência entre indivíduos e organizações sobre a importância de abordar a desigualdade no local de trabalho e qual o papel que a educação e o treinamento podem desempenhar nesse processo?



Estudos Críticos em Organizações

✦ Principais Abordagens:

- Abordagens marxistas;
- Abordagens fenomenológicas críticas;
- Abordagens frankfurtianas;
- Abordagens pós-estruturalistas;
- Economia Solidária;
- Economia Social;
- Economia popular;
- Terceiro Setor;
- Reflexões sobre poder
- Reflexões sobre subjetividade,
- Reflexões sobre ideologia, consciência de classe, resistência e lutas coletivas;
- Reflexões sobre crítica do management, violência organizacional e sofrimento;
- Reflexões sobre relação Estado-Trabalho-Capita

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

FOURNIER, V.; GREY, C., “Hora da verdade: condições e perspectivas para estudos críticos de gestão”, **Revista de Administração de Empresas (RAE-FGV/SP)**, v.46, n.1, Jan./Mar.2006.

DE FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho. Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 7, n. 1, p. 155-174, 2007.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Terceiro setor, economia social, economia solidária e economia popular: traçando fronteiras conceituais. 2002.
FRANÇA, Filho. Genauto Carvalho de; LAVILLE, Jean-Louis. **A economia solidária: uma abordagem internacional. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.**

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. A problemática da economia solidária: um novo modo de gestão pública?. **Cadernos Ebape. Br**, v. 2, p. 01-18, 2004.

LOUNSBURY, M. The death of organization science. **Journal of Management Inquiry**, v. 12, n. 3, p. 293-298, set. 2003.



MISOCZKY, M. C; AMANTINO-DE-ANDRADE, J. Uma crítica à crítica domesticada nos estudos organizacionais. **Revista de Administração Contemporânea**, v.9, n.1, p.193-212, 2005.

PAES DE PAULA, A. P. **Teoria Crítica nas Organizações**. 1. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2008. 128 p.

TRAGTENBERG, Maurício. **Administração, poder e ideologia**. São Paulo: Moraes, 1980.

Possibilidades de Estudos:

- Como os estudos críticos em organizações podem se relacionar melhor com os movimentos sociais e o com o ativismo?
- Como pode-se usar mais métodos de pesquisa qualitativa para estudar organizações e fenômenos organizacionais e interpretar os dados de forma mais ?
- Problematização da economia solidária: um novo modo de gestão pública.
- Como as perspectivas dos estudos críticos em organizações podem ser integradas na teoria organizacional e na educação?
- Como as organizações podem prevenir ou abordar a violência organizacional?.



História e Memória das Organizações

Principais Abordagens

- Abordagem histórico-temporal;
- Relações políticas, econômicas e psicossociais estabelecidas entre sujeitos, organizações e sociedades;
- o cotidiano do trabalho e organizações familiares;
- A experiência das pessoas e organizações no tempo e as representações dos sujeitos sobre a história;
- Experiências e trajetórias resgatadas para transformação, emancipação e visibilização de coletividades e sujeitos;
- Teorias psicossociológicas.



Referências bibliográficas seminais/clássicas

BECKHARD, Richard. **Desenvolvimento organizacional: estratégias e modelos**. Edgard Blucher, 1972.

DE SÁ FREIRE, Patrícia et al. Memória organizacional e seu papel na gestão do conhecimento. **Revista de ciências da administração**, v. 14, n. 33, p. 41-51, 2012.

DOS SANTOS, Larissa Conceição. História e legitimação organizacional: reflexões acerca das narrativas histórico-organizacionais. **Organicom**, v. 11, n. 20, p. 61-72, 2014.

MEGILL, Kenneth A. **Corporate memory: records and information management in the knowledge age**. KG Saur, 2005.

MOLINA, Leticia Gorri; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Memória organizacional, memória corporativa e memória institucional: discussões conceituais e terminológicas. **Revista EDICIC**, v. 1, n. 1, p. 262-276, 2011.

RAVASI, Davide. Identidade organizacional e memória. **Organicom**, v. 11, n. 20, p. 39-49, 2014.

WALSH, James P.; UNGSON, Gerardo Rivera. Organizational memory. **Academy of management review**, v. 16, n. 1, p. 57-91, 1991.

Possibilidades de Estudos:

- Como fontes e arquivos históricos que contribuem para entender fenômenos organizacionais e sua articulação com o social e o político?
- Quais os Debates mais relevantes sobre a pesquisa histórica em administração e estudos organizacionais?
- Quais os melhores usos do passado nos estudos organizacionais e como as organizações criam e gerem seus acervos e arquivos documentais?



Cultura Organizacional

Principais Abordagens:

- Estratégia;
- Liderança;
- Processos;
- Inovação;
- Marketing;
- Projetos;
- Processo Decisório;
- Cultura em Organizações Familiares;



✈ **Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas:**

CURVELLO, João José Azevedo. **Comunicação interna e cultura organizacional**. João José Azevedo Curvello, 2002.

FREITAS, Maria Ester de. Cultura organizacional grandes temas em debate. **Revista de Administração de empresas**, v. 31, p. 73-82, 1991.

MAHER, Michelle A. Diagnosing and changing organizational culture: Based on the competing values framework. **Journal of Organizational Change Management**, v. 13, n. 3, p. 300-303, 2000.

MOTTA, Fernando C. Prestes; VASCONCELOS, Isabella F. Gouveia. A cultura organizacional. **MOTTA, Fernando C. Prestes. Teoria geral da administração**, v. 3, 2002.

SCHEIN, Edgar H. **Organizational culture and leadership**. John Wiley & Sons, 2010.

✈ **Possibilidades de Estudos:**

- Como a cultura digital molda a cultura organizacional e como ela afeta o comportamento, o desempenho e a satisfação no trabalho dos funcionários?
- Como criar e sustentar uma cultura organizacional que abrace a diversidade e promova a inclusão?
- Como diferentes estilos e abordagens de liderança impactam a cultura de uma organização?
- Estudos longitudinais: como a cultura organizacional evolui e muda ao longo do tempo.

Autores Clássicos

CALDAS, Miguel; FACHIN, Roberto; FISCHER, Tânia (Orgs ed brasileira). **Handbook de estudos organizacionais: reflexões e novas direções**. São Paulo. Atlas, v.2, 2001.

ETZIONI, A. (org.). **Organizações complexas: um estudo das organizações em face dos problemas sociais** (1961). Atlas, São Paulo, 1978.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A Nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações**. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getulio Vargas, 1981

MORGAN, G. **Imagens da Organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

MOTTA, Fernando C. Prestes; VASCONCELLOS, Isabella F. **Teoria Geral da Administração**. 3 ed. Ver. São Paulo: Thompson Learning, 2006.



MOTTA, F.C.P. e CALDAS, M. (org.). **Cultura Organizacional e Cultura Brasileira**. São Paulo, Atlas, 1997.

TRAGTENBERG, Maurício. **Administração, poder e ideologia**. São Paulo: Moraes, 1980.

PAES DE PAULA, A. P. **Teoria Crítica nas Organizações**. 1. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2008. 128 p.

Revistas e periódicos

Periódicos

Links de acesso

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS (RAE-FGV/SP)

<https://rae.fgv.br/call-for-papers>

ORGANIZATIONS & SOCIETY (O&S)

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/index>

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO CONTEMPORÂNEA (RAC)

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/information/authors>

INTERNATIONAL JOURNAL OF INTERDISCIPLINARY ORGANIZATIONAL STUDIE ORGANIZATION THEORY (OT)

<https://organization-studies.com/journals/call-for-papers>

<https://uk.sagepub.com/en-gb/eur/organization-theory/journal203655#submission-guidelines>

INTERNATIONAL JOURNAL OF INTERDISCIPLINARY ORGANIZATIONAL STUDIES

<https://organization-studies.com/journals/call-for-papers>

Links de Interesse

Sites

Links de acesso:

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

<http://www.sbeo.org.br/web/>



EGOS - EUROPEAN GROUP FOR ORGANIZATIONAL STUDIES

<https://www.egosnet.org/>

HARVARD BUSINESS REVIEW

<https://hbr.org/topic/organizational-culture>

SOCIETY FOR HUMAN RESOURCE MANAGEMENT

<https://www.shrm.org/resourcesandtools/hr-topics/organizational-and-employee-development/pages/culture-management.aspx>

Observações Complementares – Áreas Importantes de Estudo

Antropologia: O universo simbólico-cultural na análise organizacional; a trilogia da noção de cultura: a) cultura como conceito antropológico; b) cultura organizacional; c) cultura e identidade nacional; o método etnográfico em pesquisa sobre organizações; a agenda de uma antropologia organizacional – uma pauta de temáticas inovadoras em administração: interculturalidade e gestão em estudos organizacionais; etnomarketing; gestão da diversidade e; cultura organizacional; e d) o tema do racismo nos estudos organizacionais.

Economia: A economia das organizações e a sociologia econômica. Abordagens atualizadas de teorias da escolha racional (teoria dos custos de transação, teoria da agência e teoria da dependência de recursos). A sociologia econômica como alternativa para pensar a realidade organizacional e o futuro da sociedade.

Filosofia: Os estudos críticos em estudos organizacionais: abordagens clássicas (marxistas e as fenomenológicas críticas, frankfurtianas e pós-estruturalistas). Temas de interesse: poder, ideologia, lutas coletivas, resistências, subjetividade, consciência de classe, classes sociais, crítica do management, violência e sofrimento, relação Estado-Trabalho-Capital e outros. Pensadores críticos nacionais relevantes: Guerreiro Ramo e Maurício Tragtenberg. A abordagem do Critical Management Studies (CMS).

Psicologia: Eixos temáticos principais: a) motivação; b) liderança; c) aprendizagem, vinculada ao diálogo da educação; e, d) síndrome de burnout nas organizações. Outros temas relacionados como o stress organizacional e o comprometimento também são de interesse.

Psicanálise: As organizações vistas como prisões psíquicas: discute as exigências subjetivas dos indivíduos na nova gestão corporativa.

Sociologia: As organizações vistas como sistemas de atividades políticas, destacando-se as problemáticas do conflito e do poder na análise organizacional; a tradição estruturalista ou sociologia funcionalista das organizações. Quatro tópicos de interesse: a) a construção social da realidade; b) a perspectiva interpretativista; c) a perspectiva institucionalista; e, d) a questão do poder.



GLOSSÁRIO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Autogestão

A autogestão é a capacidade de priorizar e executar as tarefas mais importantes para atingir metas e objetivos. O autogerenciamento é um elemento-chave da eficácia e envolve assumir a responsabilidade e tomar decisões conscientes sobre como alocar tempo, energia e recursos. (COVEY, 2017)

Burocracia

(...) é caracterizada por uma organização fundamentalmente hierárquica e impessoal, que é projetada para coordenar as ações de muitos indivíduos na busca de tarefas administrativas de grande escala. (WEBER, 1922)

Cultura Organizacional

No livro Cultura Organizacional e Liderança do autor Schein (1992), é definida como um conjunto de suposições implícitas compartilhadas e aceitas que um grupo mantém e que determina como ele percebe, pensa e reage a seus vários ambientes.

Deocolonialismo:

Para Fanon (1961), é um processo de libertação política e psicológica do colonialismo, que é necessário porque o colonialismo não apenas impôs um sistema de exploração econômica e política, mas também um sistema de dominação cultural e psicológica que levou à internalização das normas e valores coloniais pelos colonizados.

Desigualdade no Mercado de Trabalho:

Segundo Bodies (1990), não é simplesmente uma questão de discriminação individual ou preconceito, mas está profundamente enraizada nas estruturas organizacionais, práticas e normas.

Diversidade:

Consoante Nkomo e Cox (1998) é um misto de pessoas com identidades grupais diferentes dentro do mesmo sistema social.

Economia Solidária:

Na prática, o termo economia solidária identifica hoje uma série de experiências organizacionais inscritas numa dinâmica atual em torno das chamadas novas formas de solidariedade. O fato é que se vêm verificando a emergência e desenvolvimento de um fenômeno de proliferação de iniciativas e práticas socioeconômicas diversas. (FRANÇA FILHO, 2002)



 **Estratégia:**

“A essência da estratégia é escolher o que não fazer.” (PORTER, 2005)

 **Gerenciamento:**

(...) é a crença de que tudo pode ser gerenciado, que tudo pode ser medido e que tudo pode se tornar mais eficiente. “(...) a arte de fazer as coisas por meio de pessoas”. (DRUCKER, 1954)

 **Institucionalismo:**

Para Veblen (1904), o institucionalismo busca entender como as instituições são criadas, como elas mudam e como podem ser reformadas para melhor atender às necessidades da sociedade.

 **Movimentos Sociais:**

Conforme o sociólogo Tilly (1978), os movimentos sociais são um meio crucial pelo qual as pessoas comuns podem desafiar o poder das elites e provocar mudanças significativas na sociedade.

 **Neoinstitucionalismo:**

Para J. DiMaggio (1991), é o desafio de especificar as condições sob as quais ocorrem mudanças de ideias e crenças nas organizações, o que tem efeitos poderosos e independentes sobre o comportamento social.

 **Poder Disciplinar:**

Consoante Foucault (1975), se refere às formas pelas quais o poder é exercido dentro de instituições, como as empresas, para regular o comportamento e produzir corpos dóceis.

 **Organizações de Gênero:**

Conforme salientou Bodies (1990), é um termo usado para descrever como os locais de trabalho são moldados por suposições e expectativas de gênero que privilegiam os homens e desfavorecem as mulheres.

 **Solidariedade:**

Para Durkheim (1893), é um elemento-chave da organização social, pois se refere ao grau em que indivíduos e grupos em uma sociedade estão conectados uns aos outros e compartilham um senso de identidade e propósito coletivo.

 **Terceiro Setor:**

O termo terceiro setor é herdeiro de uma tradição anglo-saxônica, particularmente impregnada pela ideia de filantropia. Essa abordagem identifica o terceiro setor ao universo das organizações sem fins lucrativos. (FRANÇA FILHO, 2002).

 **Violência Organizacional:**

Segundo Freeman (1972), se refere às maneiras pelas quais estruturas informais de poder e tomada de decisão podem levar à marginalização e opressão de certos indivíduos ou grupos dentro das organizações. Nesse sentido, mesmo em organizações.

ÁREAS TEMÁTICAS NAPP



FINANÇAS



FICHA TÉCNICA

Universidade Federal da Bahia
Reitor

Paulo César Miguez de Oliveira

Vice-reitor

Penildon Silva Filho

Escola de Administração

Diretor

João Martins Tude

Vice-diretor

André Luis Nascimento dos Santos

Núcleo de Pós-graduação da Escola de Administração da UFBA

Coordenador

Genauto Carvalho França Filho

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Acadêmico

Coordenadora

Andréa Cardoso Ventura

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Profissional

Coordenadora

Elisabeth Matos Ribeiro

Núcleo de Apoio a Pesquisa e Publicação – NAPP

Coordenador

Horacio Nelson Hastenreiter Filho

Coordenadora de Conteúdos

Justina Tellechea

Design Instrucional

Tairine Nunes

Autores

Antônio Francisco

Justina Tellechea

Ano de Publicação (2023)

Edição (2023)

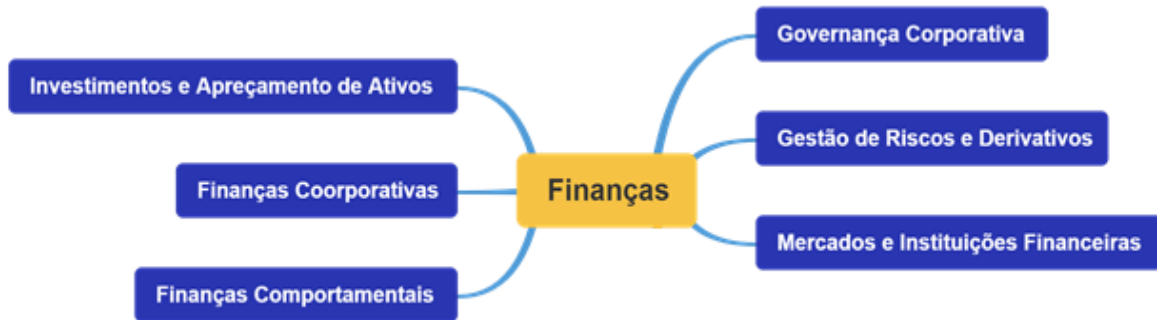


✓ FINANÇAS

Professores: Antônio Francisco (coordenador), Adriano Leal Bruni, Roberto Brasileiro

Aluna(o)s: Justina Tellechea

Subareas Temáticas:



O Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicações - NAPP oferece suporte para o fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual dos professores, pesquisadores, egressos e alunos vinculados ao Núcleo de Pós-Graduação em Administração da UFBA.

Por meio das divisões acadêmicas e temas de interesse propostos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - ANPAD, este material busca explorar as áreas e subáreas temáticas da gestão, apresentando aos leitores as principais abordagens, as referências bibliográficas clássicas e contemporâneas, possibilidades de estudos, revistas e periódicos e um glossário com verbetes da área de estudo.



Investimentos e Apreçamento de Ativos

Principais Abordagens:

- Avaliação de projetos de investimento;
- Avaliações usando a abordagem de opções reais;
- Investimentos em ativos individuais e carteiras;
- Modelos de apreçamento de ativos (tanto de renda fixa como de ações);
- Avaliação de desempenho de fundos;
- Avaliação de empresas.

Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas:

BODIE, Zvi; KANE, Alex; MARCUS, Alan. **Fundamentos de investimentos**. AMGH Editora, 2014.

CASAROTTO FILHO, Nelson; KOPITCKE, Bruno Hartmut. **Análise de investimentos**. Vertice, 1990.

DIXIT, A. e PINDYCK, R. *Investment under Uncertainty*. Princeton University Press, 1994.

ELTON, Edwin; GRUBER, Martin; BROWN, Stephen. **Moderna teoria de carteiras e análise de investimentos**. Elsevier Brasil, 2012.

FAMA, Eugene F. Multiperiod consumption-investment decisions. **Stochastic optimization models in finance**, p. 389-400, 1975.

FAMA, Eugene F. Session Topic: Stock Market Price Behavior Session Chairman: Burton G. Malkiel Efficient Capital Markets: A Review Of Theory And Empirical Work. **The Journal of Finance**, v. 25, n. 2, p. 383-417, 1970.

FAMA, Eugene F.; FRENCH, Kenneth R. O modelo de precificação de ativos de capital: teoria e evidências. **Revista de Administração de Empresas**, v. 47, p. 103-118, 2007.

Possibilidades de Estudos:

Estudos que considerem a abordagem Ambiente, Social e Governança (Environment, Social and Governance – ESG) e seus desdobramentos para a área de investimentos e apreçamento de ativos;



Desenvolvimento, avaliação, testes e proposições de metodologias de apreçamento de ativos financeiros para os Fundos de Investimento e aos Fundos de Investimento em Índice de Mercado;

Estudos com base em informações de preços ou fatores a serem utilizados no apreçamento de ativos financeiros obtidos preferencialmente por fontes públicas para facilitar a replicação;

Trabalhos empíricos, com modelos baseados em consumo e visão geral, mercados de ativos contingentes;

Fronteira média-variância e representações beta;

Estudos sobre relações entre fatores de desconto, betas e fronteiras média-variância;

Estudos ligados títulos bancários (como CDB), a títulos públicos federais (representando a dívida do governo) e a Debêntures (que são títulos de dívida emitidos por empresas).



Finanças Corporativas



Principais Abordagens:

- Administração financeira;
- Alocação e gestão dos recursos financeiros nas organizações;
- Decisões de financiamento, investimento e liquidez;
- Política de dividendos, recompra e payout;
- Fusões e aquisições;
- Gestão de capital de giro;
- Projeção de fluxo de caixa, análise de sensibilidade, risco corporativo e capacidade financeira;
- Falência, estresse financeiro e restrições financeiras;
- Teorias de agência;
- Assimetria de informação;
- Trade-off, pecking order, divulgação, sinalização.



 **Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas:**

DE BONDT, Werner FM; THALER, Richard H. Financial decision-making in markets and firms: A behavioral perspective. **Handbooks in operations research and management science**, v. 9, p. 385-410, 1995.

FAMA, Eugene F. Efficient capital markets: A review of theory and empirical work. **The journal of Finance**, v. 25, n. 2, p. 383-417, 1970.

GALESNE, A., FENSTERSEIFER, J. e LAMB, R. Decisões de Investimentos da Empresa. Editora Atlas, 1999.

GITMAN, L. Princípios de Administração Financeira, editora Pearson, 10ª Edição, 2004

KAHNEMAN, D., TVERSKY, A. Prospect Theory: an Analysis of Decision under Risk. *Econometrica*, v. 47, p. 263-291, 1979.

ROSS, S., WESTERFIELD, R. e JAFFE, J. Administração Financeira, editora Atlas, 1995

SHAFIR, Eldar; DIAMOND, Peter; TVERSKY, Amos. Money illusion. **The quarterly journal of economics**, v. 112, n. 2, p. 341-374, 1997.

TVERSKY, Amos; KAHNEMAN, Daniel. Belief in the law of small numbers. **Psychological bulletin**, v. 76, n. 2, p. 105, 1971.

TVERSKY, Amos; KAHNEMAN, Daniel. Loss aversion in riskless choice: A reference-dependent model. **The quarterly journal of economics**, v. 106, n. 4, p. 1039-1061, 1991.

 **Possibilidades de Estudos:**

Análise e discussão sobre a gestão financeira de instituições no mundo contemporâneo bem como as variáveis que influenciam decisões nesse ramo de atividade.

Aplicação do conceito financeiro de valor ao processo decisório;

Aplicação do conceito de juros compostos à realidade dos negócios;

Avaliação de fluxo de caixa de um projeto de investimento e a sensibilidade às mudanças nas suas variáveis;

Análise da viabilidade econômico-financeira de um projeto de investimento e predileções entre diferentes opções de financiamento e investimento, levando em conta o risco e o valor de um negócio.



Finanças Comportamentais

Principais Abordagens:

- Acesso limitado a informações;
- Anomalias de mercado;
- Análise da eficiência e anomalias dos mercados;
- Comportamento dos agentes;
- Contabilidade mental;
- Efeito disposição;
- Efeito manada;
- Humor, atenção e experiência do investidor;
- Neurofinanças;
- Teoria do prospecto;
- Tomada de decisão e vieses cognitivos.

Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas:

FAMA, Eugene F. Efficient capital markets: A review of theory and empirical work. **The journal of Finance**, v. 25, n. 2, p. 383-417, 1970.

HALFELD, Mauro; TORRES, Fábio de Freitas Leitão. Finanças comportamentais: a aplicações no contexto brasileiro. **Revista de administração de empresas**, v. 41, p. 64-71, 2001.

KAHNEMAN, D., TVERSKY, A. Prospect Theory: an Analysis of Decision under Risk. **Econometrica**, v. 47, p. 263-291, 1979.

LIMA, Murillo Valverde. Um estudo sobre finanças comportamentais. **RAE eletrônica**, v. 2, 2003.

LOBÃO, Júlio. **Finanças Comportamentais**. Leya, 2018.

POTRICH, Ani Caroline Grigion; VIEIRA, Kelmara Mendes; KIRCH, Guilherme. Determinantes da alfabetização financeira: análise da influência de variáveis socioeconômicas e demográficas. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 26, p. 362-377, 2015.

SIMON, Herbert Alexander. Administrative behavior. New York: Macmillan, 1950.

THALER, R.; BARBERIS, N. A Survey of Behavioral Finance. In: CONSTANTINIDES, G.; HARRIS, M.; STULZ, R. (Eds.) Handbook of the Economics of Finance. New York: North-Holland, 2003.



TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. Judgment under Uncertainty: Heuristics and Biases. *Science*, v. 185, p. 1124-1131, 1974.

WALTER, S. A.; FREGA, J. R.; SILVA, W. V. da. Análise do comportamento e da percepção do investidor em relação ao risco sob a ótica da teoria de finanças comportamentais. *RAUSP – Revista de Administração da USP*, São Paulo, v. 45, nº 2, abril/maio/junho 2010, p. 172-187.

YOSHINAGA, C. E. e outros. Finanças Comportamentais: uma Introdução. *REGE. Revista de Gestão USP*, v. 15, p. 25-35, 2008. Disponível em: <http://www.regeusp.com.br/arquivos/439.pdf>. Acesso: 28.11.2010.

YOSHINAGA, Claudia Emiko; RAMALHO, Thiago Borges. Finanças Comportamentais no Brasil: uma aplicação da teoria da perspectiva em potenciais investidores. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, v. 16, p. 594-615, 2014.

Possibilidades de Estudos:

- Discussão sobre vieses comportamentais que vão contra a plena racionalidade de investidores e gestores;
- Análises e discussões sobre eficiência dos mercados;
- Relação entre as mudanças dos mercados e as bolhas especulativas;
- Discussão da relação entre a eficiência do mercado e os problemas de assimetria de informação.



Governança Corporativa

Principais Abordagens:

- Conflitos de agência;
- Práticas e mecanismos de governança corporativa;
- Conselho de Administração;
- Aspectos da estrutura de propriedade e controle da empresa.

Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas:

ÁLVARES, Elismar; GUSSO, Eduardo. **Governança corporativa: um modelo brasileiro**. Elsevier, 2008.

BERGAMINI JUNIOR, Sebastião. Controles internos como um instrumento de governança corporativa. *Revista do BNDES*, Rio de Janeiro, v.12, n.24 , p. [149]-187, dez. 2005.

BLOK, Marcella. **Compliance e governança corporativa**. Freitas Bastos, 2020.



BORGES, Luiz Ferreira Xavier; SERRÃO, Carlos Fernando de Barros. Aspectos de governança corporativa moderna no Brasil. 2005.

CORREIA, Laise Ferraz; AMARAL, Hudson Fernandes; LOUVET, Pascal. Um índice de avaliação da qualidade da governança corporativa no Brasil. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 22, p. 45-63, 2011.

DAVIS, Gerald F. New directions in corporate governance. **Annu. Rev. Sociol.**, v. 31, p. 143-162, 2005.

HO, Chi-Kun. Corporate governance and corporate competitiveness: an international analysis. **Corporate Governance: An International Review**, v. 13, n. 2, p. 211-253, 2005.

LETHBRIDGE, Eric. Governança corporativa. 1997.

MALLIN, Christine. **Corporate governance**. oxford university Press, 2016.

MARQUES, Maria da Conceição da Costa. Aplicação dos princípios da governança corporativa ao sector público. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 11, p. 11-26, 2007.

MATIAS-PEREIRA, José. A governança corporativa aplicada no setor público brasileiro. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 2, n. 1, p. 109-134, 2010.

MONKS, Robert AG; MINOW, Nell. **Corporate governance**. John Wiley & Sons, 2011.

RAMOS, Gizele Martins; MARTINEZ, Antonio Lopo. Governança corporativa. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 3, n. 6, p. 143-164, 2006.

SAITO, Richard; SILVEIRA, Alexandre Di Miceli da. Governança corporativa: custos de agência e estrutura de propriedade. **Revista de administração de empresas**, v. 48, p. 79-86, 2008.

SHLEIFER, Andrei; VISHNY, Robert W. A survey of corporate governance. **The journal of finance**, v. 52, n. 2, p. 737-783, 1997.

SILVEIRA, Alexandre Di Miceli da. **Governança corporativa, desempenho e valor da empresa no Brasil**. 2002. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

STERNBERG, Elaine. Corporate governance: Accountability in the marketplace. **Available at SSRN 4350610**, 2004.

VIEIRA, Kelmara Mendes et al. A influência da governança corporativa no desempenho e na estrutura de capital das empresas listadas na Bovespa. **Revista Universo Contábil**, v. 7, n. 1, p. 46-67, 2011.

YERMACK, David. Corporate governance and blockchains. **Review of finance**, v. 21, n. 1, p. 7-31, 2017.



 **Possibilidades de Estudos:**

- Estudos sobre a variação dos conflitos de agência, desde conflito entre acionista e gestor (modelo principal-agente) até conflitos entre acionistas controladores e minoritários (modelo principal- principal);
- Estudos sobre os mecanismos de governança corporativa os quais podem incluir práticas relacionadas à composição e práticas do Conselho de administração; à diretoria executiva; aos direitos dos acionistas; à divulgação de informação e à resolução de conflitos;
- Estudos sobre mecanismos externos de governança corporativa e o entorno institucional.
- Estudos sobre características da estrutura de propriedade e a relação destas com políticas da empresa. Podem ser incluídos na pesquisa elementos como a identidade dos principais acionistas controladores, a concentração de propriedade, a ausência de acionistas controladores.



Gestão de Riscos e Derivativos

 **Principais Abordagens:**

- Gerenciamento de riscos em projetos;
- Gerenciamento de riscos corporativos;
- Normas Regulamentadoras;
- Estratégias de prevenção, redução e controle dos riscos;
- Métodos de gerenciamento de riscos;
- Estratégias de uso dos derivativos: Proteção (Hedge) ou Arbitragem/Especulação;
- Contratos a Termo/Futuro, Opções e Swap: operacionalização, cálculo do Valor Justo, estratégias de uso;
- Risco cambial.

 **Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas:**

AMARAL, Carlos Antonio Lopes Vaz do. Derivativos: o que são e a evolução quanto ao aspecto contábil. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 14, p. 71-80, 2003.

CARVALHO, Luiz Nelson Guedes de. **Uma contribuição à auditoria do risco de derivativos**. 1996. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CHANCE, Don M.; BROOKS, Roberts. **Introduction to derivatives and risk management**. Cengage Learning, 2015.



COVELLO, Vincent T.; MUMPOWER, Jeryl. Risk analysis and risk management: an historical perspective. **Risk analysis**, v. 5, n. 2, p. 103-120, 1985.

FARHI, Maryse. Derivativos financeiros: hedge, especulação e arbitragem. **Economia e Sociedade**, v. 8, n. 2, p. 93-114, 1999.

FARHI, Maryse; BORGHI, Roberto Alexandre Zanchetta. Operações com derivativos financeiros das corporações de economias emergentes. **Estudos avançados**, v. 23, p. 169-188, 2009.

HILES, Andrew. Enterprise risk management. **The definitive handbook of business continuity management**, p. 1-21, 2012.

HULL, John C. *Opções, futuros e outros derivativos*. Bookman Editora, 2016.

MERNA, Tony; AL-THANI, Faisal F. **Corporate risk management**. John Wiley & Sons, 2008.

POWER, Michael. The risk management of everything. **The Journal of Risk Finance**, v. 5, n. 3, p. 58-65, 2004.

POWER, Michael. The risk management of nothing. **Accounting, organizations and society**, v. 34, n. 6-7, p. 849-855, 2009.

Possibilidades de Estudos:

- Estudos sobre o conjunto de ações e práticas destinadas a controlar fontes de incertezas que afetam os objetivos, processos e projetos empresariais, nos níveis estratégico, tático e operacional;
- Estudos sobre as estratégias de mitigação ou eliminação que permitam a identificação, análise, avaliação, priorização, tratamento e monitoramento de fontes de riscos corporativos;
- Pesquisas sobre o uso de instrumentos financeiros para eficiência e alavancagem organizacional na gestão do risco de mercado, com o uso de derivativos financeiros, atuando como instrumentos de maximização de valor;
- Pesquisas sobre a gestão de risco como fator que favorece os processos decisórios visando o uso de informações particulares das firmas, de seus concorrentes, contextos econômicos nacionais e internacionais, utilização de derivativos para proteção de flutuações inesperadas ou esperadas do preço de mercado dos ativos que compõem carteiras de investimentos ou afetam os resultados das firmas;
- Estudos sobre aplicações práticas e empíricas minimizando o impacto de eventos inesperados e negativos que permitam a maximização dos resultados esperados para a organização.



Mercados e Instituições Financeiras

Principais Abordagens:

- Integração de mercados;
- Política monetária, política cambial e estabilidade financeira;
- Canais de transmissão de volatilidade e contágio;
- Regulação de mercados;
- “Corporate banking”;
- Ratings;
- Governança corporativa de Instituições financeiras;
- Concentração de mercados;
- Valuation e desempenho de instituições financeiras.

Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas:

BALACHANDRAN, Balasingham; WILLIAMS, Barry. Effective governance, financial markets, financial institutions & crises. **Pacific-Basin Finance Journal**, v. 50, p. 1-15, 2018.

BRITO, Osias Santana. **Mercado financeiro**. Saraiva Educação SA, 2019.

CAIADO, Aníbal Campos; CAIADO, Jorge. Gestão de instituições financeiras. **Edições Sílabo**, v. 2, 2008.

FABOZZI, Frank J.; MODIGLIANI, Franco; JONES, Frank Joseph. **Foundations of financial markets and institutions**. Pearson/Addison-Wesley, 2010.

GITMAN, Lawrence J. et al. Princípios de administração financeira. 2010.

GOULART, Andre Moura Cintra; CARVALHO, Nelson. Evidenciação contábil do risco de mercado por instituições financeiras no Brasil. **Contabilidade Gestão e Governança**, v. 7, n. 1, 2004.

HOWELLS, Peter; BAIN, Keith. **Financial markets and institutions**. Pearson Education, 2007.

MADURA, Jeff. **Financial markets and institutions**. Cengage learning, 2014.

MISHKIN, Frederic S.; EAKINS, Stanley G. **Financial markets and institutions**. Pearson Education India, 2006.



SAUNDERS, Anthony; CORNETT, Marcia Millon; ERHEMAMTS, Otgontsetseg. **Financial markets and institutions**. Boston: McGraw-Hill/Irwin, 2012.

 **Possibilidades de Estudos:**

- Estudo que contribuam com o debate sobre estabilidade financeira, a regulação e integração dos mercados além da gestão e avaliação das Instituições financeiras, viabilizando insights dentro e fora da ortodoxia econômica de forma a produzir uma pauta propositiva à luz do trinômio “Corporate Banking x Regulação x Integração de Mercados”;
- Estudos que apresentem contribuições relevantes do ponto de vista do desenvolvimento dos instrumentos e das instituições financeiras partícipes do Sistema Financeiro nacional e internacional.
- Para além das pautas internacionais clássicas, estudos que tratem de regulação, integração de mercados e globalização financeira;
- Estudos comparativos que discutam a evolução de certos arranjos de governança do sistema financeiro, abordando tópicos como: políticas monetárias alternativas, reforma e novos instrumentos de regulação.

Revistas e Periódicos Nacionais da Grande Área:

Periódicos	Site de Acesso
Journal of Accounting Research	https://www.chicagobooth.edu/research/chookaszian/journal-of-accounting-research
Financial Analysts Journal	https://www.cfainstitute.org/en/research/financial-analysts-journal
Journal of Banking & Finance	https://www.sciencedirect.com/journal/journal-of-banking-and-finance
Journal of Corporate Finance	https://www.sciencedirect.com/journal/journal-of-corporate-finance
Journal of Finance	https://afajof.org/journal-of-finance/
Journal of Financial Economics	https://www.jfinec.com/
Journal of Portfolio Management	https://jpm.pm-research.com/
Quantitative Finance	https://www.tandfonline.com/journals/rquf20
Review of Financial Studies	https://academic.oup.com/rfs
Brazilian Business Review (BBR)	http://www.bbronline.com.br/(link is external)



Brazilian Review of Finance – Revista Brasileira de Finanças	https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbfin/index
Revista BASE	http://revistas.unisinos.br/index.php/base/index(link is external)
Revista Contabilidade e Organizações (RCO)	http://www.revistas.usp.br/rco(link is external)
Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis	http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-08/index.php/UERJ(link is external)
Universo Contábil	http://proxy.furb.br/ojs/index.php/universocontabil/index(link is external)
Contabilidade Vista & Revista	https://revistas.face.ufmg.br/index.php/contabilidadevistaerevista(link is external)
Contabilidade & Finanças	http://www.revistas.usp.br/rcf/index(link is external)
Revista Brasileira de Gestão e Negócios (RBGN)	http://rbgn.fecap.br/RBGN(link is external)
Revista de Informação Contábil (RIC)	http://www.revista.ufpe.br/ricontabeis/index.php/contabeis(link is external)
Revista de Contabilidade da UFBA	http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rcontabilidade(link is external)
Revista Contabilidade & Controladoria	https://revistas.ufpr.br/rcc(link is external)
Revista Contemporânea de Contabilidade	https://periodicos.ufsc.br/index.php/contabilidade(link is external)
Sociedade, Contabilidade e Gestão (UFRJ)	https://revistas.ufrj.br/index.php/scg(link is external)
Contabilidade, Gestão e Governança	https://cgg-amg.unb.br/index.php/contabil/about(link is external)



Revista RecFin	http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/recfin/index
Revista Evidenciação Contábil & Finanças - Periódicos UFPB	https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/recfin
Revista Tributária e de Finanças Públicas	https://rtrib.abdt.org.br/index.php/rftp
CAFI – Contabilidade, Atuária, Finanças & Informação	https://revistas.pucsp.br/index.php/CAFI/about



GLOSSÁRIO DE FINANÇAS

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Ações

"Possuir uma ação significa possuir uma parte de um negócio e compartilhar seu futuro." (LYNCH, 1989).

Derivativo

"Um derivativo é um contrato financeiro cujo valor é derivado do valor de outra coisa, como uma ação ou título." (BUFFETT, 2002).

Dividendo

"Um dividendo é uma distribuição de uma parte dos lucros de uma empresa aos seus acionistas, geralmente na forma de dinheiro ou ações adicionais." (GRAHAM, 1949).

Fundo Mútuo

"Um fundo mútuo é um pool de dinheiro administrado por uma empresa de investimento que coleta dinheiro de muitos investidores e o investe em ações, títulos ou outros ativos." (TYSON, 1997).

ETF

"(...) é uma cesta de valores mobiliários que são negociados como uma ação em uma bolsa e geralmente acompanham um índice ou setor." (BOGLE, 2007).



Governança

(...) é a criação e implementação de regras, normas e ações por atores formais e informais em um determinado ambiente. Ela se preocupa em garantir que esses atores cooperem para produzir bens coletivos, como segurança, prosperidade econômica e bem-estar social, enquanto também gerenciando conflitos entre eles." (BEVIR, 2012).

Lucro por ação

"(...) é a parcela do lucro de uma empresa que é alocada para cada ação ordinária em circulação." (MALKIEL, 1973).

Mutuante

"(...) é alguém que fornece fundos a um mutuário, geralmente em troca de juros ou outra compensação." (GRAHAM, 1949).

Mutuário

"(...) é alguém que é obrigado a pagar uma dívida ou obrigação a um credor." (KIYOSAKI, 1997).

Patrimônio líquido

"(...) é a participação residual nos ativos da entidade após a dedução de todos os passivos." (FASB, 1985).

Pontuação de crédito

"(...) é uma medida do risco de emprestar a um mutuário, com base em seu histórico de crédito e outros fatores." (ORMAN, 2005).

Título

"(...) é uma promessa de reembolsar o dinheiro emprestado com juros em um momento específico no futuro." (MALKIEL, 1973).

ÁREAS TEMÁTICAS NAPP



GESTÃO AMBIENTAL



FICHA TÉCNICA

Universidade Federal da Bahia

Reitor

Paulo César Miguez de Oliveira

Vice-reitor

Penildon Silva Filho

Escola de Administração

Diretor

João Martins Tude

Vice-diretor

André Luis Nascimento dos Santos

Núcleo de Pós-graduação da Escola de Administração da UFBA

Coordenador

Genauto Carvalho França Filho

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Acadêmico

Coordenadora

Andréa Cardoso Ventura

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Profissional

Coordenadora

Elisabeth Matos Ribeiro

Núcleo de Apoio a Pesquisa e Publicação – NAPP

Coordenador

Horacio Nelson Hastenreiter Filho

Coordenadora de Conteúdos

Justina Tellechea

Design Instrucional

Tairine Nunes

Autores

Adécio Menezes de Sousa

Adriano Araújo

Andréa Cardoso Ventura

Chana Michelli Guillen

Suzana Más Rosa

Thaize Santos Oliveira

Ano de Publicação (2023)

Edição (2023)



GESTÃO AMBIENTAL:

Professores: Andréa Cardoso Ventura (coordenadora)

Aluna(o)s: Adécio Menezes de Sousa, Adriano Araújo, Chana Michelli Guillen, Suzana Más Rosa, Thaize Santos Oliveira.

Subareas Temáticas:



O Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicações - NAPP oferece suporte para o fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual dos professores, pesquisadores, egressos e alunos vinculados ao Núcleo de Pós-Graduação em Administração da UFBA.

Este material busca explorar as áreas e subáreas temáticas da gestão, apresentando aos leitores as principais abordagens, as referências bibliográficas clássicas e contemporâneas, as possibilidades de estudos, as revistas e periódicos e um glossário com verbetes da área de estudo.



Sistemas de Gestão Ambiental

✧ Principais Abordagens:

- Ciclo de vida - life cycle assessment;
- Circular economy;
- Clean and technology production;
- Corporate policies;
- Ecodesign;
- Ecoeficiência, Uso da água, Energia Limpa;
- Ecoinovação;
- Extended producer responsibility;
- Gerenciamento de passivos ambientais;
- Gerenciamento de riscos socioambientais;
- Gestão de resíduos;
- Integrated management systems;
- Supply chain management;
- Sustainable management.

✧ Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas:

KRUGLIANSKAS, I.; PINSKY, V. C. (Org.) **Gestão estratégica da sustentabilidade: experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

NEVES, Filipe Gabriel Gama Rodrigues; ROCHA, Carlos Frederico Duarte. **A Evolução da Energia Solar na Matriz Elétrica Brasileira:: Perspectivas de Implementação e Impacto Positivo na Sustentabilidade**. Editora Appris, 2021;

PORTER, Michael; VAN DER LINDE, Claas. Green and competitive: ending the stalemate. **The Dynamics of the eco-efficient economy: environmental regulation and competitive advantage**, v. 33, p. 120-134, 1995.

RENNINGS, Klaus. Redefining innovation—eco-innovation research and the contribution from ecological economics. **Ecological economics**, v. 32, n. 2, p. 319-332, 2000.

SCHOT, Johan; GEELS, Frank W. Strategic niche management and sustainable innovation journeys: theory, findings, research agenda, and policy. **Technology analysis & strategic management**, v. 20, n. 5, p. 537-554, 2008.



✧ **Possibilidades de Estudos:**

- Como os Sistemas de Gestão Ambiental podem ser melhor integrados às estratégias de sustentabilidade corporativa?
- Quais são os principais desafios e barreiras para a implementação de Sistemas de Gestão Ambiental em países em desenvolvimento?
- Como os Sistemas de Gestão Ambiental podem ser efetivamente monitorados e avaliados quanto ao seu impacto no desempenho ambiental?
- Como os Sistemas de Gestão Ambiental podem ser usados para promover os princípios da economia circular e reduzir o desperdício e a poluição?



Responsabilidade Socioambiental

✧ **Principais Abordagens:**

- *ESG - Environmental Social Governance;*
- Relatórios de sustentabilidade;
- Strategic corporate sustainability;
- Sustainability Performance - Environmental accounting;
- Sustainability Reporting;
- Tools and methods for corporate sustainability;
- Voluntary Environmental Programs.

✧ **Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas:**

ALBUQUERQUE, José de Lima et al. **Gestão ambiental e responsabilidade social**: conceitos, ferramentas e aplicações. São Paulo: Atlas, p. 131, 2009.

BAEK, K. The diffusion of voluntary environmental programs: The case of ISO 14001 in Korea, 1996–2011. **Journal Business Ethics** 2017, 145, 325–336.

DES JARDINS, Joseph R. **Environmental ethics**. Cengage Learning, 2012.

FATEMI, A., GLAUM, M. y KAISER, S. ESG performance and firm value: the moderating role of disclosure. **Global Finance Journal**, 2018, 38, 45-64. doi: <https://doi.org/10.1016/j.gfj.2017.03.001>

LI, Yiwei et al. The impact of environmental, social, and governance disclosure on firm value: The role of CEO power. **The British Accounting Review** , v. 50, n. 1, pág. 60-75, 2018.

TACHIZAWA, Takeshy. **Gestão socioambiental: estratégias na nova era da sustentabilidade**. Elsevier, 2008.



✧ **Possibilidades de Estudos:**

- Quais são as estratégias mais eficazes para engajar os consumidores e conscientizá-los sobre a importância da responsabilidade socioambiental?
- Que impacto as novas tecnologias, como inteligência artificial e blockchain, terão na capacidade das empresas de implementar práticas sustentáveis e aumentar a transparência?
- Como podemos medir o verdadeiro impacto das iniciativas de responsabilidade social e ambiental e quais métricas devem ser usadas para avaliar seu sucesso?
- Como podemos garantir que os esforços para promover a responsabilidade social e ambiental sejam inclusivos e equitativos e que não exacerbem as desigualdades sociais e econômicas existentes?
- Como podemos incentivar mais empresas a priorizar a responsabilidade social e ambiental, especialmente aquelas em setores que tradicionalmente são vistos como menos ecologicamente corretos?



Indicadores de Gestão Socioambiental

✧ **Principais Abordagens:**

- Auditorias ambientais;
- Construções Sustentáveis e Certificação de Prédios Verdes;
- Environmental accounting, auditing;
- Indicadores de reciclagem;
- Normas de gestão ambiental;
- Privado + Público;
- Sistemas de Gestão de Certificação (ISOs) - Management System Standards.

✧ **Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas:**

GIOVANNINI, F.; KRUGLIANSKAS, I. Fatores críticos de sucesso para a criação de um processo inovador sustentável de reciclagem: um estudo de caso. **Revista de Administração Contemporânea**, v.12, n.4, p.931-51, 2008.

GOMES, Cláudia Maffini et al. Gestão da inovação tecnológica para o desenvolvimento sustentável em empresas internacionalizadas. **Gestão & Regionalidade**, v. 25, n. 73, p. 35-47, 2009.

SEIFFERT, Mari Elizabete Bernardini. **ISO 14001 sistemas de gestão ambiental: implantação objetiva e econômica**. Atlas, 2005.



WHITELAW, Ken. **ISO 14001 environmental systems handbook**. Routledge, 2004.

ZUTSHI, Ambika; SOHAL, Amrik S. Adoption and maintenance of environmental management systems: critical success factors. **Management of Environmental Quality: An International Journal**, v. 15, n. 4, p. 399-419, 2004.

✧ **Possibilidades de Estudos:**

- Qual é a forma mais eficaz de desenvolver e implementar indicadores de gestão socioambiental relevantes e significativos?
- Como garantir que os indicadores de gestão socioambiental sejam transparentes, mensuráveis e verificáveis e que estejam alinhados às metas globais de sustentabilidade, como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas?
- Qual a relação entre os indicadores de gestão socioambiental e o desempenho financeiro e como as empresas podem utilizar esses indicadores para gerar valor para seus stakeholders?
- Quais são as melhores práticas para monitorar e reportar indicadores de gestão socioambiental e como as empresas podem garantir que seus relatórios sejam precisos e confiáveis?



Gestão da cadeia de suprimentos

✧ **Principais Abordagens:**

- Desperdício no transporte de suprimentos;
- Fornecimento responsável;
- Impacto Ambiental da cadeia de suprimentos;
- Redução do consumo de água pelos fornecedores;
- Uso de fontes de energia renováveis pelos fornecedores.

✧ **Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas:**

GONÇALVES-DIAS, S. L. F.; GUIMARAES, L. F.; SANTOS, M. C. L. **Inovação no desenvolvimento de produtos verdes: integrando competências ao longo da cadeia produtiva**. *RAI*, v.9, n.3, 2012.

GRANT, David B.; WONG, Chee Yew; TRAUTRIMS, Alexander. **Sustainable logistics and supply chain management: principles and practices for sustainable operations and management**. Kogan Page Publishers, 2017.



MEDEIROS, Janine Fleith de; RIBEIRO, José Luis Duarte; CRUZ, Cassiana Maris Lima. Inovação ambientalmente sustentável e fatores de sucesso na percepção de gestores da indústria de transformação. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 10, p. 652-676, 2012.

NEUTZLING, Daiane Mülling. Gestão estratégica da sustentabilidade em cadeias de suprimentos: um estudo multicase. 2014.

ZAILANI, Suhaiza et al. Sustainable supply chain management (SSCM) in Malaysia: A survey. **International journal of production economics**, v. 140, n. 1, p. 330-340, 2012.

✦ **Possibilidades de Estudos:**

- Quais são as melhores práticas para integrar os Sistemas de Gestão Ambiental na gestão da cadeia de suprimentos?
- Como as empresas podem garantir que seus fornecedores e parceiros de negócios mantenham os mesmos padrões sociais e ambientais que eles?
- Quais são as formas mais eficazes de identificar e mitigar riscos em cadeias de suprimentos globais complexas, especialmente aquelas que envolvem vários níveis de fornecedores?
- Como usar, da melhor forma, as ferramentas e tecnologias digitais para aumentar a eficiência da cadeia de suprimentos e reduzir os custos?



Governança para Sustentabilidade na Administração Pública

✦ **Principais Abordagens:**

- A3P;
- Cidades Sustentáveis e Inteligentes / Green-sustainable transport;
- Compras públicas sustentáveis;
- Gerenciamento de riscos socioambientais;
- Gerenciamento e mitigação de impactos ambientais;
- Legislação Ambiental e Políticas Públicas;
- Nature-based solutions;
- Regions and urban transformation;
- Resiliência.



✧ **Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas:**

ABRAMOVAY, Ricardo. Desigualdades e limites deveriam estar no centro da Rio+ 20. **Estudos avançados**, v. 26, p. 21-34, 2012.

BISSACOT, Thaiza Clemente Couto; OLIVEIRA, Sílvia Maria Alves Correa. Instrumento para o gerenciamento de riscos ambientais. **Engenharia Sanitaria e Ambiental**, v. 21, p. 227-232, 2016.

CARVALHO, André Pereira de; BARBIERI, José Carlos. Innovation for sustainability: overcoming the productivity of the sugar-and-ethanol industry's conventional system. **Journal of technology management & innovation**, v. 5, n. 4, p. 83-94, 2010.

CAVALCANTI, Clóvis. Sustentabilidade: mantra ou escolha moral? Uma abordagem ecológico-econômica. **Estudos avançados**, v. 26, p. 35-50, 2012.

LUIZ, Lilian Campagnin et al. Agenda Ambiental na Administração Pública (A3P) e práticas de sustentabilidade: estudo aplicado em um instituto federal de educação, ciência e tecnologia. **Administração pública e gestão social**, v. 5, n. 2, p. 54-62, 2013.

✧ **Possibilidades de Estudos:**

- Como a administração pública pode efetivamente equilibrar considerações econômicas, ambientais e sociais nos processos de tomada de decisão?
- Quais são as melhores práticas para integrar considerações de sustentabilidade nos processos de compras públicas?
- Como a administração pública pode se envolver efetivamente com as partes interessadas e o público para promover a sustentabilidade?
- Quais são as estratégias mais eficazes para capacitar e promover práticas sustentáveis nas organizações da administração pública?



Mudanças Climáticas e Gestão de Baixo Carbono

✧ **Principais Abordagens:**

- Economia de baixo carbono;
- Financiamento climático;
- Mitigação, Adaptação;
- Pegada de carbono - carbon footprint;
- Precificação de carbono;
- Transição energética.



✧ **Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas:**

ARTAXO, Paulo. Mudanças climáticas e o Brasil. Revista USP, n. 103, p. 8-12, 2014

HERZOG, Cecilia Polacow; ROSA, Lourdes Zunino. Infraestrutura verde: sustentabilidade e resiliência para a paisagem urbana. Revista Labverde, n. 1, p. 92-115, 2010.

OLTRA, Vanessa; SAINT JEAN, Maïder. Sectoral systems of environmental innovation: an application to the French automotive industry. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 76, n. 4, p. 567-583, 2009.

PINSKY, Vanessa et al. Sustainability as driver of corporative innovation: a case study in the brazilian petrochemical sector. In: **POMS 25th Annual Conference. Proceedings of Production and Operations Management Society. Chicago**. 2014.

VICTOR, David G. **Global warming gridlock: creating more effective strategies for protecting the planet**. Cambridge University Press, 2011.

✧ **Possibilidades de Estudos:**

- Como podemos garantir que as estratégias de gestão de baixo carbono sejam socialmente justas e não impactem desproporcionalmente as populações vulneráveis?
- Que papel a tecnologia emergente que permite a captura e armazenamento de carbono pode desempenhar na mitigação da mudança climática? Quais são os riscos potenciais e compensações associados a essa tecnologia?
- Como podemos coordenar efetivamente os esforços internacionais para lidar com a mudança climática e promover a gestão de baixo carbono, especialmente considerando os interesses e prioridades divergentes de diferentes países e regiões?



Sustentabilidade Global

✧ **Principais Abordagens:**

- Consumo Sustentável;
- Educação Ambiental;
- Environmental nexus;
- Environmental Sustainability;
- Health care and Sustainability;
- Inovação e colaboração para sustentabilidade;



- Transição justa - Green transition.

✧ **Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas:**

BARBIERI, J. C et al. Inovação e sustentabilidade: novos modelos e proposições. *Revista de Administração de Empresas*, v.50, n.2, 2010.

DEL RIO GONZALEZ, P. **The empirical analysis of the determinants for environmental technological change: a research agenda.** *Ecological Economics*, v.68, p.861-78, 2009.

FRONDEL, M. et al. **Economic impacts from the promotion of renewable energy technologies: the German experience.** *Energy Policy*, v.38, n.8, p.4048-56, 2010.

SEIFFERT, Mari Elizabete Bernardini. **Gestão ambiental: instrumentos, esferas de ação e educação ambiental.** Editora Atlas, 2007.

VEIGA, J. E. da. Indicadores de sustentabilidade. *Estudos Avançados*, v.24, n.68, p.39-52, 2010.

✧ **Possibilidades de Estudos:**

- Como podemos garantir que as gerações futuras tenham acesso aos recursos de que precisam?
- Quais são os custos e os benefícios específicos de cada política e prática de sustentabilidade adotada? Quais são as mais vantajosas?
- Como os acordos e políticas comerciais podem ser concebidos para promover a sustentabilidade e mitigar os impactos do comércio global?.



Gestão da terra e biodiversidade

✧ **Principais Abordagens:**

- Agricultura sustentável;
- Impacto das atividades de desenvolvimento sobre a biodiversidade local;
- Medidas para mitigar os impactos sobre a biodiversidade;
- Restauração de ecossistemas destruídos pelo impacto da produção;
- Silvicultura sustentável.



✧ **Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas**

BENSUSAN, Nurit. **Conservação da biodiversidade em áreas protegidas**. FGV Editora, 2006.

DEGGERONE, Zenicleia Angelita; DA SILVA LAROQUE, Luís Fernando; BARDEN, Júlia Elisabete. Agricultura familiar: o trabalho dos jovens na gestão e reprodução de um modo de vida na região Alto Uruguai, Rio Grande do Sul. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 34, n. 2, p. 367-379, 2014.

KOLBERT, Elizabeth. **The sixth extinction: An unnatural history**. A&C Black, 2014.

MACHADO, Pedro LO de A. Carbono do solo e a mitigação da mudança climática global. **Química Nova**, v. 28, p. 329-334, 2005.

RANDOLPH, John. **Environmental land use planning and management**. Island Press, 2004.

✧ **Possibilidades de Estudos:**

- Qual é a maneira mais eficaz de equilibrar as necessidades das populações humanas com a proteção da biodiversidade?
- Qual é a melhor forma de monitorar e avaliar o impacto das práticas de manejo da terra na biodiversidade?
- Quais são os melhores métodos para restaurar ecossistemas degradados?
- Como podemos envolver efetivamente as comunidades locais nos esforços de conservação da biodiversidade?



Abordagens Críticas

✧ **Principais Abordagens:**

- Abordagem nexus água-alimento-energia.
- Conflitos socioambientais;
- Decrescimento;
- Greenwashing;
- Justiça socioambiental e climática.

✧ **Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas:**

DE FREITAS NETTO, Sebastião Vieira et al. Concepts and forms of greenwashing: A systematic review. **Environmental Sciences Europe**, v. 32, n. 1, p. 1-12, 2020.

DELMAS, Magali A.; BURBANO, Vanessa Cuerel. The drivers of



greenwashing. **California management review**, v. 54, n. 1, p. 64-87, 2011.

FERRAÇO, André Augusto Giuriatto; MORAES, Gabriela Garcia Batista Lima. A abordagem científica-instrumental do nexus water-food-energy como método para a construção de uma política ambiental na gestão dos recursos hídricos. **Revista Videre**, v. 10, n. 19, p. 53-68, 2018

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Educação para a gestão ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos socioambientais. **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. São Paulo: Cortez, p. 87-155, 2000.

MILANEZ, Bruno; FONSECA, Igor Ferraz. Justiça climática e eventos climáticos extremos: uma análise da percepção social no Brasil. **Revista Terceiro Incluído**, v. 1, n. 2, p. 82-100, 2011.

✧ **Possibilidades de Estudos:**

- Quais são as formas mais eficazes de identificar e expor instâncias de greenwashing?
- Como o greenwashing afeta o comportamento do consumidor e as decisões de compra?
- Como medir o impacto dos conflitos socioambientais nos ecossistemas e recursos naturais?
- Qual é a melhor maneira de definir e medir a justiça climática?
- Qual é o papel dos acordos climáticos internacionais na promoção da justiça climática?

Revistas e Periódicos da Grande Área

Periódicos

Links de acesso

AMBIENTE E SOCIEDADE

<https://www.scielo.br/j/asoc/>

BUSINESS STRATEGY AND THE ENVIRONMENT

<https://onlinelibrary.wiley.com/journal/10990836>

CADERNOS EBAPE.BR

<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape>



CLIMATE AND DEVELOPMENT	https://www.tandfonline.com/toc/tcld20/current
CURRENT OPINION IN ENVIRONMENTAL SUSTAINABILITY	https://www.sciencedirect.com/journal/current-opinion-in-environmental-sustainability
DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE	https://revistas.ufpr.br/made
ECOLOGY AND SOCIETY	https://ecologyandsociety.org/
ENVIRONMENTAL DEVELOPMENT	https://www.sciencedirect.com/journal/environmental-development
MITIGATION AND ADAPTATION STRATEGIES FOR GLOBAL CHANGE	https://www.springer.com/journal/11027
SUSTAINABLE CITIES AND SOCIETY	https://www.scimagojr.com/journalsearch.php?q=19700194105&tip=sid
REVISTA BRASILEIRA DE RECURSOS HÍDRICOS	https://www.abrhidro.org.br/SGCv3/publicacao.php?PUB=1
REVISTA ÁRVORE	http://revistaarvore.org.br/
REVISTA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM AÇÃO	https://www.revistaeea.org/
REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS	https://www.rbciamb.com.br/Publicacoes_RBCIAMB
SUSTAINABILITY	https://sustainabilitymag.com/
GREENBIZ	https://www.greenbiz.com/
NATURE SUSTAINABILITY	https://www.nature.com/natsustain/



Links de Interesse

Sites

Links de acesso:

**INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO
AMBIENTE E DOS RECURSOS
NATURAIS RENOVÁVEIS**

www.ibama.gov.br

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
EMPRESAS DE TRATAMENTO
DE RESÍDUOS**

www.abetre.org.br

**AGÊNCIA NACIONAL DE
VIGILÂNCIA SANITÁRIA**

www.anvisa.gov.br

**INSTITUTO NACIONAL DE
METROLOGIA E QUALIDADE
INDUSTRIAL**

www.inmetro.gov.br

**PROGRAMA DAS NAÇÕES
UNIDAS PARA O MEIO
AMBIENTE**

<https://www.unep.org/>

WWF BRASIL

<https://www.wwf.org.br/>

GREENPEACE BRASIL

<https://www.greenpeace.org/brasil/>

THE NATURE CONSERVANCY

<https://www.tnc.org.br/>

**SISTEMA DE GESTÃO
AMBIENTAL**

<https://sga.furg.br/>

**INSTITUTO DE PROJETOS
E PESQUISAS
SOCIOAMBIENTAIS**

<https://ipesa.org.br/>



GLOSSÁRIO DE GESTÃO AMBIENTAL

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

✧ **Avaliação do ciclo de vida**

"(...) é uma metodologia para avaliar os impactos ambientais de um produto, processo ou atividade do início ao fim. Envolve a quantificação de entradas e saídas de energia, materiais, água e emissões ao longo de todo o ciclo de vida do sistema em estudo, incluindo a extração e processamento de matérias-primas, fabricação, distribuição, uso e descarte ou reciclagem em fim de vida. Os resultados podem ser usados para identificar oportunidades para reduzir os impactos ambientais e melhorar a sustentabilidade do sistema em estudo." (CURRAN, 2000).

✧ **Avaliação de impacto ambiental**

"(...) trata-se do processo de identificação, previsão, avaliação e mitigação dos efeitos biofísicos, sociais e outros efeitos relevantes das propostas de desenvolvimento antes que as principais decisões sejam tomadas e os compromissos assumidos. É uma ferramenta para a tomada de decisões que fornece informações sobre as prováveis consequências ambientais das atividades propostas, ajuda a identificar alternativas e medidas para evitar ou reduzir impactos negativos e contribui para o desenvolvimento sustentável de comunidades e regiões". (SADLER, 2005).

✧ **Desenvolvimento sustentável**

"(...) é o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades. Envolve equilibrar considerações econômicas, sociais e ambientais na tomada de decisões e adotar uma perspectiva de longo prazo que reconhece a interconexão dos sistemas econômicos, sociais e ambientais. O desenvolvimento sustentável requer a integração de políticas e ações em todos os setores e escalas para alcançar um futuro mais igualitário, resiliente e próspero para todas as pessoas e para o planeta." (BRUNDTLAND, 1987).

✧ **Ecodesign**

"(...) apresenta-se como a integração de considerações ambientais no processo de design e desenvolvimento do produto. Envolve considerar todo o ciclo de vida de um produto, desde a extração da matéria-prima até o descarte no fim da vida útil, minimizando seu impacto ambiental em cada estágio. O ecodesign envolve fazer escolhas sobre materiais, processos de fabricação, embalagem, transporte, uso de energia e opções de fim de vida que reduzem a pegada ambiental de um produto, mantendo ou melhorando sua funcionalidade, qualidade e acessibilidade. uma abordagem proativa para a sustentabilidade que visa prevenir a poluição e o desperdício e criar produtos que sejam mais eficientes em termos de recursos e ecologicamente corretos." (TISCHNER, 2010).



✧ **Economia circular**

“(…) é um sistema econômico restaurador e regenerativo. Visa manter produtos, componentes e materiais em sua mais alta utilidade e valor em todos os momentos, distinguindo entre ciclos técnicos e biológicos. Em uma economia circular, o valor dos produtos e os materiais são mantidos pelo maior tempo possível, o desperdício e o uso de recursos são minimizados e a saúde do ecossistema é restaurada. É uma abordagem sistêmica para o desenvolvimento econômico fundamentada em princípios de sustentabilidade, resiliência e inovação.” (MACARTHUR, 2012).

✧ **Ecoeficiência**

“(…) alcançada pela entrega de bens e serviços a preços competitivos que satisfaçam as necessidades humanas e tragam qualidade de vida, ao mesmo tempo em que reduzem progressivamente os impactos ecológicos e a intensidade de recursos ao longo do ciclo de vida.” (SCHMIDHEINY, 1992).

✧ **Eco inovação**

“(…) é o desenvolvimento e a aplicação de produtos, processos, serviços ou modelos de negócios novos ou significativamente aprimorados que fornecem benefícios ambientais e sociais, ao mesmo tempo em que geram oportunidades econômicas. Envolve a criação de soluções inovadoras para os desafios ambientais e a integração de considerações de sustentabilidade nos negócios estratégias e práticas. A eco inovação pode impulsionar o desenvolvimento sustentável, reduzindo o uso de recursos e os impactos ambientais, melhorando a qualidade de vida e criando novos mercados e oportunidades de emprego. (European Commission, 2010).

✧ **Energia renovável**

“(…) energia de fontes que são reabastecidas por processos naturais a uma taxa igual ou mais rápida que a taxa em que são consumidas. Exemplos incluem energia solar, eólica, hidrelétrica, geotérmica e de biomassa. Ao contrário dos combustíveis fósseis, que são finitas e não renováveis, as fontes de energia renováveis são geralmente consideradas sustentáveis e ecologicamente corretas porque produzem pouca ou nenhuma emissão de gases de efeito estufa e não contribuem para a mudança climática. importante no atendimento da demanda futura de energia, reduzindo nossa dependência de combustíveis fósseis”. (KAMMEN, 2004).

✧ **Gestão de resíduos**

“(…) trata-se de um conjunto de atividades: coletar, transportar, processar, reciclar e descartar materiais residuais de maneira segura, eficiente e ambientalmente correta. Envolve minimizar a quantidade de resíduos gerados, maximizar a recuperação e reutilização de materiais e garantir a eliminação segura de resíduos perigosos e não perigosos. A gestão de resíduos visa prevenir a poluição ambiental, proteger a saúde humana, conservar os recursos naturais e promover o desenvolvimento sustentável. Requer a cooperação e participação de indivíduos, empresas e governos em todos os níveis, e a implementação de estratégias integradas de gerenciamento de resíduos que priorizam a redução, reutilização e reciclagem de resíduos em detrimento do descarte.” (COSSLETT, 2005).



Greenwashing

“(…) ato de fazer afirmações falsas ou enganosas sobre os benefícios ambientais de um produto, serviço ou prática comercial. Envolve o uso de táticas de marketing e publicidade para criar a impressão de que uma empresa ou produto é mais ecológico do que realmente é, ou para desviar a atenção de impactos ambientais negativos. Greenwashing pode variar de exageros sutis a mentiras absolutas e pode ser usado para enganar consumidores, investidores e reguladores. Ele mina a confiança do consumidor, cria concorrência desleal e diminui os esforços genuínos para melhorar o desempenho ambiental. Para evitar o greenwashing, as empresas devem ser transparentes sobre seus impactos ambientais, usar alegações ambientais confiáveis e verificáveis e buscar melhorias contínuas.” (Terra Choice Environmental Marketing, 2007).

Pegada de carbono

“(…) quantidade total de emissões de gases de efeito estufa que são causadas direta ou indiretamente por um indivíduo, organização ou produto. É uma medida do impacto que as atividades humanas têm no clima e representa a quantidade de dióxido de carbono e outros gases do efeito estufa gases que são liberados na atmosfera como resultado dessas atividades. A pegada de carbono é geralmente expressa em unidades de equivalentes de dióxido de carbono e inclui emissões de fontes como uso de energia, transporte, produção de alimentos e disposição de resíduos. Entender e reduzir pegadas de carbono é uma estratégia chave para mitigar as mudanças climáticas e promover o desenvolvimento sustentável.” (BERNERS-LEE, 2010).

Responsabilidade social corporativa

“(…) é o compromisso contínuo das empresas de se comportar de forma ética e contribuir para o desenvolvimento econômico, melhorando a qualidade de vida da força de trabalho e de suas famílias, bem como da comunidade local e da sociedade em geral. Envolve a integração social, ambiental e econômica considerações em operações de negócios e processos de tomada de decisão e engajamento com as partes interessadas para entender e abordar suas preocupações. A responsabilidade social corporativa não é apenas cumprir leis e regulamentos, mas também ir além dos requisitos legais para criar impactos sociais e ambientais positivos e construir relacionamentos de longo prazo com as partes interessadas”. (CARROLL, 1991).

Sistema de gestão ambiental:

"A essência do sistema de gestão ambiental é a gestão dos impactos humanos sobre o meio ambiente." (PEARCE, 2021).

ÁREAS TEMÁTICAS NAPP



GESTÃO DA PRODUÇÃO E LOGÍSTICA



FICHA TÉCNICA

Universidade Federal da Bahia
Reitor

Paulo César Miguez de Oliveira

Vice-reitor

Penildon Silva Filho

Escola de Administração

Diretor

João Martins Tude

Vice-diretor

André Luis Nascimento dos Santos

Núcleo de Pós-graduação da Escola de Administração da UFBA

Coordenador

Genauto Carvalho França Filho

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Acadêmico

Coordenadora

Andréa Cardoso Ventura

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Profissional

Coordenadora

Elisabeth Matos Ribeiro

Núcleo de Apoio a Pesquisa e Publicação – NAPP

Coordenador

Horacio Nelson Hastenreiter Filho

Coordenadora de Conteúdos

Justina Tellechea

Design Instrucional

Tairine Nunes

Autores

Cristiane Leite

Felipe Tumenas

Morjane Armstrong

Ano de Publicação (2023)

Edição (2023)



GESTÃO DA PRODUÇÃO E LOGÍSTICA

Professores: Felipe Tumenas (coordenador), Fernando, Antônio Francisco e Paulo Figueiredo.

Aluna(o)s: Cristiane Leite e Morjane Armstrong

Subareas Temáticas



O Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicações - NAPP oferece suporte para o fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual dos professores, pesquisadores, egressos e alunos vinculados ao Núcleo de Pós-Graduação em Administração da UFBA.

Por meio das divisões acadêmicas e temas de interesse propostos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - ANPAD, este material busca explorar as áreas e subáreas temáticas da gestão, apresentando aos leitores as principais abordagens, as referências bibliográficas clássicas e contemporâneas, as possibilidades de estudos, as revistas e periódicos e um glossário com verbetes da área de estudo.



Gestão da Operação de Serviços

Principais Abordagens

- O papel do cliente e o processo de serviço;
- Gestão das experiências de serviço;
- Gestão da qualidade, produtividade e desempenho em serviços;
- Gestão de capacidade e filas em operações de serviços;
- Ecossistema de serviços e ciência de serviços com aplicações em operações;
- Gestão de parcerias e redes em serviços;
- Cocriação, coprodução e participação dos clientes em operações de serviços;
- Logísticas e suprimentos para serviços;
- Recuperação de serviços;
- Design e inovação em serviços;
- Infusão em serviços, servitização, servitização digital e sistemas produtos-serviços;
- Transformação digital das operações em serviços;
- Novas tecnologias em operações em serviços e self-service technology;
- Prestação de serviços tecnológicos, como cloud services, computer security, telecomunicações, entre outros;
- Operações de knowledge-intensive business services (KIBS) e serviços business-to-business (B2B);
- Modelos de gestão adaptados a serviços públicos;
- Impactos da Covid-19 nas operações em serviços;
- BPM (Business Process Management) – da gestão à automação;
- Outsourcing para gestão e operação de serviços;
- Tecnologias aplicadas à gestão de serviços;
- Parceria público-privada na gestão de serviços.



Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

ARAÚJO, Luis Cezar G. de. Organização, Sistemas e Métodos e as Tecnologias de Gestão Organizacional: arquitetura organizacional, benchmarking, empowerment, gestão da qualidade total, reengenharia. Volume 1. São Paulo: Atlas, 2008. ABPMP. **Guia de Gerenciamento de Processos de Negócios (BPM): corpo comum de conhecimento. Versão**, v. 2, 2009.

CORRÊA, Henrique L. caon, Mauro. **Gestão de Serviços. São Paulo: Atlas**, 2002.

GRÖNROOS, C. Serviços, gerenciamento e processos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

LOVELOGK, Christopher. Marketing de serviços: pessoas, tecnologia e estratégia. 2011.

Possibilidades de Estudos

- Que estratégias podem ser adotadas por empresas de serviço para serem exitosas na agenda de inovação?
- Como a gestão de parcerias pode potencializar operações de serviços?
- Qual o potencial de inovação incremental e disruptiva das novas tecnologias em operações em serviços e self service?
- Como as parcerias público privadas podem viabilizar e potencializar as operações de serviços?
- Como se caracteriza o processo de transformação digital em operações de serviços? (viabilizadores, barreiras e possibilidades).

Principais Revistas e Periodicos

1756-669x International Journal Of Quality And Service

1744-2389 International Journal Of Services And Operations Management

0920-8550 Journal Of Financial Services Research

1867-4828 Journal Of Internet Services And Applications

0969-6989 Journal Of Retailing And Consumer Services

1094-6705 Journal Of Service Research

0264-2069 Service Industries Journal

0887-6045 The Journal Of Services Marketing

Link de interesse

http://anpad.org.br/sobre_div_academicas.php#GOLcollapse9



Logística

✈ Principais Abordagens

- Logística empresarial e o seu papel diante da economia globalizada;
- Análise da função logística, com base na cadeia de suprimento, da infraestrutura logística, da tecnologia e das pessoas envolvidas;
- Principais atividades da logística empresarial e sua aplicabilidade nas organizações por meio de técnicas e procedimentos específicos;
- Questões relativas à Logística e à Gestão de Cadeias de Abastecimento (Supply Chain Management), focalizando os aspectos dos recursos materiais e patrimoniais e seu planejamento e gestão;
- O instrumental e quantitativo aplicado a logística e supplychain, bem como outras áreas funcionais, incluindo finanças e marketing;
- O instrumental e quantitativo aplicado a aspectos conceituais e estratégicos fundamentais para decisões de negócios de nível mais elevado;
- Fundamentos da Logística Empresarial;
- O Composto Logístico;
- Planejamento e controle Logístico;
- Cadeia de Suprimentos e Gerenciamento da Cadeia de Suprimentos;
- Operações, previsão de demanda, gestão de estoques, distribuição, armazenagem, logística reversa;
- Tópicos Emergentes de Logística;
- Gerenciamento da Cadeia de Suprimentos (SCM);
- Gestão do Relacionamento com o Cliente – CRM;
- Gestão do Relacionamento com os Fornecedores -SEM;
- Logística de Distribuição (Canais de Distribuição e Distribuição Física);
- Fundamentos de Transportes; Localização de Instalações;
- Evolução do sistema industrial de produção;
- Divisão do trabalho: Taylorismo e Fordismo. Novas formas de organização do trabalho : grupos semi-autônomos e a contribuição dos japoneses;
- Conceitos de Qualidade de produto;
- Conceituação da Gestão da Qualidade;
- Perspectiva estratégica da Qualidade;
- Gestão da Qualidade Total (TQM) e modelos de excelência;



- Custos da qualidade/custos da má qualidade;
- Ferramentas de suporte, controle e melhoria da gestão da qualidade;
- Qualidade em serviços;
- Modelos normatizados de sistemas de gestão;
- Logística verde;

 **Referências bibliográficas seminais/clássicas**

ARNOLD, JR Tony; RIMOLI, Celso; ESTEVES, Lenita R. **Administração de materiais: uma introdução**. Atlas, 1999.

BALLOU, Ronald H. Logística Empresarial: Transportes. **Administração de**, v. 1, 1993.

BALLOU, Ronald H. Logística Empresarial: Transportes. **Administração de**, v. 1, 1993.

BOWERSOX, Donald J. et al. **Gestão logística da cadeia de suprimentos**. AMGH Editora, 2013.

BOWERSOX, Donald J.; CLOSS, David J. Logística empresarial: o processo de integração da cadeia de suprimento. In: **Logística empresarial: o processo de integração da cadeia de suprimento**. 2007. p. 594-594.

HONG, Yuh Ching. **Gestão de estoques na cadeia de logística integrada: supply chain**. Atlas, 1999.

GIANESI, I. G. N. Just-in-time, mrp, mrp ii e opt: um enfoque estrategico. 1993.

DA PRODUÇÃO, Administração et al. Revisão técnica Henrique Corrêa, Irineu Giansesi. **São Paulo: Atlas**, 1996.

DAVIS, Mark M.; CHASE, Richard B.; AQUILANO, Nicholas J. **Fundamentos da administração da produção**. Bookman, 2001.

DIAS, Marco Aurélio P. Administração de materiais: uma abordagem logística. 4ª Edição. **São Paulo: Atlas**, 1993..

DORNIER, Philippe. **Logística e operações globais: textos e casos**. Atlas, 2000. FIGUEIREDO, Kleber Fossati; FLEURY, Paulo Fernando; WANKE, Peter. Logística e gerenciamento da cadeia de suprimentos: planejamento do fluxo de produtos e dos recursos. In: **Logística e gerenciamento da cadeia de suprimentos: planejamento do fluxo de produtos e dos recursos**. 2006. p. 483-483.

GONÇALVES, P. S. “Administração de Materiais”.Rio de Janeiro:Elsevier, 2007.

GURGEL, Floriano Amaral. Administração dos fluxos de materiais e de produtos. 1996.

MESSIAS, Sérgio Bolsonaro. **Manual de Administração de Materiais: planejamento e controle dos estoques**. 1983.



NOVAES, Antônio GN; ALVARENGA, Antônio Carlos. Logística aplicada: Suprimento e distribuição. 1994.

NOVAES, Antonio Galvão. Logística e gerenciamento da cadeia de distribuição: Estratégia. **Operação e Avaliação**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001.

PIRES, Sílvio RI. Gestão da cadeia de suprimentos (Supply chain management). **São Paulo: Atlas**, 2004.

SHUN'ICHI KOBAYASHI. **Renovação da logística: como definir as estratégias de distribuição física global**. Atlas, 2000.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

BERTAGLIA, Paulo Roberto. **Logística e gerenciamento da cadeia de abastecimento**. Saraiva Educação SA, 2017.

COSTA, Henrique Luiz. **Gestão de redes de suprimento: integrando cadeias de suprimento no mundo globalizado**. Ed. Atlas, 2010.

CORONADO, Osmar. **Logística integrada: modelo de gestão**. Editora Atlas SA, 2000.

LEITE, Paulo Roberto. Logística reversa: meio ambiente e competitividade. In: **Logística reversa: meio ambiente e competitividade**. 2009. p. 240-240.

WANKE, Peter F. **Estratégia logística em empresas brasileiras: um enfoque em produtos acabados**. Editora Atlas SA, 2000.

Possibilidades de Estudos

- Como otimizar a gestão da cadeia de suprimentos para processos logísticos a partir do uso de tecnologias da indústria 4.0?
- Como a Gestão da Qualidade Total (TQM) e modelos de excelência podem potencializar e tornar mais eficiente o processo logístico?
- Mapeamento das ferramentas de suporte, controle e melhoria da gestão da qualidade em processos logísticos.

Principais Revistas e Periódicos

1355-5855 Asia Pacific Journal Of Marketing And Logistics

1367-5567 International Journal Of Logistics

0957-4093 International Journal Of Logistics Management

1742-7975 International Journal Of Logistics Systems And Management

1742-7967 International Journal Of Logistics Systems And Management

0960-0035 International Journal Of Physical Distribution & Logistics

1756-6517 International Journal Of Shipping And Transport Logistics



1479-2931 Maritime Economics & Logistics

 **Links de interesse**

http://anpad.org.br/sobre_div_academicas.php

<http://portal.abepro.org.br/>

<https://aom.org/>



Inovação em Processos*

*Essa subárea tem como objetivo discutir a relação entre operações, inovação e competitividade.

 **Principais Abordagens**

- Interfaces entre operações e inovação;
- Competências operacionais para inovação;
- Desenvolvimento de produtos e serviços;
- Competitividade e inovação nas organizações;
- Hélice Tripla para Inovação em processo (universidade/empresa/governo);
- Redes de colaboração para inovação em processo;
- Indicadores de inovação em processo.

 **Referências bibliográficas seminais/clássicas**

ABREU, Aline Franco et al. Gestão integrada da inovação: estratégia, organização e desenvolvimento de produto. **São Paulo: Atlas**, 2008.

BARBIERI, José Carlos. **Organizações inovadoras: estudos e casos brasileiros**. FGV Editora, 2003.

BESSANT, John. Challenges in innovation management. **The international handbook on innovation**, p. 761-774, 2003.

CAMAGNI, Roberto et al. **Innovation networks: spatial perspectives**. Belhaven-Pinter, 1991.

CANTWELL, John. Innovation and competitiveness. **The Oxford handbook of innovation**, p. 543-567, 2005.

CASTELLACCI, Fulvio. Innovation and the competitiveness of industries: Comparing the mainstream and the evolutionary approaches. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 75, n. 7, p. 984-1006, 2008.

FREEMAN, Chris; SOETE, Luc. **A economia da inovação industrial**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

TIDD, Joe; BESSANT, John. Gestão da Inovação: Integrando Tecnologia, Mercado E Mudança Organizacional - 5ª ed. Rio de Janeiro: Artmed, 2015.



Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

CARAYANNIS, Elias; GRIGOROUDIS, Evangelos. Linking innovation, productivity, and competitiveness: implications for policy and practice. **The Journal of Technology Transfer**, v. 39, p. 199-218, 2014.

FREEMAN, Christopher. Technological infrastructure and international competitiveness. **Industrial and Corporate Change**, v. 13, n. 3, p. 541-569, 2004.

FREEMAN, Chris; SOETE, Luc. **A economia da inovação industrial**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

Possibilidades de Estudos

- Qual a relação entre operações e inovação? Qual a direção dessa relação?
- Como as operações podem fomentar diferentes tipos de inovação?
- Como as organizações nutrem e constroem capacidades operacionais para obter competitividade no século 21?
- Quais os determinantes empresariais, regionais ou mercadológicos para a construção de capacidades operacionais e competitivas?
- Como inovar através de operações e se tornar mais competitivo?
- Como as empresas usam suas competências operacionais para desenvolver produtos e serviços?
- Como os conceitos tradicionais do campo de operações, como desenho para manufatura, desenho para qualidade, envolvimento de fornecedores no desenho de produtos e a modularidades, se enquadram nesse contexto?

Principais Revistas e Periódicos

0737-6782 Journal of Product Innovation Management

0033-6807 R and D Management

0166-3615 Computers in Industry

166-4972 Technovation

963-1690 Creativity and Innovation Management

Link de Interesse

http://www.finep.gov.br/images/a-finep/biblioteca/manual_de_oslo.pdf



Experiências Produtivas Associativas

✈ Principais Abordagens

- Economia Solidária;
- Fundamentos teóricos da formação econômica brasileira e latino-americana;
- Práticas de economia solidária: finanças solidárias, circuitos curtos de comercialização, redes locais e o processo de construção do território;
- Políticas públicas de desenvolvimento rural e economia solidária;
- Tecnologias aplicadas a experiências produtivas associativas;
- Agroindústria e experiências produtivas associativas;
- Governança de redes em experiências produtivas associativas;
- Gestão de experiências produtivas associativas;
- Formação de redes associativas: logística aplicada.

✈ Referências bibliográficas seminais/clássicas

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede, 9ª. **São Paulo: Paz e Terra**, 2006.

DE FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho. Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 7, n. 1, p. 155-174, 2007.

_____. Empreendimentos econômicos solidários. In: CATTANI, Antonio David (org.). A outra economia. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003, p. 135-143.

GADOTTI, Moacir. Economia solidária como práxis pedagógica. 2009.

GAIGER, Luiz Inácio. Empreendimentos solidários: uma alternativa para a economia popular. **Formas de combate e de resistência à pobreza. São Leopoldo: UNISINOS**, p. 101-126, 1996.

GAIGER, Luiz Inácio. Sentido e possibilidades da economia solidária hoje. **Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia. Petrópolis: Vozes**, v. 58, 2000.

LECHAT, Noëlle Marie Paule. As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil. **Economia Solidária Volume**, v. 4, 2002.

MANCE, Euclides André. Redes de colaboração solidária. **Cutitiba: Ufil**, 2002.

MOURA, Maria Suzana; MEIRA, Ludmila. Desafios da gestão de empreendimentos solidários. **Bahia Análise & Dados**, v. 12, n. 1, p. 77-84, 2002.



POLANYI, Karl. **A grande transformação**. Leya, 2013

SCHIOCHET, V. Políticas públicas em economia solidária: reflexões da Rede de Gestores/Secretaria Nacional de Economia Solidária-MTE. **Rede de Gestores de Políticas Públicas de Economia Solidária. Centro de Estudos Josué de Castro. Recife: Ed. Universidade da UFPE, 2008.**

SINGER, Paul Israel. Economia Solidária: geração de renda e alternativa ao liberalismo. **Proposta**, v. 26, n. 72, p. 7-13, 1997.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. Fundação Perseu Abramo, 2002.

 **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

AMORIM, Brunu Marcus Ferreira; ARAÚJO, Herton Ellery. Economia solidária no Brasil: novas formas de relação de trabalho?. 2004.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. A problemática da economia solidária: uma perspectiva internacional. **Sociedade e estado**, v. 16, p. 245-275, 2001.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. A problemática da economia solidária: um novo modo de gestão pública?. **Cadernos Ebape. Br**, v. 2, p. 01-18, 2004.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. A temática da economia solidária e suas implicações originais para o campo dos estudos organizacionais. 2003.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de; DZIMIRA, Sylvain. Economia Solidária e Dádiva. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 6, nº 14, janeiro/abril, 1999.

FRANÇA FILHO, Genauto C. Novos arranjos organizacionais possíveis? O fenômeno da economia solidária em questão (precisões e complementos). **Organizações & Sociedade**, Salvador, v.8, n.20, p. 126-137. jan./abr. 2001

FRANÇA FILHO, G. C. de; LAVILLE, Jean-Louis. Economia Solidária: uma abordagem internacional. Porto Alegre, UFRGS, 2004.

FRANÇA FILHO, G. C. de; Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. **Civitas**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 155-174, jan.-jun. 2007.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Terceiro setor, economia social, economia solidária e economia popular: traçando fronteiras conceituais. 2002.

FRANÇA FILHO, GC de. Gestão social: um conceito em construção. **Colóquio Internacional sobre Poder Local**, v. 9, p. 1-6, 2003.

KRAYCHETE, Gabriel. Economia Solidária: Conceitos e Contextos. Comentários realizados durante o seminário Internacional sobre Economia Solidária: Desafios para um novo tempo realizado na fundação Luiz Eduardo Magalhães. Salvador. 2002.

KRAYCHETE, Gabriel. Economia Solidária: Conceitos e Contextos. Comentários realizados durante o seminário Internacional sobre Economia



Solidária: Desafios para um novo tempo realizado na fundação Luiz Eduardo Magalhães. Salvador. 2002.

NUNES, Brasilmar Ferreira; MARTINS, Paulo Henrique (Ed.). **A Nova ordem social: Perspectivas da solidariedade contemporânea**. Paralelo 15, 2004.

SILVA JÚNIOR, Jeová Torres. Gestão, fato associativo & economia solidária: a experiência da ASMOCONP/Banco Palmas. 2004.

Possibilidades de Estudos

- Como as práticas de economia solidária podem impulsionar a gestão da produção e logística, agregando valor à organização?
- Como se dá a governança de redes em experiências produtivas associativas sob perspectiva da gestão da produção e logística?
- Quais os aprendizados para eficiência logística (mais resultado com menor custo) extraídos a partir das experiências produtivas associativas em diferentes regiões brasileiras?

Principais Revistas e Periódicos

Bahia Análise e Dados

Organizações & Sociedade – Periódicos UFBA

Revista de Desenvolvimento Econômico

Links de Interesse

<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/manuelasalau.pdf>

<https://www.gov.br/trabalho/pt-br>

https://drive.google.com/drive/folders/1Ckgh1_n_5a-O8oQ9c-bvFO0PbGI25PMw?usp=sharing



Cadeias Globais de Valor

Principais Abordagens:

- Cadeias Globais de Valor;



- Redes Globais de Produção;
- Estratégia de Produção Global;
- Terceirização e Produção Global;
- Governança da Cadeia;
- Tecnologias aplicadas a cadeias globais de valor.

Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

ANAND, Gopesh; GRAY, John V. Strategy and organization research in operations management. **Journal of Operations Management**, v. 53, p. 1-8, 2017.

CHAHAL, Hardeep et al. Operations management research grounded in the resource-based view: A meta-analysis. **International Journal of Production Economics**, v. 230, p. 107805, 2020.

GROVER, Varun; MALHOTRA, Manoj K. Transaction cost framework in operations and supply chain management research: theory and measurement. **Journal of Operations management**, v. 21, n. 4, p. 457-473, 2003.

ZHANG, Fuqiang et al. Evolution of operations management research: From managing flows to building capabilities. **Production and Operations Management**, v. 29, n. 10, p. 2219-2229, 2020.

Possibilidades de Estudos

- Quais os desafios e condicionantes para o desenvolvimento de uma eficiente cadeia global de valor no Brasil?
- Cadeia global de valor e inovação: análise das interações, indicadores e impactos em diferentes regiões;
- Quais os fatores determinantes de inserção das empresas nas cadeias globais de valor? (uma análise sob a perspectiva de empresas de diferentes portes e setores).

Principais Revistas e Periódicos

0272-6963 Journal of Operations Management

0144-3577 International Journal of Operations and Production Management

1059-1478 Production and Operations Management

0166-3615 Computers in Industry

0018-9391 IEEE Transactions on Engineering Management

0925-5273 International Journal of Production Economics



- 0020-7543 International Journal of Production Research
- 1094-6136 Journal of Scheduling
- 1523-2409 Journal of Supply Chain Management
- 1523-4614 Manufacturing and Service Operations Management
- 0953-7287 Production Planning and Control
- 1359-8546 Supply Chain Management: An International Journal

Links de Interesse

http://anpad.org.br/sobre_div_academicas.php

<https://aom.org/>

<http://portal.abepro.org.br/>



Gestão de Projetos

Principais Abordagens:

- Projetos como organizações temporárias;
- Metodologias de gestão de projetos;
- Ferramentas e técnicas de gestão de projetos;
- O Gerente de projeto;
- Gestão estratégica de projetos;
- Maturidade em gestão de projetos;
- Programas e portfólios de projetos;
- Desempenho, benefícios e sucesso de projetos;
- Projetos internacionais;
- Megaprojetos;
- Governança e estruturas organizacionais para projetos;
- Escritórios de projetos;
- Lições aprendidas em projetos;
- Ensino e treinamento em gestão de projetos;
- Métodos ágeis de gestão de projetos;
- Projetos no setor público;
- Organizações baseadas em projetos;
- Casos em projetos: projetos culturais, sociais, ambientais, ajuda humanitária;
- Projetos históricos;



- Sustentabilidade e gestão de projetos.

✈ Referências bibliográficas seminais/clássicas

CASAROTTO FILHO, Nelson. **Elaboração de projetos empresariais: análise estratégica, estudo de viabilidade e plano de negócio**. Atlas, 2009.

KERZNER, Harold, *Gestão de Projetos*, Bookman Editores, 2000, 2ª. edição.

MATHIAS, Washington Franco; WOILER, Samsão. *Projetos. Planejamento, Elaboração e Análise*, v. 1, p. 154-170, 1996.

MAXIMIANO, Antonio César Amaru. *Administração de projetos: como transformar idéias em resultados*. In: **Administração de Projetos: como transformar idéias em resultados**. 1997. p. 196-196.

MEREDITH, J.R., MANTEL, S. J., Jr., *Administração de Projetos*, Rio de Janeiro: LTC, 2003

RABECHINI JUNIOR, Roque; CARVALHO, Marly Monteiro de. *Gerenciamento de projetos na prática: casos brasileiros*. 2009.

VARGAS, Ricardo Viana. **Análise de valor agregado em projetos: revolucionando o gerenciamento de custos e prazos**. Brasport, 2005.

VARGAS, Ricardo Viana. **Gerenciamento de Projetos (6a edição)**. Brasport, 2005.

✈ Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:

BARBOSA, Christina et al. *Gerenciamento de custos em projetos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014

MENDES, João Ricardo Barroca. **Gerenciamento de projetos**. Editora FGV, 2015.

SABBAG, Paulo Yazigi. **Gerenciamento de projetos e empreendedorismo**. Saraiva Educação SA, 2017.

✈ Possibilidades de Estudos

- Qual a importância e papel das tecnologias na gestão estratégica de projetos?
- Quais os principais elementos para a governança e estruturas organizacionais para projetos?
- Análise de barreiras e possibilidades na gestão de projetos híbridos (parcerias público/privadas);
- Como a gestão de produção e logística sustentáveis agregam valor e eficiência em projetos de diferentes naturezas?



- Quais as metodologias para gestão de projetos disponíveis na atualidade? (análise de condicionantes, possibilidades e desafios).

Principais Revistas e Periódicos

2346-9161 Iberoamerican Journal of Project Management

2027-7040 Iberoamerican Journal of Project Management

1461-5517 Impact Assessment and Project Appraisal

0263-7863 International Journal of Project Management

Links Interesse

http://anpad.org.br/sobre_div_academicas.php#GOLcollapse2

<https://periodicos.uninove.br/gep>

<http://pmcanvas.com.br/>



Cadeias de Suprimentos

- Planejamento de Vendas e Operações (S&OP – Sales and Operations Planning);
- Logística: novas formas de configurações de cadeia, uso de tecnologias para otimização das cadeias, plataformas e soluções digitais para melhoria de acurácia na gestão de estoques e armazéns, além do transporte;
- Distribuição: adaptação e revisão de processos para incluir novos canais de distribuição, incluindo canais eletrônicos, entrega de última milha (last mile delivery), multicanalidade e omnicanalidade;
- Logística reversa: estruturação da logística reversa para atender políticas ambientais, canal eletrônico e aumentar a competitividade das empresas;
- Tecnologias de informação (TI) e suas contribuições para uma perspectiva end-to-end na cadeia de suprimentos: desafios e impactos do uso de TIs para aumento de conexão e sincronização nas cadeias de suprimento: eficiência, responsividade, visibilidade e rastreabilidade; a difusão da Indústria 4.0 nos diversos elos da cadeia e seu papel na difusão de informações para os diferentes stakeholders;
- Seleção, avaliação e desenvolvimento do relacionamento entre fornecedores e compradores para sustentabilidade e resiliência;
- Modelos analíticos e comportamentais para tomada de decisão em cadeias resilientes;



- Operações de gestão da sustentabilidade e capital social para organizações e cadeias resilientes;
- Aprendizagem e inovação em cadeia de suprimentos para sustentabilidade e resiliência;
- Planejamento, logística (materiais, informações e recursos humanos) e design da cadeia de suprimentos para sustentabilidade e resiliência.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

BALLOU, Ronald H. Logística Empresarial: Transportes. **Administração de**, v. 1, 1993.

CHRISTOPHER, Martin. Logística e gerenciamento da cadeia de suprimentos: criando redes que agregam valor. In: **Logística e gerenciamento da cadeia de suprimentos: criando redes que agregam valor**. 2007. p. 308-308.

LARRAÑAGA, Félix Alfredo. **A gestão logística global**. Aduaneiras, 2003.

PIRES, Sílvio RI. **Gestão da cadeia de suprimentos (supply chain management): conceitos, estratégias, práticas e casos**. Atlas, 2009.

SIMCHI-LEVI, David; KAMINSKY, Philip; SIMCHI-LEVI, Edith. Cadeia de Suprimentos: projeto de gestão; trad. Marcelo Klippel. **Porto Alegre: Bakkman**, 2003.

TAYLOR, David A. Logística na cadeia de suprimentos: uma perspectiva gerencial. In: **Logística na cadeia de suprimentos: uma perspectiva gerencial**. 2005. p. 350-350.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

CAMPOS, Luiz Fernando Rodrigues. **Supply Chain: uma visão gerencial**. Editora Ibpex, 2009.

CHOPRA, Sunil; MEINDL, Peter; GONÇALVES, Marilson Alves. Gestão da cadeia de suprimentos: estratégia, planejamento e operações. 2011.

GHADGE, Abhijeet; DANI, Samir; KALAWSKY, Roy. Supply chain risk management: present and future scope. **The international journal of logistics management**, 2012.

GRANT, David B. Gestão de Logística e Cadeia de Suprimentos. Tradução: Arlete Simille. 1ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

LEITE, Paulo Roberto. **Logística reversa: sustentabilidade e competitividade**. Saraiva Educação SA, 2017.

LUCHEZZI, Celso (ORG.). Gestão de armazenamento, estoque e distribuição – GAED. São Paulo: Pearson, 2015 (Biblioteca Virtual).



PILBEAM, Colin; ALVAREZ, Gabriela; WILSON, Hugh. The governance of supply networks: a systematic literature review. **Supply Chain Management: an international journal**, v. 17, n. 4, p. 358-376, 2012.

RAZZOLINI FILHO, Edelvino; BERTÉ, Rodrigo. O reverso da logística e as questões ambientais no Brasil. **Curitiba: Ibpex**, 2009.

REIMANN, Felix; KETCHEN JR, David J. Power in supply chain management. **Journal of Supply Chain Management**, v. 53, n. 2, p. 3-9, 2017.

SZABO, Viviane (ORG.). Planejamento de cenários logísticos. São Paulo: Pearson, 2016 (Biblioteca Virtual).

Possibilidades de Estudos

- Como novas formas de configurações de cadeia, uso de tecnologias para otimização das cadeias, plataformas e soluções digitais podem melhorar a acurácia na gestão de estoques e armazéns?
- Como estruturar a logística reversa para atender políticas ambientais, canal eletrônico e aumentar a competitividade das empresas?
- Como as tecnologias de informação e comunicação e da indústria 4.0 podem contribuir para a gestão mais eficiente da cadeia de suprimentos?
- Como o processo de aprendizagem e inovação em cadeia de suprimentos pode auxiliar na sustentabilidade das operações?



Experiências Associativas: APLs / Clusters / Redes de Cooperação

Principais Abordagens

- Arranjos produtivos locais: características, perspectivas conceituais e sua relação com a gestão dos recursos naturais;
- Metodologias, formas e instrumentos de intervenção para formatação de políticas públicas (regional e local);
- Experiências concretas em aglomerações produtivas e/ou arranjos produtivos locais;
- Arranjos produtivos e novas formas de organização competitiva regional;
- Cooperação;
- Redes de empresas;
- Estratégia (regional e local);
- Governança e capital social;
- Clusters e eficiência coletiva;
- Economia da Aglomeração;
- Cadeia produtiva e cadeia de valor;
- Fundamentação histórico-social das noções de desenvolvimento local;
- Formas de reorganização industrial (cadeias produtivas, polos e clusters, redes e consórcios de PMEs);



- Metodologias para realizar a governança;
- Mecanismos de integração regional, planejamento e intervenção para o desenvolvimento de arranjos produtivos locais;
- Ênfase nos aspectos relativos à cooperação e competição em redes desses aglomerados de clusters;
- Gestão de desempenho de clusters e redes de cooperação;
- Gestão de melhoria e inovação de clusters e redes de cooperação;
- Tecnologias aplicadas à gestão da produção e logística em APLS, clusters e redes de cooperação.

 **Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas**

ASTLEY, W. Graham. Toward an appreciation of collective strategy. **Academy of management review**, v. 9, n. 3, p. 526-535, 1984.

ASTLEY, W. Graham; FOMBRUN, Charles J. Collective strategy: Social ecology of organizational environments. **Academy of management review**, v. 8, n. 4, p. 576-587, 1983.

BALESTRIN, Alsones; VERSCHOORE, Jorge Renato; REYES JUNIOR, Edgar. O campo de estudo sobre redes de cooperação interorganizacional no Brasil. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, p. 458-477, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 2005.

CROPF, Robert A. Benkler, Y.(2006). The Wealth of Networks: How Social Production Transforms Markets and Freedom. New Haven and London: Yale University Press. 528 pp. \$40.00 (papercloth). **Social Science Computer Review**, v. 26, n. 2, p. 259-261, 2008.

DYER, Jeffrey H.; SINGH, Harbir. The relational view: Cooperative strategy and sources of interorganizational competitive advantage. **Academy of management review**, v. 23, n. 4, p. 660-679, 1998.

FREEMAN, Linton C.; ROEDER, Douglas; MULHOLLAND, Robert R. Centrality in social networks: II. Experimental results. **Social networks**, v. 2, n. 2, p. 119-141, 1979.

GLADWELL, Malcolm; RODRIGUES, Talita Macedo. **O ponto de desequilíbrio: pequenas coisas fazem uma grande diferença**. Rocco, 2002.

GRANDORI, Anna; SODA, Giuseppe. Inter-firm networks: antecedents, mechanisms and forms. **Organization studies**, v. 16, n. 2, p. 183-214, 1995.

OLIVER, Amalya L.; EBERS, Mark. Networking network studies: an analysis of conceptual configurations in the study of inter-organizational relationships. **Organization studies**, v. 19, n. 4, p. 549-583, 1998.

PRAHALAD, Coimbatore K. et al. **O futuro da competição: como desenvolver diferenciais inovadores em parceria com os clientes**. Elsevier, 2004.



TAPSCOTT, Don. **Wikinomics: como a colaboração em massa pode mudar o seu negócio**. Singular Digital, 2007.

TODEVA, Emanuela. **Business networks: strategy and structure**. Routledge, 2006.

Possibilidades de Estudos

- Como se dá a governança de arranjos produtivos locais (elementos e características) para a gestão estratégica de indicações geográficas?
- Como estruturar e gerir redes de cooperação de pequenos produtores, levando em conta suas limitações de recursos?
- Como identificar e modelar oportunidades de negócios a partir de um arranjo produtivo local?
- Como ocorre a socialização do conhecimento em redes inter organizacionais? (estudos de casos em diferentes empresas);
- Arranjos produtivos locais: uma análise das características, perspectivas conceituais e sua relação com a gestão da produção e logística.

Principais Revistas e Periódicos

1350-5084 Organization (London)

0170-8406 Organization Studies

Links de Interesse

<https://www.strategie-aims.com/events/conferences/8-xveme-conference-de-l-aims/themes>

<https://aib.msu.edu/events/2008/>

<https://uia.org/>



Gestão Estratégica de operações

Principais Abordagens:

- Estratégia de Operações;
- Planejamento e controle de operações;
- Medição de desempenho e indicadores;



- Gestão da Qualidade e sistemas de gestão da qualidade baseados em dados para melhorar o desempenho;
- Planejamento, programação e controle de operações;
- Lean Manufacturing e Six Sigma (LSS);
- Tecnologias de suporte à integração LSS;
- Drivers, facilitadores, barreiras e desafios dos sistemas de gestão da qualidade orientados por dados para otimização de processos;
- Capturar o impacto das relações colaborativas em sistemas de gestão de qualidade baseados em dados;
- Estilos de liderança, cultura organizacional, tecnologia da informação;
- Estratégias para o envolvimento de recursos humanos dentro das organizações para sistemas de gestão de qualidade;
- Integração de Sistemas de Gestão (e.g. ISO 9001, ISO 14001 e OHSAS 18001).

Referências bibliográficas seminais/clássicas

ABRANTES, José. Gestão da Qualidade. Editora Interciência, Rio de Janeiro, 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT NBR ISO 19011 -Sistema de gestão ambiental – requisitos com orientação para uso. Rio de Janeiro: ABNT, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT NBR ISO 14001 -Diretrizes para auditoria de sistema de gestão da qualidade e/ou ambiental. Rio de Janeiro:ABNT, 2002.

BARRETO, Maria da Graça Pitiá. Controladoria na gestão: a relevância dos custos da qualidade. **São Paulo: Saraiva**, 2008.

BOLWIJN, Pieter Tammo; KUMPE, Ted. Manufacturing in the 1990s—productivity, flexibility and innovation. **Long range planning**, v. 23, n. 4, p. 44-57, 1990.

BRASIL. Associação Brasileira de Normas Técnicas-ABNT: NBR ISO 9004-2: gestão da qualidade e elementos do sistema de qualidade. 1993.

BROWN, Steve et al. Administração da produção e operações. **Rio de Janeiro: Campus/Elsevier**, 2006.

CAMPOS, Vicente Falconi. **TQC-Controle da Qualidade Total no estilo japonês**. Falconi Editora, 2014.



CARPINETTI, Luiz Cesar Ribeiro; MIGUEL, Paulo Augusto Cauchick; GEROLAMO, Mateus Cecílio. Gestão da qualidade ISO 9001: 2000: princípios e requisitos. 2007.

CHIAVENATO, I. Administração da produção: uma abordagem introdutória. 11ª Edição. 2005.

Corrêa, H. L., Corrêa, C. A. Administração da Produção e Operações. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

CORRÊA, Henrique Luiz; CORRÊA, Carlos A .. Administração de produção e operações-manufatura e serviços : uma abordagem estratégica. São Paulo: Atlas, 2004.

DE ARAUJO, Marco Antonio. **Administração de Produção e Operações-uma abordagem prática**. Brasport, 2009.

GIANESI, Irineu GN; CORRÊA, Henrique Luiz. Administração estratégica de serviços: operações para a satisfação do cliente. 1994.

HAMEL, Gary; PRAHALAD, Coimbatore K. The core competence of the corporation. **Harvard business review**, v. 68, n. 3, p. 79-91, 1990.

HANSON, Dallas et al. **Strategic management: Competitiveness and globalisation**. Cengage AU, 2016.

HILL, Terry; HILL, Terry. **Manufacturing strategy: text and cases**. Basingstoke: Palgrave, 2000.

MELLO, Carlos Henrique Pereira. SILVA, Carlos Eduardo Sanches. **TURRIONE, João Batista. SOUZA, Luiz Gonzaga Mariano. ISO**, v. 9001, 2008.

MOREIRA, Daniel A. Administração da produção e operações. 2. ed. São Paulo: Pioneira. 2008.

PORTER, Michael E.; STRATEGY, Competitive. Techniques for analyzing industries and competitors. **Competitive Strategy. New York: Free**, 1980.

RITZMAN, Larry; KRAJEWSKI, Lee J. Administração das Operações de Produção. 2004.

SANTOS, Marcio Bambirra, Mudanças organizacionais: técnicas e métodos para a inovação. 2. ed. Belo Horizonte: Lastro, 2007.

SCHMENNER, Roger W. **Administração de operações em serviços**. Futura, 1999.



Slack, N. & Lewis, M. Operations Strategy. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2nd Ed , 2002.

SLACK, Nigel et al. **Administração da produção**. São Paulo: Atlas, 2009.

SLACK, Nigel. **Vantagem competitiva em manufatura: atingindo competitividade nas operações industriais**. Atlas, 1993.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:

BALLESTERO-ALVAREZ, Maria Esmeralda. Gestão de qualidade, produção e operações. **São Paulo: Atlas, 2012.**

MARTINS, Petrônio Garcia; LAUGENI, Fernando Piero. Administração da produção. 2005.

PALADINI, Edson Pacheco. Gestão da Qualidade—Teoria e Prática—3 edição. **São Paulo: Editora Atlas SA, 2012.**

TUBINO, D. Planejamento e controle da produção. 2.ed. 4.impr. São Paulo: Atlas, 2010.

Possibilidades de Estudos

- Quais os drivers, facilitadores, barreiras e desafios dos sistemas de gestão da qualidade orientados por dados para otimização de processos?
- Como capturar o impacto das relações colaborativas em sistemas de gestão de qualidade baseados em dados?
- Quais os estilos de liderança e cultura organizacional que mais potencializam a gestão estratégica de operações no Brasil (ou em diferentes regiões)
- Como as tecnologias de informação e comunicação e da indústria 4.0 podem viabilizar a gestão estratégica de operações?
- Quais as principais estratégias para o envolvimento de recursos humanos dentro das organizações para sistemas de gestão de qualidade?

Principais Revistas e Periódicos

0001-4273 Academy of Management Journal

0363-7425 Academy of Management Review

0001-8392 Administrative Science Quarterly

60149-2063 Journal of Management



1941-6520	Academy of Management Annals
0272-6963	Journal of Operations Management
0144-3577	International Journal of Operations and Production Management
1059-1478	Production and Operations Management
0143-2095	Strategic Management Journal
1045-3172	British Journal of Management

 **Links de Interesse**

http://anpad.org.br/sobre_div_academicas.php

<https://aom.org/>

<http://portal.abepro.org.br/>



Economia Circular

 **Principais Abordagens**

- Antecedentes da economia circular.
- Práticas de economia circular.
- Transição do modelo linear de produção para o modelo circular.
- Barreiras para operacionalizar a economia circular.
- Modelos de negócios circulares.
- Alternativas comerciais circulares, por exemplo, aluguel, leasing, virtualização de processos, economia compartilhada.
- A dimensão social na economia circular.
- Reformulação de produtos e cadeias de suprimentos para a economia circular.
- Modularização e aproveitamento em cascata.
- Reutilização de produtos, componentes e materiais.
- Economia circular e comunicação com o mercado.
- Cidades sustentáveis e economia circular.
- Indicadores de desempenho e avaliação em economia circular.
- Ecossistemas industriais e circularidade de recursos.
- Mudanças institucionais rumo à economia circular.
- Eco-design. Redução. Reuso. Reciclagem. Reclassificação. Renovação (energias renováveis).
- Políticas públicas rumo à economia circular.
- Custo de fabricação e economia circular.



- Modelos de negócios circulares.
- Competências para a economia circular.
- Liderança para a economia circular.
- Inovação disruptiva e economia circular.
- Modelagem e simulação para economia circular.
- Técnicas de pesquisa operacional para economia circular.
- Transições tecnológicas e de sustentabilidade para a economia circular.
- Integração da economia circular com a Indústria 4.0.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

BRAUNGART, Michael et al. **Cradle-to-cradle design: Creating healthy emissions - A strategy for eco-effective product and system design.** Birkhäuser, 2012.

ELKINGTON, John; FENNELL, Shelly. Partners for sustainability. **Greener Management International**, p. 48-48, 1998.

MCDONOUGH, William; BRAUNGART, Michael. **Cradle to cradle: Remaking the way we make things.** North point press, 2010.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

BAPORIKAR, Neeta (Ed.). **Handbook of research on entrepreneurship development and opportunities in circular economy.** IGI Global, 2020.

BOLTON, Patrick et al. The green swan. **BIS Books**, 2020.

BRANDÃO, Miguel; LAZAREVIC, David; FINNVEDEN, Göran (Ed.). **Handbook of the Circular Economy.** Edward Elgar Publishing, 2020.

CAMACHO-OTERO, Juana; BOKS, Casper; PETTERSEN, Ida Nilstad. Consumption in the circular economy: A literature review. **Sustainability**, v. 10, n. 8, p. 2758, 2018.

LACY, Peter; LONG, Jessica; SPINDLER, Wesley. **The circular economy handbook.** Palgrave Macmillan UK, 2020

MACARTHUR, Ellen et al. Towards the circular economy. **Journal of Industrial Ecology**, v. 2, p. 23-44, 2013.

MACARTHUR, Ellen et al. Towards the circular economy. **Journal of Industrial Ecology**, v. 2, p. 23-44, 2013.

MCDONOUGH, William; BRAUNGART, Michael. The next industrial revolution. In: **Sustainable solutions.** Routledge, 2017. p. 139-150.



SEHNEM, Simone; PEREIRA, Susana Carla Farias. Rumo à Economia Circular: Sinergia Existente entre as Definições Conceituais Correlatas e Apropriação para a Literatura Brasileira. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 18, n. 1, p. 35-62, 2019.

STAHEL, Walter R. The circular economy. **Nature News**, v. 531, n. 7595, p. 435, 2016.

STAHEL, Walter R.; MACARTHUR, Ellen. **The circular economy: A user's guide**. Routledge, 2019.

WEETMAN, Catherine. **A circular economy handbook for business and supply chains: Repair, remake, redesign, rethink**. Kogan Page Publishers, 2016.

WEETMAN, Catherine. **Economia Circular: conceitos e estratégias para fazer negócios de forma mais inteligente, sustentável e lucrativa**. Autêntica Business, 2019.

Possibilidades de Estudos

- Quais os principais condicionantes e barreiras para implantação da economia circular? (empresas de diferentes portes e setores);
- Quais os principais indicadores de desempenho e avaliação em economia circular estratégica? (empresas de diferentes portes e setores);
- Como modelos de negócios circulares podem impactar a gestão de operações e logística das organizações?

Revistas e Periódicos

1387-585x Environment, Development And Sustainability

1467-6370 International Journal Of Sustainability In Higher Education

09669671 Greener Management International

1809-4422 Ambiente & Sociedade (Online)

1414-753x Ambiente E Sociedade (Campinas)

1868-7873 Journal Of The Knowledge Economy (Online)

1530-9290 Journal of Industrial Ecology (ONLINE)

Links de Interesse

<http://www.metabolic.nl>

<https://www.accenture.com/us-en/about/events/the-circular-economy-handbook>

<https://www.nature.com/>

<https://folhasantista.com.br/colunas/adjetivacao-da-economia-compartilhada-criativa-circular-e-verde-para-que/>

http://anpad.org.br/sobre_div_academicas.php#GOLcollapse1



Indústria 4.0

Principais Abordagens

- O papel das tecnologias básicas e da Indústria 4.0 em sistemas de gestão da qualidade baseados em dados para melhorar o desempenho da gestão em cadeia de suprimentos;
- Metodologias ágeis aplicadas à logística;
- Logística 4.0 aplicada a gestão da produção;
- Logística 4.0 aplicada a diferentes tipos de inovação (produto, processo, marketing, organizacional, modelo de negócio);
- Indicadores de impacto da indústria 4.0 na gestão da produção e logística;
- Fluxo de informações, serviços e produtos na logística 4.0 aplicada a gestão da produção;
- Integração da cadeia de produção na indústria 4.0.

Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

CNI, CNDAI. Desafios para indústria 4.0 no Brasil. **Confederação Nacional da Indústria**, n. **INDUSTRIA**, v. 4, p. 34, 2016.

FEDERAÇÃO, DASIDOED. RIO DE JANEIRO–SISTEMA FIRJAN. **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil**. Rio de Janeiro: **FIRJAN**, 2016.

SCHWAB, Klaus. Schwab, Klaus. The fourth industrial revolution. 2016.

SCHWAB, Klaus. The Fourth Industrial Revolution: what it means, how to respond Word Economic Forum 2016.



WORLD ECONOMIC FORUM. The future of jobs: Employment, skills and workforce strategy for the fourth industrial revolution. **Global Challenge Insight Report**, 2016.

Possibilidades de Estudos

- Qual o papel das tecnologias básicas e da Indústria 4.0 em sistemas de gestão da qualidade baseados em dados para melhorar o desempenho da gestão em cadeia de suprimentos?
- Quais as metodologias ágeis aplicadas à logística: uma análise de características e impactos?
- Qual o papel da logística 4.0 para a geração de diferentes tipos de inovação (produto, processo, marketing, organizacional, modelo de negócio)?
- Quais os principais indicadores de impacto da indústria 4.0 na gestão da produção e logística?
- Como se dá o fluxo de informações, serviços e produtos na logística 4.0 aplicada a gestão da produção?
- Como se dá a integração da cadeia de produção na indústria 4.0?
- Quais paradigmas precisam ser enfrentados para a implementação da Indústria 4.0 nas organizações?
- Na Revolução 4.0 os biosistemas serão substituídos pelas tecnologias?
- Como organizações e governos deverão se mobilizar na criação de condições (infra, fundo, inteligência, etc) para gerar as mudanças solicitadas pela Ind. 4.0?

Revistas e Periódicos

0166-3615 Computers in Industry

0360-8352 Computers and Industrial Engineering

1944-3900 AIS Transactions on Human-Computer Interaction

1071-5819 International Journal of Human-Computer Studies

1083-6101 Journal of Computer Mediated Communication

0268-3962 Journal of Information Technology

Links de Interesse

<https://www.google.com/url?q=https://www.pollux.com.br/blog/glossario-da-industria-4-0-20-conceitos-descomplicados/&sa=D&source=editors&ust=1620404970459000&usg=AOvVaw2eS0BnT5eoqoFSNqDkC4IY>



<https://drive.google.com/file/d/1BbpihTez4TBw-uOtw0PRKbvbC4Sw8gyk/view?usp=sharing>

Principais Revistas (a partir do Ranking ABS)

ISSN	Revista	Ranking ABS
0272-6963	Journal of Operations Management	4*
0144-3577	International Journal of Operations and Production Management	4
1059-1478	Production and Operations Management	4
1526-5501 (Online) / 0025-1909 (Print)	Management Science (MS)	4
0030-364X (Print) / 1526-5463 (Online)	Operations Research (OR)	4
0166-3615	Computers in Industry	3
0018-9391	IEEE Transactions on Engineering Management	3
0925-5273	International Journal of Production Economics	3
0020-7543	International Journal of Production Research	3
1094-6136	Journal of Scheduling	3
1523-2409	Journal of Supply Chain Management	3
1523-4614	Manufacturing and Service Operations Management	3
0953-7287	Production Planning and Control	3

1359-8546	Supply Chain Management: An International Journal	3
-----------	---	---



GLOSSÁRIO DE GESTÃO DE PRODUÇÃO E LOGÍSTICA

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Economia circular (ou Economia Verde)

Termo relacionado à atividade ao processo produtivo onde na produção de determinado produto, bem ou serviço, o planejamento e escolha de matérias primas sejam definidos de modo que estes materiais sejam reincorporados à cadeia produtiva ao término de sua utilização. Neste contexto, a atividade econômica prega o consumo sustentável e com o mínimo de desperdício, onde o reaproveitamento deve possibilitar a reintegração dos materiais com um valor agregado igual ou superior ao produto original quando descartado. Também chamado de economia verde, o termo economia circular abrange um conjunto de processos produtivos que originam desenvolvimento sustentável nos três setores de atividade produtiva: primário, secundário e terciário, e podem ser aplicados em organizações de pequeno, médio e grande porte. “Afirma-se que o principal objetivo da economia verde é possibilitar o desenvolvimento econômico compatibilizando-o com igualdade social, erradicação da pobreza e melhoria do bem-estar dos seres humanos com a redução dos impactos ambientais negativos.” (Referência: <https://folhasantista.com.br/colunas/adjetivacao-da-economia-compartilhada-criativa-circular-e-verde-para-que/>).

Economia Solidária

Podemos abordar o tema da economia solidária partir de sua manifestação concreta na realidade, como um problema de sociedade na contemporaneidade do capitalismo, situando este assunto em relação a outras questões relevantes na atualidade em



diferentes contextos societários, como a crise do trabalho, a exclusão social e o combate à pobreza, a luta contra a desigualdade social e os modos de desenvolvimento local sustentável, etc. Ao abordar a economia solidária como fenômeno e prática investigativa situadas em contextos societários específicos; ela pode ser tratada como uma tecnologia social, ou seja, um instrumento ou ferramenta para geração de trabalho, renda e para a promoção de desenvolvimento sustentável em territórios caracterizados por alto grau de vulnerabilidade e exclusão social. A ideia é discutir a economia solidária no nível da própria operacionalidade das iniciativas, no sentido da formatação de técnicas ou tecnologias sociais para o fomento de transformações sociais. O caráter do conhecimento aqui assume grau elevado de prescrição, no intuito de sugerir meios de intervenção na realidade; enquanto política pública: esta é a modalidade mais recente de tratamento do assunto, que vem ganhando status de política pública em função das inúmeras experiências já disseminadas em diferentes partes do país, no interior das estruturas de governo, e também em outros países. Neste nível, discute-se o caráter desse gênero novo de política pública, bem como seus efeitos e resultados alcançados. Genauto. Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. Civitas – Revista de Ciências Sociais, v. 7, n. 1, jan.-jun. 2007.

PMBOK

PMBOK é a sigla resumida da expressão inglesa Project Management Body of Knowledge, que significa resumidamente um livro de conhecimentos sobre o gerenciamento de projetos. É um livro composto de informações relativas às atividades de gerenciamento de projetos. Desenvolvido e publicado pelo Project Management Institute – PMI - está dividido em grupos de processos (início; planejamento; execução; monitoramento e controle; e encerramento) e abrange 10 áreas de conhecimento (Integração, Escopo, Cronograma, Custo, Qualidade, Recursos, Comunicação, Riscos, Aquisições e Partes Interessadas) que estão relacionados ao gerenciamento de projetos. O Guia PMBOK® aborda um conjunto dos conhecimentos em gerenciamento de projetos que são reconhecidos como boas práticas. As práticas descritas no PMBOK se aplicam à maioria dos projetos na maior parte das vezes, e existe um consenso em relação ao seu valor e utilidade. No Guia PMBOK® é possível também encontrar um vocabulário de utilização comum no contexto da aplicação dos conceitos de gerenciamento de projetos. (Referência: Project Management Institute –



PMI. Um Guia do Conhecimento em Gerenciamento de Projetos Guia PMBOK® — Quinta edição. 2013).

Redes de colaboração

O propósito central das redes de cooperação no campo organizacional é reunir atributos que permitam uma adequação ao ambiente competitivo em uma estrutura dinâmica, sustentada por ações uniformizadas, porém descentralizadas, que possibilite ganhos de escala da união, mas que evite que as empresas envolvidas percam a flexibilidade do porte enxuto (Thompson, 2003). As redes de cooperação têm a capacidade de facilitar a realização de ações conjuntas e a transação de recursos para alcançar objetivos organizacionais. Podem ser definidas como o conjunto de transações repetidas e sustentadas por configurações relacionais e estruturais dotadas de fronteiras dinâmicas e elementos interconectados (Todeva, 2006).

Stakeholders

Em inglês STAKE significa interesse, participação, risco. HOLDER significa aquele que possui. Assim, stakeholder também significa parte interessada ou interveniente (b). Uma parte interessada é um indivíduo, grupo ou organização que pode afetar, ser afetada ou sentir-se afetada por uma decisão, atividade ou resultado (a). O termo *stakeholder* foi criado por um filósofo chamado Robert Edward Freeman e tem se tornado cada vez mais comum em diversas áreas, de maneira que todos os envolvidos no processo sejam valorizados. O termo é muito utilizado nas áreas de comunicação, administração e tecnologia da informação, cujo objetivo é designar as partes interessadas de um planejamento estratégico ou plano de negócios. São os stakeholders que legitimam as ações de uma organização e tem um papel de influência para a gestão e os resultados dessa mesma organização. Alguns exemplos de stakeholders de uma empresa: funcionários, gestores, gerentes, proprietários, fornecedores, concorrentes, ONGs, clientes, o Estado, o cidadão, credores, sindicatos entre outros. (b) No contexto da gestão de projetos, o stakeholder pode estar ativamente envolvido no projeto ou ter interesses que possam ser positiva ou negativamente afetados pelo seu desempenho ou término. Diferentes expectativas podem surgir dos stakeholders de modo que o antagonismo existente entre suas ideias pode criar conflitos no âmbito do projeto. “As partes interessadas também podem exercer influência sobre o projeto, suas entregas e sobre a equipe do projeto a fim de atingir um conjunto de resultados que atenda objetivos de negócios estratégicos, ou outras necessidades” (a). (Referências: (a) Project Management Institute – PMI. Um Guia do Conhecimento em Gerenciamento de



Projetos Guia PMBOK® — Quinta edição. 2013 / (b) <https://www.significad.com.br/stakeholder/>).

Tecnologias de informação e comunicação (TIC)

As tecnologias da informação e comunicação estão relacionadas às novas realidades tecnológicas, no contexto das tecnologias emergentes dentro de um ambiente de revolução da informação e comunicação. De forma ampla, as TICs constituem-se em um conjunto de tecnologias que possibilitam o armazenamento, a manipulação e a transmissão analógica ou digital de mensagens codificadas através dos sistemas simbólicos existentes. Este termo abrange a integração estruturada de diversos recursos comunicacionais, mídias e tecnologias digitais em uma única via de troca de informações. Além disto, as TICs integram o ciberespaço, os múltiplos dispositivos e meios de comunicação (redes, computadores, dispositivos móveis, telefonia, hipertexto e hipermissão). O termo TIC aplica-se atualmente a diversos campos, como educação (processos de ensino -aprendizagem presencial ou a distância), pesquisa (simulação, construção de modelos e testes, análises preditivas), governo (governo eletrônico, governança e transparência digital), indústria (automação e gerenciamento da produção), negócios (marketing, vendas e gestão), entre outros. (Adaptado de: BERTOLDO Haroldo Luiz; SALTO, Francisco; e MILL, Daniel. Tecnologias da Informação e Comunicação. In: MILL, Daniel et al. (Ed.). Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância. UFSCar, 2018.P.617 – 625).

ÁREAS TEMÁTICAS NAPP



GESTÃO DE PESSOAS



FICHA TÉCNICA

Universidade Federal da Bahia
Reitor

Paulo César Miguez de Oliveira

Vice-reitor

Penildon Silva Filho

Escola de Administração

Diretor

João Martins Tude

Vice-diretor

André Luis Nascimento dos Santos

Núcleo de Pós-graduação da Escola de Administração da UFBA

Coordenador

Genauto Carvalho França Filho

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Acadêmico

Coordenadora

Andréa Cardoso Ventura

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Profissional

Coordenadora

Elisabeth Matos Ribeiro

Núcleo de Apoio a Pesquisa e Publicação – NAPP

Coordenador

Horacio Nelson Hastenreiter Filho

Coordenadora de Conteúdos

Justina Tellechea

Design Instrucional

Tairine Nunes

Autores

Clara Valente

Daniel Lima

Daniela Moscon

Ano de Publicação (2023)

Edição (2023)



GESTÃO DE PESSOAS:

Professores: Daniela Moscon (coordenadora), Diva Ester Okazaki Rowe, Tânia Benevides

Aluna(o)s: Clara Valente e Daniel Lima

Subareas Temáticas:



O Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicações - NAPP oferece suporte para o fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual dos professores, pesquisadores, egressos e alunos vinculados ao Núcleo de Pós-Graduação em Administração da UFBA.

Por meio das divisões acadêmicas e temas de interesse propostos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - ANPAD, este material busca explorar as áreas e subáreas temáticas da gestão, apresentando aos leitores as principais abordagens, as referências bibliográficas clássicas e contemporâneas, as possibilidades de estudos, as revistas e periódicos e um glossário com verbetes da área de estudo.



Liderança e Gestão de Equipes de Trabalho

O tema se direciona a fomentar a produção e o compartilhamento de estudos, pesquisas e discussões em torno do fenômeno da Liderança, tendo por base as dimensões social, organizacional e individual. Compreende também estudos que busquem a produção de teorias e abordagens considerando características e especificidades da realidade brasileira, bem como pesquisas empíricas que a enfatizem, bem como proponham comparações com outros contextos socioeconômicos e culturais.

Principais Abordagens

- Liderança e perspectivas críticas;
- Relações entre liderança e poder;
- Liderança e cultura organizacional;
- Liderança, revolução 4.0 e economia digital;
- Liderança e identidade;
- Liderança e gênero;
- Liderança e sustentabilidade;
- Liderança e equipes;
- Liderança e demais elementos do comportamento humano e organizacional;
- Liderança e terceiro setor;
- Liderança e administração pública;
- Educação e desenvolvimento de liderança;
- Competências em liderança;
- Liderança e novas configurações organizacionais.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

BASS, Bernard M.; AVOLIO, Bruce J. (Ed.). **Improving organizational effectiveness through transformational leadership**. sage, 1994.

CONGER, Jay A.; KANUNGO, Rabindra N. **Charismatic leadership in organizations**. Sage Publications, 1998.

GARDNER, John. **On leadership**. Simon and Schuster, 1993.

HORNER, Melissa. Leadership theory: past, present and future. **Team Performance Management: An International Journal**, v. 3, n. 4, p. 270-287, 1997.

HOUSE, Robert J. A path goal theory of leader effectiveness. **Administrative science quarterly**, p. 321-339, 1971.

HUGHES, Richard L. et al. **Leadership: Enhancing the lessons of experience**. Richard D. Irwin, Inc., 1333 Burrigade Parkway, Burrigade, IL 60521, 1993.



KETS DE VRIES, Manfred FR; MILLER, Danny. Narcisismo e liderança: uma perspectiva de relações de objetos. **Revista de Administração de Empresas, São Paulo**, v. 30, n. 3, p. 5-16, 1990.

KOTTER, John P. **Force for change: How leadership differs from management**. Simon and Schuster, 2008.

MINTZBERG, Henry. Nature of managerial work. 1973.

SCHEIN, E. Leadership and Organizational Culture in The Leader of the Future,(eds. Hesselbein F., Goldsmith, M & Beckhard, R.) Jossey Bass Inc. **New York, NY**, 1996.

SMIRCICH, Linda; MORGAN, Gareth. Leadership: The management of meaning. **The Journal of applied behavioral science**, v. 18, n. 3, p. 257-273, 1982.

VAN SETERS, David A.; FIELD, Richard HG. The evolution of leadership theory. **Journal of organizational change management**, v. 3, n. 3, p. 29-45, 1990.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

ANTONAKIS, John; DAY, David V. Leadership: Past, present, and future. 2018.

CHEMERS, Martin. An integrative theory of leadership. 2014.

CREDE, Marcus; JONG, Jaehee; HARMS, Peter. The generalizability of transformational leadership across cultures: A meta-analysis. **Journal of Managerial Psychology**, 2019.

DAVEL, Eduardo; MACHADO, Hilka Vier. A dinâmica entre liderança e identificação: sobre a influência consentida nas organizações contemporâneas. **Revista de Administração contemporânea**, v. 5, p. 107-126, 2001.

SIANGCHOKYOO, Nathapon; KLINGER, Ryan L.; CAMPION, Emily D. Follower transformation as the linchpin of transformational leadership theory: A systematic review and future research agenda. **The Leadership Quarterly**, v. 31, n. 1, p. 101341, 2020.


YUKL, Gary A. Leadership in Organization, Edisi kelima. 2010.

ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil-2**. AMGH Editora, 2014.



Possibilidades de Estudos

- Estilos e perfis de liderança e sua relação com os modelos de gestão e de organização;
- Estratégias e programas de desenvolvimento de liderança;
- Modelos contemporâneos e inovadores de liderança.

 **Palavras-chave:** Liderança; Desenvolvimento de Liderança; Competências em Liderança; Estilos de Liderança; Liderança 4.0.



Gestão da Diversidade e Inclusão no Trabalho

A coexistência de múltiplas identidades nos ambientes social e organizacionais impõem desafios para a gestão e para a compreensão dos processos que envolvem a diversidade. Frequentemente observamos ideologias críticas da diferença e sentimentos que culminam na atribuição de "diferença cultural" ou "funcional" que excluem certos grupos, em função de gênero, raça, etnia, cor de pele, doenças mentais, cultura, religião, idade, porte estético, deficiências (físicas, mentais, sensoriais, psicossociais, intelectuais), orientações afetivo-sexuais, país ou região de origem, classe social ou profissão e cargo ocupado nas organizações. Neste sentido, é fundamental o reconhecimento do lado mais sombrio das dinâmicas de exclusão/inclusão e que se discuta o quanto as políticas públicas e programas de gestão da diversidade das empresas estão alinhadas com as pautas dos movimentos sociais mais diversos. A exemplo dos movimentos que lutam por igualdade de gênero, movimentos LGBTQIA+, movimentos de inclusão de PCD, igualdade de classes sociais, identidade de gênero, etc.

Principais Abordagens

1. Ageísmo e aspectos demográficos, comportamentais e sociais:
 - Cotidiano de jovens trabalhadores, trabalhadores adultos e idosos;
 - Gerações e poder nas organizações;
 - Gerações, trajetórias e carreiras;
 - Gerações e políticas e práticas de gestão de pessoas;
 - Inserção e longevidade no mercado de trabalho;
 - Juventudes e profissionalização;
 - Gerações e políticas públicas;
 - Envelhecimento ativo nas organizações;
 - Gerações, cibercultura e ciberespaço;
 - Ageísmo e desemprego.



2. Gênero e trabalho

- Identidade de gênero, sexualidade e práticas e políticas de gestão de pessoas;
- Desenvolvimento de carreira da mulher e suas interseccionalidades (mulher negra, lésbica, em situação vulnerável);
- Dual career;
- Perfil da mulher no mercado de trabalho;
- Maternidade e Paternidade na construção e desenvolvimento da carreira;
- Relação trabalho e família sob a perspectiva do casal;
- Mulheres na ciência;
- Barreiras para igualdade e equidade de gênero;
- Classe social, carreira e mulher;
- Novas marcas do feminino/ masculinidade;
- Inserção de LGBTQIA+ no mercado de trabalho.

3. Questões raciais e trabalho

- Diversidade racial nas organizações brasileiras;
- Práticas e políticas de gestão de pessoas na promoção da igualdade racial;
- Raça e desigualdade social no trabalho e nas organizações;
- Raça e identidade profissional.

4. Outros temas relacionados à diversidade

- Estigmas, estereótipos, preconceitos, discriminações e marginalidade;
- Imigração voluntária e involuntária;
- Inserção social de refugiados;
- Expatriação;
- Inclusão de PCDs no trabalho;
- Capacitação de PCDs para o trabalho;
- Políticas e práticas de Gestão de Pessoas para inclusão de minorias sociais;
- Políticas públicas para inclusão de minorias sociais.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Editora Vozes Limitada, 2017.

FERDMAN, B. M. et al. Inclusive behavior and the experience of inclusion. Gender and diversity in organizations division. In: **Academy of Management. Chicago**. 2009.

HUNT, Vivian et al. Diversity matters. **McKinsey & Company**, v. 1, n. 1, p. 15-29, 2015.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; PEREIRA, Marcos Emanuel. **Esteriótipos, preconceito e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. EDUFBA, 2004.



MAZUR, Barbara et al. Cultural diversity in organisational theory and practice. **Journal of intercultural management**, v. 2, n. 2, p. 5-15, 2010.

TAJFEL, Henri. Social categorization, social identity and social comparison. **Differentiation between social group**, p. 61-76, 1978.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

BARAK, Michalle E. Mor. **Managing diversity: Toward a globally inclusive workplace**. Sage Publications, 2022.

COELHO, M. R. A inserção da pessoa com deficiência no mercado de trabalho sob o ponto de vista da pessoa com deficiência. **Final Report of Supervised Practice presented as requirement to graduate in Business Administration from the Universidade do Estado de Santa Catarina–UDESC: Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas–ESAG**, v. 12, 2012.

FERDMAN, Bernardo M.; DEANE, Barbara. Diversity at work: The practice of inclusion. 2014.

FRANÇA, L. H. F. P.; STEPANSKY, D. V. Voices from the front: The view from Brazil. **Global Ageing: Issues and Action**, v. 8, p. 40-43, 2012.

HANASHIRO, D. M. M.; TORRES, C. V. (Ed.). Diversidade e inclusão. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 3, 2010

Heilman, M. E., & Caleo, S. (2018). Gender discrimination in the workplace. In A. J. Colella & E. B. King (Eds.), *The Oxford handbook of workplace discrimination* (pp. 73–88). Oxford University Press.

INSTITUTO ETHOS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL. Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas. São Paulo: Instituto ETHOS, 2010.

MACHADO JÚNIOR, Celso; BAZANINI, Roberto; MANTOVANI, Daielly Melina Nassif. The myth of racial democracy in the labour market: a critical analysis of the participation of afro-descendants in brazilian companies. **Organizações & Sociedade**, v. 25, p. 632-655, 2018.

PAULI, Jandir et al. Relação entre trabalho precário e racismo para migrantes no Brasil. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 19, p. 234-251, 2021.

PEREIRA, Jamille Barbosa Cavalcanti; HANASHIRO, Darcy Mitiko Mori. Escala de Atitudes diante de Ações Organizacionais em prol da Valorização da Diversidade. **Psychologica**, n. 55, p. 167-187, 2011.




TOOMEY, Eileen C.; RUDOLPH, Cort W. Age stereotypes in the workplace. **Encyclopedia of Geropsychology**. Singapore: Springer, p. 89-95, 2017.

TRUXILLO, Donald M.; CADIZ, David M.; HAMMER, Leslie B. Supporting the aging workforce: A review and recommendations for workplace intervention research. **Annu. Rev. Organ. Psychol. Organ. Behav.**, v. 2, n. 1, p. 351-381, 2015.

Possibilidades de Estudos

- Preconceito e discriminação no contexto organizacional;
- Diversidade e inclusão como parte da estratégia organizacional de gestão de pessoas e posicionamento estratégico;
- Implantação e gestão de programas e ações de Diversidade & Inclusão nas organizações;
- Análise crítica das práticas corporativas de diversidade e inclusão;
- Políticas públicas de promoção da diversidade e inclusão nas organizações públicas e privadas;
- Estudos decoloniais e possibilidades na pesquisa.

 **Palavras-chave:** Diversidade; Inclusão; Exclusão; LGBTQIA+; Raça e etnia; Gerações e trabalho; Ageísmo nas organizações; Etarismo e trabalho; Juventudes e trabalho; Envelhecimento e relações de trabalho; Trabalho e Família; Dual career; Teto de Vidro; Maternidade/Paternidade; Feminino/Masculino.



Trabalho e Subjetividade

Tópico baseado em três eixos principais (Trabalho, Organizações e Subjetividade). Nesse sentido, o trabalho pode ser entendido como algo para além de uma ocupação, ou seja, como atividade que apresenta um papel fundamental na estruturação da identidade, da subjetividade e da saúde do sujeito e que, ao mesmo tempo, permite a construção do laço social e suas articulações com o real. O trabalho é central em nossas vidas e também pode ser visto como eixo organizador da sociedade e ao considerar perspectivas ideológicas, sociológicas, psicológicas, políticas, legais e econômicas, é importante destacar que o trabalho pode impactar positiva ou negativamente na vida das pessoas. Da mesma forma que deve-se ponderar que a experiência atual do trabalhar tem impulsionado o sujeito a ocupar lugares cada vez mais precários, desafiando os últimos suspiros das promessas de realização e de emancipação pelo trabalho.

Principais Abordagens

- Trabalho e suas articulações com a dinâmica micro (sujeito) e macro (social);
- Prazer e Sofrimento no trabalho;



- Clínicas do trabalho;
- Precarização e violência no trabalho;
- Assédio moral e sexual;
- Modos de trabalhar e suas consequências no ser e no viver.;
- Trabalho, suas múltiplas dimensões e sua indissociabilidade com as diferentes esferas da vida;
- Relação Trabalho-família;
- Relações de poder e o trabalhador;;
- Controle e resistência no trabalho;
- Dilemas relativos ao trabalho;
- Dimensões da subjetividade e trabalho;
- Métodos e metodologias de intervenção no trabalho;
- Cartografias psicossociais do e sobre o trabalho.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

ENRIQUEZ, Eugène; DAVEL, Eduardo; VASCONCELOS, João. " Recursos" humanos e subjetividade. 1995.

ENRIQUEZ, Eugène. O indivíduo preso na armadilha da estrutura estratégica. **Revista de Administração de Empresas**, v. 37, p. 18-29, 1997.

Possibilidades de Estudos

- Sentido do trabalho e identidades: implicações para indivíduos e organizações;
- Estudos teóricos que proponham ampliação das discussões existentes e/ou conexões com outros conceitos ou correntes teóricas;
- Estudos empíricos com foco em experiências locais, regionais e interculturais: comparações entre sites, categorias profissionais distintas ou ambientes diferentes (por exemplo, público versus privado) ou quaisquer outras categorias de análise;
- Estudos utilizando escalas, modelagem e outros métodos que permitam avaliar, validar e discutir antecedentes e desdobramentos do significado do trabalho;
- Estudos sobre os fundamentos teóricos / epistemológicos da pesquisa sobre o sentido do trabalho no Brasil e no exterior;
- Relações entre sentidos do trabalho com indicadores sociais e econômicos, tais como gênero, entre gerações ou classes socioeconômicas;
- Relações entre sentidos do trabalho, estigma, moralidade e ética;
- Métodos de pesquisa inovadores sobre os sentidos do trabalho (desafios, perspectivas, tendências, análises multinível);
- Gestão do sentido do trabalho e outros constructos importantes na gestão: comprometimento, engajamento, envolvimento, motivação, bem-estar e sofrimento no trabalho, estresse, afetos e emoções;
- Estudos sobre os sentidos do trabalho e a GIG economy: os efeitos da uberização sobre o que dá sentido ao trabalho e a gamificação como componente nos processos de construção e desconstrução de sentido.



✈ Principais Revistas e Periódicos

Journal of Applied Psychology

<https://www.apa.org/pubs/journals/apl>

Journal of Vocational Behavior

<https://www.journals.elsevier.com/journal-of-vocational-behavior>

Journal of applied business research

<https://clutejournals.com/index.php/JABR>

Psychological Bulletin

<https://www.apa.org/pubs/journals/bul>

- ✈ **Palavras-chave:** Trabalho; Precarizaçã; Prazer e Sofrimento; Subjetividade; Clínicas do trabalho; Sentido do trabalho; Sentido no trabalho; Significado do trabalho; Contexto social.



Gestão por Competências

A perspectiva da gestão por competências possui estudos que contemplem a visão geral ou pelo menos uma das etapas da gestão por competências (ex: diagnóstico e prognóstico de competências, desenvolvimento de competências, provimento de competências, avaliação de desempenho por competências, recompensa por competência, certificação de competências, trilhas de aprendizagem de competências). Assim, apresentam-se neste tema estudos os quais consideram antigas e atuais possibilidades, impasses e desafios, mensuração de efeitos da implantação de competências ou gestão por competências na esfera pública, privada e das organizações do Terceiro Setor como um todo, considerando a relação entre o aspecto estratégico, coletivo e individual. Investigações que contemplem perspectiva multinível das competências e aprendizagem, competências e aprendizagens frente ao contexto de mudança (teletrabalho, transformação digital, inovação, desenvolvidas durante a pandemia do COVID-19), variáveis que influenciam a percepção/expressão das competências, estudos comparados de implantação da gestão por competências em diferentes organizações, de modelos de maturidade da gestão por competências e avanços das práticas vinculadas ao modelo de gestão por competências.



✈ Principais Abordagens

- Epistemologia do conceito e definições de competência;
- Taxonomia e tipologia de competências;
- Diagnóstico e mapeamento de competências;
- Modelos, práticas e políticas de gestão de pessoas por competências;
- Gestão por competências no setor público;
- Gestão por competências no Terceiro Setor;
- Abordagens metodológicas no estudo das competências;
- Competências e aprendizagens frente ao contexto de mudança (teletrabalho, transformação digital, inovação, desenvolvidas durante a pandemia do COVID-19);
- Mensuração de impactos da implantação da gestão por competências em diferentes organizações;
- Perspectiva multinível das competências e aprendizagem;
- Avanços das práticas vinculadas ao modelo de gestão por competência;
- Discussões sobre competências socioemocionais, competências adaptativas, universais e situacionais, e demais perspectivas contemporâneas.

✈ Referências bibliográficas seminais/clássicas

ALBUQUERQUE, Lindolfo Galvão de; OLIVEIRA, Patricia Morilha de. Competências ou cargos: uma análise das tendências das bases para o instrumental de recursos humanos. **REGE Revista de Gestão**, v. 8, n. 4, 2010.

BAKER, J. C. et al. A hierarchical model of business competence. **Integrated Manufacturing Systems**, v. 8, n. 5, p. 265-272, 1997.

BITENCOURT, C.; BARBOSA, A. C. Q. (2004). A gestão de competências. In C. Bitencourt (Org.). Contemporânea de pessoas. Porto Alegre: Bookman. 2004

BOOG, Gustavo. O Desafio da Competência. Best Seller. São Paulo. 2000.

BRANDÃO, Hugo Pena; BAHRY, Carla Patricia. Gestão por competências: métodos e técnicas para mapeamento de competências. **Revista do Serviço Público**, v. 56, n. 2, p. 179-194, 2005.

BRANDÃO, Hugo Pena; GUIMARÃES, Tomás de Aquino. Gestão de competências e gestão de desempenho: tecnologias distintas ou instrumentos de um mesmo construto?. **Revista de Administração de empresas**, v. 41, p. 8-15, 2001.

DRAGANIDIS, Fotis; MENTZAS, Gregoris. Competency based management: a review of systems and approaches. **Information management & computer security**, v. 14, n. 1, p. 51-64, 2006.

DUTRA, Joel Souza. Competências: conceitos e instrumentos para a gestão de pessoas na empresa moderna. 2004.

DUTRA, Joel Souza; FLEURY, Maria Tereza Leme; RUAS, Roberto. Competências: conceitos, métodos e experiências. 2008.



FERNANDES, Bruno Henrique Rocha; FLEURY, Maria Tereza. Modelos de gestão por competência: evolução e teste de um Sistema. **Análise–Revista de Administração da PUCRS**, v. 18, n. 2, 2007.

FLEURY, Afonso; FLEURY, Maria Tereza Leme. Estratégias empresariais e formação de competências: um quebra-cabeça caleidoscópico da indústria brasileira. 2000.

FLEURY, Maria Tereza Leme; FLEURY, Afonso. Desenvolver competências e gerir conhecimento em diferentes arranjos empresariais: o caso da indústria brasileira de plásticos. **Gestão estratégica do conhecimento: integrado a aprendizagem**, 2001.

HAGAN, C.M. The core competence organization: implications for human resource practices, *Human Resource Management Review*, Oxford, v.6, n.2, p.147-164, 1996.

MIRABILE, Richard J. Everything you wanted to know about competency modeling. **Training & development**, v. 51, n. 8, p. 73-78, 1997.

LEME, Rogério. **Avaliação de desempenho com foco em competência**. Qualitymark Editora Ltda, 2006.

LAWLER III, Edward E. From job-based to competency-based organizations. **Journal of organizational behavior**, v. 15, n. 1, p. 3-15, 1994

RUAS, Roberto et al. Gestão por competências: uma contribuição à estratégia das organizações. **Os novos horizontes da gestão: aprendizagem organizacional e competências**. Porto Alegre: Bookman, p. 34-54, 2005.

STEMLER, Tathiana Maria Viana Maria Viana; DE QUEIROZ, Morandi; CÂMARA, Mauro Araújo. Gestão por Competências e Gestão do Conhecimento: suas características e a área de Recursos Humanos. **Perspectivas em Políticas Públicas**, v. 4, n. 8, p. 111-126, 2011.

ZARIFIAN, Philippe. O modelo da competência: trajetória histórica, desafios atuais e propostas. In: **O modelo da competência: trajetória histórica, desafios atuais e propostas**. 2010. p. 192-192.

ZARIFIAN, Philippe. Objetivo competência: por uma nova lógica; tradução. **Maria Helena**, v. 100, p. V, 2001.

 **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

AVELINO, Giselle Inês Borges; NUNES, Simone Costa; SARSUR, Amyra Moyzes. Modelo de gestão por competências: a aderência dos gestores para o alcance do desempenho organizacional superior. **Revista Economia & Gestão**, v. 16, n. 44, p. 24-50, 2016.



DE BEECK, Sophie Op; HONDEGHEM, Annie. **Managing competencies in government: state of the art practices and issues at stake for the future.** OECD, 2010.

CAMPOS, E. B. D.; ABBAD, G. S. Verbete: competência no trabalho. **Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações. Casa do Psicólogo**, 2014.

CAMPION, Michael A. et al. Doing competencies well: Best practices in competency modeling. **Personnel psychology**, v. 64, n. 1, p. 225-262, 2011.

CARBONE, Pedro Paulo et al. **Gestão por competências.** Editora FGV, 2016.

CERIBELI, Harrison Bachion; MACIEL, Gustavo Nunes; GUILARDUCCI, Camila Alves. Competency management in Brazil: a multi-case study. 2017.

DUTRA, Joel Souza. Competências: conceitos e instrumentos para a gestão de pessoas na empresa moderna. 2004.

FERNANDES, Bruno. **Gestão Estratégica de Pessoas: com foco em competências.** Elsevier Brasil, 2013.

DA FONSECA, Diogo Ribeiro; MENESES, Pedro Paulo Murce. Fatores para implantação e desenvolvimento da gestão por competências em agências reguladoras federais. **Revista Eletrônica Científica da UERGS**, v. 2, n. 2, p. 117-133, 2016.

DE OLIVEIRA, Vanessa Santos; MACHADO, Monica Cristina Rovaris; JOHN, Elaine. Sistema de gestão por competência em pequena empresa. **Navus-Revista de Gestão e Tecnologia**, v. 7, n. 3, p. 46-59, 2017.

MUNCK, Luciano; MUNCK, Mariana Gomes Musetti; SOUZA, Rafael Borim de. Gestão de pessoas por competências: análise de repercussões dez anos pós-implantação. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 12, p. 4-52, 2011.

REDMOND, Elizabeth. Competency models at work: The value of perceived relevance and fair rewards for employee outcomes. **Human Resource Management**, v. 52, n. 5, p. 771-792, 2013.

DA SILVA, Francielle Molon; DE MELLO, Simone Portella Teixeira. A implantação da gestão por competências: práticas e resistências no setor público. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo-ReAT**, v. 2, n. 1, p. 110-127, 2013.

SKORKOVÁ, Zuzana. Competency models in public sector. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 230, p. 226-234, 2016.



Possibilidades de Estudos

- Estudos epistemológicos sobre o tema, discussões sobre o conceito e definições de competência, sua taxonomia e tipologias de competências;
- Estudos diagnósticos e mapeamentos de competências em contextos distintos organizacionais;
- Criação e mapeamento de modelos, práticas e políticas de gestão de pessoas por competências em organizações distintas (empresas, ONGs, setor público) além de possíveis estudos comparativos;
- Estudos sobre competências e aprendizagens frente ao contexto de mudança (teletrabalho, transformação digital, inovação, desenvolvidas durante a pandemia do COVID-19);
- Estudos que discutam competências socioemocionais, competências adaptativas, universais e situacionais, e demais perspectivas contemporâneas.

Principais Revistas e Periódicos

Human Resource Management Review

<https://www.sciencedirect.com/journal/human-resource-management-review>

European Journal of Training & Development

<https://www.emeraldgrouppublishing.com/journal/ejtd>

Human Resource Management

<https://onlinelibrary.wiley.com/journal/17488583>

Journal of Organizational Behavior

<https://onlinelibrary.wiley.com/journal/10991379>

Links de Interesse

<https://www.pontotel.com.br/gestao-por-competencia/>

<https://blog.impulseup.com/o-que-e-gestao-por-competencia/>

<https://www.gestaoporcompetencia.ms.gov.br/>

<https://www.rhportal.com.br/artigos-rh/gesto-por-competncias/>

- ### **Palavras-chave:** Competências; Gestão por Competências; Competências nos Diferentes Níveis (organizacionais; equipe/coletivas e individual) e Setores (público, privado e terceiro setor); Competências e Aprendizagem em Contexto de COVID-19 e Transformação Digital; Aprendizagem.



Gestão de Carreiras

É inegável o profundo impacto do conjunto de mudanças socioeconômicas, culturais e individuais recentes sobre o modelo de carreira tradicional, usualmente retratado como linear, estável, ascendente e em tempo integral (Adamson, Doherty, & Viney, 1998). O surgimento de novos modelos de carreira a partir da década de 1990, com destaque para as carreiras sem fronteira e proteana, guarda relação direta com a demasiada valorização da agência, às custas do não reconhecimento das condicionantes externas que impactam as trajetórias profissionais (Mayrhofer, Myer, & Steyrer, 2007). Nesse sentido, demanda-se uma perspectiva de carreira que tematize, sob uma ótica crítica, não homogeneizadora, irrestrita às carreiras profissionais e gerenciais, e sempre que possível interseccional, a marginalização sofrida por grupos minoritários tradicionais, associados a aspectos como classe social, cultura, etnia, gênero, idade, religiosidade e sexualidade (Pringle, Myers, Elley-Brown, & Reid, 2020).

✦ Principais Abordagens

- Influência das transformações socioeconômicas, demográficas, culturais, territoriais e individuais sobre as carreiras;
- Trabalho e carreira de diferentes grupos sociais;
- Estudos de carreira sob a perspectiva interseccional;
- Carreiras no contexto de vínculos e/ou espaços de trabalho flexíveis;
- Carreiras sustentáveis;
- Novos formatos de carreira;
- Transições de carreira;
- Carreiras internacionais;
- Trajetórias de grupos ocupacionais ou sociais considerados marginais ou desviantes (Becker, 2008);
- O lado sombrio (dark-side) das carreiras contemporâneas (Baruch & Vardi, 2016).

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas

AHLSTROM, David; BRUTON, Garry; CHAN, Eunice S. HRM of foreign firms in China: The challenge of managing host country personnel. **Business Horizons**, v. 44, n. 3, p. 59-68, 2001.

ARTHUR, Michael B.; ROUSSEAU, Denise M. A career lexicon for the 21st century. **Academy of Management Perspectives**, v. 10, n. 4, p. 28-39, 1996.

ARTHUR, Michael Bernard et al. (Ed.). **Handbook of career theory**. Cambridge University Press, 1989.



BARUCH, Yehuda. Transforming careers: from linear to multidirectional career paths: organizational and individual perspectives. **Career development international**, v. 9, n. 1, p. 58-73, 2004.

BENDASSOLLI, Pedro F. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. **Revista de Administração de Empresas**, v. 49, p. 387-400, 2009.

BHATNAGAR, Deepti; RAJADHYAKSHA, Ujvala. Attitudes towards work and family roles and their implications for career growth of women: A report from India. **Sex Roles**, v. 45, p. 549-565, 2001.

BRISCOE, Jon P.; HALL, Douglas T.; DEMUTH, Rachel L. Frautschy. Protean and boundaryless careers: An empirical exploration. **Journal of vocational behavior**, v. 69, n. 1, p. 30-47, 2006.

BOERLIJST, Johannes Gerrit. Career development and career guidance. **Handbook of Work and Organizational Psychology. Volume 3: Personnel Psychology**, 1998.

BUDHWAR, Pawan S.; BARUCH, Yehuda. Career management practices in India: an empirical study. **International Journal of Manpower**, v. 24, n. 6, p. 699-719, 2003.

BULTER, Bella; PURCHASE, Sharon. Personal networking in Russian post Soviet life. **Research and Practice in Human Resource Management**, v. 12, n. 1, p. 34-60, 2004.

Caldas (Orgs.) *Cultura organizacional e Cultura brasileira (159-170)*. São Paulo: Atlas.

CAPPELLI, Peter. Career jobs are dead. **California management review**, v. 42, n. 1, p. 146-167, 1999.

CHANLAT, Jean-François. Quais carreiras e para qual sociedade?(I). **Revista de administração de Empresas**, v. 35, p. 67-75, 1995.

DUTRA, Joel Souza. *Administração de carreiras: uma proposta para repensar a gestão de pessoas*. 1996.

DUTRA, Joel Souza. Autonomia para o desenvolvimento profissional: utopia ou realidade no contexto brasileiro. **Cultura organizacional e cultura brasileira**, 1997.

DUTRA, Joel Souza. *Gestão de Pessoas: Modelo. Processos, Tendências e*, 2002.



FONTENELLE, Isleide Arruda. “Eu Proteu”: A auto-gestão de carreira entre fatos e mitos. **Encontro nacional dos programas de pós-graduação em administração**, v. 29, 2005. Forrier, A., Sels, L., & Stynen, D. (2009).

FORRIER, A. Career mobility at the interForrier, A., Sels, L., & Stynen, D.(2009). Copyright© The British Psychological Society Career mobility at the intersection between agent and structure: A conceptual model Copyright© The British Psychological Society. 739–7. **Journal of Occupational and Organizational Psychology**, v. 82, n. 4, p. 739-759, 2009.

HALL, Douglas T. The protean career: A quarter-century journey. **Journal of vocational behavior**, v. 65, n. 1, p. 1-13, 2004.

HUGHES, Everett C. Institutional office and the person. **American journal of sociology**, v. 43, n. 3, p. 404-413, 1937.

KILIMNIK, Zélia Miranda; CASTILHO, IV de; SANT’ANNA, A. de S. Carreiras em transformação: um estudo de trajetórias, âncoras e metáforas de carreira em associação a representações de competências profissionais. **Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração. Anais. Curitiba, ANPAD.[CD_ROM]**, 2004.

KNABEM, Andréa et al. Trajetória profissional e âncoras de carreira de Edgar Schein: traçando possíveis relações. 2005.

London, M., & Stumpf, S. A. (1982). *Managing Careers*, Londres: Addison-Wesley Publishing.

SILVA, Jomara et al. Reestruturação das carreiras. **O Choque de Gestão em Minas Gerais: políticas da gestão pública para o desenvolvimento. Belo Horizonte: UFMG**, p. 191-210, 2010.

VILHENA, Renata; DE CÁSSIA BARBOSA, Adriana. **O choque de gestão em Minas Gerais: políticas da gestão pública para o desenvolvimento**. Editora UFMG, 2006.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

AALBERS, Teun; DE LANGE, Annet H. Sustainable work ability and cognitive functioning through lifestyle improvement. In: **Handbook of research on sustainable careers**. Edward Elgar Publishing, 2015. p. 254-271.

AKKERMANS, Jos; KUBASCH, Stella. # Trending topics in careers: a review and future research agenda. **Career Development International**, v. 22, n. 6, p. 586-627, 2017.



ABESSOLO, Marc; HIRSCHI, Andreas; ROSSIER, Jérôme. Development and validation of a multidimensional career values questionnaire: A measure integrating work values, career orientations, and career anchors. **Journal of Career Development**, v. 48, n. 3, p. 243-259, 2021.

BARLEY, Bechky. Milliken, 2017 Barley, SR, Bechky, BA, & Milliken, FJ (2017). **The changing nature of work: Careers, identities, and work lives in the**, v. 21, p. 111-115.

BARUCH, Yehuda. The development and validation of a measure for protean career orientation. **The International Journal of Human Resource Management**, v. 25, n. 19, p. 2702-2723, 2014.

BARUCH, Yehuda. Organizational and labor markets as career ecosystem. In: **Handbook of research on sustainable careers**. Edward Elgar Publishing, 2015. p. 364-380.

BARUCH, Yehuda; VARDI, Yoav. A fresh look at the dark side of contemporary careers: Toward a realistic discourse. **British Journal of Management**, v. 27, n. 2, p. 355-372, 2016.

BRESMAN, Henrik. What millennials want from work, charted across the world. **Harvard Business Review**, v. 2, 2015.

GUAN, Yanjun et al. Career boundarylessness and career success: A review, integration and guide to future research. **Journal of Vocational Behavior**, v. 110, p. 390-402, 2019.

GUNZ, Hugh; MAYRHOFER, Wolfgang; TOLBERT, Pamela. Career as a social and political phenomenon in the globalized economy. **Organization Studies**, v. 32, n. 12, p. 1613-1620, 2011.

GUAN, Yanjun et al. New job market entrants' future work self, career adaptability and job search outcomes: Examining mediating and moderating models. **Journal of Vocational Behavior**, v. 85, n. 1, p. 136-145, 2014.

GUBLER, Martin; ARNOLD, John; COOMBS, Crispin. Reassessing the protean career concept: Empirical findings, conceptual components, and measurement. **Journal of Organizational Behavior**, v. 35, n. S1, p. S23-S40, 2014.

DE VOS, Ans et al. Developing sustainable careers across the lifespan. **Cham, Switzerland: Springer**, 2016.



DE VOS, Ans; VAN DER HEIJDEN, Beatrice IJM; AKKERMANS, Jos. Sustainable careers: Towards a conceptual model. **Journal of Vocational Behavior**, v. 117, p. 103196, 2020.

FORRIER, Anneleen; VERBRUGGEN, Marijke; DE CUYPER, Nele. Integrating different notions of employability in a dynamic chain: The relationship between job transitions, movement capital and perceived employability. **Journal of Vocational behavior**, v. 89, p. 56-64, 2015.

HIRSCHI, Andreas. The fourth industrial revolution: Issues and implications for career research and practice. **The career development quarterly**, v. 66, n. 3, p. 192-204, 2018.

JIANG, Zhou et al. Career exploration: A review and future research agenda. **Journal of Vocational Behavior**, v. 110, p. 338-356, 2019.

LAWRENCE, Barbara S.; HALL, Douglas T.; ARTHUR, Michael B. Sustainable careers then and now. In: **Handbook of research on sustainable careers**. Edward Elgar Publishing, 2015. p. 432-450.

MAINIERO, Lisa A.; GIBSON, Donald E. The kaleidoscope career model revisited: How midcareer men and women diverge on authenticity, balance, and challenge. **Journal of Career Development**, v. 45, n. 4, p. 361-377, 2018.

MODESTINO, Alicia Sasser; SUGIYAMA, Keimei; LADGE, Jamie. Careers in construction: An examination of the career narratives of young professionals and their emerging career self-concepts. **Journal of Vocational Behavior**, v. 115, p. 103306, 2019.

SCHEIN, Edgar H.; VAN MAANEN, John. Career anchors and job/role planning. **Organizational Dynamics**, v. 45, n. 3, p. 165-173, 2016.

SVEJENOVA, Silviya. 'The path with the heart': Creating the authentic career. **Journal of Management Studies**, v. 42, n. 5, p. 947-974, 2005.

VAN DER HEIJDEN, B. I. J. M. De Vos.(2015).“Sustainable careers: Introductory chapter,”. **Handbook of Research on Sustainable Careers**, eds A. De Vos and BIJM Van der Heijden (Cheltenham: Edward Elgar Publishing), p. 1-19.

VAN DER HEIJDEN, Beatrice et al. Sustainable careers across the lifespan: Moving the field forward. **Journal of Vocational Behavior**, v. 117, p. 103344, 2020.



Possibilidades de Estudos

- Estudos que busquem entender as Influências das transformações socioeconômicas, demográficas, culturais, territoriais e individuais sobre as carreiras em diferentes grupos sociais;
- Estudos que tratem das carreiras em contextos de vínculos e/ou espaços de trabalho flexíveis;
- Estudos que explorem mais o tema das carreiras sustentáveis, seus conceitos e implicações, bem como quaisquer novos formatos de carreira;
- Estudos sobre transições de carreira e suas implicações;
- Estudos de caso, mapeamento, casos de ensino que tratem de carreiras internacionais e seus desafios;
- Estudos críticos que abordem o lado sombrio (dark-side) das carreiras contemporâneas.

Principais Revistas e Periódicos

Revista de Carreiras e Pessoas

<https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCaPe>

Business Horizons

<https://www.journals.elsevier.com/business-horizons>

Career development international

<https://www.emeraldgroupublishing.com/journal/cdi>

Journal of Vocational Behavior

<https://www.journals.elsevier.com/journal-of-vocational-behavior>

International Journal of Manpower

<https://www.emerald.com/insight/publication/issn/0143-7720>

Research and Practice in Human Resource Management

<http://www.sapub.org/journal/aimsandscope.aspx?journalid=1117>

Journal of Occupational and Organizational Psychology

<https://bpspsychub.onlinelibrary.wiley.com/journal/20448325>

Journal of Career Development

<https://journals.sagepub.com/home/jcd>

The International Journal of Human Resource Management

<https://www.tandfonline.com/toc/rijh20/current>



British Journal of Management

<https://onlinelibrary.wiley.com/journal/14678551>

Journal of Vocational Behavior

<https://www.journals.elsevier.com/journal-of-vocational-behavior>

The Career Development Quarterly

<https://onlinelibrary.wiley.com/journal/21610045>

- ✦ **Palavras-chave:** Carreira; Diversidade; Inclusão; Trabalho; Contexto; Carreira; Âncoras de Carreira; Carreira Proteana; Jovens profissionais; Gestão de pessoas; Serviço público; Plano de carreiras;; Resistência à Mudança; Carreira, Transição; Empreendedorismo e Microempreendedor Individual; Carreira sustentável; Carreira; Transição; Empreendedorismo e Microempreendedor Individual.



Relações de Trabalho

As transformações do trabalho estabelecem relação direta com as mudanças organizacionais, desafiando os sistemas de regulação e as relações de trabalho (RTs) no contexto contemporâneo. Novas habilidades e competências são demandadas e devem ser examinadas para que se possa analisar a amplitude de seus impactos. Tais questões demandam visão estratégica, crítica e inovadora das RTs. É necessário examinar os novos modelos de gestão e de organização e o papel dos sistemas de relações de trabalho (SRTs) no bem estar social e no processo civilizatório, a questão da flexibilidade laboral e das organizações como resultado da introdução de novas tecnologias, inovações organizacionais e reestruturações na indústria, serviços e comércio. Os temas clássicos permanecem atuais e necessários, mas devem coexistir com os emergentes, com abertura para estudos teóricos e empíricos, qualitativos e quantitativos.

✦ **Principais Abordagens:**

- Internet das Coisas (IoT), Inteligência Artificial (AI), Indústria 4.0;
- Novas configurações expressas nos movimentos da uberização (gig economy e economia “compartilhada”) trazem novos desafios às pessoas e às profissões, colocando em xeque o futuro do labor e do mercado de trabalho;
- Estudos comparados sobre transformações do trabalho em diferentes países;
- Inovações em RTs e mercado de trabalho: empreendedorismos, indústria 4.0, IoT, AI, gig economy, startups e unicórnios;
- O futuro do sindicalismo e acordos coletivos nas novas organizações do trabalho;
- Imbricações entre transformações digitais, gestão de pessoas e RTs;
- Impactos das reformas trabalhistas nos SRTs do Brasil e outros países.



✦ **Referências bibliográficas seminais/clássicas**

ADAMS, Roy J. Why are American workers so disorganized. **Keynote address presented at "Emerging**, n. 2000, 2000.

ALCÂNTARA, José Eduardo, "Flexibilização da jornada de trabalho". In Direito do Trabalho contemporâneo, Coordenação de José Affonso Dallegrave, Ed. LTr, pp. 68-113.

BOHLE, Philip et al. Working hours, work-life conflict and health in precarious and "permanent" employment. **Revista de saúde pública**, v. 38, p. 19-25, 2004.

CACCIAMALI, Maria Cristina. Globalização e processo de informalidade. **Economia e sociedade**, v. 9, n. 1, p. 153-174, 2000.

CHEIBUB, Zairo B. Reforma administrativa e relações de trabalho no setor público. RBCS. v. 15, n. 43. jun., 2000

COMIN, Alvaro Augusto. A experiência de organização das centrais sindicais no Brasil. **O mundo do trabalho: crise e mudança no final do século**, 1994.

COSTA, Márcia da Silva. O sistema de relações de trabalho no Brasil: alguns traços históricos e sua precarização atual. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, p. 111-131, 2005.

COSTA, Márcia da Silva. Relações de trabalho e regimes de emprego no Canadá e no Brasil: um estudo comparativo. **RAE eletrônica**, v. 6, 2008.

CRANFORD, Cynthia J.; VOSKO, Leah F.; ZUKEWICH, Nancy. The gender of precarious employment in Canada. **Relations industrielles**, v. 58, n. 3, p. 454-482, 2003.

DÄUBLER, Wolfgang. Relações de trabalho no final do século XX: uma sinopse das tendências atuais nos países industrializados. **COMIN, Alvaro Augusto et al. MUNDO do trabalho: crise e mudança no final século. São Paulo, Scritta**, 1994.

DEDECCA, Claudio S. Anos 1990: A estabilidade com desigualdade. In: SANTANA, M. & RAMALHO, J. (orgs.). Além da fábrica: Trabalhadores, sindicatos e a nova questão social. Boitempo, São Paulo, 2003. p. 109-139.

DE CARVALHO NETO, Antônio Moreira. **Relações de trabalho e negociação coletiva na virada do milênio: estudo em quatro setores dinâmicas da economia brasileira**. Unitrabalho, 2001.



KREIN, J. Dari et al. Reforma no sistema de relações de trabalho no Brasil. **Emprego e desenvolvimento tecnológico**, p. 255-294, 1999.

KUPPERSCHMIDT, Betty R. Multigeneration employees: strategies for effective management. **The health care manager**, v. 19, n. 1, p. 65-76, 2000.

LOUIE, Amber M. et al. Empirical study of employment arrangements and precariousness in Australia. **Relations industrielles**, v. 61, n. 3, p. 465-489, 2006.

NOGUEIRA, Arnaldo JFM. Competências em relações de trabalho e sindicais. **Competências: conceitos, métodos e experiências**, 2008.

OLIVEIRA, CAB de. Contrato coletivo e relações de trabalho no Brasil. **O mundo do trabalho: crise e mudança no final do Século**, 1994.

SANTOS, João Batista dos, “Novo Modelo de Relação de Emprego em Face das Inovações Tecnológicas”. In LTr Suplemento Trabalhista nº 021/97, p.111.

SMOLA, K.W.; SUTTON, C.D. “Generational differences: revisiting organizational work values for the new millennium”. *Journal of Organizational Behavior*, 2002, v. 23 n. 4.

STANFORD, J.; VOSKO, L. **Regulating Work and Income**. Montreal: McGill-Queen’s University Press, 2004.

ROCHA, Rosilda Lacerda, “O conceito do Trabalho em Domicílio e as Transformações do Direito do Trabalho”. In EMATRA TRT/RJ, ano 2, nº 3, pp.148-171.

NASCIMENTO, Sônia Aparecida Costa; MAGANO, Octávio Bueno. Flexibilização do horário de trabalho. 2001.

TOSTA, Tânia Ludmila Dias. Antigas e novas formas de precarização do trabalho: o avanço da flexibilização entre profissionais de alta escolaridade. 2008.

ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil-2**. AMGH Editora, 2014.

 **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

AMORIM, Wilson Aparecido Costa de et al. Negociações coletivas no Brasil: 50 anos de aprendizado. 2015.

BENACH, Joan; MUNTANER, Carles. Precarious employment and health: developing a research agenda. **Journal of Epidemiology & Community Health**, v. 61, n. 4, p. 276-277, 2007.



BENACH, Joan et al. What should we know about precarious employment and health in 2025? Framing the agenda for the next decade of research. **International journal of epidemiology**, v. 45, n. 1, p. 232-238, 2016.

CAVAZOTTE, Flávia de Souza Costa Neves; LEMOS, Ana Heloisa da Costa; VIANA, Mila Desouza de Aquino. Novas gerações no mercado de trabalho: expectativas renovadas ou antigos ideais?. **Cadernos Ebape. br**, v. 10, p. 162-180, 2012.

DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios?. **Caderno Crh**, v. 24, p. 37-57, 2011.

GALVÃO, Andréia; TEIXEIRA, Marilane. Flexibilização na lei e na prática: o impacto da reforma trabalhista sobre o movimento sindical. **Dimensões críticas da reforma trabalhista no Brasil**, p. 155-182, 2018.

GIRAUDO, Massimiliano et al. Occupational injuries in times of labour market flexibility: the different stories of employment-secure and precarious workers. **Bmc public health**, v. 16, n. 1, p. 1-11, 2016.

HARPAZ, Itzhak; MESHOULAM, Ilan. The meaning of work, employment relations, and strategic human resources management in Israel. **Human Resource Management Review**, v. 20, n. 3, p. 212-223, 2010.

HORN, Carlos H. Enfoques sistêmicos sobre as relações de trabalho. **HORN, Carlos H.; COTANDA, Fernando C. Relações de trabalho no mundo contemporâneo: ensaios multidisciplinares. Porto Alegre: Editora da UFRGS**, 2011.

KREIN, José Dari. O desmonte dos direitos, as novas configurações do trabalho e o esvaziamento da ação coletiva: consequências da reforma trabalhista. **Tempo social**, v. 30, p. 77-104, 2018.

M. GOULD, Anthony; DESJARDINS, Guillaume. Static and dynamic views of conflict and cooperation in the employment relationship: A new kind of time-based theory with implications for non-standard work forms. **Personnel Review**, v. 43, n. 5, p. 780-797, 2014.

MUNTANER, Carles. Global precarious employment and health inequalities: working conditions, social class, or precariat?. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 32, p. e00162215, 2016.

Possibilidades de Estudos

- Estudos que abordem as relações de trabalho e suas adaptações aos novos cenários da Internet das Coisas (IoT), Inteligência Artificial (AI), Indústria 4.0, entre outros;



- Relações de trabalho e as novas configurações expressas nos movimentos da uberização, gig economy e economia “compartilhada”, bem como seus desafios e as perspectivas de futuro do labor e do mercado de trabalho;
- Estudos comparados sobre transformações do trabalho em diferentes países;
- Estudos que tratem das inovações em RTs e mercado de trabalho: empreendedorismos, indústria 4.0, IoT, AI, gig economy, startups e unicórnios;
- Estudos sobre o futuro do sindicalismo e acordos coletivos nas novas organizações do trabalho;
- Estudos sobre as Imbricações entre transformações digitais, gestão de pessoas e RTs bem como quais os impactos das reformas trabalhistas nos SRTs do Brasil e outros países.

Links Interesse

<https://mepadvoogados.com.br/2020/08/26/relacoes-de-trabalho/>

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-trabalho-futuro.htm>

<https://conceito.de/relacoes-de-trabalho>

<http://www.portaldaindustria.com.br/cni/canais/mapa-estrategico-da-industria/fatores-chave/relacoes-de-trabalho/>

<https://blog.sajadv.com.br/relacoes-de-trabalho-covid-19/>

Palavras-chave:

Mobilidade; Migração; Relações de Trabalho; Marcadores Sociais de Diferença; Pandemia; Sistemas de Relações de Trabalho Comparados; Relações de Trabalho e Impactos em Recursos Humanos; Relações de Trabalho; Transformação digital e indústria 4.0; Flexibilização da Legislação Trabalhista.



Cadeias de Suprimentos

Dentro da perspectiva de desenvolvimento de competências e trilhas de aprendizagem por competências abrange pesquisas que abordem discussões de ressignificação e práticas dos processos de aprendizagem organizacional, de equipe de indivíduos, tanto na perspectiva da aprendizagem formal quanto informal, em diferentes contextos. A discussão acerca dos desafios e possibilidades de estratégias de aprendizagem que envolvam a natureza das pessoas e suas múltiplas diversidades e relações também fazem parte do escopo da temática. Assim, espera-se que sejam apresentados estudos os quais consideram:

Principais Abordagens

- Antigas e atuais possibilidades;
- Impasses e desafios;



- Cognição organizacional;
- Políticas e práticas de gestão de pessoas para treinamento e desenvolvimento;
- Gestão do conhecimento: perspectivas individuais e de grupos e equipes de trabalho;
- Aprendizagem e estratégia organizacional;
- Epistemologia da aprendizagem nas organizações;
- Aprendizagem em contexto de mudanças e crise organizacional;
- Diferentes perspectivas sobre aprendizagem;
- Concepções clássicas;
- Aprendizagem e competências organizacionais.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

ARGYRIS, Chris; SCHON, Donald A. *Theory in Practice* Jossey. 1974.

BANDURA, Albert. Social foundations of thought and action. **Englewood Cliffs, NJ**, v. 1986, n. 23-28, 1986.

BORGES-ANDRADE, Jairo E. et al. **Treinamento, desenvolvimento e educação em organizações e trabalho**. Artmed Editora, 2009.

CÉLIA, Maria; LOIOLA, Elizabeth. Aprendendo a aprender: análise de três estudos de caso em aprendizagem organizacional a partir do construtivismo. **Organizações & Sociedade**, v. 8, p. 1-15, 2001.

FAYOL, Henri; DORES, João Alberto Myre. **Administração industrial e geral: previsão, organização, comando, coordenação, controle**. 1978.

GAGNÉ, R. M. Learning and individual differences. Columbus: Charles E. Merrill, 1967.

GOLDSTEIN, Irwin L. Training in work organizations. **Annual review of psychology**, v. 31, n. 1, p. 229-272, 1980.

PIAGET, Jean. O nascimento da inteligência na criança. Rio de Janeiro. 1982.

SENGE, Peter M. The fifth discipline. **Measuring business excellence**, v. 1, n. 3, p. 46-51, 1997.

TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa**. Elsevier Brasil, 2004.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

ABBAD, G. da S.; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo. Aprendizagem humana em organizações de trabalho. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**, v. 2, p. 237-275, 2004.



ARGOTE, Linda; MIRON-SPEKTOR, Ella. Organizational learning: From experience to knowledge. **Organization science**, v. 22, n. 5, p. 1123-1137, 2011.

BRANDÃO, Hugo Pena; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo. Desenvolvimento e validação de uma escala de estratégias de aprendizagem no trabalho. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 24, p. 448-457, 2011.

COELHO JUNIOR, Francisco Antonio; ABBAD, Gardênia da Silva; TODESCHINI, Kátia Caroline de Lira. Construção e validação de uma escala de suporte à aprendizagem no trabalho em uma instituição bancária brasileira. 2005.

ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil-2**. AMGH Editora, 2014.

Possibilidades de Estudos

- Desenho e construção de programas inovadores de treinamento e desenvolvimento;
- Transformação digital e gestão do conhecimento nas organizações;
- Métricas e escalas de mensuração da aprendizagem e sua efetividade na performance dos trabalhadores;
- Aprendizagem e inovação organizacional.



Modelos, políticas e práticas para a Gestão de Pessoas

Nas últimas décadas, as organizações têm passado por todos os tipos de mudanças em um ritmo cada vez mais acelerado. As incertezas do ambiente são crescentes, o que leva a interpretações diferentes e até contrárias. Isso aumenta a complexidade no campo da estratégia e cria um grande desafio para a gestão de pessoas. As mudanças no ambiente sociocultural também criam tensões na gestão de pessoas. Tais tensões afetam as políticas e práticas e podem torná-las ineficazes tão rapidamente quanto as mudanças na tecnologia e no mercado. Como consequência, o desempenho individual e organizacional vem sendo questionado sob diferentes aspectos.

Principais Abordagens

- Modelos de Gestão de Pessoas e questões que sinalizam novos caminhos na área;
- Políticas e práticas de Gestão de Pessoas diante dos desafios impostos pelos fatores de contexto no Brasil e no mundo;
- Mensuração dos resultados da Gestão de Pessoas;
- Gestão Estratégica de Pessoas;



- Gestão Internacional de pessoas;
- Gestão de Pessoas e seus efeitos no clima organizacional, cultura e sustentabilidade ambiental;
- Os efeitos da economia digital na gestão de recursos humanos: modelos, políticas e práticas;
- A relação entre mudanças organizacionais e Gestão de pessoas;
- Gestão de Pessoas com baixa renda e baixa qualificação profissional: modelos, políticas e práticas que contemplam os elementos básicos do comportamento organizacional aplicáveis a este estrato social;
- Consultoria em Gestão de pessoas.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

ARGYRIS, Chris et al. Schön, DA (1978): Organizational Learning. A Theory of Action Perspective. **Reading, Mass**, 1978.

CAPPELLI, P. The New Deal at Work: Managing the Market-Driven Workforce (Harvard Business School Press, Boston). 1999.

CHARAN, Ram. Como as redes reconfiguram as organizações para resultados. **HOWARD, R. et al. Aprendizado organizacional: gestão de pessoas para a inovação contínua. Rio de Janeiro: Campus**, 2000.

CUNHA, M. P. et al. Manual de comportamento orga-nizacional. 3. ed. Lisboa: RH, 2004.

GREEN, Francis et al. Assessing Job Quality in the Affluent Economy, from Demanding Work: The Paradox of Job Quality in the Affluent Economy. **Introductory Chapters**, 2007.

GRUGULIS, Irena; DUNDON, Tony; WILKINSON, Adrian. Cultural control and the 'culture manager': employment practices in a consultancy. **Work, Employment and Society**, v. 14, n. 1, p. 97-116, 2000.

MINTZBERG, Henry et al. Criando organizações eficazes. **São Paulo: Atlas**, p. 09-31, 1995.

PORTER, Michael E. **Vantagem competitiva: criando e sustentando um desempenho superior**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

ROBBINS, Stephen; JUDGE, Tim; SOBRAL, Filipe. **Comportamento organizacional: teoria e prática no contexto brasileiro**. Pearson Prentice Hall, 2010.

THIERRY, H.; WOLFF, C. J. (Ed.). Handbook of work and organizational psychology. 2nd ed. Sussex: Psycho-logy Press, 1998. v. 1, p. 71-100.

ULRICH, Dave. A new mandate for human resources. **Harvard business review**, v. 76, p. 124-135, 1998.



WARD, Dan. Workforce demand forecasting techniques. **Human Resource Planning**, v. 19, n. 1, p. 54-56, 1996.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

BUDD, John W. Employment with a human face. In: **Employment with a Human Face**. Cornell University Press, 2018.

Cascio, W.F., 2015. Managing human resources. New York: McGraw-Hill.


MATHIS, Robert L. et al. **Human resource management**. Cengage Learning, 2016.

SNELL, S.; MORRIS, S.; BOHLANDER, G. Managing Human Resources: Cengage Learning. 2011.

ULRICH, Dave; YOUNGER, Jon; BROCKBANK, Wayne. The twenty-first-century HR organization. **Human Resource Management**, v. 47, n. 4, p. 829-850, 2008.

Possibilidades de Estudos

- Modelos e práticas de gestão de pessoas baseado em dados e evidências;
- Novos desenhos e estruturas organizacionais e suas práticas de gestão de pessoas;
- Questões éticas na criação e aplicação das políticas e práticas de gestão de pessoas;
- Níveis de maturidade dos modelos de gestão de pessoas;
- Alinhamento dos modelos, práticas e políticas de gestão de pessoas com a estratégia organizacional;

 **Palavras-chave:** Modelos de Gestão de pessoas; Políticas de Gestão de Pessoas; Práticas de Gestão de pessoas; Desempenho e a Gestão de Pessoas; Gestão Estratégica de Pessoas.



Gestão de Pessoas no Setor Público

A gestão de pessoas no setor público no contexto de reforma pode ser compreendida como a definição de políticas e diretrizes em relação ao capital humano para aumentar a eficiência dos servidores e, por consequência, do próprio órgão público (MARCONI, 2005). Ao recuperar a história da formação da Gestão de Pessoas no setor público no contexto da formação da administração pública brasileira, percebe-se que a herança da formação do Estado, que vem desde a colonização portuguesa, refletiu-se em políticas de gestão de pessoas no Brasil, considerando desde o processo de alocar servidores públicos, até as ações de retenção. Debater como as organizações públicas vêm se organizando em sua gestão de pessoas, torna-se fundamental para contribuir com a sociedade e com as práticas e desafios diários que a área vem enfrentando.



✦ Principais Abordagens

- Diferentes funções gerenciais entre os setores público e privado Discutir as políticas e práticas;
- Políticas públicas e gestão de pessoas;
- Democracia e gestão de pessoas;
- Práticas e políticas de gestão de pessoas em organizações públicas;
- Burocracia, hierarquia e racionalidade na gestão de pessoas na esfera pública;
- Influência política na gestão de pessoas de organizações públicas.

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas

BALABONIENĖ, Ingrida; VEČERSKIENĖ, Giedrė. The aspects of performance measurement in public sector organization. **Procedia-social and behavioral sciences**, v. 213, p. 314-320, 2015.

BEADLES II, Nicholas Aston; LOWERY, Christopher M.; JOHNS, Kim. The impact of human resource information systems: An exploratory study in the public sector. **Communications of the IIMA**, v. 5, n. 4, p. 6, 2005.

BERGUE, Sandro Trescastro. **Modelos de gestão em organizações públicas: teorias e tecnologias gerenciais para a análise e transformação organizacional**. Educs, 2011.

Brown K. Human resource management in the public sector. *Public management review*. 2004 Sep 1;6(3):303-9.

Gowing MK, Lindholm ML. Human resources management in the public sector. *Human Resource Management: Published in Cooperation with the School of Business Administration, The University of Michigan and in alliance with the Society of Human Resources Management*. 2002 Sep;41(3):283-95.

HICKMAN, Gill Robinson; LEE, Dalton S. **[Introduction to] Managing Human Resources in the Public Sector: A Shared Responsibility**. Harcourt Brace, 2001.

KIM, Pan Suk. Globalization of human resource management: A cross-cultural perspective for the public sector. **Public Personnel Management**, v. 28, n. 2, p. 227-243, 1999.

MCGREGOR JR, Eugene B. The public sector human resource puzzle: Strategic management of a strategic resource. **Public Administration Review**, p. 941-950, 1988.

PANTOJA, Maria Júlia; CAMÕES, MR de S.; BERGUE, Sandro Trescastro. *Gestão de pessoas: bases teóricas e experiências no setor público*. **Brasília: Enap**, p. 11-28, 2010.

POISTER, Theodore H.; STREIB, Gregory D. Strategic management in the public sector: Concepts, models, and processes. **Public Productivity & Management Review**, p. 308-325, 1999.



PYNES, Joan E. The implementation of workforce and succession planning in the public sector. **Public Personnel Management**, v. 33, n. 4, p. 389-404, 2004.

SELDEN, Sally Coleman. **Human capital: Tools and strategies for the public sector**. Cq Press, 2008.

THUNNISSEN, Marian; BUTTIENS, Dorien. Talent management in public sector organizations: A study on the impact of contextual factors on the TM approach in Flemish and Dutch public sector organizations. **Public Personnel Management**, v. 46, n. 4, p. 391-418, 2017.

VAN DER WALDT, Gerrit. **Managing performance in the public sector: concepts, considerations and challenges**. Juta and Company Ltd, 2004.

Principais Revistas e Periódicos

Revista de Administração pública (RAP)


<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap>

Administração Pública e Gestão Social (APGS)

<https://periodicos.ufv.br/apgs/about>

Possibilidades de Estudos

- Discussões e reflexões críticas sobre mudanças nos processos de gestão de pessoas ao longo dos anos no setor público;
- Estudos que envolvam análises sobre processos democráticos e gestão de pessoas;
- Quais os estilos de liderança e cultura organizacional que mais potencializam a gestão estratégica de pessoas no setor público?
- Como as tecnologias de informação e comunicação e da indústria 4.0 podem viabilizar a gestão estratégica de pessoas no setor público?

 **Palavras-chave:** Gestão de Pessoas ; Políticas e Práticas na Gestão de Pessoas ; Setor Público ; Burocracia ; Gerencialismo.



Elementos e medidas do Comportamento Organizacional

O objetivo proposto para esse tema é favorecer o contato com discussões atuais no campo dos estudos organizacionais nas dimensões que abarcam o indivíduo, o grupo e a organização. Entender o que é comportamento organizacional é



fundamental para a avaliação do ambiente e para a adoção de práticas efetivas de gestão de pessoas. Além disso, ajuda a nortear a atuação dos gestores e líderes a fim de criar condições favoráveis para um melhor desempenho individual e coletivo. Tal entendimento envolve o uso de novas ferramentas de diagnóstico, sobretudo aquelas envolvem métodos mais robustos, tais como modelagens aplicadas ao estudo do comportamento organizacional.

Principais Abordagens

- Motivação e satisfação;
- Emoções no trabalho;
- Contratos psicológicos;
- Percepção e Tomada de decisão;
- Comunicação;
- Poder (autoridade e autonomia);
- Conflitos no trabalho;
- Habilidades Sociais;
- Valores (pessoais, profissionais, no trabalho, organizacionais);
- Comprometimento, vínculos no trabalho, entrenchamento;
- Justiça organizacional;
- Comportamento Ético no trabalho;
- Equipes de trabalho;
- Comportamento de Cidadania Organizacional;
- Suporte Organizacional;
- Engajamento;
- Identidade;
- Ferramentas de diagnóstico do comportamento organizacional;
- Modelagem Multinível aplicada ao estudo do comportamento organizacional e mudanças nos fenômenos do comportamento organizacional pós-pandemia por COVID-19.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

BANDURA, Albert; FREEMAN, William H.; LIGHTSEY, Richard. Self-efficacy: The exercise of control. 1999.

BASTOS, A. V. B. Cognição e ação nas organizações. In: VERGARA, S.; DAVEL, E. (Org.). Gestão com pes-soas e subjetividade. São Paulo: Atlas, 2001. v. 1, p. 79-114.

BASTOS, Antonio VB. Comprometimento no trabalho: a estrutura dos vínculos do trabalhador com a organização, a carreira e o sindicato. **Unpublished doctoral dissertation]. Universidade de Brasília, Brasília, 1994.**

BORGES, Livia de Oliveira; ALVES FILHO, Antônio. A estrutura fatorial do Inventário do Significado e Motivação do Trabalho, IMST. **Avaliação Psicológica**, v. 2, n. 2, p. 123-145, 2003.



BORMAN, Walter C.; ILGEN, Daniel R.; KLIMOSKI, Richard J. **Handbook of psychology: Industrial and organizational psychology, Vol. 12.** John Wiley & Sons Inc, 2003.

CAMPBELL, John J. et al. Managerial behavior, performance, and effectiveness. 1970.

COOPER-HAKIM, Amy; VISWESVARAN, Chockalingam. The construct of work commitment: Testing an integrative framework. **Psychological bulletin**, v. 131, n. 2, p. 241, 2005.

DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano.** Editora Companhia das Letras, 2012.

DECONINCK, James B. et al. Organizational commitment and turnover intentions of marketing managers. **Journal of applied business research (JABR)**, v. 10, n. 3, p. 87-95, 1994.

GARDNER, Howard. **Nova ciência da mente, a-uma história da revolução cognitiva vol. 09.** Edusp, 1995.

GONDIM, SMG; SILVA, N. Motivação no Trabalho in Zanelli, JC, Borges-Andrade, JE/Bastos, AVB Psicologia, organizações e trabalho no Brasil. **Porto Alegre. Artmed**, 2004.

GONDIM, Sônia Maria Guedes et al. Emoções e trabalho: estudo sobre a influência do status e do sexo na atribuição de afetos. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 13, n. 2, p. 241-258, 2010.

KLEIN, Howard J. et al. The assessment of commitment: advantages of a unidimensional, target-free approach. **Journal of Applied Psychology**, v. 99, n. 2, p. 222, 2014.

KLEIN, Howard J.; PARK, Hee Man. Commitment as a unidimensional construct. In: **Handbook of employee commitment.** Edward Elgar Publishing, 2016. p. 15-27.

LEWIN, K. Teoria de campo em ciência social. São Paulo: Livraria Pioneira, 1965.

MEYER, John P.; ALLEN, Natalie J. **Commitment in the workplace: Theory, research, and application.** Sage publications, 1997.

MEYER, John P. et al. Affective, continuance, and normative commitment to the organization: A meta-analysis of antecedents, correlates, and consequences. **Journal of vocational behavior**, v. 61, n. 1, p. 20-52, 2002.

MINTZBERG, Henry. Power in and around organizations. 1983.

PUENTE-PALACIOS, Katia Elizabeth; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo. O efeito da interdependência na satisfação de equipes de trabalho: um estudo multinível. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 9, p. 57-78, 2005.



ROBBINS, S. Comportamento organizacional. São Paulo: LTC, 1998.

SCHEIN, Edgar H. Organizational culture and leadership San Francisco. **San Francisco: Jossey-Bass**, 1985.

SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias. Proposição e análise de um modelo para comportamentos de cidadania organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 7, p. 165-184, 2003.

SOLINGER, Omar N.; VAN OLFFEN, Woody; ROE, Robert A. Beyond the three-component model of organizational commitment. **Journal of applied psychology**, v. 93, n. 1, p. 70, 2008. VROOM, V. H. Work and motivation. San Francisco: Jossey-Bass, 1995

WEICK, Karl E. Perspectives on action in organizations. **Handbook of organizational behavior**, p. 10-28, 1987.

WIERSMA, Uco J. The effects of extrinsic rewards in intrinsic motivation: A meta-analysis. **Journal of occupational and organizational psychology**, v. 65, n. 2, p. 101-114, 1992.

YUKL, Gary; PING FU, Ping; MCDONALD, Robert. Cross-cultural differences in perceived effectiveness of influence tactics for initiating or resisting change. **Applied Psychology**, v. 52, n. 1, p. 68-82, 2003.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

BASTOS, Antonio Virgilio Bittencourt; RODRIGUES, Ana Carolina de Aguiar. Comprometimento organizacional. **Dicionário de psicologia organizacional**, 2015.

BASTOS, Antonio Virgilio Bittencourt et al. Comprometimento no trabalho: fundamentos para a gestão de pessoas. **O trabalho e as organizações: Atuações a partir da psicologia**, 2013.

BASTOS, Antonio Virgilio Bittencourt; RODRIGUES, Ana Carolina de Aguiar. Comprometimento organizacional. **Dicionário de psicologia organizacional**, 2015..

DE OLIVEIRA BORGES, Livia; MOURÃO, Luciana. **O trabalho e as organizações: atuações a partir da psicologia**. Artmed Editora, 2013.

KAMMEYER-MUELLER, John D.; SIMON, Lauren S.; RICH, Bruce L. The psychic cost of doing wrong: Ethical conflict, divestiture socialization, and emotional exhaustion. **Journal of management**, v. 38, n. 3, p. 784-808, 2012.

KLEIN, Leander L.; PEREIRA, Breno AD; LEMOS, Ricardo B. Quality of working life: Parameters and evaluation in the public service. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 20, 2019.



MOSCON, Daniela Bahia; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; SOUZA, Janice Janissek de. É possível integrar, em um mesmo conceito, os vínculos afetivo e instrumental?: o olhar de gestores sobre o comprometimento com a organização. **Organizações & Sociedade**, v. 19, p. 357-373, 2012.

PAZ, M. G. T.; NEIVA, E. Escala de configurações do poder organizacional. In: SIQUIERA, M. M. M. (Org.) Novas medidas do comportamento organizacional. Por-to Alegre: Artmed, 2014

PINHO-ANA, Ana Paula Moreno; DE OLIVEIRA, Evalda Rodrigues da Silva. Comprometimento organizacional no setor Público: um levantamento bibliográfico dos últimos 27 anos no Brasil. 2017.

Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Anais... São Paulo. EnANPAD. São Paulo, SP, 01 a 04 de Out., 2017.

RODRIGUES, Ana Carolina de Aguiar. Trabalhador entrincheirado ou comprometido? Delimitação dos vínculos do indivíduo com a organização. 2016.

RODRIGUES, ACA de; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. Entrincheiramento organizacional: proposta de um novo vínculo indivíduo-organização. **Processos psicossociais nas organizações e no trabalho**, p. 161-178, 2011.

RODRIGUES, Ana Carolina de Aguiar; BASTOS, Antonio Virgilio Bittencourt. Entrincheiramento organizacional: construção e validação da escala. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 25, p. 688-700, 2012.

RODRIGUES, Ana Carolina de Aguiar; BASTOS, Antonio Virgilio Bittencourt. Entrincheiramento organizacional. **Ferramentas de diagnóstico para organizações e trabalho: Um olhar a partir da psicologia**, 2015.

RODRIGUES, Ana Carolina de Aguiar; BASTOS, Antonio Virgilio Bittencourt. Entrincheiramento organizacional. **Ferramentas de diagnóstico para organizações e trabalho: Um olhar a partir da psicologia**, 2015.

SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias; COSTA, Luciano Venelli; FILENGA, Douglas. O poder preditivo de percepção de justiça sobre suporte organizacional e seu impacto sobre o comprometimento afetivo. **Gestão Contemporânea**, n. 12, 2012.

STEEL, Piers; WEINHARDT, Justin M. The building blocks of motivation: Goal phase system. 2018.

Possibilidades de Estudos

- Elementos do comportamento organizacional em organizações inovadoras;
- Cultura organizacional e sua relação com as práticas e modelos de gestão;
- Emoções e sentimento no trabalho em contexto de crise;
- Equipes de trabalho e a influência das relações hierárquicas de poder;



- Conflitos, diferenças e choques culturais em organizações multinacionais;
- Mensuração e métricas de análise de elementos do comportamento organizacional.

✦ **Palavras-chave:** Comportamento Organizacional; Vínculos no Trabalho; Valores Organizacionais; Medidas de Comportamento Organizacional; Comportamento de Cidadania Organizacional.



Saúde e qualidade de vida no Trabalho

A discussão sobre saúde no trabalho e nas organizações vem se intensificando cada vez mais como uma demanda necessária e importante, e a academia aparece na vanguarda para expor, auxiliar e intervir no desenvolvimento de práticas mais saudáveis e positivas que melhorem a qualidade de vida nos mais diferentes espaços. Nesta perspectiva, a promoção da saúde, suporte e proteção dos trabalhadores e a qualidade de vida no trabalho podem auxiliar no bem-estar. Além de ser um tema estudado em Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, muitas organizações ainda tendem a naturalizar e banalizar os elementos que afetam a saúde e a segurança do trabalhador, não tratando o aspecto danoso dos efeitos para o indivíduo.

✦ Principais Abordagens

- Saúde e segurança no trabalho;
- Epidemiologia e adoecimento no trabalho;
- Saúde e adoecimento mental no trabalho: estresse, depressão burnout e suicídio;
- Alcoolismo e outras drogas na relação com o trabalho;
- Acidentes, imprudências, negligências e imperícias no trabalho;
- Políticas e práticas de gestão de saúde e qualidade de vida nas organizações;
- Estratégias e Intervenções em saúde nas Organizações;
- Gestão do trabalho e saúde;
- Qualidade de vida no trabalho;
- Saúde e QVT em tempos de pandemia.

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas

ALMEIDA, W. F.; MENDES, R. Medicina do trabalho: Doenças profissionais. 1980.

ALVES, G. O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses ea Centralidade do Mundo do Trabalho. 1995.



ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. Boitempo editorial, 2015.

BERLINGUER, Giovanni. A relação entre saúde e trabalho do ponto de vista bioético. **Saúde e Sociedade**, v. 2, p. 101-134, 1993.

CARSON, Kerry D.; CARSON, Paula Phillips. Differential relationships associated with two distinct dimensions of continuance commitment. **International Journal Organization Theory and Behavior**, v. 5, n. 3-4, p. 359-381, 2002.

CARSON, Kerry D.; CARSON, Paula Phillips; BEDEIAN, Arthur G. Development and construct validation of a career entrenchment measure. **Journal of Occupational and Organizational Psychology**, v. 68, n. 4, p. 301-320, 1995.

CIBORRA, Claudio. **Progettazione delle nuove tecnologie e qualità del lavoro**. 1985.

DAVID, Lamartine Moreira Lima; DE FÁTIMA BRUNO-FARIA, Maria. Qualidade de vida no trabalho: construção e validação de uma escala em organizações militares do Exército. **Revista de Administração**, v. 42, n. 4, p. 431-442, 2007.

DEJOURS, Cristophe. A leitura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. 1987.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. FGV Editora, 1999.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. In: **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 2010. p. 291-291.

GOMEZ, Carlos Minayo; LACAZ, Francisco Antonio de Castro. Saúde do trabalhador: novas-velhas questões. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, p. 797-807, 2005.

GOULART, Iris Barbosa; SAMPAIO, Jader dos Reis. Qualidade de vida no trabalho: uma análise da experiência de empresas brasileiras. **Qualidade de vida, saúde mental e psicologia social: estudos contemporâneos II**. São Paulo: Casa do Psicólogo, v. 1, p. 19-37, 1999.

KALIMO, Raija; EL BATAWI, Mostafa A.; COOPER, Cary Lynn. **Los Factores psicosociales en el trabajo y su relación con la salud**. Organización Mundial de la Salud, 1988.

KARASEK, Robert et al. Job decision latitude, job demands, and cardiovascular disease: a prospective study of Swedish men. **American journal of public health**, v. 71, n. 7, p. 694-705, 1981.

LACAZ, Francisco Antônio deCastro. Quality working life and health/illness. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, p. 151, 2000.



LAURELL, Asa Cristina. Trabajo y salud: estado del conocimiento. **Debates en medicina social**, p. 249-339, 1991.

LIMONGI FRANÇA, Ana Cristina. Qualidade de vida no trabalho: conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial. In: **Qualidade de vida no trabalho: conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial**. 2003. p. 189-189.

MENDES, René. Subsídios para um debate em torno da revisão do atual modelo de organização da saúde ocupacional no Brasil. **Rev. bras. Saúde ocup**, p. 7-25, 1988.

MENDES, René. O impacto dos efeitos da ocupação sobre a saúde de trabalhadores: I. Morbidade. **Revista de Saúde Pública**, v. 22, n. 4, p. 311-326, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & saúde coletiva**, v. 5, p. 7-18, 2000.

ORTSMAN, Oscar. **Mudar o trabalho: as experiências, os métodos, as condições de experimentação social**. 1984.

PARMEGGIANI, Luigi. Occupational health services in 1984: a prospective model. **American Journal of Industrial Medicine**, v. 7, n. 2, p. 91-92, 1985.

REBOUÇAS, Antonio José de Arruda. Insalubridade: morte lenta no trabalho. In: **Insalubridade: morte lenta no trabalho**. 1989. p. 223-223.

PINA RIBEIRO, Herval; LACAZ, FCA. De que adoecem e morrem os trabalhadores. **DIESAT, STO Paulo**, 1984.

SANT'ANNA, A. S.; MORAES, LFR; KILIMNIK, Zélia M. Qualidade de vida no trabalho: o estado da arte das pesquisas no Brasil. **Gestare: Revista da FAGE/FEMM, Sete Lagoas**, v. 1, n. 1, 2003.

VEZINA, M. **Work-related psychological disorders: alternative approaches**. Quebec.(Mimeo), 1988.

WALTON, Richard E. Quality of working life: what is it. **Sloan management review**, v. 15, n. 1, p. 11-21, 1973.

WERTHER, William B.; DAVIS, Keith. Administração de pessoal e recursos humanos. Tradução de Auriphebo Berrance Simões. 1983.

WESTLEY, William A. Problems and solutions in the quality of working life. **Human relations**, v. 32, n. 2, p. 113-123, 1979.



 **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas**

BAJWA, Uttam et al. The health of workers in the global gig economy. **Globalization and health**, v. 14, n. 1, p. 1-4, 2018.

BAKKER, Arnold B.; DEMEROUTI, Evangelia. Job demands–resources theory: Taking stock and looking forward. **Journal of occupational health psychology**, v. 22, n. 3, p. 273, 2017.

BOAS, Ana Alice Vilas; MORIN, Estelle M. Sentido do trabalho e fatores de qualidade de vida no trabalho: a percepção de professores brasileiros e canadenses. **Revista Alcance**, v. 23, n. 3 (Jul-Set), p. 272-292, 2016.

CARNEIRO, L. L. Contribuições da teoria de demandas e recursos do trabalho para compreensão de fenômenos positivos da relação indivíduo-trabalho-organização. **Psicologia positiva organizacional e do trabalho na prática**, p. 223-254, 2021.

CZABAŁA, Czesław; CHARZYŃSKA, Katarzyna; MROZIAK, Barbara. Psychosocial interventions in workplace mental health promotion: an overview. **Health promotion international**, v. 26, n. suppl_1, p. i70-i84, 2011.

DECONINCK, James B. et al. Organizational commitment and turnover intentions of marketing managers. **Journal of applied business research (JABR)**, v. 10, n. 3, p. 87-95, 1994.

DE SÁ, Maria Auxiliadora Diniz. QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO UNIVERSITÁRIO-Uma Questão de Prazer!. **Revista INTERFACE-UFRN/CCSA ISSN Eletrônico 2237-7506**, v. 12, n. 2, 2015.

EL-AOUAR, Walid Abbas; VASCONCELOS, César Ricardo Maia de; VEIGA NETO, Alipio Ramos. Quality of working life and music in the manufacturing workplace. **Organizações & Sociedade**, v. 23, p. 656-674, 2016.

HANDCOCK, Mark S.; GILE, Krista J. Comment: On the concept of snowball sampling. **Sociological methodology**, v. 41, n. 1, p. 367-371, 2011.

KLEIN, Leander L.; PEREIRA, Breno AD; LEMOS, Ricardo B. Quality of working life: Parameters and evaluation in the public service. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 20, 2019.

LAPOINTE, Émilie; VANDENBERGHE, Christian; BOUDRIAS, Jean-Sébastien. Organizational socialization tactics and newcomer adjustment: The mediating role of role clarity and affect-based trust relationships. **Journal of Occupational and Organizational Psychology**, v. 87, n. 3, p. 599-624, 2014.

SIQUEIRA, M. M. M.; MARTINS, M. C. F. Promoção de saúde e bem-estar em organizações. **O trabalho e as organizações: atuações a partir da Psicologia**. Porto Alegre: Artmed, p. 619-643, 2013.



✦ **Possibilidades de Estudos**

- Estudos sobre Epidemiologia e adoecimento no trabalho e sua evolução ao longo do tempo, em como desafios no contexto pandêmico atual;
- Estudos sobre saúde e adoecimento mental no trabalho com foco em estresse, depressão burnout e suicídio e suas implicações;
- Estudos sobre uso de drogas e o trabalho, bem como Alcoolismo e quaisquer outras drogas;
- Mapeamento e diagnósticos de comportamentos que levem a acidentes, imprudências, negligências e imperícias no trabalho;
- Estudos sobre políticas e práticas de gestão de saúde e qualidade de vida nas organizações, boas práticas e estratégias e intervenções em saúde nas Organizações;
- Estudos que conceituam qualidade de vida no trabalho bem como suas implicações bem como a saúde e QVT em tempos de pandemia.

✦ **Revistas e Periódicos**

Revista de Saúde Pública

<http://www.rsp.fsp.usp.br/>

American Journal of Industrial Medicine

<https://onlinelibrary.wiley.com/journal/10970274>

Human Relations Journal

<https://www.humanrelationsjournal.org/>

The Journal of Applied Business Research (JABR)

<https://clutejournals.com/index.php/JABR>

Journal of Occupational and Organizational Psychology

<https://bpspsychub.onlinelibrary.wiley.com/journal/20448325>

Internacional Journal of Organization Theory & Behavior

<https://www.emeraldgroupublishing.com/journal/ijotb>

Ciência e Saúde Coletiva

<https://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/#>

Revista Brasileira de Saúde Ocupacional (RBSO)

<http://antigo.fundacentro.gov.br/rbso/inicio>

Saúde e Sociedade

<https://www.revistas.usp.br/sausoc>



Links de Interesse


<https://www.gov.br/previdencia/pt-br/assuntos/previdencia-social/saude-e-seguranca-do-trabalhador>

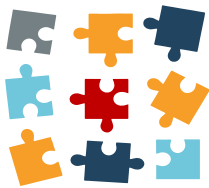
<http://www3.dataprev.gov.br/aeat/>

<https://portalsinan.saude.gov.br/>

<https://www.ilo.org/brasil/conheca-a-oit/lang--pt/index.htm>

<https://www.cdc.gov/niosh/about/default.html>

 **Palavras-chave:** Saúde nas Organizações; Adoecimento no Trabalho; Qualidade de Vida no Trabalho; Qualidade; Processo de Trabalho; Participação; Saúde/Doença; Comprometimento Organizacional; Entronhecimento Organizacional; Qualidade de Vida no Trabalho; Vínculo Organizacional; Promoção da Saúde; Qualidade de Vida; Trabalho; Doença; Medicina Ocupacional.



GLOSSÁRIO DE GESTÃO DE PESSOAS

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Âncoras de Carreira

Âncora de carreira é o conjunto de fatores da autopercepção do qual o indivíduo não abre mão diante das escolhas profissionais. A âncora indica as capacidades, necessidades e valores individuais. Quanto mais experiente o profissional, maior a autopercepção acerca desses três elementos norteadores e a busca pelo equilíbrio entre decisões e experiências profissionais (SCHEIN, 1996). Ao longo de suas pesquisas, Schein (1974a, 1974b, 1980, 1990, 1996) identificou padrões de escolha nas experiências profissionais, em função das diferentes autopercepções. Isso o levou a propor uma categorização de oito âncoras de carreira: competência técnica, competência gerencial, autonomia e independência, segurança e estabilidade, criatividade empreendedora, vontade de servir ou dedicar-se a uma causa, puro desafio e estilo de vida. A cada âncora está associado um padrão de motivações e de recompensas reconhecidas como tais. A classificação das âncoras de carreira agrupa necessidades comuns a determinados grupos, mas não devem ser interpretadas como rótulos. A análise das âncoras de carreira possibilita, ainda, identificar o que torna os indivíduos propensos a certo tipo de comportamento no trabalho. Se o modelo gerencial preconiza comportamento / atitudes e valores associados ao self-made man – um servidor autônomo, competitivo, empreendedor, criativo e esforçado, para o qual



o trabalho é um valor central –, torna-se relevante compreender no que as âncoras de carreira desses servidores implicam quanto à implementação de práticas inerentes a esse modelo gerencial. (FARO et al., 2010, p. 715).

Carreira Proteana

O conceito de carreira proteana oferece uma nova perspectiva para o estudo das carreiras contemporâneas. Oliveira et al. (2010, p.160) definem carreira proteana como “... um estilo de carreira em que o sucesso, subjetivamente avaliado, é alcançado através do comportamento vocacional autogerenciado e dirigido para valores individuais”. Em outras palavras, reflete a atual demanda do mercado de trabalho, o qual propõe o engajamento do indivíduo no sentido de definir e dirigir a própria trajetória. Para Briscoe, Hall e Frautschy DeMuth (2006), a carreira proteana está predominantemente baseada em dois pilares: direcionamento para valores e autogerenciamento. O primeiro deles se refere aos valores internos que o indivíduo possui e fornecem orientação para a carreira. Esses valores operam como uma bússola interna e dizem respeito às motivações e desejos pessoais os quais orientam o indivíduo ao invés dos fatores externos, como remuneração e oportunidades de ascensão hierárquica (Oliveira et al., 2010). O segundo pilar está relacionado à autogestão da carreira e diz respeito à implicação do indivíduo no processo de obtenção de êxito e realização de seus planos, levando em conta seu desempenho, exigência e aspirações (Magalhães & Bendassolli, 2013). Esse novo contexto das carreiras e do mercado traz implicações para a transição universidade- -trabalho. O fim do curso universitário é marcado pelo início de uma nova etapa: o exercício da profissão. Porém os recém-formados se deparam com outra realidade: a dificuldade de inserção no mercado, aliada ao sentimento de insegurança e necessidade de intervenção em questões de carreira (Bardagi, Lassance, Paradiso, & Menezes, 2006). (DE ANDRADE et al., 2016, p. 679).

Comprometimento Organizacional

Embora seja compreensível a existência de múltiplas teorias explicativas do comprometimento, parece apropriado que os pesquisadores busquem estreitar a sua base de concordância quanto à natureza do próprio fenômeno. O importante trabalho de Becker (1960, p.33), pertinentemente, assinala que o conceito de comprometimento procura explicar “o fato de que os indivíduos se engajam em linhas consistentes de ação [ou o] comportamento consistente [...] que persiste ao longo do tempo“. A consistência ao longo do tempo não é a única dimensão importante do comportamento que o conceito procura capturar; envolve também a consistência entre um conjunto diversificado de atividades e a rejeição de alternativas possíveis. Apoiado na crítica de que as principais tentativas de explicação da consistência do comportamento (controle social, internalização de valores, postulação de necessidades) são circulares e tautológicas, o autor afirma a necessidade de se especificar “as características do ‘estar comprometido’ independentemente do comportamento comprometido que servirá para explicar” (Becker, 1960, p.35).A multiplicidade de noções associadas ao conceito de comprometimento organizacional fortalece o seu entendimento como construto disposicional e, mais concretamente, como disposição aberta, já que são inúmeros os comportamentos levantados como realizadores de tal disposição. (BASTOS; BRANDÃO; PINHO, 1997; p. 99).



Entrincheiramento Organizacional

O Entrincheiramento Organizacional é um vínculo de natureza instrumental que é caracterizado pelo trabalhador sentir-se preso à organização por necessidade e relacionado positivamente com comportamentos não desejados pela organização e negativamente, com comportamentos desejados (MEIRELES, 2015; RODRIGUES, 2009; RODRIGUES; BASTOS, 2015). O Entrincheiramento Organizacional é compreendido então como a busca do trabalhador por maior segurança e estabilidade atrelado à diminuição de chances de perda, mantendo-se, para tanto, preso à organização – a trincheira – por necessidade, não por desejo. Está associado às perdas que o trabalhador percebe com a sua saída da organização, sejam elas financeiras, em relação ao cargo, ao trabalho, às redes de contatos, entre outras que restringem a percepção de alternativas de emprego que as supram. (RODRIGUES, 2009; MILHOME; ROWE; SANTOS, 2016).

Gerencialismo

O gerencialismo é uma ideologia que legitima direitos ao poder, especialmente ao direito de gerir, construídos como necessários para alcançar maior eficiência na busca de objetivos organizacionais e sociais (Pollitt, 1993). Em segundo lugar, o gerencialismo é uma estrutura que organiza o conhecimento sobre as metas organizacionais e os meios para alcançá-las. Usualmente está estruturado em torno de um cálculo interno de eficiência (entradas-saídas) e um cálculo externo de posicionamento competitivo em um campo de relações de mercado. Contudo, o gerencialismo também é uma série de discursos superpostos que articulam proposições diferentes – até mesmo conflitantes – a respeito de como gerir e do quê deve ser gerido. Assim, diferentes formas de gerencialismo enfocam liderança, estratégia, qualidade e assim por diante para produzirem um campo complexo e mutante de conhecimento gerencial (Flynn, 1994; Pollitt, 1993; O'Reilly; Reed, 2010). De fato, o que se denomina por gerencialismo – ou o que era mais convencionalmente denominado como Nova Gestão Pública (NGP) – tornou-se um elemento-chave desta lógica global e globalizante que informou muitos programas nacionais de reformas e foi promulgada por órgãos transnacionais como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e outras agências de desenvolvimento (Hood, 1995; Kaboolian, 1998). O gerencialismo como uma formação cultural é formado por um conjunto distinto de ideologias e práticas que formavam um dos sustentáculos do novo acordo político que emergiu (NEWMAN; CLARKE, 2012).

Internet das Coisas (IoT)

O termo Internet das Coisas, ou Internet of Things (IoT) em inglês, segundo Galegale et al. (2016) foi apresentado primeiramente por Kevin Ashton da MIT Auto Centre, em uma apresentação sobre RFID e a cadeia de suprimentos de uma grande companhia, em 1999. (Ashton, 2009). A Internet das Coisas pode ser considerada uma inovação tecnológica, baseada em artefatos já consolidados como a Internet e objetos inteligentes. Segundo os autores, a crescente aplicação da Internet das Coisas nos negócios torna necessária uma avaliação de estratégias, benefícios e dificuldades enfrentadas na aplicação da tecnologia. Vale ressaltar que há uma série de situações, ou aplicações, nas quais se pensa em internet das coisas, por exemplo, ambiente inteligente, computação ubíqua, web das coisas, internet do futuro ou cidades inteligentes. (Singer, 2012; Friedewald e Raabe, 2011). Por conta de toda essa



variedade, também há uma série de definições para a Internet das Coisas (GALEGALE et al., 2016).

Inteligência Artificial (AI)

Inteligência artificial (IA) é um ramo da ciência da computação que se propõe a desenvolver sistemas que simulem a capacidade humana na percepção de um problema, identificando seus componentes e, com isso, resolver problemas e propor/tomar decisões. Outra definição de Inteligência Artificial indica que seria a criação de sistemas inteligentes de computação capazes de realizar tarefas sem receber instruções diretas de humanos (os “robôs” são exemplos disso). “Robôs” seguem uma programação computadorizada de movimentos e ações conformando, desde logo, a definição de Inteligência Artificial. Usando diferentes algoritmos e estratégias de tomada de decisão e um grande volume de dados, sistemas de IA são capazes de propor ações, quando solicitados. Inteligência Artificial já está transformando a vida humana, mudando o conceito de transporte, com seus veículos autodirigidos, com suas cirurgias feitas por robôs, com sistemas de comunicação automatizados, com a automação de serviços financeiros e bancários, enfim, com um número cada vez maior de usos e funções.(LOBO, 2018, p.4-5).

Indústria 4.0

O termo “Indústria 4.0” foi criado na Alemanha, especificamente na Feira de Hannover, em 2011. A expressão se tornou publicamente conhecida nesse mesmo ano pela iniciativa “Industrie 4.0” (ACATECH, 2013), que reuniu empresários, políticos e membros de universidades com o intuito de analisar e propor medidas para fortalecer a competitividade da manufatura alemã por meio de uma transformação digital (KAGERMANN; LUKAS; WAHLSTER, 2011 apud HERMANN; PENTEK; OTTO, 2015). A partir daí, o governo alemão passou a apoiar e incorporar o conceito em seu planejamento governamental através do programa High-Tech Strategy 2020 for Germany. Entre os principais focos dessa estratégia estavam as melhorias nos processos de produção através do avanço da arquitetura de sistemas, da interoperabilidade, da produção customizada, dentre outros fatores (KAGERMANN et al., 2016). Nos EUA, geralmente é utilizado o termo “manufatura avançada” como correlato a Indústria 4.0. Apesar das perspectivas altamente promissoras, as fronteiras do fenômeno “Indústria 4.0” ainda são bastante difusas (LIMA; GOMES, 2020, p. 05).

Medicina Ocupacional

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial. Segundo a Recomendação 11245 , "a expressão 'serviço de medicina do trabalho' designa um serviço organizado nos locais de trabalho ou em suas imediações, destinado a: - assegurar a proteção dos trabalhadores contra todo o risco que prejudique a sua saúde e que possa resultar de seu trabalho ou das condições em que este se efetue; - contribuir à adaptação física e mental dos trabalhadores, em particular pela adequação do trabalho e pela sua colocação em lugares de trabalho correspondentes às suas aptidões; - contribuir ao estabelecimento e manutenção do nível mais elevado possível do bem-estar físico e mental dos trabalhadores"⁴⁵ . Desta conceituação podem ser extraídas mais algumas características da medicina do trabalho (além das anteriormente identificadas, a propósito de sua origem), assim como alguns questionamentos que têm a ver com suas limitações, a saber: - A medicina do trabalho constitui fundamentalmente uma atividade médica, e o "locus" de sua prática dá-se



tipicamente nos locais de trabalho. - Faz parte de sua razão de ser a tarefa de cuidar da "adaptação física e mental dos trabalhadores", supostamente contribuindo na colocação destes em lugares ou tarefas correspondentes às aptidões. A "adequação do trabalho ao trabalhador", limitada à intervenção médica, restringe-se à seleção de candidatos a emprego e à tentativa de adaptar os trabalhadores às suas condições de trabalho, através de atividades educativas. Atribui-se à medicina do trabalho a tarefa de "contribuir ao estabelecimento e manutenção do nível mais elevado possível do bem-estar físico e mental dos trabalhadores", conferindo-lhe um caráter de onipotência, próprio da concepção positivista da prática médica. (MENDES; DIAS, 1991, p. 342).

Precarização do trabalho

A precariedade nas relações de trabalho difundiu-se durante a Revolução Industrial, período marcado pelo comprometimento da qualidade de vida dos trabalhadores, com altas jornadas de trabalho, reduzidas após lutas incessantes e movimentos de classe (Tosta, 2008). Quinlan, Mayhew e Bohle (2001) afirmam que o emprego precário declinou no século 20 em economias desenvolvidas mediante a regulamentação do governo, entretanto, volta a ser difundido, tendo em vista as mudanças significativas no ambiente de trabalho, generalização de mercados de trabalho flexíveis e novas formas de emprego. Assim, a precarização pode ser entendida como condição enfrentada pelo trabalhador, envolvendo instabilidade e insegurança nas relações de trabalho (Druck, 2011). Essa insegurança e instabilidade origina-se, através da flexibilização dos empregos, considerada como uma redução na movimentação de entrada e saída dos contratos de trabalho através de intimidação por parte de leis, acordos sindicais, sistemas de treinamento e pela simples garantia de manter-se no mercado, garantindo a renda e a segurança fornecida pelo emprego. (BATISTA et al., 2019, p.02).

Vínculo Organizacional

O vínculo organizacional é uma relação que o indivíduo estabelece a partir do seu trabalho, denotando o seu grau de ligação com a organização, o grau de envolvimento com os seus projetos e objetivos, assim como o comprometimento com seus problemas, políticas, desempenho e resultados (KRAMER; FARIA, 2007). A tipologia de vínculos organizacionais discutida nesta seção teórica engloba 10 tipos: a identificação, o sentimento de pertença, a cooperação, a participação, a idealização, o reconhecimento e valorização dos indivíduos, a solidariedade, a integração, o crescimento e desenvolvimento pessoal/profissional e a autonomia. Esses vínculos estão embasados 3 teoricamente em estudos realizados por Bion (1966), Pagès (1982), Enriquez (2001), PichonRivière (2007), ou seja, estudos oriundos da Psicologia e da Sociologia (SOUZA; HONÓRIO, 2013, p. 02).

Liderança situacional

O modelo de liderança situacional foi desenvolvido por Hersey e Blanchard (1969) e faz parte das abordagens situacionais de liderança e propõe que o líder adapte seu comportamento e o adeque ao nível de desenvolvimento e maturidade de cada liderado. A efetividade do líder depende da sua atuação dada a condição situacional da equipe mensurada pelo nível de maturidade de cada integrante. O modelo é baseado em uma interação entre a quantidade de direção exigida para um comportamento ou realização de uma tarefa, a quantidade de apoio socioemocional



que o líder fornece e o nível de prontidão e preparo que os liderados apresentam no contexto de sua atuação. Portanto, à medida que o nível de maturidade e autonomia dos integrantes aumentam com relação às exigências ambientais e às atividades a serem performadas, os líderes devem delegar maiores responsabilidades e apresentar um menor grau de envolvimento e supervisão nas decisões (HERSEY; BLANCHARD, 1997).

Interseccionalidade

De acordo com Crenshaw (1994, *apud* Hirata, 2016), a interseccionalidade é uma abordagem que leva em conta as múltiplas fontes da identidade e, sem a pretensão de ser uma teoria globalizante da identidade, compreende as intersecções da raça e gênero, abordando também parcialmente classe ou sexualidade, que podem contribuir para estruturar as experiências e identidades, em especial das mulheres negra. O conceito é fruto da análise e sensibilidade de feministas negras, cujas experiências e reivindicações intelectuais não eram observadas tanto pelo feminismo branco, assim como pelo movimento antirracista que a rigor focava nos homens negros (AKOTIRENE, 2018).

Taxonomia de Bloom

Uma taxonomia se diferencia de um sistema de classificação por apresentar propriedade de cumulatividade, hierarquia e eixo comum. Bloom e seus colaboradores elaboraram uma taxonomia de objetivos educacionais e de aprendizagem estruturada em três domínios: cognitivo, afetivo e psicomotor. A divisão em domínios tem um caráter didático já que a aprendizagem não ocorre de maneira compartimentalizada. A taxonomia do domínio cognitivo está organizada a partir da complexidade dos processos intelectuais e evoluiu de acordo com a complexidade do processo mental exigido pela tarefa ou função; na taxonomia do domínio afetivo a internalização de valores ou ideais é o elemento organizador; já no domínio psicomotor as categorias se organizam com base na complexidade dos movimentos. Apesar de pesquisas empíricas terem identificado inconsistências na hierarquia das categorias das taxonomias, a sua utilização no planejamento, condução e avaliação de ações educacionais continua sendo útil como um referência, levando em consideração a possibilidade de adaptações e ajustes na sequência e elementos utilizados.

e-Human Resources Management

e-Human Resources Management é a expressão que reúne o movimento crescente de imersão e integração dos processos e estruturas de gestão de pessoas com sistema da informação. Strohmeier (2007) define e-HRM como o planejamento, implementação e aplicação de tecnologia da informação para criação de redes de trabalho e suporte de pelo menos dois atores individuais ou coletivos em sua execução compartilhada de atividades de Recursos Humanos. Os autores Bondarouk e Ruel (2009) definem e-HRM como um termo abrangente cobrindo todos os mecanismos de integração e conteúdos possíveis entre gestão de recursos humanos e tecnologias de informação com o objetivo de criar valor dentro e entre as organizações e para os empregados. Dentro de redes dos sistemas e processos que compõem a arquitetura de e-HRM, a gestão de pessoas se transforma em contínuo movimento de articulação, mudança, adaptação, capacitação e avaliação com a participação dos empregados e gestores, em busca de uma sinergia estratégica e autonomia operacional. Essas ações são



requeridas para se construir os fluxos de desempenho mediada pela tecnologia e processos que compõe a e-HRM. A rotina da gestão torna-se uma ação articulada com a dinâmica de funcionamento das redes e modelos digitais de operação que conduz a contínua adaptação requerida pela produção de algum bem ou serviços (MALVESSI, 2013).

ÁREAS TEMÁTICAS NAPP



GESTÃO SOCIAL



FICHA TÉCNICA

Universidade Federal da Bahia
Reitor

Paulo César Miguez de Oliveira

Vice-reitor

Penildon Silva Filho

Escola de Administração

Diretor

João Martins Tude

Vice-diretor

André Luis Nascimento dos Santos

Núcleo de Pós-graduação da Escola de Administração da UFBA

Coordenador

Genauto Carvalho França Filho

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Acadêmico

Coordenadora

Andréa Cardoso Ventura

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Profissional

Coordenadora

Elisabeth Matos Ribeiro

Núcleo de Apoio a Pesquisa e Publicação – NAPP

Coordenador

Horacio Nelson Hastenreiter Filho

Coordenadora de Conteúdos

Justina Tellechea

Design Instrucional

Tairine Nunes

Autores

Claudiani Waiandt

Grayceane Bomfim Santos de Jesus

Valéria Gonçalves

Ano de Publicação (2023)

Edição (2023)



GESTÃO SOCIAL

Professores: Claudiani Waiandt (coordenadora), Tânia Fischer, Genauto França e Ariádne Scalfoni Rigo.

Aluna(o)s: Grayceane Bomfim Santos de Jesus e Valéria Gonçalves.

Subareas Temáticas



O Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicações - NAPP oferece suporte para o fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual dos professores, pesquisadores, egressos e alunos vinculados ao Núcleo de Pós-Graduação em Administração da UFBA.

Por meio das divisões acadêmicas e temas de interesse propostos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - ANPAD, este material busca explorar as áreas e subáreas temáticas da gestão, apresentando aos leitores as principais abordagens, as referências bibliográficas clássicas e contemporâneas, as possibilidades de estudos, as revistas e periódicos e um glossário com verbetes da área de estudo.



Epistemologia e Ensino Aprendizagem

✦ Principais Abordagens

- Paradigma para Gestão Social;
- Abordagens teórico-metodológicas de Gestão Social;
- Processos de construção do conhecimento em Gestão Social;
- Desafios e agendas nos processos de construção do conhecimento em Gestão Social;
- Processos de Ensino Aprendizagem em Gestão Social.

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas

CANÇADO, Airton Cardoso; TENÓRIO, Fernando Guilherme; PEREIRA, José Roberto. Gestão social: reflexões teóricas e conceituais. **Cadernos Ebape. br**, v. 9, p. 681-703, 2011.

CANÇADO, Airton Cardoso et al. Os desafios da formação em gestão social. **Palmas-To: Provisão**, v. 446, 2008.

DOWBOR, Ladislau. Gestão social e transformação da sociedade. **Razões e ficções do desenvolvimento. São Paulo: Editora UNESP**, p. 197-221, 2001
 DOWBOR, Ladislau. Tendências da gestão social. **Saúde e sociedade**, v. 8, n. 1, p. 3-16, 1999.

FISCHER, Tânia et al. Perfis visíveis na gestão social do desenvolvimento. **Brazilian Journal of Public Administration**, v. 40, n. 5, p. 789 a 808-789 a 808, 2006.

FISCHER, Tânia. A gestão do desenvolvimento social: agenda em aberto e propostas de qualificação. In: **Congresso internacional del CLAD sobre la reforma del estado y de la administracion pública**. 2002. p. 1-16.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Definindo gestão social. In: SILVA JUNIOR, J. T. et al. (Orgs.). **Gestão Social: Práticas em Debate, Teorias em Construção**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008. 26–37 p.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Gestão social: um conceito em construção. In: **Colóquio internacional sobre poder local**, 9., Salvador, Bahia. Anais..., Salvador: UFBA, 2003.

GONDIM, S.; FISCHER, Tânia; MELO, Vanessa Paternostro. Formação em gestão social: um olhar crítico sobre uma experiência de pós-graduação. **Gestão do desenvolvimento territorial e residência social: casos para ensino**. Salvador: EDUFBA, CIAGS/UFBA, p. 43-61, 2006



OLIVEIRA, Vânia Aparecida Rezende de; CANÇADO, Airton Cardoso; PEREIRA, José Roberto. Gestão social e esfera pública: aproximações teórico-conceituais. **Cadernos Ebape. br**, v. 8, p. 613-626, 2010.

PERES JR, Miguel Rivera; PEREIRA, José Roberto. Abordagens teóricas da Gestão Social: uma análise de citações exploratória. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 12, p. 221-236, 2014.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. Gestão social: uma perspectiva conceitual. **Brazilian Journal of Public Administration**, v. 32, n. 5, p. 7 a 23-7 a 23, 1998.
TENÓRIO, Fernando Guilherme. (Re) visitando o conceito de gestão social. **Desenvolvimento em questão**, v. 3, n. 5, p. 101-124, 2005.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

CANÇADO, Airton Cardoso; VILLELA, Lamounier Erthal; SAUSEN, Jorge Oneide. GESTÃO SOCIAL E GESTÃO ESTRATÉGICA: REFLEXÕES SOBRE AS DIFERENÇAS E APROXIMAÇÕES DE CONCEITOS. **Environmental & Social Management Journal/Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 10, n. 3, 2016.

CANÇADO, Airton Cardoso; PEREIRA, José Roberto; TENÓRIO, Fernando Guilherme. Fundamentos teóricos da gestão social. **DRd-Desenvolvimento Regional em debate**, v. 5, n. 1, p. 4-19, 2015.

DE PAULA AGUIAR-BARBOSA, Amanda; CHIM-MIKI, Adriana Fumi. Evolução do conceito de Gestão Social (1990-2018): uma análise de co palavras. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, v. 25, n. 80, 2020.

MOSCON, Daniela Campos Bahia et al. Habilidades Sociais e Gestão Social: possibilidades nas áreas de pesquisa, ensino e extensão. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 10, n. 1, 2021.

OLIVEIRA-RIBEIRO, Rodrigo; CHIM-MIKI, Adriana Fumi; DE ARAÚJO MACHADO, Petruska. Assumptions of social management in the Brazilian perspective: A parallel with international approaches. **Brazilian Administration Review**, v. 18, n. 1, p. 1-28, 2021.

TENÓRIO, Fernando Guilherme; ARAÚJO, EDGILSON TAVARES DE. Mais uma vez o conceito de gestão social. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 18, n. 4, p. 891-905, 2020.

Possibilidades de Estudos

- Que modelos epistemológicos fundamentam a Gestão Social? Que experiências, crenças e valores incidem sobre a percepção do pesquisador na construção da Gestão Social?
- Quais são as abordagens teóricas e metodológicas que emergem da Gestão Social?
- Quais as características da produção científica sobre gestão social? Gestão Social é um fenômeno brasileiro?
- Como gestão social é pesquisada no cenário internacional? Quais as abordagens teórico-metodológicas que fundamentam a gestão social no



cenário internacional? Quais as possibilidades e as dificuldades da publicação de paper sobre gestão social no cenário internacional?

- Como se ensina e aprende em Gestão Social? Quais as características do ensino/aprendizagem em Gestão Social? Como se aprende em comunidades de prática?



Desenvolvimento Sustentável e Territorial

✦ Principais Abordagens

- Abordagens práticas da Governança Territorial;
- Políticas Públicas integradas para o Desenvolvimento Territorial;
- Desenvolvimento Sustentável e Sociedade Civil.

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

BARBIERI, José Carlos. **Desenvolvimento e meio ambiente: as estratégias de mudanças da Agenda 21**. Vozes, 1997.

CANÇADO, Airton Cardoso; TAVARES, Bruno; DALLABRIDA, Valdir Roque. Gestão Social e Governança Territorial: interseções e especificidades teórico-práticas. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, [S.l.], v. 9, n. 3, out. 2013.

DALLABRIDA, Valdir Roque. A gestão social dos territórios nos processos de desenvolvimento territorial: uma aproximação conceitual. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 2, n. 2, 2010.

DOWBOR, Ladislau. **O que é Poder Local**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

FISCHER, Tânia. Gestão social do desenvolvimento de territórios. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 12, n. 1, p. 113-119, 2012.

FISCHER, Tânia Maria Diederichs. Instituições, interorganizações e gestão do desenvolvimento territorial.

SACHS, Ignacy. Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável. 2 Edição. **Rio de Janeiro: Garamond**, 2002.

TENÓRIO, Fernando Guilherme et al. Programa de Capacitação Comunitária para o Desenvolvimento Regional-o local como referência: uma proposta metodológica preliminar. **Revista de Administração Pública**, v. 34, n. 1, p. 261 a 266-261 a 266, 2000.

RAMOS, A. G. Administração e contexto brasileiro: esboço de uma teoria geral da administração. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1983.



RAMOS, A. G. Modelos de homem e teoria administrativa, RAP, v. 18, n. 2, p. 3-12, abr./jun. 1984.

ZANI, Felipe Barbosa; TENÓRIO, Fernando Guilherme. Gestão social do desenvolvimento: o desafio da articulação de atores sociais no Programa Territórios da Cidadania Norte-RJ. **Organizações & Sociedade**, v. 21, p. 853-874, 2014.

Possibilidades de Estudos

- Como os diferentes arranjos institucionais, em diferentes níveis territoriais: local, regional e nacional, pode expandir a compreensão a Governança Territorial no nível macro?
- De que forma consegue-se relacionar sistemas locais e globais a fim de proporcionar um desenvolvimento territorial?
- Que estratégias criar para o fortalecimento da participação dos atores da sociedade na promoção do desenvolvimento sustentável? Como iniciativas de inovação social se relacionam com a promoção do desenvolvimento sustentável?



Gestão de Políticas Públicas e Governança

Principais Abordagens

- Dinâmicas de inserção direta e participação da sociedade no processo de discussão e promoção das políticas públicas;
- Gestão Social e Governança Pública.

Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

ANSELL, Chris; TORFING, Jacob. How does collaborative governance scale?. **Policy & Politics**, v. 43, n. 3, p. 315-329, 2015.

CANÇADO, Airton Cardoso. Gestão social e políticas públicas de desenvolvimento: ações, articulações e agenda. **Recife: Univasf**, 2010.

DAGNINO, Renato. Gestão social e gestão pública: interfaces, delimitações e uma proposta. **Revista Brasileira de Administração Política**, v. 3, n. 2, p. 63, 2010.

FERNANDES, Antônio Sérgio Araújo. **Gestão municipal e participação social no Brasil: a trajetória de Recife e Salvador, 1986-200 [sic]**. Annablume, 2004.

OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de; PISA, Beatriz Jackiu. IGovP: índice de avaliação da governança pública-instrumento de planejamento do Estado e de



controle social pelo cidadão. **Revista de Administração Pública**, v. 49, p. 1263-1290, 2015.

PAULA, Ana Paula Paes de. Administração pública brasileira entre o gerencialismo e gestão social. **Rev. adm. empresa.**, São Paulo, v. 45, n. 1, pág. 36-49, 2005.

PEREIRA, José Roberto. Gestão social e gestão pública: interfaces e delimitações. **Cadernos Gestão Social**, v. 3, n. 1, p. 134-144, 2012.

SARAIVA, Enrique. **Políticas públicas: coletânea**. Enap, 2006.

TENÓRIO, Fernando Guilherme et al. Gestão social e políticas públicas de desenvolvimento: ações, articulações e agenda. 2010.

Possibilidades de Estudos

- Como fortalecer e estimular os processos participativos de tomada de decisão? Como desenvolver políticas públicas que mobilizem a participação de diversos atores e atendam a diversos contextos?
- Quais as práticas de gestão social e governança pública no Brasil e em que medida elas são empiricamente distintas e empiricamente complementares? Quais aproximações entre a gestão social e a governança pública? Quais lentes teóricas que podem contribuir com a construção e consolidação dos campos da gestão social e da governança pública e suas interfaces?



Economia solidária

Principais Abordagens

- Organização dos empreendimentos de economia;
- Processos de incubação em economia solidária;
- Contributos da economia solidária para o desenvolvimento local;
- Bancos comunitários de desenvolvimento e moedas sociais;
- Políticas Públicas de Economia Solidária.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

ARRUDA, Marcos; QUINTELA, Sandra. Um novo humanismo para uma nova economia. **KRAYCHEQUE, G. Economia dos setores populares. Petrópolis: Vozes**, p. 199-223, 2000.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Terceiro setor, economia social, economia solidária e economia popular: traçando fronteiras conceituais. 2002.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de; CUNHA, Eduardo Vivian da. Incubação de redes locais de economia solidária: lições e aprendizados a partir da experiência do Projeto Eco-Luzia e da metodologia da ITES/UFBA. **Organizações & Sociedade**, v. 16, p. 725-747, 2009.



FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 7, n. 1, p. 155-174, 2007.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. A via sustentável-solidária no desenvolvimento local. **Organizações & Sociedade**, v. 15, n. 45, p. 219-232, 2008.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de.; LAVILLE, Jean- Louis. Economia solidária: uma abordagem internacional. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. A economia solidária: uma abordagem internacional. Porto Alegre: UFRGS, 2004

GAIGER, Luiz Inácio. A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, p. 211-228, 2013.

GAIGER, Luiz Inácio. Antecedentes e expressões atuais da economia solidária. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 84, p. 81-99, 2009.

LAVILLE, Jean-Louis. Économie solidaire et démocratie. Hermès, n. 36, CNRS Éditions, Paris, 2003.

LAVILLE, Jean-Louis. Mudança social e teoria da economia solidária. Uma perspectiva maussiana. **Sociologias**, v. 16, p. 60-73, 2014.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**. Leya, 2013.

SINGER, Paul Israel; DE SOUZA, André Ricardo (Ed.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. Editora Contexto, 2000.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. Fundação Perseu Abramo, 2002.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

AVELINO, Giselle Inês Borges; NUNES, Simone Costa; SARSUR, Amyra Moyzes. Modelo de gestão por competências: a aderência dos gestores para o alcance do desempenho organizacional superior. **Revista Economia & Gestão**, v. 16, n. 44, p. 24-50, 2016.

GAIGER, Luiz Inácio Germany; KUYVEN, Patrícia Sorgatto. ECONOMIA SOLIDÁRIA E TRAJETÓRIAS DE TRABALHO Uma visão retrospectiva a partir de dados nacionais¹. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, 2020.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de; RIGO, Ariádne Scalfoni; SOUZA, Washington José de. A reconciliação entre o econômico e o social na noção de empresa social: limites e possibilidades (no contexto brasileiro). **Organizações & Sociedade**, v. 27, p. 556-584, 2020.

VIEIRA, Naldeir dos Santos; PARENTE, Cristina; BARBOSA, Allan Claudius Queiroz. Terceiro setor, economia social e economia solidária: laboratório por excelência de inovação social. 2017.



RIGO, Ariádne Scalfoni; FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. O paradoxo das Palmas: análise do (des) uso da moeda social no “bairro da economia solidária”. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 15, n. 1, p. 169-193, 2017.

RIGO, Ariádne Scalfoni; CANÇADO, Airton Cardoso. Gestão social e construção de espaços públicos: reflexões a partir da Rede Brasileira de Bancos Comunitários do Brasil. **Administração Pública e Gestão Social**, p. 38-44, 2015.

SILVA, Sandro Pereira. O campo de pesquisa da economia solidária no Brasil: abordagens metodológicas e dimensões analíticas. 2018.

SILVA, Sandro Pereira. Crise de paradigma? A política nacional de economia solidária no PPA 2016-2019. 2018.

Possibilidades de Estudos

- Quais são os aspectos da organização econômica e de gestão dos empreendimentos solidários?
- Quais métodos, procedimentos e princípios orientam a incubação de empreendimentos solidários?
- Como a economia solidária pode contribuir com a gestão de desenvolvimento territorial e comunitário?
- Bancos comunitários de desenvolvimento e moedas sociais;
- Quais as características e os significados das políticas públicas em Economia Solidária?



Democracia Participação e Ação Pública

Principais Abordagens

- Processos participativos de tomada decisão;
- Ação Pública e Espaço Público;
- Processos Decisórios e Cidadania Deliberativa.

Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

ALCÂNTARA, Pedro Alcântara. Deliberação e democracia: a teoria deliberativa e seus críticos. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v. 27, n. 1, 2018.

ALCÂNTARA, Valderi de Castro; PEREIRA, José Roberto; SILVA, EAF. A formação de esferas públicas e a gestão social no Brasil: Uma leitura a partir dos movimentos sociais (junho e julho 2013). **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM GESTÃO SOCIAL**, v. 8, 2014.



AVRITZER, Leonardo. **Impasses da democracia no Brasil**. Editora José Olympio, 2016.

AVRITZER, Leonardo; COSTA, Sérgio. Teoria crítica, democracia e esfera pública: concepções e usos na América Latina. **Dados**, v. 47, p. 703-728, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

MOUFFE, Chantal. Deliberative democracy or agonistic pluralism?. **Social research**, p. 745-758, 1999.

PALASSI, Márcia Prezzotti; MARTINS, Geruza Ferreira; PAULA, Ana Paula Paes de. Consciência política e participação cidadã de estudantes de administração: um estudo exploratório em uma universidade pública no Brasil. **REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, v. 22, p. 435-461, 2016.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. Participação cidadã na gestão pública: relatório das práticas e das representações sociais (Cidade do Rio de Janeiro e do Município de Nova Friburgo). 2001.

TORFING, Jacob; BENTZEN, Tina Øllgaard; WINSVOLD, Marte Slagsvold. How institutional designs condition perceived local political leadership. **Local Government Studies**, p. 1-26, 2020.

YOUNG, Iris Marion. Activist challenges to deliberative democracy. **Political theory**, v. 29, n. 5, p. 670-690, 2001.

Possibilidades de Estudos

- Quais as contribuições teóricas e práticas surgem dos processos participativos de tomada de decisão, seja no setor público ou privado? Quais modelos podem ser extraídos desses processos? Quais os limites encontrados nas decisões compartilhadas em setores públicos e privados?
- Quais as diferenças e aproximações teóricas – conceituais entre esfera pública, espaço público, ação pública e opinião pública? Como pode se dar a gestão do espaço público? Qual ou quais as possibilidades e limites da participação neste contexto? A gestão social tem possibilidade de convergir com este contexto?
- Qual é a relevância dos processos decisórios na gestão social em determinado território? Como relacionar a participação dos diferentes atores locais sob a perspectiva da gestão social e da cidadania deliberativa? Que novos elementos podem ser encontrados nas análises e discussões acerca da cidadania deliberativa?



Gestão Cultura e Identidade

✦ Principais Abordagens:

- Gestão dos bens culturais a partir da formação da esfera pública;
- Políticas Públicas de Cultura;
- Gestão da cultura em contextos tradicionais;
- Desenvolvimento e Gestão Cultural.

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

BARBALHO, Alexandre. Políticas culturais no Brasil: identidade e diversidade sem diferença. **Políticas culturais no Brasil. Salvador: EDUFBA**, p. 37-60, 2007.

CASTRO, F. L. de; RODRIGUES, L. A. Formação e pesquisa em produção cultural. In: CALABRE, L.; DOMINGUES, A. **Estudos sobre políticas culturais e gestão da cultura: análises do campo da produção acadêmica e de práticas de gestão**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2019. p.111-157.

COSTA, Camila Furlan da; MEDEIROS, Igor Baptista de Oliveira; BUCCO, Guilherme Brandelli. O financiamento da cultura no Brasil no período 2003-15: um caminho para geração de renda monopolista. **Revista de Administração Pública**, v. 51, p. 509-527, 2017.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas**. DP&A, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. 2 ed. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.

DE OLIVEIRA BOTREL, Manuela; DE ARAÚJO, Priscila Gomes; PEREIRA, José Roberto. Gestão social de bens culturais no Brasil: desafios e perspectivas. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 9, n. 4, p. 647-659, 2011.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. Cultura como recurso. **Salvador: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, Fundação Pedro Calmon**, 2012.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais no Brasil: tristes tradições, enormes desafios. **Políticas culturais no Brasil. Salvador: EDUFBA**, p. 11-36, 2007.

SILVA, Frederico A. Direito e políticas culturais. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Lamparina, 2021.



SACHS, Ignacy. Desenvolvimento e cultura. Desenvolvimento da cultura. Cultura do desenvolvimento. **Organizações & Sociedade**, v. 12, n. 33, 2005.

DAVEL, Eduardo; DANTAS, Marcelo. Festas Populares na Bahia: gestão e dinâmica identitária. **PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, p. 203-224, 2019.

DAVEL, Eduardo Paes Barreto; DE PAIVA JÚNIOR, Fernando Gomes. Festa, Cultura e Empreendedorismo Cultural: uma Introdução Festivity, Culture and Cultural Entrepreneurship: an Introduction.

Possibilidades de Estudos

- Quais os desafios e as perspectivas da gestão social dos bens culturais? Que tipo de gestão é mais adequada para a preservação de bens culturais? Gestão Pública? Gestão Social?
- Quais as influências das mudanças na administração pública brasileira na cultura?
- Como valorizar e difundir a identidade local/territorial e o saber-fazer das comunidades tradicionais? Como fortalecer o sentido de identidade e pertencimento territorial? Como a cooperação e a complementaridade na ação?
- Como a construção de uma identidade territorial colabora com o desenvolvimento sustentável? Que práticas culturais promovem desenvolvimento sustentável?



Gestão de políticas sociais e controle social

Principais Abordagens

- Mecanismos de controle social no contexto de políticas;
- Gestão Social e Controle Social;
- Democracia e Controle Social;
- Desafios do controle social na atualidade.

Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

ALVAREZ, Marcos César. Controle social: notas em torno de uma noção polêmica. **São Paulo em perspectiva**, v. 18, p. 168-176, 2004.

CABRAL, Eloisa Helena de Souza. **TERCEIRO SETOR-Gestão e controle social**. Saraiva Educação SA, 2017.



CANÇADO, Airton Cardoso; RIGO, Ariádne Scalfoni; PINHEIRO, Lauro Santos. Por una agenda de investigación para la gestión social: Control social, paradigma, escala y cuadro de análisis. **Praxis sociológica**, n. 21, p. 65-94, 2016.

DA SILVA, Fernanda Rodrigues; CANÇADO, Airton Cardoso; DOS SANTOS, Jeany Castro. Compreensões acerca do conceito de controle social. **Desenvolvimento em questão**, v. 15, n. 41, 2017.

DE CARVALHO, José Murilo. Cidadania no Brasil. **O longo caminho**, v. 18, p. 18, 2001.

GOMES, Eduardo Granha Magalhães. Conselhos gestores de políticas públicas: aspectos teóricos sobre o potencial de controle social democrático e eficiente. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 13, p. 894-909, 2015.

KERSTENETZKY, Celia Lessa. Políticas Sociais: focalização ou universalização?. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 26, p. 564-574, 2006.

MARTINS, Carlos Estevam. Governabilidade e controles. **Brazilian Journal of Public Administration**, v. 23, n. 1, p. 5 a 20-5 a 20, 1989.

PEDRINI, Dalila Maria; ADAMS, Telmo; DA SILVA, Vini Rabassa. **Controle social de políticas públicas: caminhos, descobertas e desafios**. Cáritas Brasileira, 2007.

SABIONI, Marjorie et al. Contextos (in) adequados para o engajamento cidadão no controle social. **Revista de Administração Pública**, v. 50, p. 477-500, 2016.

Possibilidades de Estudos

- Quais os principais mecanismos, canais ou instrumentos de participação em políticas sociais?
- Como a gestão social pode viabilizar controle social?
- Como a crise da democracia afeta os mecanismos de controle social?
- Quais são os principais desafios para efetivação do controle social na gestão de políticas sociais?



Inovação e Empreendedorismo social

Principais Abordagens

- Abordagens teórico-metodológicas para Inovação Social;
- Inovação Social e transformação social;
- Políticas Públicas para a Inovação Social;
- Processos de geração da Tecnologia Social;
- Modelos de empreendimentos sociais;
- Características empreendedoras sociais.



 **Referências bibliográficas seminais/clássicas**

ANDRÉ, Isabel; ABREU, Alexandre. Dimensões e espaços da inovação social. **Finisterra**, v. 41, n. 81, 2006.

CAJAIBA-SANTANA, Giovany. Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 82, p. 42-51, 2014.

COMINI, Graziella; BARKI, Edgard; AGUIAR, Luciana Trindade de. A three-pronged approach to social business: A Brazilian multi-case analysis. **Revista de Administração (São Paulo)**, v. 47, p. 385-397, 2012.

DAGNINO, Renato et al. Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social. **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil**, p. 65-81, 2004.

DEES, J. Gregory. The Meaning of Social Enterprise. **Stanford University: Palo Alto, CA**, 2001.

GEROMETTA, Julia; HAUSSERMANN, Hartmut; LONGO, Giulia. Social innovation and civil society in urban governance: Strategies for an inclusive city. **Urban studies**, v. 42, n. 11, p. 2007-2021, 2005.

MAIR, Johanna; NOBOA, Ernesto. Social entrepreneurship: How intentions to create a social venture are formed. In: **Social entrepreneurship**. Palgrave Macmillan, London, 2006. p. 121-135.

PARENTE, Cristina et al. Empreendedorismo social: Dos conceitos às escolas de fundamentação. As configurações de um conceito em construção. **Work in Progress in Empreendedorismo social em Portugal: As políticas, organizações e as práticas de educação/formação**, 2013.

WEERAWARDENA, Jay; SULLIVAN MORT, Gillian; CARNEGIE, K. Social entrepreneurship: Towards conceptualisation. **International Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing**, v. 8, n. 1, p. 76-86, 2003.

YUNUS, Muhammad. **Creating a world without poverty: Social business and the future of capitalism**. Public Affairs, 2009.

 **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas**

BOZIC, Aleksandar. Global trends in a fragile context: public–nonpublic collaboration, service delivery and social innovation. **Social Enterprise Journal**, 2020.

GALEGO, Diego et al. Social innovation & governance: a scoping review. **Innovation: The European Journal of Social Science Research**, p. 1-26, 2021.

ZIEGLER, Rafael. Social innovation as a collaborative concept. **Innovation: The European Journal of Social Science Research**, v. 30, n. 4, p. 388-405, 2017.



Possibilidades de Estudos

- Quais as abordagens, os temas e as perspectivas fundamentam o estudo da Inovação Social? Como estudar problemas sociais complexos?
- Como mitigar problemas sociais a partir da Inovação social? Que relações entre diferentes atores e instituições contribuem para a transformação social? Que indicadores sociais colaboram na avaliação das mudanças sociais? Qual o impacto dos empreendimentos sociais na mitigação dos problemas sociais? Que práticas sociais colaboram para a mitigação dos problemas sociais?
- Como as políticas públicas podem fomentar projetos inovadores estabelecendo conexões entre atores e redes de colaboração?
- Quais as principais reflexões e práticas têm surgido dos processos de democratização do desenvolvimento tecnológico?
- Quais elementos caracterizam empreendimentos sociais como ocorrem os processos específicos a atividade empreendedora social e quais resultados são gerados?
- Quais características se associam a orientação e a intenção social empreendedora?



Gestão das organizações sociais

Principais Abordagens:

- Modelos gerenciais das organizações sociais;
- Avaliação das Organizações Sociais;
- Transparência e accountability.

Referências bibliográficas seminais/clássicas e contemporâneas

BALABONIENĖ, Ingrida; VEČERSKIENĖ, Giedrė. The aspects of performance measurement in public sector organization. **Procedia-social and behavioral sciences**, v. 213, p. 314-320, 2015.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; GRAU, Nuria Cunill. Entre o Estado e o mercado: o público não-estatal. **O público não-estatal na reforma do Estado. Rio de Janeiro: FGV**, p. 15-48, 1999.

GADREY, J. Utilité sociale. In: CATTANI, A.; LAVILLE, J.-L. (Org.). Dictionnaire de l'autre économie. 1. ed. Paris: Desclée de Brouwer, 2005. p. 517-524.

JÚNIOR, JT SILVA; RIGO, A.; PASSOS, OAVD. Gestão Social nas Finanças Solidárias: Reflexões sobre a Avaliação da Utilidade Social dos Bancos



Comunitários de Desenvolvimento no Brasil. **Revista Nau Social**, v. 6, p. 151-164, 2015.

MARTINS, Larissa de Jesus; OLIVIERI, Cecília. Contratualização de resultados: fragilidades na transparência e baixa accountability das organizações sociais. **Revista de Administração Pública**, v. 53, p. 1189-1202, 2020.

LOPES, Laerson Morais Silva; RIGO, Ariádne Scalfoni; JÚNIOR, Jeová Torres Silva. Utilidade Social na Percepção dos Usuários de Organizações da Sociedade Civil: Primeiras Análises a Partir de uma Rede de Economia Solidária na Bahia-Brasil. **Revista Alcance**, v. 25, n. 1, p. 38-60, 2018.

PINHO, José Antonio Gomes de; SACRAMENTO, Ana Rita Silva. Accountability: já podemos traduzi-la para o português?. **Revista de administração pública**, v. 43, p. 1343-1368, 2009.

SANO, Hironobu. **Nova Gestão Pública e accountability: o caso das organizações sociais paulistas**. 2003. Tese de Doutorado.

SANO, Hironobu; ABRUCIO, Fernando Luiz. Promessas e resultados da Nova Gestão Pública no Brasil: o caso das organizações sociais de saúde em São Paulo. **Revista de Administração de Empresas**, v. 48, p. 64-80, 2008.

SCHOMMER, Paula Chies; MORAES, Rubens Lima. Observatórios sociais como promotores de controle social e accountability: reflexões a partir da experiência do observatório social de Itajaí. **Gestão. Org**, v. 8, n. 3, p. 298-326, 2010.

SOWA, Jessica E.; SELDEN, Sally Coleman; SANDFORT, Jodi R. No longer unmeasurable? A multidimensional integrated model of nonprofit organizational effectiveness. **Nonprofit and voluntary sector quarterly**, v. 33, n. 4, p. 711-728, 2004.

Possibilidades de Estudos

- Quais são as características do modelo gerencial de organizações sociais e seus impactos?
- Como avaliar desempenho, utilidade social e impactos das organizações sociais?
- Qual a importância da transparência para a sustentabilidade das organizações sociais e sua influência na relação com seus stakeholders.

Periódico	Link de acesso



APGS	https://periodicos.ufv.br/apgs/
Cadernos EBAPE.BR	http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/index
Cadernos de Gestão Pública e Cidadania	http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cgpc
Desenvolvimento em Questão	https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolviment_oemquestao/about
NAU Social - Revista Eletrônica da Residência Social	https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/index
O&S - Organizações & Sociedade	https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/index

Revistas e Periódicos da Grande Área

Links de Interesse relacionados à Gestão Social

Academia ICE <http://ice.org.br/programa-academia/>

BrazilFoundation <https://www.brazilfoundation.org/>

Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS/UFBA)* <https://labor.ufba.br/labor/sobre-o-ciags-pdgs>

Cese <https://www.cese.org.br/>



**Encontro Nacional de
Pesquisadores em
Gestão Social
(ENAPEGS)**

<https://enapegs2021.com.br/>

GlobalGiving

<https://www.globalgiving.org/>

GIGAPP

<http://www.gigapp.org/>

Instituto Banco Palmas

<http://www.institutobancopalmas.org/>

**Instituto de Tecnologia
Social (ITS BRASIL)**

<http://itsbrasil.org.br/>

**Ipea - Pesquisa ação
social das empresas**

<https://www.ipea.gov.br/acaosocial/index.html>

**Laboratório de
Inovação e
Tecnologias Sociais
(LABOR/UFBA)**

<https://labor.ufba.br/>

**Laboratório
Interdisciplinar de
estudos em Gestão
Social (LIEGS/UFCA)**

<http://liegs.ufca.edu.br/>

**Núcleo de Estudos
Aplicados a
Organizações de
Utilidade Social
(NOUS/UFBA)**

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9496031524381203#linhaPesquisa>

**Núcleo de Estudos
Avançados do Terceiro
Setor (NEATS/ PUC SP)**

<https://www.pucsp.br/neats>

**Núcleo de Pesquisa em
Ética e Gestão Social
(NUPEGS/PUC MINAS)**

<https://www.pucminas.br/pos/administracao/Paginas/Grupo-de-Pesquisa.aspx>



Objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS BRASIL)

<https://odsbrasil.gov.br/>

Porto Social

<http://www.portosocial.com.br/sobre-nos/>

Prosas

<https://prosas.com.br/home>

Rede de Gestores de políticas públicas de economia solidária

<https://www.rededegestoresecosol.org.br/>

Transforma! Rede de Tecnologias Sociais (FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL)

<https://transforma.fbb.org.br/>



GLOSSÁRIO DE GESTÃO SOCIAL

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Autogestão

Diz respeito a busca por formas alternativas e coletivas de produzir e organizar o trabalho. Organizações que consideram a representação dos funcionários em processos decisórios e células de produção autônomas estão relacionadas a este conceito. Seu objetivo é melhorar a forma de produzir para aumentar os ganhos econômicos. No campo da gestão social, o termo autogestão refere-se à busca e à configuração de processos ou modos organizacionais justos e democráticos, onde os membros de uma organização coletiva estão engajados nos processos de tomada de decisão, atividades e controles organizacionais.

Fonte: RIGO, Ariádne Scalfoni. Autogestão. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). Dicionário para a formação em gestão social. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 21-23.

Capital social

Refere-se à mobilização de estruturas das relações sociais para facilitar a ação individual ou social. Partindo da premissa de que os relacionamentos importam na criação de possibilidades de obtenção de benefícios referentes à informação, poder,



prestígio e desenvolvimento individual e da comunidade. Trata-se da qualidade e da quantidade de nossas conexões sociais e de como e quanto o indivíduo ou o grupo ganha com tais conexões.

Fonte: SERAFIM, Maurício Custódio. Capital social. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). Dicionário para a formação em gestão social. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 31-34

Cidadania

A cidadania refere-se a apropriação pelos indivíduos do direito de construção democrática do seu próprio destino, no qual sua concretização passa pela organização coletiva dos participantes. Desse modo, a participação constitui um grande instrumento de acesso à cidadania. Em sua plenitude, a cidadania só se consolida na presença de uma participação entendida como ação coletiva, e exercício consciente, voluntário, e conquistado.

Fonte: TENÓRIO, Fernando Guilherme; ROZENBERG, Jacob Eduardo. Gestão pública e cidadania: metodologias participativas em ação. **Brazilian Journal of Public Administration**, v. 31, n. 4, p. 101 a 125-101 a 125, 1997.

Democracia

O conceito de democracia aqui apresentado é aquele que pressupõe um processo no qual todos os concernidos, interessados e/ou afetados têm o direito a exporem diretamente, publicamente e de forma esclarecida, suas opiniões, discorrendo sobre o que pensam sem intermediários. Com base na ideia de liberdade e de soberania popular a democracia consiste em uma forma de organização política em que o povo controla diretamente a gestão da sociedade. O conceito de democracia torna-se mais próximo da gestão social quando conjugado com a deliberação. Nesse sentido, a democracia deliberativa pressupõe uma legitimidade nas decisões que devem ter origem em processos de discussão orientados pelos princípios da inclusão, da igualdade participativa, da autonomia e do bem-comum (TENÓRIO, 2008).

Economia Solidária

O termo economia solidária pretende refletir sobre a realidade de uma outra economia, que se gesta a partir de iniciativas de natureza cooperativista e associativista oriundas da sociedade civil e dos meios populares. A economia solidária fundamenta-se em outra concepção de economia, portadora de um discurso crítico sobre a relação entre economia e sociedade. Ela se baseia, de um lado, numa desconstrução da visão tradicional e predominante acerca do que é o econômico (que o reduz à noção de troca mercantil), e do outro, na reconstrução de uma visão ampliada sobre o econômico apoiada numa perspectiva histórico-antropológica. Na atualidade, o termo evoca um amplo conjunto de organizações econômicas, entidades representativas, organismos da sociedade civil e ações governamentais.

Fontes: FRANÇA-FILHO, Genauto Carvalho. Economia Solidária. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). Dicionário para a formação em gestão social. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 54-56.

GAIGER, Luiz Inácio Germany; KUYVEN, Patrícia Sorgatto. ECONOMIA SOLIDÁRIA E TRAJETÓRIAS DE TRABALHO Uma visão retrospectiva a partir de dados nacionais 1. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, 2020.



Empreendedorismo Social

A criação de valor social é indicada como um pré-requisito ao conceito de empreendedorismo social. Nesse sentido, considera-se o empreendedorismo social como uma atividade inovadora voltada para criação de valor social, que pode ocorrer com ou por meio dos setores sem fins lucrativos, empresarial ou governamental. O mesmo tem sido exposto como um meio para minimizar os problemas sociais e conduzir a mudança social. Assim, observa-se também a vinculação dos conceitos empreendedorismo e empreendedores sociais com o propósito e missão de mudança social. E a presença do interesse comum em benefício à sociedade como características próprias ao empreendedorismo social.

Fontes: AUSTIN, James; STEVENSON, Howard; WEI-SKILLERN, Jane. Social and commercial entrepreneurship: same, different, or both?. **Revista de Administração (São Paulo)**, v. 47, p. 370-384, 2012.

BANSAL, Sanchita; GARG, Isha; SHARMA, Gagan Deep. Social entrepreneurship as a path for social change and driver of sustainable development: A systematic review and research agenda. **Sustainability**, v. 11, n. 4, p. 1091, 2019.

DEES, J. Gregory. Taking social entrepreneurship seriously. **SOCIETY-NEW BRUNSWICK-**, v. 44, n. 3, p. 24, 2007.

Gestão Pública

A Gestão pública representa um processo organizacional orientado pelo interesse público. O interesse público estatal é o objetivo ou o fim que une a administração pública e a gestão pública. Dessa forma, a gestão pública pode englobar processos governamentais, responsáveis pela implementação, controle e avaliação de políticas públicas. Para alguns a Gestão Pública confunde-se com a Administração pública, para outros marca o rompimento com a administração pública tradicional e a adoção de ferramentas de gestão inerentes ao mundo dos negócios.

Fonte: PEREIRA, José Roberto. Gestão pública. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). Dicionário para a formação em gestão social. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 77-79.

CARNEIRO, Ricardo; MENICUCCI, Telma Maria Gonçalves. **Gestão pública no século XXI: as reformas pendentes**. Texto para Discussão, 2011.

Gestão Social

A gestão social pode ser apresentada como a tomada de decisão coletiva, sem coerção, com base na inteligibilidade da linguagem, na dialogicidade e no entendimento esclarecido como processo, na transparência como pressuposto e na emancipação enquanto fim.

Dentro dessa perspectiva teórica destaca-se a participação e a cidadania deliberativa, bem como a inversão de posição dos pares de palavras: Estado-sociedade e capital-trabalho, para sociedade-Estado e trabalho-capital. Indicando que a sociedade e o trabalho devem ser os personagens principais desta relação, o que não vem sendo observado, em geral, no modelo tradicional de gestão.



Fontes: CANÇADO, Airton Cardoso; TENÓRIO, Fernando Guilherme; PEREIRA, José Roberto. Gestão social: reflexões teóricas e conceituais. **Cadernos Ebape**. br, v. 9, p. 681-703, 2011.

TENÓRIO, Fernando Guilherme. (Re) visitando o conceito de gestão social. **Desenvolvimento em questão**, v. 3, n. 5, p. 101-124, 2005.

Cooperativismo/Cooperativa

Consiste em uma forma de organização coletiva da produção que valoriza as pessoas e seu trabalho. O cooperativismo é um movimento a nível mundial e sua forma de expressão é a cooperativa. A cooperativa pode ser definida como uma associação autônoma de pessoas unidas voluntariamente para satisfazer suas necessidades econômicas, sociais e culturais comuns por meio de uma empresa de propriedade comum e democraticamente controlada.

Fonte: CANÇADO, Airton Cardoso. Cooperativismo. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). Dicionário para a formação em gestão social. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 39-41.

Incubação

A compreensão de incubação mais próxima a noção de gestão social é a realizada no âmbito de empreendimentos solidários/sociais*. A prática de incubação nestes empreendimentos visa permitir aos participantes além de uma assessoria técnica, uma reflexão sobre o seu contexto social por meio de um conhecimento vinculado à transformação da realidade. O protagonismo dos autores destes empreendimentos é elemento central, e as ações são desenvolvidas de modo a tornar os beneficiários como sujeitos do seu próprio desenvolvimento, possibilitando a geração de novos saberes.

Fonte: CUNHA, Eduardo Vivian da. Incubação. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). Dicionário para a formação em gestão social. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 95-97.

Inovação Social

Inovação Social - Inovação Social (IS) é um conceito recente que emerge como um desdobramento da ampliação dos estudos sobre inovação que ocorre a partir do trabalho fundador de Joseph Schumpeter na economia, na sua obra clássica Teoria do Desenvolvimento Econômico, publicada em 1911 (ANDION, 2014). A inovação é compreendida como a colocação em prática de novas combinações que geram uma perturbação do equilíbrio e/ou uma ruptura na ordem vigente, promovendo então mudanças, sejam elas materiais ou de valores (ANDION, 2014). Com conceitos diversos, em construção e multidisciplinares (McNEILL, 2013; PRIM; ZANDEVALLI; DANDOLINI, 2019), o termo aparece formalmente pela primeira vez nos anos 1970 referindo-se a “novas formas de fazer as coisas com o objetivo explícito de responder a necessidades sociais” (Taylor, 1970, p. 70). Desde então, o conceito vai assumindo novos contornos, devido à ampliação dos estudos, e as definições sobre ele vêm se multiplicando (ANDION, 2014).

Fontes: ANDION, C. Inovação social. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). Dicionário para a formação em gestão social. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014, p. 98-102.



MCNEILL, J. Enabling social innovation – opportunities for sustainable local and regional development. *Community Economies. Social Frontiers. The next edge of social innovation research*, 2013.

PRIM, M. A.; ZANDAVALLI, C.; DANDOLINI, G.. ELEMENTOS ESSENCIAIS PARA A DINÂMICA DA INOVAÇÃO SOCIAL. In: *Anais do Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação–cik*, 2019.

TAYLOR, J. Introducing social innovation. *The Journal of Applied Behavioral Science*, v. 6, n. 6, p. 69-77, 1970. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/002188637000600104>. **Liderança situacional**

Movimentos Sociais

Existem inúmeras definições de movimentos sociais, dentre elas pode-se considerar que os movimentos sociais são movimentos de grupos sociais (JENSEN, 2014; VIANA, 2016) que surgem devido a uma insatisfação social que gera um senso de pertencimento, mobilização e objetivos (VIANA, 2016). Assim, as bases sociais dos movimentos sociais são grupos sociais (negros, mulheres, estudantes, etc.) e suas reivindicações são direcionadas para tais grupos (VIANA, 2018). Nos movimentos sociais a ação coletiva é direcionada a lidar com problemas coletivos, modificar contextos de injustiça, obter bens públicos, monitorar fontes de insatisfação, e expressar o suporte à valores ou princípios específicos, articulando-os em termos políticos e sociais (MENDONÇA, 2014).

Fontes: JENSEN, Karl. Teses sobre os Movimentos Sociais. *Revista Marxismo e Autogestão*. V. 01, num. 01, jan./jun. de 2014.

MENDONÇA, P. M. E. Movimentos sociais. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). *Dicionário para a formação em gestão social*. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 115-118.

VIANA, N. A criminalização dos movimentos sociais. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 17, n. 202, p. 125-136, 10 mar. 2018.

VIANA, N. Os Movimentos Sociais. Curitiba: Prismas, 2016. **Taxonomia de Bloom**

Negócios Sociais

O termo negócios sociais passou a ganhar evidência com o empreendedor social Muhammed Yunus, criador do Grameen Bank (ROSOLEN; TISCOSKI; COMINI, 2014), porém nas discussões atuais, os negócios sociais carecem de definições e consenso a respeito de uma terminologia única (COMINI, BARKI, AGUIAR, 2012).

Yunus, Moingeon e Lehmann-Ortega (2010), defendem que o proprietário de um negócio social não visa gerar lucro para si próprio, mas tem direito a recuperar seu investimento inicial, se assim desejar. Embora tenham o objetivo de gerar impacto socioambiental, estes negócios obedecem à lógica de mercado, principalmente no que concerne a autonomia financeira e rentabilidade (FISCHER, 2014), ou seja, são negócios que se aproximam dos modelos tradicionais em alguns aspectos como produtos, serviços, custos e receitas, porém difere no seu propósito principal que é



servir à sociedade e melhorar as condições de vida de populações de baixa renda; mas também se distingue de organizações não governamentais por buscar a autossustentação de suas operações por meio da venda de produtos e serviços ao invés de doações ou outras formas de captação de recursos (YUNUS; MOINGEON; LEHMANN-ORTEGA, 2010).

Fontes: COMINI, G.; BARKI, E.; AGUIAR, L. A Three-Pronged Approach to Social Business: A Brazilian Multi-Case Analysis. *Revista de Administração da USP*, São Paulo, v.47, n.3, p.385-397, jul./ago./set. 2012.

FISCHER, R. M. Negócios sociais. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). *Dicionário para a formação em gestão social*. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 125-127.

ROSOLEN, T.; TISCOSKI, G. P.; COMINI, G. M. Empreendedorismo social e negócios sociais: Um estudo bibliométrico da produção nacional e internacional. *Revista Interdisciplinar de gestão social*, v. 3, n. 1, 2014.

YUNUS, M.; MOINGEON, B.; LEHMANN-ORTEGA, L. Building Social Business Models: Lessons from the Grameen Experience. *Long Range Planning*, v.43, p. 308-325, 2010. **e-Human Resources Management**

Organizações da Sociedade Civil

As organizações da sociedade civil podem ser entendidas como as iniciativas com diferentes aparatos organizacionais, que através de sua ação dão origem, reconhecem ou disseminam determinadas lutas sociais e ambientais, causas, direitos, valores e formas de vida social e pertencimento cultural (TEODÓSIO, 2014). São consideradas organizações da sociedade civil: movimentos sociais, coletivos populares, fóruns e redes de movimentos, organizações comunitárias e de base, dentre outros grupos sociais, iniciativas, organizações, instituições, articulações e formas de ação coletiva. Também podem ser assumidas como similares a organizações não governamentais, do terceiro setor, filantrópicas, sem fins lucrativos e uma gama de outras definições empregadas para designar formatos organizativos variados presentes na sociedade civil (TEODÓSIO, 2014).

Fonte: TEODÓSIO, Armindo dos Santos de Sousa. Organizações da sociedade civil. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). **Dicionário para a formação em gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 128-132.

Participação Cidadã

A participação cidadã é defendida por significar um maior envolvimento dos cidadãos com a finalidade de restringir os abusos de um sistema representativo (BARBER, 1984; BOX, 1998; PATEMAN, 1970). Na literatura específica, o conceito de participação tem sido utilizado ora como categoria da prática de atores sociais, ou seja, uma categoria que orienta a ação das classes populares, dos militantes, dos excluídos quando lutam por direitos e buscam emancipação; ora como categoria teórica que subsidia o debate na teoria democrática, evocando a participação como o termômetro da democracia; ora como categoria procedimental, disposta em leis e normativas regimentais específicas, ou seja, quando a participação é defendida pela



sua capacidade de produzir consequências julgadas importantes ou valiosas (LAVALLE, 2011; TAVARES, 2014).

Fontes: BARBER, B. **Strong democracy**: participatory politics for a new age. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1984.

BOX, R. C. **Citizen governance**: leading american communities into the 21st century. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.

LAVALLE, A. G. Participação: valor, utilidade, efeitos e causa. In: PIRES, R. R. C. (Org.). **Efetividade das instituições participativas no Brasil**: estratégias de avaliação. Brasília: Ipea, 2011.

PATEMAN, C. **Participation and democratic theory**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1970.

TAVARES, A. de O. Participação. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). **Dicionário para a formação em gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 133-135.

Políticas Públicas

Para compreensão do conceito de Políticas Públicas é importante reforçar a diferença entre política (politic) e políticas públicas (policy). Enquanto o primeiro refere-se ao universo das relações de poder e partidos e dos processos decisórios nas esferas parlamentares de deliberação pública (congresso, assembleias legislativas, por exemplo), o segundo diz respeito aos processos do governo em ação após decisões parlamentares (BOULLOSA, 2014). Políticas Públicas pode ser compreendido como um construto analítico definido pelo olhar do observador (BOULLOSA, 2014). Um conjunto de ações que diferentes atores, públicos e privados, teriam ativado para ajudar a tratar um problema público (FISCHER, 1996). Para transformarem em políticas públicas, problemas públicos precisam encontrar o equilíbrio entre o que é tecnicamente eficiente e também o que é politicamente viável. Podemos, então, entender como política pública como a discussão e prática de ações relacionadas ao conteúdo, concreto ou simbólico de decisões reconhecidas como políticas; isto é, o campo de construção e atuação de decisões políticas (AGUM; RISCADO; MENEZES, 2015).

Fontes: AGUM, R.; RISCADO, P.; MENEZES, M. Políticas Públicas: Conceitos e Análise em Revisão. **Agenda Política**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 12–42, 2015.

BOULLOSA, R. de F. Políticas públicas. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). **Dicionário para a formação em gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 144-148.

FISCHER, F. Beyond empiricism. **Policy Studies Journal**, v. 26, p. 129-146, 1996.

Responsabilidade Social

Ao final do século XX, a responsabilidade social passou a ser discutida não apenas como necessidade de envolver-se com ações filantrópicas, mas também como mote central para definição da estratégia de qualquer organização comprometida com ações



éticas e voltadas ao desenvolvimento social sustentável, dessa forma, considera-se que esta é a competência de construir uma decisão que contemple não apenas interesses dos múltiplos stakeholders envolvidos, mas também considere os efeitos nos seres vivos e no meio ambiente (RODRIGUES, 2014). A responsabilidade social empresarial é, assim, uma “forma de gestão que procura zelar pela qualidade das relações com seus diferentes públicos: acionistas, fornecedores, colaboradores, clientes, meio ambiente, governo e comunidade” (DUPRAT, 2005, p.18), representando uma dimensão em que a atuação social da empresa está presente em todos os aspectos dos negócios (Tenório, 2004).

Fontes: DUPRAT, C. **A empresa na comunidade**: um passo-a-passo para estimular sua participação social. São Paulo: Global Editora; IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social, 2005.

RODRIGUES, A. L. Responsabilidade social. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). **Dicionário para a formação em gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 162-164.

TENÓRIO, F. G. (org.). **Responsabilidade social empresarial**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Sustentabilidade

A etimologia da palavra remete ao adjetivo sustentável, oriundo do latim sustentabile, derivado do verbo sustentar. E significa aquilo que pode ou deve se sustentar. Além disso, qualifica a capacidade de se manter constante ou estável por longo período. O verbo sustentar, por sua vez, vem do latim sustentare, que significa fornecer ou garantir o necessário para sobrevivência; impedir a ruína ou a queda de; amparar; proteger; favorecer; auxiliar; conservar a mesma posição, suste-se, equilibrar-se. Sustentar também significa alimentar, nutrir e manter (FERREIRA, 1999). Em pouco tempo, sustentabilidade tornou-se palavra mágica, pronunciada indistintamente por diferentes sujeitos, nos mais diversos contextos sociais, assumindo múltiplos sentidos (GONÇALVES-DIAS, 2014). Sachs (2007) afirma que a ideia de sustentabilidade procura deixar claro que desenvolvimento não se confunde com crescimento econômico, constituindo apenas sua condição necessária, porém não suficiente. Para operacionalizar o conceito de sustentabilidade, o autor a desagrega nas seguintes dimensões: social, econômica, ecológica, espacial e cultural. As essas cinco dimensões de sustentabilidade de que fala Sachs (2000), é preciso acrescentar ainda a sustentabilidade político-institucional, entendida como fortalecimento das instituições democráticas e a promoção da cidadania. Em 1987, com a publicação do relatório intitulado our common future, ou relatório de Brundtland, o termo sustentabilidade começa a ser substituído por desenvolvimento sustentável, entendido como o desenvolvimento que atende às necessidades e aspirações humanas no presente, sem comprometer a possibilidade de as futuras gerações de atenderem às suas próprias necessidades (ONU, 1987). O conceito de desenvolvimento sustentável (DS) surgiu com o propósito de desenvolver o crescimento econômico e superar a pobreza dos países desenvolvidos e em desenvolvimento (CARVALHO et al., 2015).

Fontes: CARVALHO, N. L. et al. Desenvolvimento sustentável x desenvolvimento econômico. **Revista Monografias Ambientais**, v. 14, n. 3, p. 109-117, 2015.



FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio para o Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GONÇALVES-DIAS, S. L. F. Sustentabilidade. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). **Dicionário para a formação em gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 165-168.

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). 1987. **Report of the World Commission on Environment and Development**: Our Common Future. Brutdland, Oslo. Disponível em: < <http://www.un-documents.net/our-common-future.pdf> > Acesso em: 13 jul. 2021.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

SACHS, I. **Rumo à Ecosocioeconomia**: teoria e prática do desenvolvimento. São Paulo: Cortez Editora [org. Paulo Freire Vieira], 2007.

Tecnologia Social

Tecnologia Social (TS) é um conceito proposto para caracterizar uma tecnologia oposta à tecnologia convencional. Entende-se por tecnologia convencional aquela que "visa ao lucro e tende a provocar a exclusão social" (DAGNINO, 2013, p. 253), enquanto a TS visa à inclusão social, à participação e à emancipação da sociedade. De acordo com o Instituto de Tecnologia Social (ITS, 2004, p. 130) as TS surgiram, na década de 2000, e passaram a ser conceituadas como "conjuntos de técnicas, metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para a inclusão social e melhoria das condições de vida [...]"

Fontes: DAGNINO, R. O envolvimento da FBB com políticas públicas em tecnologia social: mais um momento de viragem. In: COSTA, A. B. **Tecnologia social e políticas públicas**. São Paulo: Fundação Banco do Brasil, 2013. p. 247-274.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL (ITS Brasil). **Caderno de debate**: Tecnologia Social no Brasil. São Paulo: Raiz, 2004. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/85fd89_2f2b4f97fcb0441191e370e278303b7c.pdf

Terceiro Setor

Um dos primeiro conceitos sobre terceiro setor difundidos no Brasil foi de Rubem César Fernandes (1994, p. 21), que partindo da lógica de combinações resultantes entre os agentes, fins públicos e privados, da diversidade de características organizacionais e de práticas, define-o como "um conjunto de organizações e iniciativas privadas que visam à produção de bens e serviços públicos", num âmbito não-governamental e ênfase na participação voluntária. A ideia é que existe um Primeiro Setor (Estado) no qual atuam agentes públicos para fins públicos, um Segundo Setor (Mercado) composto por agentes privados para fins privados e um Terceiro Setor (Sociedade Civil Organizada) com agentes privados com finalidades públicas (ARAÚJO, 2014). Tal como consideram Salomon e Anheier (1992), no interior desse campo das organizações sem fins lucrativos, apresentam-se cinco



características essenciais: elas são formais, privadas, independentes, não devem distribuir lucros e devem comportar um certo nível de participação voluntária. Acrescentando a esses cinco traços dois outros – as organizações não devem ser políticas (excluem-se os partidos políticos) e nem confessionais (exclui-se qualquer gênero de organização religiosa) – obtém-se a nomenclatura comum de classificação do terceiro setor conhecida pela sigla International Classification of Non-Profit Organizations (ICNPO) (FRANÇA-FILHO, 2002).

Fontes: ARAÚJO, E. T. de. Terceiro setor. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). **Dicionário para a formação em gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 172-175.

FERNANDES, R. C. **Privado porém público**: o terceiro setor na América Latina. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1994.

FRANÇA-FILHO, G. Terceiro Setor, Economia Solidária, Economia Social e Economia Popular: traçando fronteiras conceituais, **Bahia análise & dados**, vol. XXII, pp. 9-19, 2002.

SALOMON, L.; ANHEIER, H. In search of nonprofit sector: the quest for definition's. **Voluntas**, v.3, n.2, p.267-311, 1992.

ÁREAS TEMÁTICAS NAPP



INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO



FICHA TÉCNICA

Universidade Federal da Bahia
Reitor

Paulo César Miguez de Oliveira

Vice-reitor

Penildon Silva Filho

Escola de Administração

Diretor

João Martins Tude

Vice-diretor

André Luis Nascimento dos Santos

Núcleo de Pós-graduação da Escola de Administração da UFBA

Coordenador

Genauto Carvalho França Filho

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Acadêmico

Coordenadora

Andréa Cardoso Ventura

Programa de Pós-graduação em Administração – PPGA Profissional

Coordenadora

Elisabeth Matos Ribeiro

Núcleo de Apoio a Pesquisa e Publicação – NAPP

Coordenador

Horacio Nelson Hastenreiter Filho

Coordenadora de Conteúdos

Justina Tellechea

Design Instrucional

Tairine Nunes

Autores

Cristiane Jamile do Nascimento

Horacio Nelson Filho

Justina Tellechea

Silvana Coelho

Ano de Publicação (2023)

Edição (2023)

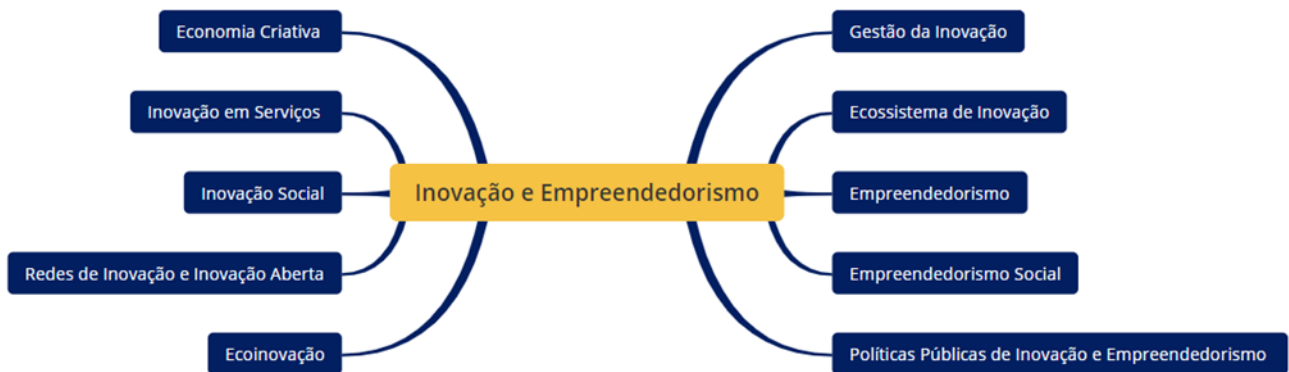


INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO:

Professores: Horacio Nelson Filho (coordenador), Paulo Figueiredo, Rodrigo Muller, Isabel Sartori, Fábio Ferreira, Sílvio Araújo, Beth Loiola e Ernani Marques.

Aluna(o)s: Cristiane Jamile do Nascimento, Justina Tellechea e Silvana Coelho.

Subareas Temáticas:



O Núcleo de Apoio à Pesquisa e Publicações - NAPP oferece suporte para o fortalecimento das atividades de pesquisa e publicação em busca da excelência na produção intelectual dos professores, pesquisadores, egressos e alunos vinculados ao Núcleo de Pós-Graduação em Administração da UFBA.

Por meio das divisões acadêmicas e temas de interesse propostos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - ANPAD, este material busca explorar as áreas e subáreas temáticas da gestão, apresentando aos leitores as principais abordagens, as referências bibliográficas clássicas e contemporâneas, as possibilidades de estudos, as revistas e periódicos e um glossário com verbetes da área de estudo.



Inovação em Serviços

✈ Principais Abordagens:

- Modelos de inovações de bens e serviços;
- Cadeia de inovação em serviços;
- O Processo Stage-Gates;
- Influências da tecnologia para a inovação em serviços;
- Inovação em setores/segmentos de Estratégias para a área de inovação em serviços;
- Ferramentas e técnicas de gestão da operação de serviços.

✈ Referências bibliográficas seminais/clássicas:

BARRAS, Richard. Towards a theory of innovation in services. **Research policy**, v. 15, n. 4, p. 161-173, 1986.

BERNARDES, Roberto; BESSA, Vagner. Desafios metodológicos nos estudos de inovação entre indústrias e serviços. **R. BERNARDES; T. ANDREASSI, Inovação em serviços intensivos em conhecimento. São Paulo, Saraiva**, p. 177-210, 2007.

BILDERBEEK, ROB et al. SI4S SYNTHESIS PAPER. 1998.

BODEN, Mark; MILES, Ian (Ed.). **Services and the Knowledge-based Economy**. Psychology Press, 2000.

GALLOUJ, F. Innovation dans les services. Paris: L'Harmattan, 1994.

GALLOUJ, Faiz. **Innovation in the service economy: the new wealth of nations**. Edward Elgar Publishing, 2002.

GALLOUJ, F.; SAVONA, M. Innovation in services: a review of the debate and a research agenda. *Journal of Evolutionary Economics*, v. 19, n. 2, p. 149-172, 2009.

GALLOUJ, Faiz; WEINSTEIN, Olivier. Innovation in services. **Research policy**, v. 26, n. 4-5, p. 537-556, 1997.

KUBOTA, Luis Claudio. A inovação tecnológica das firmas de serviços no Brasil. **Estrutura e dinâmica do setor de serviços no Brasil. Brasília: IPEA**, p. 35-72, 2006.



KUBOTA, Luis Claudio. As Kibs e a inovação tecnológica das firmas de serviços. **Economia e Sociedade**, v. 18, p. 349-369, 2009.

MILES, I. **Innovation in Services, Chapters**, in: Mark Dodgson & Roy Rothwell (ed.), The Handbook of Industrial Innovation, chapter 18, Edward Elgar Publishing, 1995.

OECD - Organization for Economic Co-Operation and Development. Promoting innovation in services. Paris: OECD, 2005.

SCHUMPETER, Joseph. A teoria do desenvolvimento econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Os economistas)

WINDRUM, Paul; GARCÍA-GOÑI, Manuel. A neo-Schumpeterian model of health services innovation. **Research policy**, v. 37, n. 4, p. 649-672, 2008.

 **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

LÉO, Ricardo Machado; TELLO-GAMARRA, Jorge. Inovação em serviços: estado da arte e perspectivas futuras. **Suma de negócios**, v. 8, n. 17, p. 1-10, 2017.

LINS, Maria Gabriela; ZOTES, Luis Perez; CAIADO, Rodrigo. Critical factors for lean and innovation in services: from a systematic review to an empirical investigation. **Total Quality Management & Business Excellence**, v. 32, n. 5-6, p. 606-631, 2021.

NARDELLI, Giulia. Innovation dialectics: An extended process perspective on innovation in services. **The Service Industries Journal**, v. 37, n. 1, p. 31-56, 2017.

TAQUES, Fernando Henrique et al. Indicators used to measure service innovation and manufacturing innovation. **Journal of Innovation & Knowledge**, v. 6, n. 1, p. 11-26, 2021.

 **Possibilidades de Estudos:**

- Que estratégias podem ser adotadas por empresas de serviço para serem exitosas na agenda de inovação?
- Como o porte organizacional interfere na capacidade inovadora na área de serviços?
- Como a TI pode ser uma aliada na inovação em serviços?
- Em que medida as empresas de serviço estão habilitadas para usar a TI como aliada no processo inovativo?
- Quais os desafios ambientais que se apresentam para a competitividade das empresas de serviço?



- Como o Estado pode ajudar as empresas de serviço a serem mais inovadoras?
- Como a agenda de conhecimento está presente no processo inovativo das empresas de serviços?
- O que uma empresa de serviço pode ganhar participando de uma rede de compartilhamento de conhecimento e aprendizagem?
- Como identificar conhecimentos-chave para a agenda de inovação em empresas de serviço?
- Quais indicadores são mais adequados para medir a capacidade inovativa das empresas de serviço?
- Quais as principais dificuldades para a inovação em serviços na administração pública?
- Como conciliar abordagens qualitativas e quantitativas em pesquisas relacionadas à inovação em serviços?



Inovação Social

Principais Abordagens:

- Empreendedorismo social e inovação social;
- Responsabilidade corporativa e inovação social;
- Mudanças sociais trazidas pelo processo inovativo;
- Políticas públicas voltadas à inovação social;
- Inovação social e processo participativo.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

ANDRÉ, Isabel; ABREU, Alexandre. Dimensões e espaços da inovação social. **Finisterra**, v. 41, n. 81, 2006.

BIGNETTI, Luiz Paulo. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 3-14, 2011.

LÉVESQUE, B.; CREVIER, F. (2004); Les impacts des parcs scientifiques à travers la contribution des innovations sociales et des sciences et humaines. In: **CRISES**. Centre de Recherche Sur Les Innovations Sociales Cahiers du **CRISES**. Québec.

MULGAN, Geoff. In and Out of Sync: The Change of Growing Social Innovations. **Nesta**, v. 2007, p. 21-25, 2007.



MULGAN, Geoff et al. (2004); Social innovation: what it is, why it matters and how it can be accelerated. MULGAN, Geoff. (2006); The process of social innovation. *innovations*, v. 1, n. 2, p. 145-162.

POL, Eduardo; VILLE, Simon. Social innovation: Buzz word or enduring term?. **The Journal of socio-economics**, v. 38, n. 6, p. 878-885, 2009.

TAATILA, Vesa P. et al. Framework to study the social innovation networks. **European Journal of Innovation Management**, v. 9, n. 3, p. 312-326, 2006.

 **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

AMARO, Rogério R.; LAVILLE, Jean-Louis. Social innovation in Europe: what relation with solidarity economy?. **RIPESS Europe**, 2016..

ANDION, Carolina. Inovação social. **Dicionário para formação em gestão social**. Salvador: **Ciags**, p. 98-101, 2014.

CAMPIGOTTO-SANDRI, Emanuel et al. Empreendedorismo social e inovação social: uma análise bibliométrica. **Estudios Gerenciales**, v. 36, n. 157, p. 511-524, 2020.

DE FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho. Inovação social e incubação tecnológica em economia solidária. **DE ECONOMIA SOLIDÁRIA**, p. 213.

GAIOTTO, Sergio Augusto Vallim. Empreendedorismo Social: um estudo bibliométrico sobre a produção nacional e internacional. **REGPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 5, n. 2, p. 101-123, 2016.

GREGOIRE, Maud. Exploring various approaches of social innovation: a francophone literature review and a proposal of innovation typology. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 17, p. 45-71, 2016.

MARQUES, Pedro; MORGAN, Kevin; RICHARDSON, Randal. Social innovation in question: The theoretical and practical implications of a contested concept. **Environment and Planning C: Politics and Space**, v. 36, n. 3, p. 496-512, 2018.

PACHECO, Anderson Sasaki Vasques; SANTOS, Maria João; SILVA, Karin Vieira Da. Social innovation: what do we know and do not know about it. **International Journal of Innovation and Learning**, v. 24, n. 3, p. 301-326, 2018.

SILVEIRA, Franciane Freitas; ZILBER, Silvia Novaes. Is social innovation about innovation? A bibliometric study identifying the main authors, citations and co-



citations over 20 years. **International Journal of Entrepreneurship and Innovation Management**, v. 21, n. 6, p. 459-484, 2017.

VAN DER HAVE, Robert P.; RUBALCABA, Luis. Social innovation research: An emerging area of innovation studies?. **Research Policy**, v. 45, n. 9, p. 1923-1935, 2016.

Possibilidades de Estudos:

- Como se estabelece a dinâmica da inovação social?;
- Como o processo inovativo transforma a dinâmica social?
- Quais políticas públicas podem favorecer a inovação social?
- Como se relacionam e diferenciam as tecnológicas sociais e a inovação social?
- Como utilizar o fortalecimento de ecossistemas de inovação social como estratégia para o desenvolvimento territorial?
- Quais inovações sociais se adequam às demandas da sociedade pós-pandêmica?
- Como estabelecer um processo para articulação entre oferta e demanda de inovações sociais?



Redes de Inovação e Inovação aberta

Principais Abordagens:

- Difusão de conhecimento e inovação em redes;
- Construção e consolidação das redes de inovação;
- Estruturas de redes de inovação e desempenho;
- Necessidades interpessoais para a inovação;
- Redes de Inovação Verticais;
- Inovação Aberta e relações com fornecedores;
- Inovação aberta e interação com clientes e potenciais clientes.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

CAMAGNI, Roberto et al. **Innovation networks: spatial perspectives**. Belhaven-Pinter, 1991.

CHESBROUGH, Henry William. **Open innovation: The new imperative for creating and profiting from technology**. Harvard Business Press, 2003.

CHESBROUGH, Henry W. The era of open innovation. **Managing innovation and change**, v. 127, n. 3, p. 34-41, 2006.



CORSARO, Daniela; CANTÙ, Chiara; TUNISINI, Annalisa. Actors' heterogeneity in innovation networks. **Industrial Marketing Management**, v. 41, n. 5, p. 780-789, 2012.

DHANARAJ, Charles; PARKHE, Arvind. Orchestrating innovation networks. **Academy of management review**, v. 31, n. 3, p. 659-669, 2006.

GASSMANN, Oliver; ENKEL, Ellen; CHESBROUGH, Henry. The future of open innovation. **R&d Management**, v. 40, n. 3, p. 213-221, 2010.

GASSMANN, Oliver; ENKEL, Ellen. Open innovation. **Zeitschrift Führung+ Organisation**, v. 75, n. 3, p. 132-138, 2006.

OJASALO, Jukka. Management of innovation networks: a case study of different approaches. **European Journal of Innovation Management**, v. 11, n. 1, p. 51-86, 2008.

PYKA, Andreas et al. Innovation networks. **Chapters**, 2007.

VAN DER VALK, Tessa; CHAPPIN, Maryse MH; GIJSBERS, Govert W. Evaluating innovation networks in emerging technologies. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 78, n. 1, p. 25-39, 2011.

✦ **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

BIGLIARDI, Barbara et al. The past, present and future of open innovation. **European Journal of Innovation Management**, v. 24, n. 4, p. 1130-1161, 2021.

BOGERS, Marcel; CHESBROUGH, Henry; MOEDAS, Carlos. Open innovation: Research, practices, and policies. **California management review**, v. 60, n. 2, p. 5-16, 2018.

DESIDÉRIO, Paulo Henrique Martins; POPADIUK, Silvio. Redes de inovação aberta e compartilhamento do conhecimento: aplicações em pequenas empresas. **RAI Revista de Administração e Inovação**, v. 12, n. 2, p. 110-129, 2015.

HOSSAIN, Mokter. A review of literature on open innovation in small and medium-sized enterprises. **Journal of Global Entrepreneurship Research**, v. 5, p. 1-12, 2015.

HURMELINNA-LAUKKANEN, Pia; NÄTTI, Satu. Orchestrator types, roles and capabilities—A framework for innovation networks. **Industrial Marketing Management**, v. 74, p. 65-78, 2018.

NAJAFI-TAVANI, Saeed et al. How collaborative innovation networks affect new product performance: Product innovation capability, process innovation capability, and absorptive capacity. **Industrial marketing management**, v. 73, p. 193-205, 2018.

SPENDER, John-Christopher et al. Startups and open innovation: a review of the literature. **European Journal of Innovation Management**, v. 20, n. 1, p. 4-30, 2017.



 **Possibilidades de Estudos:**

- Como as redes podem favorecer a inovação em uma empresa, um setor ou um ecossistema?
- Como a abordagem de Análise das Redes Sociais (ARS) pode ser utilizado para representar o processo inovativo?
- Como se dá a difusão do conhecimento em uma rede de inovação?
- Qual a influência do ecossistema de inovação no surgimento das redes de inovação?
- Como as redes contribuem para a emergência de ecossistemas de inovação e de ecossistemas empreendedores?
- Quais os contextos que favorecem a consolidação das redes de inovação?
- Quais as configurações e desenhos de redes que favorecem a inovação?
- Quais modelos de governança são mais adequados à inovação em rede?
- Que ferramentas e condições estruturais favorecem a inovação em rede?
- Quais características individuais (pessoais) favorecem a atuação em rede?
- Quais os condicionantes do desempenho de startups sob a perspectiva do capital social e participação em redes?
- Que competências e práticas empreendedoras são úteis para o desempenho organizacional a partir da presença em redes sociais?
- Quais as vantagens das redes de inovação verticais em relação ao mercado?
- Quais as vantagens das redes de inovação verticais em relação às estruturas hierárquicas em uma organização?
- Como estabelecer relações com fornecedores para estimular o processo inovativo?
- Como estabelecer relações com clientes e com o mercado potencial para estimular o processo inovativo?



Gestão da Inovação

 **Principais Abordagens:**

- O Processo de inovação e seus modelos;
- Ideação;
- Implementação da inovação- Processos de desenvolvimento de produtos e de tecnologias;
- Avaliação - Definição de indicadores e medição da performance inovativa;
- Liderança e ambiente inovador;
- Estruturas organizacionais voltadas para a inovação.



✈ **Referências bibliográficas seminais/clássicas**

BIRKINSHAW, Julian; HAMEL, Gary; MOL, Michael J. Management innovation. **Academy of management Review**, v. 33, n. 4, p. 825-845, 2008..

BOLWIJN, Pieter Tammo; KUMPE, Ted. Manufacturing in the 1990s—productivity, flexibility and innovation. **Long range planning**, v. 23, n. 4, p. 44-57, 1990.

CROSSAN, Mary M.; APAYDIN, Marina. A multi-dimensional framework of organizational innovation: A systematic review of the literature. **Journal of management studies**, v. 47, n. 6, p. 1154-1191, 2010.

DOSI, Giovanni. Technological paradigms and technological trajectories: a suggested interpretation of the determinants and directions of technical change. **Research policy**, v. 11, n. 3, p. 147-162, 1982.

FREEMAN, Chris; SOETE, Luc. **A economia da inovação industrial**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

OCDE. Manual de Oslo. Paris, Eurostat, 3ª edição, 2005. Traduzido pela FINEP

SCHUMPETER, Joseph A. Teoria do desenvolvimento econômico. 1961.

TIDD, Joe. Innovation management in context: environment, organization and performance. **International journal of management reviews**, v. 3, n. 3, p. 169-183, 2001.

TIGRE, P.B. Gestão da inovação – a economia da tecnologia no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Campus, 2006.

UTTERBACK, James. Mastering the dynamics of innovation: How companies can seize opportunities in the face of technological change. University of Illinois at Urbana-Champaign's Academy for Entrepreneurial Leadership Historical Research Reference in Entrepreneurship, 1994.

VAN DE VEN, Andrew H.; ANGLE, Harold L.; POOLE, Marshall Scott (Ed.). **Research on the management of innovation: The Minnesota studies**. Oxford University Press on Demand, 2000.

✈ **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

DAMANPOUR, Fariborz. **Organizational innovation: Theory, research, and direction**. Edward Elgar Publishing, 2020.

GUDERIAN, C. C. et al. Innovation management in crisis: patent analytics as a response to the COVID-19 pandemic. *RD Manag* 51 (2): 223–239. 2021.

PERTUZ, Vanessa; PÉREZ, Adith. Innovation management practices: review and guidance for future research in SMEs. **Management Review Quarterly**, v. 71, n. 1, p. 177-213, 2021.



ŠKUDIENĚ, Vida; LI-YING, Jason; BERNHARD, Fabian. Innovation management: perspectives from strategy, product, process and human resource research. In: **Innovation Management**. Edward Elgar Publishing, 2020. p. 2-14.

TIDD, Joe; BESSANT, John. Innovation management challenges: From fads to fundamentals. **International Journal of Innovation Management**, v. 22, n. 05, p. 1840007, 2018.

Possibilidades de Estudos:

- Quais as principais ferramentas emergentes para apoiar a gestão da inovação?
- Como as ferramentas digitais podem apoiar a integração entre agentes de um ecossistema inovativo?;
- Como desenvolver processos efetivos de ideação?
- Como medir a performance inovativa nas organizações?
- Como medir a performance inovativa em uma região ou território?
- Quais as diferentes tipologias tecnológicas e seus resultados no processo inovativo?
- Quais as diferentes tipologias gerenciais e seus resultados no processo inovativo?
- Quais os resultados das diferentes tipologias sociais no processo inovativo?
- Como as estratégias e aos processos decisórios se integram à gestão da inovação?
- Como se dá a gestão da inovação em pequenas empresas e negócios nascentes?;
- Quais as particularidades setoriais que determinam diferenças nas ferramentas de gestão?
- Quais particularidades geográficas determinam diferenças nas ferramentas de gestão?
- Como desenvolver lideranças para impulsionar o processo inovativo nas organizações?
- Como estabelecer relações entre governo-empresas-universidades para viabilizar a aplicação do Modelo Hélice Tripla?



Ecossistema de Inovação

Principais Abordagens:

- Abordagens sistêmicas sobre estratégias de inovação;
- Avanços teóricos e conceituais sobre Ecossistemas de Inovação (EI) e Ecossistemas Empreendedores (EE);



- Governança para a criação e desenvolvimento de Ecossistemas de Inovação (EI) e Ecossistemas Empreendedores (EE);
- A abordagem ecossistêmica aplicada à inovação radical;
- Políticas públicas e desenvolvimento de melhores práticas em parques tecnológicos, incubadoras e pólos de inovação;
- Análises de sistemas nacionais, setoriais e regionais de inovação;
- Atores e elementos integrantes dos EI e EE;
- Pesquisas sobre empresas start-ups e spin-offs;
- Spillovers de conhecimento em EI;
- Estudos sobre os níveis de análise e limites dos ecossistemas;
- Impacto social dos EE e EI;
- Elementos impulsionadores da atividade empreendedora.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

CHRISTENSEN, Jesper Lindgaard. The role of finance in national systems of innovation. In: **National systems of innovation: Toward a theory of innovation and interactive learning**. Anthem Press, 2010. p. 151-172.

EDQUIST, Charles. Systems of innovation perspectives and challenges. **African Journal of Science, Technology, Innovation and Development**, v. 2, n. 3, p. 14-45, 2010.

EDQUIST, Charles. The Systems of Innovation Approach and Innovation Policy: An account of the state of the art. In: **DRUID conference, Aalborg**. 2001. p. 12-15.

LASTRES, HMM et al. Globalização e inovação: experiências de sistemas locais no âmbito do Mercosul e proposições de políticas de C&T. **Nota Técnica**, n. 1, 1998.

LUNDVALL, Bengt-Ake et al. National systems of innovation: towards a theory of innovation and interactive learning. 1992.

LUNDVALL, Bengt-Åke et al. National systems of production, innovation and competence building. **Research policy**, v. 31, n. 2, p. 213-231, 2002.

LUNDVALL, Bengt-Åke et al. National systems of production, innovation and competence building. **Research policy**, v. 31, n. 2, p. 213-231, 2002.

SCHMITZ, A.; TEZA, P.; DANDOLINI, G. A.; SOUZA, J. A. Sistemas Nacionais de Inovação: Uma Análise Bibliométrica dos Artigos Publicados sobre o Tema na Base Scopus. In: **ENCONTRO DE ESTUDOS EM EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS**. 8., 2014, Goiânia. Anais... Goiânia: EGEPE, março de 2014.



Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

AUDY, Jorge. A inovação, o desenvolvimento e o papel da Universidade. **Estudos avançados**, v. 31, p. 75-87, 2017.

DEDEHAYIR, Ozgur; MÄKINEN, Saku J.; ORTT, J. Roland. Roles during innovation ecosystem genesis: A literature review. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 136, p. 18-29, 2018.

SENYO, Prince Kwame; LIU, Kecheng; EFFAH, John. Digital business ecosystem: Literature review and a framework for future research. **International journal of information management**, v. 47, p. 52-64, 2019.

TEIXEIRA, C. S.; TRZECIAK, D. S.; VARVAKIS, G. Ecosystema de Inovação: alinhamento conceitual. **Florianópolis: Perse**, p. 1-24, 2017.

YAWSON, Robert M. The ecological system of innovation: A new architectural framework for a functional evidence-based platform for science and innovation policy. **arXiv preprint arXiv:2106.15479**, 2021.

Possibilidades de Estudos:

- Quais os principais avanços teóricos e conceituais sobre Ecosystemas de Inovação (EI) e Ecosystemas Empreendedores (EE)?
- Como analisar Ecosystemas Empreendedores nascentes?
- Em que medida as abordagens sistêmicas de inovação influenciam o desenvolvimento local?
- Quais são os principais desafios de governança para a criação e o desenvolvimento de Ecosystemas de Inovação (EI) e Ecosystemas Empreendedores (EE)?
- Em que medida o fomento público à Inovação no Brasil é um fator limitante ou impulsionador?
- Como desenvolver indicadores para analisar sistemas nacionais, setoriais e regionais de inovação?
- Como as políticas públicas podem influenciar o desenvolvimento de melhores práticas em parques tecnológicos, incubadoras e pólos de inovação?
- Que estratégias podem ser adotadas pelos atores de EE e EI para avaliar os impactos sociais gerados pelas atividades de inovação?



Empreendedorismo

Principais Abordagens:

- Aprendizagem em Empreendedorismo;
- Avaliação do Potencial Empreendedor;
- Comportamento e Atitudes Empreendedoras;



- Empreendedorismo Digital;
- Empreendedorismo Cultural;
- Empreendedorismo e Redes;
- Empreendedorismo Feminino;
- Empreendedorismo informal;
- Empreendedorismo nas profissões liberais;
- Empreendedorismo Sustentável;
- Mortalidade, Sobrevivência, Crescimento e Escalabilidade das Pequenas e Médias Empresas;
- Motivações para o Empreendedorismo;
- Políticas de incentivos governamentais ao empreendedorismo no Brasil.

✈ **Referências bibliográficas seminais/clássicas**

BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. Empreendedorismo: Conceitos e definições. **Revista de empreendedorismo, inovação e tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2015.

BLANK, Steve; DORF, Bob. **Startup: manual do empreendedor**. Alta Books Editora, 2014.

FARRELL, Larry C. **Entrepreneurship: fundamentos das organizações empreendedoras**. Atlas, 1993.

MCCLELLAND, David C. Characteristics of successful entrepreneurs. **The journal of creative behavior**, 1987.

MORRIS, Michael H.; JONES, Foard F. Entrepreneurship in established organizations: The case of the public sector. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 24, n. 1, p. 71-91, 1999.

OSBORNE, David; GAEBLER, Ted. **Reinventando o governo: como o espírito empreendedor está transformando o setor público**. Mh Comunicação, 1994.

PINCHOT, Gifford. **Intrapreneuring: por que você não precisa deixar a empresa para tornar-se um empreendedor**. Harbra, 1989.

ROBERTS, N. C. Public entrepreneurship and innovation. *Policy Studies Review*. EUA, v. 11, n. 1, p.55-74, 1992.

✈ **Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:**

DANA, Léo-Paul (Ed.). **World encyclopedia of entrepreneurship**. Edward Elgar Publishing, 2021.

DY, Angela Martinez; MARLOW, Susan; MARTIN, Lee. A Web of opportunity or the same old story? Women digital entrepreneurs and intersectionality theory. **Human Relations**, v. 70, n. 3, p. 286-311, 2017.



MAYER, Colin; SIEGEL, Donald S.; WRIGHT, Mike. Entrepreneurship: an assessment. **Oxford Review of Economic Policy**, v. 34, n. 4, p. 517-539, 2018.

NAMBISAN, Satish. Digital entrepreneurship: Toward a digital technology perspective of entrepreneurship. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 41, n. 6, p. 1029-1055, 2017.

ORSIOLLI, Thálita Anny Estefanuto; NOBRE, Farley Simon. Empreendedorismo sustentável e stakeholders fornecedores: criação de valores para o desenvolvimento sustentável. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 20, p. 502-523, 2016.

RATTEN, Vanessa; USMANIJ, Petrus. Entrepreneurship education: Time for a change in research direction?. **The International Journal of Management Education**, v. 19, n. 1, p. 100367, 2021.

SUSSAN, Fiona; ACS, Zoltan J. The digital entrepreneurial ecosystem. **Small Business Economics**, v. 49, p. 55-73, 2017.

ZAHRA, Shaker A. International entrepreneurship in the post Covid world. **Journal of World Business**, v. 56, n. 1, p. 101143, 2021.

Possibilidades de Estudos:

- Como são concebidos os empreendimentos das profissões consideradas liberais?
- Quais as especificidades do empreendedorismo informal?
- Quais as principais ações contempladas pela política de apoio ao empreendedorismo no Brasil?
- Como o cenário pós-pandêmico vem afetando o empreendedorismo?
- Quais os principais atores e papéis para o sucesso de um ecossistema empreendedor?
- Quais as principais competências empreendedoras?
- Quais os principais modelos adotados para avaliar as competências individuais empreendedoras?
- Como a questão de gênero se verifica na atividade empreendedora em termos de participação e de taxa de sucesso?
- Quais os principais fatores que explicam a longevidade de micro e pequenas empresas?
- Quais as novas abordagens que vêm sendo adotada no ensino do empreendedorismo?
- Como desenvolver o intraempreendedorismo no setor público?



Empreendedorismo Social

✦ Principais Abordagens:

- Características e competências do empreendedor social;
- Diferenças entre o empreendedorismo social e empresarial;
- Empreendedorismo social e negócios autosustentáveis;
- Impacto social e criação de valor social a partir do empreendedorismo social;
- Articulação oferta e demanda para o empreendedorismo social;
- Políticas públicas favoráveis ao empreendedorismo social.

✦ Referências bibliográficas seminais/clássicas

AUSTIN, James; STEVENSON, Howard; WEI-SKILLERN, Jane. Social and commercial entrepreneurship: same, different, or both?. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 30, n. 1, p. 1-22, 2006.

DACIN, Peter A.; DACIN, M. Tina; MATEAR, Margaret. Social entrepreneurship: Why we don't need a new theory and how we move forward from here. **Academy of management perspectives**, v. 24, n. 3, p. 37-57, 2010.

GREGORY, D. J.; ANDERSON, B. B. Framing a theory of social entrepreneurship: Building on two schools of practice and thought. **Research on social entrepreneurship**, p. 39-66, 2006.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. Terceiro setor, economia social, economia solidária e economia popular: traçando fronteiras conceituais. 2002.

LINDØE, Preben. Entrepreneurs or Social Change Agents?. In: **Forum for Development Studies**. Taylor & Francis Group, 1994. p. 249-268.

MAIR, Johanna; MARTI, Ignasi. Social entrepreneurship research: A source of explanation, prediction, and delight. **Journal of world business**, v. 41, n. 1, p. 36-44, 2006.

PEREDO, Ana Maria; MCLEAN, Murdith. Social entrepreneurship: A critical review of the concept. **Journal of world business**, v. 41, n. 1, p. 56-65, 2006.

THOMPSON, John; ALVY, Geoff; LEES, Ann. Social entrepreneurship—a new look at the people and the potential. **Management decision**, v. 38, n. 5, p. 328-338, 2000.

THOMPSON, John L. Social enterprise and social entrepreneurship: where have we reached? A summary of issues and discussion points. **Social enterprise journal**, v. 4, n. 2, p. 149-161, 2008.



WADDOCK, Sandra A.; POST, James E. Catalytic alliances for social problem solving. **Human Relations**, v. 48, n. 8, p. 951-973, 1995.

ZAHRA, Shaker A. et al. A typology of social entrepreneurs: Motives, search processes and ethical challenges. **Journal of business venturing**, v. 24, n. 5, p. 519-532, 2009.

✧ Referências bibliográficas atuais/contemporâneas

BAUWENS, Thomas; HUYBRECHTS, Benjamin; DUFAYS, Frédéric. Understanding the diverse scaling strategies of social enterprises as hybrid organizations: The case of renewable energy cooperatives. **Organization & Environment**, v. 33, n. 2, p. 195-219, 2020.

GAIOTTO, Sergio Augusto Vallim. Empreendedorismo Social: um estudo bibliométrico sobre a produção nacional e internacional. **REGEPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 5, n. 2, p. 101-123, 2016.

GARCÍA-JURADO, Alejandro; PÉREZ-BAREA, José Javier; NOVA, Rodrigo J. A new approach to social entrepreneurship: A systematic review and meta-analysis. **Sustainability**, v. 13, n. 5, p. 2754, 2021.

PÉREZ-BAREA, José Javier; ESPANTALEÓN-PÉREZ, Ricardo; ŠEDÍK, Peter. Evaluating the perception of socially responsible consumers: The case of products derived from organic beef. **Sustainability**, v. 12, n. 23, p. 10166, 2020.

✧ Possibilidades de Estudos:

- Quais as principais diferenças e Semelhanças entre o empreendedorismo empresarial e social?
- Que tipo de relação pode se estabelecer entre o empreendedorismo Sustentável e a economia Solidária?
- Como estabelecer o Empreendedorismo Social como tema no ensino fundamental e médio?
- Quais os principais fatores estimuladores do Empreendedorismo Social?
- Quais as principais políticas públicas que podem fomentar o empreendedorismo Social?
- Como dar visibilidade às oportunidades para o empreendedorismo social?
- Quais os principais impactos sociais associados ao empreendedorismo social?
- Que oportunidades para o empreendedorismo social são verificadas em setores específicos (educação, saúde, cultura, esportes, segurança, engenharia etc.)?
- Como o empreendedorismo social se articula com o consumidor socialmente responsável?



Políticas Públicas de Inovação e Empreendedorismo

✈ Principais Abordagens:

- Planejamento das políticas públicas de inovação e empreendedorismo;
- Participação da sociedade no planejamento das políticas públicas de inovação e empreendedorismo;
- Políticas públicas de inovação e empreendedorismo e a relação com o contexto local e suas vocações;
- Políticas públicas de inovação e empreendedorismo para micro e pequenas empresas;
- Políticas públicas para apoio a incubadoras, aceleradoras e start-ups;
- Políticas públicas de inovação e empreendedorismo articuladas com o setor privado.

✈ Referências bibliográficas seminais/clássicas

ARCHIBUGI, Daniele; HOWELLS, Jeremy; MICHIE, Jonathan (Ed.). **Innovation policy in a global economy**. Cambridge University Press, 1999.

DAGNINO, Renato; THOMAS, Hernán. Planejamento e políticas públicas de inovação: em direção a um marco de referência latino-americano. **Planejamento e Políticas Públicas**, n. 23, 2009.

DE NEGRI, João Alberto Organizador; KUBOTA, Luis Claudio Organizador. Políticas de incentivo à inovação tecnológica no Brasil. 2008.

DE NEGRI, Fernanda. Inovação e produtividade: por uma renovada agenda de políticas públicas. 2015.

KING, William R. Measuring police innovation: Issues and measurement. **Policing: An International Journal of Police Strategies & Management**, v. 23, n. 3, p. 303-317, 2000.

✈ Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:

BARBOZA, Ricardo Augusto Bonotto; FONSECA, Sergio Azevedo; DE FREITAS RAMALHEIRO, Geralda Cristina. O papel das políticas públicas para potencializar a inovação em pequenas empresas de base tradicional. **REGE-Revista de Gestão**, v. 24, n. 1, p. 58-71, 2017.

BUCCI, Maria Paula Dallari; COUTINHO, Diogo R. Arranjos jurídico-institucionais da política de inovação tecnológica: uma análise baseada na



abordagem de direito e políticas públicas. **Inovação no Brasil: avanços e desafios jurídicos e institucionais**. São Paulo: Blucher, p. 313-340, 2017.

DE NEGRI, Fernanda; RAUEN, André Tortato; SQUEFF, Flávia de Holanda Schmidt. Ciência, inovação e produtividade: por uma nova geração de políticas públicas. **Desafios da nação**, v. 1, 2018.

ETZKOWITZ, Henry; ZHOU, Chunyan. Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo. **Estudos avançados**, v. 31, p. 23-48, 2017.

FREIRE, Carlos Torres; MARUYAMA, FELIPE; POLLI, Marco. Inovação e empreendedorismo: políticas públicas e ações privadas. **Novos estudos CEBRAP**, v. 36, p. 51-76, 2017.

KLOCH, A. E.; BRUNALDI, K. e VARGAS, M. Políticas públicas de inovação e empreendedorismo: o programa Start-up Brasil. **Revista de Empreendedorismo e Inovação Sustentáveis** Volume 5 – Número 1 – jan-abr/2020 - ISSN: 2526-0502.

Possibilidades de Estudos:

- Quais os principais indicadores adotados para medição de eficiência, eficácia e impacto de Políticas Públicas de Inovação e Empreendedorismo no Brasil?
- Como se dá a distribuição entre setores dos recursos para o fomento da inovação e do empreendedorismo através de políticas públicas?
- Qual a relação entre as políticas públicas de Inovação e Empreendedorismo e o contexto político, econômico, social e cultural no Brasil?
- Quais as principais políticas públicas para apoio a incubadoras, aceleradoras e start-ups?
- Como se dá a articulação das políticas públicas de inovação e empreendedorismo com o setor privado?
- Como se articulam as políticas públicas de inovação e empreendedorismo com a agenda de desenvolvimento regional?
- Quais os principais alvos das políticas públicas de inovação?
- Como as políticas públicas de inovação se articulam com a globalização da inovação?



Economia Criativa

✈ Principais Abordagens:

- Bens e serviços produzidos pelas indústrias criativas;
- Produção e gestão de bens simbólico-culturais;
- Produção cultural;
- Gestão cultural;
- Cidades criativas;
- Territórios criativos;
- Diversidade cultural e economia criativa;
- Empreendedorismo Cultural;
- Empreendedorismo em setores criativos;
- Trabalho criativo;
- Classe criativa;
- Políticas culturais;
- Financiamento da cultura;
- Industrias Criativas;
- Setores criativos;
- Indústrias Culturais.
- Economia da Cultura
- Modelos de produção, circulação e difusão de bens e serviços criativos;
- Criatividade e gestão da criatividade;
- Inovação em setores criativos;
- Propriedade Intelectual;
- Direito autoral.

✈ Referências bibliográficas seminais/clássicas

BENHAMOU, Françoise. **A economia da cultura**. Ateliê Editorial, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ECONOMY, Creativity. The Challenge and Assessing the Creativity Economy: Towards Informed Policy Making. **United Nations**, 2008.

FIRJAN, S.; JANEIRO, D. E. A cadeia da indústria criativa no Brasil. **Rio de Janeiro: FIRJAN**, 2008.

FLEW, Terry. **The creative industries: Culture and policy**. Sage, 2011.



HARTLEY, John. Creative industries. Malden, MA: Blackwell, 2005. xvii, 414 p.

HOWKINS, John. **Economia Criativa: como ganhar dinheiro com ideias criativas**. M. Books, 2020.

KIRSCHBAUM, Charles et al. (Coord.). Indústrias criativas no Brasil. São Paulo: Atlas, 2009.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações. 2011-2014. 2011.

MIGUEZ, Paulo. Economia criativa: uma discussão preliminar. **Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares**. Salvador: EDUFBA, p. 95-114, 2007.

MIGUEZ, Paulo. Repertório de fontes sobre economia criativa. **Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 2007.

POTTS, Jason et al. Key concepts in creative industries. **Key Concepts in Creative Industries**, p. 1-200, 2012.

THROSBY, David. **Economics and culture**. Cambridge university press, 2001.

SAWICKI, David. The Rise of the Creative Class: And How it's Transforming Work, Leisure, Community and Everyday Life. **American Planning Association. Journal of the American Planning Association**, v. 69, n. 1, p. 90, 2003.

STARLING, Mônica Barros de Lima et al. (Org.). Economia criativa: um conceito em discussão. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2012. (creio que possa ficar em bibliografias complementares)

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:

CANEDO, Daniele; DANTAS, Marcelo. Da economia da cultura à economia criativa: considerações sobre a dualidade entre cultura e economia. **GUMES, Nadja Vladi Cardoso. Olhares interdisciplinares: fundamentos em cultura, linguagens e tecnologias aplicadas**. Cruz das Almas/BA: UFRB, p. 215-236, 2016.

CERISOLA, Silvia; PANZERA, Elisa. Cultural and creative cities and regional economic efficiency: context conditions as catalyzers of cultural vibrancy and creative economy. **Sustainability**, v. 13, n. 13, p. 7150, 2021.

FIRJAN. Mapeamento das Indústrias Criativas no Brasil. 2019.



HOWKINS, John. **Economia Criativa: como ganhar dinheiro com ideias criativas**. M. Books, 2020.

OUTLOOK, Creative Economy; PROFILES, Country. Trends in international trade in creative industries. **United Nations publication. UNCTAD**, 2018.

VALIATI, Leandro; FIALHO, Ana Leticia do Nascimento. **Atlas econômico da cultura brasileira: metodologia I**. Editora da UFRGS, 2017.

✦ **Possibilidades de Estudos:**

- Como pode se estabelecer uma ponte entre a economia criativa e a construção do desenvolvimento local?
- Como experiências empíricas em uma cultura popular, podem gerar ganhos de desenvolvimento de atividades criativas principalmente no fortalecimento da identidade e representação social, na participação social e no empoderamento local?
- Como podem ser avaliadas as experiências empíricas de apropriações da economia criativa em contextos populares?
- Qual a relação entre a economia criativa e o contexto cultural urbano?
- Quais as principais práticas de gestão da inovação associadas às atividades de economia criativa?
- Quais as particularidades observadas na gestão de empreendimentos criativos?
- Como se estabelecem os processos de criação nos setores criativos?
- Quais as relações entre economia criativa, políticas públicas e território?
- Quais os modelos mais exitosos de financiamento da indústria criativa?



EcoInovação

✦ **Principais Abordagens:**

- Drivers da inovação ambiental;
- Tecnologias limpas;
- Patentes ambientais;
- P&D verde;
- Ecodesign;
- Inovação ambiental aplicada à economia circular;
- Inovação no ciclo de vida de produtos;
- Inovação em transição energética, eficiência energética, energias limpas e renováveis;



- Inovação ambiental para modelos de negócios disruptivos;
- Inovação para economia de baixo carbono, inovação em cadeia de suprimentos verde;
- Inovação para a mobilidade urbana, inovação para economia compartilhada;
- Inovação ambiental para a gestão sustentável de recursos hídricos e florestais.

Referências bibliográficas seminais/clássicas

ELKINGTON, John. Towards the sustainable corporation: Win-win-win business strategies for sustainable development. **California management review**, v. 36, n. 2, p. 90-100, 1994.

ELKINGTON, John. 25 years ago I coined the phrase “triple bottom line.” Here’s why it’s time to rethink it. **Harvard business review**, v. 25, p. 2-5, 2018.

HANSEN, Erik G.; GROSSE-DUNKER, Friedrich. Sustainability-oriented innovation. **Encyclopedia of Corporate Social Responsibility: Heidelberg, Germany**, 2012.

HANSEN, Erik G.; GROSSE-DUNKER, Friedrich; REICHWALD, Ralf. Sustainability innovation cube—a framework to evaluate sustainability-oriented innovations. **International Journal of Innovation Management**, v. 13, n. 04, p. 683-713, 2009.

HART, Stuart L.; MILSTEIN, Mark B. Creating sustainable value. **Academy of Management Perspectives**, v. 17, n. 2, p. 56-67, 2003.

KEMP, René; PEARSON, Peter. Final report MEI project about measuring eco-innovation. **UM Merit, Maastricht**, v. 10, n. 2, p. 1-120, 2007.

Referências bibliográficas atuais/contemporâneas:

BANSAL, Pratima; SONG, Hee-Chan. Similar but not the same: Differentiating corporate sustainability from corporate responsibility. **Academy of Management Annals**, v. 11, n. 1, p. 105-149, 2017.

BEBBINGTON, Jan; UNERMAN, Jeffrey. Achieving the United Nations Sustainable Development Goals: an enabling role for accounting research. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, 2018.

BUCKLEY, Peter J.; DOH, Jonathan P.; BENISCHKE, Mirko H. Towards a renaissance in international business research? Big questions, grand challenges, and the future of IB scholarship. **Journal of International Business Studies**, v. 48, p. 1045-1064, 2017.

CAI, Yuzhuo; ETZKOWITZ, Henry. Theorizing the Triple Helix model: Past, present, and future. **Triple Helix**, v. 7, n. 2-3, p. 189-226, 2020.



CLARO, Priscila Borin de Oliveira; ESTEVES, Nathalia Ramajo. Sustainability-oriented strategy and sustainable development goals. **Marketing Intelligence & Planning**, v. 39, n. 4, p. 613-630, 2021.

CORDOVA, Maria Federica; CELONE, Andrea. SDGs and innovation in the business context literature review. **Sustainability**, v. 11, n. 24, p. 7043, 2019.

DANTAS, Thales Eduardo Tavares et al. How the combination of Circular Economy and Industry 4.0 can contribute towards achieving the Sustainable Development Goals. **Sustainable Production and Consumption**, v. 26, p. 213-227, 2021.

EVANS, Steve et al. Business model innovation for sustainability: Towards a unified perspective for creation of sustainable business models. **Business strategy and the environment**, v. 26, n. 5, p. 597-608, 2017.

EWEJE, Gabriel et al. Multi-stakeholder partnerships: A catalyst to achieve sustainable development goals. **Marketing Intelligence & Planning**, v. 39, n. 2, p. 186-212, 2021.

FERNANDES RODRIGUES ALVES, Marlon; VASCONCELOS RIBEIRO GALINA, Simone; DOBELIN, Silvio. Literature on organizational innovation: past and future. **Innovation & Management Review**, v. 15, n. 1, p. 2-19, 2018.

GREEN, R. et al. The OECD Innovation Strategy: Getting a Head Start on Tomorrow. 2010.

JOLINK, Albert; NIESTEN, Eva. Sustainable development and business models of entrepreneurs in the organic food industry. **Business Strategy and the Environment**, v. 24, n. 6, p. 386-401, 2015.

LARTEY, Theophilus et al. Going green, going clean: Lean-green sustainability strategy and firm growth. **Business Strategy and the Environment**, v. 29, n. 1, p. 118-139, 2020.

MAYER, Colin. The future of the corporation and the economics of purpose. **Journal of Management Studies**, v. 58, n. 3, p. 887-901, 2021.

PACHECO, Larissa Marchiori; ALVES, Marlon Fernandes Rodrigues; LIBONI, Lara Bartocci. Green absorptive capacity: A mediation-moderation model of knowledge for innovation. **Business Strategy and the Environment**, v. 27, n. 8, p. 1502-1513, 2018.

RAZIQ, Muhammad Mustafa. Examining the foreign multinational enterprises' emergence, strategies, contribution, and sustainability in their operations in Pakistan. 2019.



ROSENBERG, Mike. **Strategy and sustainability: A hardnosed and clear-eyed approach to environmental sustainability for business**. Springer, 2016.

SAJJAD, Aymen; EWEJE, Gabriel; TAPPIN, David. Sustainable supply chain management: motivators and barriers. **Business Strategy and the Environment**, v. 24, n. 7, p. 643-655, 2015.

SAJJAD, Aymen; JILLANI, Aleena; RAZIQ, Muhammad Mustafa. Sustainability in the Pakistani hotel industry: an empirical study. **Corporate Governance: The International Journal of Business in Society**, v. 18, n. 4, p. 714-727, 2018.

SALVIA, Amanda Lange et al. Assessing research trends related to Sustainable Development Goals: Local and global issues. **Journal of cleaner production**, v. 208, p. 841-849, 2019.

SARKIS, Joseph et al. A brave new world: Lessons from the COVID-19 pandemic for transitioning to sustainable supply and production. **Resources, Conservation and Recycling**, v. 159, p. 104894, 2020.

SAUNILA, Minna et al. Smart technologies and corporate sustainability: The mediation effect of corporate sustainability strategy. **Computers in Industry**, v. 108, p. 178-185, 2019.

SCHEYVENS, Regina; BANKS, Glenn; HUGHES, Emma. The private sector and the SDGs: The need to move beyond 'business as usual'. **Sustainable Development**, v. 24, n. 6, p. 371-382, 2016.

STOCKER, Fabricio et al. Stakeholder engagement in sustainability reporting: a classification model. **Corporate Social Responsibility and Environmental Management**, v. 27, n. 5, p. 2071-2080, 2020.

TJOA, A. Min; TJOA, Simon. The role of ICT to achieve the UN sustainable development goals (SDG). In: **ICT for Promoting Human Development and Protecting the Environment: 6th IFIP World Information Technology Forum, WITFOR 2016, San José, Costa Rica, September 12-14, 2016, Proceedings 6**. Springer International Publishing, 2016. p. 3-13.

United Nations (2021), Business and the SDGs, <https://www.sdg-accelerator.org/content/sdg-accelerator/en/home/sdg-presas/SDGbiz.html>

WU, Jinsong et al. Information and communications technologies for sustainable development goals: state-of-the-art, needs and perspectives. **IEEE Communications Surveys & Tutorials**, v. 20, n. 3, p. 2389-2406, 2018.



✈ **Possibilidades de Estudos:**

- Quais as principais estratégias de inovação para incorporação da agenda sustentável nas organizações?
- Como usar o Modelo da Hélice Tripla para apoiar aecoinovação?
- Como uma tecnologia disruptiva específica ou as tecnologias disruptivas, em geral, interferem na agenda de sustentabilidade?
- Como desenvolver um planejamento organizacional respaldado pelos ODS?
- Como estimular a colaboração e o engajamento de múltiplas partes interessadas para atingimento dos ODS?
- Como as inovações na ESG (ambiental, social, governança) podem contribuir para a agenda de sustentabilidade?
- Quais as principais diferenças e lacunas nas capacidades inovativas associadas à agenda de sustentabilidade em países desenvolvidos e emergentes?
- Como capacitar recursos humanos para a promoção e gestão da ecoinovação?
- Como a visão da mobilidade urbana pode afetar a ecoinovação?
- Quais tecnologias informacionais podem ser importantes para apoiar a ecoinovação?

Revistas e Periódicos da Grande Área

Periódicos

Links de acesso

**BRAZILIAN JOURNAL OF
MANAGEMENT & INNOVATION**

<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/RBGI>

**CREATIVE INDUSTRIES
JOURNAL
INMR - INNOVATION &
MANAGEMENT REVIEW**

<https://www.tandfonline.com/loi/rcij20>

<https://www.revistas.usp.br/rai/index>

**INTERNATIONAL JOURNAL
OF CULTURAL
POLICY**

<https://jcmcp.org/?lang=en>

**INTERNATIONAL JOURNAL OF
ENTREPRENEURSHIP AND
INNOVATION MANAGEMENT**

<https://www.inderscience.com/jhome.php?jcode=ijeim>

**INTERNATIONAL JOURNAL OF
ENTREPRENEURSHIP AND
SMALL BUSINESS**

<https://www.inderscience.com/jhome.php?jcode=ijesb>



INTERNATIONAL JOURNAL OF ENVIRONMENT AND SUSTAINABLE DEVELOPMENT

<https://www.inderscience.com/jhome.php?jcode=ijesd>

INTERNATIONAL JOURNAL OF INNOVATION SCIENCE

<https://www.emeraldgrouppublishing.com/journal/ijis>

INTERNATIONAL JOURNAL OF NETWORKING AND VIRTUAL ORGANISATIONS

<https://www.inderscience.com/jhome.php?jcode=ijnvo>

JOCIS – JOURNAL OF CREATIVE INDUSTRIES AND CULTURAL STUDIES

<https://www.mediaxxi.com/journal-of-creative-industries-and-cultural-studies/>

JOURNAL OF CULTURAL ECONOMICS

<http://www.culturaleconomics.org/journal/>

JOURNAL OF CULTURAL ECONOMY

<https://www.journalofculturaleconomy.org/>

JOURNAL SOCIAL ENTREPRENEUSHIP

<https://www.tandfonline.com/toc/rjse20/current>

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO E INOVAÇÃO

<https://www.revistas.usp.br/rai>

REVISTA BRASILEIRA DE INOVAÇÃO

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rbi/index>

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO SOCIEDADE E INOVAÇÃO

<https://www.rasi.vr.uff.br/index.php/rasi/index>

REVISTA DE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS REGEPE

<https://www.regepe.org.br/regepe>

REVISTA DE EMPREENDEDORISMO NEGÓCIOS E INOVAÇÃO

<https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/reni>

REVISTA DE EMPREENDEDORISMO NEGÓCIOS E INOVAÇÃO

<https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/reni>



**REVISTA DE
INOVAÇÃO E
SUSTENTABILIDADE**

<https://revistas.pucsp.br/index.php/risus/index>

**REVISTA ELETRÔNICA
GESTÃO E SERVIÇOS**

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/REGS>

**REVISTA GESTÃO
INDUSTRIAL**

<https://periodicos.utfpr.edu.br/revistagi/index>

**REVISTA INOVAÇÃO &
TECNOLOGIA
SOCIAL**

<https://revistas.uece.br/index.php/inovacaotecnologiasocial/about>

**REVISTA INOVAÇÃO
PROJETOS
E TECNOLOGIAS**

<https://periodicos.uninove.br/ipotec>

**REVISTA INOVAÇÃO
PROJETOS
E TECNOLOGIAS -
IPTEC**

www.revistaiptec.org

Links de Interesse

Agências estaduais de fomento à pesquisa científica e tecnológica do Brasil

Alagoas: www.fapeal.br

Bahia: www.fapesb.ba.gov.br

Ceará: www.funacap.ce.gov.br

Distrito Federal: www.fap.df.gov.br

Goiás: www.funape.org.br

Mato Grosso do Sul: www.fundect.ms.gov.br

Mato Grosso: www.fapemat.br

Minas Gerais: www.fapemig.br

Paraíba: www.fapesq.rpp.gov.br

Paraná: www.fapesc.rct-sc.gov.br



Pernambuco: www.facepe.pe.gov.br

Piauí: www.fapepi.pop.rnp.gov.br

Rio de Grande do Norte: www.funpec.br

Rio de Janeiro: www.faperj.br

Rio Grande do Sul: www.fapergs.tche.br

Santa Catarina: www.funcitec.rct-sc.br

São Paulo: www.fapesp.br

Sergipe: www.fap.se.gov.br

Agências de inovação nas universidades

www.inovacao.usp.br

www.inova.unicamp.br

www.dine.ufpe.br

www.utfpr.edu.br/inovacao

Empreendedorismo

www.sebrae.com.br

www.fiesp.br

www.firjan.br

www.senai.br

www.senac.br

www.cjefiesp.com.br

Economia Criativa

<https://www.itaucultural.org.br/>

<https://obec.ufba.br/>

<http://www.bahiacriativa.ba.gov.br/>

<https://www.britishcouncil.org.br/atividades/artes/economia-criativa>

<https://www.firjan.com.br/economicriativa/pages/default.aspx>

<https://en.unesco.org/creative-cities/>

<http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/creativity/creative-industries/>

[https://unctad.org/publications-search?f\[0\]=product%3A594](https://unctad.org/publications-search?f[0]=product%3A594)



Investidores

www.venturecapital.gov.br

www.abvcap.com.br

www.new-ventures.org.br

www.floripaangels.org

www.gaveaangels.org.br

www.bahiaangels.com

www.saopauloanjos.com.br

www.iadb.org

<https://prosas.com.br/home>

Incubadoras

www.portalinovacao.mct.gov.br/sapi/

www.redetec.org.br

www.raitec.org.br

Patentes

www.inpi.org.br

www.piipa.org

Promoção de C&T&I

<https://embrapii.org.br/>

www.anprotec.org.br

www.cgee.org.br

www.iel.org.br

www.abdi.com.br

www.abipti.org.br

www.anpei.org.br

www.cdt.unb.br

www.softex.br

<https://portal.apexbrasil.com.br/>

www.fnq.org.br

www.inmetro.gov.br

www.protec.org.br

www.observatoriodainovacao.org.br

Políticas e fomento à inovação

www.cnpq.br

www.bndes.gov.br

www.finep.gov.br

<https://www.gov.br/mcti/pt-br>



GLOSSÁRIO DE INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

EcoInovação

“(…) é a produção ou assimilação de um produto, processo, serviço ou método de gestão que seja novo para a organização e que resulte, ao longo de seu ciclo de vida, em redução do risco ambiental, poluição ou outro impacto negativo no uso dos recursos se comparado às alternativas relevantes”. Fonte: KEMP, R.; PEARSON, P. Final report MEI project about measuring eco-innovation. UM Merit, Maastricht, v. 10, p. 2, 2007.

Economia Criativa

Engloba dinâmicas culturais, sociais e econômicas construídas a partir do ciclo de criação, produção, distribuição/circulação/difusão e consumo/fruição de bens e serviços conexos aos setores criativos, caracterizados pela prevalência de sua dimensão simbólica. Fonte: BRASIL, MINC. Plano da Secretaria da Economia Criativa–Políticas, diretrizes e ações 2011 a 2014. Brasília: Ministério da Cultura, 2011, pág. 23 e 24. Disponível em: <https://garimpodesolucoes.com.br/wp-content/uploads/2014/09/Plano-da-Secretaria-da-Economia-Criativa.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2021.

Ecosistemas Empreendedores

Na Biologia chamamos ecossistema o conjunto das comunidades Bióticas que interagem em uma região e os fatores ambientais que atuam sobre elas. Da mesma forma, quando falamos de um ecossistema empreendedor, estamos nos referindo a um conjunto de agentes ou personagens que atuam em uma determinada região, sobre a influência dos mecanismos regulatórios ou características de mercado, e que buscam fazer com que os negócios se desenvolvam. Dessa forma, todos que



influenciam na disseminação da cultura empreendedora, na realização efetiva dos negócios, no fomento e nas condições em que esses negócios se desenvolvem, nos mecanismos regulatórios e de exportação fazem parte desse ecossistema empreendedor. Fonte: HORTA, Renata. Ecossistemas Empreendedores. Troposlab Aceleradora, 1ª Edição, 2019. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/MT/Artigos/ebook-v1b-ecossistemas-troposlab.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2021.

Ecossistema de Inovação

É um conjunto de instituições e fatores que estimulam a interação e a cooperação em favor da agenda inovativa, caracterizando-se como polos criativos que têm o objetivo de impulsionar a inovação. Parques tecnológicos, incubadoras e associações são exemplos desses ecossistemas. Fonte: ANPEI (ed.). O que são ecossistemas de inovação e qual sua importância, Cooperação para Inovação, 2019. Disponível em: <https://anpei.org.br/o-que-sao-ecossistemas-de-inovacao-e-qual-sua-importancia/>. Acesso em: 14 jul. 2021.

Empreendedorismo

Empreender é, segundo Schumpeter, inovar a ponto de criar condições para uma radical transformação de um determinado setor, ramo de atividade, território, onde o empreendedor atua: novo ciclo de crescimento, capaz de promover uma ruptura no fluxo econômico contínuo, tal como descrito pela teoria econômica neoclássica. Fonte: SCHUMPETER, Joseph A. O fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico. A teoria do desenvolvimento econômico. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1985.

Empreendedorismo Social

Empreendedorismo social emerge no cenário dos anos 1990, ante a crescente problematização social, a redução dos investimentos públicos no campo social, o crescimento das organizações do terceiro setor e da participação das empresas no investimento e nas ações sociais. Atualmente, o empreendedorismo social se apresenta como um conceito em desenvolvimento, mas com características teóricas, metodológicas e estratégicas próprias, sinalizando diferenças entre uma gestão social tradicional e uma empreendedora. Fonte: OLIVEIRA, Edson Marques. Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios—notas introdutórias. Revista da FAE, v. 7, n. 2, 2004.

Incubadoras

As incubadoras de empresas são instituições que auxiliam micro e pequenas empresas nascentes ou que estejam em operação, que tenham como principal característica a oferta de produtos e serviços no mercado com significativo grau de inovação. Elas oferecem suporte técnico, gerencial e formação complementar ao empreendedor e facilitam o processo de inovação e acesso a novas tecnologias nos pequenos negócios. Fonte: SEBRAE. Como as incubadoras de empresas podem ajudar o seu negócio, 2016.

Indústria Criativa

O termo “indústrias criativas” surgiu nos anos 1990, para designar setores nos quais a criatividade é uma dimensão essencial do negócio. As indústrias criativas compreendem, entre outras, as atividades relacionadas ao cinema, ao teatro, à música



e às artes plásticas. Fonte: BENDASSOLLI, Pedro F. et al. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. Revista de Administração de Empresas, v. 49, p. 10-18, 2009.

Inovação

Segundo o Manual de Oslo, é a introdução de um bem ou serviço novo ou significativamente melhorado, no que se refere às suas características ou usos previstos, ou ainda, à implementação de métodos ou processos de produção, distribuição, marketing ou organizacionais novos ou significativamente melhorados. Fonte: MANUAL, DE OSLO. Diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação. Publicação Conjunta da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e Gabinete Estatístico das Comunidades Europeias, 2005.

Inovação Aberta (Open Innovation)

A inovação aberta pode ser definida como uma abordagem na qual o processo de inovação envolve mecanismos de conhecimento, exploração e retenção dentro e fora das fronteiras de uma organização. Fonte: LICHTENTHALER, Ulrich. Open innovation: Past research, current debates, and future directions. Academy of management perspectives, v. 25, n. 1, p. 75-93, 2011.

Inovação Social

Uma inovação social é uma nova combinação e/ou uma nova configuração de práticas sociais em determinadas áreas de ação ou contexto social promovidas por determinados atores com o objetivo de melhor satisfazer ou responder às necessidades e problemas da sociedade. Fonte: HOWALDT; J.; SCHWARZ, M.; Social Innovation: Concepts, research fields and international trends. Trend Study of the International Monitoring Project (IMO), 2010.

ODS

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) representam o eixo central da Agenda 2030, orientando as ações nas três dimensões do desenvolvimento sustentável – econômica, social e ambiental –, as metas indicam os caminhos a serem trilhados e as medidas a serem adotadas para promover o seu alcance. Na escala global, os ODS e as metas são acompanhados e revisados a partir de um conjunto de indicadores desenvolvidos pelo Grupo Interagencial de Peritos sobre os Indicadores dos ODS (Inter-Agency Expert Group on SDG Indicators – IAEG-SDG). Indicadores esses que foram analisados e validados pela Comissão de Estatística das Nações Unidas. As metas e os indicadores globais são fundamentais para assegurar a coordenação, a comparabilidade e o monitoramento dos progressos dos países em relação ao alcance dos ODS, por parte da Organização das Nações Unidas (ONU). Fonte: SILVA, Enid Rocha Andrade da Coordenador; PELIANO, A. M.; CHAVES, J. V. Agenda 2030: ODS-Metas nacionais dos objetivos de desenvolvimento sustentável. 2018. Brasília: IPEA, 2020.

Parques Tecnológicos

São empreendimentos para a promoção de ciência, tecnologia e inovação, oferecendo oportunidade para as empresas transformarem pesquisa em produto, aproximando os centros de conhecimento (universidades, centros de pesquisas e escolas) do setor



produtivo (empresas em geral). Fonte: LOPES, Veronica Barbosa. Parques tecnológicos transformam conhecimento em produtos e serviços. USP, 2018.

Propriedade Intelectual

A Convenção da OMPI define como Propriedade intelectual, a soma dos direitos relativos às obras literárias, artísticas e científicas, às interpretações dos artistas intérpretes e às execuções dos artistas executantes, aos fonogramas e às emissões de radiodifusão, às invenções em todos os domínios da atividade humana, às descobertas científicas, aos desenhos e modelos industriais, às marcas industriais, comerciais e de serviço, bem como às firmas comerciais e denominações comerciais, à proteção contra a concorrência desleal e todos os outros direitos inerentes à atividade intelectual nos domínios industrial, científico, literário e artístico. Fonte: BARBOSA, Denis Borges. Uma introdução à propriedade intelectual. 2003. Disponível: https://www.dbba.com.br/wp-content/uploads/introducao_pi.pdf. Acesso em 21 jul 2021.

Redes de Inovação

A delimitação do objeto de estudo das redes de inovação caracteriza-se por redes interorganizacionais envolvendo principalmente empresas inovadoras, além de outros atores como governo, universidades, centros de pesquisa e agentes financeiros. Mesmo essa delimitação parece insuficiente, pois, dentro dessas redes, existem as redes de usuários-produtores, redes regionais interindustriais (presentes nas aglomerações regionais), alianças estratégicas em novas tecnologias, entre outras (DEBRESSON e AMESSE, 1991). A configuração em rede pode estar presente mesmo em relações diádicas (entre duas empresas), com a inclusão das empresas fornecedoras e as relações envolvendo os diferentes níveis da organização. Para as redes de inovação, a firma ou as relações interfirma constituem o locus da inovação. Fonte: DE PELLEGRIN, Ivan et al. Redes de inovação: construção e gestão da cooperação pró-inovação. Revista de Administração, v. 42, n. 3, p. 313-325, 2007.

Sistema Nacional de Inovação

O sistema nacional de inovação é uma construção institucional, produto de uma ação planejada e consciente ou de um somatório de decisões não-planejadas e desarticuladas, que impulsiona o progresso tecnológico em economias capitalistas complexas. Através da construção desse sistema de inovação viabiliza-se a realização de fluxos de informação necessária ao processo de inovação tecnológica. Fonte: E ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta et al. Sistema nacional de inovação no Brasil: uma análise introdutória a partir de dados disponíveis sobre a ciência e tecnologia. Brazilian Journal Of Political Economy, v. 16, n. 3, 1996).

Spillovers

Dolan e Galizzi (2015) fornecem uma caracterização de tais fenômenos no espaço da ciência comportamental, diferenciando comportamentos que podem funcionar na mesma direção (spillovers de promoção), ou ao contrário (spillovers que permitem ou expurgam). Uma distinção interessante é apresentada nos spillovers de efeito negativo. Os spillovers que permitem referem-se aos casos em que as pessoas atingem algum nível de exaustão que os leva a reduzir seu autocontrole, ou quando sentem que seu comportamento anterior lhes “deu o direito” de se comportar mal. Por outro lado, os spillovers que expurgam referem-se ao caso em que as pessoas sentem



a necessidade de restaurar seu equilíbrio moral depois de terem feito algo errado. Fonte: DOLAN, Paul; GALIZZI, Matteo M. Porque valho a pena: um experimento de campo sobre os efeitos colaterais dos incentivos à saúde. 2014.

Spin-Off

Iniciativas empreendedoras que nascem dentro de uma organização, crescem e, por razões estratégicas, viram novas unidades de negócio ou mesmo novas empresas. Empresa spin off é um termo genérico, que significa uma organização que sai de outra. Fonte: PAVANI, Claudia. Spin offs universitárias de sucesso: um estudo multicasos de empresas originárias da Escola Politécnica da USP e da COPPE da UFRJ. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

Stage-Gate

Stage-Gate trata-se de uma ferramenta para melhorar o gerenciamento das atividades inerentes ao processo desenvolvimento de novos produtos, podendo proporcionar melhoria na performance e menores ciclos de desenvolvimento de produtos. Fonte: DE GUIMARÃES, Julio Cesar Ferro et al. Processo de Desenvolvimento de Novos Produtos: Stage-Gate Aplicado a Indústrias de Transformação. In: XVI Mostra de Iniciação Científica, Pós-graduação, Pesquisa e Extensão. 2016.

Startup

Uma startup é uma instituição humana projetada para criar um produto ou serviço sob condições de extrema incerteza. Fonte: RIES, Eric; SAŁBUT, Bartosz. Inicialização enxuta, Metoda. 2012.